

Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo

Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo

Helio Begliomini

2014
São Paulo

 EXPRESSÃO & ARTE
EDITORA

© 2014, Helio Begliomini

Revisão: Isaías Zilli

Diagramação: Gabriel Belo Cardoso

Composição da capa: Mateus Marins Cardoso

Arte final : Equipe E/A

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Begliomini, Helio
Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo /
Helio Begliomini. — São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2014

Bibliografia
ISBN 978-85-7935-068-9

1. Academia de Medicina de São Paulo – História
2. Membros da Academia de Medicina de São Paulo – História
3. Médicos – Biografia I. Título

CDD-869.90681

Índices para catálogo sistemático:

1. Academia de Medicina de São Paulo:
História 869.90681
2. Médicos – Membros da Academia de Medicina de São Paulo:
História 869.90681

Capa: Foto das ruínas romanas de Apamea (Afamia), na Síria

Este livro foi publicado de acordo com as Novas Normas Ortográficas da Língua Portuguesa, implementadas, no Brasil, em janeiro de 2009.

Todos os direitos desta edição são reservados ao autor

Obras publicadas pelo autor:

1. Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo, 1984
Tese de Mestrado
2. Pelo Avesso, 1998
Crônicas, Ensaios e Cartas
3. Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, 1999
Cadastro Nacional
4. Tributo à Sobrames Nacional, 1965-2000
Ensaios e História
5. Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras, 2000
Discursos de saudação e do recipiendário como membro titular da Academia Cristã de Letras
6. Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional, 2001 (Coautoria)
História e Documentário
7. A Sobrames Nacional e Seus Presidentes, 2001
História e Biografias
8. Contraponto, 2002
Crônicas, Ensaios e Cartas
Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004) da Academia Paulistana da História
9. Alvíssaras, 2003
Pensamentos, Reflexões, Apotegmas, Provérbios e Orações
10. Mistura Fina, 2004
Crônicas, Ensaios e Cartas
11. Juscelino Kubitschek de Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia, 2005
Biografia e Documentário
Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006) da Academia Paulistana da História

12. Urologia, Vida e Ética, 2006
Ensaíos, Crônicas, Cartas e Desenvolvimento de Doutrina sobre Ética Médica, particularmente em Urologia
13. Sonhar é Preciso, 2007
Discursos de saudação e do recipiendário como membro correspondente, assim como fragmentos históricos da Academia Nacional de Medicina
14. Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História, 2007
História e Documentário
Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007) da Academia Paulistana da História
15. Alçando Novos Ares, 2007
Discursos de saudação e do recipiendário como sócio-efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, assim como dados de atuação desse sodalício
16. Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História, 2007
História e Documentário
Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008) da Academia Paulistana da História. Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2008 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
17. Dissecando a Vida, 2008
Ensaio
18. Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008 (Coautoria), 2008
História e Documentário
19. Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I, 2009
Ensaíos, Crônicas e Discursos
20. Asclepiades da Academia Paulista de Letras, 2009
História, Documentário e Biografias
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2009 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
21. Entressafra, 2010
Ensaíos, Crônicas, Cartas e Prefácios
Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2010 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro.
22. Imortais da Abrames, 2010
História, Documentário e Biografias

23. Sobramos do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II, 2011
Ensaaios, Crônicas e Discursos
24. Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária, 2011
História, Documentário e Biografias Obra selecionada dentre os “Livros do Ano” de 2011 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro
25. 7 de Março (Coautoria), 2012
História e Biografias
26. Esculápios da Casa de Machado de Assis, 2012
História, Documentário, Biografias
27. Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo, 2014
História e Biografias

Este livro é dedicado

*À memória da ínclita Academia de Medicina de São Paulo...
Aos seus confrades e confreriras passados, presentes e futuros...
que nela sempre habitarão, pois, juntos, constituem
a riqueza imaterial e imperecível desse querido sodalício.*

Helio Begliomini

Sumário

Prefácio.....	15
Introdução.....	16
1. Luiz Pereira Barreto, presidente 1895-1896 e patrono da cadeira nº 1.....	25
2. Octávio de Carvalho, patrono da cadeira nº 2.....	31
3. Rodolpho de Freitas, patrono da cadeira nº 3	33
4. Mário Rubens Guimarães Montenegro, patrono da cadeira nº 4	35
5. Alfonso Splendore, patrono da cadeira nº 5	38
6. Nagib Faris Michalany, patrono da cadeira nº 6.....	41
7. Mathias Octavio Roxo Nobre, patrono da cadeira nº 7	44
8. Durval Sarmento da Rosa Borges, presidente 1966-1967 e patrono da cadeira nº 8	46
9. Marcelo Pio da Silva, patrono da cadeira nº 9.....	49
10. Flamínio Fávero, presidente 1937-1938 e patrono da cadeira nº 10	51
11. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho, presidente entre 1901-1902 e 1906- 1907, e patrono da cadeira nº 11	53
12. Alípio Corrêa Netto, presidente entre 1947-1948 e patrono da cadeira nº 12.....	56
13. Mathias de Vilhena Valladão, presidente entre 1898-1899 e patrono da cadeira nº 13.....	60
14. Victor Spina, patrono da cadeira nº 14	62
15. Mário Yahn, patrono da cadeira nº 15.....	64
16. Oswaldo Freitas Julião, patrono da cadeira nº 16	68
17. Nicolau de Moraes Barros, presidente entre 1912-1913 e patrono da cadeira nº 17	71
18. Álvaro Dino de Almeida, patrono da cadeira nº 18	73
19. José Medina, patrono da cadeira nº 19	75
20. Jacob Renato Woiski, patrono da cadeira nº 20	76
21. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro, presidente entre 1952-1953 e patrono da cadeira nº 21.....	80
22. Adolpho Carlos Lindenberg, presidente entre 1922-1923 e patrono da cadeira nº 22	82
23. Gil Soares Bairão, patrono da cadeira nº 23	84
24. Clemente Miguel da Cunha Ferreira, patrono da cadeira nº 24	86
25. Adherbal Pinheiro Machado Tolosa, presidente entre 1960-1961 e patrono da cadeira nº 25.....	89
26. Ennio Cosimo Damião Barbato, patrono da cadeira nº 26	92
27. João Paulo da Cruz Britto, patrono da cadeira nº 27.....	94
28. Nemésio Bailão, patrono da cadeira nº 28	97

29.	Euryclides de Jesus Zerbini, patrono da cadeira nº 29	100
30.	Antonio Frederico Branco Lefèvre, patrono da cadeira nº 30.....	103
31.	Julio Cesar Kieffer, presidente entre 1973-1974 e patrono da cadeira nº 31..	107
32.	João Alves Meira, presidente entre 1949-1950 e patrono da cadeira nº 32.....	109
33.	Antonio Barros de Ulhôa Cintra, patrono da cadeira nº 33	111
34.	Sylvio Soares de Almeida, patrono da cadeira nº 34.....	113
35.	Antonio Ferreira de Almeida Júnior, patrono da cadeira nº 35	116
36.	Ignácio Proença de Gouvêa, patrono da cadeira nº 36.....	119
37.	Manoel Dias de Abreu, patrono da cadeira nº 37.....	123
38.	Celestino Bourroul, presidente entre 1917-1918 e 1938-1939, e patrono da cadeira nº 38	127
39.	Francisco Borges Vieira, patrono da cadeira nº 39	131
40.	Virgílio Alves de Carvalho Pinto, presidente entre 1967-1968 e patrono da cadeira nº 40.....	134
41.	Felício Cintra do Prado, presidente entre 1953-1954 e patrono da cadeira nº 41.....	137
42.	Renato Locchi, patrono da cadeira nº 42	140
43.	Justiniano de Melo Franco, patrono da cadeira nº 43	143
44.	Costabile Gallucci, patrono da cadeira nº 44.....	146
45.	Cesário Motta Júnior, patrono da cadeira nº 45.....	149
46.	Carlos Chagas, patrono da cadeira nº 46.....	152
47.	Edmundo Vasconcelos, patrono da cadeira nº 47.....	158
48.	Dante Pazzanese, patrono da cadeira nº 48.....	162
49.	Raphael Penteado de Barros, patrono da cadeira nº 49.....	164
50.	Jose Barros Magaldi, patrono da cadeira nº 50	168
51.	Domingos Rubião Alves Meira, presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e patrono da cadeira nº 51.....	171
52.	Raul Carlos Briquet, patrono da cadeira nº 52.....	174
53.	Carlos da Silva Lacaz, presidente entre 1962-1963 e patrono da cadeira nº 53....	178
54.	Enjolras Vampré, presidente entre 1921-1922 e patrono da cadeira nº 54 ...	182
55.	Carlos José Botelho, presidente entre 1896-1897 e patrono da cadeira nº 55 ...	185
56.	Emílio Marcondes Ribas, patrono da cadeira nº 56	188
57.	Domingos Delascio, patrono da cadeira nº 57	191
58.	Diogo Teixeira de Faria, presidente entre 1904-1905 e patrono da cadeira nº 58.....	195
59.	Antonio de Paula Santos, patrono da cadeira nº 59	198
60.	Giovanni Battista Líbero Badaró, patrono da cadeira nº 60.....	200
61.	Álvaro Guimarães Filho, patrono da cadeira nº 61.....	202
62.	Vital Brazil, patrono da cadeira nº 62.....	206
63.	Agostinho Bettarello, patrono da cadeira nº 63.....	210
64.	Maria Augusta Generoso Estrela, patronesse da cadeira nº 64.....	213
65.	Luiz Migliano, patrono da cadeira nº 65.....	216
66.	Antonio Cândido de Camargo, presidente entre 1915-1916 e patrono da cadeira nº 66.....	220

67.	Affonso Regulo de Oliveira Fausto, presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e patrono da cadeira nº 67	222
68.	Osório Thaumaturgo César, patrono da cadeira nº 68.....	224
69.	Oscar Monteiro de Barros, presidente entre 1956-1957 e patrono da cadeira nº 69.....	227
70.	João Vicente Torres Homem, patrono da cadeira nº 70	229
71.	Carlota Pereira de Queiroz, patronesse da cadeira nº 71	232
72.	Alberto Nupieri, patrono da cadeira nº 72	237
73.	Georges Arié, patrono da cadeira nº 73.....	240
74.	Alberto Seabra, patrono da cadeira nº 74.....	242
75.	Jairo de Almeida Ramos, presidente entre 1939-1940 e patrono da cadeira nº 75	245
76.	Arnaldo Amado Ferreira, patrono da cadeira nº 76.....	247
77.	José Martins Fontes, patrono da cadeira nº 77.....	252
78.	Duílio Crispim Farina, patrono da cadeira nº 78	255
79.	José Joaquim de Carvalho, patrono da cadeira nº 79.....	259
80.	José Pereira Gomes, presidente entre 1927-1928 e 1950-1951, e patrono da cadeira nº 80	265
81.	Adolpho Lutz, patrono da cadeira nº 81.....	268
82.	Eurico da Silva Bastos, presidente entre 1959-1960 e patrono da cadeira nº 82.....	272
83.	Ovídio Pires de Campos, presidente entre 1918-1919 e 1935-1936, e patrono da cadeira nº 83	275
84.	Zeferino Vaz, patrono da cadeira nº 84	278
85.	Paulino Watt Longo, patrono da cadeira nº 85.....	280
86.	Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, patrono da cadeira nº 86.....	283
87.	Aníbal Cipriano da Silveira Santos, patrono da cadeira nº 87	287
88.	Anísio Costa Toledo, patrono da cadeira nº 88	290
89.	Adolpho Schmidt Sarmento, presidente entre 1929-1930 e patrono da cadeira nº 89.....	293
90.	Mário Fittipaldi, patrono da cadeira nº 90	297
91.	Plínio de Mattos Barretto, patrono da cadeira nº 91	299
92.	Durval Bellegarde Marcondes, patrono da cadeira nº 92	303
93.	Oscar Freire de Carvalho, patrono da cadeira nº 93.....	306
94.	Humberto Cerruti, patrono da cadeira nº 94	308
95.	Antônio Caetano de Campos, patrono da cadeira nº 95	313
96.	Ignácio Emílio Achiles Betholdi, patrono da cadeira nº 96.....	315
97.	Luiz Gonzaga de Amarante Cruz, patrono da cadeira nº 97	318
98.	Walter Edgard Maffei, patrono da cadeira nº 98	321
99.	Oswaldo Gonçalves Cruz, patrono da cadeira nº 99.....	325
100.	Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho, presidente entre 1924-1925 e patrono da cadeira nº 100	328
101.	Geraldo Horácio de Paula Souza, patrono da cadeira nº 101.....	332

102. Antônio de Almeida Prado, presidente entre 1930-1931 e patrono da cadeira nº 102	335
103. André Teixeira Lima, patrono da cadeira nº 103	337
104. Otto Guilherme Bier, patrono da cadeira nº 104	339
105. José Ayres Netto, presidente entre 1919-1920 e 1934-1935, e patrono da cadeira nº 105	343
106. José de Almeida Camargo, patrono da cadeira nº 106	345
107. Evaristo da Veiga, patrono da cadeira nº 107	349
108. Guilherme Ellis, patrono da cadeira nº 108	351
109. Antônio Bernardes de Oliveira, patrono da cadeira nº 109	354
110. Rolando Ângelo Tenuto, patrono da cadeira nº 110	357
111. Sergio de Paiva Meira Filho, patrono da cadeira nº 111	360
112. Carmen Escobar Pires, presidente entre 1951-1952 e patronesse da cadeira nº 112	362
113. Mario Rodrigues Louzã, patrono da cadeira nº 113	365
114. Eurico Branco Ribeiro, presidente entre 1954-1955 e patrono da cadeira nº 114	367
115. Luiz Manuel de Rezende Puech, presidente entre 1920-1921 e patrono da cadeira nº 115	372
116. Synésio Rangel Pestana, presidente entre 1910-1911 e patrono da cadeira nº 116	375
117. Gilberto Menezes de Góes, patrono da cadeira nº 117	378
118. Ernesto de Souza Campos, patrono da cadeira nº 118	379
119. Oswaldo Lange, patrono da cadeira nº 119	383
120. Reynaldo Kuntz Busch, patrono da cadeira nº 120	386
121. Francisco Elias de Godoy Moreira, patrono da cadeira nº 121	391
122. Hilário Veiga de Carvalho, patrono da cadeira nº 122	394
123. Rubens Monteiro de Arruda, patrono da cadeira nº 123	397
124. Armando Bozzini, patrono da cadeira nº 124	400
125. José Ória, patrono da cadeira nº 125	403
126. Mario Ottoni de Rezende, presidente entre 1936-1937 e patrono da cadeira nº 126	407
127. Antônio Carlos Pacheco e Silva, presidente entre 1933-1934 e patrono da cadeira nº 127	409
128. Cantídio de Moura Campos, presidente entre 1928-1929 e patrono da cadeira nº 128	415
129. Cândido Espinheira, patrono da cadeira nº 129	417
130. Armando de Aguiar Pupo, patrono da cadeira nº 130	419
Dados do autor	421
Índice Remissivo	427

Prefácio

Em grego, sol, conhecido por hélio. Confirmado desde o batismo na infância, vira nome próprio, Helio. Adicionado, quando da transformação em homem, de outros tantos sinônimos: iniciativa, senso de responsabilidade, profunda ligação com a família. Atividades, ligadas às artes. Personalidade leal e perseverante, metódica e objetiva. Não gosta de rodeios, preferindo ir direto ao assunto. Deseja dos conviventes a perfeição que busca para si.

Disciplina, ordem, estabilidade, construção, confiabilidade, honestidade, seus pontos positivos.

Aí o Helio.

- Teria ouvido algo, leitor, sobre beijo-de-frade?

Estranho, um prefácio começando pela pergunta. Não, não se trata de nenhum ósculo franciscano. Beijo-de-frade, nome de planta – balsâmica –, produtora de bálsamos, de suavidade.

Sim, a florífera popular, *Impatiens balsamina*. Para a formação de canteiros, quando se desejem flores abundantes. Adaptada ao clima subtropical, cultivadas sob sol pleno [hélio]. Frutos, como cápsulas, quando maduros explodem ao mínimo toque, lançadoras de sementes. Têm uso medicinal, até diurético! [será do conhecimento de um médico urologista?]



Arary da Cruz Tiriba¹

Difundida no Brasil. E na Itália?... Na “bota” do Mar do Meio da Terra, identificada por “begliomini”.

E não é que juntando as peças dá uma magnífica composição?! Meu confrade Helio Begliomini, dotado de muita luz natural – do sol –, de pertinácia e paciência!... produziu o fruto grandioso. Suaviloquente, conta-nos a história – não a do grego Asclépio nem a do equivalente romano Esculápio –, reconstitui a casa dos dedicados policlínicos indígenas, edificada em primeira mão por Luiz Pereira Barretto, em 1895. À leitura enriquecedora de **Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo**.

¹ Graduado pela Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 1950. Médico sanitário pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e médico tropicalista pelo Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da USP. Livre-docente e professor titular da disciplina de doenças infecciosas e parasitárias do Departamento de Medicina da EPM-Unifesp, atualmente aposentado em atuação voluntária. Foi diretor do Hospital Emilio Ribas. É membro titular e emérito da cadeira nº 81 Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Adolpho Lutz.

Introdução

“As pessoas não serão capazes de olhar para a posteridade, se não tiverem em consideração a experiência dos seus antepassados.”

Edmund Burke (1729-1797), escritor, orador e político irlandês.

Prógono é um vocábulo invulgar que pode ser usado como adjetivo ou substantivo. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa “é aquele que pertence a uma geração anterior; iniciador, antecessor, ancestral; precursor de uma escola ou de um movimento filosófico, musical, artístico, literário...”. No contexto desta obra torna-se uma sinonímia erudita de se designar os patronos das 130 cadeiras que constituem a insigne Academia de Medicina de São Paulo.

São nomes de médicos que devem ser respeitados e cultuados não somente pelo exemplo de dedicação, ética, feitos, façanhas, denodo e amor que tiveram no exercício da milenar arte de Hipócrates; mas, igualmente porque, em decorrência de seus predicados, foram escolhidos para encabeçarem genealogias de seus pares que, a seu modo, também galgaram a honra da imortalidade nesse silogeu.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, fundada em 7 de março de 1895 por Luiz Pereira Barreto, teve seu nome mudado após 59 anos para Academia de Medicina de São Paulo, em 1954, na gestão de Eurico Branco Ribeiro (1954-1955). Contudo, essa mudança não trouxe a devida adaptação na alocação de seus membros em cadeiras, a exemplo das centenas de entidades congêneres existentes.

Lembro-me que, logo após meu ingresso neste silogeu, em 1986, era desejo das diversas diretorias que se sucederam a concretização dessa pendência. Contudo, esse tento foi somente conseguido 50 anos depois (!!!) da mudança do nome da entidade, com a atualização do seu Estatuto aprovado em Assembleia Extraordinária realizada em 12 de novembro de 2004¹, no final da primeira gestão de Guido Arturo Palomba (2003-2004).

Dentre os predicados irrenunciáveis das academias estão a preservação, o cultivo e a divulgação da memória e feitos de seus membros, e, de modo mui particular, de seus patronos.

Não restam dúvidas de que o patrono é, em quaisquer sodalícios, o grande inspirador e o norteador da descendência “genealógica” duma cadeira. Aliás, seu nome é sempre mais lembrado e destacado, me atrevendo a dizer que, se ele for até mesmo menos importante do que qualquer membro que ocupou, ocupa ou ocupará a respectiva cadeira, ele (patrono), com certeza, será sempre muito mais evidenciado.

Após 24 anos de pertença à centenária Academia de Medicina de São Paulo, fui convidado pela primeira vez a atuar numa diretoria, na gestão liderada pela acadêmica

¹ Registrado no 2º Cartório de Registro de Títulos e Documentos sob o nº 80.287, e Registro Civil de Pessoa Jurídica, nº 65.239, em 10 de dezembro de 2004.

Yvonne Capuano (2009-2010). Confesso que ao tomar conhecimento das listas de confrades titulares, honorários, para não dizer de ex-presidentes e de patronos das 130 cadeiras, desconhecia a imensa maioria deles – seus dados biográficos e curriculares. O que foram e o que fizeram para merecer tal dignidade? –, pergunta que vinha reiteradamente em minha mente. O pior é que esse desconhecimento era comum entre a maior parte dos outros membros da diretoria e do sílogeu, porém, essa ignorância era discretamente dissimulada.

Mas como cultuar patronos sem o devido conhecimento de sua vida, obra e atuação? Estava evidente que a Academia de Medicina de São Paulo ressentia-se de um de seus mais nobres misteres: “descobri-los”, revelá-los e evidenciá-los tornava-se na minha mente uma meta irrenunciável, premente e inadiável.

Foi nesse ambiente, imbuído de um sentimento mesclado de curiosidade, “indignação” e amor à entidade que propus o projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo”. Essa ideia não teve fácil aceitação pelos membros daquela diretoria, pois implicava, por um lado, muito trabalho e dedicação, e, por outro, que poucos haviam compreendido o real alcance e transcendência daquela aspiração.

Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo foi concebido com a intenção de contribuir com a história desse sodalício consignada na obra **7 de Março**², que encerra biografias dos 130 membros titulares por ocasião do 117^a aniversário da entidade, ocasião em que todas as cadeiras foram preenchidas pela primeira vez após a reforma estatutária de 2004.

A pesquisa para este livro começou em agosto de 2010, demandando mais de dois anos e meio de diuturno e intenso trabalho para vir a lume.

As biografias dos 130 patronos se encontram em ordem numérica crescente das respectivas cadeiras. Para 78 (60%) patronos que também foram membros do sodalício são mencionadas, em destaque, as respectivas datas de admissão, quando depreendidas das pesquisas realizadas. Da mesma forma, quando descobertos, foram colocados sob os nomes os anos de nascimento e morte de cada biografado.

Das 130 biografias, apenas 27 (20,7%) não foram elaboradas pelo autor do livro, mas foram por ele adaptadas de acordo com o contexto editorial desta obra, estando, a seguir, declinadas em ordem crescente de cadeiras³: 1. **Alfonso Splendore**, patrono da cadeira nº 5; 2. **Mathias Octavio Roxo Nobre**, patrono da cadeira nº 7; 3. **Durval Sarmiento da Rosa Borges**, patrono da cadeira nº 8; 4. **Flamínio Fávero**, patrono da cadeira nº 10; 5. **José Medina**, patrono da cadeira nº 19; 6. **Adolpho Carlos Lindenberg**, patrono da cadeira nº 22; 7. **Clemente Miguel da Cunha Ferreira**, patrono da cadeira nº 24; 8. **Ennio Cosimo Damião Barbato**, patrono da cadeira nº 26; 9. **João Paulo da Cruz Britto**, patrono da cadeira nº 27; 10. **Antonio Frederico Branco Lefèvre**, patrono da cadeira nº 30; 11. **Julio Cesar Kieffer**, patrono da cadeira nº 31; 12. **João Alves Meira**, patrono da cadeira nº 32; 13. **Antonio Barros de Ulhôa Cintra**, patrono da cadeira nº 33; 14. **Sylvio Soares de Almeida**, patrono da cadeira nº 34; 15.

2 O livro **7 de Março** tem como autores os acadêmicos Affonso Renato Meira, Guido Arturo Palomba e Helio Begliomini. Veio a lume em novembro de 2012.

3 Essas biografias foram feitas pelos membros fundadores das respectivas cadeiras ou por seus familiares e entregues no tempo aprazado por ocasião do projeto “Resgate da Memória dos Membros da Academia de Medicina de São Paulo” sob a coordenação do acadêmico Helio Begliomini. Seus autores estão mencionados nos devidos capítulos.

Ignácio Proença de Gouvêa, patrono da cadeira nº 36; 16. **Francisco Borges Vieira**, patrono da cadeira nº 39; 17. **Renato Locchi**, patrono da cadeira nº 42; 18. **Georges Arié**, patrono da cadeira nº 73; 19. **Jairo de Almeida Ramos**, patrono da cadeira nº 75; 20. **Mário Fittipaldi**, patrono da cadeira nº 90; 21. **Durval Bellegarde Marcondes**, patrono da cadeira nº 92; 22. **Oswaldo Gonçalves Cruz**, patrono da cadeira nº 99; 23. **José Ayres Netto**, patrono da cadeira nº 105; 24. **Mario Rodrigues Louzã**, patrono da cadeira nº 113; 25. **Gilberto Menezes de Góes**, patrono da cadeira nº 117; 26. **Reynaldo Kuntz Busch**, patrono da cadeira nº 120; e 27. **Francisco Elias de Godoy Moreira**, patrono da cadeira nº 121.

Curiosidades

A seguir serão citadas algumas curiosidades concernentes aos patronos da Academia de Medicina de São Paulo.

Iconografias

A imensa maioria das biografias (125 – 96,1%) possui ilustração iconográfica, algumas delas de difícil obtenção em outras cidades ou estado.

As fotografias obtidas servem para ilustrar os textos, associando-os a uma melhor percepção visual de seus respectivos protagonistas. A qualidade iconográfica reflete, necessariamente, as condições do material obtido.

Os cinco (3,9%) patronos que não possuem ilustração iconográfica são:

1. **Justiniano de Melo Franco**, patrono da cadeira nº 43.
2. **Nicolau Pereira de Campos Vergueiro**, patrono da cadeira nº 86.
3. **Evaristo da Veiga**, patrono da cadeira nº 107.
4. **Guilherme Ellis**, presidente entre 1899-1900 e patrono da cadeira nº 108.
5. **Cândido Espinheira**, patrono da cadeira nº 129.

Algumas biografias possuem mais de uma ilustração quer em consequência da grande dificuldade de consegui-las, quer pelo valor histórico que possuem.

Falecidos Anteriormente à Fundação

Da relação dos patronos, apenas cinco (3,9%) dos escolhidos viveram antes da fundação da entidade:

1. **Justiniano de Melo Franco** (1774-1839), patrono da cadeira nº 43.
2. **Giovanni Battista Líbero Badaró** (1798-1830), patrono da cadeira nº 60.
3. **João Vicente Torres Homem** (1837-1887), patrono da cadeira nº 70.
4. **Antônio Caetano de Campos** (1844-1891), patrono da cadeira nº 95.
5. **Ignácio Emílio Achilles Betholdi** (1810-1886), patrono da cadeira nº 96.

Membros Fundadores

Dentre os patronos da Academia de Medicina de São Paulo, dez (7,7%) foram membros fundadores do silogeu:

1. **Luiz Pereira Barreto**, presidente entre 1895-1896 e patrono da cadeira nº 1.

2. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho**, presidente entre 1901-1902 e 1906-1907, e patrono da cadeira nº 11.
3. **Mathias de Vilhena Valladão**, presidente entre 1898-1899 e patrono da cadeira nº 13.
4. **Cesário Motta Júnior**, patrono da cadeira nº 45.
5. **Carlos José Botelho**, presidente entre 1896-1897 e patrono da cadeira nº 55.
6. **Alberto Seabra**, patrono da cadeira nº 74.
7. **Luiz Gonzaga de Amarante Cruz**, patrono da cadeira nº 97.
8. **Evaristo da Veiga**, patrono da cadeira nº 107.
9. **Guilherme Ellis**, presidente entre 1899-1900 e patrono da cadeira nº 108.
10. **Cândido Espinheira**, patrono da cadeira nº 129.

Não Pertencentes à Entidade

Dos prógonos da Academia de Medicina de São Paulo, 52 (40%) não pertenceram à entidade, sendo mencionados em ordem crescente de cadeiras: 1. **Octávio de Carvalho**, patrono da cadeira nº 2; 2. **Mário Rubens Guimarães Montenegro**, patrono da cadeira nº 4; 3. **Alfonso Splendore**, patrono da cadeira nº 5; 4. **Nagib Faris Michalany**, patrono da cadeira nº 6; 5. **Mário Yahn**, patrono da cadeira nº 15; 6. **Jacob Renato Woiski**, patrono da cadeira nº 20; 7. **Clemente Miguel da Cunha Ferreira**, patrono da cadeira nº 24; 8. **Ennio Cosimo Damião Barbato**, patrono da cadeira nº 26; 9. **João Paulo da Cruz Britto**, patrono da cadeira nº 27; 10. **Nemésio Bailão**, patrono da cadeira nº 28; 11. **Sylvio Soares de Almeida**, patrono da cadeira nº 34; 12. **Antonio Ferreira de Almeida Júnior**, patrono da cadeira nº 35; 13. **Ignácio Proença de Gouvêa**, patrono da cadeira nº 36; 14. **Manoel Dias de Abreu**, patrono da cadeira nº 37; 15. **Francisco Borges Vieira**, patrono da cadeira nº 39; 16. **Justiniano de Melo Franco**, patrono da cadeira nº 43; 17. **Carlos Chagas**, patrono da cadeira nº 46; 18. **Jose Barros Magaldi**, patrono da cadeira nº 50; 19. **Raul Carlos Briquet**, patrono da cadeira nº 52; 20. **Antonio de Paula Santos**, patrono da cadeira nº 59; 21. **Giovanni Battista Líbero Badaró**, patrono da cadeira nº 59; 22. **Álvaro Guimarães Filho**, patrono da cadeira nº 61; 23. **Maria Augusta Generoso Estrela**, patronesse da cadeira nº 64; 24. **Luiz Migliano**, patrono da cadeira nº 65; 25. **Osório Thaumaturgo César**, patrono da cadeira nº 68; 26. **Alberto Nupieri**, patrono da cadeira nº 72; 27. **Georges Arié**, patrono da cadeira nº 73; 28. **José Martins Fontes**, patrono da cadeira nº 77; 29. **Duílio Crispim Farina**, patrono da cadeira nº 78; 30. **José Joaquim de Carvalho**, patrono da cadeira nº 79; 31. **Adolpho Lutz**, patrono da cadeira nº 81; 32. **Zeferino Vaz**, patrono da cadeira nº 84; 33. **Paulino Watt Longo**, patrono da cadeira nº 85; 34. **Aníbal Cipriano da Silveira Santos**, patrono da cadeira nº 87; 35. **Mário Fittipaldi**, patrono da cadeira nº 90; 36. **Plínio de Mattos Barretto**, patrono da cadeira nº 91; 37. **Durval Bellegarde Marcondes**, patrono da cadeira nº 92; 38. **Oscar Freire de Carvalho**, patrono da cadeira nº 93; 39. **Antônio Caetano de Campos**, patrono da cadeira nº 95; 40. **Ignácio Emílio Achilles Betholdi**, patrono da cadeira nº 96; 41. **Luiz Gonzaga de Amarante Cruz**, patrono da cadeira nº 97; 42. **Oswaldo Gonçalves Cruz**, patrono da cadeira nº 99; 43. **Geraldo Horácio de Paula Souza**, patrono da cadeira nº 101; 44. **André Teixeira Lima**, patrono da cadeira nº 103; 45. **Otto Guilherme Bier**,

patrono da cadeira nº 104; 46. **José de Almeida Camargo**, patrono da cadeira nº 106; 47. **Rolando Ângelo Tenuto**, patrono da cadeira nº 110; 48. **Sergio de Paiva Meira Filho**, patrono da cadeira nº 111; 49. **Mario Rodrigues Louzã**, patrono da cadeira nº 113; 50. **Armando Bozzini**, patrono da cadeira nº 124; 51. **José Ória**, patrono da cadeira nº 125; e 52. **Armando de Aguiar Pupo**, patrono da cadeira nº 130.

Presidentes

Os patronos que também foram honrados como presidentes da Academia de Medicina de São Paulo são 39 (30%). Encontram-se, a seguir, também em ordem crescente de cadeiras:

1. **Luiz Pereira Barreto**, presidente entre 1895-1896 e patrono da cadeira nº 1⁴.
2. **Durval Sarmiento da Rosa Borges**, presidente entre 1966-1967 e patrono da cadeira nº 8.
3. **Flamínio Fávero**, presidente entre 1937-1938 e patrono da cadeira nº 10.
4. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho**, presidente entre 1901-1902 e 1906-1907, e patrono da cadeira nº 11.
5. **Alípio Corrêa Netto**, presidente entre 1947-1948 e patrono da cadeira nº 12.
6. **Mathias de Vilhena Valladão**, presidente entre 1898-1899 e patrono da cadeira nº 13.
7. **Nicolau de Moraes Barros**, presidente entre 1912-1913 e patrono da cadeira nº 17.
8. **Benedicto Augusto de Freitas Montenegro**, presidente entre 1952-1953 e patrono da cadeira nº 21.
9. **Adolpho Carlos Lindenberg**, presidente entre 1922-1923 e patrono da cadeira nº 22.
10. **Adherbal Pinheiro Machado Tolosa**, presidente entre 1960-1961 e patrono da cadeira nº 25.
11. **Julio Cesar Kieffer**, presidente entre 1973-1974 e patrono da cadeira nº 31.
12. **João Alves Meira**, presidente entre 1949-1950 e patrono da cadeira nº 32.
13. **Celestino Bourroul**, presidente entre 1917-1918 e 1938-1939 e patrono da cadeira nº 38.
14. **Virgílio Alves de Carvalho Pinto**, presidente entre 1967-1968 e patrono da cadeira nº 40.
15. **Felício Cintra do Prado**, presidente entre 1953-1954 e patrono da cadeira nº 41.
16. **Domingos Rubião Alves Meira**, presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912 e patrono da cadeira nº 51.
17. **Carlos da Silva Lacaz**, presidente entre 1962-1963 e patrono da cadeira nº 53.
18. **Enjolras Vampré**, presidente entre 1921-1922 e patrono da cadeira nº 54.
19. **Carlos José Botelho**, presidente entre 1896-1897 e patrono da cadeira nº 55.
20. **Diogo Teixeira de Faria**, presidente entre 1904-1905 e patrono da cadeira nº 58.

4 Durante 71 anos – desde a fundação da entidade até 1966 – os mandatos administrativos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, foram anuais, iniciando-se em março dos anos ímpares – mês de sua fundação – e terminando em março dos anos pares. Após 1967 os mandatos passaram a ser bienais, acontecendo por primeiro na gestão de Virgílio Alves de Carvalho Pinto (1967-1968), 65º presidente do sodalício.

21. **Affonso Regulo de Oliveira Fausto**, presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917 e patrono da cadeira nº 67.
22. **Antonio Cândido de Camargo**, presidente entre 1915-1916 e patrono da cadeira nº 66.
23. **Oscar Monteiro de Barros**, presidente entre 1956-1957 e patrono da cadeira nº 69.
24. **Jairo de Almeida Ramos**, presidente entre 1939-1940 e patrono da cadeira nº 75.
25. **José Pereira Gomes**, presidente entre 1927-1928 e 1950-1951 e patrono da cadeira nº 80
26. **Eurico da Silva Bastos**, presidente entre 1959-1960 e patrono da cadeira nº 82.
27. **Ovídio Pires de Campos**, presidente entre 1918-1919 e 1935-1936 e patrono da cadeira nº 83.
28. **Adolpho Schmidt Sarmiento**, presidente entre 1929-1930 e patrono da cadeira nº 89.
29. **Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho**, presidente entre 1924-1925 e patrono da cadeira nº 100.
30. **Antônio de Almeida Prado**, presidente entre 1930-1931 e patrono da cadeira nº 102.
31. **José Ayres Netto**, presidente entre 1919-1920 e 1934-1935 e patrono da cadeira nº 105.
32. **Guilherme Ellis**, presidente entre 1899-1900 e patrono da cadeira nº 108.
33. **Carmen Escobar Pires**, presidente entre 1951-1952 e patronesse da cadeira nº 112.
34. **Eurico Branco Ribeiro**, presidente entre 1954-1955 e patrono da cadeira nº 114.
35. **Luiz Manuel de Rezende Puech**, presidente entre 1920-1921 e patrono da cadeira nº 115.
36. **Synésio Rangel Pestana**, presidente entre 1910-1911 e patrono da cadeira nº 116.
37. **Mario Ottoni de Rezende**, presidente entre 1936-1937 e patrono da cadeira nº 126.
38. **Antônio Carlos Pacheco e Silva**, presidente entre 1933-1934 e patrono da cadeira nº 127.
39. **Cantídio de Moura Campos**, presidente entre 1928-1929 e patrono da cadeira nº 128.

Não Natos no Brasil

Dos biografados nesta obra sete (5,4%) não nasceram no Brasil, mas escolheram o estado de São Paulo para viver e trabalhar. São eles:

1. **Alfonso Splendore** (Itália), patrono da cadeira nº 5; 2. **Nagib Faris Michalany** (Líbano), patrono da cadeira nº 6; 3. **Julio Cesar Kieffer** (Itália), presidente entre 1973-1974 e patrono da cadeira nº 31; 4. **Justiniano de Melo Franco** (Portugal), patrono da cadeira nº 43; 5. **Giovanni Battista Líbero Badaró** (Itália), patrono da cadeira nº 60; 6. **Humberto Cerruti** (Argentina), patrono da cadeira nº 94; e 7. **Ignácio Emílio Achilles Betholdi** (Itália), patrono da cadeira nº 96.

Não Natos no Estado de São Paulo

Dos dados disponíveis das biografias analisadas depreendeu-se que 38 (29,2%) dos patronos não nasceram no estado de São Paulo, mas a maioria deles aqui se radicou e se tornou famosa. Levando-se em consideração que também um expressivo número dos patronos nasceu no interior do estado, infere-se que havia mais de um século – ainda no regime imperial – que a cidade de São Paulo já tinha por vocação não se manter provinciana, mas metropolitana, recebendo, acolhendo e dando iguais oportunidades de trabalho e de ascensão profissional tanto a seus conterrâneos quanto a forasteiros.

Seguem-se em ordem crescente de cadeiras os patronos não nascidos no estado de São Paulo:

1. **Luiz Pereira Barreto** (Resende – RJ), presidente entre 1895-1896 e patrono da cadeira nº 1; 2. **Alfonso Splendore** (Itália), patrono da cadeira nº 5; 3. **Nagib Faris Michalany** (Líbano), patrono da cadeira nº 6; 4. **Durval Sarmiento da Rosa Borges** (Recife – PE), presidente entre 1966-1967 e patrono da cadeira nº 8; 5. **Mathias de Vilhena Valladão** (Campanha da Princesa – MG), presidente entre 1898-1899 e patrono da cadeira nº 13; 6. **Jacob Renato Woiski** (Curitiba – PR), patrono da cadeira nº 20; 7. **Adolpho Carlos Lindenberg** (Cabo Frio – RJ), presidente entre 1922-1923 e patrono da cadeira nº 22; 8. **Clemente Miguel da Cunha Ferreira** (Resende – RJ), patrono da cadeira nº 24; 9. **João Paulo da Cruz Britto** (Caxias – MA), patrono da cadeira nº 27; 10. **Julio Cesar Kieffer** (Itália), presidente entre 1973-1974 e patrono da cadeira nº 31; 11. **Ignácio Proença de Gouvêa** (Santa Tereza de Valença – RJ), patrono da cadeira nº 36; 12. **Justiniano de Melo Franco** (Portugal), patrono da cadeira nº 43. 13. **Carlos Chagas** (Oliveira – MG), patrono da cadeira nº 46; 14. **Dante Pazzanese** (Barão de Monte Alto – MG), patrono da cadeira nº 48; 15. **Domingos Rubião Alves Meira** (Barra do Piraí – RJ), presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912 e patrono da cadeira nº 51; 16. **Enjolras Vampré** (Laranjeiras – SE), presidente entre 1921-1922 e patrono da cadeira nº 54; 17. **Diogo Teixeira de Faria** (Estado do Rio de Janeiro), presidente entre 1904-1905 e patrono da cadeira nº 58; 18. **Giovanni Battista Líbero Badaró** (Itália), patrono da cadeira nº 60; 19. **Vital Brazil** (Campanha – MG), patrono da cadeira nº 62; 20. **Maria Augusta Generoso Estrela** (Rio de Janeiro – RJ), patronesse da cadeira nº 64; 21. **Affonso Regulo de Oliveira Fausto** (Rio de Janeiro – RJ), presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917 e patrono da cadeira nº 67; 22. **Osório Thaumaturgo César** (João Pessoa – PB), patrono da cadeira nº 68; 23. **João Vicente Torres Homem** (Rio de Janeiro – RJ), patrono da cadeira nº 70; 24. **Arnaldo Amado Ferreira** (Teófilo Otoni – MG), patrono da cadeira nº 76); 25. **José Joaquim de Carvalho** (Rio de Janeiro – RJ), patrono da cadeira nº 79; 26. **Adolpho Lutz** (Rio de Janeiro – RJ), patrono da cadeira nº 81; 27. **Eurico da Silva Bastos** (Recife – PE), presidente entre 1959-1960 e patrono da cadeira nº 82; 28. **Oscar Freire de Carvalho** (Salvador – BA), patrono da cadeira nº 93; 29. **Humberto Cerruti** (Argentina), patrono da cadeira nº 94; 30. **Antônio**

Caetano de Campos (São João da Barra – RJ), patrono da cadeira nº 95; 31. **Ignácio Emílio Achiles Betholdi** (Itália), patrono da cadeira nº 96; 32. **Luiz Gonzaga de Amarante Cruz** (Rio de Janeiro – RJ), patrono da cadeira nº 97; 33. **Otto Guilherme Bier** (Rio de Janeiro – RJ), patrono da cadeira nº 104; 34. **José Ayres Netto** (Rio de Janeiro – RJ), presidente entre 1919-1920 e 1934-1935 e patrono da cadeira nº 105; 35. **Evaristo da Veiga** (Minas Gerais), patrono da cadeira nº 107; 36. **Eurico Branco Ribeiro** (Guarapuava – PR), presidente entre 1954-1955 e patrono da cadeira nº 114; 37. **Synésio Rangel Pestana** (Rio de Janeiro – RJ), presidente entre 1910-1911 e patrono da cadeira nº 116; e 38. **Mario Ottoni de Rezende** (Leopoldina – MG), presidente entre 1936-1937 e patrono da cadeira nº 126.

Alheios a São Paulo

Há cinco (3,9%) patronos da Academia de Medicina de São Paulo que, apesar de serem nacionalmente importantes e reverenciados, não se radicaram, não exerceram a profissão ou não se tornaram famosos no estado de São Paulo, embora dois deles tenham nascido dentro do seu torrão: 1. **Manoel Dias de Abreu** (São Paulo – capital, patrono da cadeira nº 37) e 2. **Oswaldo Gonçalves Cruz** (São Luiz do Paraitinga – SP, patrono da cadeira nº 99). Os outros três são: 3. **Carlos Chagas**⁵ (Oliveira – MG, patrono da cadeira nº 46); 4. **Maria Augusta Generoso Estrela** (Rio de Janeiro – RJ, patronesse da cadeira nº 64); e 5. **João Vicente Torres Homem** (Rio de Janeiro – capital, patrono da cadeira nº 70).

Patronesses

Dos 130 prógonos ora relatados, apenas três (2,3%) são do sexo feminino:

1. **Maria Augusta Generoso Estrela**, patronesse da cadeira nº 64.
2. **Carlota Pereira de Queiroz**, patronesse da cadeira nº 71.
3. **Carmen Escobar Pires**, presidente entre 1951-1952 e patronesse da cadeira nº 112.

Parentesco entre os Primeiros Ocupantes

Oito (6,1%) acadêmicos titulares e primeiros ocupantes – três deles ex-presidentes da Academia de Medicina de São Paulo – escolheram o avô materno ou o próprio pai, ilustres médicos, como patronos de suas respectivas cadeiras. Esses patronos são:

1. **Alfonso Splendore**, patrono da cadeira nº 5, avô materno de Affonso Renato Meira, ex-presidente entre 2011-2012 e 2013-2014, membro titular e emérito.
2. **Nagib Faris Michalany**, patrono da cadeira nº 6, pai de Jorge Michalany, membro titular e emérito falecido.
3. **Durval Sarmento da Rosa Borges**, patrono da cadeira nº 8, pai de Durval Rosa Borges, membro titular e emérito.

⁵ Carlos Chagas trabalhou por pouco tempo, em 1901, em Itatinga (SP), numa ação bem-sucedida contra a malária.

4. **João Alves Meira**⁶, presidente entre 1949-1950 e patrono da cadeira nº 32, pai de Domingos Alves Meira, membro titular e emérito falecido.
5. **Ignácio Proença de Gouvêa**, patrono da cadeira nº 36, pai de Fernando Proença de Gouveia, ex-presidente entre 1989-1990 e membro titular e emérito.
6. **Mario Rodrigues Louzã**, patrono da cadeira nº 113, pai de José Rodrigues Louzã, ex-presidente entre 1991-1992 e membro titular e emérito.
7. **Reynaldo Kuntz Busch**, patrono da cadeira nº 120, pai de Lygia Busch Iversson, membro titular.
8. **José Ória**, patrono da cadeira nº 125, pai de Heloisa Ória, membro titular e emérito.

Considerações Finais

Felizmente, dezenas para não dizer centenas de outros honoráveis esculápios paulistas poderiam compor a lista de patronos da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Entretanto, os que aqui se encontram foram os escolhidos quer pelos primeiros ocupantes das respectivas cadeiras, quer pelos membros da diretoria de 2004 por ocasião da última mudança estatutária.

Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo tenciona contribuir modestamente com a história desse glorioso silogeu. Que esta obra não seja julgada pela suas imperfeições ou ausências, mas sim pela vontade de revelar, enaltecer e divulgar uma parcela significativa de seu lastro. Que ela também possa estimular outros acadêmicos neste desiderato!



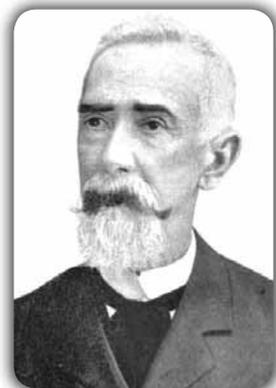
Helio Begliomini⁷

6 João Alves Meira era filho de Domingos Rubião Alves Meira, que foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, além de ser o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

7 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Cadeira nº 1 – Patrono Admissão: 7/3/1895

Luiz Pereira Barreto
1840-1923



Helio Begliomini¹

Luiz Pereira Barreto nasceu em Rezende, estado do Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1840. Seus pais, abastados fazendeiros da barranca do Paraíba, foram o mineiro comendador Fabiano Pereira Barreto e a paulista Francisca de Salles Barreto. Haviam eles destinado o jovem à carreira jurídica, talvez sob a sugestão do tio, o conselheiro Antonio Barreto Pedroso, mas Luiz Pereira Barreto desde logo se inclinou para a medicina.

Fez seus estudos primários em sua terra natal, no Colégio Joaquim Pinto Brasil, onde iniciou também os preparatórios, os quais, todavia, veio a concluir em São Paulo, no Colégio “João Carlos”, em 1857.

Contando com 15 anos de idade, partiu para Montpellier, na França, a fim de completar seus estudos em humanidades e poder matricular-se na faculdade de medicina. Entretanto, ingressou na Universidade de Bruxelas, Bélgica. Após três anos de estudos, isto é, em 1860, foi nomeado preparador de química da Faculdade de Medicina de Bruxelas, trabalhando então na cátedra do professor Franqui. Cinco anos mais tarde, em 1865, doutorou-se em medicina e ciências naturais. Voltou ao Brasil no mesmo ano, aos 25 anos, e confirmou com destacado brilho os títulos profissionais obtidos na Bélgica.

Em 1865, mais precisamente no dia 18 de julho, Luiz Pereira Barreto apresentou-se ao exame de suficiência para poder exercer a medicina no Brasil, defendendo tese perante banca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada **Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral**, causando surpresa entre os examinadores, tal o alto conteúdo científico e filosófico para aquela época.

Para o historiador Roque Espencer Maciel de Barros, esse escrito marcaria simbolicamente a nova etapa do desenvolvimento do positivismo no Brasil, no qual Luiz Pereira Barreto é um dos seus titãs. Na citada tese, Barreto escrevia que o espírito humano tem passado por três estados sucessivos: o teológico ou fictício; o metafísico ou abstrato e o positivo ou real.

Um ano após regressar da Europa, isto é, em 1866, desistiu de fixar residência na sua bela Rezende, escolhendo Jacareí para iniciar sua extraordinária carreira médica.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Em pouco tempo, adquiriu uma vasta clientela, graças aos seus predicados de clínico dedicado, além de competente e hábil cirurgião.

Nessa cidade se casou com Carolina Leitão Peixoto, em 6 de fevereiro de 1866, filha de Antonio Silveira Peixoto e Ana Leopoldina Gomes Leitão, de cujo consórcio tiveram os filhos: Clotilde Augusta Pereira Barreto, casada com Jesuíno Ubaldo Cardoso de Mello; José Pereira Barreto, casado com Georgina de Mello Oliveira; Luiz Pereira Barreto Filho e Paulo Pereira Barreto, que faleceram solteiros.

Pereira Barreto ingressou discretamente, nesse tempo, na política, mostrando-se um democrata liberal, nacionalista intransigente, sempre pronto a saltar em defesa dos interesses brasileiros. Desde os primórdios do movimento republicano, ele se filiou à corrente renovadora, aderindo ao manifesto de 1870 e, logo mais tarde, à Convenção de Itu. Não assinou esse manifesto, nem compareceu à Convenção por espírito de moderação e modéstia, que tanto caracterizava a sua formação moral.

Entre 1874 e 1876 publicou a obra **As Três Filosofias**, em dois volumes. Nela, esclarece Barreto que a primeira filosofia diz respeito aos conservadores, os representantes do antigo passado; a segunda, aos liberais, aos representantes do passado moderno; e a terceira, ao contemporâneo, à ciência atual, vale dizer, o positivismo. A obra é toda baseada em Augusto Comte: *em todo o decurso do meu trabalho, não alcanço uma só ideia que não tenha sido emitida por Comte ou sua escola: só me pertencem as eivas da exposição*. Propõe a reforma espiritual como solução positiva e fundamental, a qual deverá ser atingida pela educação, como concebido por Comte.

De 1876 em diante, Luiz Pereira Barreto preocupou-se cada vez mais com o problema dos cafezais, em seu progressivo esgotamento, no estado do Rio de Janeiro e na região chamada “norte de São Paulo”. Dessa patriótica preocupação pela sobrevivência de nossa lavoura cafeeira, surgiu o Pereira Barreto jornalista. Dedicou-se, então, inicialmente à apaixonada propaganda da terra-roxa paulista, pois através do seu aproveitamento ele almejava a própria salvação da cafeicultura. Honesto em todas as suas campanhas, tornou-se também cafeicultor na terra-roxa do oeste. Em sociedade com alguns irmãos, comprou, por 30 contos de reis, uma fazenda de 800 alqueires, situada justamente onde hoje prospera a imponente cidade de Ribeirão Preto. Para lá transportou, com o máximo cuidado, sementes da nova espécie, formando uma das mais ricas lavouras da região.

Em meados dos anos de 1880, Pereira Barreto dedicava-se à campanha de saneamento público no combate a moléstias epidêmicas que assolavam o Brasil, tendo papel preponderante na saúde pública, no combate à febre amarela, por medidas adotadas contra a sua propagação pelo mosquito *aedes egypti*, que, na época, era conhecido como *estegomia faciata*.

Foi também pioneiro e o introdutor, no país, de novas técnicas cirúrgicas; de métodos de anestesia e um dos ardorosos propagadores da antisepsia cirúrgica, logo após as descobertas de Pasteur e as aplicações de Lister.

Em 1887, Barreto começaria a participar da longa e penosa luta contra esse mal, como membro da Comissão Lacerda, que nesse ano esteve em Campinas fazendo os primeiros ensaios para debelar a doença. Em 1889, como ainda grassasse a terrível febre naquela cidade, o presidente da província, Barão de Jaguará, incumbiu Pereira Barreto de preparar a opinião pública para receber, sem choque, a notícia de que o Estado estava disposto a gastar vultosa quantia a bem da higiene para combater o mal.

Em março desse ano escreveu Barreto no “A Província de São Paulo” quatro artigos sob o título Febre Amarela, no qual defendeu a opinião de que o mal seria devido à água contaminada: “teoria das águas”. Mais tarde, quando se descobriu que a febre amarela era devida a um mosquito, Barreto não abandonou completamente a sua teoria hídrica, procurando, isto sim, conciliar as ideias, convencendo-se de que somente o fechamento dos poços e fossas não era o suficiente para debelar o mal, sendo preciso atacar o mosquito por todos os lados, mas também que qualquer água estagnada é perigosa, pois é aí que os insetos se reproduzem.

Nos anos seguintes, Barreto passou a se dedicar a campanhas de conteúdo socioeconômico. Seu alvo era mostrar, praticamente, o valor e o poder da ciência, única força capaz de impulsionar a nação para o futuro. Como médico vê a necessidade de sanear o país; como homem de ciência, percebe a necessidade de resolver questões eminentemente técnicas. Então escreve artigos sobre plantações, qualidade e propriedade das terras, de modo especial da terra-roxa.

No final da década de 1870, início de 1880, Barreto viu-se envolto em política e torna-se membro do Partido Republicano. Nessa época escreve uma série de artigos para o jornal “A província de São Paulo”, sob os seguintes títulos: “A Elegibilidade dos Acatólicos” (1879); “A Grande Naturalização” (1880); “Os Abolicionistas” (1880); “Ainda os Abolicionistas” (1880); “A Metafísica” (1881) e “A Nova Lei Sobre a Matrícula de Escravos” (1881).

Mas se assim trabalhava o jornalista, convertido em lavrador pela própria pregação, o médico igualmente não descansava. Tanto cresceu o seu êxito profissional que Jacaré se tornou acanhada para a enorme clientela que vinha procurá-lo dos quatro cantos da província, determinando a sua mudança para a capital em 22 de maio de 1883, após 17 anos de permanência na bela cidade do Vale do Paraíba.

Em São Paulo continuou a clinicar, a ser lavrador, político e publicista. Data daí a sua participação mais intensa nas lutas políticas, culminando, em 1887, com a sua participação como representante da cidade de São Simão no Congresso Republicano realizado no Rio de Janeiro.

Foi, particularmente, após a sua mudança para São Paulo que Pereira Barreto começou a se interessar mais vivamente pela viticultura e o fez acidentalmente. Em 17 de maio de 1888, Luiz Pereira Barreto comprou a primeira parte do sítio Santa Carolina, em Pirituba, que, após várias transações, totalizou 110 alqueires de terras, com 40 mil pés de café e um vinhedo de 10 mil videiras de diversas qualidades para mesa e vinho; um pomar com árvores frutíferas e, o restante, em bosque de eucaliptos, capoeiras, mata e pasto.

“A fortuna que adquiriu na cirurgia, em que foi dos maiores do seu tempo, ele a investiu nas experiências de Pirituba”, narrou Fidelis Reis. Conhecedor das recentes experiências de Pasteur na viticultura, escreveu ao diretor da Escola de Viticultura de Lião, Victor Pulliat, que por sinal ainda as ignorava, solicitando exemplares de uma variedade rústica. Recebidas as mudas, cultivou-as. Um ano depois, em vez de carta comunicando seus resultados, mandou ao mesmo cientista cachos de uva legitimamente europeia, frutos magníficos que causaram surpresa na França, após notícia na imprensa.

O doutor Pulliat, encantando, escreveu ao diretor da Escola Agrícola de Montpellier, professor Foex, dizendo: “Acabo de receber uns cachos de uvas que me man-

dou o Dr. Barreto, de São Paulo. Se o Brasil tivesse meia dúzia de homens como o Dr. Barreto, a viticultura europeia estaria vencida”.

Em Pirituba, no sítio Santa Carolina, onde hoje se localizam os bairros de Vila Doutor Pereira Barreto, Vila Barreto, Jardim São José e Vila Maria Trindade, foi onde Luiz Pereira Barreto cultivou a sua grande coleção de vinha. Lá foram plantadas variedades vindas da França, Egito, Síria, Inglaterra, Alemanha, Portugal, dentre outros países.

Posteriormente, visitando o estabelecimento de Pirituba, um jardineiro da rainha Victoria entusiasmou-se com a coleção de “tibouchinas” e propôs permutar exemplares com variedades raras de videiras pertencentes à mencionada soberana. Provieram dessa permuta, entre outras, a “golden queen”, a “mr. Pearson”.

Emilio Goeldi, em “Videiras Americanas”, escrevendo em 1889, diz que “o Dr. Barreto possuía já em São Paulo, em 1888, uma coleção de mais de 400 variedades (350 europeias e 60 americanas)”. Grande parte dos vinhedos de Pirituba calçou-a também Pereira Barreto de pedra e protegeu-a com telas de arame, pois aí era bem maior a voragem de pássaros, morcegos, ratos, gambás, acrescidos ainda pelos cachorros do mato.

Após a proclamação da República, em cujo pródromo teve Pereira Barreto acentuada influência, foi ele eleito, em 1891, senador estadual e primeiro presidente da Assembleia Constituinte. Sobre a proclamação da República e as contemporâneas atividades vinícolas de Barreto, vale a pena transcrever o que deixou escrito Campos da Paz no relatório apresentado ao governo de Minas Gerais – Exposição Vinícola de São Paulo em 1897: “No dia 15 de novembro de 1889, no momento em que recebia a notícia em Pirituba da proclamação da República, o Dr. Barreto acabava de proceder à hibridação da *Rupestris* com a *Chasselas doré*, isto é, fecundava com o pólen da *Rupestris* os órgãos fêmeos da *Chasselas doré*”.

Depois dessa retumbante vitória, de repercussão internacional como viticultor, Pereira Barreto voltou ao café, cultivando-o, desta vez, em Pirituba. O seu intuito era tornar o produto mais barato e facilitar sua exportação pelo porto de Santos. Mandou vir então sementes de todos os países produtores, experimentando-as até encontrar a que melhor se adaptasse ao clima paulistano. Formou assim, em Pirituba, uma soberba lavoura. Acusado, porém, de pretender transformar São Paulo num imenso cafezal, com prejuízo de outras culturas, e, temente, por sua vez, com os perigos de uma superprodução, desgostou-se e deixou perecer sua florescente lavoura, que chegou a contar com 40 mil pés.

Colaborou em inúmeras revistas e jornais, entre os quais “A Província de S. Paulo”, hoje, O Estado de S. Paulo. Dentre os livros que publicou têm-se: **Filosofia Teológica e Filosofia Metafísica; Positivismo e Teologia; As Três Filosofias; Soluções Positivas da Política Brasileira, Os Abolicionistas e a Situação do País; A Cirurgia Antisséptica na Campanha do Egito; Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral; O Século XX sob o Ponto de Vista Brasileiro; La Viticulture à Sant Paul; A Vinha da Civilização; A Febre Amarela; A Terra Roxa; Guia Prático ou Resumo de Indicações Práticas para Servir aos Fazendeiros, na Falta de Profissionais; Estudos Sobre as Águas Termiais de Caldas; A Horticultura e sua Influência no Caráter dos Povos; Epidemiologia e A Pecuária**, dentre outros.

Luiz Pereira Barreto foi um grande educador e, embora combatesse o academicismo (que para ele representava o antigo passado), era, entretanto, defensor da abertura de novas academias.

Data de 24 de novembro de 1881 o decreto que criaria, em São Paulo, uma Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia, a qual, entretanto, não vingou. Esse decreto, certamente, teve a influência direta de Luiz Pereira Barreto, considerando que era líder da medicina paulista e, nessa área, nada acontecia de importante que não tivesse a sua especial providência.

A futura Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, teve como um de seus fundadores Luiz Pereira Barreto, em 7 de março de 1895, silogeu de que teve a honra de ter sido seu primeiro presidente num mandato anual entre 1895-1896.

Seis anos antes (final de 1894, início de 1895), havia sido deflagrada campanha difamatória contra os médicos paulistas, que eram acusados de apresentar contas exorbitantes a serem cobradas quando do inventário de pacientes ricos falecidos. Revoltados com a difamação que lhes recaía, os médicos prepararam uma reunião de desagravo, na qual estava Pereira Barreto. Nesse dia surgiu a ideia da criação da primeira entidade médica de São Paulo. Avençaram encontro para o dia 24 de fevereiro de 1895, à Rua São Bento nº 23, no consultório de Sérgio Meira.

Nesse dia ocorreu a primeira reunião preparatória, presentes as mais importantes expressões da medicina, como Arnaldo Vieira de Carvalho², Teodoro Reichert, Mathias Valladão³, Cândido Espinheira⁴, Amarante Cruz, Carlos Botelho⁵ e Luiz Pereira Barreto. Logo a seguir, aos 7 de março do mesmo ano, com mais vinte e oito nomes unidos em torno do mesmo ideal, deu-se a segunda reunião preparatória, quando foram aprovados os estatutos da agremiação, estabelecendo-se, assim, aquela data como a da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, depois mudada para Academia de Medicina de São Paulo.

Uma semana depois, aos 15 de março de 1895, houve a instalação solene da “Casa de Pereira Barreto”, no edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, as Arcadas do Convento Franciscano, gentilmente cedido pelo seu diretor, Barão de Ramalho. A entidade logo criou uma Policlínica, estabelecida na praça da Sé, que oferecia atendimento médico gratuito.

Pereira Barreto também foi sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro-fundador da cadeira nº 3 da Academia Paulista de Letras.

2 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

3 Mathias de Vilhena Valladão foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1898-1899, e é o patrono da cadeira nº 13 desse sodalício.

4 Cândido Espinheira é o patrono da cadeira nº 129 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Carlos José Botelho foi presidente da Sociedade de Medicina, e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

Em seus derradeiros anos de vida Barreto aderiu francamente ao darwinismo e com ele a conceitos de eugenia, que funcionaria como uma espécie de medicina preventiva, preparando homens sadios capazes de assegurar nossa tranquilidade e prosperidade, aproveitando, assim, a lei natural da seleção, respeitando-se, porém, o princípio da moral, ao qual tudo deve subordinar-se.

Dedicou-se, também, à problemática do envelhecimento: *Atirado em vida, desarmado, sobre um inóspito rochedo* – escreveu Barreto, em 1921 – *o homem é um ente consciente, condenado sem apelo à morte. Todo brilho das suas faculdades intelectuais e morais, ostentando durante a mocidade e a idade viril, desaparece tristemente na escuridão da última fase de sua curta existência. A velhice é uma imerecida humilhação e a morte é uma trágica injustiça. Não temos para nos defender senão o fraco e o vacilante filete de luz que a natureza, por grande favor, concedeu ao nosso cérebro e é só com essa precária e frágil arma que temos de sustentar a luta pela vida.*

Em 11 de janeiro de 1923, no dia de seu 83º aniversário, contrariando os seus hábitos de madrugador, a porta do quarto em que dormia continuava fechada quando as outras pessoas da família despertaram. Aberta a porta, “encontrou-se caído e já em rigidez cadavérica o corpo do grande cientista” (O Estado de S. Paulo, janeiro de 1923). Seu corpo foi sepultado no cemitério da Consolação.

Luiz Pereira Barreto foi um homem estupendo e de personalidade multifária. Além de médico, cirurgião, filósofo, político, cientista, agricultor e jornalista, foi um idealista, humanitário, pioneiro e patriota, que, em todas as mais diversas frentes de atividades onde atuou, destacou-se como operoso, sábio, erudito e honesto.

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho (1867-1920), fundador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, editou um livro sobre Pereira Barreto, em 1915, “por ocasião das festas promovidas para a consagração do médico que durante 50 anos prestara os mais assinalados e dedicados serviços à população paulista”.

O nome de Pereira Barreto está perpetuado em grandes vias públicas do ABC, Araçatuba, São Paulo, Ribeirão Preto e Mongaguá. Possui uma escultura de bronze na Praça Marechal Teodoro da capital e dá o nome ao centro acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, na Vila Clementino. É o patrono da cadeira nº 1 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Por fim deve-se mencionar que o município de Pereira Barreto, no interior de São Paulo, considerado paraíso ecológico graças ao grande lago de água doce que rodeia a cidade, recebeu esse nome em homenagem ao médico Luiz Pereira Barreto.

Cadeira nº 2 – Patrono

Octávio de Carvalho 1891-1973



Helio Begliomini¹

Octávio de Carvalho nasceu aos 9 de julho de 1891, em São Carlos do Pinhal, na primitiva Fazenda do Canxim que, posteriormente, tornou-se fazenda modelo do governo do estado de São Paulo.

Graduou-se, em 1915, pela Faculdade Nacional de Medicina, na cidade do Rio de Janeiro. Discípulo do professor Miguel Pereira, defendeu tese de doutoramento sobre **Febre Tifoide**, conquistando com essa monografia o prêmio “Torres Homem²”, outorgado pela congregação da faculdade.

Realizou estágios de aprimoramento na Clínica Mayo, nos Estados Unidos da América do Norte, assim como na França, Alemanha e Áustria.

Octávio de Carvalho foi o grande protagonista da criação da Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sonho concretizado em 15 de junho de 1933, e tendo como cofundadores os professores Afrânio do Amaral³, Antônio Carlos Pacheco e Silva⁴, Marcos Lindenberg, Otto Bier⁵ e Pedro de Alcântara.

Durante os primeiros dois anos, a EPM foi estabelecida na Rua Oscar Porto, nas dependências do antigo Colégio Dulley, na Vila Mariana. Em 1935, Octávio de Carvalho conseguiu com o então diretor da Caixa Econômica Federal de São Paulo, Samuel Ribeiro, fundos para a aquisição da Chácara Schiffini, situada na Rua Botucatu, no bairro de Vila Clementino. Aí fora planejado o futuro Hospital São Paulo, não somente necessário à formação acadêmica, mas também imprescindível a que a novel escola obtivesse reconhecimento perante o Conselho Nacional de Educação.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 João Vicente Torres Homem é o patrono da cadeira nº 70 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Afrânio do Amaral foi diretor do Instituto Butantã e pertenceu à Academia Paulista de Letras.

4 Antônio Carlos Pacheco e Silva foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1933-1934, e é o patrono da cadeira nº 127 desse sodalício.

5 Otto Guilherme Bier é o patrono da cadeira nº 104 da Academia de Medicina de São Paulo.

Segundo seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz⁶, “graças ao apoio recebido de dona Maria Tereza Nogueira de Azevedo, em 75 dias estava pronto o pavilhão que levou seu nome, sede provisória do Hospital São Paulo, no qual se instalaram 100 leitos e o laboratório central.

Visando elevar o nível dos estudos e das pesquisas, a escola fez vir da Alemanha o professor Walter Büngeler que, durante cinco anos, realizou trabalho dos mais profícuos.

As obras do Hospital São Paulo, projetadas para 12 andares com 800 leitos, foram iniciadas em 1936. Em 1938 a Escola Paulista de Medicina era oficialmente reconhecida. A primeira turma diplomada pela escola colou grau em dezembro de 1938, sendo orador o doutorando Celso Menzel de Godoy.”

Em 1956, apenas 23 anos após sua fundação, a EPM foi federalizada, ocasião em que foi oficializado todo o corpo docente dessa renomada instituição de ensino.

Octávio de Carvalho não somente foi fundador, diretor, esteio e o consolidador da EPM, mas, dentre o corpo docente, atuou na cátedra de clínica médica, deixando-a em 9 de julho de 1961, compulsoriamente, por ter atingido a idade limite de 70 anos, prevista pela Constituição Federal.

Octávio de Carvalho publicou diversos trabalhos, particularmente sobre úlceras gastroduodenais, hipertensão arterial e um novo método para o diagnóstico radiológico de apendicites.

Felipe Figliolini, seu contemporâneo de profissão, assim se expressou sobre Octávio de Carvalho: “Para tudo imaginava uma diretriz salvadora; para tudo criava e combinava a medicação heroica. Aquilo que para nós não passava de paisagem lusco-fusco, onde mal delineávamos contornos esvaídos, era para ele claro, diáfano, lógico, coisa resolvida”.

Octávio de Carvalho transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro após a sua aposentadoria, onde publicou o livro **História da Escola Paulista de Medicina** (1969, Editora Borsoi, 48 páginas). Aí faleceu em 1973, octogenário.

Fauze Carlos, médico e ex-secretário de Estado da Saúde dos governos de Jânio Quadros e de Carvalho Pinto, referiu que ele “nunca deixou de ser o grande, o incorrigível sonhador. Tudo nele significava luta, ação, iniciativa, impacto, crença, esperança, trabalho, controvérsia – numa palavra: mocidade. Individualidade e senso social: eis o sentido da existência e obra do professor Octávio de Carvalho. Emérito professor de clínica médica, transmitiu a várias gerações a segurança de sua mais alta competência. A dívida de gratidão de São Paulo a Octávio de Carvalho dificilmente poderá ser resgatada. Seu nome estará gravado para sempre como um dos maiores vultos do ensino médico no Brasil, tal a projeção que esse modelar estabelecimento granjeou no decorrer dos anos, atravessando as idades de nosso estado. A sua vida passou, mas a sua obra e sua memória permanecerão imorredouras para a posteridade”.

A EPM perenizou Octávio de Carvalho com um monumento em sua homenagem. Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 2 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, e com uma rua no bairro São José da capital paulista.

6 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo por um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Cadeira nº 3 – Patrono **Admissão: 16/11/1938**

Rodolpho de Freitas
1899-1974

Helio Begliomini¹



Rodolpho de Freitas nasceu em São Paulo em 1899 e cursou o ensino primário e secundário na rede pública estadual. Era o mais novo de uma família de dez filhos. Era sobrinho do senador Herculano de Freitas. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e nela estudou até o 3º ano. Seu pai era professor de direito constitucional e ex-diretor da Faculdade de Direito da USP. Em virtude de nomeação para exercer o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal, transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, onde Rodolpho de Freitas concluiu os três anos restantes na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, diplomando-se em 1927.

Durante o tempo de acadêmico foi interno do professor Jorge de Gouveia, que praticamente introduziu a urologia no Brasil.

Voltando a São Paulo, trabalhou na Santa Casa de Misericórdia no serviço do professor Ayres Netto e, em 1933, com a fundação da Escola Paulista de Medicina (EPM) por Octávio de Carvalho, tornou-se cofundador, sendo por ele indicado para ministrar a disciplina de urologia.

Rodolpho de Freitas amou sua terra natal. Foi combatente no Movimento Constitucionalista de 1932 e também tomou parte no movimento revolucionário de 1964.

Em 1937 voltou à cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhou por algum tempo no Hospital São Francisco de Assis, sob a chefia de Jorge de Gouveia. Lá, submeteu-se a um concurso público de livre-docência na disciplina de urologia, então regida por Alcindo Figueiredo Baena.

Retornou a São Paulo e instalou efetivamente a cátedra de urologia na EPM, ministrando aula inaugural em 18 de março de 1937 para os alunos do 5º ano, que versava sobre “Definição, Conceito e Relações de Urologia”. Realizou a primeira cistectomia radical no Brasil. Atuou como professor catedrático durante 32 anos (!), até a sua aposentadoria compulsória, em 1965. Teve o mérito de se cercar de excelentes colaboradores que o auxiliaram no desenvolvimento da especialidade na EPM. Exerceu também a chefia do serviço de urologia do Hospital do Mandaqui.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Rodolpho de Freitas escreveu um livro sobre **Cirurgia Conservadora nas Nefropatias**, obra que lhe proporcionou uma cadeira na Academia de Medicina de São Paulo. Dentre outras entidades a que pertenceu salientam-se: Associação Paulista de Medicina, Associação Médica Brasileira e *International College of Surgeons*.

Publicou, em colaboração com seu assistente Afiz Sadi, que haveria de substituí-lo na disciplina, cerca de 40 trabalhos científicos, muitos em revistas do exterior. Igualmente, foi editor-associado do livro **Urologia Clínica e Cirúrgica**, de autoria de Afiz Sadi.

Participou e apresentou trabalhos em mais de uma dezena de congressos no Brasil e no exterior. Foi correspondente brasileiro da revista “Urologia Internationalis” editada na Basileia. Representou oficialmente, em 1952, a delegação brasileira em dois congressos do *International College of Surgeons* realizados em Madrid e em Buenos Aires.

Em 1961, no congresso da Sociedade Internacional de Urologia, apresentou, em colaboração com seus assistentes, 11 trabalhos científicos.

Fez parte de várias bancas examinadoras de concursos em São Paulo e noutros estados do país, quer para doutoramento, docência-livre ou cátedra. Teve a honra de ser escolhido como paraninfo de três turmas de médicos na Escola Paulista de Medicina: a de 1947, 1953 e 1957.

Em seu comovente discurso como paraninfo da turma de formandos de 1957 assim consignou: “(...). *A falta de espírito de classe generalizada entre os médicos; o abandono por parte dos médicos de posições, de situações, de prerrogativa que só eles possuíam, tiveram como resultantes a proletarização do médico, a mercenarização do médico, a desconsideração da classe médica que perdeu a majestade de seu sacerdócio, a posição de preeminência social que sempre desfrutou.*

O médico está se tornando um vendedor de diagnósticos, um vendedor de tratamentos. Desapareceu a figura respeitável do médico de família, do amigo, do conselheiro, daquele que se voltava tanto para os problemas físicos, para as queixas e os sofrimentos oriundos das doenças, quanto para os problemas morais, do espírito, da alma de seus clientes.

(...). Ide, praticai e professai a medicina. Sede humanos e não vos esqueçais jamais a palavra que de meu Pai recebi e que como pai espiritual transmito a cada um de vós: Nunca se esqueçam que o médico não pode ser medíocre”.

Rodolpho de Freitas exerceu a medicina com dignidade, probidade e honra; foi humano em todos os seus aspectos. Ao despedir-se da cátedra em 1965 – no auge de sua atividade mental e intelectual – pronunciou uma bela oração: “Missão Cumprida”, recordando sua fecunda carreira docente e profissional. Faleceu em 1974.

Cadeira nº 4 – Patrono

**Mário Rubens Guimarães
Montenegro
1923-2005**



Helio Begliomini¹

Mário Rubens Guimarães Montenegro nasceu em 1923. Graduiu-se em 1946 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Durante o curso médico foi carinhosamente apelidado de o “Monte”. Logo após sua formatura, ingressou como assistente no Departamento de Anatomia Patológica dessa instituição, à época chefiada pelo professor Ludgero da Cunha Motta.

Em 1954, Mário Montenegro foi agraciado com bolsa de estudos para aperfeiçoamento nos Estados Unidos da América (EUA) pela *Kellogg's Foundation*. Trabalhou por quase dois anos com o professor Damin, no Departamento de Patologia do *Peter Bent Brigham Hospital* da *Harvard University*. Sua grande competência, associada às qualidades pessoais, fez com que ele, em seis meses, deixasse de exercer naquela instituição atividades semelhantes às de um residente e fosse promovido a assistente do departamento. Ao lado das atividades rotineiras foi incluído dentro de um dos grupos mais importantes e pioneiros em nefropatologia que tiveram seu apogeu com Frank J. Dixon e Rodriguez, que trabalharam com modelo animal da doença do soro em coelhos, estudando e reproduzindo nefropatias experimentais, que contribuíram de maneira definitiva para a compreensão patogenética daquelas similares ocorridas no homem. Essa fascinante e importante linha de pesquisa, entretanto, não pôde ser continuada no Brasil, mas consignou o nome de Montenegro num dos trabalhos pioneiros sobre esse assunto.

Após seu regresso continuou a tarefa de formar discípulos. Entre muitos que trabalharam com ele e receberam sua influência têm-se: Luiz Celso Mattosinho França², então residente e aprendiz de neuropatologia do departamento; Adonis de Carvalho; Zilton Andrade e, posteriormente, Kiyoshi Iriya e Lor Cury.

Sua atividade científica prosseguia com repercussões no exterior. *Pari passu* começou a participar de estudos internacionais da arteriosclerose, os quais propiciaram

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Primeiro ocupante e membro emérito da cadeira nº 4 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Mário Rubens Guimarães Montenegro e presidente desse sodalício durante um mandato bienal entre 1999-2000.

a ele uma série de viagens e trabalhos extremamente importantes de cunho epidemiológico, muitos deles citados na literatura e fazendo parte de obras da época. A partir desses conhecimentos surgiu sua tese de livre-docência no Departamento de Anatomia Patológica da FMUSP, ocasião em que era professor Constantino Mignone. Nessa época, lutou contra a corrente em voga, pela introdução e valorização das biópsias por agulha, particularmente as de fígado, como um importante instrumento diagnóstico.

Posteriormente, desligou-se do departamento e transferiu-se para a nascente Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), mais tarde denominada de Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp). Mário Montenegro foi um dos principais responsáveis pela sua fundação, em 1962. Nessa instituição, além de investigador, demonstrou outra faceta importante de sua personalidade, a de administrador.

A grande maioria dos docentes, pioneiros do *campus* de Botucatu, foi atraída à novel faculdade por seu dinamismo e magnetismo. No início, um pequeno grupo de patologistas, incluindo Lor, Kunie, Celso, Cristina, Viciany e Marcello Franco, começaram, sob sua condução, praticamente a partir do nada, a edificar aquele que viria a ser um departamento de patologia que exerceu grande influência na história da especialidade no Brasil.

De acordo com o seu discípulo Marcello Fabiano de Franco³, “sob a visão e o estímulo do mestre, tivemos todas as oportunidades para crescermos nas três áreas de atuação acadêmica: docência, assistência e pesquisa. Assim foi possível construir um departamento moderno, contemporâneo, que aglutinou e formou numerosos professores, anatomopatologistas e pesquisadores, hoje espalhados em vários centros médicos país afora”.

“Além de sua inteligência, visão ampla da patologia como especialidade multidisciplinar, sua enorme capacidade de aglutinar, Montenegro foi chefe de escola e altamente generoso. Deu todas as chances de crescimento para cada um de nós, estimulou a que nos diferenciássemos, que estagiássemos no exterior, que fizéssemos a carreira universitária, sempre sem medo de que ficássemos melhores do que ele. Na verdade, tinha orgulho de nossas vitórias e conquistas”.

“Nunca lutou por cargos de direção, de poder, mantendo sempre atuação essencialmente acadêmica, universitária. Essa visão marcada pela ideia-mãe da FCMBB, que oferecia um curso básico único, multidisciplinar, a todos os estudantes, que depois então optavam por medicina, biologia ou veterinária, permitia grande integração entre as áreas básica e aplicada, tendo como paradigma o curso de agressão e defesa, onde a anatomia patológica era ministrada em conjunto com a microbiologia, parasitologia, epidemiologia e imunologia”.

“Com base nesse enfoque, a patologia de Botucatu exerceu papel fundamental na filosofia da instituição, no sentido da importância da integração anatomoclínica, com ênfase nos mecanismos patogênicos e na fisiopatologia”.

“Mário Montenegro dedicou-se a três projetos que foram revolucionários e inovadores para todos nós: 1) Projeto Nutes-Clattes, que nos propiciou treinamento e

3 Marcello Fabiano de Franco é membro titular e o segundo ocupante da cadeira nº 104 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Otto Guilherme Bier.

formação em pedagogia médica; 2) Decisão de escrevermos um livro de patologia geral conciso, que pudesse ser utilizado pelos professores e alunos dos vários cursos da área de saúde; 3) Criação do Grupo de Estudo de Paracoccidiodomicose do *campus* de Botucatu. Montenegro foi pioneiro na utilização de modelos experimentais da micose para a integração dos achados morfológicos e da resposta imunológica do hospedeiro. Essa abordagem levou a formação do grupo multidisciplinar de paracoccidiodomicose de Botucatu, consolidando-o internacionalmente”.

Mário Montenegro fundou também o curso de pós-graduação em patologia, que trouxe renovado vigor à pesquisa na instituição, pois agregava um grupo de pesquisadores não médicos, ressaltando assim a importância da pesquisa em patologia com profissionais de diferentes formações.

Aposentou-se como professor emérito relativamente cedo, a fim de que sua vaga pudesse ser ocupada por uma jovem patologista do grupo. Porém, mesmo após a sua aposentadoria, continuou trabalhando normalmente, participando da rotina das reuniões de autópsia e como consultor em patologia do sistema nervoso central.

Foi presidente de criação da Associação Atlética Botucatuense e recebeu o título de cidadão botucatuense por sua contribuição ao desenvolvimento do *campus* da Unesp, em Botucatu.

Montenegro foi um esposo e pai muito dedicado e amado. Casou-se em primeiras núpcias com Maria Silvia Alves de Lima, falecida, tendo com ela o filho Roberto Alves de Lima Montenegro. Casou-se em segundas núpcias com a dra. Edy de Lello Montenegro. Desse conúbio nasceram Álvaro e Renata, e os netos Érica, Silvana, Roberto e Karina.

Mário Rubens Guimarães Montenegro faleceu no dia 11 de fevereiro de 2005, aos 82 anos, deixando uma grande lacuna na comunidade médica paulista, particularmente na cidade de Botucatu.

Seu corpo foi velado por amigos, docentes, alunos e servidores da instituição no Anfiteatro do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Unesp, sendo conduzido, no início da noite, ao Crematório de Vila Alpina, na capital paulista.

Em Botucatu sua atuação e influência foram tão amplas e marcantes que a congregação da faculdade de medicina decidiu dar o nome de “Casa de Montenegro” à instituição, de modo similar à FMUSP, que é a “Casa de Arnaldo”, em homenagem ao seu fundador, professor Arnaldo Vieira de Carvalho⁴.

Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 4 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

⁴ Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Cadeira nº 5 – Patrono

Alfonso Splendore 1871-1953

Affonso Renato Meira¹



Alfonso Splendore, nascido na Itália em 25 de abril de 1871, em Fagnano Castelo, província de Cosenza, na Calabria, filho de Luigi Splendore e de Gaetana Galo, estudou em Fagnano Castelo (o curso elementar) e em Nápoles (o curso médio), para formar-se em medicina e cirurgia na Universidade de Roma, tendo se doutorado em 24 de julho de 1897. Foi por três anos assistente voluntário no Istituto di Igiene de Roma até 1899, quando, desejoso de ampliar seus conhecimentos sobre as doenças existentes nos trópicos, resolveu viajar para o Brasil, embarcando como médico de bordo em navio com esse destino. No Brasil, escolheu a cidade de São Paulo para morar, apesar de ter sido legalmente autorizado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a exercer sua profissão em todos os estados brasileiros. Poucos meses após a sua chegada casou-se com Marieta Schiffini, nascida em Orsomarso, província de Cosenza, Calabria, filha de Antonia e do Cavaleiro da Coroa de Itália Luigi Schiffini, pessoa de posses e de proeminência na colônia italiana da cidade de São Paulo.

Nos primeiros dez anos de 1900, em São Paulo, Splendore foi clínico, realizou cirurgias e dirigiu os laboratórios do Hospital da Real Beneficente Sociedade de Beneficência Portuguesa de São Paulo e do Hospital Humberto Primo, do qual foi o fundador do laboratório bacteriológico. Nessa época foi companheiro de Adolfo Lutz em pesquisas feitas no Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo. Realizou inúmeros trabalhos que apresentou em congressos internacionais, versando não só sobre o toxoplasma, mas, também, sobre esporotricose, boubá, miíase, leishmaniose, com realce para a blastomicose sul-americana. Foi ele quem descreveu esse tipo especial de micose, demonstrando ser o seu agente um cogumelo que denominou *Zymonema braziliense*. Pesquisas realizadas por Lutz e, posteriormente, por Almeida, confirmaram esse trabalho, sendo que a denominação da espécie do agente etiológico, atualmente, denominado *Paracoccidioides brasiliense*, foi mantida em sua homenagem, e a doença é conhecida como “Moléstia de Lutz-Splendore-Almeida”.

1 Presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 2010-2012 e 2013-2014. Titular e emérito da cadeira nº 5 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Alfonso Splendore.

Nota: Alfonso Splendore foi avô, por parte de mãe, do fundador da cadeira nº 5, Affonso Renato Meira.

Com 37 anos de idade, 11 anos de formado e 8 anos de residência e de pesquisas no Brasil, Alfonso Splendore, com os limitados recursos da época, publicou no volume III, nºs 1-2 de 1908, da “Revista da Sociedade Científica de São Paulo”, uma nota preventiva do que havia verificado na necropsia de coelho realizada no laboratório do Hospital da Real e Beneficente Sociedade de Beneficência Portuguesa de São Paulo. Nela descrevia o microorganismo que, mais tarde, classificou como toxoplasma. Essa nota foi apresentada no dia 16 de julho, anteriormente à apresentação de Nicolle e Manceaux realizada em 26 de outubro de 1908.

Anteriormente, em 1903, já havia conjuntamente com Adolfo Lutz publicado na “Revista de Patologia Vegetal” uma contribuição ao conhecimento do *Sporozoiari brasiliiani*. Essa publicação constitui testemunho da capacidade e do nível dos seus trabalhos, assim como da sua precoce condição de pesquisador. Em 1903 Alfonso Splendore tinha 32 anos de idade, seis anos de formado e três anos de residência em São Paulo, mas já tinha realizado uma pesquisa cujo resultado foi apresentado a uma revista de nível internacional e tendo como coautor Adolfo Lutz, cientista brasileiro de renome internacional.

Considerado como o pesquisador que primeiro visualizou o agente da toxoplasmose, relata Splendore em seu trabalho publicado em 13 de outubro de 1909, no Bulletin de La Société de Pathologie Exotique, sob o título “*Sur um Nouveau Protozoaire Parasite de Lapin*”, qual a razão da denominação do microorganismo que havia observado em coelho, depois de analisar as preparações que amavelmente lhe haviam sido enviadas por M. Nicolle. “*Il n’y a pas de doute, cependant, que ces 2 espèces de Protozoaires doivent être classées dans le même genre et, puisque M. Nicolle a déjà proposé le nom de Toxoplasma pour indiquer la forme en arc des corpuscules, j’appellerai, au moins provisoirement, le parasite de lapin Toxoplasma cuniculi*”. Coube, portanto, também a Alfonso Splendore a consagração da denominação desse agente, então, recentemente visualizado. Porém, mais que isso se deve a ele, pois em 1912, no I Congresso Internacional de Patologia Comparada, realizado em Paris, intuiu a importância de sua descoberta ao afirmar “*... non dovremmo meravigliarci se questa malattia in un avvenire più o meno prossimo fosse riscontrata anche nell’uomo...*”

Na realidade os estudos de Splendore foram mais valiosos que os de Nicole e Manceaux nos primórdios do conhecimento dessa moléstia. A prioridade da revelação, entretanto, coube aos dois e não a ele, vez que estava no Brasil, longe dos meios mais rápidos de comunicação.

Em 1910, com três filhos brasileiros, resolveu retornar à Itália. Nesse país outro importante estudo foi realizado durante a Primeira Grande Guerra. Com a patente de coronel médico do exército italiano, recebeu solicitação do Ministério da Agricultura para estudar, em 1916, o arvicole “*Pitymys Savii Selys*”, um pequeno roedor que na região de Puglia destruía as plantações de cereais e principalmente o trigo. Esse trabalho tinha como objetivo reconhecer o agente patológico causador da morte desses roedores e travar uma luta biológica contra o depravador dessas plantações. Dos arvicoles encontrados mortos, Splendore conseguiu isolar micro-organismos que, inoculados em outros apanhados vivos, levaram a provocar a disseminação de uma moléstia letal entre esses roedores. O efeito dessa luta biológica foi a diminuição progressiva dos

predadores dos cereais, salvando a produção desses alimentos. Para isso, Splendore realizou um levantamento de todos os parasitas desse roedor, denominando os não conhecidos, e desenhou todos os encontrados. Esse estudo, menos conhecido internacionalmente, é de uma complexidade, de uma abrangência e de uma relevância dificilmente encontradas quando realizado por um só pesquisador.

Pelo conjunto de seus estudos e pesquisas foi agraciado com a comenda da Coroa Italiana. Em 1920 voltou definitivamente ao Brasil e à vida privada, afastando-se das pesquisas laboratoriais e das ciências médicas. Recebeu diversos convites para voltar à docência na Itália e a todos recusou. Splendore faleceu em 30 de abril de 1953, deixando sete filhos.

Cadeira nº 6 – Patrono

Nagib Faris Michalany 1884-1946



Helio Begliomini¹

Nagib Faris Michalany nasceu em 6 de janeiro de 1884, em Beirute (Líbano), encantadora cidade de mar, montanha, areia e neve, à época, uma província autônoma do Império Otomano. Era membro de uma ilustre família de intelectuais, altamente relacionada com o governo anglo-egípcio.

Desde cedo revelou sua vocação para a medicina, ingressando no curso preparatório e, posteriormente, no de medicina, no *Syrian Protestant College*, hoje, *American University of Beirut* (Figura 2).

Graduou-se com apenas 21 anos, recebendo seu diploma em 1905, pela Faculdade de Medicina de Constantinopla, durante o sultanato de Abdul Hamid II. Além de ter se revelado um dos melhores alunos, pois recebeu vários prêmios em diversas disciplinas, era um entusiasta do esporte. Foi um excelente nadador e durante muito tempo o líder do time de futebol do colégio.

Após sua formatura partiu para Londres, a fim de se aperfeiçoar em cirurgia, estagiando durante três anos no *Saint Bartholomew's Hospital*. Regressou, em 1908, ao Líbano, sendo logo depois nomeado inspetor sanitário do governo anglo-egípcio e destacado para trabalhar em Cartum, Sudão. Exerceu esse cargo durante três anos, quer permanecendo no hospital quer percorrendo a camelo ou em jumento os tórridos desertos para atender a quaisquer casos – clínicos ou cirúrgicos – desde oficiais britânicos e egípcios até soldados e aborígenes sudaneses. Experimentou tristes episódios como a morte quase instantânea de seu enfermeiro sudanês picado por um escorpião negro. Nagib Michalany viveu numa época de apogeu do Império Britânico e, por causa do relacionamento de sua família com o governo anglo-egípcio, teve a oportunidade de conhecer pessoalmente ilustres personagens, entre eles Winston Churchill².

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

² Sir Winston Leonard Spencer-Churchill (1874-1965) destacou-se posteriormente como político, estadista, escritor, jornalista, orador e historiador britânico, famoso principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a II Guerra Mundial. Ele foi primeiro-ministro por duas vezes (1940-1945 e 1951-1955). Ele é o único primeiro-ministro britânico a ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura e o primeiro Cidadão Honorário dos Estados Unidos.



Figura 2 - *Syrian Protestant College*, fundado em 3 de dezembro de 1866. manteve esse nome até 17 de novembro de 1920, quando passou a ser chamado de *American University of Beirut*.

Cansado do Sudão, resolveu imigrar para o Brasil, aonde chegou em 1911 e tornou-se um dos primeiros médicos de nacionalidade sírio-libanesa a exercer a profissão no país.

Nagib Faris Michalany era filiado à escola médica anglo-americana. Entretanto, desejou não apenas revalidar seu diploma, mas também conhecer a influência da escola francesa na medicina brasileira. Segundo seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz³, “necessitando de meios para dedicar-se somente ao estudo, obteve do delegado de polícia, encarregado da fiscalização do exercício profissional, licença especial para clinicar em São Paulo, até ter um pecúlio suficiente para cuidar exclusivamente da revalidação de seu diploma. Clinicando e estudando de março de 1911 até agosto de 1912, permaneceu depois quase um ano no Rio de Janeiro, passando pelos exames de todas as cadeiras com invulgar brilhantismo”.

Regressou a São Paulo em julho de 1913 e estabeleceu seu consultório na Rua Florêncio de Abreu. Nesta capital também trabalhou no sanatório Santa Catarina como assistente do famoso cirurgião Walter Seng, com quem aprendeu ainda mais e a quem demonstrou, pela primeira vez, as técnicas cirúrgicas da escola anglo-americana, particularmente as de Murphy, Keen e Mayo.

Além de Walter Seng, manteve relações profissionais e de amizade com Antonio Cândido de Camargo⁴, Celestino Bourroul⁵, José Ayres Netto⁶, João Paulo Britto⁷, En-

3 Carlos da Silva Lacaz presidiu a Academia de Medicina de São Paulo num mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

4 Antônio Cândido de Camargo presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse sodalício.

5 Celestino Borroul presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse silogeu.

6 José Ayres Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse silogeu.

7 João Paulo da Cruz Britto é patrono da cadeira nº 27 da Academia de Medicina de São Paulo.

jolras Vampré⁸, Antonio Carini, Zepherino do Amaral⁹, Eduardo Monteiro¹⁰, Paulino Longo¹¹ e outros expoentes da medicina paulista.

Por insistência de amigos, Nagib Michalany fundou, em 1918, um hospital em Ribeirão Bonito (SP), lá permanecendo até 1920. Contudo, retornou à capital e novamente instalou um amplo consultório na mesma Rua Florêncio de Abreu, com modernos equipamentos para executar pequenas cirurgias, onde atendeu a uma numerosa clientela que o procurava, dos mais distantes rincões do país. Posteriormente passou a operar no Instituto Paulista e foi um dos primeiros cirurgiões a levar sua clínica para a Casa de Saúde Santa Rita, onde permaneceu até o seu falecimento.

Durante a Revolução de 1932, tanto Nagib Faris Michalany quanto sua esposa, a italiana Victoria La Torraca, participaram intensamente da luta e ensinaram ao filho, Jorge Michalany¹², o amor pela terra que os hospedou. Apesar de sua participação nessa histórica epopeia paulista, Nagib Michalany teve, em 1935, a satisfação de receber do presidente Getúlio Vargas o título de Cidadão Brasileiro.

Segundo seu filho Jorge Michalany, seu pai “era um *largo al factotum* de medicina¹³, capacidade essa bem traduzida na placa do seu consultório ‘Médico-Operador-Parteiro’. Mas era sobretudo um exímio cirurgião geral, que dominava todos os campos, desde a amigdalectomia até a histerectomia; ambidestro, operava com rapidez, segurança, improvisação e arrojo, sabendo, no entanto, recuar diante de um perigo inevitável. Diagnosticador dos mais argutos, valia-se até do olfato para a descoberta das doenças”.

Nagib Michalany encarnou a medicina prática geral – a de família – exercendo seu mister com grande humanismo. Embora não fosse professor, não se omitia de fazer comunicações científicas à então Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Possuía apurada autocrítica e não se furtava em levar seus casos difíceis para serem discutidos e melhor esclarecidos com outros colegas.

Nagib Faris Michalany também possuía grande cultura humanística. Dominava o português, falando-o sem sotaque. Dedicou-se à literatura, particularmente a árabe e a inglesa, deixando vários ensaios que o revelavam um poeta aprimorado e de elevada inspiração. Faleceu na cidade de São Paulo em 1946, aos 62 anos.

8 Enjolras Vampré presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

9 Zepherino do Amaral presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1932-1933.

10 Eduardo Monteiro presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1945-1946.

11 Paulino Watt Longo é patrono da cadeira nº 85 da Academia de Medicina de São Paulo.

12 Jorge Michalany quando contava com 15 anos trabalhou como cabo-enfermeiro na Revolução de 1932. Sob influência de seus pais, mais tarde diria: “Sou paulista, paulistano, nascido no distrito da Sé, e não admito que ninguém fale mal de São Paulo”. Foi membro titular, emérito e o primeiro ocupante da cadeira nº 6 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Nagib Faris Michalany.

13 A expressão “*factotum*.” pode ser traduzida por “pessoa que faz tudo ou apta a solucionar tudo”.

Cadeira nº 7 – Patrono
Data de admissão: 1/6/1938

**Mathias Octavio
Roxo Nobre
1907-1979**



Paulo Kassab¹

Mathias Octavio Roxo Nobre nasceu em 15 de dezembro de 1907, em Jaú (SP). Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1933. Foi radiologista e um pioneiro da radioterapia no Brasil, tendo publicado 66 trabalhos e ministrado 300 aulas em vários cursos, além de 50 conferências.

Quando da fundação do Colégio Brasileiro de Radiologia, em 11 de setembro de 1948, assinou a ata de fundação dessa associação e, em 1959, quando a entidade se instalou definitivamente em São Paulo, cedeu, gentilmente, sua sala, na Avenida Angélica nº 1170, onde, durante oito anos, funcionou a secretaria executiva do Colégio Brasileiro de Radiologia.

Casou-se em 30 de novembro de 1934 com Alice Rodrigues Dias com quem teve seis filhos.

Em 1939 iniciou o tratamento radioterápico ambulatorial dos pacientes da Escola Paulista de Medicina. Juntamente com Antônio Prudente, foi pioneiro da Associação Paulista de Combate ao Câncer em 1940. Recebeu, em 1975, das mãos do Dr. Shiguo Watanabe (Figura 2), o título de membro honorário da Associação Brasileira de Física Médica.

¹ Titular da cadeira nº 7 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Mathias Octavio Roxo Nobre.

Nótula: A redação de acordo com o perfil desta secção foi elaborada pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.



Figura 2 – Shiguo Watanabe e Mathias Octavio Roxo Nobre.

Mathias Nobre foi um formador e deixou muitos discípulos. Um de seus seguidores, Oswaldo Peres, assim escreveu: “Acima de tudo era um profissional engajado numa especialidade que o levou a incessantes pesquisas e observações que, hoje, formam o legado de seus extraordinários trabalhos distribuídos em monografias, relatórios, conferências e seminários. Um abnegado e um simples. Um idealista no sentido dos criteriosos avanços nos estudos oncológicos e radioterápicos. Eis uma vez o quadro de uma laboriosa existência, a serviço do bem, da solidariedade e do amor ao próximo”. (...) “Um evangelista da saúde e do bem-estar, um cauterizador de sofrimentos, um benfeitor da humanidade”.

Mathias Octavio Roxo Nobre faleceu na cidade de São Paulo, em 25 de maio de 1979, aos 71 anos de idade.

Cadeira nº 8 – Patrono

Admissão: 3/3/1959

**Durval Sarmento da
Rosa Borges**
1912-1999



Durval Rosa Borges¹

Durval Sarmento da Rosa Borges nasceu no Recife, em 18 de agosto de 1912, e faleceu em São Paulo, em 10 de julho de 1999. Sempre usou, social e profissionalmente, o nome Durval Rosa Borges, e não seu nome completo. As inevitáveis confusões com seu filho, Durval Rosa Borges, também médico, para ele eram diversão e para o filho motivo de orgulho.

Aos 16 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou médico em 1933, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (Praia Vermelha). Mas veio para São Paulo onde, em março de 1936, inaugurou seu laboratório de análises. Assim relatou sua aproximação, por etapas, com a cidade de São Paulo:

Chamava-se Pensão Bandeirante e nela, no ano de 1931, viriam pernoitar, em quatro camas paralelas, quatro estudantes pernambucanos do Rio de Janeiro, se iniciando em São Paulo. Situava-se o importante estabelecimento hoteleiro numa Praça da Sé que não mais existe.

O segundo contato foi no dia 1º de julho de 1932, começo de quinzena de férias e colhi da meio caminho pelo movimento cívico de São Paulo; nele ingressei no Serviço Público, deixando a família sem notícias durante três meses. Retornei no Trem Sanitário, acompanhando os doentes e feridos que se destinavam aos hospitais da capital, então pacificada.

O “contato imediato” e final “de 3ª grau” se daria simbolicamente no dia 31 de dezembro de 1935 quando aqui desembarquei de trem, para começar Novo Ano e a carreira de médico. Na realidade iniciei uma nova vida.

A afinidade com a terra e com a gente escolhidas foi completa, pois aqui encontrara a mesma formação familiar do Nordeste, acrescida de elementos novos de outras culturas e de outras épocas. Sentia-me, entretanto, no Brasil e não atemorizava em pisar chão diferente, apesar de trazer comigo apenas o nome e nenhum outro recurso senão a vontade de trabalhar. E em São Paulo estes dois elementos serão sempre suficientes para começar.

No início ele trabalhava só no laboratório: recebia o paciente, preenchia a ficha, colhia o material necessário, realizava os exames, datilografava os resultados e os entregava ao paciente. A sorologia foi a área de seu particular interesse, tendo es-

¹ Titular e emérito da cadeira nº 8 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Durval Sarmento da Rosa Borges.

tagiado em 1953, com bolsa da Organização Mundial de Saúde, com pesquisadores norte-americanos dedicados ao controle de moléstias venéreas: R. Kahn (em Ann Arbor), S. Olanski (no VDRL na Geórgia) e E. Maltaner (em Albany).

Na década de 1940 publicou 3 livros: **Estudos sobre a Sífilis** (Livraria Ateneu, 1941), **Socialização da Medicina** (Editora Civilização Brasileira, 1943) e **Seguro Social no Brasil** (Livraria José Olympio Editora, 1948). No período de 1954 a 1963 foi assistente da cadeira de microbiologia e imunologia aplicadas da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Representou esta faculdade em Genebra por ocasião da Conferência Internacional de Poliomielite (1957). Publicou, em 1959, “Laboratório de Análises Clínicas em São Paulo. Pequena Contribuição à sua História” (Suplemento 1 do volume 55 da Revista Paulista de Medicina), trabalho laureado com o Prêmio “José Almeida Camargo”, conferido pela Associação Paulista de Medicina.

Sua vida associativa foi intensa e, dado seu temperamento, por vezes conflituosa. Na Associação Paulista de Medicina (APM) foi presidente do Departamento de Previdência no período 1946-1952, quando foi criado o selo médico; e presidente do Departamento de Cultura Geral de 1960 a 1963. Foi representante da APM na criação da Associação Médica Brasileira (Belo Horizonte, 1951). Presidiu a Academia de Medicina de São Paulo no biênio 1966-1967 e o Rotary Club de São Paulo no período de seu cinquentenário (1973-1974). Piloto amador que era, no Rotary, coordenou a edição do livro **O Vôo da Paz**, e entregou um exemplar pessoalmente ao Papa João Paulo II, em Roma.

Viajante, foi o primeiro brasileiro a ir à Antártida, onde desfraldou a bandeira do Brasil. Desta aventura resultou o livro **Um Brasileiro na Antártida** (edição da Sociedade Geográfica Brasileira, 1959). Caçador, reuniu lembranças no livro **Amanhã Pode Chover** (Martins Fontes Editora, 1978). Sonhador, escreveu **Nove Histórias Fantásticas e uma Verdadeira** (Editora Klaxon, 1981). Para o lançamento desse livro escreveu o monólogo “Autobiografia do Enfarte do Otimista”, lido na ocasião por seu amigo Paulo Autran.

Fazendeiro, criou gado em Angatuba, no interior de São Paulo, e, a seu estilo, nas margens do Rio Araguaia. Filho do Capibaribe encantou-se com o Araguaia e escreveu **Rio Araguaia – Corpo e Alma** (Editora da Universidade de São Paulo, 1987). Esse livro mereceu dos irmãos Villas Bôas o comentário: “O Araguaia é o único rio brasileiro que tem sua história bem contada. Nada escapou do historiador e do geógrafo. O rio foi descrito das nascentes à foz. As vilas, cidades e as gentes foram lembradas. Os índios, donos do rio, não foram esquecidos. O **Araguaia – Corpo e Alma** do historiador Rosa Borges atingiu plenamente aquilo a que se propôs”. (A marcha para o Oeste, Editora Globo, 1994, p. 611).

Além da clínica privada em seu laboratório atendeu, em diferentes períodos, institutos (como o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários) e hospitais. O envolvimento hospitalar mais significativo foi com a Beneficência Portuguesa de São Paulo, de 1969 a 1983. Ao deixar o hospital, o laboratório realizava 3.000 exames/dia; empreendimento só possível graças a seu precoce reconhecimento do papel da automação no laboratório de análises. Dois aspectos devem ser destacados nessa atu-

ação hospitalar. O primeiro aspecto é que a introdução da automação na rotina laboratorial foi acompanhada do desenvolvimento de programas próprios de controle de qualidade, divulgados em congressos e em revistas especializadas. O segundo aspecto é que àquela época os hospitais não tinham laboratórios, por incrível que isso possa hoje parecer. Existiam nos hospitais sistemas de coleta de material, material este que era levado a laboratórios externos, onde os exames eram realizados. Com o desenvolvimento da cirurgia cardíaca, essa distância entre laboratório e hospital passou a ser fator limitante. A implantação de um laboratório completo e autossuficiente dentro do hospital colaborou para o reconhecimento da medicina laboratorial como especialidade; a interação entre o corpo médico do laboratório e o corpo clínico do hospital passou a ser de 24 horas por dia, sete dias por semana.

Foi casado desde 1942 com Maria Albertina, filha do otorrinolaringologista José Eugenio de Paula Assis. O casal teve dois filhos (Durval e Alfredo) e seis netos. À esposa dedicou o poema “A Mão de Maria”, em cuja última estrofe se resume:

*História pequena
que eu contarei
começa e termina na mão de Maria
pedida, roubada, tomada, nem sei
E quem saberia?
Só sei que essa história,
que é minha e pequena
começa e termina na mão de Maria.*

Cadeira nº 9 – Patrono **Admissão: 25/4/1967**

Marcelo Pio da Silva
1915-1994



Helio Begliomini¹

Marcelo Pio da Silva, mais conhecido simplesmente por Marcelo Pio, nasceu no município de Casa Branca (SP), em 1915.

Graduou-se pela Escola Paulista de Medicina (EPM) em 1941. Ainda na condição de acadêmico, dedicou-se ao estudo do sistema hematopoético, atuando como monitor, em 1938, na cátedra de patologia geral, no serviço do professor Marcos Lindenberg. Fez estágio voluntário de 1939 a 1941 com o professor José Ória², na cadeira de histologia e embriologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), chefiada pelo professor Carmo Lordy. José Ória deu-lhe os ensinamentos sobre citomorfologia normal e patológica do sangue e dos órgãos hematopoéticos, tendo trabalhado como seu assistente extranumerário de 1943 a 1945.

Durante os anos de 1944, 1945 e 1946, num período de dois meses, Marcelo Pio frequentou o serviço do professor Alfredo Pavlovsky, especialista argentino, estudioso das hemopatias em geral, especialmente das coagulopatias hereditárias – hemofilias A e B. Além desses estágios na Argentina, viajou por centros europeus e americanos para conhecer sua organização e funcionamento, estando com os renomados professores Di Guglielmo, Fieschi, Astaldi, Jean Bernard, Undritz, Nathan Posenthal, Leon Jacobson e Oliver Jones.

Marcelo Pio fez sua carreira universitária na EPM, tendo sido nomeado em 1942, logo após a sua graduação, assistente voluntário de clínica propedêutica médica, chefiada pelo professor Jairo Ramos³. Aí ficou encarregado da direção do laboratório, realizando, em especial, os exames hematológicos.

Paralelamente, foi nomeado diretor do Serviço de Hematologia Clínica, cargo que ocupou até 1951, exercendo tanto funções assistenciais aos portadores de hemopatias, quanto funções docentes. De 1941 a 1951, o Serviço de Hematologia funcionou

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² José Ória é o patrono da cadeira nº 125 da Academia de Medicina de São Paulo.

³ Nota: Jairo de Almeida Ramos foi presidente num mandato anual entre 1939-1940 da Sociedade de Medicina de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 75 desse silogeu.

em situação precária como agregado do laboratório de clínica propedêutica. Em 1951, Jairo Ramos criou o Departamento de Clínica Médica, que, por sua vez, proporcionou a criação da disciplina de hematologia, a qual passou a ser dirigida por Marcelo Pio da Silva, que deu extraordinário avanço na especialidade.

Marcelo Pio conquistou a docência-livre em 1967 com a tese **Contribuição para o Estudo do Sangue Periférico e da Medula Óssea em Índios do Alto Xingu** e, por concurso, em 1971, tornou-se professor titular da disciplina de hematologia da EPM.

A hematologia evoluiu rapidamente e, já no início da década de 1970, havia vários docentes-livres na disciplina. Em 1976, segundo José Ribeiro do Valle, no Departamento de Medicina trabalhavam os seguintes professores dessa especialidade: Marcelo Pio da Silva (titular); Carlos Nogueira Ferraz, José Elias Cury, José Kerbauy e Celso Carlos de Campos Guerra⁴ (adjuntos), além de Renato Pasquin (assistente) e Mitie Matsumoto (auxiliar de ensino).

Assim, o início da hematologia na EPM se deve a Marcelo Pio, sendo não somente o responsável pela sua implantação, mas também pela maneira como influenciou de modo marcante a formação de toda uma geração de hematologistas que continuaram o seu trabalho, tornando-se, eles mesmos, novos incentivadores do seu desenvolvimento.

Segundo seus biógrafos Therezinha Ferreira Lorenzi e Michel Jamra⁵, através de dados bibliográficos compilados durante quatro décadas pelo professor José Kerbauy da EPM, Marcelo Pio da Silva não somente organizou a disciplina, mas formou grande número de hematologistas que atuaram em postos de destaque em diversas escolas de medicina do país. Dentre eles salientam: José Gastão da Cunha Jr. e Hélio Moraes de Souza da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, Uberaba (MG); Paulo Eduardo de Abreu Machado da Faculdade de Medicina de Botucatu – Universidade Estadual Paulista (Unesp); e Paulo Siufi da Faculdade de Medicina de Campo Grande (MS).

Marcelo Pio aposentou-se compulsoriamente em 1985, deixando numerosos seguidores e uma disciplina repleta de atividades que incluíam estudo continuado através de reuniões; cursos de aperfeiçoamento e, principalmente, curso de pós-graduação *stricto sensu*.

Marcelo Pio da Silva faleceu em 1994. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 9 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

4 Celso Carlos de Campos Guerra foi membro titular e o primeiro ocupante da cadeira nº 9 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Marcelo Pio da Silva.

5 Michel Abu-Jamra foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1969-1970.

Cadeira nº 10 – Patrono
Data de admissão: 19/12/1925

Flamínio Fávero
1895-1982



Djalma Camargo Outeiro Pinto¹

Flamínio Fávero formou-se em 1919, na primeira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que veio a se constituir numa das unidades da Universidade de São Paulo (USP).

Foi discípulo do professor Oscar Freire de Carvalho, catedrático de medicina legal. A convite desse mestre tornou-se, logo após a sua formatura, assistente da cátedra. Após o falecimento do professor Oscar Freire, tornou-se professor catedrático titular, por concurso, em 1923.

Flamínio Fávero foi diretor da Faculdade de Medicina da USP, tendo sido também professor de medicina legal da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

Dedicou toda a sua vida ao desenvolvimento da medicina legal, da deontologia médica e da medicina do trabalho.

Foi o idealizador do Conselho de Medicina, sendo o seu primeiro diretor na gestão de 1955 até 1958, e reeleito para a gestão seguinte (1958 -1964). Sua inscrição no Conselho Regional de Medicina de São Paulo é a de número 001.

De formação religiosa, foi pastor presbiteriano. Devotado ao ensino, orientou mais 160 teses de doutoramento.

1 Titular e emérito da cadeira nº 10 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Flamínio Fávero.

Nótulas:

1. As informações aditadas abaixo foram consignadas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2. Flamínio Fávero nasceu na cidade de São Paulo em 1895 e faleceu em 1982. Foi o primeiro presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo. Presidiu também o Sindicato dos Médicos de São Paulo; Conselho Penitenciário do Estado; Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo; Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Sociedade Paulista da História da Medicina; e a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo (1937-1938).

3. Flamínio Fávero destacou-se como escritor e conferencista; enriqueceu as letras médicas com magníficas obras e, dentre elas, o **Tratado de Medicina Legal**, adotado por muitas décadas como referência. Essa obra foi editada várias vezes, chegando a ter 3 volumes (1938; 1945; 1958; 1962; 1966; 1975; 1980 e 1991). São também de sua autoria: **A Questão Sexual** (conferência - 1930); **Código Penal Brasileiro – Crimes Contra a Saúde Pública** (1950) e **Código Penal Comentado** (1950).

Personalidade vibrante e forte, embora pessoa serena, ponderada e sábia, nela têm-se espelhado gerações de discípulos e assistentes que o vêm sucedendo através dos anos, mantendo sua obra no ensino da medicina legal e ética médica, e no exercício da cátedra que ele tanto enobreceu.

Foi homenageado pelo povo paulistano, representado pela Câmara Municipal e Prefeitura Municipal de São Paulo, numa das ruas da capital que recebeu seu nome: “Rua Professor Flamínio Fávero”.

A cadeira número 10 da Academia de Medicina de São Paulo foi enaltecida e ganhou novo fulgor ao ser patroneada com o nome do insigne mestre.

Cadeira nº 11 – Patrono

Admissão: 7/3/1895

**Arnaldo Augusto Vieira
de Carvalho**
1867-1920



Wilson Rubens Andreoni¹

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho² teve como berço a cidade de Campinas, na época, conhecida no estado de São Paulo como a “Cidade das Andorinhas”. Isto se deu no dia 5 de janeiro de 1867. Era filho de Carolina Xavier de Carvalho e de Joaquim José Vieira de Carvalho, advogado de nomeada, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo e professor de várias disciplinas; com muito prestígio profissional e político foi juiz municipal em Campinas, deputado estadual e senador, tendo participado de altos cargos em diversos governos estaduais.

Os historiadores André Mota e Maria Gabriela Marinho, da Universidade de São Paulo, organizadores do trabalho “Arnaldo Vieira de Carvalho e a Faculdade de Medicina: Práticas Médicas em São Paulo (1888-1938)”, comentam que: “em razão dessa biografia paterna, Arnaldo sentiu influência de seu sobrenome quando voltou a São Paulo, indo morar na Rua Ipiranga nº 18 (hoje Avenida Ipiranga), depois de sua diplomação em 1888, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”.

De fato, tem-se notícia de que logo após isso foi nomeado para cargos importantes, como consultor e assistente da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; médico responsável pela Hospedaria dos Imigrantes e, já em 1889, médico adjunto, cirurgião, vice-diretor clínico da Santa Casa. Em 1893, diretor do Instituto Vacinogênico, cargo que ocupou até 1913, e, finalmente, em 1894, indicado para chefe de clínica cirúrgica e, em seguida, diretor clínico do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Porém, a verdade era que já demonstrava qualidades e capacidades excepcionais e privilegiadas de trabalho no exercício de sua profissão, tanto na clínica médica e ginecologia, como também na cirurgia, além de forte pendor a gestor administrativo.

Em 1895, com a finalidade de agregar todos os médicos do estado, capitaneada pelo médico Luiz Pereira Barreto³ e tendo entre os seus membros eméritos fundado-

1 Titular da cadeira nº 11 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho.

2 Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

3 Luiz Pereira Barreto teve a honra de ser o primeiro presidente da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1895-1896.

res Arnaldo Vieira de Carvalho, foi fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo⁴. A partir daí, a ideia da implantação de uma faculdade de medicina teve mais ênfase, não devendo ser esquecido que, já em 1891, Arnaldo lutava para a sua abertura e, nesse ano, o governo criava a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia, que não chegou a ser instalada por falta de regulamentação.

Os historiadores acima citados fazem constar em seu trabalho que Arnaldo Vieira de Carvalho escrevia no jornal O Estado de S. Paulo sob o pseudônimo de “Epicarnus”. Opinava sobre a organização médica e política de saúde, crendo firmemente que a solução dos problemas gravíssimos existentes na assistência à saúde naquela época poderia ser dada quando os médicos fizessem parte ativa nas questões sociais e fisiológicas, ciências básicas da profissão (Figura 2).



Figura 2 – No portão do Hospital Umberto I (1904). Ao centro, Arnaldo Vieira de Carvalho, ladeado por Ayres Netto⁵, Felice Buccaglia⁶ e Raul Vieira de Carvalho⁷.

Em 1912 Arnaldo foi designado pelo então presidente do estado, Francisco de Paula Rodrigues Alves, com total apoio do secretário do Interior, Altino Arantes, para implantar definitivamente o ensino médico no estado de São Paulo. Assim, criada pela lei 1.357, de dezembro de 1912, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que sucedia a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia mencionada, iniciou suas atividades depois de sua regulamentação, o que se deu em 1913. O ensino clínico e cirúrgico sob sua orientação era praticado nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia.

Acresce notar que São Paulo no início do século XX tinha por volta de 300.000 habitantes e já contava, nessa época, com intelectuais dispostos a elevar a metrópole

4 Arnaldo Vieira de Carvalho teve a honra de presidir a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo por dois mandatos anuais não consecutivos: 1901-1902 e 1906-1907.

5 José Ayres Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse silogeu.

6 Felice Buscaglia foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

7 Raul Vieira de Carvalho era filho de Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho e presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1940-1941.

à condição de reduto cultural do país, polarizando concomitantemente grande transformação social. Contudo, em contrapartida, havia falta de assistência médica pelo pouco número de profissionais nessa área, principalmente nas regiões Sul e Sudeste. Somando-se a isso, aumentava muito a emigração trazendo com ela doenças epidêmicas que grassavam por todo o estado, razão pela qual era imperiosa e urgente a fundação de uma faculdade de medicina.

Em face de todos esses motivos, Arnaldo propôs para a faculdade recém-criada o método moderno de adequar as aulas teóricas às práticas de laboratório, dando oportunidade aos estudantes de receberem uma formação mais dinâmica e completa, primando pela parte científica e não simplesmente clínica.

Durante os anos de 1913 a 1920, Arnaldo foi o seu primeiro diretor, sendo em janeiro desse último ano lançada a pedra fundamental de sua sede própria, na então Estrada do Araçá (defronte ao cemitério), que, a partir de 1931, passou a ter o seu nome.

Arnaldo como diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo sempre foi lembrado como benemerente, audacioso e heroico, que enfrentara junto com seus alunos a gripe espanhola de 1918.

Lamentavelmente, a 5 de junho de 1920, aos 53 anos, por volta das 13 horas, uma fatídica morte, completamente inesperada e abominável – advinda de um ferimento na mão, coincidentemente provocado por um bisturi, durante a prática de uma cirurgia que evoluiu rapidamente para uma brutal septicemia –, ceifou a vida daquele que tanto fez para os homens sem nada pedir em troca, senão o intuito de mitigar a dor alheia, desfazendo as trevas que põem em risco a existência humana.

O sentimento naquele momento era de dor inconsolável, irmanando todas as classes do povo, sendo decretado estado de luto na capital paulista.

Vergueiro Steidel⁸ refere que Arnaldo “era o médico dos desprovidos, aquele que se inquietava com a dor dos pacientes da Santa Casa. Revoltava-se contra a pobreza; mesmo no momento em que agonizava em seu leito e horas antes de sua morte teria dito à sua amantíssima esposa, quando ela velava sua cabeceira, que novos e magníficos argumentos lhe acudiam ao espírito sobre essa questão social”.

“Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho extinguiu-se. O bronze já lhe fixou as linhas corretas do perfil agusto, e a História, não lhe podendo retratar o espírito, cantará a sua obra gigantesca⁹”.

8 Revista de Medicina, São Paulo, ano VI, nº 21, 1922, página 14.

9 Orcezi, Nazareno – A Faculdade de Medicina homenageia seu fundador. O Estado de S. Paulo, 6/6/1930, página 3 – Discurso.

Cadeira nº 12 – Patrono Admissão: 2/1/1930

Alípio Corrêa Netto
1898-1988



Helio Begliomini¹

Alípio Corrêa Netto nasceu em 14 de janeiro de 1898, no município de Cataguazes (MG). Graduou-se em 1923, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), apresentando tese de doutoramento em 1924, intitulada **Contribuição ao Estudo dos Cystos Congênitos do Pescoço**, monografia aprovada com distinção (Figura 2).

Foi aluno do professor João Alves de Lima², graduado em Paris, e, fascinado pela figura desse mestre, mais tarde, a ele dedicou uma avantajada obra intitulada **Um Mestre da Cirurgia – Biografia do Professor Dr. João Alves de Lima** (1963), prefaciada pelo professor Pedro de Alcântara.

Alípio Corrêa Netto possuía grande vivência como cirurgião de guerra, tendo participado da Revolução de 1932. Em 1934 publicou nos Anais da FMUSP, juntamente com Edmundo Etzel e Francisco Cerrutti, um brilhante trabalho sobre a “Cirurgia de Guerra no Hospital de Sangue de Cruzeiro”.

Fez carreira universitária, galgando a condição de professor catedrático de clínica cirúrgica da FMUSP e atuando nesse cargo de 1935 a 1968. Destacou-se como mestre e foi formador de discípulos de nomeada, tais como: Euryclides de Jesus Zerbini³, Eduardo Etzel, Arrigo Raia⁴, Irany Novah Moraes⁵, Rubens Monteiro de Arruda⁶, Jorge Zaidam, Joaquim Vieira Filho, Antônio Moreira Cunha Campos, Ary do Carmo Russo,

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 João Alves de Lima foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

3 Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Arrigo Antonio Raia é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Irany Novah Moraes presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1983-1984, tornando-se membro honorário desse silogeu.

6 Rubens Monteiro de Arruda é o patrono da cadeira nº 123 da Academia de Medicina de São Paulo.

José Francisco Monteiro, Puech Leão, Walter Henrique Pinotti, Victor Spina⁷, Orlando Ludovici, Massayuki Okumura⁸, dentre outros de renome internacional.



Figura 2 – Alípio Corrêa Netto, enquanto jovem médico.

Líder entre seus pares, Alípio Corrêa Netto contribuiu para a fundação da Associação Paulista de Medicina em 1930 e, mais tarde, para o surgimento da Associação Médica Brasileira (AMB), fundada em 26 de janeiro de 1951. Dirigiu a AMB de 1951 a 1955, inicialmente como presidente provisório e, posteriormente, como presidente efetivo. Com pulso firme, mas conciliador, estruturou a novel entidade que ganhou prestígio, além de congregar a classe médica, fortalecendo-a.

Alípio Corrêa Netto atuou como cirurgião e, com a patente de major, foi chefe do Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a II Grande Guerra Mundial, trabalhando intensamente na Itália, ao lado de seu antigo aluno, o anestesista José Monteiro. Mais tarde, escreveu um livro intitulado **Notas de um Expedicionário Médico** (1983), relatando essa marcante experiência em sua vida⁹. Essa obra foi prefaciada pelo seu amigo Reinaldo Ramos de Saldanha da Gama. Pela sua destacada atuação, recebeu elogios do general Mark W. Clark, comandante das Forças Americanas.

7 Victor Spina é o patrono da cadeira nº 14 da Academia de Medicina de São Paulo.

8 Massayuki Okumura é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

9 A viagem de Alípio Corrêa Netto à Itália iniciou-se em 20 de agosto de 1944, num avião norte-americano que partiu para Acra, no Golfo da Guiné, seguindo para Libéria, Dakar, Casablanca e, finalmente, Nápoles. Alípio atuou no 38º Hospital de Evacuação do V Exército Norte-Americano, comandado pelo general Mark W. Clark.

O hospital de campo, em Pistoia, recebeu a visita do general João Batista Mascarenhas de Moraes. Havia um jargão militar que dizia “a cobra está fumando”, querendo significar “uma situação de perigo”, aliás, era o que presenciavam constantemente os pracinhas brasileiros na Itália. A 1ª Divisão da FEB deveria conquistar o Monte Castello, em domínio dos alemães, durante o rigoroso inverno entre 1944 e 1945. A denominada Batalha de Monte Castello arrastou-se por três meses, de 24 de novembro de 1944 a 21 de fevereiro de 1945, durante os quais se efetuaram seis ataques, com grande número de baixas, quer por falhas de estratégia quer pelas temperaturas extremamente baixas. Por fim consagrou-se a vitória dos brasileiros, sendo comandados nos primeiros ataques pelo general Zenóbio da Costa. Alípio Corrêa Netto regressou ao Brasil, vindo de Nápoles, em 3 de junho de 1945.

Outros médicos brasileiros participaram como oficiais da FEB, encontrando-se dentre eles: João Batista Pereira Bicudo, Paulo Canton, Paulo Araújo Homem de Melo, José Alfio Piason, Massaki Udihara, Oswaldo Mendes Leite, Paulo Dumangin Santos, João Ângelo Abatayguara, Floresmundo Plastino Zaragosa, José Monteiro e Rubens dos Santos Alves.

Alípio Corrêa Netto foi colega de turma do grande clínico Jairo Ramos¹⁰ e com ele lecionou propedêutica cirúrgica do abdômen, sendo autores do livro **Manual de Propedêutica do Abdômen** (1983). Coube a ele a primazia, em nosso meio, de subdividir sua disciplina por áreas, fautorizando um maior desenvolvimento do conhecimento.

Alípio Corrêa Netto ingressou em 2 de janeiro de 1930 na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina São Paulo, tendo a honra de presidir esse sodalício durante um mandato anual entre 1947-1948. Pela sua competência, foi reitor da Universidade de São Paulo, de 26 de fevereiro de 1955 a 28 de março de 1957; e também professor de cirurgia de cabeça e pescoço, torácica e vascular durante 20 anos (1933-1953) da Escola Paulista de Medicina, tornando-se o primeiro chefe do Departamento de Cirurgia dessa instituição (1955-1958), do qual foi fundador, juntamente com Antônio Bernardes de Oliveira¹¹ e José Maria Freitas, em 1952. Personalidade multifária, destacou-se também como político atuante, sendo fundador do Partido Socialista, deputado e secretário de estado.

No crepúsculo de sua carreira universitária, publicou, juntamente com diversos colaboradores, o tratado em cinco volumes **Clínica Cirurgia Alípio Corrêa Netto** (1965), obra modelar que teve diversas edições. Escreveu também os livros: **A Doença do Aleijadinho** (1965), obra prefaciada por Paulo Duarte. Nela inferiu que a causa da enfermidade que mutilara o notável artista brasileiro, Antônio Francisco Lisboa, teria sido a angíte obliterante¹²; **Guia para o Residente de Cirurgia** (1966, em co-autoria com Irany Novah Moraes); **Um Ponto no Infinito**¹³ (1969) e **Metodização da Pesquisa Científica** (1970, em co-autoria com Irany Novah Moraes), obra prefaciada pelo professor Lucas Nogueira Garcez¹⁴.

Segundo seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz¹⁵, Alípio Corrêa Netto “no exercício da profissão, comportou-se sempre como um esteta, sabendo compreender e sentir toda a grandeza da medicina, com irreprimível vocação. Do alto de sua onipotência moral e científica, o trabalho do renomado mestre sempre cresceu sob o impulso de uma

10 Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

11 Antônio Bernardes de Oliveira é o patrono da cadeira nº 109 da Academia de Medicina de São Paulo.

12 Sabe-se hoje que a causa mais provável das lesões apresentadas por aleijadinho teria sido a hanseníase em sua forma virchowiana ou, então, a porfíria, segundo o professor Paulo da Silva Lacaz.

13 Esse livro foi escrito por ocasião da realização do primeiro transplante cardíaco, no Brasil, por Euryclides de Jesus Zerbini. Trata-se de um belo romance onde o autor retrata as alterações de personalidade e as mortificações da filosofia de vida do indivíduo submetido a um transplante cardíaco. Assim, Januário Lopes da Silva recebia na “cidade grande” um “coração emprestado”. Sua alma ficou cheia de dúvidas e incertezas.

Esse livro foi prefaciado pelo próprio Euryclides de Jesus Zerbini, sendo a capa de Benedito J. Duarte, o grande artista brasileiro que se notabilizou na elaboração de filmes científicos, inclusive o do transplante cardíaco.

Segundo Carlos da Silva Lacaz, as cinzas de Benedito J. Duarte, por expresso desejo seu, estão colocadas em pequena urna nos jardins da FMUSP.

14 Lucas Nogueira Garcez foi engenheiro, professor, político e governador do estado de São Paulo entre 1951 e 1955.

15 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo por um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

paixão silenciosa que nunca o abandonou, dispensando sagacidades e ardilezas para se afirmar e vencer. Quando considerado na sua integral figura humana, o renomado professor mais se agiganta. De cada meta atingida, Alípio Corrêa Netto fez sempre um ponto novo de partida”.

Alípio Corrêa Netto faleceu na cidade São Paulo, em 24 de maio de 1988, nonagenário¹⁶. Seu corpo foi velado na FMUSP e, posteriormente, transladado para o Crematório da Vila Alpina, conforme seu desejo. A oração fúnebre em sua homenagem foi feita no dia seguinte, no teatro da FMUSP, pelo seu discípulo e amigo, professor Irany Novah Moraes.

Por ocasião de seu centenário de nascimento, assim se expressou Carlos da Silva Lacaz: “há um pensamento que se aplica de maneira certa ao eminente professor, ao educador de raros méritos, cirurgião renomado, destacado homem público, ao cultor das boas letras e, acima de tudo, ao médico que soube sentir desde cedo a transcendência da arte divina, localizando-a dentro das grandes categorias do pensamento humano: *‘olhando bem, o tempo não se conta pelo tempo que passou, mas pelo que se fez do tempo. Não se conta pelo que o tempo nos dá, mas pelo que nós damos ao tempo. A gente só possui da vida o que deu de si’*. Nos elogios que fiz à personalidade do professor Alípio Corrêa Netto não existe menor exorbitância afetiva. O querido mestre merece muito mais. Nas lições de sua vigorosa personalidade, pode-se ver um *exegi monumentum*¹⁷ laboriosamente edificado e que haverá de perdurar”.

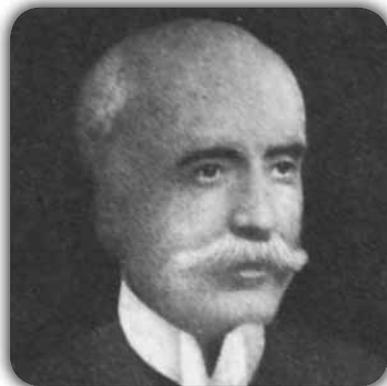
Alípio Corrêa Netto é honrado com a patronímica da cadeira nº 12 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome a um hospital municipal no bairro de Ermelino Matarazzo, a uma escola municipal e a um Centro de Estudos do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, na capital paulista; a uma rua no bairro Vila Tênis Clube, na cidade de Assis; e a uma rua no bairro Vila Júpiter na cidade de São Bernardo do Campo.

16 Nota do autor: Guardo com ternura e gratidão ter sido o ilustre professor Alípio Corrêa Netto um dos que ratificaram minha entrada na querida Academia de Medicina de São Paulo, fato consumado em 8 de agosto de 1986 (Helio Begliomini).

17 *Exegi monumentum* é uma expressão latina que pode ser traduzida por “construiu um monumento” ou “construtor de monumento”.

Cadeira nº 13 – Patrono Admissão: 7/3/1895

Mathias de Vilhena Valladão
1860-1920



Helio Begliomini¹

Mathias de Vilhena Valladão nasceu em 22 de junho de 1860, em Campanha da Princesa (MG), histórica cidade que igualmente fora berço do grande cientista Vital Brazil². Estudou na Faculdade Nacional de Medicina, sendo aluno de Torres Homem³. Diplomou-se em 1884, defendendo a tese de doutoramento intitulada **Sintomatologia e Diagnóstico Diferencial das Lesões Protuberanciais**.

Após curta estadia em Ouro Preto (MG) em 1889, transferiu-se para São Paulo, onde exerceu a clínica durante 30 anos. Conquistou pelo seu saber grande clientela, tornando-se o médico de maior fama de sua época.

Recusou convite para ocupar a 1ª cadeira de clínica médica da Faculdade de Medicina de São Paulo, que lhe competia pela sua erudição e reconhecida experiência, assim como em decorrência de seus predicados morais e pelo exemplo que dava de vida familiar e social.

Mathias de Vilhena Valladão e Sérgio Meira⁴ foram os grandes protagonistas da criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1895, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo a honra de ser o quarto presidente desse sodalício num mandato de um ano entre 1898-1899. Graças também aos seus esforços foi fundada a Policlínica de São Paulo, entidade que presidiu durante vários anos consecutivos.

Foi um dos fundadores do Instituto Pasteur e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; contemporâneo e amigo de Pereira Barreto⁵ e Arnaldo Vieira de

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 João Vicente Torres Homem é o patrono da cadeira nº 70 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Sérgio Florentino de Paiva Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

5 Luiz Pereira Barreto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1895-1896, e é o patrono da cadeira nº 1 desse sodalício.

Carvalho⁶, ambos, igualmente, presidentes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Mathias Valladão tinha grande conhecimento semiológico e acurada observação. Prestou relevantes serviços na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Vivia para seus pacientes; estudava, instruía-se e era desprovido das ambições do renome e das vantagens pessoais, sendo modelo de probidade. Escolheu satisfazer-se com a modesta remuneração do trabalho.

Tinha grande prestígio entre seus pares, sendo considerado um dos mais notáveis clínicos de sua época e uma das mais eminentes figuras da medicina brasileira. Seria um professor invejável...

Publicou 22 trabalhos, estando entre eles Febre Amarela, Etiologia; Febre Amarela: Contágio e Etiologia; Tratamento da Febre Amarela; O Éter na Narcose Cirúrgica; Tratamento das Moléstias do Coração, Digitalis; Um Caso Interessante de Seringomielia; Embolia das Artérias Mesentéricas; Dores e o seu Remédio; A Medicina Digitalítica; Úlcera do Duodeno, dentre outros.

Na Antologia Médica Brasileira de Raul Briquet⁷ (1951) está consignado um caso de anemia perniciosa progressiva, de difícil diagnóstico, que Mathias Valladão, ao propor a correta interpretação, recebeu elogios dos notáveis clínicos Miguel Couto e Miguel Pereira.

Ulysses Paranhos, médico e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras em 1909, assim se expressou a respeito de Mathias Valladão: “Foi o tipo mais bem acabado de clínico que viveu entre nós. De uma ilustração rara, de um talento brilhante, de uma lógica arrebatedora, de um coração cheio de bondade diante do doente, ele reunia, sintetizava todas essas primorosas qualidades para formular o diagnóstico, fazer o prognóstico e instituir a terapêutica, que era sempre razoável, segura, positiva”.

Mathias Valladão era conhecedor dos idiomas alemão e latim. Escrevia correta e elegantemente. Era dotado de grande cultura geral, apreciando particularmente temas históricos e, dentre eles, de autores antigos, muitos dos quais lia na língua original.

Faltou-lhe tempo para a publicação de livros. Contudo, Alfredo Valladão, seu irmão, publicou em 1954 um opúsculo, relatando a importância dele na medicina brasileira.

Mathias de Vilhena Valladão foi sempre caridoso e desinteressado. Aceitou a dor e a própria morte com coragem estoica e resignação cristã, não se rebelando contra os percalços da má sorte. Morreu na serenidade da fé católica em 1920.

6 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

7 Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 14 – Patrono Admissão: 7/11/1955

Victor Spina
1907-1984



Helio Begliomini¹

Victor Spina nasceu em 3 de setembro de 1907, na cidade de São Paulo. Era filho de Menotti Spina e Vicência C. Spina.

Graduou-se, em 1934, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Transferiu-se para São Paulo onde desenvolveu sua atividade profissional no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), tornando-se, em 1948, o primeiro chefe do Departamento de Cirurgia Plástica e Unidade de Queimados. Com a fundação do Departamento de Cirurgia, em 1953, sob a chefia do professor Alípio Corrêa Netto², Victor Spina foi convidado a chefiar a recém-criada disciplina de cirurgia plástica e queimaduras.

Organizou o currículo específico para o curso de graduação, programa de pesquisa científica e cursos de atualização, tornando a disciplina o primeiro centro de formação de novos cirurgiões plásticos do Brasil.

Em 1956, a disciplina foi reconhecida pela *Educational Foundation of the American Society of Plastic and Reconstructive Surgery* como capaz de receber estagiários estrangeiros, a fim de lhes dar a formação necessária na especialidade. A estrutura do grupo foi-se ampliando, integrando vários assistentes.

Victor Spina foi professor adjunto do Departamento de Cirurgia em 1972 e manteve-se na chefia até 1978, quando a transmitiu ao professor Orlando Lodovici. Em função dos intercâmbios com outros departamentos da FMUSP, formaram-se, ao lado do grupo central, grupos nas clínicas de otorrinolaringologia, ortopedia, ginecologia e dermatologia, além de contar com um grupo de cirurgiões dentistas que formaram a cirurgia bucomaxilofacial.

Victor Spina destacou-se, sobretudo, no atendimento de pacientes portadores de deformidades congênitas, sendo essa uma área de grande interesse para ele, inspirando muitos de seus discípulos. Formou uma grande geração de especialistas. Sua principal contribuição à cirurgia plástica foi na reconstrução do lábio leporino, palato fendido, orelhas e no tratamento de queimados.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Alípio Corrêa Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse silogeu.

Sob sua direção foram criados dois grupos interdisciplinares: um para tratar de problemas da face e o outro destinado ao tratamento do intersexo.

Victor Spina participou na fundação do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, em 7 de setembro de 1941, sendo o segundo secretário da oitava diretoria (1955-1957). Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, em dezembro de 1948, lado de José Rebello Netto, Antonio Prudente, Souza Cunha, Lauro Barros de Abreu, Alípio Pernet, Antonio Duarte Cardoso, Georges Arié³, Roberto Farina, Carlos Caldas Cortese e Paulo de Castro Correa. A efeméride ocorreu no Hospital Esperança, no morro dos ingleses, o hospital mais elegante de então, hoje, Hospital Municipal Menino Jesus. Victor Spina atuou na Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, como secretário-geral na primeira diretoria e presidente de 1952-1954.

Ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo em 7 de novembro de 1955.

Victor Spina foi também por muitos anos diretor do Serviço de Cirurgia Plástica do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, renomada instituição de ensino e de especialização médica da capital paulista.

Publicou diversos trabalhos científicos em revistas de impacto. A título de ilustração citam-se os seguintes artigos publicados na *Plastic and Reconstructive Surgery*: “*Neo-Areoloplasty with Labial Transplant. Symmetrical Correction of the Shape and Volume of the Breast*” (1950); “*A Simpler Method of Partial Reconstruction of the External Ear*” (1954); “*Inverted Nipple-Contribution to the Surgical Treatment*” (1957); “*Prominent Ears*” (1960); “*Water and Electrolyte Changes in Autogenous Skin Grafts*” (1969, em coautoria com JM Psillakis e FB de Jorge); “*The Advantages of Two Stages in Repair of Bilateral Cleft Lip*” (1966); “*Total Reconstruction of the Ear in Congenital Microtia*” (1971, em coautoria com L Kamakura e JM Psillakis); “*Water and Electrolyte Content of Normal Skin, Scars, and Keloid*” (1971, em coautoria com JM Psillakis e FB de Jorge); “*Surgical Correction of Midfacial Retrusion (Nasomaxillary Hypoplasia) in the Presence of Normal Dental Occlusion*” (1973, em coautoria com JM Psillakis e F Lapa); e “*A New Method for Correction of the Prominent Nasal Tip*” (1973, em coautoria com L Kamakura).

Na revista *Cleft Palate – Craniofacial Journal* publicou o artigo “*Repair of Unilateral Cleft Lip-Nose*” (1973).

No periódico *British Journal of Plastic Surgery* publicou dentre outros artigos: “*Conservative Technique for Treatment of Unilateral Cleft Lip: Reconstruction of the Midline Tubercle of the Vermilion*” (1961) e “*Changes in the Lung Following Injections of Silicone Gel*” (1975, em coautoria com MC Ferreira e K Iriya).

Na revista *Annals of Plastic Surgery* publicou o artigo “*Surgical Management of Bilateral Cleft Lip*” (1978, em coautoria com L Kamakura).

Victor Spina faleceu em 17 de janeiro de 1984, com 76 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 14 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

3 Georges Marcel Joseph Léon Arié é o patrono da cadeira nº 73 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 15 – Patrono

Mário Yahn
1908-1977



Helio Begliomini¹

Mário Yahn nasceu aos 4 de julho de 1908, na cidade de Campinas. Era filho de Henrique Yahn e Ema Yahn. Fez o curso primário na escola Alemã (1916) e no 3º Grupo Escolar (1916-1920); e o curso secundário no Ginásio do Estado (1921-1926), todos na cidade de Campinas.

Mário Yahn iniciou o curso universitário na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1927), transferindo-se para Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Graduou-se em 1932, ocasião em que defendeu a tese **A Sulfopiretoterapia na Paralisia Geral Progressiva**, aprovada com grande distinção pela banca examinadora constituída pelos professores Enjolras Vampré², Celestino Bourroul³ e Rubião Meira⁴.

Foi interno no Hospital Central de Juquerí (1931-1932), cargo exercido por nomeação. Nesse nosocômio foi médico assistente, alienista substituto (1934-1938), médico psiquiatra, ocupando essa função de agosto de 1938 a 1951, ocasião em que passou a ser chefe da secção feminina.

Em 1933 trabalhou como assistente voluntário na clínica neurológica da FMUSP dirigida pelo professor Vampré.

Em 1938 tornou-se o primeiro assistente da cadeira de neurologia da Escola Paulista de Medicina chefiada pelo professor Fausto Guerner. Continuou atuando como

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na Academia Paulista de Psicologia.

2 Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

3 Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

4 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

docente nessa instituição, sob a regência do professor Paulino Longo⁵, até 1942, ano em que se afastou definitivamente.

Mario Yahn ministrou também aulas de psiquiatria na Policlínica de São Paulo (1936) e na Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo (1943). Dedicou-se à psiquiatria e particularmente à psicanálise, sendo um dos pioneiros em nosso meio.

Segundo Guido Arturo Palomba⁶ em sua obra “Dicionário Biográfico da Psiquiatria e da Psicologia” (2009), Mário Yahn “foi um dos precursores da lobotomia no Brasil, por ele chamada de leucotomia, por ser a substância branca a operada, não o lobo no seu todo. O primeiro trabalho sobre várias leucotomias realizadas no Brasil surgiu em 1944 e teve a colaboração de Darcy Mendonça Uchoa e Mário Yahn. Foram efetuadas 160 operações em pacientes do Hospital de Juqueri. Em 1945, Yahn e colaboradores aplicaram pela primeira vez a técnica cirúrgica em outra região do cérebro (lobo parietal), depois abandonada. Em 1948 publicou um trabalho inovando a técnica cirúrgica, que chamou leucotomia em três tempos, ou seja, o lobo pré-frontal seria dividido em quatro quadrantes: superiores (direito e esquerdo) e inferiores (direito e esquerdo). O primeiro tempo seria a leucotomia no quadrante inferior direito; (segundo tempo) e mais um mês de observação. Não dando resultado, operavam-se os dois quadrantes superiores (terceiro tempo) de uma só vez”.

Yahn publicou perto de 70 trabalhos científicos, salientando-se: “Modernos Tratamentos da Esquizofrenia” (1937); “Sobre a Leucotomia Pré-Frontal de Egaz Muniz” (1946); “Apreciações sobre o Modo de Ação da Leucotomia Cerebral” (1950); “Sobre a Leucotomia de Freeman e Watts em Três Tempos” (1948-1949) e “Leucotomia Parietal” (1948).

Mário Yahn interessou-se, particularmente, pelos estudos psiquiátricos da manifestação plástica dos alienados. Colaborou com Osório Thamaturgo Cesar⁷ (1875-1879) no Hospital do Juqueri, a fim de que se iniciasse um ateliê que ficou conhecido como Seção de Artes Plásticas. Foi seu primeiro diretor e o responsável pela instalação física.

Tornou-se um psiquiatra famoso e muito influente no meio médico e social. Era muito querido pelos que privaram de sua convivência. Recebeu uma tela intitulada “O Pintor Agradecido” (1950, Figura 2) de autoria do renomado pintor Alfredo Volpi, em retribuição aos cuidados que ele teve à sua esposa, Judith.

5 Paulino Watt Longo é o patrono da cadeira nº85 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Guido Arturo Palomba foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante dois mandatos bienais (2003-2004 e 2007-2008) e é o primeiro ocupante da cadeira nº 1 desse sodalício cujo patrono é Luiz Pereira Barreto.

7 Osório Thamaturgo Cesar é o patrono da cadeira nº 68 da Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 2 – Tela “O pintor Agradecido” de Alfredo Volpi, doada a Mário Yahn em agradecimento aos cuidados prestados à sua esposa, Judith.

O interesse de Yahn pela psicanálise culminou com sua decisão de se tornar membro na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, entre 1954 e 1955. Roberto Azevedo, que também se tornou candidato nessa mesma época, assim se expressou numa entrevista em 1º de julho de 1982: “Nesta época, a Sociedade de Psicanálise estava mais desenvolvida. Foi muito importante a entrada de Mário Yahn para a Sociedade de Psicanálise. A entrada dele, sendo um psiquiatra de prestígio, de certa forma fez com que a Sociedade de Psicanálise tivesse o aval de vários psiquiatras, que o Yahn carregou junto com ele para a Sociedade”.

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo sempre o valorizou muito e ele se tornou o primeiro presidente do Instituto de Psicanálise, em 1960, embora por um curto período de tempo.

Mário Yahn ensinou uma geração de médicos a desenvolver observações e análises clínicas de inspiração freudiana no Instituto Aché, entidade em que foi diretor clínico, já em 1934, juntamente com Nestor Solano Pereira.

Na Associação Paulista de Medicina (APM) foi sócio desde 1933, atuando na seção de neuropsiquiatria como secretário (1937) e presidente (1945). Na APM exerceu também a função de bibliotecário (1941-1942) e sócio fundador do Departamento de Previdência (1944).

Foi também fundador e primeiro presidente do Centro de Estudos Franco da Rocha (1942-1943); membro da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia (1941); Sociedade de Psicologia de São Paulo (fundador); Sociedade de Neurologia e Psiquiatria da Associação Médica de Buenos Aires (honorário, 1945); Sociedade Cubana de Neurologia e Psiquiatria (correspondente, 1947); e Sociedade Brasileira de Psicanálise (efetivo).

Mário Yahn foi colaborador da Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo, Revista da Associação Paulista de Medicina (1941-1945) e Arquivos da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo (secretário, 1938-1951). Escreveu os capítulos sobre Eletrochoquerapia e Leucotomia no Tratado de Psiquiatria de Emílio Meira Y Lopes.

Publicou os seguintes livros: **Higiene Mental** (1955 – 1ª edição; 1958 – 2ª edição e 1962 – 3ª edição); **Higiene Mental e Saúde Pública** (1955) e **Tratamento**

Cirúrgico das Moléstias Mentais (1951, em coautoria com A. Mattos Pimenta e Affonso Sette Jr.).

Mario Yahn foi casado com Olga Garlipp Yahn e desse conúbio nasceram dois filhos: Sergio Yahn e Sonia Yahn.

Exaltava a importância do esclarecimento da população. São suas palavras: “*Muito mais do que isso, educar e influir em naturais oportunidades, para que o educando tenha e queira ter um constante comportamento favorável a si, à família e à sociedade, ante um objetivo comum: a defesa, a conservação e o aperfeiçoamento do ser humano*”.

Mário Yahn faleceu em 10 de março de 1977, aos 69 anos incompletos⁸. É honrado como patrono da cadeira nº 9 da Academia Paulista de Psicologia; da cadeira nº 15 da Academia de Medicina de São Paulo, e dá nome a uma rua na cidade de Campinas, no bairro de Vila Castelo.

⁸ Data obtida no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Cadeira nº 16 – Patrono **Admissão: 1/7/1955**

Oswaldo Freitas Julião
1912-1973

Helio Begliomini¹



Oswaldo Freitas Julião, filho do maestro João Batista Julião, um dos líderes do ensino do canto orfeônico no País, nasceu em Mogi das Cruzes (SP), em 11 de janeiro de 1912, e graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1936.

Como terceiroanista, na condição de auxiliar acadêmico, frequentou a 2ª Clínica Médica de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sob a chefia do professor Rubião Meira². Aí, sob a orientação do professor José Inácio Lobo, obteve consistente conhecimento clínico. No sexto ano começou a frequentar a clínica neurológica como assistente voluntário e, posteriormente, como extranumerário. Participou do núcleo formador da neurologia paulista sob a orientação do professor Enjolras Vampré³, assessorado pelos assistentes Adherbal Tolosa⁴, Paulino Longo⁵, Carlos Gama⁶, Oswaldo Lange⁷, Orestes Rossetto, Fernando de Oliveira Bastos, Henrique Mindlin, Carlos Virgílio Savoy, Venturino Venturini, José Lamartine de Assis, J. M. Taques Bittencourt, J. Carvalhal Ribas, dentre outros mais jovens.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

A foto, com a beca de professor titular, foi obtida na Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica.

2 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por meio mandato anual entre 1905-1906 e por um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

3 Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

4 Adherbal Pinheiro Machado Tolosa foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo por um mandato anual entre 1960-1961 e é o patrono da cadeira nº 52 desse sodalício.

5 Paulino Watt Longo é o patrono da cadeira nº 85 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Antonio Carlos Gama Rodrigues foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1944-1945.

7 Oswaldo Lange é o patrono da cadeira nº 119 da Academia de Medicina de São Paulo.

Quando Adherbal Tolosa galgou a cátedra de clínica neurológica, Oswaldo Julião foi nomeado terceiro assistente (1938) e, posteriormente, segundo assistente (1944). Manifestou sua vocação didática e seu extraordinário conhecimento da especialidade, conquistando, com distinção, em 1945, a docência-livre na FMUSP com a tese **Contribuição para o Estudo do Diagnóstico da Lepra Nervosa**. Tratava-se de um estudo que reunia numerosa casuística dos leprosários do interior paulista, aliado à sua experiência como neurologista do Departamento de Profilaxia da Hanseníase do estado de São Paulo.

Oswaldo Julião era dotado de grande capacidade didática; expunha seus ensinamentos com muita clareza, virtude já manifestada quando atuou como assistente da cadeira de zoologia e parasitologia da Faculdade de Medicina Veterinária da USP (1937-1938), sob a coordenação do professor Zeferino Vaz⁸, assim como na condição de professor de biologia de Colégio Universitário de São Paulo (1938).

Recebeu, no concurso promovido pelo Serviço Nacional de Lepra (1942), o 2º lugar com a monografia “Diagnóstico Clínico, Biológico e Laboratorial da Lepra”, em coautoria com Humberto Cerruti⁹, Luiz Marino Bechelli e Armando Berti.

Oswaldo Julião fez estágios de aprimoramento em centros dos Estados Unidos da América e da Europa, destacando-se o serviço de neurologia no Hospital La Salpêtrière de Paris, dirigido pelo professor Raymond Garcin.

O tempo, a competência e o grande tirocínio coroaram-no com a condição de professor titular de clínica neurológica da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica (PUC, Figura 2). Logo em seguida, também de professor de clínica neurológica da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), inaugurando o Departamento de Neurologia, em março de 1966, com a aula “Etiologia das Doenças Neurológicas”. Comentava que “*as polineuropatias também eram ‘poli’ pela frequência de dependência de várias etiologias*”.

Com grande abnegação deixou a clínica privada para se dedicar exclusivamente ao ensino da neurologia nessas duas faculdades, à custa do sacrifício de reiteradas viagens, aulas em instalações insuficientes e, por vezes, com a carência de assistentes.

Oswaldo Julião foi um dos grandes mestres e entusiastas da neurologia, especialidade que abraçou com grande afincamento. De acordo com seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz¹⁰, ele era “cordial e benevolente; modesto e discreto; e raramente se permitia às efusões em rodas mais íntimas. Com os pequenos olhos cintilantes e perspicazes, os gestos comedidos e exatos, a atitude receptiva e ao mesmo tempo hermética, parecia estar sempre realizando um exame neurológico. Proceder ao exame neurológico e deslindar o diagnóstico em caso complexo, sem pressa e sem preocupação de honorário – confidenciou-nos uma semana antes da sua morte-, sempre havia sido a paixão de sua vida de especialista. Impunha-se pela figura discreta e, acima de tudo, pela capacidade de exposição didática e pela obra publicada”.

8 Zeferino Vaz é o patrono da cadeira nº 84 da Academia de Medicina de São Paulo.

9 Humberto Cerruti é o patrono da cadeira nº 94 da Academia de Medicina de São Paulo.

10 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo por um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.



Figura 2 – Oswaldo Freitas Julião na condição de professor titular de clínica neurológica da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica.

Entre os diversos trabalhos que escreveu sobressai “Sistematização do Exame Neurológico”, no qual, com sua expertise, apresenta um roteiro de observação do paciente do ponto de vista neurológico, que era o que mais amava. Suas cogitações consistiam de grande utilidade para estudantes e médicos. Esse artigo foi publicado por três vezes (!) na Revista de Medicina do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz¹¹ da FMUSP e foi muito requisitado pelos ensinamentos que reunia. Por ocasião de seu falecimento, esse trabalho foi publicado uma quarta vez por iniciativa do magnífico reitor da Unicamp, Zeferino Vaz, e constitui hoje raridade bibliográfica de grande valor histórico para a especialidade.

Oswaldo Freitas Julião, grande neurologista brasileiro, faleceu na cidade de São Paulo, aos 9 de junho de 1973, aos 61 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 16 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua no bairro Jardim Luso, na cidade de São Paulo.

11 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 17 – Patrono

Admissão: 1910

Nicolau de Moraes Barros
1876-1959



Helio Begliomini¹

Nicolau de Moraes Barros, mas conhecido por Moraes Barros, nasceu aos 18 de agosto de 1876, na cidade de Piracicaba (SP). Fez seus primeiros estudos no Colégio Piracicabano.

Graduou-se em 1902 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois de formado seguiu para a Europa, onde, durante quatro anos, em duas viagens, se especializou em ginecologia e obstetrícia, frequentando e trabalhando nos serviços de maior prestígio naquela época. Em Berlim esteve com os renomados médicos Stoeckel e Bumm; em Paris com Pinard e Pozzi; e, principalmente em Viena, com Schauta Hitschman, Adler e Chrobak.

De regresso ao Brasil, radicou-se na cidade de São Paulo, onde exerceu as funções de médico assistente da Maternidade de São Paulo e cirurgião-adjunto da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1920, quando faleceu Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho², catedrático de ginecologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, surgiu-lhe a oportunidade de concorrer à sua sucessão, disputando com grandes especialistas da época.

Em 1921, conquistou por concurso a cátedra de ginecologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), função que exerceu por 23 anos, até 1944, quando se aposentou por limite de idade, sendo distinguido com o título de professor emérito.

Nicolau de Moraes Barros estruturou a Escola Paulista de Ginecologia, em cuja sombra se formou uma plêiade de discípulos de elite, que difundiram os seus ensinamentos pelo país.

Sua grande projeção clínica e social o fez respeitado e acatado como figura exponencial da medicina paulista. Possuiu grande fortuna, pois era oriundo de uma família

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

de banqueiro. Contudo tinha espírito democrático; era encantador no trato de nobres sentimentos; possuía a verdadeira expressão do médico por suas atividades elevadas e cavalheirescas, sem a vulgaridade que a tantos diminui.

De acordo com seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz³, Nicolau de Moraes Barros foi um “professor incomparável e didata nato. Suas aulas, sempre calçadas nos postulados da escola alemã, tornaram-se famosas. Sabia, como ninguém, transmitir aos seus alunos os tesouros da ginecologia. Fiel às doutrinas da escola alemã, lutou anos seguidos para implantar em nossos meios a conduta abstencionista, antimutiladora, de respeito ao órgão e por amor à função. Em nosso meio, no tratamento das anexites e nos processos inflamatórios genitais da mulher imperava a conduta intervencionista, mutiladora”.

“Limitou, igualmente, as indicações cirúrgicas do fibromioma do útero, operação fácil espetaculosa, mas altamente demolidora, pois removendo o útero ia suprimir a função menstrual em mulheres ainda moças, com todo o cortejo de funestas consequências. Incentivou a radioterapia entre nós. Na lendária enfermaria de clínica ginecológica da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, instalou, com um de seus assistentes, dr. Erich Muller Carioba, recém-chegado de Freiburg, o primeiro aparelho de radioterapia do Brasil e que se tornou o marco inicial da luta sem tréguas contra o câncer do útero”.

Na parte técnica, foi o introdutor da “via baixa”, condenando a “via alta”, a única em uso até então nos tratamentos das ginocopatias.

O professor Jose Medina⁴, que o sucedeu na cátedra, destacou em oportuno trabalho o que promoveu Nicolau de Moraes Barros para a prevenção do câncer ginecológico. O renomado mestre foi o primeiro a introduzir no Brasil a colposcopia, pois trouxe da Alemanha o colposcópio de Zweifel, aparelho rudimentar para a época atual. Tratava-se de uma pequena lupa, visando ampliar ligeiramente as condições do colo do útero.

Nicolau de Moraes Barros publicou poucos trabalhos, mas é de sua lavra o livro **Lições de Clínica Ginecológica** (1944), com 107 ilustrações, registrando as aulas que proferiu em seu serviço.

Nicolau de Moraes Barros foi membro e sócio benemérito da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1912-1913. Foi também membro da Associação Paulista de Medicina, *American College of Surgeons*; Academia Peruana de Cirujanos; e Sociedade Brasileira de Ginecologia (membro honorário), dentre outras.

Nicolau de Moraes Barros faleceu em 7 de março de 1959, aos 83 anos.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 17 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a uma escola estadual na cidade de Santo André. Na cidade de São Paulo dá nome a uma rua no bairro Jardim das Bandeiras; outra no bairro de Pinheiros, e uma praça no bairro da Barra Funda.

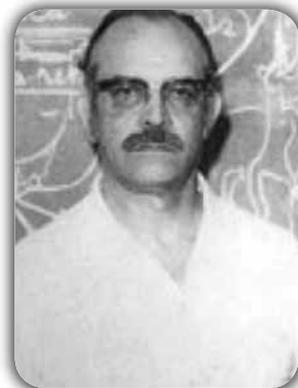
3 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

4 Jose Medina é o patrono da cadeira nº 19 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 18 – Patrono

Admissão: 25/11/1950

Álvaro Dino de Almeida
1916-1983



Helio Begliomini¹

Álvaro Dino de Almeida, mais conhecido por Dino de Almeida, nasceu em 26 de setembro de 1916, em Ribeirão Pires (SP). Era filho de Júlio Dino de Almeida, um militar irrepreensível, e de Maria Marcolino de Almeida.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1940. Dedicou-se à carreira universitária, sendo discípulo de Edmundo Vasconcelos², assim como outros ilustres mestres da cirurgia brasileira, tais como Ruy Escorel Ferreira dos Santos, José Finocchiaro, Silvio Alves de Barros, Silvano Raia, William Saad Hossne³, dentre outros.

Álvaro Dino de Almeida adquiriu grande habilidade cirúrgica. Com a fundação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, em 1963, tornou-se professor dessa escola, idealizando e estruturando a disciplina de técnica cirúrgica ministrada em laboratório próprio, com pessoal especializado, que ele próprio preparou e treinou.

Na condição de chefe de disciplina, com austeridade e visão de longo alcance, formou uma escola de cirurgiões que se distinguiram não somente pela habilidade operatória, capacidade de ensino, criatividade, mas também pela abrangência de conhecimentos científicos.

Foi também um marco histórico no entrosamento das disciplinas operatórias, bem como na unificação de condutas cirúrgicas na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Antes de sua presença, as enfermarias de cirurgia encontravam-se separadas. Cada qual vivia sob orientação própria, operando segundo formação que provinha de diversas escolas, reunindo diferentes formas de tratar as mesmas doenças. A chegada do professor Dino de Almeida não somente deu início à padronização de técnicas das diversas cirurgias, como também estabeleceu atribuições definidas a

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Edmundo Vasconcelos é o patrono da cadeira nº 47 da Academia de Medicina de São Paulo.

³ William Saad Hossne é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

cada componente da equipe cirúrgica, embasadas numa mentalidade de rigor disciplinar, cuja finalidade visava a obtenção de melhores resultados no tratamento cirúrgico do paciente.

Álvaro Dino de Almeida foi um luminar que pertenceu a uma insigne estirpe de cirurgiões, à qual se equiparou e honrou. Ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 25 de novembro de 1950, e também foi membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Escreveu as seguintes obras: **O Tratamento Cirúrgico da Hipertensão do Sistema Porta por Anastomose Venosa Direta** (1948 – 261 páginas); **Contribuição para o Estudo da Anastomose Espleno-Renal com Especial Atenção à Via de Acesso** (1951 – 243 páginas); **Laparotomias** (2004 – 4ª edição) e o livro de poesias **Riscos no Espaço** (1976 – 47 páginas).

De acordo com Arildo de Toledo Viana, membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões – que lhe dedicou um necrológico – ele foi “figura portentosa de homem integral, conquistando de todos o respeito pela magnitude e profundidade de sua cultura humanística; pela objetividade retilínea e claro raciocínio em suas deduções e conclusões, sempre respaldadas por seguras pesquisas bibliográficas e experimentais”.

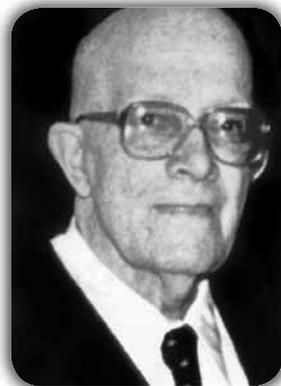
“Suas grandes mãos possuíam a destreza da arte que, para curar, exige o trauma e impõe a dor. Fazê-lo com a maior dignidade e respeito requer sempre uma perfeita coordenação psiconeuromotora, da qual o mestre foi paradigma insuperável”.

“Em sua faina diária, um verdadeiro manancial de conhecimentos era distribuído com prodigalidade: seja nas visitas junto ao leito dos doentes; nas reuniões, emitindo seus diagnósticos sobre convictas bases fisiopatológicas; nas aulas – verdadeiramente magistrais – e, sobretudo, sob o foco da lâmpada cirúrgica que ilumina o campo operatório, mas que não consegue orientar as mãos dos que não têm a luz interior da sapiência. (...) A cirurgia da Santa Casa de São Paulo viveu dois períodos distintos: antes e depois de Dino de Almeida”.

Álvaro Dino de Almeida faleceu em 22 de junho de 1983, aos 66 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 18 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Além disso, dá nome à Unidade de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental (Utece) do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo; ao Pronto-Socorro Municipal de Barra Funda, na capital paulista, assim como ao Centro de Saúde III, no bairro de Ouro Fino Paulista, no município de Ribeirão Pires, através da lei estadual nº 4.267, de 21 de setembro de 1984.

Cadeira nº 19 – Patrono Admissão: 15/6/1939

José Medina
1900-1993



Carlos Alberto Salvatore¹

José Medina nasceu na cidade São Paulo, em 20 de abril de 1900. Graduiu-se em ciências e letras pelo ginásio da capital de São Paulo e diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1923, conquistando, ainda jovem, renome nacional e internacional.

Desde jovem revelou-se possuidor de arguta inteligência. Em 1922 tornou-se interno da clínica ginecológica da FMUSP, depois assistente e, mais tarde, segundo assistente e chefe de clínica. A seguir, conquistou o título de professor livre-docente em 1938.

Sua fama como grande didata e hábil cirurgião foi revelada na maestria e entusiasmo com que transmitia aos estudantes sua vivência na especialidade. Em 1945 conquistou, com distinção, a cátedra de clínica ginecológica da FMUSP, com tese sobre **Carcinoma do Corpo do Útero e Hiperplasia Basal do Endométrio**.

Sua grande preocupação era instalar a clínica ginecológica no Hospital das Clínicas, que foi instalada em 20 de outubro de 1948. Deu em São Paulo início às campanhas de prevenção do câncer do colo do útero pela colposcopia e citologia vaginal oncótica. Iniciou com seu assistente, Paulo Gorga, a laparoscopia. Com seu dinâmico chefe de clínica, professor José Gallucci, montou os setores de endocrinologia infanto-puberal, patologia mamária, urologia ginecológica e psicossomática em ginecologia.

Publicou oito livros e mais de 160 trabalhos científicos. Foi membro de 15 sociedades médicas, entre nacionais e estrangeiras. Herdando do professor Moraes Barros toda a filosofia ginecológica alemã, o professor Medina dificilmente concordava com condutas clínicas de outras escolas. Fez escola preparando excelentes assistentes entre os quais os professores José Gallucci, René Mendes de Oliveira, Paulo Gorga, Franz Muller, Armando Bozzini, Mario Nóbrega, Cosme Guarnieri Neto, todos falecidos, e Álvaro Cunha Bastos, José Roberto Azevedo, Hans Halbe, e quem escreve esta recordação.

O professor José Medina aposentou-se em 20 de abril de 1970 e faleceu em 31 de março de 1993, com quase 93 anos de idade.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 19 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de José Medina.

Nota: Pequenas adaptações do texto ao perfil desta secção foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Cadeira nº 20 – Patrono

Jacob Renato Woiski 1911-2003



Helio Begliomini¹

Jacob Renato Woiski, mais conhecido simplesmente por Woiski, nasceu em 8 de novembro de 1911, na cidade de Curitiba. Era filho de Jacob Woiski e Mariana Salvador Woiski.

Graduou-se, em 1933, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, depois denominada Universidade do Brasil – hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro trabalhou na Policlínica de Botafogo², instituição catalisadora de renomados pediatras, tais como Luiz Pedro Barbosa, Azarias de Andrade Carvalho, Luiz Torres Barbosa, Álvaro Aguiar e Rinaldo de Lamare.

Jacob Woiski dedicou-se à carreira universitária na Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), atuando na cadeira de pediatria sob a chefia do professor Pedro de Alcântara.

Fez viagens de estudo, no início de sua carreira, nas décadas de 1940 e 1950, tendo oportunidade de trabalhar com professores importantes como Joseph Stokes da Universidade da Pensilvânia; Paul Gyorgy e Benjamin Krammer nos Estados Unidos, e com Stanley Graham da Universidade de Glasgow, na Escócia.

Com o correr dos anos galgou a condição de chefe de pediatria e professor da Unifesp, permanecendo nessa instituição de ensino até 1954.

Em 1956, já consagrado profissionalmente como pediatra, tornou-se chefe, a convite do professor Zeferino Vaz³, do recém-inaugurado Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP). Nessa ocasião deixou enorme clínica para se dedicar, em tempo integral, ao ensino médico.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

As fotos e parte do material aqui consignado foram obtidas do Museu Histórico “Professor Dr. Wladimir da Prússia Gomez Ferraz” do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo.

2 A Policlínica de Botafogo albergou, na década de 1930, a cátedra de pediatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, vínculo mantido até 1940.

3 Zeferino Vaz é o patrono da cadeira nº 84 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em seu memorial apresentando, em 1966, no concurso para a cátedra de pediatria, em Ribeirão Preto, assim ele relatou o início da vida do departamento: *“As possibilidades de espaço eram pequenas, exigindo adaptações e também improvisações. No início do curso, contávamos só com o ambulatório localizado no primeiro prédio onde funcionou a faculdade, na Rua Visconde de Inhaúma, ao lado da catedral, hoje demolido. (...) Em seu início o Departamento recebeu dotação da Fundação Rockefeller dos Estados Unidos, tornando possível a aquisição dos primeiros equipamentos (projektor de slides, craveiras para enfermaria e ambulatório)”*.

A alta frequência de desnutrição aguda e crônica das crianças, na década de 1960, tanto nos ambulatórios como nas enfermarias, o levaram, definitivamente, para a área da nutrição e do metabolismo. A tese que apresentou no concurso para a cátedra de pediatria da FMRP-USP foi sobre **nutrição e metabolismo**.

Jacob Woiski (Figura 2) era dotado de personalidade multiforme, volátil e, por vezes, antagônica, sendo considerado pelos seus pares uma pessoa polêmica. Era estudioso e possuidor de grande curiosidade médica; exigente com os outros e consigo mesmo; autoritário, sentimental, iconoclasta e, às vezes, humilde, bem como um trabalhador de muito afinho.



Figura 2 – Pátio do Hospital das Clínicas, em 1963. Da esquerda para a direita os professores: Edgard Rolando, Luiz Gonzaga Faggioni, José Romano Santoro, Jacob Renato Woiski, Carlos Eliseo Castro Correa, Sylvia Evelyn Hering e Luiz Carlos Raya.

Fabio Leite Vichi, ex-aluno e docente aposentado da FMRP-USP, referiu em artigo que “os alunos das primeiras turmas dessa escola ficaram como que chocados pela sua atuação. Era personalista demais. Aliava essa característica ao imenso carinho que tinha para com os pequenos doentes, não escondendo nunca suas emoções, que iam de gargalhadas a choros incontidos. Era dedicado, muito esforçado e competente, embora de reações imprevisas. A mesma turma que subscreveu uma petição ao diretor, solicitando a sua exoneração – não aceita –, o elegeu paraninfo, aliás, o terceiro da escola”.

Ademais, “foi chefe presente, atuante e, por vezes, irascível. Sua participação universitária ostentou uma resultante muito positiva. Foi admirado por muitos e fez escola. Improvisador, transformava, como exemplo, porções em ambulatórios. Exteriorizava grande insatisfação ante as misérias humanas, no dizer do então diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Era uma pessoa que amava as crianças, as

quais, para ele, em geral, eram melhores que os adultos e possuíam direitos que nem sempre eram respeitados”.

Fabio Leite Vichi acrescentou que ele “foi professor e médico portador de muitas lembranças e lendas. Era prático, crítico das ações de outros colegas e muito pouco conciliador”.

Woiski também inovou administrativamente. Expandiu a atuação da especialidade, criando a pediatria comunitária e a pediatria rural. Chegou a ser suplente de diretor na FMRP-USP e também diretor do Hospital das Clínicas.

No final da década de 1960, mais precisamente em 1968, Woiski, depois de entendimentos com o dr. Orlando Ometto, diretor presidente da Usina São Martinho de Açúcar e Álcool do Município de Pradópolis, instalou um ambulatório de pediatria na usina, dando ênfase à puericultura.

Quando surgiu a primeira vacina contra o sarampo, o Laboratório Wellcome, da Inglaterra, doou um lote de vacinas ao departamento, e cerca de 400 crianças foram vacinadas na usina.

Em 1969, após entendimento com o então secretário de saúde da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, dr. Antônio Duarte Nogueira, ex-aluno da faculdade, Woiski obteve o importante apoio do prefeito municipal de Ribeirão Preto, dr. Welson Gasparini, na construção de um centro médico em bairro carente da cidade.

Assim foi construído e equipado pela prefeitura o Centro Médico Social Comunitário de Vila Lobato, com a aprovação da Faculdade de Medicina e do Hospital das Clínicas, que se tornaram referência para o novo centro. Também depois de entendimentos com a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, instalou o Pronto-Socorro Infantil com atendimento ambulatorial e internação.

Ainda no decorrer de 1969, outro entendimento importante para o ensino, pesquisa e assistência em pediatria foi realizado pelo professor Woiski com a *Josiah Macy Jr. Foundation* de Nova Iorque, para desenvolver programa de pediatria social. Com esse programa, o departamento passou a oferecer estágio a médicos recém-formados em escolas do Norte e Nordeste do país, mas, logo depois, estendeu-se, também, a médicos formados em escolas do Sul.

José Romano Santoro, ex-docente da FMRP-USP, refere que Woiski “sempre se dedicou à pediatria geral e à puericultura. Seu interesse indisfarçável pela clínica pode ser destacado por quadro muito comum dentro do hospital: o de sempre estar nas enfermarias e nos ambulatórios com seu estetoscópio na mão, pronto para auscultar uma criança”.

Assim José Romano Santoro resumiu as qualidades do professor Woiski: “espontaneidade em suas atitudes; clareza no agir e no pensar; enérgico e não admitia certas falhas; confiava nas pessoas, indistintamente; fazia-se presente, participando da vida acadêmica, e era emotivo”.

Em 1983, ao ensejo dos 50 anos de sua formatura pela Faculdade de Medicina da Praia Vermelha do Rio de Janeiro, Woiski foi homenageado pelo Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Quando se aposentou na FMRP-USP retornou a São Paulo e, em 1971, assumiu a cadeira do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Santa

Casa de São Paulo (FCMSC-SP), onde permaneceu até 1978⁴, tendo sedimentado noções de puericultura e dietética, bem como publicado dois livros sobre nutrição infantil. Nessa instituição de ensino tornou-se o segundo diretor, sucedendo o cirurgião Emilio Athiê, fundador da FCMSC-SP. Posteriormente, foi também por pouco tempo professor de pediatria da Faculdade de Medicina de Taubaté.

Jacob Woiski (Figura 3) foi membro da *American Academy of Pediatrics* e, nos anos de 1980, atuou representando o Brasil como *district chairmen*. Publicou os seguintes livros: **O Grande Livro das Mães** (1980); **Dietética Pediátrica** (1981); **Nutrição e Dietética em Pediatria** (3ª edição 1988 e 4ª edição 1994) e **Livro para os Pais** (1995, em coautoria com J. V. Castro Moura).



Figura 3 – Da esquerda para a direita os professores Pedro de Alcântara, Jacob Renato Woiski e Azarias de Andrade Carvalho. Foto de 1978.

Assim se expressou Jacques Crespín, segundo ocupante da cadeira nº 37 da Academia de Medicina de São Paulo, que com ele conviveu como aluno: “Woiski, chefe de clínica na EPM, foi um grande pediatra e puericultor; polêmico e emocional, não era de trato fácil, mas foi possível manter com ele excelente relacionamento e até amizade. Deixou a EPM e a enorme clínica particular que granjeou e mudou-se para Ribeirão Preto, onde regeu, durante anos, o Departamento de Pediatria da recém-inaugurada faculdade, com excelente equipe de dedicação integral. Vítima da doença de Alzheimer, foi uma enorme tristeza visitá-lo e constatar suas condições”.

Jacob Renato Woiski faleceu em setembro de 2003, com 91 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 20 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e como patrono da cadeira nº 12 da Academia Paranaense de Pediatria. Dá também nome a uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no bairro Jardim João Rossi, na cidade de Ribeirão Preto.

4 A chefia de pediatria até a nomeação, em 1971, do professor Renato Jacob Woiski, foi assumida provisoriamente pela dra. Maria Vitória Martin.

Cadeira nº 21 – Patrono

**Benedicto Augusto de
Freitas Montenegro**
1888-1979



Helio Begliomini¹

Benedicto Augusto de Freitas Montenegro, mais conhecido por Benedicto Montenegro, nasceu em Jaú (SP), aos 7 de abril de 1888. Gradou-se em medicina pela Universidade da Pensilvânia (EUA), em 1909, tendo revalidado seu diploma no Rio de Janeiro.

Atleta por excelência, praticava natação, tênis, salto e luta romana, sendo campeão paulista de futebol pelo Mackenzie.

Iniciou suas atividades profissionais na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e, em decorrência de sua dedicação, recebeu anos mais tarde desse nosocômio o título de “cirurgião honorário”.

Em 1917 chefiou a missão médico-militar brasileira enviada à França, na I Guerra Mundial. Cirurgião brilhante, atendendo as vítimas mais graves, foi distinguido com a “Medalha do Pacificador Duque de Caxias” pelo Exército Brasileiro e elevado pelo governo francês à condição de “Cavaleiro da Legião de Honra da França”. Pela sua liderança, na Revolução Constitucionalista de 1932, foi presidente da “Federação de Voluntários”.

Em sua passagem pela política foi um dos fundadores do Partido Constitucionalista; deputado, e como vice-presidente em exercício da Assembleia Estadual Constituinte, assinou a Constituição de São Paulo, aos 9 de julho de 1935.

Tornou-se, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), professor de clínica cirúrgica (1931-1956, catedrático já em 1934) e diretor (1941-1947), além de ter sido durante três meses, em 1947, reitor da USP.

Benedicto Montenegro foi também professor de cirurgia bucomaxilofacial da Faculdade de Farmácia e Odontologia e, por determinação de Armando de Salles Oliveira, tornou-se diretor (1934-1937) dessa escola, mais tarde integrada à USP. Pelo seu brilhante trabalho foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela USP, por proposta dessa faculdade.

Foi um homem de ampla visão. Enquanto diretor da Faculdade de Medicina teve marcante atuação administrativa, participando da conclusão das obras da primeira etapa de ampliação do Hospital das Clínicas (HC). De 1941 a 1956 presidiu o Con-

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

selho Administrativo do HC, época em que deu início às construções do Instituto de Ortopedia e Traumatologia, de Psiquiatria e da Escola de Enfermagem, anexos ao Instituto Central.

Integrou o primeiro Conselho Universitário da USP e foi seu representante junto aos governos da República e do Estado, onde pleiteou e conseguiu para a USP sua autonomia administrativa e didática.

Dirigiu ainda várias entidades de classe, o que lhe valeu dezenas de títulos honoríficos. Foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1952-1953. Presidiu também a Associação Paulista de Medicina no biênio 1953-1954. Outrossim, foi membro titular, fundador e primeiro mestre, em 1941, do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (CBC). Tornou-se membro emérito dessa entidade e teve a honra de receber, em 1970, o primeiro Prêmio “Colégio Brasileiro de Cirurgiões”, outorgado pela sua contribuição ao ensino, progresso e desenvolvimento da cirurgia no Brasil.

Ensinando e formando discípulos durante 42 anos (!), foi fundador da “Escola Cirúrgica Benedicto Montenegro”. Sua dedicação à cirurgia fez dele um pioneiro no Brasil na área gastroduodenal, tendo sido contemplado, em 1947, pelo *American College of Surgeons*, com o título de *Honorary Fellow*.

Montenegro trabalhou também no Hospital da Beneficência Portuguesa, no Sanatório Esperança e no Hospital Santa Catarina, tornando-se nesse último, em 1934, diretor clínico, cargo que desempenhou até a sua aposentadoria, em 1956.

Em 1978 escreveu **Meus 90 Anos** – autobiografia, testemunho de sua dedicação às Faculdades de Medicina e de Farmácia e Odontologia da USP, bem como de todas as suas atividades políticas, administrativas, didáticas e científicas.

Após uma vida profícua, pródiga de dons e realizações, Benedicto Montenegro faleceu em São Paulo aos 91 anos, em 23 de agosto de 1979, sendo honrado com a patronímica da cadeira nº 21 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, além de dar nome a um prêmio do Capítulo de São Paulo do CBC, que homenageia, anualmente, desde 1985, cirurgiões que tenham atuado no estado de São Paulo e que tenham contribuído ao desenvolvimento da cirurgia brasileira.

Cadeira nº 22 – Patrono

Adolpho Carlos Lindenberg 1872-1944



Nelson Guimarães Proença¹

O Hospital Central da Santa Casa de São Paulo, inaugurado em 1884, teve suas enfermarias distribuídas separadamente para homens e mulheres. Essas enfermarias foram numeradas e confiadas a médicos de renome da capital, que passaram a ser seus chefes. Na época eram enfermarias gerais, pois na acanhada e provinciana São Paulo de então não tinham sido desenvolvidas as especialidades médicas.

No início do Século XX mudou para a capital de São Paulo o dr. Adolpho Carlos Lindenberg, que havia feito sua formação em dermatologia na Europa, com Lesser (em Berlim), Riehl (em Viena) e ainda Brocq e Sabouraud (em Paris). Graças a seu conhecimento científico e prestígio, conseguiu que fosse criada a clínica de dermatologia da Santa Casa de São Paulo, por ato da Mesa Administrativa, datado de 20 de abril de 1907. Duas semanas depois, em 3 de maio de 1907, foram iniciadas as atividades de seu ambulatório.

Na época, a 2ª Medicina de Mulheres era dirigida pelo dr. Ribeiro de Almeida, o qual, após entendimentos com o dr. Lindenberg, reservou metade de seus leitos para internação de mulheres com doenças de pele. Isto ocorreu em 1909. Somente em 1914 foi criada a 4ª Enfermaria de Homens, a qual passou a receber casos de dermatologia, sendo a chefia entregue a Lindenberg.

Ao ser criada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1912, o dr. Lindenberg foi nomeado catedrático de dermatologia. Posteriormente, já em 1922, foi escolhido para diretor da faculdade. Nesses primeiros anos de atividade da clínica, na segunda e na terceira décadas do Século XX, foram seus primeiros colaboradores: José Ataliba Ferraz Sampaio, Abílio Álvaro Martins de Castro e José Moacyr de Alcântara Madeira.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 22 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Adolpho Carlos Lindenberg.

Nótula: O aditamento biográfico ao final do texto foi feito pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Como se vê, a criação da clínica de dermatologia da Santa Casa de São Paulo antecedeu a da própria Faculdade de Medicina e Cirurgia. Ela é, portanto, o berço da dermatologia no Estado de São Paulo².

² Adolpho Carlos Lindenberg nasceu na cidade de Cabo Frio (RJ), em 12 de setembro de 1872, e seus progenitores foram Adolpho Lindenberg e Francisca Hummel Lindenberg. Diplomou-se em 1896 pela Faculdade Nacional de Medicina, defendendo a tese intitulada **Dos Raios X**.

Embora fosse de origem fluminense, radicou-se na cidade de São Paulo, onde fez toda sua carreira e constituiu família.

Como assistente do Instituto Bacteriológico do Estado, revelou pendor para a medicina experimental com notáveis contribuições à dermatologia tropical, sobretudo com relação às micoses e, mui particularmente, à actinomicose, descrevendo um novo tipo de micetoma produzido pelo *Actinomyces brasiliensis*, espécie por ele denominada de *Discomyces brasiliensis*.

Lindenberg foi professor catedrático de dermatologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo de 29 de fevereiro de 1916 a 22 de maio de 1929, quando se aposentou por problemas de saúde relacionados à cardiopatia. Foi diretor dessa instituição de ensino de 1922 a 1924.

Presidiu a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1922-1923.

Lindenberg dedicou-se principalmente ao estudo da leishmaniose tegumentar americana, lepra e pênfigo foliáceo (fogo selvagem). Identificou leishmânias nos doentes acometidos pela “úlcer de Bauru” (leishmaniose tegumentar). No mal de Hansen destacou-se nos estudos clínicos, profiláticos e terapêuticos com um estudo original sobre o mecanismo de ação do chalmogra. Nos últimos anos de sua vida dedicou-se ao estudo clínico-experimental do pênfigo foliáceo, acreditando que sua etiologia fosse viral.

Especialista de renome e muito estudioso, tinha personalidade austera. Morreu pesquisando. Publicou diversos trabalhos científicos, particularmente sobre a “úlcer de Bauru”, também conhecida por “úlcer do Avanhanda-va”, “úlcer do Noroeste” ou “ferida braba”; assim como artigos relacionados à lepra e ao pênfigo foliáceo.

Adolpho Carlos Lindenberg faleceu em 6 de dezembro de 1944, aos 72 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 22 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 23 – Patrono

Admissão: 19/2/1964

Gil Soares Bairão
1918-1973

Helio Begliomini¹



Gil Soares Bairão nasceu na cidade de São Paulo, aos 7 de agosto de 1918. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1943. Como acadêmico fez parte da primeira turma de especialização em anestesiologia, curso promovido pela Sociedade Brasileira de Anestesiologia (SBA).

O primeiro Serviço de Anestesia de São Paulo, precursor de outros semelhantes, foi estruturado em 1942 por Luiz Rodrigues Alves. O Serviço de Anestesiologia do Hospital das Clínicas teve início em 1943, tendo como diretor Reynaldo Figueiredo Neves. Também nesse ano iniciou-se o ensino da anestesiologia nos cursos de graduação para alunos do 4º ano da Escola Paulista de Medicina.

Gil Soares Bairão ingressou no Serviço de Anestesiologia do Hospital das Clínicas em 1944 e teve a honrosa oportunidade de participar de um grupo formado por nomes que ajudaram a estruturar e a desenvolver a anestesiologia paulista. Entre eles estavam Kentaro Takaoka, Alberto Caputo, Antônio Pereira de Almeida, Amador Varela e Oscar Figueiredo Barreto. Nesse serviço, Gil Bairão organizou a seção de anestesia experimental (Figura 2). Também em 1944, por iniciativa do professor catedrático de ginecologia e obstetrícia Raul Briquet, foi estruturado na FMUSP um curso de anestesiologia.

Foi um dos maiores colaboradores para o desenvolvimento da anestesiologia no Brasil. Presidiu o Departamento de Anestesiologia da Associação Paulista de Medicina (APM), de onde originaria, em 1952, a Sociedade de Anestesiologia do Estado de São Paulo (Saesp), tornando-se, nesse mesmo ano, o terceiro presidente da Saesp.

Em 1952, Gil Bairão foi convidado para ser relator do tema oficial do III Congresso Argentino de Anestesia. Apresentou trabalho com o título de “Relaxantes Musculares”, onde fez um relato completo e minucioso das substâncias curarizantes em anestesiologia, apresentando uma bibliografia com 283 citações. Nessa época, o uso do curare em anestesiologia já estava consagrado. A quantidade de substâncias curarizantes, relaxantes musculares, usadas em medicina, quer sob a forma de curares naturais, quer de semissintéticos, se avolumava cada vez mais.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.



Figura 2 – Gil Soares Bairão, enquanto jovem médico.

Gil Bairão subiu todos os degraus da carreira universitária, tornando-se o primeiro professor livre-docente de anestesiologia no Brasil. Em seguida, galgou a condição de professor titular da FMUSP. Foi também professor titular da Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Faculdade de Medicina do ABC.

Deixou inúmeras pesquisas e trabalhos na área de anestesiologia, neurocirurgia e farmacologia, muitos deles premiados. Também foi orientador de diversas teses de doutorado.

Gil Bairão teve participação ativa na vida administrativa do Hospital das Clínicas, atuando como membro do Conselho de Redação da “Revista do Hospital das Clínicas”; diretor do Serviço de Anestesia, nomeação ocorrida em 1961; e a honrosa função de superintendente, exercendo esse cargo de 1966 a 1967.

Na Sociedade Brasileira de Anestesiologia desempenhou os cargos de redator da revista em 1954; vice-presidente em 1961; e presidente em 1962.

Exerceu também vários cargos em conselhos de saúde do estado. Participou ativamente dos Congressos Brasileiros de Anestesiologia, proferindo conferências, palestras e apresentando trabalhos. Representou sua especialidade em diversos congressos no exterior, ocasiões em que trazia também informações da atualidade, as quais eram compartilhadas com outros anestesistas.

Gil Soares Bairão gozou de alto conceito pela unanimidade de seus pares. Profissional muito dedicado, proporcionou valiosas contribuições ao estudo da anestesiologia brasileira. Faleceu em 1973, deixando esposa e três filhos.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 23 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Na sala dos professores pioneiros da FMUSP, local dedicado a guardar fotos, condecorações, medalhas, publicações e documentos de seus ex-alunos que se destacaram na atividade médica, científica e artística, Bairão tem lugar de destaque. Ademais, a Saesp concede, anualmente, o prêmio “Gil Soares Bairão” ao médico que esteja cursando o 1º ano de especialização no estado de São Paulo e que tenha obtido a melhor classificação, na prova nacional da Sociedade Brasileira de Anestesiologia.

Cadeira nº 24 – Patrono

**Clemente Miguel da
Cunha Ferreira**
1857-1947



Yara Suely Romeu¹

Clemente Miguel da Cunha Ferreira nasceu em Resende, Rio de Janeiro, aos 29 de setembro de 1857. Filho de José da Cunha Ferreira, português, e de Maria Neves da Cunha Ferreira, brasileira. Em janeiro de 1883 casou-se com a Anália Pinheiro da Silva, com quem teve dois filhos e uma filha.

Até os 13 anos de idade residiu em Resende (RJ) e, após, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde iniciou seus preparativos para o curso de medicina, indo estudar no Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara.

Em 28 de dezembro de 1880, ao receber o grau de doutor em medicina, regressou para Resende, quando iniciou sua carreira profissional como médico da Santa Casa de Misericórdia, sem remuneração, tendo como atividade remunerada a então denominada atividade de “clínico da roça”. Durante cinco anos dedicou-se a essas atividades, estudando e colaborando em diversas revistas médicas europeias.

Em 1883 publicou um ensaio pioneiro sobre “O Clima de Campos do Jordão no Tratamento da Tuberculose”.

Em 1887 retornou ao Rio de Janeiro para dirigir o Serviço de Pediatria do dr. Moncorvo Pai² na Policlínica do Rio, onde permaneceu por seis anos.

Em 1889 participou da Comissão da Imprensa Fluminense através de seus serviços gratuitos para prestar cooperação na epidemia da febre amarela que devastou Campinas. Em reconhecimento a essa tarefa, o povo campineiro mandou cunhar uma medalha de ouro para homenageá-lo, e o Imperador D. Pedro II condecorou-o com a comenda da Ordem da Rosa.

Seu primeiro título, ainda no início de suas atividades profissionais, foi o de membro correspondente da Sociedade Terapêutica de Paris.

¹ Titular e emérita da cadeira nº 24 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Clemente Miguel da Cunha Ferreira.

² Nótula do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro: O nome completo de “Moncorvo Pai” é Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo (1846-1901), considerado o “Pai da Pediatria Brasileira”. Ele teve um filho, Carlos Arthur Moncorvo Filho (1871-1944), mais conhecido simplesmente por Arthur Moncorvo Filho, que foi igualmente um grande pediatra, sendo honrado com a patronímica da cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Pediatria.

Em 1890 a Academia Nacional de Medicina lhe conferiu o título de membro titular e, dois anos depois, em 1892, discursou na sessão magna como orador oficial, denunciando os erros dos governantes em relação aos problemas médicos, quando dizia com firmeza: *“Senhores, eu confio que agora, que dirige os destinos da nação um governo sério, honesto e moralizador, ele deixará a senda até aqui trilhada pelos seus predecessores, para enveredar pela estrada larga da justiça ao verdadeiro mérito, onde quer que a modéstia o isole, do auxílio indispensável, da animação fecundadora ao trabalhador desinteressado e consciencioso”*.

Em 1893 publicou no Bulletin de Therapeutique o seu primeiro estudo sobre a tuberculose infantil.

Após ter sido nomeado inspetor sanitário em 1896, fixou residência no estado de São Paulo, onde combateu por quatro anos a febre amarela.

Em 17 de julho de 1899 fundou a Associação Paulista de Sanatórios Populares para Tuberculosos, depois chamada de Liga Paulista contra a Tuberculose, tornando-se seu presidente perpétuo. A partir de então, encabeçou uma ferrenha luta contra a “Peste Branca” que dizimava a população paulistana.

Em 1902 criou a revista Defesa Contra a Tísica. Através dela, conscientizou a população e as autoridades sanitárias sobre a magnitude da tuberculose e a necessidade imperiosa de o governo assumir-lhe a luta.

Em 10 de julho de 1904, com um grupo de colaboradores e auxiliado por uma subvenção municipal, conseguiu abrir em São Paulo o primeiro dispensário para o tratamento de profilaxia da tuberculose.

Em 1905 foi convidado pelo diretor do Serviço Sanitário de São Paulo, dr. Emílio Ribas³, para dirigir o Serviço de Proteção à Primeira Infância.

Em outubro de 1905 viajou juntamente com o dr. Adolpho Lutz⁴ para Paris, a fim de participar do Congresso Internacional de Tuberculose, representando o estado de São Paulo. Durante cinco meses permaneceu na Europa estudando as organizações de luta contra a tuberculose na França, Bélgica, Alemanha e Portugal. Ao retornar, publicou relatório completo dos estudos feitos.

Em 1908 sensibilizou um grupo de senhoras paulistas para fundarem a Obra de Preservação dos Filhos de Tuberculosos Pobres que, em 1913, inaugurou na cidade de Bragança Paulista o primeiro Sanatório de Preservação Infantil.

Em 1912, durante o Congresso Internacional contra Tuberculose, em Roma, recebeu vários prêmios por sua atuação pessoal como presidente da Liga Paulista e diretor do Dispensário. Participou ainda de congressos de tuberculose na Argentina, Uruguai e em várias capitais do Brasil até o fim de sua vida.

Em 1913 inaugurou na Rua da Consolação, na cidade de São Paulo, a nova sede do Dispensário com o nome de “Dispensário-Modelo Clemente Ferreira”, e fez dele o principal armamento de luta contra a tuberculose até 1934, quando foi doado pela Liga Paulista ao governo de São Paulo com todo o mobiliário e o fim expresso de ser usado para o tratamento dos tuberculosos pobres.

3 Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Adolpho Lutz é o patrono da cadeira nº 81 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1927 iniciou a Campanha do Selo, encabeçando durante vários anos 14 dessas campanhas com a finalidade de educar a população e angariar fundos para a Liga.

Em 1929, com 72 anos de idade, foi comissionado para iniciar o Serviço de Profilaxia de Tuberculose do estado de São Paulo e permaneceu nesse cargo até sua aposentadoria.

Em 1935 fundou um Dispensário Infantil e lá instalou o Serviço de Vacinação BCG.

Em 1937, com 80 anos, inaugurou o Abrigo-Hospitalar Clemente Ferreira para tuberculosos pobres, com 60 leitos, na Avenida Jabaquara.

Em 1939, com 82 anos, foi condecorado como Professor *Honoris Causa* pela Escola Paulista de Medicina.

Além de ter fundado todos esses armamentos de luta contra a tuberculose, Clemente Ferreira, como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia, manifestou-se sobre a utilização das águas do Rio Tietê como fonte de abastecimento de água potável para a cidade de São Paulo. Preocupou-se através da palavra (escrita e falada); deixou escritos 45 discursos e conferências e inúmeros artigos em jornais. É de sua autoria também o livro de poesias **Clínica Poética**, datado de 1946.

Em 6 de agosto de 1947, com quase 90 anos de idade, faleceu esse Grande Patrono da Tisiologia Brasileira, deixando uma legião de beneficiados; uma escola de tisiólogos e o profundo reconhecimento dos brasileiros por sua grandiosa obra.

Cadeira nº 25 – Patrono
Admissão: 13/2/1931

**Adherbal Pinheiro
Machado Tolosa**
1899-1973



Helio Begliomini¹

Adherbal Pinheiro Machado Tolosa, mais conhecido por Adherbal Tolosa, nasceu na cidade de São Manoel do Paraíso (SP), em 22 de dezembro de 1899. Completou seu curso primário na capital paulista, onde também fez seu curso secundário, diplomando-se em ginásio do estado.

Desde cedo demonstrou pendor pelos estudos. No ginásio do estado bacharelou-se em ciências e letras, ocasião em que recebeu o prêmio “Antonio de Godoi”, dado ao aluno que mais se distinguisse dentre os formandos.

Ingressou, em 1918, na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), graduando-se em 1923, ocasião em que defendeu sua tese de doutoramento.

Durante a vida acadêmica manteve grande interesse pelos estudos, meticulosidade nos trabalhos, assim como dedicação aos pacientes, tornando-o um dos líderes de sua turma. Exemplo disso tem-se que, em 1921, foi nomeado interno do posto da Liga de Combate à Sífilis, mantida pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz², função que desempenhou até a conclusão do curso médico.

Em 1922 e 1923 foi interno da 3ª Enfermaria de Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, dirigida pelo professor Ovídio Pires de Campos³. Após a formatura não deixou suas atividades diárias nesse nosocômio, passando a trabalhar na Liga Paulista contra a Tuberculose, no Dispensário Clemente Ferreira, onde adquiriu experiência do diagnóstico e tratamento das moléstias do aparelho respiratório, atuando aí até 1938.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Ovídio Pires de Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1918-1919 e 1935-1936, e é o patrono da cadeira nº 83 desse sodalício.

Adherbal Tolosa trabalhou também, de 1925 a 1938, como clínico consultante da clínica obstétrica dirigida pelo professor Raul Briquet⁴. *Pari passu* fez carreira universitária na FMUSP. Por ocasião da criação da nova cadeira de clínica médica, em 1924, tendo como responsável o professor Antonio de Almeida Prado⁵, foi convidado para o cargo de assistente extranumerário, atuando na 1ª Enfermaria de Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Recebeu, em 1926, o título de docente-livre da clínica neurológica e psiquiátrica, desempenhando ativamente e com grande didatismo suas funções de ensino.

Atuou também durante as Revoluções de 1924 e de 1932, respectivamente, como interno em hospital de emergência e como neurologista à disposição do comando da II Região Militar.

Adhebal Tolosa granjeou sólidos conhecimentos em clínica geral em virtude de sua participação em diversas frentes de trabalho. Segundo seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz⁶, em 15 de janeiro de 1937, Tolosa foi reconduzido, mediante concurso de títulos, à docência-livre da clínica neurológica, uma vez que a então cadeira de neuropsiquiatria e neurologia já havia sido desmembrada. Como consequência, em 1938, deixou todas as atividades que vinha desempenhando, passando a se dedicar exclusivamente à neurologia. Nesse mesmo ano, tendo em vista o prematuro falecimento do professor Enjolras Vampré⁷, foi nomeado para reger interinamente essa cátedra.

Carlos da Silva Lacaz refere também que Adherbal Tolosa “tinha temperamento reservado e era avesso à conquista fácil de simpatias; sempre relutou em fazer comunicações fora do âmbito da Faculdade de Medicina de São Paulo e nunca se sentiu bem nas agitadas reuniões de congressos médicos. Entretanto, nunca se recusou a cooperar em iniciativas visando o progresso da medicina e, em particular, da neurologia. (...). Como catedrático, sempre procurou incentivar os seus colaboradores da clínica, destacando-se pela lógica dos argumentos e pelas soluções adotadas após madura reflexão. Embora racionalista, sempre se sentia sob a armadura do frio administrador e da brilhante inteligência, o calor humano de um grande coração”.

Adherbal Pinheiro Machado Tolosa cooperou na fundação da Associação Paulista de Medicina em 1930, ocupando o cargo de 2º secretário em 1935 e presidindo o Departamento de Neuropsiquiatria em 1934. Foi também sócio honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier de Campinas (SP, 1934); membro correspondente da Sociedade Brasileira de Neurologia; titular e presidente eleito da primeira diretoria (1962-1964) da Academia Brasileira de Neurologia – filiada à Federação Mundial de Neurologia.

4 Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Antonio de Almeida Prado foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

6 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo por um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

7 Enjolras Vampré presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1921-1922 e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

Tornou-se membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 13 de fevereiro de 1931, tendo tido a honra de presidir esse sodalício durante um mandato anual entre 1960-1961.

Desempenhou também o cargo de diretor clínico do Hospital das Clínicas de 1962 a 1969, no qual demonstrou senso de responsabilidade, energia, disciplina e ponderação.

No final de 1968, com auxílio de diversos colaboradores, publicou o livro **Propedêutica Neurológica: Temas Essenciais**.

Adherbal Pinheiro Machado Tolosa faleceu na cidade de São Paulo, em junho de 1973, com 74 anos incompletos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 25 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 26 – Patrono

Ennio Cosimo Damião Barbato 1919-1966

Paulo Jorge Moffa¹



Ennio Cosimo Damião Barbato foi professor associado de clínica médica e chefe de clínica do Serviço do professor Luiz Venere Décourt, 2ª Clínica Médica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Desempenhou atividade médica e científica excepcional. Realizou relevantes trabalhos de pesquisa, tendo como expressão internacional o “Mapeamento Epicárdico Eletrocardiográfico por meio de Eletrodos Diretos”, trabalho publicado com destaque na revista *Circulation*.

Sempre interessado na correção clínica e exames complementares, publicou um livro acerca do **Significado Clínico da Nomenclatura Eletrocardiográfica**, em colaboração com Zarco Caramelli.

Foi editor do livro em homenagem ao professor Luiz V. Décourt ao decorrer dos seus 15 anos de cátedra.

Recentemente, completando o acervo do Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina, foi inaugurado um painel em homenagem aos colegas de origem italiana, com fotos de 20 profissionais – inclusive de Ennio Barbato – que se destacaram em nosso cenário médico.

Em sua curta vida como veranista de Bertioiga, empreendeu campanha de cunho social significativa, a fim de construir albergue para meninos carentes que passavam férias na praia.

Quis a Providência ou o acaso que se instalasse o Museu de Folclore à praça Dr. Ennio Barbato, no Caxingui. Assim, o visitante desconhecido ao tomar conhecimento e se emocionar com tradições e/ou crenças populares de nossa identidade (tão a gosto

¹ Titular e emérito da cadeira nº 26 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Ennio Cosimo Damião Barbato.

Nótula: A foto, a redação de acordo com o perfil desta secção, assim como as informações ao final do texto, no rodapé, foram providenciadas e aditadas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

de Ennio Barbato), mesmo insensível e indiretamente, pode estar prestando tributo à personalidade humana do patrono daquele logradouro público².

2 Aditação: Ennio Barbato nasceu em 23 de junho de 1919 e faleceu em 22 de março de 1966, aos 46 anos de idade.

Dele falou o professor Luiz Venere Décourt: *“Companheiro de trabalho por mais de vinte anos, viveu e prestigiou os passos iniciais de minha cátedra em 1950 e, depois, todo o seu caminho, em dedicação verdadeiramente filial, lúcida e entusiasta, que jamais declinou, apesar das apreensões e da doença. Nela obteve os graus universitários de doutor em medicina, de docente-livre em clínica médica e de professor-adjunto; nela ocupou, sucessivamente, os cargos de assistente-efetivo, de chefe da seção de cardiopatias adquiridas, de chefe de clínica, de professor-substituto.*

Nessa vivência, publicou cerca de seis dezenas de trabalhos científicos de alto valor, muitos dos quais representando conquistas definitivas para a medicina. Dentre eles a análise dos fenômenos fisiopatológicos presentes na pneumopatia e na cardiopatia pulmonar esquistossomóticas; a determinação de aspectos eletrocardiográficos distintivos em cardiopatias reumáticas e luéticas e, muito particularmente, os rigorosos estudos sobre a sequência da ativação ventricular no coração humano, em condições normais e patológicas, apreciada através de derivações epicárdicas diretas.

Sua inteligência e sua penetrante curiosidade científica levaram-no à constante indagação dos fatos, concretizando-se planos que eram promessas e preliminares de novos trabalhos, nem sempre infelizmente completados, dada a doença que o abalara, pela primeira vez, há cerca de doze anos. Dele partiram as primeiras ideias sobre a biópsia transcutânea do coração humano, hoje de rotina em nosso Serviço; dele surgiram tentativas para a determinação da temperatura do sangue nas cavidades cardíacas, agora em uso em algumas clínicas europeias. E ainda as buscas para a averiguação do papel da fadiga e da tensão na gênese de alterações coronarianas em animais observados durante longo tempo em condições particulares; para a avaliação das manifestações cerebrais em determinadas anomalias congênitas; para a apreciação da influência das perturbações metabólicas discretas sobre a repolarização ventricular.

Sua capacidade mental e sua sensibilidade levaram-no a amar as artes e as letras, e foi real humanista em geração que não se distinguia particularmente por essa qualidade. Fez versos na mocidade e viveu em íntimo contato com a literatura e a pintura.

(...). Distinguiu-se por extraordinária capacidade de fazer amigos. E não apenas entre nós, mas em todos os ambientes onde viveu. Assim foi no México, onde um magnífico estágio de dois anos (1947-1949) fez nascer admiração e real afeto em todos os componentes do Instituto de Cardiologia; assim nos Estados Unidos da América do Norte, onde trabalhou na Heart Station da Universidade de Michigan (1949) e com a Cardiovascular Research Unit da Universidade de Vermont (1956); assim, ainda na Itália (1960), onde uma permanência de cerca de dois meses pareceu representar aos investigadores do Istituto di Cardiologia Sperimentale de Milão o vínculo de toda uma vida.

Esse culto à amizade fez com que não soubesse clinicar sem viver, em sua integridade, os problemas de seus pacientes. Já doente, reconhecendo suas próprias limitações, afirmava que cada cliente seria o último no sacrifício exigido à sua saúde, mas a afirmação era sempre, e de novo, desmentida no decorrer de anos, pelo desvelo do homem que não sabia agir de outra forma. Na verdade, morreu sempre um pouco, em cada doente que morria (...). Referência: Décourt LV. Ennio Barbato. Arquivos Brasileiros de Cardiologia 19 (2): 171-172, 1966.

Cadeira nº 27 – Patrono

João Paulo da Cruz Britto 1880-1947

Jorge Alberto Fonseca Caldeira¹



João Paulo da Cruz Britto nasceu em Caxias, estado do Maranhão, em 26 de março de 1880. Foram seus pais o médico João Paulo da Cruz Britto e Veneranda da Cruz Britto.

Passou em sua cidade natal os primeiros cinco anos. Mudou-se então com a família para Recife, onde seu pai exercia a obstetrícia. Guardava alegres lembranças de Olinda, com suas ruas tortuosas, seus sobrados e imponentes mosteiros.

Aos 14 anos foi enviado à Europa, havendo estudado na Suíça durante dois anos, no Instituto Minerva, em Zurique. A seguir passou para o Ginásio Landshut, na Baviera, onde desenvolveu o gosto pela matemática e a astronomia. Posteriormente estudou na *Tau-Y-Brim School*, no País de Gales, diplomando-se pela Universidade de Oxford, em 1899.

Regressou ao Brasil após cinco anos. Iniciou o curso médico em 1901, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Era aluno distinto; seus colegas se recordavam dele, caracterizando-o pela extrema modéstia, bem como pela profunda eficiência na dedicação ao currículo escolar. Desde o 4º ano frequentou a clínica oftalmológica dirigida pelo professor Abreu Fialho.

Formado, dirigiu-se novamente à Europa, trabalhando com o professor Ernst Puchs, na Universidade de Viena, onde permaneceu dois anos. A seguir permaneceu durante um ano com os professores Adams e Stickler, em Berlim. Completou sua formação no *Moorfields Eye Hospital*, em Londres.

Voltando ao Brasil passou a clinicar em São Paulo. Convidado pelo professor Arnaldo Vieira de Carvalho² – fundador e primeiro diretor da Faculdade de Me-

¹ Titular e emérito da cadeira nº 27 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de João Paulo da Cruz Britto.

Nótula: As fotos; complementos e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as informações aditadas abaixo nos rodapés foram contribuições do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

dicina – tornou-se o primeiro catedrático de clínica oftalmológica, em 1916. A faculdade funcionava na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e suas instalações foram completamente remodeladas pelo professor João Britto³ (Figura 2). Voltou à Europa para adquirir aparelhagem mais moderna para a nova clínica que se constituiu no berço da oftalmologia paulista.



Figura 2 – Foto nos jardins da Santa Casa nos anos da década de 1930. Os que estão com gorros são assistentes. Da esquerda para a direita, sentados: professor Cyro de Resende; e do centro é o professor João Britto; e o extremo à direita é o professor Jacques Tupinambá.

As preleções de João Britto se caracterizavam pela clareza na exposição, denotando profundo conhecimento dos temas abordados. A par do curso de graduação ministrava outros que eram abertos a oftalmologistas, os quais, estando desligados da faculdade, exerciam suas clínicas particulares e estavam desejosos de atualização através de sua cultura médica especializada⁴.

Em março de 1947 a clínica oftalmológica mudou-se da enfermaria Santo Antônio da Santa Casa de Misericórdia para o Hospital das Clínicas. Nova aparelhagem foi adquirida nos Estados Unidos da América e foram criados os serviços de neuro-oftalmologia, motilidade extrínseca, glaucoma, estrabismo e anatomia patológica.

Durante 34 anos de exercício em sua clínica particular, João Britto tirou férias por apenas duas vezes. Dedicava a semana aos seus alunos e pacientes; os domingos eram inteiramente reservados à família, quase sempre usufruídos na sua chácara em Santo Amaro. A propósito, dizia: “*Dedico seis dias aos clientes e o domingo é o dia dos meus*”.

3 Durante esse período foram seus assistentes junto à cátedra os doutores Pereira Gomes, Moacyr Álvaro, Jacques Tupinambá, Cyro de Rezende, Rogério Marcos da Silva, Durval Prado, Plínio de Toledo Piza, Paulo Braga de Magalhães, Sampaio Doria e Jorge Wilmersdorf, sendo Paulo Ferraz da Costa Aguiar o mais antigo.

4 Seu discípulo, Sylvio de Toledo, assim se referiu ao professor João Britto, em 1956: (...) “Tinha para com seus doentes e discípulos uma relação de sincera humildade. A bondade e a modéstia foram traços marcantes de sua personalidade. (...) Nós, como ex-alunos e colaboradores, pudemos vislumbrar no Mestre a busca do contínuo aperfeiçoamento; a constante dedicação a seus pacientes, alunos e assistentes; o afeto a seus entes queridos...”.

Na intimidade de seu lar não gostava que fossem abordados dois temas: medicina e política. Considerava que o primeiro era assunto para as enfermarias e, o segundo, competia aos partidos⁵.

O professor João Paulo da Cruz Britto faleceu em 8 de novembro 1947, aos 67 anos, no Hospital das Clínicas, exercendo seu trabalho rotineiro, pouco desfrutando das novas instalações. Nos 31 anos à frente da clínica oftalmológica formou inúmeros oftalmologistas e professores, que o sucederam ao longo dos vários lustros.

Legou um magnífico exemplo de cidadão, chefe de família, profissional responsável, dedicação a seus pacientes, pesquisador, professor e chefe de escola.

⁵ Contudo, não se furtava de se interessar pelos destinos da pátria. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, prestando serviço na Cruz Vermelha.

Cadeira nº 28 – Patrono

Nemésio Bailão 1909-1966



Helio Begliomini¹

Nemésio Bailão nasceu em 10 de agosto de 1909, em Taiuva (SP). Era filho de Manoel Lourenço Bailão e de Conceição Domingues Bailão.

Graduou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1934. Durante o curso médico tomou parte ativa na Revolução Constitucionalista de 1932.

Começou a clinicar em Pirangi (SP), onde também se dedicou à vida política, sendo vereador e presidente da Câmara Municipal desse município.

Transferiu-se em seguida para a capital paulista, onde conquistou grande círculo de amizades, sendo muito estimado e sabendo corresponder com grande generosidade.

Juntamente com colaboradores ministrou cursos como o de “Medicina de Urgência”, sob o patrocínio do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz².

Bailão tornou-se o primeiro diretor clínico do Hospital do Servidor Público Estadual (HSPE)³, e trouxe para nele trabalhar nomes de grande destaque do Hospital das Clínicas, tais como: Arthur Wolff Netto, ginecologista; Waldemar Henrique Cardim, berçarista; Reynaldo Chiaverini, clínico; Eugenio Mauro, cirurgião; assim como numerosos ex-residentes que se tornaram famosos profissionais, como Angelita Gama⁴,

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial foi conseguida com a filha de Nemésio Bailão, senhora Iracema Conceição Cividanes Bailão, pela acadêmica Conceição Aparecida de Mattos Segre, primeira ocupante da cadeira nº 28 da Academia de Medicina de São Paulo.

A maior parte dos dados aqui consignados foi gentilmente fornecida pela sra. Shirley Bertho dos Santos, da Secção de Denominação de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 O Hospital do Servidor Público Estadual (HSPE) teve sua pedra fundamental lançada em 5 de janeiro de 1957. A obra, executada sob a orientação e fiscalização do dr. Francisco Morato de Oliveira, foi inaugurada em 9 de julho de 1961.

4 Angelita Habr Gama é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

Conceição Mattos Segre⁵, Anói Cordeiro, Hartmut Grabert; e médicos do porte de Evaldo Melo dentre tantos outros.

Prescindindo de pendores políticos, mas imbuído de grande patriotismo, Nemésio Bailão viu-se envolvido nos acontecimentos que precederam a revolução militar de 31 de março de 1964, tomando parte ativa de sua preparação.

Por ser um ilustre médico com muita penetração social, além de possuidor de grande clínica, tornou-se um dos grandes elos de ligação entre civis e militares que enfrentaram a onda comunista que ameaçava o País, motivada também pela grave situação política desencadeada pelo governo de João Goulart. Em sua residência reuniram-se inúmeras vezes os principais líderes do Exército brasileiro, que vinham estabelecer contatos com os oficiais do II Exército. Apesar de saber que era passível de represálias do governo federal, jamais renunciou sua moradia e sua própria pessoa à causa da redemocratização republicana da nação. Ao contrário, assumiu a responsabilidade de arrecadar recursos a essa causa, concentrando em suas mãos o dinheiro de que dispunham os conspiradores para o preparo da Revolução de Março.

Todo esse esforço minou-lhe ainda mais sua saúde, que já era precária. Ademais, a grande decepção que teve com os desvios nas diretrizes dos desdobramentos do Golpe Militar o levou a morte.

Nemésio Bailão (Figura 2) foi casado com Tereza Iracema Cividanes Bailão e teve uma filha, Iracema Conceição Cividanes Bailão. Faleceu na cidade de São Paulo, em 9 de março de 1966, aos 56 anos. Seu corpo foi velado no Hospital do Servidor Público Estadual, onde atuava como diretor da Divisão Médica. A missa de sétimo dia foi celebrada na Igreja de Santa Teresinha, no bairro de Higienópolis.



Figura 2 – Nemésio Bailão.

Nemésio Bailão é honrado como patrono da cadeira nº 28 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome a uma rua da capital paulista, no bairro Butantã, e a um imponente anfiteatro no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo. O Centro de Estudos desse hospital também criou um prêmio que levou o seu nome, destinado a distinguir importantes trabalhos científicos lá produzidos (Figura 3).

⁵ Conceição Aparecida de Mattos Segre é membro titular e emérito da cadeira nº 28 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Nemésio Bailão.



Figura 3 – Certificado do Prêmio Nemésio Bailão referente ao ano de 1974, conferido ao dr. Renato Andretto⁶ pelo trabalho “Bloqueios Seletivos Experimentais das Vias Internodais de Condução no Cão”. Esse trabalho foi publicado em literatura inglesa e teve repercussão internacional. Figura obtida na biblioteca do HSPE.

⁶ Renato Andretto é membro titular da cadeira nº 12 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Alípio Corrêa Netto.

Cadeira nº 29 – Patrono Admissão: 2/12/1941

Euryclides de Jesus Zerbini
1912-1993

Helio Begliomini¹



Euryclides de Jesus Zerbini nasceu em Guaratinguetá (SP), aos 7 de maio de 1912, pelas mãos do médico Homero Benedito Ottoni, sendo registrado em 10 de maio de 1912.

A casa onde nasceu localizava-se à Rua Visconde de Guaratinguetá, demolida para dar lugar à atual estação rodoviária da cidade. Era filho do professor Eugênio Zerbini e de Ernestina Teane Zerbini.

Terminou o curso colegial sem descobrir sua vocação, mas seu pai o incentivou a seguir medicina. No início da faculdade assistiu a uma cirurgia e pensou em desistir. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932 apresentou-se como soldado e, na frente de batalha, acostumou-se aos sangramentos das dilacerações vendo o trabalho de atendimento aos feridos, tomando gosto pela cirurgia.

Em 1935, com 23 anos, graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e, posteriormente, especializou-se no Hospital das Clínicas em cirurgia geral. Trabalhou inicialmente com Alípio Corrêa Netto², especializando-se em cirurgia torácica. Foi nomeado professor da FMUSP em 1936, quando tinha apenas 24 anos, defendendo uma brilhante tese sobre os **Efeitos da Vitamina C na Cicatrização das Feridas**.

Em 2 de dezembro de 1941, com apenas 29 anos (!), ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1942 atendeu no pronto-socorro um garoto de sete anos com um estilhaço de ferro dentro do peito. Ele não hesitou: abriu o coração do menino e religou sua artéria coronária, salvando a vida do futuro mecânico Disney Zanolini. Esse grande feito estimulou-o a seguir para os Estados Unidos da América (EUA), onde se especializou em 1944, durante seis meses, em cirurgia torácica – cardíaca e pulmonar. Já em 1945 começou a dedicar-se à cirurgia intracardíaca.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

² Alípio Corrêa Netto foi presidente durante um mandato anual entre 1947-1948 da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº12 desse silogeu.

De volta ao Brasil tornou-se diretor do pronto-socorro do Hospital das Clínicas de São Paulo e cirurgião do Instituto de Cardiologia, onde organizou, em 1947, uma equipe de especialistas em cirurgia cardíaca.

O grande cirurgião idealizou, em 1950, o Centro de Ensino de Cirurgia Cardíaca, embrião do futuro Instituto do Coração.

Em 1957, iniciou, em animais, experiências para abertura do coração, utilizando circulação extracorpórea. Na Universidade de Minneapolis (EUA), foi colega de Christian Barnard, o primeiro cirurgião a realizar um transplante cardíaco.

Casou-se, em cerimônia religiosa, aos 24 de janeiro de 1949, na Igreja do Convento do Carmo, com Dirce da Costa Zerbini, sua ex-aluna de clínica cirúrgica e médica diplomada em 1948 pela FMUSP, que, dedicada à pesquisa, desenvolveu em 1958 o primeiro circuito para circulação extracorpórea no Brasil. Desse conúbio nasceram Roberto, Ricardo e Eduardo.

Zerbini perdeu um filho médico, Eduardo, diplomado em 1977 pela Escola Paulista de Medicina. Eduardo seguiria a carreira paterna, quando faleceu em 30 de janeiro de 1978, de maneira trágica, vítima de um lamentável acidente. O então diretor da Faculdade de Medicina da USP, professor Carlos da Silva Lacaz³, acompanhou Zerbini e sua família em todo esse doloroso transe. Eduardo já havia entrado, por concurso, na residência do Hospital das Clínicas.

Durante alguns anos, Dirce, sua esposa, auxiliou Zerbini na execução da chamada circulação extracorpórea, necessária à prática da cirurgia cardíaca. Idealizou as primeiras máquinas de perfusão na oficina experimental do Hospital das Clínicas, em São Paulo, e tornou-se responsável pela perfusão da equipe cirúrgica do marido, sendo sua principal colaboradora.

No dia 25 de maio de 1968, Zerbini tornou-se o primeiro médico brasileiro e o quinto do mundo a realizar um transplante de coração, apenas seis meses após o transplante pioneiro, realizado em dezembro de 1967, pelo cirurgião sul-africano Christian Barnard. Na noite desse dia, no centro cirúrgico do Hospital das Clínicas de São Paulo, ele transplantou o coração de Luis Ferreira de Barros, morto por atropelamento, para o peito do lavrador João Ferreira da Cunha, conhecido como João Boiadeiro. João viveria apenas 28 dias com seu novo coração em decorrência da rejeição, e Zerbini realizaria mais dois transplantes ainda nos anos 1960. Um dos transplantados, o empresário Ugo Orlandi, viveu 15 meses após a cirurgia.

Nos anos sessenta, o último transplante de coração feito por Zerbini e sua equipe aconteceu em 7 de janeiro de 1969. O êxito do cirurgião foi de grande importância não só nos meios científicos nacionais, mas também internacionais, trazendo para o país a admiração e o respeito das outras nações, e tornando o Brasil um dos mais avançados centros de cirurgia cardíaca do mundo. Ele dizia: *“Operar é divertido, é uma arte, é ciência e faz bem aos outros”*.

Euryclides de Jesus Zerbini ingressou em 28 de novembro de 1974 como membro honorário da vetusta Academia Nacional de Medicina. Fundou o Instituto do Coração, o InCor, em 1975, instituição que se tornaria um dos mais conceituados esta-

³ Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse silogeu.

belecimentos hospitalares da América. Mais tarde, fazendo parte do InCor, surgiu a Fundação Zerbini para o Desenvolvimento da Bioengenharia, que também começou a exportar a tecnologia.

Os transplantes cardíacos foram retomados em 1980, graças à descoberta da ciclosporina, droga capaz de evitar que o organismo do paciente rejeitasse o órgão transplantado.

Em 1985, aos 73 anos de idade, Zerbini voltou aos transplantes cardíacos, já na fase dos medicamentos antirrejeição, e, novamente, foi pioneiro ao realizar em 3 de junho daquele ano o primeiro transplante de coração num paciente, Manoel Amorim da Silva, portador da doença de Chagas.

Durante seus 58 anos de carreira, Zerbini recebeu 125 títulos honoríficos e inúmeras homenagens de governos de todo o mundo. Foi autor do volume III – **Cirurgia do Tórax** (1979) da obra “Clínica Cirúrgica Alípio Corrêa Netto”.

Realizou mais de 40 mil cirurgias cardíacas, pessoalmente ou por meio de sua equipe. Participou de 314 congressos médicos e trabalhou incessantemente até poucos meses antes de morrer. Ele costumava dizer que “*morreria operando*” – e quase cumpriu essa profecia.

Em 1988, Zerbini foi objeto de uma biografia escrita pelo jornalista Celso Arnaldo Araujo e intitulada “Dr. Zerbini – O Operário do Coração”, na qual é descrita toda a sua trajetória profissional e a própria história da cirurgia cardíaca brasileira, que teve em Zerbini seu fio condutor.

Euryclides de Jesus Zerbini faleceu aos 81 anos, no InCor, por volta das 10 horas do dia 23 de outubro de 1993 (sábado), vítima de um melanoma generalizado. O atestado de óbito foi passado pelo seu médico assistente, professor José Antônio Franchini Ramires⁴, cardiologista do InCor. Os padres Leo (Leocir) Pessini e João Inácio Mildner, capelães do Hospital das Clínicas, proferiram a oração de despedida.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 29 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e numa escola na cidade de Campinas, no bairro Ponte Preta.

Em 1999 foi lançado o livro “Doutor Zerbini – Um Coração pela Vida” de autoria de Renata Braga.

Em 2010, a médica e historiadora Yvonne Capuano⁵ publicou uma nova biografia num livro que intitulou “Dr. Zerbini – O Médico e o Mito”.

4 José Antônio Franchini Ramires é membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Yvonne Capuano foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 2009-2010 e é membro titular e emérito da cadeira nº 64 sob a patronímica de Maria Augusta Generoso Estrela.

Cadeira nº 30 – Patrono
Admissão: 5/3/1960

**Antonio Frederico
Branco Lefèvre**
1916- 1981



Aron Judka Diamant¹

Antonio Frederico Branco Lefèvre foi o quinto dos sete filhos de Eugênio Lefèvre Jr. e Ana Branco Lefèvre. Nascido em 6 de outubro de 1916 em São Paulo, cursou o ginásio no Colégio São Luiz e ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1936, graduando-se em 1941.

Porém, já na época estudantil interessou-se pela neurologia e desde 1939 frequentava a clínica neurológica – ainda nas enfermarias da Santa Casa – na categoria de estudante-adido, mostrando suas tendências para as ciências do sistema nervoso.

Interessado também pelos problemas de ordem psicológica, que julgava de grande importância para a sua formação de neurologista, viajou para o Rio de Janeiro no ano de 1944, a fim de assistir ao curso de psicologia do professor André Ombredane. Na mesma ocasião, completou em um ano as três séries do curso de psicologia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, tendo sido aprovado com distinção. Acompanhava também os trabalhos práticos de psicologia nos grupos escolares da Prefeitura do Rio de Janeiro, desenvolvidos pelo professor Ombredane, além de acompanhá-lo nos estudos dos distúrbios da linguagem e da palavra escrita e falada, no Instituto Nacional de Surdos-Mudos, demonstrando já seu interesse pelo desenvolvimento mental da criança. Ainda nesse ano assistiu a um curso sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach, ministrado pelo professor José Leme Lopes e, na Faculdade Nacional de Medicina, curso sobre neurologia infantil ministrado pelo professor Ary Borges Fortes. Previamente a esses estudos, demonstrara interesse pela neurologia pediátrica, quando acompanhara aulas sobre o assunto, naquela época incipientemente ministradas pelo professor Ary Borges Fortes, na Clínica Neurológica da FMUSP, e pelo professor Martagão Gesteira na cátedra de pediatria dessa faculdade. O interesse pela neurologia infantil (NI) constituiu-se, desde então, na linha mestra de toda sua formação especializada.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 30 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Antonio Frederico Branco Lefèvre.

Nota: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta seção foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Retornando a São Paulo reintegrou-se no âmbito da clínica neurológica, já com deliberação de desenvolver-se na especialidade que escolhera com apoio e estímulo de seus mestres e colegas, ao mesmo tempo em que consolidava seus conhecimentos de neurologia geral. Com a transferência dessa clínica para o recém-inaugurado Hospital das Clínicas da FMUSP, tornou-se-lhe possível desfrutar dos recursos oferecidos por um serviço que se aprimorava dia a dia, quando, então, pela primeira vez no Brasil, instalara-se uma enfermaria com leitos para crianças com afecções neurológicas. Nessa época, buscou aprimorar-se no exame neurológico da criança, justamente do recém-nascido (RN), mantendo intenso intercâmbio com a cátedra de clínica obstétrica do professor Raul Briquet e, depois, com a clínica pediátrica do professor Pedro de Alcântara.

Nesse período de 1945 a 1950, desenvolveu, com enorme capacidade de trabalho, suas duas teses, de doutoramento e de livre-docência. Assim, num curto período, de agosto a outubro de 1950, defendeu-as com o maior dos sucessos, a saber: **Contribuição para o Estudo da Patologia da Afasia em Crianças** (doutorado) e **Contribuição para a Padronização do Exame Neurológico do Recém-Nascido Normal** (livre-docência).

Na primeira tese mostrou seu interesse precoce pelas funções corticais superiores, no caso, a linguagem, tese essa que teve repercussão internacional, a ponto de ser citada como um dos trabalhos pioneiros sobre afasias em crianças (Henri Hécaen e Eric Lenneberg).

Quanto à sua tese de docência sobre o exame neurológico do RN, antecedeu em dois anos a obra de André Thomas, sobre o exame neurológico do RN e lactente normal, sabendo-se que muito do que é atribuído hoje como descrição desse pediatra francês, na realidade, foi antes abordado por Lefèvre. Vários autores de renome, como Wartenberg, elogiaram, citaram ou comentaram sua sistematização para o exame neurológico do RN.

Entre 1970 e 1971 realizou dois filmes: **Exame Neurológico do Recém-Nascido**, o qual até março de 1975 havia sido projetado 134 vezes em numerosos meios clínicos e hospitalares brasileiros; e **Três Síndromes Neuropsiquiátricas**, cujo roteiro e direção mereceram menção particular, obtendo medalha no 6º Festival Internacional do Cinema Médico, realizado em Nantz, em novembro de 1971. A direção dos dois filmes foi do cineasta B. J. Duarte.

Em 1972, quando apresentou seu memorial para o concurso de professor-adjunto do Departamento de Neuropsiquiatria da FMUSP, registram-se os impressionantes números de suas atividades: 1. realizou quatro concursos públicos, o último dos quais para o cargo de professor da disciplina de neurologia infantil em 30/4/1968; 2. participação em 24 bancas examinadoras; 3. participação em três comissões julgadoras de prêmios conferidos por associações médicas; 4. orientação e formação de um doutor e um docente-livre em neurologia; 5. 13 aulas didáticas para cursos de graduação da FMUSP; 6. 119 palestras e conferências proferidas em sociedades científicas; 7. cursos de extensão universitária e de aperfeiçoamento para médicos; 8. 33 participações em congressos; e 9. cerca de 74 trabalhos científicos publicados.

Como decorrência de seu interesse pela abordagem semiológica da criança, inspirou seu grupo em pesquisas pertinentes. Assim, após sua tese sobre o RN, por sua

orientação, Aron Diament realizou, entre 1963 e 1967, o exame neurológico (sob aspecto quantitativo) da criança lactente normal, de mês a mês, apresentado em sua defesa de tese de doutorado “A Evolução Neurológica do Lactente Normal”, em 1967. Foi a partir desse exame que se estabeleceram os critérios para feitura do Exame Neurológico Evolutivo (ENE) da criança pré-escolar normal, do qual, planejado a partir de 1968, a equipe do mestre publicou a pesquisa em 1972.

Em seu memorial de 1976, para concurso de professor titular da disciplina de neurologia infantil do Departamento de Neuropsiquiatria da FMUSP, Lefèvre colocou em evidência o ENE como o mais importante trabalho realizado até aquele momento por ele e sua equipe. A repercussão desse trabalho foi relevante, tanto em nível nacional, como no exterior. A primeira edição de 3.000 exemplares esgotou-se rapidamente, e logo a seguir, foi preparada a 2ª edição (pela Sarvier). A obra recebeu elogios de vários autores estrangeiros, a saber: R. Caldeyro-Barcia (Uruguai); Julio B. de Quiróz (Argentina); Eric Lenneberg (EUA); Anatole S. Dekaban (EUA); Jean Nergès (França); A. Ruttenberg (EUA); T. T. S. Ingram (Escócia); além de um sumário no *Journal of Pediatrics* (agosto, 1976), após apresentação deste exame na reunião anual da Sociedade Latino-Americana de Investigação Pediátrica, em 1975, por A. Diament. Baseado nesse exame, a professora dra. Newra T. Rotta, em 1975, realizou em Porto Alegre sua tese de docência-livre comparando crianças normais e com distúrbios do aprendizado. Do mesmo modo, Saul Cypel desenvolveu trabalho semelhante, aplicando o ENE em escolares de Londres, de 6 e 7 anos de idade, com ou sem distúrbios de aprendizado, durante seu estágio no *Institute of Neurology – London University*, tal trabalho veio a ser sua tese de livre-docência em 1983.

Tornou-se interessante a análise do 3º memorial do mestre, quando de seu concurso para professor titular: além de historiar sua formação superior, não é demais registrar sua produção científica nos últimos cinco anos que precederam o concurso, isto é, de 1972 a 1976: 28 participações em mesas-redondas e congressos; 21 conferências proferidas a convite de várias instituições médicas; 16 comunicações a sociedades médicas e congressos; 22 publicações assim distribuídas: dois livros; 11 trabalhos publicados em revistas médicas ou anais de congressos; nove capítulos de livros e/ou publicações com finalidade didática; orientador de três teses de doutoramento em neurologia infantil, um dos quais era venezuelano e que trabalha, atualmente, na Universidade Oriental da Venezuela, em Barquisimeto.

Foi a partir do concurso para professor titular que nasceu a ideia do livro **Neurologia Infantil. Semiologia+Clínica+Tratamento**, cuja 1ª edição foi lançada em outubro de 1980, durante o Congresso da Academia Brasileira de Neurologia (ABN). A. B. Lefèvre e A. Diament foram os coordenadores e mais 28 colaboradores revisaram e atualizaram grande parte da patologia neurológica da criança, além de terem se preocupado em mostrar os resultados dos trabalhos da linha semiológica criada pelo mestre, o que trouxe tão gratificantes frutos a ele e à sua Escola. Esse livro mereceu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, como o melhor conteúdo no setor de ciências naturais publicado entre 1980/1981, prêmio esse que o mestre não chegou a presenciar, pois veio a falecer em 20 de agosto de 1981, antes de completar 65 anos de idade.

Lefèvre participou ainda, desde 1973, da fundação e formação da *International Child Neurology Association* (ICNA) – Associação Internacional de Neurologia Infantil, da qual foi eleito duas vezes vice-presidente (1975 e 1979). Em 1978 foi eleito presidente da Sociedade Latino-Americana de Neurologia Infantil (Slani), cargo que ocupou até 1981 – quando foi homenageado em novembro, em Quito. No congresso da Slani de 1984, criou-se a Conferência Magistral “Professor Antonio B. Lefèvre”, a ser proferida em todos os congressos da sociedade, sendo que a 1ª delas coube a Aron Diamant proferir em Santiago, Chile, em 1987.

Antonio Frederico Branco Lefèvre publicou 74 trabalhos em periódicos nacionais e estrangeiros, dos quais 40 como o único ou o primeiro autor, e 34 em colaboração; 20 capítulos de livros dentre os quais destaco: “*Language Development in Malnourished Children*”. In: *Foundations of Language Development. A Multidisciplinary Approach* (Lenneberg E & Lenneberg E, eds. Unesco, Academic Press, 1975, New York); **Exame Neurológico Evolutivo** (Sarvier, São Paulo – 2 edições); **Neurologia Infantil: Semiologia + Clínica + Tratamento** em coautoria com A. Diamant (Sarvier, São Paulo, 1980) e mais 28 colaboradores. Nesse livro Lefèvre escreveu nove capítulos.

Em 1979, durante o congresso da Abenepi – Associação Brasileira de Neuropsiquiatria Infantil, em Salvador, realizou-se a primeira reunião dos “Discípulos de Antonio B. Lefèvre” (idealizada pelos seus ex-assistentes), com o intuito de preservar sua Escola e suas ideias, além de sua memória.

Eis o resumo do que foi a vida de nosso mestre, dedicada ao estudo, à pesquisa e à formação de uma Escola Neuropediátrica pela qual passaram mais de 100 estagiários, dos quais cerca de 50 residentes desde 1972, quando foi criada a residência de neurologia infantil, e com um mínimo de dois anos de formação.

Cadeira nº 31 – Patrono
Data de admissão: 4/3/1969

Julio Cesar Kieffer
1915-1986



David Serson¹

Julio Cesar Kieffer nasceu em Roma, Itália, no dia 4 de julho de 1915. Seu pai, Friedrich Kieffer, era alemão e sua mãe Guendalina, italiana. Casou-se em Maria Hungria Kieffer, com quem teve três filhos e dez netos.

Graduou-se em medicina pela Universidade de São Paulo (USP) em 1940. Seus primeiros anos de exercício da medicina foram dedicados à prática clínica, com ênfase em endocrinologia e metodologia, e ministrando aulas no Departamento de Fisiologia da USP.

Com a morte prematura de seu pai, em 1943, foi obrigado a interromper seu trabalho médico para cuidar de negócios familiares. Retornou à medicina em 1959, integrando a 1ª Clínica Médica do Hospital das Clínicas da USP e, em 1960, trabalhou conjuntamente com a Comissão Nacional de Energia Nuclear, no Instituto de Energia Atômica – atual Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) – no Departamento de Medicina Nuclear, e de onde se tornou chefe em 1963.

Em 1961 tornou-se *fellow* da Universidade de Pisa, Itália.

Em 1970, após orientar e auxiliar um sem-número de colegas do Hospital das Clínicas a obterem seu doutorado, fez a própria tese: **Protótipo de um Contador de Corpo Inteiro.**

Professor Kieffer, como costumeiramente chamado, era naturalmente um professor e um cientista. Ministrou por muitos anos um curso sobre “Metodologia e Aplicações Médicas de Radioisótopos” com a frequência de inúmeros médicos do Brasil e do exterior, muitos dos quais desenvolveram em seus locais de origem novos centros de medicina nuclear, especialmente na América Latina.

Pode-se contar às centenas (ou até milhares) os agradecimentos por sua atuação em teses de doutorado e de livre-docência. Assim também foi sua participação em trabalhos publicados e apresentados em congressos, nacionais e internacionais.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 31 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Julio Cesar Kieffer.

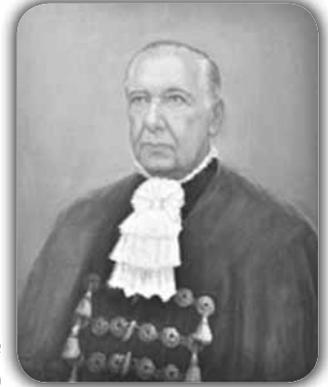
Nota: Pequenas adaptações do texto ao perfil desta seção foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Julio Cesar Kieffer tornou-se presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1973-1974) e da Sociedade Brasileira de Biologia e Medicina Nuclear.

Em 1983 retirou-se de toda atividade médico-científica e faleceu em 27 de setembro de 1986, aos 71 anos.

Cadeira nº 32 – Patrono Admissão: 1/7/1934

João Alves Meira
1905-1989



Domingos Alves Meira¹

João Alves Meira nasceu em São Paulo (SP), em 12 de maio de 1905. Sua formação escolar inicial foi realizada no Curso Primário na Escola Modelo Caetano de Campos e no Ginásio do Estado da cidade de São Paulo. Influenciado pelo exemplo de seu pai, Domingos Rubião Alves Meira matriculou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia em 15 de fevereiro de 1922, graduando-se em 1927, ano em que foi presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz dessa instituição.

Desde o início, sua carreira profissional foi dirigida para a docência e a pesquisa em clínica médica e em doenças tropicais. Assim sendo, foi assistente de clínica médica na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e, posteriormente, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). De 1931 a 1934, foi o primeiro assistente de parasitologia, cuja cátedra era exercida pelo professor Samuel Barnsley Pessoa.

Obteve doutorado em 1928, com a tese **Nephrose Lipóidica**, e a livre-docência em clínica de moléstias tropicais, em 1937.

Foram de grande importância para sua formação em doenças infecciosas e parasitárias os cursos e estágios que seguiu nessa especialidade nos Estados Unidos da América do Norte, nos anos de 1941 e 1942. Assim, frequentou a *Tulane University of Louisiana, School of Medicine*, em Nova Orleans, e a *Duke University Medical School*, em Durham, Carolina do Norte, com bolsas de estudo da *The American Foundation for Tropical Medicine* e da *The Rockefeller Foundation*. Nessas universidades teve o privilégio de ser orientado por Ernest Carrol Faust e Mark Boyd, notáveis pesquisadores das áreas de parasitas intestinais e malária, respectivamente. Completou o Curso de Medicina Tropical e Parasitologia Clínica na *Tulane University*, em primeiro lugar.

1 Domingos Alves Meira (1932-2012) foi membro titular e emérito da cadeira nº 32 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de João Alves Meira, seu pai. Era neto de Domingos Rubião Alves Meira, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

Nótula do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro: João Alves Meira teve a honra de presidir a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1949-1950.

Em 1944 dirigiu o Hospital Evandro Chagas, do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), do Ministério da Educação, em Belém do Pará. De 1945 a 1963 exerceu a cátedra de diagnóstico de doenças transmissíveis da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Com sólida formação em clínica médica, experiência em laboratório, conhecimento profundo e especializado do corpo de doutrina de doenças tropicais, além de competência em ensino e pesquisa, disputou e conquistou, em 1951, a cátedra de doenças tropicais e infecciosas da FMUSP. Durante o concurso, defendeu a tese **Esquistossomose Mansonii Hépato-Esplênica**, que incluía a descrição minuciosa dos achados em 64 pacientes por ele estudados. Nesse trabalho, fez a análise clínica e fisiopatogênica dos dados colhidos e confrontados com os da literatura, estabeleceu as relações com a síndrome de Banti e com cirrose hepática, em geral.

Foram várias suas realizações como catedrático: reorganizou o curso de graduação; instituiu o internato no sexto ano médico e a residência na especialidade; criou, organizou e ministrou o Curso de Pós-graduação em Doenças Infecciosas e Parasitárias da FMUSP. Finalmente, transformou a disciplina em departamento, condição privilegiada no contexto do ensino, pesquisa e administração acadêmica na universidade.

Em outubro de 1958 participou, juntamente com os professores Carlos da Silva Lacaz² e Antônio Dácio Franco do Amaral, da criação do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo da USP.

Presidiu a comissão formada por diretores de unidades da USP, atendendo à solicitação do governador Carvalho Pinto, que propôs a criação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (SP). Após a criação dessa faculdade, em 1962, tornou-se seu primeiro diretor, cargo que exerceu até 1963. Nesse período foi realizado o primeiro vestibular e dada a aula inaugural. Deixou a direção dessa faculdade por ter sido nomeado diretor da Faculdade de Medicina da USP, tendo cumprido dois mandatos consecutivos até 1970.

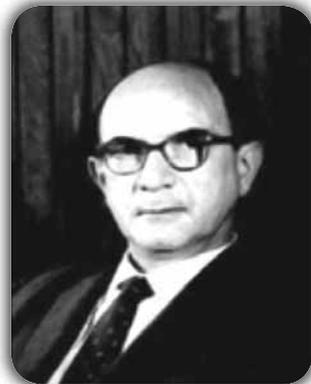
Teve mais de uma centena de trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, dos quais 55 desde a sua formatura, em 1927, até o concurso de cátedra, em 1951. Desses trabalhos, 16 versavam sobre aspectos da esquistossomose mansonii.

A trajetória de João Alves Meira como professor de medicina e especialista em clínica de doenças infecciosas e parasitárias foi muito além da simples responsabilidade profissional. Como autêntico líder acadêmico, abriu caminhos e influenciou a criação de outros núcleos de ensino e pesquisa em doenças tropicais em São Paulo e no país. Acima de tudo, sua obra foi desenvolvida sempre com justiça e dignidade. O que foi por ele construído permanece até hoje, com importância fundamental na formação de profissionais que atuam na especialidade.

² Carlos da Silva Lacaz presidiu a Academia de Medicina de São Paulo num mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Cadeira nº 33 – Patrono Admissão: 3/1/1940

Antonio Barros de Ulhôa Cintra
1907-1998



Geraldo Medeiros Neto¹

O professor Antonio Barros de Ulhôa Cintra era de família tradicional de São Paulo, onde nasceu em 13 de setembro de 1907. Era sobrinho do professor de pediatria Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra. Sua vocação médica sempre foi inquestionável, formando-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1930.

Após alguns anos em que considerou a pediatria como opção ou possibilidade de carreira, mudou de rumo ao tomar conhecimento das novas ideias vindas dos professores alemães que se radicaram nos Estados Unidos da América, fugindo do terror nazista.

No auge da Segunda Grande Guerra, embarcou para Boston, onde, no *Massachusetts General Hospital* da *Harvard Medical School*, encontrou o professor Fuller Albright. Esse genial americano, justamente conhecido como “pai da moderna endocrinologia”, havia lançado revolucionários conceitos sobre as moléstias das glândulas endócrinas e do metabolismo de doenças ósseas.

Com Albright, o professor Cintra ficou fascinado com as doenças ósseas metabólicas e, voltando ao Brasil, com o auxílio financeiro de amigos dedicados, montou no Hospital das Clínicas o Serviço de Moléstias da Nutrição e o Laboratório Metabólico da Primeira Clínica Médica.

O professor Cintra assumiu a cátedra na FMUSP após concurso público e foi o indiscutível pioneiro do conceito inovador de que o endocrinologista deve, a par do conhecimento clínico e teórico da doença, ter grande familiaridade com o laboratório clínico ou de pesquisa – do leito à bancada laboratorial e vice-versa.

Chamado a reger e dirigir a Universidade de São Paulo como reitor² e, mais tarde, como secretário da Educação do governo Abreu Sodré, realizou um trabalho excepcional. A criação da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo)

¹ Titular da cadeira nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Antonio Barros de Ulhôa Cintra.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações no texto ao perfil desta secção, assim como as explicitações de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Exerceu a reitoria da USP de 1960 a 1963.

pela lei 5.918 de 18 de outubro de 1960, sancionada pelo governador Carvalho Pinto, teve participação decisiva de Ulhôa Cintra, sendo o presidente do primeiro Conselho Superior da Fapesp, cargo que manteve até 1973³.

Voltou o professor Cintra à sua querência na faculdade de medicina, onde continuou a colocar o seu tempo e a sua vida na tarefa de formar médicos; a descobrir fatos; a elucidar mecanismos de doenças; a curar pacientes; a ensinar muito; a pesquisar continuamente. Formou na Primeira Clínica Médica um extraordinário número de discípulos e seguidores que, mais tarde, foram seus sucessores tanto na FMUSP, como professores em outros centros universitários. Foi o fundador dos Laboratórios de Investigação Médica (LIM) do Hospital das Clínicas da USP e o seu primeiro diretor-geral.

Mesmo após a sua aposentadoria em 1978, jamais deixou de ir ao Hospital das Clínicas onde assistia e participava de todas as reuniões; compartilhava das visitas à enfermaria; discutia aspectos complexos de casos clínicos complicados; e emitia judiciosas opiniões, mostrando uma incrível atualização médica.

O professor Ulhôa Cintra faleceu no final do ano de 1998, aos 91 anos. Foi, sem dúvida, um paradigma de educador, médico, professor universitário e cientista, sendo justamente homenageado com a patronímica da cadeira nº 33 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

3 Contribuiu também na elaboração da lei de criação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e da Faculdade de Ciências Médicas de Botucatu.

Cadeira nº 34 – Patrono

Sylvio Soares de Almeida
1913-1976

Helga Maria Mazzarolo Cruz¹



Sylvio Soares de Almeida formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1938.

O professor Antonio Barros de Ulhôa Cintra assumiu a cátedra da 1ª Clínica Médica dessa faculdade (13ª cadeira) após brilhante concurso realizado de 17 a 28 de outubro de 1949, sendo nomeado em seguida. Ele trouxe três assistentes, denominados 1º, 2º e 3º, nessa ordem: Emílio Mattar, Sylvio Soares de Almeida e Jairo Cavalheiro Dias, além do dr. Octavio Armínio Germeck, encarregado do laboratório do Hospital das Clínicas. O dr. Sylvio trabalhava com o professor Cintra no Serviço de Moléstias da Nutrição e Dietética do Hospital das Clínicas da FMUSP, que fora criado em 1943.

Após concurso, realizado em junho de 1950, o professor Luiz Venere Décourt² tomou posse da cátedra da 2ª Clínica Médica (14ª cadeira), em 4 de agosto de 1950. À primeira deveria caber o ensino de propedêutica, de laboratório clínico e de patologia médica e, à segunda, o ensino de medicina geral e de patologia médica.

Até essa época, o curso de medicina graduava médicos generalistas e as três Clínicas Médicas de então não tinham uma programação organizada, sendo as aulas muitas vezes repetidas por professores distintos. O professor da 3ª Clínica Médica, dr. Antonio de Almeida Prado³, estava se aposentando e o professor Octávio Augusto Rodvalho ficou na sua regência até sua extinção em 1954.

1 Titular e emérita da cadeira nº 34 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Sylvio Soares de Almeida.

Nótula: A foto microfilmada – obtida gentilmente no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo –, assim como as notas de rodapé e o aditamento abaixo são contribuições do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro:

Sylvio Soares de Almeida nasceu na cidade de São Paulo, em 28 de outubro de 1913, e faleceu em 28 de janeiro de 1976, aos 62 anos. Era filho de José S. de Almeida Porto e de Guilhermina S. de Almeida.

2 Luiz Venere Décourt foi membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Antônio de Almeida Prado foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

Após a posse do professor Décourt, os dois novos professores decidiram dividir todo ensino clínico em diferentes matérias. Com essa atitude estavam criando as futuras especialidades clínicas. À 1ª Clínica Médica coube o ensino da alergia, endocrinologia, hematologia, moléstias renais e hipertensivas; medicina nuclear e laboratório clínico, e à 2ª Clínica Médica o ensino da propedêutica, cardiologia, pneumologia, gastroenterologia e reumatologia.

Coube aos professores Emílio Mattar e Sylvio Soares de Almeida o ensino das moléstias renais e hipertensivas, sendo as primeiras aulas proferidas no segundo semestre de 1952, para os alunos do 5º ano médico.

O professor Emílio Mattar, após alguns anos, resolveu se dedicar mais à endocrinologia, principalmente ao *Diabetes Mellitus*. Com a criação da Sociedade Brasileira de Nefrologia, em agosto de 1960, e da Sociedade Internacional de Nefrologia, em outubro do mesmo ano, a chefia do Grupo de Nefrologia passou para o professor Sylvio Soares de Almeida. A mudança do nome de moléstias renais e hipertensivas para nefrologia ocorreu nesse tempo.

O professor Jean Hamburger, primeiro presidente da Sociedade Internacional de Nefrologia, que estivera em São Paulo no dia da fundação de sua congênere brasileira, resolvera certo tempo antes mudar o nome de seu serviço – no Hospital Necker de Paris – para nefrologia e dar o nome de nefrologia para a Sociedade Internacional que iria criar dois meses após a instalação da Sociedade Brasileira de Nefrologia. Nesse dia o professor Emílio Mattar, considerando que já havia deixado a direção do Grupo de Doenças Renais e Hipertensivas para o professor Sylvio, não quis comparecer àquela solenidade e não se tornou um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Nefrologia. O dr. Sylvio já era um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, o que ocorrera em 1ª de setembro de 1950.

Nessa ocasião existiam dois grupos de nefrologia na FMUSP, pois o professor Décourt incorporara outro, sob a chefia do professor José Barros Magaldi⁴, criado na 3ª Clínica Médica em 1953 e transferido para a 2ª Clínica Médica em 1954, após a extinção da 3ª Clínica Médica.

O grupo de nefrologia da 1ª Clínica Médica era o grupo oficial, encarregado do ensino e das notas de aprovação necessárias para a graduação em nefrologia. Como o professor Sylvio Soares de Almeida era o seu chefe, pode-se dizer, sem qualquer dúvida, que ele foi o primeiro professor de nefrologia da FMUSP e, provavelmente, do Brasil.

O professor Sylvio era muito culto, profundo conhecedor da nefrologia e de outros ramos da clínica médica, com grande cultura geral e um dos principais responsáveis pela minha formação clínica. Entretanto, ele nunca defendeu uma tese, embora tivesse contribuído para que outros o fizessem.

Um pouco antes de 1960 ele criou, na 1ª Clínica Médica, um laboratório para o estudo do exame de urina, seu sedimento em diferentes patologias renais e em infecções do rim e do trato urinário através de um microscópio de fase.

O sedimento urinário fora muito estudado por Thomas Addis a partir de 1925, criando um engenhoso modo de contagem de seus elementos por 12 ou 24 horas. O dr. Sylvio introduziu a medida do sedimento urinário quantitativo, aprimorando o trabalho do dr. Addis.

4 José Barros Magaldi é o patrono da cadeira nº 50 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1979 e em 1982, dois pesquisadores australianos, W. F. Fairley e D. F. Birch, utilizando um microscópio de fase descreveram as hemácias dismórficas. Ainda em 1982, utilizando o método descrito pelo dr. Sylvio Soares de Almeida, apresentei em Congresso Brasileiro de Nefrologia, em Guarapari (ES), trabalho discordando parcialmente das conclusões de Fairley e Birch, o que somente seria reconhecido pela literatura médica em 1990. Nesse laboratório ele desenvolveu o maior estudo do sedimento e da infecção do trato urinário até então realizado no Brasil, e que deveria ser sua tese de doutorado.

Com esse trabalho, denominado “Pielonefrites”, ele concorreu e ganhou o Prêmio Alvarenga da Academia Nacional de Medicina de 1962, o maior prêmio de medicina dessa época. Todos seus assistentes também foram laureados juntamente, embora o trabalho intelectual fosse apenas dele. Esse estudo tinha sido publicado no ano anterior em cinco partes pela Revista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo. O professor Ulhôa Cintra⁵ também ganhara o Prêmio Alvarenga em 1948.

Pouco tempo após, o professor Sylvio licenciou-se e foi passar um ano na Universidade Federal da Bahia, com o professor Heonir Rocha, que se especializara no estudo de diferentes aspectos da urinocultura e das pielonefrites. Sobre esse estágio o professor Heonir escreveu: “Sylvio Soares de Almeida, homem simples e probo, competente em tudo que fazia, foi um marco de seriedade na investigação nefrológica em nosso meio. Seu interesse por infecção urinária fez com que ele passasse um ano em Salvador, trabalhando com nosso grupo, época em que produziu alguns trabalhos em pielonefrite experimental”.

Em 28 de novembro de 1968, através da lei nº 5.540, e pelo decreto-lei nº 464 de 11 de fevereiro de 1969, foi realizada uma grande reforma universitária, considerada por muitos prejudicial aos interesses da medicina, pois transformara o magnífico prédio da Av. Dr. Arnaldo⁶ em um mausoléu. Entretanto, para a nefrologia foi interessante, pois culminou com a fusão das duas disciplinas, da 1ª e da 2ª Clínica Médica, em 1972, sob a chefia do professor José Barros Magaldi, que era docente-livre, tendo o dr. Sylvio Soares de Almeida como subchefe.

Pouco tempo depois o dr. Sylvio faleceu em virtude de um infarto quase fulminante.

5 Antonio Barros de Ulhôa Cintra é o patrono da cadeira nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Cadeira nº 35 – Patrono

**Antonio Ferreira de
Almeida Júnior**
1892-1971



Helio Begliomini¹

Antonio Ferreira de Almeida Júnior, mais conhecido por Almeida Júnior, nasceu aos 8 de junho de 1892, em Joanópolis (SP). Era filho de Antonio Ferreira de Almeida e de Othília Caparica de Almeida. Sua mãe faleceu quando ele tinha apenas quatro anos de idade. Iniciou seu curso primário na cidade de Joanópolis, dando continuidade em São Paulo, no 2º Grupo Escolar do Brás.

A morte muito precoce de sua mãe e, possivelmente, o segundo casamento de seu pai contribuíram para que Almeida Júnior fosse criado por seus avôs, Anselmo e Bruna Caparica, até pelo menos 1902, pois, em 1905, já tinha concluído o curso primário em São Paulo. Tornou-se independente muito jovem, pois se referia a seu pai como “Tonico” e, ainda moço, teve importante participação nas decisões sobre os rumos da vida de sua irmã mais velha, Adília.

Almeida Júnior formou-se professor normalista em 1909, na Escola Normal da Praça da República, em São Paulo. Em 1910 iniciou suas atividades no magistério como professor primário da Escola Isolada da Ponta da Praia. Ainda nesse ano passou a lecionar na Escola Modelo Isolada de São Paulo.

Entre 1911 e 1914 foi professor de francês na Escola Normal de Pirassununga. Atuou ainda no magistério na escola noturna para meninos operários no Instituto Disciplinar (1915-1919); auxiliar de direção (1919); e auxiliar do diretor-geral do Ensino da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1919-1920).

Solicitou licença de seu cargo de professor e esteve na Europa em 1913, aos 21 anos, depois de receber sua parte da herança da mãe. A visita à França e a outros países, bem como o contato com George Dumas durante a sua estadia em Paris, foram muito importantes em sua vida.

Almeida Júnior graduou-se, em 1921, com 29 anos, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, defendendo a tese **O Saneamento pela Educação**.

Casou-se, em 24 de fevereiro de 1922, com Maria Evangelina de Almeida Cardoso. Desse convívio nasceu Roberto Luiz Ferreira de Almeida, que foi promotor público em São Paulo.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Entre 1920 e 1930 lecionou biologia e higiene na Escola Normal do Brás, hoje, Instituto de Educação Padre Anchieta.

Como bolsista da Fundação Rockefeller, tornou-se assistente extranumerário até 1923 do laboratório de higiene, à época, uma cadeira da faculdade de medicina.

Atuou também como professor de física, química e história natural no Liceu do Rio Branco, escola particular de cuja fundação foi um dos colaboradores, além de dirigi-la no período de 1928-1934.

Em 1928 foi nomeado, por concurso, professor livre-docente de medicina legal da Faculdade de Direito de São Paulo do Largo São Francisco, galgando a condição de professor catedrático, em 1941.

Almeida Júnior foi também um dos fundadores da Universidade de São Paulo, em 1934. Entre outros cargos que desempenhou salientam-se: chefe do serviço médico escolar do estado de São Paulo, tendo colaborado na elaboração do Código de Educação do Estado de São Paulo (1933); diretor de ensino da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1936-1938); membro do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo (1944); secretário da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo (1945-1946); membro do Conselho Nacional de Educação e do Conselho Federal de Educação (1962).

Almeida Júnior também participou da política partidária, tendo sido presidente da União Democrática Nacional (UDN) nos biênios de 1951-1952 e 1953-1954. Essa sua faceta política foi considerada por seus familiares e amigos dissonante e frustrante em sua trajetória. Foi candidato a deputado federal, em 1950, mas não se elegeu.

Como reconhecimento à sua importante atuação na área da educação recebeu os seguintes prêmios e homenagens: Prêmio Educação Visconde de Porto Seguro, concedido pela Fundação Visconde de Porto Seguro (1957); Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito Educativo, concedido pelo governo federal (1957), e Prêmio Moinho Santista, setor educação (1970).

Ao lado de Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Cecília Meireles, foi um dos autores do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em defesa do ensino e da reorganização da educação em consonância com a realidade brasileira.

Almeida Júnior publicou pelo menos 11 livros, alguns com sucessivas edições, principalmente aqueles destinados a atividades didáticas. Publicou também muitos artigos em jornais paulistanos; pareceres para conselhos de educação e outros textos pertinentes à área de medicina legal.

Entre suas principais obras sobre medicina, educação e problemas legais, incluem-se: **Cartilha de Higiene** (1922); **Noções de Puericultura** (1927); **Escola Pitoresca** (1934, 1951 e 1966); **Biologia Educacional: Noções Fundamentais** (teve 22 edições de 1931 a 1969); **Lições de Medicina Legal** (1948, chegou à sua 20ª edição e alcançou grande êxito no meio jurídico); **Problemas do Ensino Superior** (1956); **Escola Primária** (1959) e **Manifesto dos Educadores Democratas em Defesa do Ensino Público** (1959).

Almeida Júnior aposentou-se oficialmente em 1962, quando completou 70 anos de idade e cinquenta de atuação no funcionalismo público, tendo então recebido o título de Servidor Emérito do Estado.

Segundo depoimento de suas sobrinhas, “ele foi principalmente uma pessoa irônica e afável, apesar de retraído; era calmo e austero, dotado de senso de humor, vivacidade e sensibilidade” (Figura 2).



Figura 2 – Caricatura de Antonio Ferreira de Almeida Júnior de autoria não identificada.

Esses traços de sua personalidade foram também destacados por seu colega, professor doutor João Baptista de Oliveira Costa Júnior, em discurso proferido por ocasião de sua morte no salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo: “(...). Como cidadão, representava o homem na sua mais pura concepção: o homem bom, íntegro, trabalhador, discreto, integrado no espírito de solidariedade social; o que, todavia, não o impedia de manifestar-se, muitas vezes, com fina ironia, não insolente nem agressiva, mas apenas de advertência a qualquer ato que o desagradasse”.

Antonio Ferreira de Almeida Júnior faleceu em 4 de abril de 1971, na cidade de São Paulo, com 79 anos incompletos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 35 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; patrono da cadeira nº 4 da Academia Paulista de Psicologia; e patrono da cadeira nº 17 da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo – AFPESP. Também dá nome a uma escola pública na cidade do Guarujá (SP), no bairro Jardim Tejereba, e a uma rua na cidade de São Paulo, no bairro Vila Guarani.

Cadeira nº 36 – Patrono

Ignácio Proença de Gouvêa 1892-1956



Fernando Proença de Gouveia¹

Ignácio Proença de Gouvêa nasceu em 5 de maio de 1892, em Santa Tereza de Valença (RJ). Era filho de Manoel Soares de Gouvêa e de Ignácia Proença de Gouvêa. Viveu na fazenda do pai até completar quatro anos de idade, indo morar, a seguir, no Rio de Janeiro, onde sua família fixou residência.

Com o falecimento de seu pai, em 1897, vítima de febre amarela, mudou-se com sua mãe para Belo Horizonte, onde ela se manteve lecionando em escola primária. Devido a dificuldades financeiras da mãe, Ignácio começou a trabalhar aos 12 anos na Companhia de Força e Luz de Belo Horizonte, a fim de manter seus estudos.

Ao formar-se no ginásio decidiu que queria ser médico e, para tanto, teria de mudar-se para o Rio de Janeiro ou Salvador, únicas cidades do Brasil onde havia faculdade de medicina, o que não era compatível com suas condições financeiras. Seu desejo só se concretizou em 1911, graças a um bilhete de loteria e o apoio de um tio, professor Hilário de Gouvêa², professor de otorrinolaringologia da Praia Vermelha e morador no Rio de Janeiro.

Ignácio Proença de Gouvêa matriculou-se na Faculdade Nacional de Medicina, naquele mesmo ano. O seu sustento foi conseguido graças ao esforço de sua mãe, que lecionava línguas e fazia trabalhos manuais. A partir do 2º ano do curso médico, foi nomeado monitor da cadeira de história natural e, no ano seguinte, passou a auxiliar de aulas práticas da cadeira de microbiologia e fisiologia do professor Bruno Lobo.

Graduou-se em medicina em 1916, tendo preparado tese de doutoramento orientada pelo professor Hilário de Gouvêa. Nessa ocasião relacionou-se mais com sua colega

1 Titular e emérito da cadeira nº 36 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Ignácio Proença de Gouvêa, seu pai. Presidiu esse sodalício durante um mandato bienal entre 1989-1990.

2 Hilário de Gouvêa (1843-1923) graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1866, defendendo tese intitulada "Do Glaucoma: Dos Sucos Digestivos, Estudo Químico-Farmacológico sobre a Estricnina, Veratrina e Brucina. Operações Reclamadas pelos Tumores Hemorroidais". Nessa escola tornou-se catedrático de clínica oftalmológica (1883-1895) e o primeiro professor de otorrinolaringologia (1911), além de diretor (1910-1911).

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé e o aditamento no final, foram feitos pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo o patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

de turma Etelvina de Lima Pedroso, que também tinha o mesmo orientador para a sua tese. Ela era de família tradicional de São Paulo, o que influenciou muito na decisão de Ignácio de mudar-se para a capital paulista com a sua mãe, conciliando seus projetos matrimoniais e a perspectiva de tornar-se professor de história natural médica de uma faculdade de medicina pioneira em São Paulo, a convite do professor Ulisses Paranhos, reitor da Universidade Livre de São Paulo, criada em 1911 e com suas atividades encerradas pelo Governo do Estado em 1917, tendo em vista a implantação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, atual Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Casou-se com a dra. Etelvina, em 26 de julho de 1917, abrindo com ela consultório anexo à sua residência. Mais tarde assumiu a direção do ambulatório médico da Indústria de Juta Maria Zélia, criada pioneiramente em moldes baseados na *Rerum Novarum*³, apoiando o trabalhador e a sua família de uma maneira integral, tanto em saúde como na área social.

Ignácio Proença de Gouvêa morou vários anos na vila operária da indústria, atendendo o operariado e suas respectivas famílias. Era também responsável pela creche, pela farmácia, pelo laboratório clínico e pela assistência domiciliar. Foi uma experiência inovadora que serviu de modelo para a futura Previdência Social, criada em 1934, pelo Governo Federal.

Em 1918 começou a trabalhar na Assistência Pública, serviço equivalente, na época, ao Samu⁴ atual. Lá permaneceu até 1927, quando foi nomeado diretor-geral de Higiene e Saúde do Município de São Paulo.

Nessa época era médico particular de Carlos de Campos, então presidente do Estado de São Paulo, e de seu irmão, Sílvio de Campos, deputado federal. Ambos influenciaram no engajamento político do dr. Proença como membro do PRP – Partido Republicano Paulista, que apoiava Washington Luís, o presidente da república. Nessas circunstâncias foi afastado do cargo público por dois anos e preso durante dois meses. Era líder político no Belenzinho desde 1920, mantendo consultório na Farmácia Mallet (legalmente permitido na época).

Após o ocorrido em 1930, abandonou definitivamente a política, mas, em 1932, colaborou com a Revolução Constitucionalista de São Paulo, trabalhando como médico voluntário para prestar socorro às vítimas das frentes de batalha trazidas a São Paulo. Depois disso dedicou-se apenas aos cargos públicos que exerceu, especialmente como diretor de Higiene e Saúde, o qual reassumiu em 1933, permanecendo nele até 1945, quando se tornou o primeiro secretário de Cultura, Higiene e Saúde de São Paulo (Administração Abraão Ribeiro).

Merecem destaques algumas iniciativas que marcaram significativamente sua carreira como servidor municipal. Na administração Pires do Rio, na década de 20, reorganizou os serviços médicos e sanitários da prefeitura com modernização da limpeza pública; o controle sanitário de alimentos, especialmente da carne, desde sua origem no matadouro de Carapicuíba até a sua distribuição a partir do Tendal Único da Lapa, onde instalou o 1º Laboratório Bromatológico de São Paulo, controlando a qualidade dos produtos distribuídos pelos grandes frigoríficos estrangeiros.

3 *Rerum Novarum*: Primeira encíclica social do Papa Leão XIII (1810-1903) publicada em 1891.

4 Samu – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

Enquanto diretor do departamento de Higiene e Saúde participou, na década de 30, da construção, organização e controle do Mercado Municipal, na Rua Cantareira; do Entrepasto de Verduras e Legumes, precursor do Ceagesp⁵ atual. Por esses dois locais é que chegavam e eram distribuídos para consumo os alimentos produzidos na periferia e colocados à disposição da população. Na Rua Pedroso 180, organizou um serviço sanitário de grande importância para a comunidade: controle de saúde dos manipuladores de alimentos servidos aos consumidores (balconistas de bares, garçons, empregadas domésticas, açougueiros etc.). O controle visava especificamente doenças transmissíveis através dos alimentos.

Na Limpeza Pública, modernizou seus equipamentos com tração animal e proporcionou aos trabalhadores melhores condições de trabalho, com refeitórios para alimentá-los, além de controle de saúde pela Prefeitura.

Verificou, no final dos anos 20, que os operários da Limpeza Pública mantinham, desde 1928, uma “arrecadação particular e espontânea, visando auxiliar aos companheiros e a seus familiares que ficassem doentes”, internando-os na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e no Hospital Matarazzo. Ao saber das dificuldades dos operários em manter essa coleta, o dr. Proença convenceu o então prefeito Fábio Prado a instalar, em 1934, o primeiro Hospital Municipal num antigo Hospital da Cruz Vermelha, muito bem equipado e montado em prédio alugado ao Círculo Isotérico do Pensamento, no Largo São Paulo, à Rua São Paulo, esquina da Conselheiro Furtado, com capacidade para 80 leitos.

Graças a um excelente corpo clínico, a maioria proveniente da Faculdade de Medicina, instalada, na época, nas enfermarias da Santa Casa de São Paulo, e comandado pelo Ayres Neto⁶, proporcionaram, desde então, assistência médica de ótima qualidade aos operários da Prefeitura.

Como secretário de Educação, Cultura e Higiene da Prefeitura de São Paulo criou, na década de 50, os primeiros parques infantis e o Departamento de Assistência à Infância e Maternidade (Daim), abrangendo a puericultura, as imunizações infantis, a assistência escolar e o pré-natal das gestantes nos Postos de Puericultura, depois denominados Postos de Saúde.

Também na década de 50 foi concretizado um velho sonho do dr. Proença, ocasião em que foi criado o Pronto-Socorro Municipal (PSM) em substituição à antiga Assistência Pública. Com a colaboração de uma equipe do Hospital das Clínicas (Carmino Caricchio, Primo Curti, Álvaro Dino de Almeida⁷, Joaquim Rossini, Jaime Rosembojn, Walter Bloise, dentre outros) foi inicialmente adequado o Pronto-Socorro Central, no Pátio do Colégio, com a rede de PSMs estendida rapidamente para a Barra Funda, Tatuapé, Ipiranga, Santo Amaro, Jabaquara, São Miguel, Santana etc., com equipes de resgate, chefiadas por médicos treinados em primeiros socorros. Integrando a rede de pronto-socorros aos serviços universitários, instalou unidades de pronto-socorros municipais no Hospital das Clínicas, na Santa Casa de São Paulo e no Hospital São Paulo.

5 Ceagesp – Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais de São Paulo.

6 José Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse sodalício.

7 Álvaro Dino de Almeida é o patrono da cadeira nº 18 da Academia de Medicina de São Paulo.

Considerando a insuficiência de leitos de maternidade para gestantes sem recursos na década de 50, apesar da existência do Amparo Maternal e da Casa Maternal, dr. Proença montou, no Ipiranga, num prédio originalmente destinado a escola, um Abrigo Obstétrico para atender mulheres em trabalho de parto “socorridas” pelo Pronto-Socorro Municipal. Mais tarde, aproveitou outra ala do mesmo prédio para organizar um Abrigo Pediátrico destinado especialmente para assistir crianças com desidratação por diarreia no verão e afecções respiratórias no inverno, suprimindo a carência de leitos pediátricos nos hospitais de São Paulo. Após a sua morte recebeu o seu nome, por iniciativa do professor Carlos da Silva Lacaz⁸, então secretário de Higiene e Saúde.

Nos últimos quinze anos de sua vida, após o falecimento de sua mãe, o dr. Ignácio tornou-se um cristão fervoroso, alternando suas atividades médicas ou administrativas com ações sociais de apoio a pessoas carentes internadas em hospitais públicos ou em entidades filantrópicas, sem dizer quem era ou então dizendo chamar-se “dr. de José”. Apesar de sua dedicação ao trabalho ocupá-lo desde as primeiras horas das manhãs até altas horas da madrugada, não deixava de visitar asilos e hospitais diariamente, para perguntar aos pacientes mais carentes: “*O que você está precisando?*” ou “*O que você tem vontade de comer?*” ou “*Você quer que eu leve algum recado ou uma cartinha a alguém?*”. Sempre onipresente, o dr. Proença ainda ia diariamente aos diversos serviços públicos sob sua responsabilidade. E arranjava tempo para ir despachar até depois da meia noite na Intendência da Rua Cantareira, ao lado do Mercado Central, e posteriormente na Rua Pedroso 180, onde se situava o Departamento de Higiene e Saúde. E atento a tudo o que acontecia em São Paulo, esteve presente ao incêndio que destruiu as instalações do Hospital Municipal no Largo São Paulo, em 1942, comandando os trabalhos de socorro. Verificando ainda faltar um paciente, graças ao fato de conhecer todos os internados na instituição, enfrentou os riscos ao adentrar no sinistro e salvá-lo a tempo.

Ignácio Proença de Gouvêa faleceu com 64 anos, em 7 de dezembro de 1956, acometido de câncer pulmonar⁹. Deixou um exemplo incomum de amor à família e de dedicação extraordinária à comunidade, auxiliando os mais carentes, especialmente os operários da Prefeitura e os cidadãos sem família, sem distinção de raça ou condição social, internados nos asilos e hospitais conveniados da Prefeitura de São Paulo. Suas ações de caridade seguiram permanentemente um princípio cristão que ele repetia com muito orgulho: “*O que a mão direita faz, a mão esquerda não precisa saber!*”.

8 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

9 Aditamento: Ignácio Proença de Gouveia foi casado com dra. Etelvina Pedroso Gouveia e teve cinco filhos, sendo dois homens e três mulheres. Sua missa de sétimo dia foi celebrada na Catedral Metropolitana de São Paulo, a pedido do prefeito municipal Wladimir de Toledo Piza, na qual compareceram inúmeras autoridades e milhares de funcionários e amigos.

Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 36 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome ao Hospital Municipal “Dr. Ignácio de Proença Gouvêa” no Parque da Mooca, e a uma rua no bairro da Casa Verde, na capital paulista.

Cadeira nº 37 – Patrono

Manoel Dias de Abreu 1894-1962

Helio Begliomini¹

Manoel Dias de Abreu nasceu na cidade de São Paulo, em 4 de janeiro de 1894. Era o terceiro filho do casal Júlio Antunes de Abreu, português da província do Minho, e Mercedes da Rocha Dias, natural de Sorocaba (SP). Até o ano de 1908 viveu entre o Brasil e Portugal.

Realizou seus primeiros estudos nas escolas Americana e Hydecroft na capital paulista, e os preparatórios na Faculdade de Direito de São Paulo. Matriculou-se com apenas 15 anos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou aos 21 anos, em 23 de dezembro de 1913, com a tese intitulada **Natureza Pobre**, que tratava da interferência do clima tropical sobre a civilização, sendo possivelmente influenciado pela obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha.

Pouco depois viajou à Europa para aperfeiçoamento profissional, estando acompanhado dos pais; do irmão, Júlio Antunes de Abreu Júnior, e da irmã, Mercedes Dias de Abreu.

Com a I Guerra Mundial teve de ficar em Lisboa até mudar-se, em 1915, para Paris, onde permaneceu por oito anos. Durante sua estada na capital francesa frequentou o *Hôtel-Dieu*, chefiado por Nicolas Augustin Gilbert (1858-1927), local onde despertou seu interesse pela radiologia, especialidade criada em 1895 pelo cientista alemão Wilhelm Conrad Röntgen (1845-1923). A convite de Nicolas Augustin Gilbert assumiu a chefia do laboratório central de radiologia desse hospital, substituindo Hyacinthe Guilleminot (1869-1922), que se afastara para servir na I Guerra Mundial.

Dedicou-se integralmente ao estudo e à prática da especialidade, apresentando pouco tempo depois uma comunicação na *Académie de Medicine de Paris* e na *Société Française de Radiologie*, intitulada “*La Densimetrie Pulmonair*”.

Frequentou também o serviço de Anatole Marie Émile Chauffard (1855-1932) no *Hôpital Saint Antoine*. Trabalhou no *Nouvel Hôpital de la Pitié* com Gaston Lion, sendo aí encarregado de fotografar peças cirúrgicas. Foi nessa ocasião que desenvolveu um dispositivo para fotografar a mucosa gástrica. Ainda em Paris foi assistente (1917-1918)



¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

do professor Maingot, chefe de radiologia do *Hôpital Laennec*, ocasião em que se aperfeiçoou na radiologia pulmonar e desenvolveu a densimetria – mensuração das diferentes densidades. Nesse mesmo hospital visualizou, pela primeira vez, na fotografia do *écran* fluorescente, o meio de realizar o exame do tórax em larga escala e a baixo custo para detectar a tuberculose pulmonar. Contudo, em decorrência de obstáculos técnicos, não pôde desenvolver essa ideia (“Abreugrafia”) em 1919.

Na década de 1920, Manoel de Abreu desenvolveu estudos sobre a formação da imagem, que resultaram na radiogeometria. Em 1921 publicou uma obra pioneira sobre a interpretação radiológica das lesões pulmonares chamada ***Le Radiodiagnostic dans la Tuberculose Pleuro-Pulmonaire***, com prefácio de Edouard Rist.

Ao retornar ao Brasil em 1922, deparou com uma epidemia de tuberculose no Rio de Janeiro e, em 1924, realizou uma segunda tentativa de obter a fotografia do *écran*, mas sem sucesso. Prosseguiu na luta contra a tuberculose e, por influência de José Plácido Barbosa da Silva, chefe da Inspetoria de Profilaxia contra a Tuberculose, criada em 1º de janeiro de 1921, foi instalado nesse estabelecimento o primeiro Serviço de Radiologia na cidade do Rio de Janeiro, com um dispensário destinado ao diagnóstico daquela doença.

Manoel de Abreu casou-se em São Paulo, em 7 de setembro de 1929, com Dulcie Evers.

Ao assumir a chefia do Serviço de Radiologia do Hospital Jesus, a pedido do médico e prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto do Rego Batista (1931-1934 e 1935-1936), buscou novamente criar a fluorografia em função da incidência de inúmeros casos de tuberculose entre as crianças radiografadas.

Em 1936, em decorrência dos aprimoramentos dos aparelhos fotográficos, Manoel de Abreu conseguiu obter a radiofotografia do *écran* fluorescente, o que representou o surgimento da “radiologia social” – o diagnóstico precoce das moléstias torácicas longamente sonhado. Nesse mesmo ano foi construído pelos técnicos da Casa Lohner S.A. o primeiro aparelho para a realização de exames em série na população, o qual foi instalado no Hospital Alemão do Rio de Janeiro, em maio daquele ano.

O método era muito sensível, com especificidade razoável, de baixo custo operacional e permitia a realização de um grande número de exames num curto espaço de tempo. O exame tinha por princípio a fotografia do *écran* ou tela fluorescente. A documentação era feita através de filme comum de 35 mm ou 70 mm. Manoel de Abreu sempre recomendava o filme de 35 mm que, embora de menor custo, exigia o uso de lentes de aumento especiais para a interpretação do exame.

Em março de 1937 foi instalado na Rua do Rezende, nº 128, um equipamento mais aperfeiçoado, e implantado o primeiro Serviço de Cadastro Torácico na cidade do Rio de Janeiro. Ali foram examinadas, de 8 a 21 de julho daquele ano, 758 pessoas aparentemente sãs, das quais 44 apresentavam lesões pulmonares detectadas pela fluorografia. Assim afirmava-se a utilidade da nova técnica, o que resultou na criação de outros Serviços de Recenseamento Torácico, como os do Instituto Clemente Ferreira, do Hospital Municipal e do Instituto de Higiene, todos em São Paulo. A fluorografia foi também adotada como recurso na luta contra a tuberculose em outras cidades do Brasil, da América do Sul, dos Estados Unidos da América e da Europa. Esse novo método foi recebendo, além de fluorografia, outras denominações como fotofluorografia,

roentgenfotografia e radiofotografia. Manoel de Abreu adotou esta última denominação na apresentação de sua nota prévia, em julho de 1936, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, sobre “Um Novo Método de Exame – A Radiofotografia”.

Em maio de 1939 foi proposta por Ary Miranda, presidente do 1º Congresso Nacional de Tuberculose, a utilização do nome “Abreugrafia” para identificar o método criado por Manoel Dias de Abreu. Posteriormente, em 1958, Ademar de Barros, então prefeito de São Paulo, determinou que as repartições públicas da Prefeitura adotassem o termo “Abreugrafia” e instituiu o dia 4 de janeiro, data de nascimento de Manoel de Abreu, como o “Dia da Abreugrafia”.

O exame foi utilizado no rastreamento da tuberculose e doenças ocupacionais pulmonares, difundindo-se rapidamente pelo mundo graças ao seu baixo custo operacional e alta eficiência técnica. Unidades móveis foram desenvolvidas e utilizadas em todo mundo. Fora da América do Sul a denominação do exame era variável: *mass radiography* e *miniature chest radiograph* na Inglaterra e Estados Unidos da América; *roentgenfluorografia* na Alemanha; *radiofotografia* na França; *schermografia* na Itália; *fotorradioscopia* na Espanha; e *fotofluorografia* na Suécia.

Tal era a aprovação e o entusiasmo pelo método à época que, somente na Alemanha, até o ano de 1938, o número de exames realizados pelo professor Holfelder já ultrapassava 500 mil.

Manoel de Abreu publicou diversos artigos sobre sua técnica em periódicos nacionais e internacionais como “*Collective Fluorography*” no *Radiology*, e “*Processus and Apparatus for Roentgenphotography*” no *The American Journal of Roentgenology and Radium Therapy* (AJR), ambos em 1939.

Objetivando a uma melhor avaliação de imagens suspeitas obtidas com a abreugrafia, Manoel de Abreu propôs a utilização da tomografia e, para eliminar os inconvenientes da demora e do alto custo do estudo tomográfico – corte a corte de uma área do tórax -, criou a técnica das tomografias simultâneas, que consistia na realização de vários cortes simultâneos em uma só exposição, por meio do emprego de vários filmes superpostos. Ainda buscando diminuir o número de casos sem diagnóstico baciloscópico, apresentou a pesquisa do bacilo de Koch no lavado pulmonar ou lavado traqueobroncoalveolar, sendo o primeiro lavado realizado em 17 de agosto de 1944, no Hospital São Sebastião, no Rio de Janeiro.

Manoel de Abreu foi o primeiro presidente (1930) da Sociedade Brasileira de Radiologia e Eletrologia, tendo ocupado este cargo também em outras ocasiões (1932 e 1944), entidade que fora fundada por um grupo de radiologistas no seio da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1929. Ocupou, ainda, a presidência (1940-1941) da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Sociedade Brasileira de Tuberculose.

Realizou inúmeras conferências médicas no Brasil, Argentina, Uruguai, Estados Unidos da América, França, Alemanha, Itália e Suécia, e foi membro de mais de 43 associações médicas e acadêmicas, brasileiras e estrangeiras. Recebeu o título de membro honorário da Sociedade Alemã de Radiologia (1940) e do *American College of Radiology* (1945).

Foi agraciado com várias homenagens e honrarias como a medalha Cardoso Fontes da Sociedade Brasileira de Tuberculose; a medalha de ouro – Médico do Ano – do

American College of Chest Physicians (1950); o diploma de Honra ao Mérito Médico da *Academy of Tuberculosis Physicians* (1950); a medalha de ouro do Colégio Inter-Americano de Radiologia (Peru, 1958); a de cavaleiro da Legião de Honra da França; a da Associação Argentina de Radiologia; a Clemente Ferreira; a Grão-Cruz da Ordem do Mérito Médico no Brasil; e a do Valor Cívico do Governo do Estado de São Paulo.

A importância da obra de Manoel de Abreu também levou à criação da Sociedade Brasileira de Abreugrafia em 1957 e à publicação da Revista Brasileira de Abreugrafia.

Nas últimas décadas do século XX, a manutenção precária dos equipamentos brasileiros – o que facilitava o excesso de exposição à radiação ionizante – e as diretrizes de proteção radiológica cada vez mais rigorosas acabaram limitando a utilização do seu método em diversos países. Entretanto, a radiologia brasileira já havia dado uma importante e histórica contribuição à medicina mundial.

Outros trabalhos e livros de Manoel de Abreu são: “*Essai sur une Nouvelle Radiologie Vasculaire*” (1926); “*Radiographie Néphro-Cholécystique*” (1930); “*Poumon et Médiastin*” (1930); “Diâmetros do Coração Visto de Face” (1931); “Radioquimografia Cardiovascular” (1935); “Avaliação Quimográfica do Trabalho Cardíaco” (1938); “Recenseamento Torácico pela Roentgenfotografia” (1938); ***Bases de L’Interprétation Radiologique – Radiogeometrie*** (Paris, 1954); “*La Densimetrie Pulmonair*” (s.d.).

Manoel Abreu publicou, ainda, trabalhos em diversos periódicos científicos estrangeiros no *Fortschritte Auf Dem Gebiete Der Rontgenstrahlen* e no *Journal de Radiologie et Electrologie*.

Foi também escritor e autor de diversos ensaios filosóficos, tais como: **Não Ser** (1924); **Meditações** (1936); **Mensagem Etérea** (1945) e obras poéticas como **Substância** (1928), ilustrada por Di Cavalcanti, e **Poemas sem Realidade**, que ele mesmo ilustrou.

Manoel Dias de Abreu destacou-se por sua valiosa contribuição à profilaxia da tuberculose; revolucionou os métodos da pesquisa radiológica (fotografia do *écran* fluoroscópio, hoje conhecido como abreugrafia); criou e aperfeiçoou vários aparelhos e métodos de exames (o meroscópio, a tomografia simultânea, a tomografia vibratória); e traçou novos caminhos para a radiografia pulmonar (princípios da radiogeometria e a quimografia), do coração e do mediastino.

Ao lado de Carlos Chagas, Vital Brazil², Oswaldo Cruz³ dentre outros, Manuel Dias de Abreu está entre os grandes vultos da medicina brasileira. Recebeu pelo menos cinco indicações para o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, embora, infelizmente, nunca tenha conseguido essa merecida láurea.

Faleceu em decorrência de um câncer de pulmão aos 68 anos, na Casa de Saúde São Sebastião, na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de janeiro de 1962, tendo sido enterrado na cidade de São Paulo.

Em 16 de abril de 1964, pouco mais de dois anos após a sua morte, foi eleito patrono da cadeira nº 84 da Academia Nacional de Medicina. Seu nome é também honrado como patrono da cadeira nº 37 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

2 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 38 – Patrono

Celestino Bourroul 1880-1958



Helio Begliomini¹

Celestino Bourroul nasceu em 13 de novembro de 1880. Era filho único dos primos Paulo Bourroul e Sebastiana Bourroul de ascendência francesa, especificamente de Antibes, na região da Provence.

Celestino Bourroul inicialmente estudou na Escola do Padre Hipólito e, aos 13 anos, foi matriculado no Colégio São Luís de Itu (SP) que, desde 1867, recebia famílias de nível socioeconômico elevado. Sua inteligência e assiduidade nos estudos diferenciavam-no dos demais alunos, qualidades essas logo notadas pelos seus professores. Concluiu o curso de humanidades de forma exemplar e voltou a São Paulo, onde, inspirado no exemplo de seu pai, Paulo Bourroul, decidiu cursar medicina.

A fim de seguir sua vocação, matriculou-se na centenária Faculdade de Medicina de Salvador (BA), no início de 1899, preterindo a Faculdade Nacional de Medicina na cidade do Rio de Janeiro, em virtude de o município albergar surtos periódicos de varíola e febre amarela.

Novamente, sobressaiu-se dentre seus colegas de turma devido à sua inteligência e excepcional aproveitamento escolar, graduando-se, com distinção, em 1904. Era o começo da trajetória de um dos mais conceituados médicos do Brasil.

Sua tese de formatura – praxe obrigatória à época – intitulou-se **Mosquitos do Brasil**, considerada inusitada. Esse trabalho foi fruto de uma pesquisa na ilha de Itaparica, onde criou um mosquito a partir da água das bromeliáceas. Descreveu sete novas espécies, sendo uma delas por ele descoberta, contribuindo assim, ainda como estudante, ao estudo da parasitologia. Recebeu a nota máxima, lamentando a banca examinadora não existir louvor superior para distingui-lo. Como prêmio, foi contemplado com uma viagem à Europa.

Celestino Bourroul era católico fervoroso e, no preâmbulo de sua tese, fez uma bela homenagem à Virgem Santíssima.

Retornou a São Paulo em 1904 e seguiu para a França, onde aperfeiçoou seus estudos com o professor Grasset, de renome internacional. Complementou seus conhecimentos no Instituto Pasteur de Montpellier, onde foi estimulado pelo professor Rolart, famoso

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

bacteriologista, para que organizasse um curso de microbiologia. Transferiu-se para Berlim e estagiou no laboratório de anatomia patológica do professor Orth. Na sequência, partiu para Viena, onde fez estudos em clínica médica, radiologia e anatomia patológica.

Ao retornar ao Brasil, abriu consultório na cidade de São Paulo e começou sua aproximação dos intelectuais, cientistas e religiosos. Em consequência de sua educação e da fidalguia com que atendia as pessoas, recebeu, com o passar do tempo, dos propagandistas farmacêuticos, o epônimo de professor emérito.

A admiração era recíproca entre ele e Adolfo Lutz², cientista que o orientou no seu trabalho de formatura. Essa dupla serviria de modelo durante vários anos a pesquisadores do jaez de Oswaldo Cruz³, Carlos Chagas⁴ e Artur Neiva. Os artigos que escreveu nos afamados centros médicos europeus da França, Alemanha e Áustria contribuiriam para torná-lo conhecido e respeitado. Aos trinta anos, Celestino Bourroul já era um médico afamado.

Esposou, em 1912, Maria da Conceição Monteiro de Barros, que contava com 19 anos e era aluna da Escola Normal Caetano de Campos⁵. Esse conúbio foi sólido por mais de 30 anos e gerou oito filhos. A atração de Celestino pela sua esposa era tal que, após o falecimento dela, jamais deixou de expressar seu luto.

Celestino Bourroul tornou-se catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo em 5 de agosto de 1914, onde regeu a disciplina de história natural médica, posteriormente denominada de parasitologia. Nessa casa de ensino também foi diretor (1922), catedrático da disciplina de doenças tropicais e infecciosas em 1925 e, anos mais tarde, diretor do Departamento de Higiene.

Tornou-se representante da Fundação Rockefeller dos Estados Unidos da América após estabelecimento de convênio técnico-financeiro firmado em 1921.

Essa fundação, juntamente com o auxílio de Júlio Prestes, então presidente do Estado de São Paulo, patrocinou a construção a partir de 1928 do prédio da Faculdade de Medicina de São Paulo, obra acompanhada com grande zelo por Celestino Bourroul. Sua inauguração se deu em 1930 e tornou essa instituição de ensino do mesmo nível dos padrões federais. Em 1934 foi integrada à Universidade de São Paulo e, em 1950, quando Bourroul era seu vice-diretor pelo terceiro mandato, foi considerada pelo *Council on Medical Educations and Hospitals of the American Medical Association and Executive Council of the Association of Medical College* dentre as escolas médicas de elevado nível de ensino.

Celestino Bourroul tornou-se chefe do Serviço de Clínica Médica do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia em 7 de outubro de 1921. Ao lado de suas atividades administrativas, expressava seu humanismo entre seus pacientes, tratando-os carinhosamente. Comemorava com seus enfermos as efemérides cristãs. A 6ª Enfermaria de Homens que chefiava organizou no Natal de 1937 uma comemoração, ocasião em que ele cumprimentou e confortou todos os pacientes em seus leitos.

2 Adolfo Lutz é o patrono da cadeira nº 81 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Carlos Justiniano Ribeiro Chagas é o patrono da cadeira nº 46 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Antônio Caetano de Campos é o patrono da cadeira nº 95 da Academia de Medicina de São Paulo.

Dentre as entidades a que pertenceu salientam-se: Associação Paulista de Medicina, Sociedade Francesa de Cardiologia, Academia de Medicina da Argentina, Academia Nacional de Medicina (honorário, 30/11/1922) e Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, entidade que teve a honra de presidir em dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939.

Antônio Cândido Camargo⁶, Antônio Prudente e Celestino Bourroul, motivados pelo aumento do número de óbitos por tumores malignos e lutando contra o preconceito e o medo à época de enfrentar essa doença, tiveram a ideia de fundar a Associação Paulista de Combate ao Câncer (APCC) em 1934. Esclareceram e divulgaram a ideia à população durante três anos, vindo a lume seu primeiro estatuto em 1936. Entretanto, apenas em 1943 obtiveram os primeiros donativos – 100 contos de Réis – e, em 23 de abril de 1953, a entidade começou a atender pacientes no Instituto Central – Hospital A. C. Camargo. Indicado para presidi-la, Celestino Bourroul só o faria em 1957, respondendo humildemente na ocasião: “*Precisam de alguém com real prestígio. Eu não serei de grande utilidade*”.

A APCC transformou-se na Fundação Antônio Prudente em 1974 e, em homenagem à dedicação prestada por Celestino Bourroul, seu nome foi dado à Escola de Cancerologia, entidade que abrange o ensino ministrado no Hospital do Câncer A. C. Camargo. Assim, os três visionários e protagonistas da Associação Paulista de Combate ao Câncer foram honrosamente imortalizados.

Celestino Bourroul foi professor por 36 anos (!) e afastou-se da cátedra de doenças tropicais e infecciosas em novembro de 1950, por indicação médica em decorrência de distúrbios cardiovasculares. Mesmo assim, manteve atendimento à tarde, em seu consultório até 1955, e comparecia na enfermaria da Santa Casa de Misericórdia pela manhã, não deixando sua rotina de examinar os pacientes com o seguinte argumento: “*Quem cuidará dos que não podem pagar?*”. Entretanto, poucos anos após, foi forçado a deixar essa prática com imensa tristeza e, com ela, o exercício da medicina que tanto amou e honrou.

Segundo sua biógrafa, a acadêmica Yvonne Capuano⁷, “ele tinha como princípio a ética no amor ao doente. Baseava seu trabalho na bondade, na paciência, competência e amor a Deus. Nunca deixou que a fama afetasse sua personalidade simples e humana. Exigente no ensino, tinha um caderno de assiduidade, aproveitamento, nome e fotografia dos alunos, onde assinalava o *currículum* anual de cada um. Embora enérgico, os alunos consideravam-no um mestre perfeito, orientando-os não só nos problemas médicos como pessoais”.

Dentre as homenagens que se lhe fizeram salientam-se a condecoração pelo imperador do Japão por ter atendido graciosamente a comunidade nipônica de São Paulo, e o título de professor *honoris causa* da Faculdade de Medicina de Montevidéu.

Celestino Bourroul, um dos mais notórios médicos brasileiros, baseou sua vida no estudo, trabalho, fé e humanismo caridoso. Ao final de sua existência escreveu:

6 Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse sodalício.

7 Yvonne Capuano foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 2009-2010.

“A todos um ‘Deus lhes pague’ e um Adeus – até no céu onde nos encontraremos um dia, sem mais separação, para sempre”.

Entregou sua alma a Deus em 9 de outubro de 1958, um mês antes de completar 78 anos.

Ele é também honrado com a patronímica da cadeira nº 38 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; numa avenida na cidade de São Paulo e numa escola estadual no município de Santo André que levam o seu nome.

Cadeira nº 39 – Patrono

Francisco Borges Vieira
1893-1950



Jenner Cruz¹

Francisco Borges Vieira nasceu em Mogi das Cruzes, em 30 de agosto de 1893. Foi casado com Felícia Deffine Borges Vieira e teve um filho engenheiro, Léo Roberto Deffine Borges Vieira.

Em 1917 completou o curso médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo tese e colando grau de doutor em medicina.

Vindo para São Paulo, recebeu honroso convite do professor Geraldo Horácio de Paula Souza², que acabava de ser nomeado professor substituto de higiene, para ser preparador da cadeira, para cuja chefia o governo havia contratado, com a Fundação Rockefeller, o dr. Samuel Taylor Darling, higienista norte-americano de grande valor e experiência. Naquela época a cadeira de higiene funcionava na Rua Brigadeiro Tobias, nº 45, antigo palacete dos Barões de Piracicaba.

Foi nomeado em 27 de fevereiro de 1918. Fez um curto estágio no Instituto Bacteriológico de São Paulo, a cargo do dr. Teodoro Bayma, e, em seguida, foi comissionado pelo governo para fazer estudos especializados de higiene nos Estados Unidos da América, de 1ª de março de 1918 a 1ª de dezembro de 1920, sob os auspícios da Fundação Rockefeller. Essa fundação estava criando uma Escola de Higiene em Baltimore, estado de Maryland, junto à famosa Universidade John Hopkins.

Nessa Universidade fez o curso de doutorado em higiene, que se estendeu por dois anos letivos, escrevendo para a obtenção do diploma um trabalho intitulado *Studies on the Distribution and Changes of Colicloacae Types of Bacteria in Sewage*. Assim, doutorou-se em Saúde Pública em 1920.

Durante o período de férias frequentou laboratórios de saúde pública, como o de *New York State Department of Health*, em Albany, sob a direção do dr. A. Wadsworth.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 39 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Francisco Borges Vieira.

Nótula: A foto, as notas de rodapé, assim como pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, foram contribuições do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Geraldo Horácio de Paula Souza é o patrono da cadeira nº 101 da Academia de Medicina de São Paulo.

Realizou curso de técnica de laboratório de saúde pública em Boston, na Universidade de Harvard, em conjunção com o *Massachusetts Institute of Technology*, sob a direção do grande higienista dr. William Sedgwick, assim como fez uma viagem de estudo pelas principais cidades norte-americanas, visitando os serviços de tratamento de águas, esgotos, lixo, laboratórios de saúde pública e outras organizações de caráter sanitário, oficiais ou particulares.

Antes de regressar, fez estágio no Instituto Rockefeller de *New York*, no laboratório do bacteriologista Hideyo Noguchi, familiarizando-se com a técnica introduzida por ele para o isolamento e identificação da *Leptospira icteroides*, que o mesmo julgava ter descoberto como agente causal da febre amarela que ocorrera em Cuba.

Voltando a São Paulo, devotou-se logo aos seus misteres de preparador da cadeira de higiene no Instituto de Higiene, que era um anexo da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, à qual pertencia.

Desde essa época vinha se dedicando exclusivamente ao ensino de higiene em todos os seus graus, assim como ao estudo de problemas sanitários, fazendo uma série de publicações a respeito.

Um ano após o seu regresso a São Paulo, em 1921, grassando no interior da Bahia uma epidemia de febre amarela, para lá se transportou, a convite do dr. Carlos Chagas³, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, a fim de experimentar os métodos criados pelo professor Noguchi, sendo, para esse fim, comissionado em 22 de abril do referido ano.

Na epidemia de febre amarela da Bahia a *L. icteroides* não foi encontrada por Borges Vieira em investigações bacteriológicas e imunológicas, conforme conferência que pronunciou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo logo depois e posteriormente publicada, não somente no boletim dessa sociedade científica como nos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia, na Revista Médico-Cirúrgica do Brasil e no *Boletim Oficial de la Secretaria de Sanidad de Cuba*. O professor Borges Vieira seria, portanto, o primeiro a se manifestar em desabono à descoberta do saudoso cientista japonês Hideyo Noguchi.

Hoje, pode-se ter certeza que os casos de febre amarela de Cuba eram apenas casos de leptospirose.

Além do exercício ininterrupto do ensino de higiene na Faculdade de Medicina, no Instituto de Higiene, na Escola de Enfermagem, na Escola de Serviço Social e em outras instituições, pronunciou ainda conferências e palestras de interesse didático. Colaborou na organização e ensino de vários cursos de higiene, tendo publicado uma série de trabalhos sobre matéria sanitária que ascendem provavelmente a uma centena.

Em 2 de julho de 1924, tendo resolvido o professor Paula Souza, então diretor do Serviço Sanitário, dedicar-se exclusivamente à direção desse departamento, assumiu, por indicação dele e disposição do governo, a regência da cadeira de higiene da Faculdade de Medicina, o que se prolongou até 1929, pois, em 1927, o professor Paula Souza deixara a direção do Serviço Sanitário e partira para a Europa, convidado como técnico junto à Sociedade das Nações, em Genebra.

3 Carlos Justiniano Ribeiro Chagas é o patrono da cadeira nº 46 da Academia de Medicina de São Paulo.

Aos 26 de dezembro de 1924, através do decreto nº 2.018, o laboratório de higiene transformou-se em Instituto de Higiene de São Paulo, com auxílio da Fundação Rockefeller e com atribuição de se transformar numa Escola de Saúde Pública.

Com a criação da docência-livre na Faculdade de Medicina, Borges Vieira foi investido nas funções de docente-livre de higiene dessa escola.

Em 1931 foi nomeado para exercer o cargo de diretor-geral do Serviço Sanitário do Estado e, pouco tempo depois, para o cargo de diretor-geral do Departamento de Saúde Pública.

Como professor participou dos Cursos de Enfermagem de Emergência durante os confrontos entre paulistas e o governo central na Revolução de 1932.

Em 1935 foi nomeado pela segunda vez para exercer, em comissão, o cargo de diretor-geral do Serviço Sanitário, nele permanecendo até 1937, quando solicitou exoneração, retomando seu lugar efetivo de 1º assistente de higiene; chefe de laboratório da cadeira de higiene da Faculdade de Medicina e chefe da Secção Técnica de Epidemiologia, passando a lecionar essa matéria nos cursos de médicos sanitaristas e educadores sanitários, além de auxiliar o professor Paula Souza em aulas teóricas e práticas de higiene da Faculdade de Medicina.

Em 1936 foi reconduzido à docência-livre de higiene por concurso de títulos.

O Instituto de Higiene transformou-se em Faculdade de Higiene e Saúde Pública⁴ pelo decreto-lei nº 14.837 de 10 de julho de 1945, inaugurado pomposamente em 29 de novembro desse ano.

Por várias vezes Borges Vieira substituiu o professor Paula Souza na regência da cadeira de higiene da Faculdade de Medicina, como na direção do Instituto de Higiene e, após, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Apaixonado que foi pela causa da saúde pública, compareceu, com exceção do último, a todos os Congressos Brasileiros de Higiene realizados desde 1924, bem como a numerosos outros conclave nacionais, aos quais emprestou sempre o calor de seu entusiasmo e o fulgor de sua privilegiada inteligência. Não fora o seu invulgar dinamismo, o VII Congresso Brasileiro de Higiene realizado em São Paulo, em dezembro de 1948, do qual foi o secretário-geral, não teria alcançado o brilhantismo de que se revestiu.

Era o professor Borges Vieira sócio e membro de várias entidades científicas nacionais e estrangeiras.

Exemplo de retidão e de caráter, Borges Vieira foi grande higienista; imprimiu uma grande mudança nos Serviços de Saúde do estado de São Paulo; contribuiu para a introdução dos serviços de caça-mosquitos na capital e no interior, o que acabou com a febre amarela em nosso estado, deixando bem gravadas as marcas de sua passagem entre colegas, amigos e discípulos, pela dignidade que caracterizava todos seus atos.

O professor Borges Vieira faleceu em São Paulo, em 31 de agosto de 1950, com 57 anos, de doença renal crônica terminal de causa idiopática, sendo enterrado em Mogi das Cruzes (SP).

4 Francisco Borges Vieira foi o 1º vice-diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Cadeira nº 40 – Patrono Admissão: 1/9/1948

Virgílio Alves de Carvalho Pinto
1913-1983



Helio Begliomini¹

Virgílio Alves de Carvalho Pinto, mais conhecido por Carvalho Pinto, nasceu em São Paulo, em 22 de março de 1913. Era filho de Virgílio de Carvalho Pinto e de Virgília R. A. C. Pinto. Graduou-se, em 1936, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil², no então Distrito Federal localizado no estado do Rio de Janeiro.

Logo após a sua formatura, retornou para sua cidade natal e atuou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), onde se dedicou à carreira universitária. Não demorou muito para surgir seu interesse profissional, docente e de investigador na área de cirurgia pediátrica, constituindo-se um grande protagonista dessa especialidade cirúrgica em nosso meio.

Carvalho Pinto tinha grande capacidade e foi um dos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da cirurgia pediátrica. Não foi uma tarefa fácil convencer seus pares de que a criança e, sobretudo o recém-nascido, são pacientes especiais, quer do ponto de vista físico (características anatômicas e fisiológicas próprias; mecanismos especiais de resposta aos agravos, morbidade específica), quer do ponto de vista psicossocial, pois a criança – cirúrgica ou não – é um paciente diferente, necessitando de atenção especializada para o seu conforto físico e segurança emocional.

No Brasil, os primeiros procedimentos cirúrgicos pediátricos tiveram início em 1902, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sendo realizados por ortopedistas. Entretanto, a introdução de procedimentos realizados por especialistas da área só foi possível graças a Virgílio Alves de Carvalho Pinto, no final da década de 1940, enquanto atuava no Hospital Matarazzo, em parceria com os médicos Roberto de Vilhena Moraes, José Pinus, Plínio Campos Nogueira e, posteriormente, José Reis Gonçalves Salvador.

Virgílio Alves de Carvalho Pinto publicou diversos artigos, destacando-se a obra **Comunicação Interatrial Experiencial** (1955).

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na biblioteca da Associação Paulista de Medicina. As fotos foram obtidas no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

2 Dados obtidos no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp).

Foi um dos grandes incentivadores e fundadores da Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica (Cipe), tornando-se seu primeiro presidente, cuja sessão solene de posse ocorreu no salão nobre da FMUSP, em 31 de janeiro de 1964.

Atuou como mestre do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1969-1971) e promoveu, em 1970, o I Encontro Científico sobre Conduta Cirúrgica.

Carvalho Pinto incentivou também a constituição da Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica (Sobope), em 13 de maio de 1981, durante a realização dos Congressos Integrados Latino-Americanos de Cancerologia, sendo presidente dessa entidade já na primeira diretoria, entre 1981-1983.

No dia 22 de março de 1983, após exercer brilhante carreira universitária (Figura 2), Carvalho Pinto completou 70 anos de idade e, por isso, foi aposentado compulsoriamente. Contudo seu espírito, sua capacidade de trabalho, sua disposição para a luta nada tinham a ver com seus 70 anos de idade civil.



Figura 2 – Virgílio Alves de Carvalho Pinto atuou no Instituto da Criança da FMUSP como professor, de 1977 a 1983.

Não foi sem razão que no dia 23 de março de 1983, apenas um dia após a sua aposentadoria, a congregação da FMUSP outorgou-lhe o título de professor emérito, justo reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à medicina brasileira.

Virgílio Alves de Carvalho Pinto ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1º de setembro de 1948, tendo tido a honra de ser seu 65º presidente. Em sua gestão, o mandato que era anual passou a ser bienal, governando a entidade no biênio 1967-1968.

Segundo José Roberto de Souza Baratella³, “experiências parecidas também foram realizadas em outros centros urbanos do país, porém, Carvalho Pinto recebeu o mérito pelo pioneirismo. Ele não foi o primeiro a operar crianças em nosso meio, mas foi, sem dúvida, o que mais contribuiu para a solidificação da especialidade; e a ele se atribuem o marco e o pioneirismo da cirurgia pediátrica no Brasil, também por ter sido o fundador e primeiro presidente da Cipe, em 1964”.

Murillo Ronald Capella, cirurgião pediátrico de Florianópolis (SC), refere que Carvalho Pinto foi “um chefe incomparável, sempre antevendo e apoiando os que tinham

³ José Roberto de Souza Baratella é membro titular e o 1º ocupante da cadeira nº 40 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Virgílio Alves de Carvalho Pinto.

capacidade para crescer. Um professor emérito, que não descansou enquanto não viu brotar a semente da especialidade nas faculdades de medicina do nosso País. Um progressista que se preocupava com o desenvolvimento da cirurgia pediátrica no Brasil e no resto do mundo. Um idealista que viu seus ideais concretizados”.

“O que seria da cirurgia pediátrica brasileira se, em janeiro de 1964, Virgílio Alves de Carvalho Pinto não tivesse congregado em torno de si especialistas procedentes de todo o País para fundar a Sociedade Brasileira de Cirurgia Pediátrica? Qual teria sido a história da cirurgia pediátrica brasileira sem Virgílio Alves de Carvalho Pinto?”

“É uma pergunta atirada à reflexão de cada um, à consciência de seus amigos e ao íntimo de seus ex-alunos. Apenas sei que ele partiu muito cedo, porque muito havia por realizar. No entanto, acredito que a luz que acendeu, em cada um dos especialistas brasileiros, permanecerá brilhante eternamente, porque eterna é a chama que emana de todo pioneiro”.

Virgílio Alves de Carvalho Pinto faleceu em 29 de novembro de 1983, aos 70 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 40 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a uma rua na cidade de São Paulo, no bairro de Pinheiros, e a outra na cidade de Morungaba, no bairro de Vila Nova. Dá também nome a dois auditórios: um em Ouro Preto (MG) e outro na Rua Cardeal Arcoverde, na cidade de São Paulo.

Cadeira nº 41 – Patrono Admissão: 3/11/1934

Felício Cintra do Prado 1900-1983



Helio Begliomini¹

Felício Cintra do Prado nasceu em 20 de maio de 1900, na cidade de Amparo (SP). Fez o curso secundário na cidade de Itu (SP), no Colégio São Luís dos padres jesuítas. Ingressou em 1918 na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), e graduou-se em 1923, apresentando a tese **Síndrome Piramido-Palidal**, trabalho galardoado com o Prêmio Sérgio Meira da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Iniciou sua vida devotando-se à neurologia, mas tinha como meta dedicar-se à gastroenterologia, à época, denominada de moléstias do aparelho digestivo e da nutrição. Em 1926 fez viagem de aperfeiçoamento à Europa, onde frequentou diversos hospitais até 1928. Em Berlim, no Hospital Neukoeln, foi assistente voluntário do professor Rudolph Elamann. Aí, nesse serviço, reuniu material para o seu livro **Colecistite e Patologia Gastrointestinal**, editado em 1929 e prefaciado pelo eminente clínico do Rio de Janeiro Miguel Couto, obra que recebeu o Prêmio Alvarenga da Academia Nacional de Medicina.

Regressando a São Paulo, atuou como clínico geral e, posteriormente, tornou-se chefe do Serviço de Clínica Médica e membro do Conselho Diretor da Policlínica de São Paulo.

Casou-se com Leonor do Prado em 4 de outubro de 1937, e desse conúbio nasceram sete filhos: Luiz Eduardo, Heloísa Campos Pupo, Eleonora Velloso Roos, Fernando, Maria Cristina Prestes Motta, Felício Cintra do Prado Jr. e Patrício.

Com a criação da Escola Paulista de Medicina (EPM), Felício Cintra do Prado foi convidado para o cargo de professor catedrático de terapêutica clínica, em cuja instituição de ensino trabalhou por quase 30 anos (1937-1966)². Aí atuou não somente em sua disciplina, mas foi um ativo membro da congregação da faculdade.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 O ensino de gastroenterologia na EPM tem origem em três fontes: as cátedras de clínica de doenças do aparelho digestivo dirigida por Felipe Figliolini e a de terapêutica clínica dirigida por Felício Cintra do Prado, extintas em 1965; e a Seção de Gastroenterologia, que deu origem à atual disciplina de gastroenterologia, cujas raízes vêm de 1943.

Dentre os cargos e funções que desempenhou, salientam-se: vice-presidente por dois mandatos da Associação Paulista de Medicina (1934-1940); presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo (1936); presidente da Associação dos Antigos Alunos da FMUSP (1942); presidente da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição também por dois mandatos (1950-1952); e presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia (1953-1954), entidade de que foi um dos fundadores, em 22 de outubro de 1949, juntamente com Antônio da Silva Melo³ (RJ), Júlio Croce, representando Benedicto Montenegro⁴ (SP); Galizzi, representando J. Romeu Cançado (RJ); e Geraldo Siffert (RJ).

Felício Cintra do Prado ingressou em 3 de novembro de 1934 na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1953-1954. Foi também membro correspondente das seguintes entidades: Academia Nacional de Medicina da Argentina, Academia Teuto-Ibero-Americana de Medicina (Alemanha), Sociedade Francesa de Gastroenterologia, Sociedade Venezuelana de Gastroenterologia, Sociedade Uruguaia de Gastroenterologia e membro honorário da Associação Pan-Americana de Gastroenterologia.

Felício Cintra do Prado muito contribuiu para o desenvolvimento da gastroenterologia clínica. Em 1968 foi eleito presidente do XX Congresso Brasileiro de Gastroenterologia, realizado, com sucesso, em São Paulo.

Além de sua vida universitária, associativa e de dedicação à sua clínica privada, publicou mais de uma centena de trabalhos no Brasil e no exterior, salientando-se os seguintes periódicos: *JAMA – Journal of the American Medical Association*, *American Journal of Diagnosis Diseases*, *Presse Medicale*, *La Prensa Medica Argentina* e *Deutsche Medizinische Wochenschrift*.

Escreveu ainda os seguintes livros: **A Medicina e o Médico na Sociedade Contemporânea** (1941); **Curso de Dietética** (1942); **Clínica das Afecções do Estômago** (1950); **Curso de Atualização Terapêutica** (1952, em coautoria com José Ribeiro do Valle); e **Atualização Terapêutica**⁵ (1957, em coautoria com José Ribeiro do Valle e Jairo Ramos⁶; com mais de 19 edições, foi um dos livros mais vendidos na área médica).

Moacyr Pádua Villela⁷, que o conheceu desde o 4º ano de seu curso na EPM, na então Policlínica da Rua do Carmo, refere que Felício Cintra do Prado era um

3 Antônio da Silva Melo (1886-1973) foi o quarto ocupante da cadeira nº 19 da Academia Brasileira de Letras.

4 Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953, e é patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

5 Felipe Figliolini, catedrático de clínica de doenças do aparelho digestivo da EPM, colaborou continuamente com Felício Cintra do Prado. Da 1ª à 8ª edição do livro **Atualização Terapêutica** (1957), foi o coordenador da seção “Aparelho Digestivo”. Felício Cintra do Prado, embora catedrático de terapêutica clínica, atuava profissionalmente como gastroenterologista.

6 Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

7 Moacyr Pádua Villela foi membro titular e o primeiro ocupante da cadeira nº 41 da Academia de Medicina de São Paulo, sob a patronímica de Felício Cintra do Prado.

“professor de alto gabarito e ministrava suas aulas com clareza e precisão. Durante nossa convivência por mais de três décadas, jamais apresentou um senão que nos desapontasse; uma palavra que desagradasse a alguém e pudesse ofender um semelhante seu; um gesto que não estivesse à altura de sua dignidade e de seu respeito; uma atitude que não correspondesse ao seu passado. Cavalheiro, fino no trato, elegante, esbelto, amigo de todos com quem ele convivia; de bom relacionamento e digno da amizade de todos”.

Felício Cintra do Prado faleceu em 22 de fevereiro de 1983, aos 83 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 41 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua no bairro de Vila Império da capital paulista.

Cadeira nº 42 – Patrono
Data de admissão: 1/7/1931

Renato Locchi
1896-1978

José Carlos Prates¹



O professor Renato Locchi nasceu em Anhembi, estado de São Paulo, no dia 7 de maio de 1896. Fez o curso elementar na cidade de Conchas, desde logo se distinguindo como aluno brilhante. Os cursos ginásial e preparatório foram realizados na cidade de São Paulo.

Ingressou no Instituto de Ciências e Letras em São Paulo para fazer o curso secundário, que completou sob a orientação do professor Henrique Geenen, renomado filósofo, professor de lógica e da língua alemã, que teve grande influência no professor Locchi sobre filosofia e o tornou proficiente nas línguas alemã e francesa.

Em 1914, com 18 anos, ingressou na Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo e obteve o diploma em 1916. Logo após sua formatura foi assumir a direção da farmácia da família em Cerquillo, São Paulo.

Aos 7 de julho de 1919 faleceu sua progenitora e mudou-se para São Paulo com as irmãs, quando resolveu estudar medicina no Rio de Janeiro, na então Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao atingir o 3º ano do curso médico, transferiu-se para a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Em 1924 recebeu o diploma de médico, com distinção.

Na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo logo foi atraído pela personalidade do professor Alfonso Bovero, mestre da anatomia de renome internacional. O professor Locchi foi um discípulo filial de Bovero, a quem auxiliou com lealdade e a quem sempre demonstrou sua gratidão. Era sua intenção, inicialmente, tornar-se ginecologista e, como estudante, frequentava o serviço do professor Ayres Neto no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Mas a profunda atração que sobre ele exercia a personalidade do professor Alfonso Bovero levou-o a abandonar a ideia de ser clínico e dedicar-se à anatomia.

Em 1922 recebeu do professor Bovero assunto para preparar uma tese. Em 4 de março de 1925 defendeu tese de doutoramento. Em 16 de abril de 1925 foi nomeado 1º assistente de anatomia em regime de trabalho de tempo integral. Em 10 de março de 1926 recebeu o título de docente-livre de anatomia.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 42 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Renato Locchi.

Em agosto de 1930 representou, oficialmente, a anatomia brasileira no III Congresso Federativo Internacional de Anatomia, em Amsterdam, Holanda. Em setembro de 1930 representou oficialmente o Museu Nacional (Rio de Janeiro) perante o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia em Lisboa, Portugal. Em 1936 prestou concurso de livre-docente na Faculdade de Medicina de São Paulo e, a seguir, foi nomeado diretor interno do Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1936 participou oficialmente do IV Congresso Federativo Internacional de Anatomia em Milão, Itália.

Em agosto de 1937 prestou concurso e obteve o cargo de catedrático da anatomia descritiva e topográfica da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Em 1946 foi eleito paraninfo dos doutorandos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Em 1952 organizou e foi o vice-presidente da 8ª Reunião Brasileira de Anatomia, sendo fundador da Sociedade Brasileira de Anatomia e seu primeiro presidente. Em 1954 foi eleito paraninfo dos doutorandos da FMUSP.

Em 1955 foi nomeado presidente da comissão permanente do Regime de Tempo Integral pelo governador do estado de São Paulo. Em 24 de agosto de 1955 aposentou-se, a pedido, como catedrático de anatomia da FMUSP e recebeu o título de professor emérito.

Em 1957 foi para Belo Horizonte para dirigir o Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Em 29 de dezembro de 1957 recebeu o título de professor *honoris causa* da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Em 1957 foi publicada a Nomenclatura Anatômica de Paris (PNA, 1955) em comissão composta pelos professores Paulo Mangabeira Albernaz, Alvaro Froes da Fonseca e Renato Locchi, que preparou a sua versão portuguesa – Arquivos de Cirurgia Clínica e Experimental. Volume XX, nº 1 (janeiro-fevereiro), 1957, Hospital das Clínicas da USP.

Em 1958 foi contratado como catedrático de anatomia da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sorocaba. Em outubro de 1960 foi contratado para chefiar a cátedra de anatomia descritiva e topográfica da Escola Paulista de Medicina (EPM) por decreto do presidente da República.

Em 1963 recebeu o título de professor *honoris causa* da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Em 1º de fevereiro de 1966 aposentou-se no cargo de professor catedrático de anatomia descritiva e topográfica da EPM, mas lá continuou contratado como professor orientador científico do então criado Departamento de Morfologia. Em 1966 foi nomeado coordenador da biblioteca da EPM, preparando a sua transformação em Biblioteca Regional de Medicina (Bireme), centro de documentação e divulgação para a América Latina, em convênio com a *Panamerican Health Organization, World Health Organization*.

Em 1968 aposentou-se, a pedido, como orientador científico da EPM, continuando seu vínculo empregatício como orientador de teses e professor do curso de pós-graduação em anatomia.

Em julho de 1969 foi eleito membro honorário da *Panamerican Association of Anatomy*.

Faleceu em 21 de maio de 1978 em São Paulo, onde foi cremado, e sepultado em Conchas, junto ao túmulo dos pais. Em 22 de julho de 1978 foi inaugurado o seu retrato na EPM. Em 30 de julho de 1978 foi inaugurado o seu retrato na FMUSP. Em 20 de novembro de 1978 foi inaugurado o seu retrato na Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes.

Em 22 de julho de 1979 foi homenageado no III Congresso Luso-Brasileiro de Anatomia, Funchal, Ilha da Madeira, Portugal. Em 8 de maio de 2008 foi homenageado pela Associação Paulista de Medicina com a placa *Ars Longa, Vita Brevis*.

O professor Locchi foi o continuador da Escola Anatômica de Alfonso Bovero e deixou muitos discípulos espalhados pelos estados brasileiros e nos Estados Unidos da América do Norte. Publicou dezenas de trabalhos científicos, orientou muitas teses de doutoramento, livre-docência e preparou muitos professores, hoje titulares em vários estados do país.

Cadeira nº 43 – Patrono

Justiniano de Melo Franco

1774-1839

Helio Begliomini¹

Justiniano de Melo Franco² nasceu em Lisboa, em 1774. Era filho de Francisco de Melo Franco³, médico de nomeada e poeta satírico brasileiro, que esteve preso nos cárceres do Santo Ofício, em Lisboa.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na biblioteca da Associação Paulista de Medicina.

2 Encontrado também seu sobrenome “Melo” grafado com duplo “l” (Mello).

3 Francisco de Melo Franco nasceu em Paracatu (MG), em 17 de setembro de 1757, sendo seus pais João de Melo Franco e Ana Oliveira Caldeira. Teve esmerada educação no Seminário São Joaquim, no Rio de Janeiro, cursando latim e retórica. Seguiu para Lisboa com 14 anos e se tornou apegado às ideias políticas da época, com afeição ao pensamento de Voltaire, Rousseau e de outros enciclopedistas. Estudou filosofia em Coimbra (1776) e matriculou-se na Escola de Medicina em 1777. Mal iniciou seu curso de medicina foi interrompido por um processo, seguido de condenação pelo Santo Ofício a quatro anos de recolhimento em Rilhafoles, juntamente com sua concubina, onde fora acusado de herege, naturalista, dogmático e negador do sacramento do matrimônio. Foi liberto em 1782 e casou-se com Rita Alvarenga de Castro, sua companheira de cativo e pertencente a uma destacada família de Coimbra. Concluiu o curso médico por permissão real, em 1786, apesar de haver ousado lançar, no ano anterior, um poema satírico de escárnio – “O Reino da Estupidez”, sobre o “austero templo da sabedoria lusitana”. No mesmo ano de sua formatura foi para Lisboa. Com o passar do tempo tornou-se médico da Real Câmara e, em 1810, foi eleito membro da Academia Real das Ciências, tornando-se seu secretário, sucedendo o seu antigo amigo e colega de universidade, José Bonifácio, o futuro Patriarca da Independência do Brasil.

Em 1817, atendendo à solicitação de dom João VI, após ter permanecido em Portugal por longos 45 anos, desfez-se de sua suntuosa residência e pertences, indo para Livorno, a fim de acompanhar a futura soberana – princesa Leopoldina – até o Brasil. Posteriores intrigas palacianas fizeram-no alvo de suspeitas, perdendo benesses reais. Perdidos os bens remanescentes e não sendo ressarcido das despesas da viagem, sobrevieram-lhe dificuldades financeiras. Paralelamente, sua saúde tornou-se abalada que, em 1821, o impediu de clinicar. Doente, abandonado e com poucos recursos, tencionou, debalde, ir ao encontro de seu filho mais velho, Justiniano, na Província de São Paulo, a fim de obter amparo em sua saúde. Entretanto, faleceu nesse percurso num pequeno navio, em 22 de julho de 1823, anos 68 anos, no litoral norte paulista, na cidade de Ubatuba, mas questiona-se também se não fora a de São Sebastião.

Francisco de Melo Franco enquanto médico foi defensor obstinado da introdução da vacina contra a varíola. Deixou diversos discursos, artigos e obras, dentre as quais se sobressaem: “Noites sem Sono” (elegias); “O Reino da Estupidez” (1785); “Resposta ao Filósofo Solitário” (1787); “Resposta Segunda ao Filósofo Solitário” (1787); “Tratado da Educação Física dos Meninos” (1790); “Medicina Teológica” (1794); “Elementos de Higiene” (1813); “Discurso Recitado na Sessão Pública da Academia de Ciências de Lisboa” (1816); “Epicédio à Morte do Dr. José Ferreira Leal”; “Ensaio sobre as Febres do Rio de Janeiro” (1829, obra póstuma), dentre outras.

Formou-se em medicina, na Alemanha, pela afamada Universidade Georgia Augusta de Göttingen⁴. Após clinicar em Hamm, cidade germânica localizada na região administrativa de Arnsberg, estado de Nordrhein-Westfalen, veio para o Brasil e se radicou na cidade de São Paulo.

Duílio Crispim Farina⁵, seu biógrafo, levantou os seguintes traços característicos de Justiniano de Melo Franco: “longos e espessos bigodes; comportamento marcial e sempre uniformizado, não dava descanso para o cachimbo a fumar entre os dentes; morava nos subúrbios em belo solar cheio de frescor e sossego denominado ‘Maranhão’, nos caminhos da Penha”.

Justiniano de Melo Franco era casado com Ana Carolina Overbeck de Melo Franco⁶ e desse conúbio nasceram dez filhos: Carlos Augusto, Francisco Eduardo, Elisa (viscondessa de Rio Claro), Maria Paulina, José Roberto, Maria Luísa, Francisco, Ana, Maria e Luciano.

Justiniano de Melo Franco veio, em 1819, à então Província de São Paulo para elaborar plano de um estabelecimento vacínico, o Instituto Antivariólico, sendo oficializado por ordem régia de 12 de fevereiro de 1820. Por ocasião da confusa situação do Brasil às vésperas da independência, dava a impressão de que Justiniano era partidário do príncipe e hostil à Corte de Lisboa. Parecia também que era um entusiasta de José Bonifácio, amigo de seu pai.

Um ofício do príncipe regente expedido em 28 de julho de 1821 conferiu-lhe, por nomeação, o grandioso título de “juiz delegado comissário de físico-mor⁷ do reino, em São Paulo”. Nessa cidade exerceu também os cargos de diretor do Hospital Militar, inspetor-geral de Vacinação e comandante da Companhia de Cavalaria da Guarda Cívica, denominada “Sustentáculo da Independência Brasileira⁸”, criada por dom Pedro I, dois dias após a proclamação da Independência, através de um decreto de 9 de setembro de 1822, por iniciativa popular. Essa Guarda Cívica tinha como funções “jurar e defender a Independência do Brasil, sua tranquilidade interna e a sagrada pessoa de seu defensor perpétuo”.

Justiniano de Melo Franco elaborou o regulamento para o Hospital Militar de São Paulo e escreveu duas memórias, uma sobre **Vacinação** e outra sobre a **Cadeira de Obstetrícia do Professor Stein**.

4 Justiniano de Melo Franco matriculou-se no semestre de inverno de 1805-1806, tendo iniciado seu curso no dia 19 de novembro.

5 Duílio Crispim Faria é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 De acordo com o consignado por Duílio Crispim Farina, Ana Carolina Overbeck de Melo Franco nasceu em 1784, em Lippstadt, perto de Brilon, e provinha de progênie de alta distinção, sendo seu pai Carl Friedrich Overbeck e sua mãe Wilhelmine Duerselen, consorciados em 1779. Ana Carolina era bastante bonita, elegante e de bom gosto para se vestir; imponente, tranquila, orgulhosa, formal, fria e de olhar distante. Faleceu em 3 de outubro de 1872, em Rio Claro, deixando sete filhos vivos. No seu testamento insistia em que se respeitasse sua fé religiosa protestante.

7 “Físico” era denominação medieval do médico da corte e o “físico-mor” era o principal médico da corte.

8 O “Sustentáculo da Independência” constituía-se de uma Companhia de Cavalaria capitaneada por Justiniano de Melo Franco e de duas Companhias de Infantaria, comandadas, respectivamente, pelo capitão Antonio Xavier Ferreira e pelo cirurgião-mor José Gonçalves Gomide.

Devido aos muitos anos de residência na Alemanha, associados ao seu matrimônio com uma mulher germânica, Justiniano de Melo Franco fez, em São Paulo, grandes amizades com imigrantes daquela nação.

Os imigrantes alemães no Brasil, sustentados por um contrato de colonização com o Império, provinham de diversos estados germânicos. Embarcados na cidade de Bremen, situada ao norte da Alemanha, começaram a chegar no Brasil através do Porto de Santos (SP), em 13 de dezembro de 1827, pela galera holandesa “Maria”, ocasião em que desembarcaram 226 colonos. Foram-lhes previstos assentamentos em Juquiá, São Vicente, Itanhaém e Itapecerica. Justiniano de Melo Franco foi nomeado diretor da Colônia de Itapecerica, para aonde foram transferidos a maior parte do contingente de imigrantes. Diligente e dedicado, aí se sedia, prestando assistência médica e administrativa, que consistia em: representar os colonos e guiá-los em suas pendências; receber queixas e sugestões; realizar o pagamento dos subsídios; auxiliar o governo na escolha do local definitivo da instalação da colônia de Santo Amaro; manter a disciplina, enfim, tutelar os imigrantes.

Segundo ordens do governo central, cada colono adulto recebia 160 réis por dia, e as crianças 80 réis, enquanto não se instalassem definitivamente.

Entretanto, devido aos descontentamentos com os lugares inicialmente previstos para os assentamentos, depois de acordos, os imigrantes alemães foram transferidos para o planalto de Santo Amaro, na então Província de São Paulo, em 29 de junho de 1829. Justiniano de Melo Franco através do seu comando, disciplina, trabalho e zelo cumpriu suas metas, sendo sucedido na função por Teófilo Schmidt.

Justiniano de Melo Franco tinha espírito filantrópico, atuando como médico da Santa Casa da Chácara dos Ingleses, na Glória. Assistiu também os últimos momentos do professor alemão Júlio Frank, ilustre defensor da liberdade de pensamento, além de ter asilado em sua chácara, na freguesia do Brás, em novembro de 1830, o médico e jornalista Líbero Badaró⁹, grande símbolo do liberalismo oprimido.

Consta nos apontamentos históricos da cidade de Campinas (SP) que “em 1834 havia se instalado nessa cidade o primeiro diplomado em medicina, Justiniano de Melo Franco”.

Entretanto, encontra-se também consignado no livro dos óbitos da Paróquia da Sé (1834-1844) da cidade de São Paulo que, “aos 26 de julho de 1839, nesta freguesia da Sé, socorrido com o Sacramento da Extrema-Unção, fora do juízo por moléstia interna, de idade de 50 anos mais ou menos¹⁰, faleceu o doutor Justiniano de Melo Franco, que era casado com dona Ana Carolina de Melo Franco. Não me consta que fizesse testamento. Foi sepultado no jazigo da Ordem Terceira do Carmo. O cura Manoel da Costa e Almeida”.

Justiniano de Melo Franco é honrado como patrono da cadeira nº 43 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua no bairro Jardim Campos Elíseos, na cidade de Campinas (SP).

9 Giovanni Battista Líbero Badaró é o patrono da cadeira nº 60 da Academia de Medicina de São Paulo.

10 Não se conseguindo a data completa do nascimento de Justiniano de Melo Franco nessa pesquisa, infere-se que, por ocasião de seu falecimento, ele contava com cerca de 64 anos.

Cadeira nº 44 – Patrono **Admissão: 15/12/1965**

Costabile Gallucci
1921-1990

Helio Begliomini¹



Costabile Gallucci nasceu em 1921 e graduou-se pela Escola Paulista de Medicina (EPM) em 1946. Nessa instituição de ensino, onde o eminente professor Alípio Corrêa Netto foi o responsável durante 20 anos (1933-1953) pela cirurgia de cabeça e pescoço, torácica e vascular, fez sua especialização em cirurgia.

Gostava de esportes e se destacou no futebol. Enquanto estudante, participou como ponta esquerda nas Pauli-Poli, tradicionais competições entre a Escola Paulista de Medicina e a Escola Politécnica. Tinha um chute muito forte e era temido pelos goleiros.

Costabile Gallucci era portador de sólida formação clínica e, juntamente com Euryclides de Jesus Zerbini² e outros precursores, iniciou suas atividades em cirurgia torácica, colaborando nos primórdios da cirurgia cardíaca no Brasil.

Quando Zerbini deixou a EPM, Gallucci foi convidado por Jairo Ramos³ e Sylvio Borges para chefiar o grupo de cirurgia do tórax, fazendo-o de março de 1953 a junho de 1956, ocasião em que se afastou da instituição para auxiliar seu pai em uma das mais tradicionais firmas de ferragens da capital paulista, a “Casa Gallucci”, situada na Rua Florêncio de Abreu, que se transformara num reduto para os fanáticos torcedores do Palestra Itália.

Entretanto, no ano seguinte, em virtude do falecimento por suicídio de Ruy Margutti, então responsável pela cirurgia de tórax, a disciplina foi dividida em duas modalidades: cirurgia de tórax, chefiada por Luciano Barbosa Prata; e cirurgia cardíaca, cabendo a chefia a Costabile Gallucci, uma vez que fora convidado por Jairo Ramos a retornar à EPM⁴. Aí começou do zero; criou e organizou um serviço que se constituiu num dos mais completos e renomados da cirurgia cardíaca do país.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

4 Com o falecimento de Luciano Barbosa Prata dez anos após, em 1967, houve nova fusão das disciplinas de cirurgia torácica e cardíaca, cabendo a chefia a Costabile Gallucci. Após a sua morte, em 1990, a disciplina unificada foi chefiada por Enio Buffolo, seu discípulo, até 29 de janeiro de 1992, ocasião em que o Conselho do Departamento e a Congregação aprovaram sua separação, sendo criadas as disciplinas de cirurgia torácica e de cirurgia cardiovascular.

Costabile Gallucci tornou-se livre-docente em 1962, com a tese intitulada **Tra-
tamento Cirúrgico da Estenose Pulmonar Valvular (Valvulotomia Pulmonar
sob Visão Direta, com Hipotermia)**. Entretanto, segundo seus biógrafos Luiz
Eduardo Villaça Leão e Ramiro Colleoni – membros titulares do Colégio Brasilei-
ro de Cirurgiões –, ele “só assumiu o cargo de professor titular após sua aprovação
em concurso público, condição da qual não abriu mão, frente à possibilidade, naque-
la época, de aceitar uma simples indicação do governo federal para essa posição”. E
acrescentam: Gallucci foi “exemplo de retidão de princípios e grande estimulador de
alunos, residentes e assistentes; não impunha suas opiniões e não fazia prevalecer sua
titulação. Paradigma de atitudes sábias e altruístas, na sua mesa de trabalho, uma sin-
gela frase expressava seu sentimento: *‘Cada um que cresce é parte minha que cresce,
portanto, estou crescendo’*”.

Costabili Gallucci tinha personalidade dinâmica expressada por uma liderança
agregadora, carismática, o que propiciou a formação de muitos cirurgiões que não
somente se destacaram no país, mas também no exterior, difundindo internacional-
mente a disciplina de cirurgia de tórax e a de cirurgia cardiovascular, criada em 1992.
Muitos de seus discípulos são responsáveis por serviços em diversas cidades do Brasil
e da América Latina.

Manoel I. Rollemberg⁵, membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, que
com ele conviveu desde os tempos em que ele brilhava na cirurgia da tuberculose
no Hospital São Luiz Gonzaga, no bairro de Jaçanã, assinala que Gallucci “era porta-
dor de um sorriso inconfundível, trazendo em sua expressão facial mais uma dentre
suas inumeráveis vitórias. (...) Na hora certa, no momento exato, lá estava ele com sua
competência e disposição para auxiliar seus colegas”. E acrescenta que a confiança
nos seus assistentes era tanta que, “certo dia, ao sentir-se mal no centro da cidade,
tomou um táxi que passava e pediu para levá-lo com urgência ao Hospital São Pau-
lo, onde sua equipe conseguiu atendê-lo prontamente, superando sua grave arritmia
cardíaca e implantando, posteriormente, um marca-passo cardíaco”. Refere também
que gostava de música clássica e as qualidades de “gratidão e lealdade foram sempre
seus grandes apanágios”. Assim, não se esqueceu de seu grande mestre Alípio Corrêa
Netto⁶. “O mestre já trôpego, mas com sua invulgar capacidade mental preservada,
tinha dificuldade de locomoção. Enviava seu chofer particular para trazê-lo às sempre
concorridas reuniões da cadeira, onde sua opinião, quando solicitada, mostrava sem-
pre um raciocínio límpido e brilhante.”

Dentre os cargos administrativos que exerceu na EPM, salientam-se: vice-diretor;
diretor clínico do Hospital São Paulo; e chefe do Departamento de Cirurgia por dois
mandatos, destacando-se por sua lealdade e poder agregador.

Costabili Gallucci ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 15 de de-
zembro de 1965. Era membro de Colégio Brasileiro de Cirurgiões, onde atuou como
vice-mestre do Capítulo de São Paulo na gestão 1977-1979. Participou também da

5 Manoel Ignácio Rollemberg dos Santos é membro titular da cadeira nº 97, cujo patrono é Luiz Gonzaga de Amarante Cruz.

6 Alípio Corrêa Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse silogeu.

fundação do Departamento de Cirurgia Torácica da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, hoje, Sociedade Brasileira de Cirurgia Torácica, bem com da organização do primeiro concurso para título de especialista, em 1981, e de seu primeiro congresso.

Deixou publicados os livros: **Choque** (1978, com diversas edições); **Traumatis-
mos Torácicos** (1982); e a monografia **Diagnóstico Diferencial das Massas Tumorais do Mediastino**.

Costabile Gallucci foi casado com Wally e teve duas filhas: Cecília e Laura. Faleceu em 1990. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 44 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a um dos principais edifícios do *campus* de São Paulo da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Cadeira nº 45 – Patrono **Admissão: 7/3/1895**

Cesário Motta Júnior
1847-1897



Helio Begliomini¹

Cesário Nazianzeno de Azevedo Motta² Magalhães Júnior, mais conhecido por Cesário Motta Júnior, nasceu em Porto Feliz (SP), aos 5 de março de 1847. Era filho do dr. Cesário Nazianzeno d’Azevedo Motta Magalhães e de Clara Cândida Nogueira da Motta, sua prima. Aponta-se em Porto Feliz uma casa que se encontra num pequeno largo, em que, dizem, nasceu Cesário Motta. Há nisso um pequeno engano. De fato, naquela casa residia a família quando Cesário nasceu. Mas, o nascimento deu-se no Sítio Grande, distante meia légua³, então propriedade de Ana Inocência de Camargo, viúva de Antonio Rodrigues de Campos Leite, falecido durante a Revolução de 1842.

A família do dr. Cesário achava-se naquele sítio assistindo a uma festividade, quando inesperadamente se deu o nascimento do Cesarinho, como ficou sendo chamado na família e pelos amigos. Cesário ou Cesarinho cresceu em Porto Feliz. Ávido de luzes desde a infância porque foi uma criança adulta. Tinha no tio, o educador Fernando Motta, um exemplo, e ganhava do amigo dos bancos escolares, mais tarde coronel Joaquim Floriano de Toledo, a admiração que o tornaria seu chefe político em São Manuel.

Após aprender as primeiras letras e os primeiros rudimentos do ensino secundário, seguiu Cesário Motta para o Lageado, colégio de renome no seu tempo, situado em Campo Largo, no município de Sorocaba, sob a direção do paulista dr. Francisco de Paula Xavier de Toledo.

O sonho de Cesário era a medicina, carreira de seu pai. Mas, o grande problema era a falta de recursos. O pai médico tinha o encargo de uma família numerosa e mal ganhava para sustentá-la. Era impossível manter o filho na Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Nótula: Seu sobrenome “Motta” encontra-se grafado com dois “t” no Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. Rio de Janeiro – Imprensa Nacional, 1893.

3 Nótula: 1 (uma) légua corresponde a 6600 metros.

A extremidade do homem é a oportunidade de Deus. Nuno Motta jamais escondeu sua admiração pelo sobrinho. Empregado numa importante casa comercial, escreveu para Cesário convidando-o para que fosse para ao Rio de Janeiro. Seus recursos também eram poucos, mas haveriam de viver, dizia Nuno Motta. Ele frequentava boas rodas, trajava-se de maneira condigna à sua posição. Fazia questão de passar roupas e botinas para Cesário usar.

Os livros conseguia na biblioteca de um mosteiro. Cesário não almoçava, pois sua casa era longe. Só depois de deixar a faculdade é que voltava à sua residência para descansar. Cesário amava os livros e a família, que por sua vez o idolatrava. A falta de dinheiro e os estudos obrigaram-no a ficar seis anos longe de Porto Feliz, dos pais e amigos.

Na faculdade, de forma absolutamente natural, tomava conta de todos os espaços. Entrou para o grêmio de estudantes de Farmácia e Medicina e logo fez amizade com José do Patrocínio. Observou que ele vivia um tanto de lado, sofrendo desprezo por causa da cor negra. Cesário imediatamente fez todos verem o talento daquele negro. Pouco tempo demorou a que José do Patrocínio se consagrasse como um dos mais estimados e admirados em oratória. Cesário Motta doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Já em 1880, o teatro encontrou espaço na cidade quando Cesário Motta Júnior escreveu a comédia **A Caipirinha**, com o enredo retratando a Capivari daquela época, levada à cena por alguns atores amadores de São Paulo.

O Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1893) consigna as seguintes obras de Cesário Motta Júnior: **Das Condições Patognomônicas da Angina do Peito** (1876); **Resposta ao Questionário do Programa do Congresso Agrícola** (1878); **Porto Feliz e as Monções para Cuiabá** (1884); e **O Norte** (1885).

Cesário Motta Júnior casou-se no Rio de Janeiro com Adelina Moreira da Silva, senhora que facilmente conquistou a família Motta. Cesário clinicou em Capivari e tornou-se deputado na Convenção de Itu, na Assembleia Constituinte, em 1891.

Proclamada a República passou a residir em São Paulo. Tornou-se conhecido e querido na cidade não só como médico, mas também por exercer ativamente sua cidadania, lutando pelas áreas da educação e saúde, preocupando-se com a higiene e o bem-estar da população.

Para ele a clínica médica constituía verdadeiro sacerdócio e dava-lhe ensejo a estudos apurados.

Republicano e deputado, teve presença de destaque no parlamento e na Secretaria do Interior. Ocupou cargos na área educacional. Fundou a Escola de Farmácia, a Escola Modelo da Luz, o Ginásio do Estado, o Ginásio de Campinas, a Escola Normal de Itapetininga e criou a Biblioteca Pública na capital paulista.

Aliás, a nomeação de Cesário Motta motivou uma carta de Prudente de Moraes a Bernardino de Campos. Dizia a carta: “É mais fácil encontrar em São Paulo quem pudesse exercer a pasta da Educação, do que encontrar quem pudesse substituir a Cesário Motta no Parlamento”.

No governo de Bernardino de Campos, em 1892, ocupou a pasta dos Negócios do Interior, dedicando-se à campanha em prol do ensino e da higiene.

Segundo Antonio de Almeida Prado⁴, em relatório relativo às atividades administrativas do ano anterior, o secretário de Estado Cesário Motta Júnior aludia, em 28 de março de 1894, à criação de uma Escola de Medicina.

Foi um dos idealizadores e sócio-fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1895; sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, também em 1895, onde foi aclamado por unanimidade seu primeiro presidente, conservando-se nesse posto até a sua morte, pois não se permitia seu afastamento do cargo. Sempre preocupado com a saúde pública, regularizou o serviço de policiamento sanitário e de vacinação. Na época, a preocupação maior era com as epidemias de cólera, febre amarela e varíola. No seu livro “Memória Histórica do Instituto Butantã”, o cientista brasileiro Vital Brasil, que conheceu de perto Cesário Motta, diz: “O grande paulista Cesário Motta não teve ação direta na fundação do Butantã, mas deve ser lembrado e homenageado como precursor da ideia da instalação, em São Paulo, de um Instituto de Soroterapia”.

Amigos e admiradores não faltaram na vida de Cesário Motta. Mas um, a história registra com destaques. Trata-se de Caetano de Campos⁵. Por ele, Cesário tinha todo o respeito possível. Foram colegas na medicina, confrades em ideologia política, irmãos no gênio pedagógico, amigos de confidências e até parentes por afinidades, porque a esposa de Caetano de Campos pertencia à família Motta.

Os familiares sempre chamavam Cesário quando tinham algum problema grave a resolver e só ele tinha o poder da solução. Reunia todos, expunha o caso e pedia opiniões. Se concordassem com elas, as aceitava. Do contrário, desconsiderava o conselho familiar e executava o que bem lhe parecia conveniente. Cesário Motta não era gênio. Era, porém, inteligente e carismático.

Ninguém sabia explicar corretamente a razão de tanta fascinação. Organizava-se batalhão escolar e era dado o nome de “Batalhão Cesário Motta”. Aparecia de surpresa, mas de maneira frequente, na Escola Modelo e pedia licença para assistir às aulas. Observava o método de ensino, o aluno e até o professor. Tomava a palavra, arguia as crianças a pedido dos mestres e cativava a todos. Sua presença era motivo de festa. Os alunos o convidavam para a hora do recreio e, lá, era rodeado por todos.

Acometido de moléstia grave transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi exercer o mandato de representante de São Paulo, no Congresso Federal.

Cesário Motta Júnior faleceu aos 50 anos, em 24 de abril de 1897, um ano após a mudança. Estava cego de uma vista e sabia que iria perder a outra. Seu corpo foi inumado no Cemitério Municipal de São Paulo, três dias após seu falecimento.

Cesário Motta Júnior foi honrado *post-mortem* como patrono da cadeira nº 10 da Academia Paulista de Letras, fundada em 27 de novembro de 1909, assim como patrono da cadeira nº 45 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

4 Antonio de Almeida Prado presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

5 Antonio Caetano de Campos é patrono da cadeira nº 95 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 46 – Patrono

Carlos Chagas
1878-1934



Helio Begliomini¹

Carlos Justiniano Ribeiro Chagas nasceu no município de Oliveira (MG), aos 9 de julho de 1878, na Fazenda Bom Retiro, onde seus antepassados, de ascendência portuguesa, se enraizaram. Era filho de José Justiniano Chagas e Mariana Cândida Ribeiro de Castro Chagas.

Seu pai, cafeicultor, morreu quando tinha quatro anos de idade, ficando a cargo de sua mãe a administração do cultivo de café e da criação dele, assim como de seus outros quatro irmãos: Maria Rita, José (que morreu com três anos de idade), Marieta e Serafim. Mudaram-se para outra propriedade da família, a Fazenda Boa Vista, próxima a Juiz de Fora (MG).

Em Oliveira, teve convivência direta com três tios maternos: Cícero, Olegário e Carlos. Os dois primeiros eram advogados formados em São Paulo e incentivaram o sobrinho a se dedicar aos estudos. Porém, o último era formado em medicina e organizou uma Casa de Saúde na cidade. As ações desse tio o influenciaram para seguir a carreira médica.

Aos oito anos de idade já era alfabetizado. Foi matriculado no Colégio São Luís, dirigido pelos jesuítas, em Itu (SP). Fugiu do internato em 1888 para ir ao encontro de sua mãe, em Juiz de Fora, ao saber que os escravos recém-libertados estariam depreendendo fazendas. Foi punido pela direção da escola com a expulsão.

Após encerrar os estudos secundários, Chagas ingressou no curso preparatório para a Escola de Minas de Ouro Preto por vontade de sua mãe, que gostaria de vê-lo formado em engenharia. Aí, em companhia de colegas do curso, aderiu à vida boêmia. Adoentado, em 1896, depois de reprovado nos exames, voltou para Oliveira.

Durante o tempo de recuperação em sua cidade natal, seu tio Carlos fortaleceu a vontade de Chagas em ser médico e o ajudou a vencer a barreira de sua mãe, que acabou aceitando a opção do filho. Seguiu então para São Paulo, a fim de obter os diplomas básicos exigidos para matrícula no curso médico.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

Em 1897, com 18 anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde seu tio trabalhava. Essa escola vivia uma “*revolução pasteuriana*”, pois havia incorporado as teses de Louis Pasteur e estava passando por um processo de renovação. Chagas, assim, também levou essas ideias adiante em seu trabalho. Ao longo do curso, dois professores exerceram grande influência em sua carreira: Miguel Couto, que lhe apresentou as noções e as práticas da clínica moderna, e com quem passaria a ter uma estreita amizade; e Francisco Fajardo, que o colocou no estudo das doenças tropicais, especialmente da malária, e que seria de grande importância para sua futura carreira. Assim, esses dois professores apresentaram os dois caminhos que se abriram para Chagas no decorrer de seu curso médico: a clínica e a pesquisa científica.

Concluiu o curso em 1902. Para elaborar sua tese, pré-requisito para o exercício da medicina à época, dirigiu-se ao Instituto Soroterápico Federal, na fazenda de Manguinhos, levando uma carta de apresentação de seu professor Miguel Couto a Oswaldo Cruz², diretor do Instituto, onde teve seu primeiro contato com aquele com quem viria trabalhar.

Aceito e orientado por Oswaldo Cruz, Chagas começou a trabalhar no Instituto Soroterápico Federal (que após 1908 passou-se a chamar Instituto Oswaldo Cruz), escolhendo como tema de sua tese o ciclo evolutivo da malária na corrente sanguínea. Assim, em março de 1903, concluiu sua tese intitulada **Estudo Hematológico do Impaludismo** e, em maio do mesmo ano, terminou seus estudos.

Oswaldo Cruz, que assumiu simultaneamente a direção de Manguinhos e a Diretoria Geral de Saúde Pública, nomeou Chagas como médico do instituto, cargo que foi recusado por preferir, em 1904, trabalhar como clínico no Hospital de Jurujuaba, em Niterói.

Nesse ano instalou seu laboratório particular no Rio de Janeiro e casou-se com Íris Lobo, com quem teve dois filhos: Evandro, em 1905; e Carlos Filho, em 1910, ambos seguiriam a carreira médica do pai.

Devido à tese de doutorado sobre a malária, Chagas foi recrutado por Oswaldo Cruz em 1901 para a missão de controlar a doença em Itatinga (SP), que atacava a maioria dos trabalhadores da Companhia Docas de Santos, construtora de uma represa na região, causando a paralisação das obras. Assim, realizou a primeira ação bem-sucedida contra a malária no Brasil, colocando em prática procedimentos que mais tarde se tornariam corriqueiros nas outras campanhas.

De volta ao Rio de Janeiro, Chagas continuou servindo à Diretoria Geral de Saúde Pública e, em 19 de março de 1906, transferiu-se para o Instituto Oswaldo Cruz. Foi-lhe solicitado no ano seguinte pela Diretoria Geral organizar o saneamento na Baixada Fluminense, onde estavam acontecendo obras para a captação e bombeamento de água ao Rio de Janeiro. Junto com Arthur Neiva, seguiu para Xerém, e os resultados positivos que conseguiu nessa obra confirmaram a sua teoria da infecção domiciliar da malária.

Em junho de 1907 Chagas foi enviado pelo Instituto à cidade de Lassance (MG), perto do Rio São Francisco, a fim de combater uma epidemia de malária entre os trabalhadores de uma nova linha de trem da estrada de Ferro Central do Brasil, instalando-se durante dois anos num vagão de trem, onde montou um pequeno laboratório e um consultório para atendimento dos doentes.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

Nesse tempo, capturou, classificou e estudou os hábitos dos anofelinos, mosquitos transmissores da doença, e examinou o sangue de animais em busca de parasitas. Assim, Chagas identificou no sangue de um sagui uma nova espécie de protozoário, ao qual deu o nome de *Trypanosoma minasensis*. Um engenheiro da ferrovia alertou-o para a infestação de um inseto hematófago nas residências rurais, da espécie *Triatoma infestans*, conhecido como *barbeiro*, assim chamado porque sugava o sangue das pessoas durante a noite, atacando o rosto delas. Chagas levou alguns deles ao seu laboratório e percebeu que nos seus intestinos havia outros *Trypanosoma minasensis*, já numa fase evoluída.

Por Lassance não ter condições para uma pesquisa mais aprofundada, enviou alguns exemplares de barbeiros para Oswaldo Cruz, pedindo que os alimentasse em saguis. Um mês depois, foi comunicado da presença de tripanossomos no sangue dos animais. Voltou ao Rio de Janeiro para confirmar a pesquisa e descobriu que não se tratava dos *Trypanosoma minasensis*, mas de uma nova espécie. Chagas chamou esse novo parasita de *Trypanosoma cruzi*; mais tarde batizou de *Schizotrypanum cruzi*, em homenagem a Oswaldo Cruz.

Retornando a Lassance, Chagas suspeitava que o parasita pudesse causar algum mal aos outros animais e aos humanos, visto que o barbeiro estava sempre em lugares frequentados por pessoas e o hábito desse inseto em mordê-las. Recolheu amostras de sangue de um gato infectado em 14 de fevereiro de 1909 e, em 23 de abril do mesmo ano, descobriu o *Trypanosoma* em uma menina de três anos, chamada Berenice, que apresentava febre e anemia. Tal tripanossoma foi o segundo descoberto a causar uma doença, a tripanossomíase americana, pois, até então, o único confirmado era o causador da doença do sono, ou tripanossomíase africana, transmitida pela picada da mosca tsé-tsé.

Também observou inclusões parasitas no cérebro e no miocárdio dela, que poderiam explicar algumas manifestações clínicas em pessoas doentes. Para completar seu trabalho sobre a patologia da nova doença, o cientista descreveu 27 casos de formas agudas e realizou mais de cem autópsias de pacientes que tinham a forma crônica da doença. Concluiu, então, o ciclo da doença, tendo identificado o vetor (barbeiro); o agente causal (*Trypanosoma cruzi*); o reservatório doméstico (gato); e a doença nos humanos (o caso de Berenice) e suas complicações. Ao longo da pesquisa, Chagas propôs algumas complicações da doença que, mais tarde, mostraram-se equivocadas. Exemplo disso foi ao anunciar que o bócio era um sintoma da tripanossomíase americana. O trabalho que Chagas realizou foi o primeiro e o único na história da medicina, descrevendo completamente a nova doença infecciosa: anatomia patológica, o meio de transmissão (*Triatoma infestans*), etiologia, suas formas clínicas e sua epidemiologia.

A descoberta da doença foi levada ao conhecimento da comunidade científica através de uma nota prévia escrita por Chagas em 15 de abril de 1909 e publicada na *Revista Brasil-Médico* em 22 de abril. No mesmo dia, Oswaldo Cruz anunciou formalmente à Academia Nacional de Medicina que decidira levar a Lassance uma comissão para verificar o trabalho. Miguel Couto, presidente da comissão, sugeriu que a nova doença se chamasse *Doença de Chagas*, mas o próprio Carlos Chagas preferia chamar a doença como tripanossomíase americana.

Na Europa, o trabalho teve repercussão em revistas científicas, em especial na Alemanha e na França, pois esses países tinham interesses em doenças tropicais, visto que a tripanossomíase africana vinha prejudicando o plano imperialista em tal continente.

Em agosto de 1909, Chagas publicou o primeiro volume da revista do Instituto de Manguinhos – *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* –, um estudo completo sobre a doença de Chagas e o ciclo evolutivo do protozoário que causa da doença. Esse trabalho garantiu a ascensão do cientista na instituição, sendo promovido a chefe de serviço, em março de 1910.

Em 26 de outubro de 1910, a Academia Nacional de Medicina reconheceu formalmente o trabalho realizado pelo cientista e o recebeu como membro honorário, já que tal entidade não dispunha de lugares vagos no momento. Nessa solenidade, Chagas proferiu a primeira conferência sobre a doença. Em 1911 divulgou os resultados à Sociedade de Medicina e Cirurgia de Minas Gerais e, em agosto, fez uma segunda conferência na Academia Nacional de Medicina. Nesse mesmo ano ocorreu a Exposição Internacional de Higiene e Demografia, em Dresden, Alemanha, onde, no pavilhão brasileiro, foi mostrada a doença, que despertou grande público. Em 1912 foi a vez da classe médica paulista recebê-lo para uma apresentação sobre a doença descoberta em Lassance.

O estudo da moléstia avançou nas décadas de 1940 e 1950 através do Instituto Oswaldo Cruz, no município mineiro de Bambuí.

A gripe espanhola chegou ao Brasil em 1918 e, no Rio de Janeiro, tal enfermidade atacou dois terços da população (por volta de 600.000 mil habitantes) e fez 11.000 mil vítimas devido às precárias condições de higiene e saneamento, além da falta de assistência médica. Tal quadro fez com que o então presidente da República, Wenceslau Braz, convidasse Carlos Chagas para assumir o controle da situação.

Tal ação não foi fácil pelo fato de Chagas estar doente, além de sua mulher e de seus filhos. Porém, dentre suas atitudes, criou um serviço especial de postos de atendimento à população em vinte e sete pontos diferentes da cidade. Ao mesmo tempo em que providenciou tal tarefa, criou cinco hospitais emergenciais e publicou cartazes e panfletos de alerta aos habitantes e buscando apoio de profissionais da sua área, conseguindo ajuda da maioria dos clínicos cariocas e de vários membros da Academia Nacional de Medicina.

No Instituto Oswaldo Cruz incentivou a pesquisa da doença, como causa da infecção, meio de contágio e diagnóstico. Chagas trabalhou integralmente para o desaparecimento da doença, em novembro do mesmo ano.

Três dias após a morte de Oswaldo Cruz, em 14 de fevereiro de 1917, Chagas foi nomeado para a direção do Instituto de Manguinhos através de um decreto presidencial. Ao assumir o cargo, buscou consolidar o modelo estabelecido por Oswaldo Cruz semelhante ao Instituto Pasteur, onde a autonomia administrativa e financeira eram as características principais, além de estreitar a relação entre a pesquisa, o ensino e a fabricação de produtos medicinais e veterinários.

Inaugurou, em 1918, o Hospital Oswaldo Cruz nas dependências do Instituto de Manguinhos, a fim de constituir-lo num centro de pesquisa. Mais tarde, em 1942, o hospital passou a ser chamado Hospital Evandro Chagas. Na área de produção, Chagas diversificou os medicamentos e produtos fabricados no Instituto, e o estímulo do comércio e a renda gerada por eles tornou-se fundamental para o funcionamento da

instituição. Uma medida para a expansão da área de produção foi a criação do Serviço de Medicamentos Oficiais, destinado a produzir, entre outros medicamentos, a quinina, usada no combate da malária. Na década de 1920 o Instituto ficou responsável por verificar o controle de qualidade dos produtos utilizados na medicina brasileira, tanto os fabricados em laboratórios nacionais quanto os importados. Outra iniciativa foi a incorporação do Instituto Vacinogênio Municipal, ficando a cargo do Instituto Oswaldo Cruz a fabricação da vacina antivariólica.

Ao tomar posse em 1919 para reorganizar a saúde pública nacional, o presidente Epitácio Pessoa nomeou Carlos Chagas para a então Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), acumulando a função com aquela praticada em Manguinhos. No ano seguinte, tal instituição se chamaria Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), ligado ao Ministério da Justiça de Negócios Exteriores.

Sua primeira atitude, exposta na Biblioteca Nacional em fevereiro de 1921, foi a centralização das atividades, pois até então a DNSP vinha trabalhando com a descentralização, em que os estados e municípios brasileiros tinham maior liberdade de organizar seus sistemas sanitários. Acordos com eles foram essenciais para a segunda ação – a interiorização, em busca da erradicação das epidemias rurais, principalmente a malária, ancilostomose e tripanossomíase americana. Em paralelo a esse projeto, criou outro minucioso de medidas referentes à higiene pública.

Com apoio da Fundação Rockefeller, Chagas criou o serviço de enfermagem sanitária e, com o desdobramento desse serviço, fundou, em 1923, a Escola de Enfermagem Anna Nery, introduzindo o ensino profissionalizante de enfermagem no Brasil. Os alunos foram instruídos também no Hospital São Francisco de Assis, fundado também por Chagas para tal finalidade.

Chagas foi responsável pela criação do primeiro curso de Higiene e Saúde Pública do Brasil, onde garantia vagas nos cargos federais aos aprovados. Como diretor da DNSP, representou o país no Comitê de Higiene da Liga da Nações, associação sediada em Genebra e percussora da Organização Mundial de Saúde (OMS). Chagas permaneceu à frente do órgão até novembro de 1926, ao fim do mandato do presidente Arthur Bernardes. A DNSP foi transferida para o Ministério da Educação e Saúde em função da reforma política do Estado Novo.

Em 1925, o Ministério da Justiça e Negócios Exteriores promoveu a reforma na educação brasileira, permitindo a Chagas pôr em prática o seu objetivo, criando a especialização em higiene e saúde pública e a cadeira de doenças tropicais na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Chagas também foi o primeiro a descobrir o gênero *Pneumocystis*, um fungo parasita nos pulmões dos animais experimentalmente infectados com tripanossoma.

Dentre os prêmios recebidos salientam-se: *Prêmio Schaudinn*, concedido pelo Instituto de Moléstias Tropicais de Hamburgo, Alemanha (1912); foi nomeado *Artium Magistrum, Honoris Causa* da Universidade de Harvard, EUA (1921); Prêmio *Hors-concours*, na Conferência Comemorativa sobre o Centenário de Louis Pasteur, em Estrasburgo, França (1923); e em 1925 o *Prêmio Kummel*, da Universidade de Hamburgo, Alemanha. Ainda recebeu em 1926, 1929 e 1934 outros títulos de doutor *honoris causa*, vindos das universidades de Paris, de Lima e Livre de Bruxelas, respectivamente.

Recebeu honorarias da Universidade Nacional de Buenos Aires (1917); Faculdade de Medicina da Universidade de Hamburgo (1925); e Cruz Vermelha Alemã (1932). Também pertenceu à *Société de Patologie Exotique* da França (1919); *Physicans Club of Chicago* dos EUA (1921); Associação Médica Panamericana (1922); Sociedade de Artes Médicas das Índias Orientais Neerlandesas (1924); Academia de Medicina de Nova Iorque (1926); *Kaiserlich Deutsch Akademie de Naturforscher zur Halle* (1926); Real Sociedade de Medicina Tropical e Higiene de Londres (1928); Sociedade de Biologia de Buenos Aires; e Academia de Medicina de Paris (1930).

Dentre as comendas recebidas destacam-se: cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália (1920); comendador da Coroa da Bélgica (1923); e cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra da França (1923); Ordem de São Thiago de Portugal (1924); comendador da Ordem de Afonso XII, Espanha (1925); comendador da Ordem de Isabel, a católica, da Espanha (1926); e cavaleiro da Ordem da Coroa da Romênia (1929). Além disso, Carlos Chagas teve duas indicações para o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, embora não tenha sido laureado, pelo fato de ter nascido num país de terceiro mundo.

Carlos Chagas recebeu diversas homenagens: uma herma na Praia de Botafogo, construída em sua memória, de autoria do escultor Modestino Kanto. Um município do estado de Minas Gerais recebeu seu nome, além de cédulas de Cruzado (depois Cruzado Novo) terem circulado com sua imagem durante a década de 1980.

Carlos Chagas foi um médico sanitarista, cientista e bacteriologista brasileiro, que trabalhou como clínico e pesquisador. Atuante na saúde pública do Brasil, iniciou sua carreira no combate à malária. Destacou-se ao descobrir o protozoário *Trypanosoma cruzi* (cujo nome foi uma homenagem ao seu amigo Oswaldo Cruz) e a tripanossomíase americana, conhecida como doença de Chagas. Ele foi o primeiro e o único cientista na história da medicina (!) a descrever completamente uma doença infecciosa: o patógeno, o vetor (Triatominae), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia.

Carlos Chagas trabalhou também no combate à leptospirose, às doenças venéreas, e foi o idealizador do Centro Internacional de Leprologia, além de ter sido o segundo diretor do Instituto Oswaldo Cruz.

Faleceu aos 55 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 1934, em decorrência de um infarto do miocárdio. Seu nome é honrado também com a patronímica da cadeira nº 46 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 47 – Patrono Admissão: 2/5/1931

Edmundo Vasconcelos
1905-1992



Helio Begliomini¹

Edmundo Vasconcelos² nasceu em São Paulo, aos 18 de março de 1905. Era filho do negociante português Manuel Pereira de Sousa Vasconcelos e Maria Alice Delarue Palavet Vasconcelos.

Ingressou, em 1917, no Ginásio de São Bento, formando-se, em 1922, com medalha de ouro de orador da turma. Em 1923, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, sendo aprovado com distinção nas matérias constantes do 1º ano do curso.

Nesse mesmo ano pediu e obteve transferência para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde se diplomou, em 1928. Defendeu tese, nessa ocasião obrigatória, na cadeira de clínica cirúrgica, apresentando um trabalho sobre a **Cirurgia dos Divertículos do Esôfago**, em que estudou a questão clínica e experimental, tendo proposto uma nova técnica operatória baseada em verificações laboratoriais com a finalidade de evitar a reincidência.

Essa tese foi aprovada com “grande distinção”, tendo a comissão examinadora lançado no livro das atas a seguinte declaração: “A comissão examinadora, dado o alto valor desta tese, lamenta não poder dar nota maior da que foi dada, consigna, no entanto, neste termo, o alto mérito e valor que tem o trabalho apresentado”.

Com esse trabalho concorreu ao prêmio de cirurgia instituído pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tendo obtido o prêmio Botelho de 1928.

Desde o seu ingresso na faculdade nunca mais se apartou da “alma mater”, junto à qual permaneceu por toda a sua vida docente. Assim, logo após a formatura, ingressou no laboratório de anatomia patológica, na qualidade de assistente-adjunto, tendo tido oportunidade de publicar alguns trabalhos de anatomia patológica.

Ainda como estudante, em abril de 1925, ingressou para a clínica cirúrgica do professor Benedicto Montenegro, de cujo serviço clínico particular foi o “chefe de clínica” durante dez anos, tendo-o deixado, em maio de 1934, por motivo de concurso. Sendo

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Na pesquisa realizada foi encontrado seu sobrenome “Vasconcelos” também grafado com dois “l”, Vasconcellos.

discípulo do professor Benedicto Montenegro, trabalhou na equipe desse renomado mestre no Sanatório Santa Catarina, ao lado de Piragibe Nogueira da Silva, João de Lorenzo e muitos outros renomados médicos.

Edmundo Vasconcelos foi o ilustre cirurgião que por mais de quatro décadas exerceu notável influência no ensino, pesquisa e desenvolvimento da cirurgia em nosso país, pontificando em sua disciplina na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Professor catedrático muito jovem, iniciou uma carreira médica brilhante, sendo dotado de sólida cultura geral, ao lado de uma extraordinária habilidade e inclinação inatas para os misteres da cirurgia, onde foi proeminente e soberbo.

Em 1931, ingressou como 1º assistente e chefe de laboratório da cadeira de técnica cirúrgica e cirurgia experimental, tendo sido efetivado aos 14 de fevereiro desse ano.

Em abril desse mesmo ano, por motivo do afastamento do catedrático, assumiu, por designação do professor Sergio Meira, então diretor, o cargo de professor interino, tendo regido a cadeira durante todo o ano letivo.

Voltou a desempenhar novamente as funções de chefe de laboratório até janeiro de 1935, quando, por transferência do catedrático, foi designado pelo diretor para reger interinamente a cadeira, contando com apenas 30 anos.

Por motivo do início das aulas e estando ainda vaga a referida cadeira, foi designado para exercer pela segunda vez o cargo de professor interino, tendo ministrado o ensino regular da cadeira durante o 1º semestre desse ano letivo, bem como tomado parte nas bancas de exames parciais para as quais foi designado.

Durante a permanência na escola e com fins de completar a instrução especializada, frequentou os cursos regulares e extraordinários de embriologia do professor Carmo Lordy.

Para maior eficiência do departamento criou aí as seções de anatomia cirúrgica e patologia cirúrgica, o que veio enriquecer em muito o material didático e aumentar as possibilidades do ensino, dando-lhe uma orientação mais prática e maior contato com a clínica.

Organizou, ainda, uma seção privativa de desenho, motivada pela necessidade permanente de grande número de pranchas e esquemas para o ensino que, pela sua própria quantidade, impediam a requisição à seção competente da escola, sem grave dificuldade de sobrecarga. Foram, assim, feitas 450 pranchas e 520 diapositivos que serviram não somente para a cadeira e ensino da técnica como a alguns dos departamentos da faculdade.

Foram inúmeras as suas realizações e inovações no âmbito da cirurgia. Dentre elas destaca-se a metodização cirúrgica que ele publicou em detalhes, divulgando-a para os diversos serviços universitários do país. A importância dessa metodização era especificar as atribuições e tarefas da equipe cirúrgica, com os tempos técnicos do ato operatório sincronizados, sempre numa sequência perfeita, um trabalho que, ao lado da função artesanal, tinha muito de artístico e harmonioso. Mantinha-se a hierarquia dentro da sala de operações e cada elemento aprendia exatamente suas atribuições, havendo um cuidado escrupuloso para com os atos fundamentais de diurese, hemostasia e síntese, além da exploração endocavitária, trazendo como consequência um

menor tempo operatório e anestésico em benefício do paciente. Ao terminar a intervenção exigia-se que a mesa do instrumental cirúrgico devesse apresentar a mesma disposição e arranjo com que a iniciara.

Sua influência marcante se fazia igualmente através dos chamados “cursos de férias”, quando, anualmente, compareciam cirurgiões de todo o país para atualização e reciclagem.

Edmundo Vasconcelos participou ativa e ininterruptamente de inúmeros congressos médicos nacionais e internacionais, computando-se mais de 150 em seu extenso *curriculum vitae*, onde levava sua experiência, notadamente em cirurgia do aparelho digestivo. Pessoalmente, mantinha contato frequente com serviços de cirurgia da América Latina, Estados Unidos e Europa, onde era recebido com honrarias, tendo sido doutor *honoris causa* de várias universidades.

No Brasil, além de condecorações e prêmios, foi membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e do Colégio Internacional de Cirurgiões. Teve seu ingresso como membro titular da insigne Academia Nacional de Medicina, em 2 de dezembro de 1971.

Pertenceu a diversas associações, entre elas: Academia Paulista de Letras; Academia Nacional de Medicina; Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo; Associação Paulista de Medicina; Sociedade de Biologia de São Paulo; Associação Médica do Instituto Penido Burnier de Campinas (sócio honorário); Sociedade Internacional de Cirurgia; Colégio Americano de Cirurgiões; Associação Argentina de Cirurgia (sócio titular) e Sociedade de Gastroenterologia de Nova York. Conseguiu, assim, estender a sua atividade a numerosas associações de classe, procurando colaborar no seio desses grupos.

Edmundo Vasconcelos ocupou muitos cargos e diversas funções, destacando-se cirurgião do Sanatório Santa Catarina e do Hospital Alemão; cirurgião-chefe dos Sanatórios Populares de Campos do Jordão; do Sanatório Santa Cruz e chefe da clínica particular do professor Benedicto Montenegro.

Autor prolífico, além de inúmeros artigos médicos, publicou livros de medicina, entre os quais: ***Ulcer of the Stomach and Duodenum*** (1947), ***Métodos Modernos de Amputação*** (1942, em espanhol); ***Cirurgia do Megaesôfago*** (1937) e ***Cirurgia do Câncer do Esôfago***.

Ambidestro, operava com extrema elegância, principalmente as doenças do aparelho digestivo.

Edmundo Vasconcelos publicou ainda um certo número de lições e artigos esparsos sobre assuntos cirúrgicos com base na técnica ou na experimentação. Assim, apareceram: “Úlcera Duodenal em Criança de Dois Anos” (1929); Carcinoma da Mama no Homem” (1930); “A Esplenectomia na Púrpura Hemorrágica Trombocitopênica – Moléstia de Werlhoff” (1931); “Úlcera Jejunal Pós-operatória” (1934); “Abscessos Subfrenicos” (1934); “Úlceras Pépticas Experimentais” (1934), dentre outros.

Em suas obras expunha técnicas próprias e inovações como, por exemplo, da correção cirúrgica do divertículo faringoesofágico; suas ideias no polêmico tema dos megas (megaesôfago, megacólon); variações técnicas em gastrectomias parciais; cirurgia das vias biliares; a reintrodução dos métodos de sutura mecânica

para anastomose na cirurgia do cólon (década de 50); e a sistematização na conduta cirúrgica de amputação da coxa e do pé, onde apresentou uma variante técnica que leva o seu nome.

Deve ser ressaltado que foi ele um pioneiro na cirurgia toracopulmonar, instalando, em 1938, o primeiro Centro de Cirurgia Torácica em Campos do Jordão. Nessa especialidade fez igualmente inovações, criando alguns instrumentos cirúrgicos como, por exemplo, o afastador de omoplata e a rugina para desperiostização costal, ainda hoje, em pleno uso.

Decididamente autoritário ao impor a disciplina e normas em seu serviço de cirurgia, Edmundo Vasconcelos era igualmente exigente no cumprimento das atividades médicas no ambulatório, na enfermaria e, principalmente, na sala de operações, onde observava o máximo rigor nos detalhes da técnica cirúrgica. A rotina do trabalho imposta era exaustiva e exigia de todos um conhecimento básico de anatomia, fisiologia, clínica e anatomia patológica, além de rígida disciplina e postura médica convenientes.

Todo esse empenho em criar, inovar e divulgar a cirurgia, dentro das normas e exigências do seu serviço, produziu uma plêiade de ilustres seguidores que desenvolveram e deram seguimento à sua “Escola” em várias universidades e serviços médicos, públicos e particulares.

Dentre tantos mestres da cirurgia brasileira que formou encontram-se: Ruy Escorel Ferreira Santos, Álvaro Dino de Almeida, José Finocchiaro, Silvio Alves de Barros, Silvano Raia, William Saad Hossne, dentre outros.

Edmundo Vasconcelos era versátil nas lides intelectuais, possuindo apreciável cultura humanística. Em prosa e poesia abordou vários temas, incluindo dentre tantas publicações suas: “Oração aos Médicos”, “Psicologia da Aprendizagem Médica” e “Sessenta Anos de Medicina na Universidade de São Paulo”, onde salientou o papel dessa instituição no ensino do país. Seu talento como conferencista e prosador valeu-lhe a indicação e ingresso na Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira nº 10.

Pelo que realizou como cirurgião emérito e professor de medicina, influenciando de maneira marcante a tantos, merece, Edmundo Vasconcelos, o título augusto que desde tempos imemoriais costumava-se distinguir uma personalidade como a dele: “*Chirurgus Peritissimus et Doctor Clarissimus*”.

Edmundo Vasconcelos faleceu em 11 de novembro de 1992, aos 87 anos.

Seu nome é honrado com um importante hospital da capital paulista, situado na rua Borges Lagoa, na Vila Clementino.

Cadeira nº 48 – Patrono Admissão: 1/2/1939

Dante Pazzanese
1900-1975

Helio Begliomini¹



Dante Pazzanese nasceu na cidade de Barão de Monte Alto (MG), aos 31 de dezembro de 1900.

Graduou-se aos 24 anos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo uma tese intitulada **A Anisocoria**.

Após sua formatura clinicou um tempo em Itapira, no interior de São Paulo. De lá transferiu-se para a capital paulista e, em 1928, trabalhou voluntariamente como assistente na Faculdade de Medicina de São Paulo. No ano seguinte direcionou e organizou o serviço pioneiro de eletrocardiografia dessa instituição de ensino.

Até 1933 ele era o único especialista a realizar e ministrar cursos de eletrocardiografia.

Quando Dante Pazzanese era diretor do Serviço de Cardiologia do Hospital Municipal, em 1937, casou-se com Anita, que tinha 21 anos.

Ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo em 1º de fevereiro de 1939.

Foi também o fundador da Sociedade Brasileira de Cardiologia e do Serviço de Cardiologia do Hospital Municipal, onde foi realizado o primeiro curso de cardiologia de São Paulo, introduzindo a eletrocardiografia nesse mesmo estado. Viabilizou também, em 1954, o Instituto de Cardiologia do Estado de São Paulo (Icesp).

Pazzanese buscava sempre novos conhecimentos e métodos baseados em novos aparelhos. Assim, dava ênfase a pormenores que depois eram reconhecidos e descritos em todo o mundo. Estudava cuidadosamente os aspectos sociais que as conquistas cardiológicas estavam trazendo. Havia nele uma preocupação médico-social voltada aos critérios que poderiam facilitar a melhora dessas populações. Era uma pessoa que possuía ausência de inveja e de vaidade, agregando em torno de si uma excelente equipe de profissionais. Além disso, ouvia com muito interesse os trabalhos feitos pelos jovens e ressaltava-lhes o devido valor, o que lhes servia de estímulo e crescimento profissional.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

Dante Pazzanese faleceu em São Paulo, aos 9 de janeiro de 1975, aos 74 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 48 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e, em 1975, o Instituto de Cardiologia de São Paulo passou a ser denominado de Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia (IDPC), em sua homenagem.

Alem disso, dá o nome à Escola Dr. Dante Pazzanese – Escola-Fazenda da Fundação Bradesco em Canuanã, inaugurada em 5 de julho de 1973 e situada a 60 km da Cidade de Formoso do Araguaia. Na época, a região pertencia ao estado de Goiás, hoje, pertence ao Tocantins. A escola funciona em regime de internato. Ocupa uma área total de 2.549,07 hectares, com 72.343,14 m² de área construída.

Cadeira nº 49 – Patrono

Raphael Penteado de Barros 1887-1958

Helio Begliomini¹



Raphael Penteado de Barros, também conhecido por Raphael de Barros, nasceu na cidade de São Paulo, em 13 de outubro de 1887. Era filho de Antonio Paes de Barros e de Maria Paes de Barros. Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1911. Recebeu grande influência com a descoberta dos Raios X pelo físico e professor alemão da Universidade de Wursburg, Wilhelm Conrad Roentgen² (1845-1923), cuja aplicabilidade clínica estava iniciando. Sua tese de doutoramento por ocasião da conclusão de seu curso médico intitulou-se **Estudo Radiológico do Estômago**, e é considerada a primeira tese de radiologia feita no Brasil.

Raphael Penteado de Barros (Figura 2) radicou-se na cidade de São Paulo e constituiu-se no primeiro radiologista dessa cidade. Organizou o Serviço de Radiologia da Santa Casa de Misericórdia, até então considerado “verdadeira usina elétrica” com enormes transformadores e ampolas de Raios X manipulados por técnico europeu especialmente contratado.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial e parte das informações aqui consignadas foram gentilmente fornecidas pelo acadêmico Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães, titular e emérito da cadeira nº 49 da Academia de Medicina de São Paulo.

2 Wilhelm Conrad Roentgen descobriu os Raios X em 8 de novembro de 1895. Recebeu o primeiro prêmio Nobel de Física, em 1901. Ele recusou o direito de patente e propriedade de sua descoberta e até mesmo dispensou homenagens do tipo epônimo. Assim mesmo, até hoje, a radiografia é chamada por alguns de roentnografia.



Figura 2 – Raphael Penteadado de Barros.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), fundada em 1912, teve como primeiro diretor Arnaldo Vieira de Carvalho³, que já estava convencido da importância do diagnóstico radiológico (Figura 3). Em decorrência, convidou Raphael de Barros para ocupar o cargo de assistente da cadeira de física médica, que era dirigida pelo professor Edmundo Xavier⁴, além de chefiar o Serviço de Radiologia da Santa Casa de Misericórdia, então sede da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Em 1915 passou a ser professor substituto de física médica e história natural médica (1ª Secção). Ademais, fez parte com aproximadamente 27 professores, além de Arnaldo Vieira de Carvalho, da primeira congregação dessa casa de ensino⁵.

Em 1914, Raphael Penteadado de Barros fez estágio de aperfeiçoamento na França, no Serviço de Radiologia do professor Antoine Béclère, tido como o “pai da radiologia francesa”, a quem ele sempre reverenciou e referiu que procurou imitar.

Na Santa Casa os exames radiológicos passaram a ser acompanhados de relatórios escritos. Os principais diagnósticos eram de fratura e luxação; litíase do trato urinário e da vesícula biliar; lesão pulmonar, alteração do volume cardíaco e dilatação aneurismática da aorta.

Nessa época, Raphael de Barros teve a oportunidade de fazer um diagnóstico de tumor de cólon em paciente que foi operado por Arnaldo Vieira de Carvalho, sendo comprovado o achado radiológico.

3 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi nomeado através de decreto de 7 de janeiro de 1913, do presidente do estado de São Paulo, Francisco de Paula Rodrigues Alves, diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Foi também membro fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

4 Edmundo Xavier ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina e Cirurgia de São Paulo, entre março e julho de 1910. In: “Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 1895-1913”, livro de Luiz Antonio Teixeira. Editora Unesp, São Paulo, 2007, página 92.

5 Livro “Faculdade de Medicina – Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola” de Carlos da Silva Lacaz. CLR Baliero Editores Ltda e Companhia Brasileira de Impressão e Propaganda, São Paulo, 1985, 148 páginas.

Ainda em plena I Guerra Mundial, em 1918, Raphael Penteadado de Barros tomou parte da Missão Médica Brasileira enviada à França, que tinha como meta prestar assistência aos combatentes aliados. Houve uma sessão solene na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo para homenagear os representantes paulistas dessa missão, que contou também com Benedicto Montenegro⁶, Raul Vieira de Carvalho⁷, Adolpho Corrêa Dias Filho, Christiano de Souza, Baeta Neves, além dos adidos João Monlevade e Arsênio Galvão Filho. Receberam reconhecida distinção por parte do governo francês.



Figura 3 – Sentados na primeira fila: Arnaldo Vieira de Carvalho entre Rubião Meira, de terno escuro, à sua direita, e Raphael de Barros, à sua esquerda, dentre outros médicos do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo⁸.

Raphael Penteadado de Barros foi o fundador do departamento de eletricidade médica na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, nos idos de 1919. Nessa época também possuía um “Gabinete de Raios X”, situado na Rua São Bento, nº 14, no centro da capital.

O ensino da radiologia na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo teve início em 1915. Raphael Penteadado de Barros foi nomeado professor catedrático dessa disciplina em 1926, permanecendo no cargo até 1956.

Raphael Penteadado de Barros foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, sendo o primeiro radiologista a apresentar trabalho científico nessa entidade. Nesse trabalho foram mostradas radiografias de tórax, evidenciando lesões cavitárias dos pulmões e causando importante repercussão no meio médico. Atuou também como 2^a secretário da gestão que teve como presidente Antonio Cândido de Camargo⁹.

6 Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

7 Raul Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1940-1941.

8 Foto extraída do livro “Arnaldo Vieira de Carvalho e a Faculdade de Medicina: Práticas Médicas em São Paulo (1988-1938)” de autoria de André Mota e Maria Gabriela S. M. C. Marinho. CD.G Casa de Soluções e Editora – São Paulo, 2009, 132 páginas.

9 Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse silogeu.

Em 1957, apenas um ano após a sua aposentadoria, o Raphael Pentado de Barros voltou ao Hospital das Clínicas da FMUSP para submeter-se a uma radiografia de tórax. Enquanto aguardava o resultado do exame, no momento em que conversava com seus ex-assistentes, na sala de relatórios, chegou a sua radiografia, que foi colocada no negatoscópio. Houve subsequentemente um silêncio constrangedor, pois havia uma imagem tumoral no pulmão esquerdo. Diante da radiografia, o velho mestre comentou: “*É... de alguma coisa a gente tem de morrer*”.

Raphael Pentado de Barros (Figura 4) faleceu no ano seguinte, em 26 de maio de 1958, na capital paulista, contando com 70 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 49 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Deu nome, na década de 1950, a um prêmio científico promovido pela Associação Brasileira de Leprologia. Atualmente, seu nome é também honrado num Centro de Estudos Radiológicos na FMUSP.



Figura 4 – Raphael Pentado de Barros¹⁰.

¹⁰ Foto da ficha microfilmada obtida gentilmente no acervo do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp).

Cadeira nº 50 – Patrono

José Barros Magaldi 1913-1978

Helio Begliomini¹



José Barros Magaldi nasceu em 23 de maio de 1913, em Tatuí (SP). Era filho de Antonio Magaldi e de Marieta Barros Magaldi.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP, Figura 2), em 1937, instituição na qual se dedicou à carreira universitária, galgando todos os postos.

Seus estudos sobre hipertensão arterial, iniciados em 1941, são clássicos na literatura mundial da especialidade. De arguta visão científica, liderou em nosso meio as investigações sobre as doenças renais. Chefiou o grupo de médicos que difundiu o emprego da diálise através do rim artificial e criou a infraestrutura básica da Unidade de Transplantes Renais do Hospital das Clínicas da FMUSP. Os mais de 50 trabalhos que publicou, com a mais esmerada probidade científica, atestam sua pródiga vida de pesquisador.

José Barros Magaldi ingressou, em 1944, na Faculdade de Saúde Pública da USP, onde, a convite do professor Francisco Antonio Cardoso, participou dos programas do Departamento de Nutrição, galgando aí a condição de professor-adjunto. Nessa importante instituição de ensino também atuou prestimosamente na Comissão de Publicações da Revista de Saúde Pública.

Pari passu teve promissora carreira acadêmica na FMUSP, tornando-se professor de clínica médica e o primeiro professor titular da disciplina de nefrologia, após concurso de provas e títulos realizados em 1977, além de atingir a chefia do Serviço de Nefrologia do Hospital das Clínicas².

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² José Barros Magaldi exerceu o cargo somente até 1978, quando veio a falecer subitamente. Sucedeu-o, inicialmente como professor interino e, depois, em 1985, após concurso de provas e títulos, como o segundo professor titular da disciplina de nefrologia, Marcelo Marcondes Machado. Nessa ocasião, a disciplina sob sua direção funcionou na Divisão de Clínica Médica I do Instituto Central do Hospital das Clínicas.



Figura 2 – José Barros Magaldi, graduando pela FMUSP.

Dedicou-se durante 40 anos ininterruptos às atividades de ensino, contribuindo de forma lúcida e segura na formação de centenas de alunos, através de suas notórias qualidades de mestre e educador.

Oswaldo Paulo Forattini – um dos mais brilhantes intelectuais da saúde pública, que conviveu com José Magaldi – refere que ele “tinha personalidade ímpar e era muito dedicado nos seus afazeres. Foi um homem de ciência e de ensino, sempre revestindo o desempenho dessas atividades com a mais alta significação propiciada pelos inexcelsos dotes de inteligência e bondade de que foi portador. Foi o exemplo de uma vida toda dedicada à dignidade do homem”.

José Barros Magaldi teve, outrossim, influente vida associativa, tornando-se fundador e o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Nefrologia³ (1960-1962).

Prefaciou o livro “Insuficiência Renal Aguda” de Emil Sabbaga⁴ e Eleonidas Vasconcelos, ambos da Unidade de Doenças Renais do Departamento de Clínica Médica da FMUSP. Seu último artigo publicado foi *Calcium and Phosphate Transport in Isolated Segments of Rabbit Henle’s Loop* – Rocha AS, Magaldi JB, Kokko JP. *J Clin Invest*: 59 (5): 975-83, 1977.

De acordo com Yaro Ribeiro Candra, “a vida de José Magaldi, no exercício da medicina, foi um verdadeiro sacerdócio. Médico exemplar, aliou à sua renomada competência profissional as virtudes de homem bom. Todos os seus incontáveis pacientes, fossem quais fossem, desfrutaram da ciência e da arte do médico e da afetuosa dedicação do amigo, recebendo tratamento eficaz e humano. Viveu como o melhor dos cristãos: amou ao seu próximo muito mais do que a si mesmo. Dedicou-lhe a sua existência, mesmo com prejuízo do aconchego familiar, de suas horas de descanso e momentos de lazer”.

José Magaldi foi exemplo de pai, esposo e de cidadão, sabedor de suas responsabilidades sociais. Exerceu sua cidadania de modo consciente e se caracterizou por ser persistente defensor da liberdade, da justiça e dos direitos humanos.

³ A Sociedade Brasileira de Nefrologia foi fundada em 2 de agosto de 1960, alguns meses antes da fundação da Sociedade Internacional de Nefrologia. Sua Ata de Fundação foi assinada por 42 médicos, nem todos nefrologistas.

⁴ Emil Sabbaga é membro titular e emérito da cadeira nº 50 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é José Barros Magaldi.

Foi um dos pioneiros e grandes vultos da nefrologia em nosso meio. Como professor e investigador, ele honrou e projetou a FMUSP no meio científico nacional e internacional através de sua obra.

Yaro Ribeiro Candra ainda dele assim se expressou: “A vida de José Barros Magaldi – exemplo digno de ser seguido – constituiu a aplicação do ensinamento contido nesta frase milenar de Hipócrates: ‘vida é curta, mas a arte é longa’, e para dominar a arte e acrescentar-lhe ao patrimônio humano alguma coisa, é necessário, antes de tudo, que a brevidade da vida se multiplique no trabalho; se enriqueça no amor, se ilumine no ideal e se tempere na luta”.

José Barros Magaldi faleceu subitamente, em 9 de fevereiro de 1978, aos 64 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 50 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. A Sociedade Brasileira de Nefrologia instituiu um prêmio que leva seu nome, assim como dá nome, na cidade de São Paulo, a uma Unidade Básica de Saúde (UBS), no bairro do Itaim Bibi, e a uma rua, no bairro Jardim Novo Santo Amaro; dá também nome a uma avenida na cidade de Tatuí (SP), no bairro Jardim Lucila.

Cadeira nº 51 – Patrono

Domingos Rubião Alves Meira 1878-1946



Helio Begliomini¹

Domingos Rubião Alves Meira, mais conhecido por Rubião Meira, nasceu em Barra do Piraí, estado do Rio de Janeiro, aos 4 de junho de 1878.

Diplomou-se com 21 anos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1901, após ter exercido passageiramente a clínica na cidade de Piuí, no estado de Minas Gerais, transferiu-se para a capital do estado de São Paulo, onde, a partir de 1916, foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, até o seu falecimento.

Sua tese inaugural versou sobre **Estudo Semiótico do Coma** (1899). Foi o primeiro a exercer a livre-docência de clínica médica, em São Paulo, antes da fundação da faculdade de medicina. Em 1907 e 1908 concorreu em dois concursos para preenchimento da vaga de catedrático de clínica médica na Faculdade Nacional de Medicina, obtendo, em ambos, honrosa classificação.

Dentre as publicações de Rubião Meira sobressaem: **Valor dos Novos Métodos e Processos de Diagnóstico em Clínica Médica**, tese de livre-docência à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1912); **Perfís e Lutas**, coletânea de discursos e escritos vários (1913); **Trabalhos e Lições de Clínica Médica**, volume de 300 páginas, coletânea de artigos já publicados e de lições proferidas na 1ª clínica médica da Faculdade de Medicina de São Paulo (1916); **Turbilhões** (contos – 1917); **Da Tribuna** (discursos – 1920); **Médicos de Outrora**, crônica biográfica de saudades (1936) e **In Memoriam do Dr. João Alves Meira – 1842-1916** (1942).

Presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo por meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912.

A Universidade de São Paulo muito deve a Rubião Meira, que foi um de seus primeiros reitores, cargo que serviu com eficiência e dignidade de 5/4/1939 a 21/5/1941.

De todas as atividades que Rubião Meira exerceu, nenhuma sobrepujou a do clínico. Foi acima de tudo médico e médico exemplar, assinalou com razão o professor José Barbosa Corrêa.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Desfez-se sempre em ternuras para com os doentes; passou a vida a lenir dores, a consolar aflições, a restaurar os corpos doentes e a reanimar os espíritos abatidos. Para Rubião Meira, a missão do clínico era a de fazer o bem. Em 1920, no centro acadêmico Oswaldo Cruz, referia: *Aprendeí, desde já, que entre os seus deveres de clínico, aquele que sobrepuja aos demais, não é o de tratar o físico, quando não podeis fazê-lo com vantagem, nos casos em que a medicina deixa cair por terra, por imprestáveis, as suas armas, mas sim o de cuidar do espírito do indivíduo, afugentando-lhe o espectro doloroso do fim implacável que o espera. Esse é o maior de seus deveres, Senhores, porque aí então a sua profissão confunde-se com a do missionário, encarregado da salvação das almas; vós sereis, também, nesses momentos, sacerdotes, com os mesmos direitos que os que vestem as roupagens de apóstolos da religião católica; vós tendes, então, a religião da caridade em mãos, mas da caridade elevada e digna que não se confunde com essa outra que faz dar a esmola pela mão direita e obriga a esquerda a publicar, com estardalhaço, o feito. É a assistência moral o maior dos deveres que competem ao médico socorrer o indivíduo com a unção de sua palavra evangélica, consolar seu espírito, retirando-lhe a dúvida do termo final que se aproxima, levando-lhe aos lábios o cálice da esperança, erguendo-lhe a fé com meiguice de seu verbo inflamado.*

Rubião Meira também foi homem de letras: escreveu contos e pertenceu à cadeira nº 28 da Academia Paulista de Letras. Foi honrado com o título de médico honorário da Santa Casa de Misericórdia. A Associação Paulista de Medicina muito lhe deve; estruturou em novas bases esta agremiação de médicos, tendo sido um de seus primeiros presidentes. Em 1930, quando Alberto Nupieri, Potiguar Medeiros, Barbosa Corrêa, Felipe Figliolini, Cesário Matias, Oscar Monteiro de Barros e muitos outros resolveram fundar a Associação Paulista de Medicina, levados pelo ideal de reunir a todos os médicos de São Paulo, foi de Rubião Meira que eles obtiveram logo não só o estímulo e aplausos, senão também colaboração decidida e prestigiosa. Ele assinou a convocação para a assembleia de fundação, presidiu-lhe a reunião inaugural e foi eleito presidente da instituição nascente.

Deixou grandes discípulos, mestres das novas gerações de médicos paulistas e um filho dileto – João Alves Meira, exemplo de bondade e de honradez, reprodução fiel do modelo paterno.

Médico, professor de medicina, homem de letras, orador, cidadão, político, Rubião Meira acima de tudo foi médico, para quem a medicina foi a sua vida. Como médico viveu e como médico morreu. Dele disse seu filho João Alves Meira, em belo discurso de paraninfo (1958): “Todas as qualidades do verdadeiro médico ele as possuía, exercendo a medicina como sacerdócio, com elevação, com desprendimento, com dedicação integral ao doente, qualquer que fosse a posição social deste, sem se preocupar com recompensas materiais, sem outra ambição que a de prestar o amparo de sua proficiência e a satisfação de cumprir com desvelo o seu dever de profissional consciente. Nos quarenta e cinco anos ininterruptos de prática médica, espargiu Rubião Meira com as dádivas de seu saber, a mancheias, os benefícios de seu coração caridoso a todos os que, sem distinção dele, necessitados, se acercavam”.

Rubião Meira, disse Barbosa Corrêa, com inteira razão, “permanecerá na memória de seus discípulos, amigos e colegas, como excelso exemplo de competência, honestidade e bondade, no exercício de nossa penosa profissão”.

Mestre de várias gerações de médicos, foi durante toda a sua vida um nababo da generosidade, um perdulário da bondade. Como médico, refere Almeida Prado, “nunca distinguiu o rico do pobre e o dinheiro nunca teve, para ele, nenhuma significação material”.

Rubião Meira faleceu em 1946, na cidade de São Paulo, com 68 anos incompletos.

Cadeira nº 52 – Patrono

Raul Carlos Briquet 1887-1953



Helio Begliomini¹

Raul Carlos Briquet nasceu em Limeira, estado de São Paulo, em 8 de fevereiro de 1887. Era filho de Edouard L. Briquet e de Ana Rosa Constança Baumgart Briquet. Teve três irmãos: Estela, Luis e Marinho. Casou-se com Cecília da Silva Briquet e teve dois filhos: Raul Briquet Filho e Marina Flavia Briquet Soares de Souza.

Graças à formação requintada de sua mãe desenvolveu uma cultura geral multifacetada, abrangente e profunda, não apenas no campo da medicina, como também na psicologia, filosofia, educação e artes. Em todos desempenhou papéis importantes, destacando-se como personalidade de ação na esfera científica e cultural. Foi formador de uma geração de médicos e cientistas, deixando um legado importante, através de seus ensinamentos, de sua atuação, de seus livros e artigos.

Raul Carlos Briquet estudou no Instituto de Ciências e Letras de São Paulo e na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, diplomando-se em 1911. Revelou desde a mocidade tendências poliformes de sua inteligência. Defendeu a tese **Da Psychophysilogia e Pathologia Musicaes**, evidenciando o seu pioneirismo também na ciência psicológica. Concluindo seu curso, retornou a São Paulo, especializando-se em ginecologia e obstetrícia. Iniciou suas atividades profissionais como médico interno na Maternidade de São Paulo. Nessa instituição, que atendia cerca de mil gestantes anualmente, desenvolveu sua prática clínica, ao mesmo tempo em que se dedicava à pesquisa. Impunha orientação segura aos casos sob sua responsabilidade.

Briquet interessou-se pelo estudo de diagnóstico da gravidez, o que o levou a estudar o método diagnóstico desenvolvido por Abderhalden, com o próprio autor. Como resultado de suas pesquisas publicou, em 1914, o trabalho “Diagnóstico da Gravidez pela Diálise-reacção de Abderhalden”, primeiro trabalho a ser publicado sobre o método, conforme afirmou o próprio Briquet. O trabalho já revelava um autor exigente e rigoroso em suas pesquisas, a par da produção científica mundial, como mostrava a longa lista de referências bibliográficas, característica, aliás, de todas as suas obras.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Em 1925, prestou concurso na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, onde, aprovado, assumiu a cátedra de clínica obstétrica e puericultura neonatal. Pioneiro do ensino da enfermagem em nosso meio, interessou-se pela formação de profissionais que auxiliassem o obstetra na assistência ao parto. Assim, a escola de obstetras recebeu de Briquet todo o apoio, tendo sido o curso em apreço programado para três anos, a fim de melhor atender o preparo das parteiras. Reunindo os dados dos cursos ministrados, como catedrático de referida clínica, organizou a publicação do livro **Elementos de Enfermagem**, em 1931. Um ano depois, publicou a obra **Obstetrícia Operatória** (1932), com a qual visava prestar serviço aos estudiosos e praticantes da tocologia, apresentando uma documentação iconográfica que era constituída por figuras e gráficos em número superior ao de qualquer tratado de operações obstétricas até então publicado. Este livro teve nova edição, em 1979, publicada por seus discípulos D. Delascio e A. Guariento.

Em 1927, juntamente com Franco da Rocha, Durval Marcondes e Lourenço Filho, participou da criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, primeira entidade associativa dos psicanalistas brasileiros, tendo ocupado o cargo de vice-presidente.

Briquet era requisitado como professor e conferencista. Por ser poliglota, tinha facilidade em conhecer o que se fazia e publicava em outros países, tornando-o num inovador e trazendo para seus cursos o que havia de novo e relevante na medicina e em outros campos do conhecimento.

Em 1934, com a criação da Universidade de São Paulo (USP), assumiu, por concurso, a cátedra já referida na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, bem como fez-se membro do conselho universitário. Em 1939 publicou o livro **Obstetrícia Normal**, que teve outras edições pelos autores D. Delascio e A. Guariento, em 1970, 1981 e 1987.

Em 1943, como diretor-geral dos cursos de enfermagem e socorros de guerra da II Região Militar, organizou a publicação do livro **Manual da Socorrista de Guerra**, definindo as atribuições específicas dessa socorrista e possibilitando-lhe os conhecimentos indispensáveis ao desempenho de suas funções.

Em 1944, novamente com contribuições de médicos reconhecidos por seu mérito, publicou o livro **Lições de Anestesiologia**. Um ano depois, publicou o artigo "Asfixia do Recém-Nascido" (1945), evidenciando sua preocupação com o aumento do número de casos de asfixia em recém-nascidos, e, um ano mais tarde, levou a público o livro **Patologia da Gestação** (1946) e o artigo "Hemorragia do Terceiro e Quarto Estágio do Parto". A **Antologia Médica Brasileira**, organizada por ele e publicada em 1951, visou contribuir para o estudo da história da ciência no Brasil.

Assim, Raul Briquet criou uma escola de obstetrícia em São Paulo, orientando numerosos trabalhos da especialidade, tendo atuação fecunda no ensino e na arte obstétrica.

Com Lemos Torres, iniciou a assistência conjugada do cardiologista e do tocólogo nas gestantes cardiopatas. Aplicou a medicação sulfonamídica pela primeira vez nas infecções puerperais. Quanto ao emprego da analgesia no parto, foi sempre cauteloso, combatendo o abuso desnecessário e alertando seus discípulos sobre os efeitos prejudiciais da anóxia cerebral no desenvolvimento psíquico do futuro ser.

Restringiu a prática da interrupção da prenhez com fins terapêuticos na tuberculose pulmonar. Iniciou, em nosso meio, a assistência ao recém-nascido em berçários. Planejou a “Maternidade Universitária”, com a colaboração de Rino Levi, obra essa que não foi, infelizmente, concretizada.

Como referiu Onofre Araújo, um de seus discípulos mais diletos, a vida de Raul Briquet foi cheia de benemerência e exaustivamente dedicada ao progresso da medicina e ao bem-estar da humanidade. Na prática obstétrica, ele estigmatizava o exagero da indicação operatória extrativa pelo fórcepe, bem como combatia a espera desmedida no período expulsivo demorado, pois tanto esta como aquela maneira de assistência contrastavam com a fragilidade do aparelho contensor do cérebro fetal.

Briquet sempre afirmava: *a reputação e a dignidade do parteiro patenteiam-se, em essência, no respeito que tem pela vida do produto conceptual, mesmo na sua mais rudimentar expressão.*

Ao mesmo tempo em que se dedicava às atividades médicas, Briquet estendia sua atuação a outros campos do conhecimento. Desde cedo o interesse pelas ciências humanas e sociais o levou a aprofundar-se nos estudos da psicologia, psicanálise, psicologia social e sociologia.

No início da década de 1930, juntamente com outros intelectuais, Briquet participou da criação da Sociedade Paulista de Filosofia e Letras, entidade que desempenhou papel importante na implantação dos alicerces da construção de uma universidade paulista.

Seu papel mais destacado, no entanto, como contribuição para as ciências humanas, foi a participação na criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1933. Raul Carlos Briquet foi convidado a pronunciar a aula inaugural e a criar a cátedra de psicologia social, o primeiro curso em nível superior dessa matéria no Brasil. Nessa área de conhecimento publicou **Tendências da Sociologia Contemporânea** (1933). Seu livro **Psicologia Social**, resultante das suas aulas ministradas durante o curso, publicado em 1935, constitui a primeira obra nessa área no Brasil.

Como educador, foi um dos pioneiros da Escola Nova, tendo sido assinante do “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova” (1932), considerado um dos mais importantes documentos educacionais brasileiros. Nas suas conferências sobre Educação abordou temas os mais variados, como: “Ensino da Leitura”, “Do Método no Estudo”, “Lede e Meditai a Obra de Hipócritas”, “Disciplina do Gesto”, “J. Locke, Filósofo e Educador” e “Instrução Primária e Secundária no Brasil”, que foram reunidas no livro **Palestras e Conferências**, publicado em 1944, onde evidencia sua grande personalidade como educador. Em 1946, publicou o livro **História da Educação – Evolução do Pensamento Educacional**, baseado no curso oferecido na cadeira de educação nacional, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Sua atuação nas letras justificou sua posse na Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira nº 38, cujo patrono é Navarro de Andrade, onde também desenvolveu inúmeras atividades e contribuiu com vários artigos para a Revista da Academia.

Cultor apaixonado de toda a atividade que aprimorasse o espírito, cabe ainda mencionar a contribuição de Briquet nas artes. Exímio pianista, atento apreciador das atividades artísticas, pronunciou várias palestras sobre o assunto. Seduziam-no os grandes gênios como Michelangelo, Beethoven, Goethe e Shaw.

Por seu livro **Palestras e Conferências** (1944) recebeu, em 1946, o prêmio “Carlos de Laet” da Academia Brasileira de Letras, ao reconhecer a comissão julgadora os grandes predicados de inteligência e cultura do autor, destacando também a elegância, a erudição e a boa linguagem empregada.

Homem profundamente bom, nunca se mostrou rasteiro em suas ações. Professor de uma especialidade de valor social tão elevado, soube dignificar e honrar a profissão.

Acamado pela doença que dias após o retiraria do convívio de seus colegas e amigos, estava terminando a obra **Patologia do Parto e do Puerpério**, que foi editada como homenagem de seus assistentes e alunos da Faculdade de Medicina da USP.

Faleceu o eminente mestre aos 5 de setembro de 1953, aos 66 anos, perdendo a obstetrícia nacional um de seus vultos de maior projeção.

Em virtude de sua contribuição à psicologia, particularmente de forma pioneira à psicologia social, Briquet foi eleito, por unanimidade, patrono da cadeira nº 12 da Academia Paulista de Psicologia. Seu nome é também honrado como patrono da cadeira nº 52 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 53 – Patrono Admissão: 17/5/1949

Carlos da Silva Lacaz
1915-2002

Helio Begliomini¹



Carlos da Silva Lacaz nasceu aos 19 de setembro de 1915, em Guaratinguetá (SP). Era filho de Rogério da Silva Lacaz, professor de matemática, de quem também foi aluno, e de Judith Limonge Lacaz. Esposou a senhora Dinah Maria Martins Lacaz. Em 1934, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo feito todo o curso sempre classificado em 1º lugar. Em decorrência, conquistou como acadêmico os prêmios Rockefeller (cadeiras básicas), La Royale (curso de graduação) Medicina Legal, Paulo Montenegro e Alves Lima. Ocupou vários cargos, inclusive o de presidente do departamento científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Era autodidata. Diplomou-se em 1940 e ingressou na carreira universitária no departamento de microbiologia e imunologia. Galgou todos os postos, sempre com distinção, assumindo a cátedra da disciplina, em 1953.

Em decorrência de sua atuação e capacidade profissional foi galardoado numerosas vezes com prêmios, medalhas e homenagens especiais, destacando-se na área de micologia a Medalha Rhoda Benham da *Medical Mycological Society of the Americas*; o prêmio Alfredo Jurzykowsky da Academia Nacional de Medicina; o prêmio da Fundação Rockefeller e o prêmio Lucille K. Georg da *International Society for Human and Medical Mycology*.

Dizia que “*se nem todos podem ser gênios, todos podem ser úteis*”. E ele foi agraciado por possuir uma inteligência brilhante associada a um profundo empenho em melhorar as condições de vida dos enfermos, razão de ser médico, além de inolvidáveis contribuições à ciência.

Em reconhecimento à sua pujante atividade de ensino e pesquisa, Taborda e colaboradores, em 1999, deram-lhe o raro privilégio de ver seu nome expresso na denominação *Lacazia loboi*, como proposta à comunidade científica internacional para um novo gênero de fungo como agente etiológico da doença de Jorge Lobo.

Lacaz foi membro de diversas entidades médicas nacionais e estrangeiras destacando-se Academia Nacional de Medicina, *Academia de Medicina Del Instituto de Chile*,

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer (Bruxelas, Bélgica), *American Academy of Microbiology*, *International Society for Human and Animal Mycology* e *Inter-American Society for Chemotherapy*.

Foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1962-1963); da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; da Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia e da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Lacaz foi o 3º presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (1968-1970), sucedendo e antecedendo, respectivamente a dois eminentes médicos e literatos, ambos otorrinolaringologistas, quais sejam, Paulo Mangabeira Albernaz e Octacílio de Carvalho Lopes.

Dedicou-se nas horas de lazer ao estudo da historiografia médica brasileira, publicando quatro volumes sobre **Vultos da Medicina Brasileira** (1953, 1961, 1966 e 1977); **Médicos Brasileiros Dicionaristas** (1972); **Médicos Sírios e Libaneses do Passado** (1982); **Faculdade de Medicina. Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola** (1985); **Médicos Italianos em São Paulo. Trajetória em Busca de Uma Nova Pátria** (1989) e **História da Faculdade de Medicina – USP** (1999).

Dizia com frequência: *“Bem-aventurados os que vivem na glória de seus feitos, no ensino dos discípulos, na sequência dos continuadores. Que os moços saibam recordá-los com imperecível fidelidade”*. Certamente ele é um bem-aventurado, pois manter-se-á vivo na lembrança e na história da medicina brasileira, visto que formou dezenas de discípulos de vários estados do Brasil, bem como oriundos da Argentina, Colômbia, Venezuela, Peru e Uruguai nos campos da microbiologia, imunologia e medicina tropical, sobretudo após ter criado, em 1959, o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, anexo à Faculdade de Medicina, contribuindo assim para o advento de melhorias em setor indispensável, se consideradas as doenças transmissíveis abundantes no território nacional.

Carlos Lacaz cooperou também no campo da patologia tropical, no Instituto Nacional de Pesquisa do Amazonas.

Integrou o corpo de peritos da Organização Mundial da Saúde em doenças infecciosas e parasitárias. Foi também professor titular do departamento de medicina tropical e dermatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Carlos da Silva Lacaz auxiliou direta ou indiretamente a criação de três Faculdades de Medicina, a saber: Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Faculdade de Medicina de Jundiá e a Faculdade de Medicina de Campinas, sendo nas duas primeiras o primeiro titular do departamento de microbiologia e imunologia.

Carlos da Silva Lacaz publicou diversos livros e monografias na área médica, destacando-se **Lições de Micologia Médica, Tratado de Micologia Médica, Introdução à Geografia Médica do Brasil, Doenças Iatrogênicas, Infecções por Agentes Oportunistas, Antibióticos, Imunopatologia Tropical, Alergia nas Regiões Tropicais, O Grande Mundo dos Fungos, e, Candidíases**.

Recebeu títulos de Professor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Ceará, Universidade Nacional Del Nordeste (Resistência, Argentina), Universidade Federal da Bahia e da Associação Médica de Israel.

Foi secretário de Higiene e Saúde do Município de São Paulo, ocasião em que criou o prestimoso Centro de Controle de Zoonoses. Lacaz foi vice-diretor por duas vezes (1963-1970 e 1978-1982) e diretor (1974-1978) da Faculdade de Medicina; diretor da Escola de Enfermagem (1979-1983) e pró-reitor da Universidade de São Paulo (1974-1978). Foi convidado para paraninfo e patrono de diversas turmas do curso médico e de áreas afins, como reconhecimento às suas qualidades didáticas.

Lacaz era contrário à iconoclastia do mundo moderno, que já galopava acentuadamente na segunda metade do século passado. Ele se destacou como um notório historiador da medicina. Não somente cultuava os valores e os protagonistas da milenar ciência de Hipócrates, como também se tornaram famosos seus cursos afins. Criou galerias e painéis enaltecendo os heróis da arte de curar.

Nessa frente de trabalho liderou a fundação, em 1977, do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sendo seu diretor e onde se encontra vastíssimo acervo relacionado à medicina e a médicos de antanho. Em 1985, a congregação da faculdade o indicou para ocupar o cargo de diretor honorário-vitalicio e, em 1993, teve a honra de ver essa instituição receber o epíteto de Museu Histórico da Faculdade de Medicina – “Professor Carlos da Silva Lacaz”, em reconhecimento à sua dedicação científica e humanística.

Carlos Lacaz exerceu por mais de quarenta anos o jornalismo médico, tendo publicado centenas de artigos na “Folha de S. Paulo” e em outros periódicos.

Jamais ouvi alguém que defendesse como ele, com tanto ardor, amor e retórica, o médico e a medicina como profissão nobre, digna e sacerdotal. Seu candente humanismo e vasta cultura eram ingredientes sólidos de sua exímia capacidade oratória que encantavam e plasmavam indelevelmente a alma de seus ouvintes.

Dizia já em idade provecta: *“Vi todas as agonias da carne e da alma. Todas as misérias do pobre corpo humano. Todas as suas dores. Todas as suas desagregações. Todas as suas mortes, todas as suas batalhas”. (...) “Mais de meio século tenho vivido mergulhado em uma profissão humana, augusta, bela, sacrossanta, divina, mas triste, terrível e tétrica ao mesmo tempo, pois, ela trabalha e lida com a vida e com a morte, esta sempre invencível, incombatível e triunfante”. (...) “Ao final de uma longa carreira médica, sou daqueles que acreditam no caráter teocrático ou sacerdotal de nossa profissão. Amei generosamente o meu semelhante para melhor servi-lo”.*

Lacaz, que foi professor, diretor, escritor, humanista, editor, administrador, pensador, cientista e esteta de escol, acreditava explicitamente em Deus, mostrando que ciência e fé são compatíveis e complementares, até porque a ciência é limitada em seu mister. Carlos da Silva Lacaz era lépido no raciocínio e versátil no pensamento, exercendo e transmitindo intensamente com amor a arte hipocrática por 61 anos. Embora valorizasse a vida, tinha sempre na morte um ponto de meditação.

Lacaz tinha personalidade inquieta e movida por incansável vontade de estipular progressos. Mantinha-se constantemente ativo. Apesar de ser aposentado por força de lei, em 1985, continuou trabalhando como professor emérito até o último de seus dias na Casa de Arnaldo, a casa que sempre foi sua também. Quando faleceu era chefe do laboratório de investigação médica do Hospital das Clínicas e do laboratório de micologia do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo.

Não foi apenas um humanista teórico, mas um humano de coração. Sou testemunha de sua excelsa bondade. Tratava a todos, desde os mais humildes aos mais sábios, com o mesmo amor e dedicação. Nunca dizia não quando algo lhe era solicitado dentro de sua área.

A sua morte ocorrida em 23 de abril de 2002 trouxe uma lacuna irreparável em nossa sociedade. Com o seu passamento, a medicina brasileira perdeu um dos seus maiores patrimônios da contemporaneidade, pois ele soube, como poucos, amar a medicina como profissão sacerdotal e servir à sua precípua finalidade naqueles que padecem.

Carlos da Silva Lacaz em poucas e densas palavras expressou sua grandeza, humildade e resignação: *“Lutei, venci e guardei sempre a fé em Deus, por quem serei julgado”*.

Cadeira nº 54 – Patrono Admissão: 1910

Enjolras Vampré
1885-1938



Helio Begliomini¹

Enjolras Vampré nasceu em 4 de julho de 1885, em Laranjeiras (SE). Era filho do dr. Fabrício Carneiro Tupinambá Vampré e de Mathilde de Andrade Vampré.

Fez os estudos preparatórios no Ginásio Ciências e Letras de São Paulo. Graduiu-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 19 de dezembro de 1908, defendendo a tese **Ligeiras Considerações Sobre as Perturbações Nervosas e Mentais da Peste Bubônica**, obtendo aprovação com distinção.

Durante o curso acadêmico foi interno da cadeira de clínica psiquiátrica e moléstias nervosas. Em 1906 foi nomeado interno do Hospital de Isolamento da peste bubônica, tendo sido designado, em 1907, para chefe da comissão para saneamento da cidade de Alagoinhas.

Estudante ainda, foi presidente da Sociedade Beneficente Acadêmica. Destacou-se como o melhor aluno de sua turma. Obteve espaço de honra no Panteão da Faculdade de Medicina da Bahia com a conquista do prêmio professor Manoel Victorino Pereira, instituído em 1892, por ter obtido a maior média global nas disciplinas, além do prêmio de viagem à Europa.

Logo depois de diplomado cooperou na fundação da Sociedade Médica da Bahia.

Em 1910, Enjolras Vampré ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, onde desempenhou vários cargos: primeiro secretário (1914); bibliotecário (1919); vice-presidente (1920); presidente no mandato anual entre 1921-1922.

Em 1911 foi nomeado médico interno do Hospício de Alienados de Juqueri e, em 1912, diretor da secção de neuropsiquiatria do Instituto Paulista.

Suas atividades como professor iniciaram em 1925, quando foi contratado para reger a cadeira de psiquiatria e moléstias nervosas na Faculdade de Medicina de São Paulo.

Comissionado pela faculdade, voltou à Europa em 1925, ocasião em que frequentou, em Paris, os serviços de Babinski, Dejèrine, Foix, Guillaín e Bertrand, bem como em Berlim, na Alemanha, o serviço neuropsiquiátrico da Charité. Ainda na Alemanha, estudou nos serviços de Daldorf, Wuhlgarten, Herxberg e Brech.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

A congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo em 1932, por decisão unânime, enviara aos poderes competentes longo e documentado memorial propondo-o para regência definitiva, independentemente de concurso. A isso Enjolras Vampré se recusou e, dando notável exemplo de amor à disciplina e grande elegância moral, insistiu para que fossem abertas as inscrições para concurso. Viu realizados seus desejos em fins de 1935, dando pública demonstração de suas capacidades científico-professorais no tocante à neurologia. Esse concurso – realizado aos 50 anos de idade – veio coroar sua extraordinária atividade profissional, revelada não só pela vultosa clínica particular, como também pela capacidade didática e organizadora e, ainda, pela relação de trabalhos publicados. Assim, em 1935, desdobrando-se a cadeira de psiquiatria e moléstias nervosas, passou a reger a de neurologia.

Enjolras Vampré foi um dos fundadores da Associação Paulista de Medicina (APM), sendo seu quarto presidente em 1936. Na APM fundou a Secção de Neurologia e Psiquiatria, sendo seu primeiro presidente, em 1930. Foi, também, membro da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio de Janeiro; membro correspondente da Sociedade de Neurologia de Paris; membro honorário da Academia Nacional de Medicina; e presidente honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier.

Enjolras Vampré foi redator da revista *Annaes Paulista de Medicina e Cirurgia* e escreveu também para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Entre seus artigos citam-se: Hospício do Juqueri; Um Caso de Paranoia; A Taquipneia na Peste Bubônica; Profilaxia da Lepra; Uma Epidemia de Polinevrites Arsenicaes; Epilepsia Psíquica com Síndrome de Stockes; Responsabilidade Criminal dos Epilépticos; Um Caso de Intoxicação por *Cysticercus cellulosae*; Síndromes de Villaret (Síndrome Retroparotídea Posterior) e de Jaccod (Síndrome Petrosfenoidal); Tumores Múltiplos do Eixo Cerebrospinal; Síndromes Neuropsicoanêmicas; Tumor do Quarto Ventrículo ao Nível do Bulbo, Determinando Dissociação da Sensibilidade do Tipo Cortical: Diagnóstico Diferencial com os Tumores Parietais; e Tratamento das Síndromes Pós-Encefalíticas por Injeções Raquídias de Electrargol.

Como professor, Enjolras Vampré nunca pôs à parte o que considerava como dever, sacrificando suas obrigações pessoais em prol do ensino. Suas aulas, cheias de ensinamento e eminentemente práticas, nunca tiveram cunho livresco ou literário.

Premiando-o, todas as turmas de alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo o homenagearam. Foi paraninfo dos médicos diplomados em 1928. Sua febril atividade foi causa de sua morte prematura, ocorrida durante uma aula que proferia. Faleceu em 17 de maio de 1938, três semanas antes de completar 53 anos, e em pleno apogeu de sua produção científica.

Fez discípulos, devendo-se salientar Adherbal Tolosa², que o substituiu na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e Paulino Longo³, catedrático de neurologia da Escola Paulista de Medicina, onde constituiu serviço nos moldes em que se formara.

2 Adherbal Pinheiro Machado Tolosa foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1960-1961, e é o patrono da cadeira nº 25 desse sodalício.

3 Paulino Watt Longo é o patrono da cadeira nº 85 da Academia de Medicina de São Paulo.

Enjolras Vampré foi um dos pioneiros da neurologia brasileira e é considerado unanimemente como o pai da neurologia do estado de São Paulo. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 49 da Academia Nacional de Medicina; patrono da cadeira nº 54 da Academia de Medicina de São Paulo; patrono da cadeira nº 38 da Academia Paulista de Psicologia e patrono da cadeira nº 11 da Academia Sergipana de Medicina, além de dar nome a uma rua no bairro Jardim da Saúde, na zona sul da capital paulista.

Cadeira nº 55 – Patrono **Admissão: 7/3/1895**

Carlos José Botelho
1855-1947



Helio Begliomini¹

Carlos José Botelho nasceu em Piracicaba (SP), aos 14 de maio de 1855. Era filho primogênito do coronel Antonio Carlos de Arruda Botelho, conde de Pinhal, e Francisca Teodora de Arruda Botelho. Passou a sua infância na Fazenda do Pinhal, no solar da família, e realizou seus estudos primários e colegiais na sua cidade natal e em Itu.

Iniciou o curso de medicina na Faculdade Nacional de Medicina, na cidade do Rio de Janeiro, cursando até o 2º ano. Estudou em Montpelier e Paris, onde obteve o título de doutor em medicina em 1878. Posteriormente fez estágios de especialização em cirurgia geral e urologia.

Retornando a São Paulo, após revalidar o diploma de médico, iniciou suas atividades na Santa Casa de Misericórdia, que funcionava no bairro da Liberdade, na Rua da Glória, mudando-se definitivamente em 1884 para o prédio atual, em estilo gótico, em Santa Cecília.

Carlos Botelho possuía brilhante formação cultural e técnica oriundas da escola francesa, tida em grande prestígio no século passado. Assim, introduziu nos hospitais de São Paulo o que aprendera na França e tudo o que havia de mais moderno na época sobre a arte operatória. Foi o primeiro a operar no Brasil, com sucesso, um caso de bócio.

Cirurgião de classe, possuía valiosos recursos técnicos, ao lado de grande audácia profissional. Sistematizou a antisepsia e a assepsia operatórias, normatizando suas rotinas. Ao lado de Nicolau Vergueiro², seguidor da disciplina da escola alemã, passou a figurar como um dos cirurgiões mais brilhantes e reconhecidos do corpo clínico da Santa Casa.

Arnaldo Vieira de Carvalho³, um dos grandes cirurgiões de seu tempo, foi um de seus mais brilhantes discípulos.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Nicolau Pereira de Campos Vergueiro é o patrono da cadeira nº 86 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Carlos José Botelho foi o primeiro diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e cofundador da Policlínica de São Paulo, mantendo durante vários meses todas as despesas dessa instituição.

Na Rua do Gasômetro, localizada no Brás, instalou a “Casa de Saúde Dr. Botelho”, provida de todo o aparelhamento e dos recursos terapêuticos da época.

Em 1895 foi também um dos primeiros sócios fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que, a partir de 1954, passou a se chamar Academia de Medicina de São Paulo, sendo o segundo presidente entre 1896-1897. Em 1897, nesse sodalício, apresentou valioso trabalho sobre os problemas da sutura da bexiga e dos curativos pós-operatórios.

Acorçoou, como poucos, todos os impulsos do progresso, dentro e fora da esfera médica. Mas o dinamismo de Botelho, assinalou o professor Almeida Prado⁴, e a sua sofreguidão em tudo especular, conhecer e abarcar, não se compadeciam com a clausura da vida médica. “A clínica é uma gaiola para suas asas. Procurou a política, sendo senador e secretário de Estado”.

Estadista de larga visão, introduziu em nosso meio a cultura do arroz por processos de irrigação. Iniciou o saneamento de Santos, eliminando os brejos e abrindo canais de desembocadura para o mar. Enriqueceu a lavoura com modernos métodos de agricultura, construindo em Piracicaba a Escola Agrícola, em terras doadas ao estado pelo dr. Luís Antônio de Souza Queiroz. Organizou também a primeira estação agrícola e de zootecnia do estado. Fundou em 1892 o Jardim da Aclimação e o Zoológico de São Paulo, encantador oásis de verdura e de recreio implantado em pleno perímetro urbano.

Secretário da Agricultura de 1904 a 1908, no governo Jorge Tibiriçá, organizou várias exposições regionais de animais, levando-as a efeito em Campinas, São Carlos, Batatais, Itapetininga e Pindamonhangaba. Nesse mesmo governo assinou o contrato pela chegada em 18/6/1908 do vapor Kasato Maru, trazendo 165 famílias, totalizando cerca de 784 pessoas. Em consequência, o governo japonês prestou expressiva homenagem póstuma a Carlos Botelho, introdutor, no Brasil, da primeira leva de imigrantes japoneses.

Dedicou-se à urologia, sobretudo ao tratamento da calculose urinária e suas complicações. Praticou em São Paulo a operação da “talha hipogástrica”, com a retirada de um cálculo vesical pesando 13 kg em um menino de 12 anos!

No dizer do antigo urologista paulista Costa Manso, Carlos Botelho foi, sem dúvida, o pioneiro da urologia paulista, “o mais hábil especialista em questões urinárias; o nome unanimemente indicado para a regência da cátedra de vias urinárias das várias escolas médicas projetadas naqueles passados tempos”.

Por ocasião da inauguração do busto do dr. Carlos José Botelho no Jardim da Aclimação, em São Paulo, no dia 14 de maio de 1955, o dr. Ayres Netto proferiu belas palavras a respeito do ilustre paulista, referindo que toda a sua vida fora sempre salpicada, aqui e ali, de triunfos e aplausos de seus contemporâneos.

⁴ Antonio Almeida Prado presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1930-1931, e é o patrono da cadeira nº 102 desse sodalício.

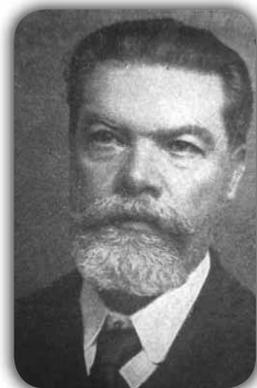
Abandonou a vida pública e retornou à sua profissão médica, prestando relevantes serviços à comunidade. Possuidor de lavoura, contribuiu para o grande surto agrícola que experimentou São Paulo a partir do começo do século XX.

Pela influência que longamente exerceu no meio médico paulista; pelo seu dinamismo e valioso trabalho que soube executar, Botelho mereceu do grande público reconhecimento e consagração.

Carlos José Botelho faleceu em 20 de março de 1947, aos 92 anos incompletos, em sua propriedade agrícola, no município de São Carlos.

Cadeira nº 56 – Patrono Admissão: 1910

Emílio Marcondes Ribas
1862-1925



Helio Begliomini¹

Emílio Marcondes Ribas nasceu aos 11 de abril de 1862, na cidade de Pindamonhangaba (SP). Era filho de Cândido Marcondes Ribas e de Andradina Marcondes Machado Ribas. Fez os estudos primários e secundários em sua cidade natal, em escola pública.

Sentindo vocação para a medicina foi estudar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em 1887, com a tese **Morte Aparente de Recém-Nascidos**. Esse trabalho discutia o tema com profundidade, ressaltando aspectos referentes ao feto e ao recém-nascido, assim como a importância do cordão umbilical, salientando que as famosas circulares do cordão levavam à constrição de vasos do pescoço do feto, acarretando prejuízo à irrigação sanguínea cerebral, podendo resultar na morte fetal.

Depois de formado, retornou à sua terra natal onde se casou com Maria Carolina Bulcão Ribas, seguindo, logo depois, para Santa Rita do Passa Quatro, onde iniciou sua atividade clínica. Mudou-se depois para Tatuí.

Foi nomeado inspetor sanitário em 11 de setembro de 1895. Iniciou sua carreira como auxiliar do dr. Diogo Teixeira de Faria², no Desinfetório Central, em 1896. Teve oportunidade de combater várias epidemias, não só na capital, mas também no interior, principalmente de febre amarela, exterminando com êxito o mosquito transmissor da doença – hoje, conhecido por *Aedes aegyptii* – nas cidades paulistas de São Caetano, Jaú, Pilar, Rio Claro, Araraquara, Pirassununga e Campinas.

Promovido a chefe da comissão sanitária de Campinas em 1896, permaneceu até 15 de abril de 1898, data em que foi nomeado diretor-geral do serviço sanitário. Exerceu o cargo por quase vinte anos consecutivos, tendo-se aposentado em 1917.

Emílio Ribas já tinha enfrentado a febre amarela na região de Campinas no final do século XIX, contando com o apoio do cientista Adolpho Lutz³, então diretor do Instituto Bacteriológico.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

2 Diogo Teixeira de Faria foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1904-1905, e é o patrono da cadeira nº 58 desse sodalício.

3 Adolpho Lutz é o patrono da cadeira nº 81 da Academia de Medicina de São Paulo.

Publicou, em 1901, o trabalho “O Mosquito Considerado como Agente de Propagação da Febre Amarela”, que encontrou forte oposição de médicos importantes de São Paulo.

Em 1902, Emílio Ribas trabalhou em São Simão (SP) para deter a terceira epidemia de febre amarela. Só saiu da cidade quando conseguiu com uma equipe de médicos e voluntários acabar com a grave epidemia, mandando limpar o rio que corta o município e tomando medidas para melhorar o saneamento básico na cidade que, ao chegar, descreveu de forma pouco lisonjeira: “530 prédios, mal construídos; 90% sem assoalho ou forro, e com péssimo saneamento básico” – o que era verdade.

Foi para Cuba acompanhar estudos dos médicos Walter Reed e Carlos Finley. Em janeiro e fevereiro de 1903, resolveu fazer uma experiência semelhante à realizada em Cuba. Unindo-se ao médico e amigo Adolpho Lutz e a mais dois voluntários, Oscar Marques Moreira e Domingos Pereira Vaz, deixaram-se picar por mosquitos que estiveram em contato com doentes graves de febre amarela.

A experiência ocorreu no interior do Hospital de Isolamento de São Paulo, atual Instituto de Infectologia Emílio Ribas, sendo o diretor à época o dr. Cândido Espinheira⁴ e o médico interno o dr. Victor Godinho. Repetiram a experiência com dois novos voluntários, Januário Fiori e André Ramos, realizando o mesmo procedimento anterior.

Uma nova experiência foi realizada em abril de 1903, dessa vez, com três imigrantes italianos, pagos para permanecerem entre secreções e lençóis usados por doentes com febre amarela. As provas foram acompanhadas por médicos que não endossavam essas teses. Os resultados provaram: a transmissão da febre amarela era pela picada de mosquitos infectados por pessoas atingidas por essa moléstia, e não por contágio, através do contato com roupas e objetos usados e sujos dos doentes.

À frente do Serviço Sanitário, combateu ainda a peste bubônica em Santos e preparou, com Vital Brazil⁵, o soro antipestoso.

Em 1903 essa experiência foi apresentada no 5º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, onde Emílio Ribas defendeu a tese de que os meios de defesa válidos para a eliminação da moléstia deveriam dirigir-se à eliminação dos mosquitos vetores, e não aos meios apreçados pelos “contagionistas”.

Nesse mesmo ano, a febre amarela foi declarada extinta em todo o estado de São Paulo.

Em 1908, o Governo do Estado de São Paulo deu a missão a Emílio Ribas de ir aos Estados Unidos e a vários países da Europa, a fim de estudar a profilaxia de tuberculose. No retorno, em contato com eminentes estudiosos da questão, em especial, Clemente Ferreira⁶ e Vitor Godinho, idealizou a nossa “Estradinha”, com a finalidade de transportar os tuberculosos para o tratamento no Alto da Mantiqueira. Propugnou com a força dos bravos, sem amolecer, até ver concluída a Estrada de Ferro de Campos do Jordão.

Emílio Ribas foi homenageado em vida, quando a Câmara Municipal de Pindamonhangaba, em 1903, aprovou uma indicação que se denominasse Praça Emílio Ribas,

4 Cândido Espinheira é o patrono da cadeira nº 129 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Clemente Miguel da Cunha Ferreira é o patrono da cadeira nº 24 da Academia de Medicina de São Paulo.

a praça central da cidade. Quando se aposentou, ofereceram-lhe um prêmio de 200 contos de réis, mas ele acabou recusando.

Sua produção científica, aliada à atuação em campo e à capacidade de administração, foram extraordinárias. Pronunciou sua última conferência sobre febre amarela no Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1922.

O cientista Emílio Ribas preocupou-se com outras doenças, em especial a lepra. Defendeu o isolamento dos leprosos, contanto que não ferisse a dignidade dos doentes, assegurando-lhes conforto e bem-estar. Em um de seus trabalhos, assim escreveu: *“Acho indispensável o isolamento; sou de parecer que essa medida só deve ser executada depois de feitas instalações realmente capazes de oferecer conforto, higiene e cuidados médicos!”*.

Sua personalidade era a de bom samaritano, trasbordante de sentimento de amor ao próximo, de esperança e de fé naqueles que padecem. Pensador profundo da transitoriedade terrena, abrigava no seu âmago a certeza de quem conhece a própria estrada, jamais admitindo que a névoa do pessimismo lhe nublasse as perspectivas do futuro. Olhos voltados para frente, seguia firme, leal, sem contudo deixar de contemplar as margens do caminho, ao longo do qual distribuía, como um missionário, as benesses da sua seara privilegiada.

Emílio Ribas foi o pioneiro na luta contra a febre amarela no Brasil e na América do Sul. Criou o Instituto Butantã, construído numa fazenda nos arredores de São Paulo, na época em que a peste grassava no Brasil, em 1899. Idealizou Campos do Jordão como estância climática para o tratamento da tuberculose, além de ter idealizado e construído a Estrada de Ferro, juntamente com Victor Godinho, em 1911. Idealizou o Sanatório de Santo Ângelo, o primeiro com características mais humanas de assistência aos hansenianos no Brasil. Estudou, com critério e segurança, a forma atenuada da varíola – o alastrim – levando os seus trabalhos aos grandes centros científicos, onde foram discutidos e acatados. Criou a seção de proteção à primeira infância da Inspetoria Sanitária Escolar; o Serviço de Profilaxia e Tratamento do Tracoma; e reorganizou o serviço sanitário, remodelando o Desinfetório Central, o Hospital de Isolamento, os Laboratórios de Análises Clínicas e Bromatológicas; o Farmacêutico e a Seção de Engenharia Sanitária.

Emílio Ribas faleceu no dia 19 de dezembro de 1925, na cidade de São Paulo, aos 63 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 56 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e da cadeira nº 109 do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

Através da lei 4.903 de 19/12/1985, oriunda de um projeto do deputado Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho, foi instituída pelo Governo de Franco Montoro, a Semana Estadual da Higiene e Saúde Pública e Ocupacional, a ser comemorada anualmente dia 18 de outubro, *dia do médico*, que tem como patrono o precursor do sanitarismo no Brasil.

Recebeu outras homenagens póstumas: Seu nome foi dado a uma rua na cidade de São Paulo, Poá e Caraguatuba; ao Hospital de Isolamento, hoje, Hospital Emílio Ribas; a uma estação da Estrada de Ferro de Campos do Jordão; e ao Centro de Saúde de Pindamonhangaba, cujo solo guarda os restos mortais do ilustre conterrâneo.

Cadeira nº 57 – Patrono Admissão: 23/2/1956

Domingos Delascio
1913-1991



Helio Begliomini¹

Domingos Delascio nasceu na cidade de São Paulo, em 5 de maio de 1913. De origem humilde, mas com grande vocação para ser médico, graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1936. Dedicou-se à ginecologia e obstetrícia por influência do professor Raul Carlos Briquet².

Por questões políticas Delascio não galgou a cátedra de obstetrícia da escola onde havia estudado. Logo após a morte do professor Raul Briquet, as cadeiras de ginecologia e obstetrícia foram fundidas para, mais tarde, tornarem-se separadas, seguindo interesses dissimulados, medidas que afastaram suas chances e sua presença da “Casa de Arnaldo³”. Aliás, sua tese sobre “Toxoplasmose” já estava praticamente pronta para o concurso.

Domingos Delascio foi professor de clínica obstétrica da Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) de 1967 a 1983. Lecionou também na Faculdade de Medicina de Botucatu; Faculdade de Medicina do ABC; Faculdade de Medicina de Mogi das Cruzes; e da Faculdade de Ciências Médicas de Santos. Esta escola, sob a égide da Fundação Lusíada, foi enriquecida com o Hospital Guilherme Álvaro Santos da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Nesse hospital, Domingos Delascio instalou a maternidade com 36 leitos e o serviço de pré-natal, possibilitando aos alunos do 4º e 5º ano aprendizado intenso da prática obstétrica.

Delascio participou ativamente de vários congressos. Foi conferencista e proferiu diversos discursos. Entre suas máximas têm-se: “*A medicina, na graduação, aprende-se nos livros clássicos*”; “*A criança nasce apesar do médico*”; e “*O câncer do ovário é a ‘besta negra’ da ginecologia*”.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

2 Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Domingos Delascio foi paraninfo das turmas de 1967, 1968, 1969, 1970 da Escola Paulista de Medicina e da turma de 1977 da Faculdade de Ciências Médicas de Santos. Foi também patrono das turmas de 1977, 1978, 1979, 1981, 1982, 1983 da Escola Paulista de Medicina e patrono das turmas da Faculdade de Ciências Médicas de Santos de 1978 e 1979. Essas diversas escolhas por parte de várias turmas de pupilos não somente testemunham o quanto ele era querido e admirado por diferentes grupos de formandos, mas também o quanto contribuiu ao ensino de seus alunos.

Eis alguns excertos de discursos que Delascio fez a seus doutorandos, os quais ilustram um pouco de seu pensamento e de sua personalidade:

Aos formandos de 1967 da EPM: *"(...) Para que possais avaliar minha sinceridade e emoção, basta vos dizer que, escolhendo-me vosso paraninfo, possivelmente, jovens como sois, nem imaginais o quanto me comovestes. Sou eu o premiado maior neste momento. Humildemente recebo de vossos corações e vossa bondade a recompensa por sacrifícios tão árduos, tanta luta, tantos estudos e trabalho e tanta teimosia.*

(...). Nada justifica, portanto, o descuido, a pressa, nem o desencanto, a mágoa, a revolta do médico quando se defronta com o doente. Nada, maior que a saúde e a vida. Nada. Então, se vos parecer rude o que vou dizer, perdoai-me. Mas haveis de dar-me razão, agora ou mais tarde. Ao médico não são permitidos meios termos. A Medicina é para ser exercida ou abandonada. (...). A saúde e a vida não aceitam discussões, nem consentem com querelas sociais, políticas, econômico-financeiras... por mais justas e tentadoras que aparentem ser. A saúde e a vida são mais sérias e mais graves. Lutar por elas é dever inalienável do médico. Negligenciá-las é baixeza, desumanidade, ignomínia, crime.

(...) Honrai vosso diploma! Enriquecei vosso espírito com a mais formosa cultura e sentimentos! Enobrecei vossa alma com os dotes mais sublimes! Dignificai vossa carreira magnífica! Ide! Sede felizes! Deus vos abençoe!"

Aos formandos de 1977 da Faculdade de Ciências Médicas de Santos: *"(...) Os que conhecem sabem da minha vida exclusivamente dedicada à Medicina. Sabem que todos os dias, de manhã e... noite, minha única preocupação, a clínica, o estudo e o ensino. A qualquer hora, meus alunos e meus colegas podem contar comigo para o debate dos problemas comuns de nossa profissão. Meus livros, meus trabalhos, minha experiência estão sempre ao alcance irrestrito de meus companheiros. Transmito a todos tudo que sei ou que vou aprendendo. Esforço-me ao máximo para motivar os que me cercam e conduzi-los no mesmo caminho meu. Mas isso é minha vida, minha alegria, minha felicidade!*

(...). Só há duas atitudes compatíveis com a profissão médica frente aos percalços, sacrifícios e estafa: reunir forças e continuar, ou abaixar a cabeça e desistir.

(...). Reuni, portanto, vossas forças todas e lutei sempre pela dignidade, pela nobreza, pela maravilhosa missão que hoje tendes o privilégio de receber. Honrai-a exemplarmente.

(...). A Faculdade de Ciências Médicas de Santos quer ser digna, quer ser nobre pela dignidade e pela nobreza de seus filhos. Estudai, pois. Trabalhai, pois. Pela Medicina. Por

vós. Pela vossa Escola. Nunca vos esqueçais disso. Recebei nosso abraço e nossos fervorosos votos de felicidade. Ide com Deus.”

Duílio Crispim Farina⁴, ginecologista e obstetra, assim se referiu a Domingos Delascio: “Infatigável no estudo e no ensino; conhecedor de toda a literatura médica pertinente; perora nas aulas com lições precisas, completas e minudentes, sem perder o objetivismo da mensagem que, entusiasmado, vibrante, comunica ao círculo dos ouvintes”.

“Senhor também de uma erudição sem lindes, não só dos clássicos da obstetrícia e ginecologia, como da evolução permanente dos trabalhos e publicações de todos os centros da América, da velha Europa e de continentes vários.”

“Pesquisa, assimila e acultura, sempre em proveitos dos discípulos e exorna com sua palavra candente a entusiasmar os que ouvem e leem com proveito e não menor prazer e encantamento. Uma vida inteira e um labor sem pausas, dedicados à especialidade que o seduziu, fazem-no em nosso meio científico modelo de lidador sem peias, sempre voltado para o aperfeiçoamento da ciência de Baudeloque, Mauriceau e Fernando Magalhães”.

Domingos Delascio foi presidente do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Associação Paulista de Medicina e diretor clínico da Casa Maternal e da Infância “Dona Leonor Mendes de Barros” da Legião Brasileira de Assistência, notável escola de ginecologia e obstetrícia de São Paulo. Pertenceu à Academia de Medicina de São Paulo, sendo membro titular desse sodalício por 35 anos.

Formou centenas de discípulos que aprenderam e se embeveceram com sua vasta cultura médica. Possuía, em sua residência, uma grande biblioteca e assinava todas as revistas de ginecologia e obstetrícia. Foi um estudioso abnegado e um apaixonado pelo ensino. Proporcionava reuniões científicas onde discutia casos clínicos e registrava com esmero observações raras da prática clínica. Após o falecimento do professor Raul Carlos Briquet passou a publicar revisões atualizadas de dois livros desse seu mestre: “Obstetrícia Normal” e “Obstetrícia Operatória”.

No ano de 1976, na condição de quartoanista concursado, fiz estágio durante um ano na Casa Maternal e da Infância “Dona Leonor Mendes de Barros”, ocasião em que o professor Domingos Delascio era o diretor. Lembro-me nitidamente de suas visitas à enfermaria e das discussões de casos que fazia em idade provecta com seus assistentes, residentes e acadêmicos. Encantava a todos com sua cultura enciclopédica concernente à medicina e, mui particularmente, à obstetrícia e ginecologia. Citava com agilidade autores, artigos, nomes de periódicos e datas, correlacionando-os facilmente com os casos apresentados. Estudava obsessivamente e era muito respeitado por todos. Era rígido em suas opiniões e, por vezes, ríspido em suas respostas, chegando às raias de ser pouco polido com um ou outro de seus assistentes perante todos que acompanhavam seu séquito durante as visitas. Contudo, era inegável sua capacidade, seu conhecimento, sua dedicação e seu amor à medicina.

José Olympio Senna, que fora pediatra e neonatólogo da Casa Maternal e da Infância, sintetizou num soneto o perfil de um dos maiores nomes da ginecologia e obstetrícia brasileira.

⁴ Duílio Crispim Farina é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

Domingos Delascio

Vive entre livros – tentadora sina,
embora os preços em corrida altista...
e passa desta àquela disciplina
como obstetra e ginecologista.

Limitando os encargos, hoje ensina
na Casa Maternal e na Paulista,
onde lá o batismo em prática doutrina
de um elemento novo – o quartoanista.

Seu alvo principal: servir à ciência
e ao magistério, graças à experiência
que obteve em São Paulo e outras cidades.

Nessa missão, cumprida sem receio
não foi por certo apenas “um passeio”
ser titular em cinco Faculdades.

Domingos Delascio publicou diversos artigos e trabalhos concernentes à sua especialidade. Dentre os livros que publicou salientam-se: **Obstetrícia Normal Briquet** (em coautoria com Antonio Guariento – 2ª edição em 1970 e 3ª edição em 1981); **Pro-pedêutica na Gestação de Alto Risco** (em coautoria com Pedro Augusto Marcondes de Almeida, 1974); **Anóxia Perinatal** (1975); **Síndromes Hemorrágicas da Gestação** (1977); **Toxemia Aguda da Gravidez** (1977); **Obstetrícia Operatória Briquet** (em coautoria com Antonio Guariento – 2ª edição em 1979); **Hipertensão na Gravidez** (em coautoria com Dib El-Kadre, 1983); **Obstetrícia, Ginecologia, Neonatologia** (em coautoria com Antonio Guariento, 1984); **Diabetes e Gravidez** (em coautoria com Ana Maria B. Oliveira e Luiz Camano⁵, 1984); e **Cardiopatia e Gravidez** (em coautoria com Antonio Carlos Lopes⁶, 1986).

Domingos Delascio faleceu em São Paulo, sua cidade natal, no dia 10 de fevereiro de 1991, contando com 77 anos.

É honrado *post-mortem* com a patronímica da cadeira nº 57 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome à Casa de Saúde da Mulher do Departamento de Saúde Fetal e Violência Sexual e a um anfiteatro do Hospital São Paulo da Unifesp; a uma praça pública no bairro Jardim Paulista e a um posto da Unidade Básica de Saúde no bairro de Vila Bertioga (alto da Mooca) da cidade de São Paulo; assim como a um prêmio no Painel de Obstetrícia do Congresso da Associação de Ginecologia e Obstetrícia do Estado de São Paulo (Sogesp).

5 Luiz Camano é o primeiro ocupante da cadeira nº 44 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Costabile Gallucci.

6 Antonio Carlos Lopes Camano é o primeiro ocupante da cadeira nº 38 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Celestino Bourroul.

Cadeira nº 58 – Patrono

Diogo Teixeira de Faria
1867-1927



Helio Begliomini¹

Diogo Teixeira de Faria, também conhecido simplesmente por Diogo de Faria, nasceu no estado do Rio de Janeiro em 1867. Ainda enquanto acadêmico de medicina, veio a São Paulo em comissões sanitárias encarregadas de debelar a febre amarela em Jaú, assim como noutras cidades do interior paulista.

Graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina, defendendo tese em 5 de janeiro de 1893 sobre **Patogenia e Formas Clínicas do Puerperismo Infecioso**.

Logo após a sua formatura foi nomeado por Cesário Mota² chefe da Comissão Sanitária de Campinas. Iniciou, em seguida, seu trabalho na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sendo logo indicado para a chefia da 1ª Enfermaria de Medicina em 1895. Tratava seus doentes com muito amor, carinho e humanismo. Prestou grandes serviços aos paulistanos, sobretudo numa época em que grassava a febre amarela.

Atuou também como administrador, na função de chefe do Desinfetório Central, sendo muito estimado pelos seus subordinados. Sucedeu ao insigne Arnaldo Vieira de Carvalho³, constituindo-se no terceiro diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia, ocasião em que readaptou os serviços e deu ao antigo hospital novo aspecto estrutural e científico.

Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, silogeu que teve a honra de presidir durante um mandato anual entre 1904-1905. Deu grande impulso às atividades desse sodalício, tornando sua gestão uma das mais destacadas dos primórdios da entidade.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Cesário Nazianzeno de Azevedo Motta Magalhães Júnior é o patrono da cadeira nº 45 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Rubião Meira⁴, que o sucedeu por duas vezes na presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1905-1906 e 1911-1912), salientava que Diogo de Faria era de uma “fisionomia moral muito semelhante à de Miguel Couto, que, por seu saber e sua bondade, nunca desceu um degrau do ápice da escada em que a popularidade e a sua ciência o colocaram. (...). Ele teve o condão raro de prender na afabilidade admirável de seu caráter as afeições humanas.”

Arnaldo Vieira de Carvalho, primeiro diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, convidou-o para ser o professor da 1ª cadeira de clínica médica, responsabilidade e honraria de que ele declinou.

Diogo de Faria era dotado de grande conhecimento, intuição, tirocínio e notória capacidade de observação. Carlos da Silva Lacaz⁵, seu biógrafo e também presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1962-1963), refere que entre seus pares era “considerado o ‘primeiro ouvido de São Paulo’, tal era a sua sensibilidade na escutação. (...). Carinhoso e dedicado aos enfermos, inspirava ilimitada confiança a todas as famílias pela sua inatacável probidade profissional. Coração largo, caráter varonil, espírito agudo, legou à Santa Casa em doações comovedoras a imensa riqueza dos seus predicados clínicos sem par e das virtudes de homem bom, de homem limpo, de homem correto. Tudo o que ele possuía, tudo esteve até o seu último suspiro ao serviço incondicional da velha Santa Casa”.

Diogo de Faria era muito entusiasmado com o exercício da clínica que lhe absorvia todo seu tempo. Foi médico do conselheiro Antônio da Silva Prado (1840-1929), lavrador, político e notório empresário brasileiro.

Ovídio Pires de Campos⁶, que também o sucedeu por duas vezes na presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1918-1919 e 1935-1946), assinalou que “a obra escrita de Diogo de Faria é um nada, um grão de areia em meio à vastidão do seu saber clínico”. Quase nada deixou publicado, conhecendo-se dele apenas alguns trabalhos: um escrito na Gazeta Clínica sobre “Câncer do Fígado”; outro escrito na Revista Médica de São Paulo intitulado “Aorta Abdominal Pulsátil”; além de “Terapêutica das Lesões Cardíacas”; “Tumores do Pâncreas”; estudos sobre o “Mal do Engasgo”; e ação terapêutica de algumas plantas, entre as quais a “tesneira” ou “tanaceto” (*Tannacetum vulgare*), que demonstrou ineditamente *in vivo* suas qualidades peristálticas. Publicou também um opúsculo intitulado **Os Inimigos de Nossos Livros**, obra sobre os insetos papirófagos.

Diogo Teixeira de Faria foi um dos grandes clínicos de São Paulo. Competente, conquistou grande reputação em mais de 30 anos devotados à medicina e à causa pública. Faleceu no auge de sua fama em 1927.

4 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

5 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

6 Ovídio Pires de Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1918-1919 e 1935-1936, e é o patrono da cadeira nº 83 desse sodalício.

Plínio Barreto (1882-1958), advogado, político e brilhante jornalista de São Paulo, pronunciou as seguintes palavras à beira de seu túmulo: “Poucos o terão igualado e nenhum excedido no carinho, na dedicação, no desprendimento, no amor com que ele deu para a sua obra humanitária todas as luzes do espírito, todas as energias do caráter e todas as doçuras do coração”.

Diogo Teixeira de Faria é honrado com a patronímica da cadeira nº 58 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; perenizado num busto em bronze (Figura 2) feito pelo escultor Pinto do Couto em 1928, que se encontra no *hall* dos Provedores do Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (ISCMSP); e dá nome a uma rua no bairro de Vila Clementino da cidade de São Paulo.



Figura 2 – Busto em bronze de Diogo Teixeira de Faria feito pelo escultor Pinto do Couto em 1928, que se encontra no *hall* dos Provedores do Museu da ISCMSP.

Cadeira nº 59 – Patrono

Antonio de Paula Santos
1892-1967



Helio Begliomini¹

Antonio de Paula Santos nasceu na cidade de Silveiras (SP), em 7 de setembro de 1892.

Diplomou-se na cidade do Rio de Janeiro em 1915, pela Faculdade Nacional de Medicina. Por ocasião da fundação da Faculdade de Medicina de São Paulo foi contratado para lecionar fisiologia e patologia geral. Em 1928 transferiu-se para a cátedra de otorrinolaringologia, anteriormente ocupada pelo professor Henrique Lindenberg. Operoso e eficiente, fez de seu serviço, por muitos anos, a referência paulista de sua especialidade.

Paula Santos era um homem simples e foi excelente professor. Exato no cumprimento do dever, diligente e pontual em suas funções, identificava-se com a vida da Faculdade de Medicina de São Paulo e da Santa Casa de Misericórdia. Aí, no antigo Pavilhão de Radioterapia, ministrava suas aulas. Nesse mesmo hospital, no Pavilhão Conde Lara, funcionava simultaneamente outro serviço de otorrinolaringologia que era dirigido pelo dr. Ottoni de Rezende, igualmente mestre dos mais renomados na especialidade.

Paula Santos era amigo do professor Ovídio Pires de Campos². Várias vezes pela manhã encontrava-se com ele para uma conversa sobre problemas políticos, bem como os relacionados à vida da faculdade.

Um dos assistentes mais diletos de Paula Santos, Raphael da Nova, o sucederia em sua cátedra. Aluno e admirador do professor Paula Santos, muito apreciava suas aulas, que eram simples e objetivas, almejando ensinar o essencial e tendo como referência os futuros médicos que iriam para o interior exercer a clínica geral. Disso também testemunhou seu aluno e biógrafo, Carlos da Silva Lacaz³, que, de tão práticas que eram suas apresentações, as conservou por muitos e muitos anos.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Ovídio Pires de Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1918-1919 e 1935-1936, e é o patrono da cadeira nº 83 desse sodalício.

3 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Paula Santos dizia que os especialistas se formavam posteriormente; entretanto, não deixou substancial produção científica. Tinha grande clínica na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio.

Carlos da Silva Lacaz assim descreveu a personalidade e o temperamento de Paula Santos: “Era um dos espíritos mais nobres que conheci em minha vida de estudante; dominava o equilíbrio e uma grande capacidade interior de contenção. Foi uma personalidade à parte na sua classe e um expoente em nossa comunidade. O berço deu-lhe a pureza dos sentimentos; a vida, o entendimento irrestrito das vaidades e aspirações alheias; a medicina científica, a objetividade, a tolerância na aferição dos atos humanos e a medida na exteriorização do pensamento. Nada impunha; nunca opinava onde não era chamado; nunca aparecia onde sua presença não fosse reclamada”.

“Muito afetuoso no trato pessoal; extremamente sensível à amizade; brioso de temperamento; paulista à moda antiga, sempre com um cigarro à sua boca, revivia o professor Paula Santos atavicamente, na cadência descansada da pronúncia, no sentimento extremo da honra, até no físico, as características dos paulistas de outrora.”

Antonio de Paula Santos faleceu na cidade de São Paulo, aos 75 anos, em 8 de outubro de 1967. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 59 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome a uma rua na cidade de São Paulo e a uma avenida na cidade de Sorocaba (SP).

Cadeira nº 60 – Patrono

**Giovanni Battista
Líbero Badaró
1798-1830**

Helio Begliomini¹



Giovanni Battista Líbero Badaró, mais conhecido simplesmente por Líbero Badaró, nasceu na Vila de Laigueglia, perto de Gênova (Itália), e mudou-se para o Brasil no ano de 1826. Seu pai era um médico liberal de extraordinária erudição, como atestam gravuras retratando sua imensa biblioteca.

Líbero Badaró estudou em Gênova e Bolonha antes de se formar em medicina, em agosto de 1825, pela Universidade de Turim. Recém-formado, decidiu ganhar o mundo. Tinha 28 anos, mas parecia mais velho. Era alto e magro, usava longas suíças e óculos de lentes redondas.

Ainda na Europa, publicou algumas obras técnicas, versando sobre fisiologia, zoologia e botânica.

Junto a outros médicos italianos, dentre os quais Cesare Zama de Faenza (pai do futuro tribuno César Zama e que também teve um fim trágico), veio para o Brasil em 1826. Em 1828 se radicou na cidade de São Paulo, onde clinicava e dava aulas gratuitas de matemática.

Defensor do liberalismo, fundou e redigia o jornal “O Observador Constitucional”, surgido em 1829, impresso na tipografia O Farol Paulistano, a princípio, sob a direção de Badaró e Luís Monteiro d’Ornelas e, depois de meados de 1830, sob a direção exclusiva de Líbero Badaró. O jornal era liberal, mas de feição moderada, como o que Evaristo da Veiga imprimia no Rio de Janeiro, a Aurora Fluminense. Como este, granjeara em pouco tempo grande divulgação, o que lhe garantia a malquerença dos absolutistas.

Já no primeiro dia de circulação do “Observador Constitucional” escreveu: “*não devia vegetar no Brasil a planta do despotismo*”.

Comentou posteriormente nesse periódico acontecimentos da revolução de 1830 em Paris, notícia chegada ao Rio de Janeiro em 14 de setembro; a Revolução dos Três Dias em que Carlos X fora destronado em julho passado – exortando os brasileiros a seguirem o exemplo dos franceses.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Em sua obra **Armitage** diz: “*O choque foi elétrico. Muitos indivíduos no Rio, Bahia, Pernambuco e São Paulo iluminaram suas casas por esse motivo. Excitaram-se as esperanças dos liberais e o temor dos corcundas, e estas sensações se espalharam por todo o Império por meio dos periódicos*”.

Em São Paulo, os estudantes do curso jurídico tomaram a iniciativa: Luminárias, bandas de música e mais demonstrações de alegria praticadas pelos habitantes de São Paulo pelo derrubamento do governo tirano e anticonstitucional da França vieram a lume.

O chefe do Poder Judiciário de São Paulo, o desembargador-ouvidor Cândido Ladislau Japiáçu, odiava especificamente Badaró, por tê-lo lançado no ridículo ao induzi-lo a revelar seu ignorante conservadorismo, censurando peças teatrais que não existiam.

Tais fatos assumiram para o ouvidor Cândido Ladislau Japiáçu a feição de atos criminosos e o levaram a processar alguns manifestantes, de preferência jovens estudantes. “O Observador Constitucional” abriu campanha em favor dos acusados e atacou Japiáçu, chamando-o “Caligulazinho”. A linguagem era viva e enérgica, mas não justificaria o desfecho violento.

Líbero Badaró, aos 20 de novembro de 1830, às 10 horas da noite, quando voltava para sua casa, na rua de São José (hoje Rua Líbero Badaró), sem perceber que era uma cilada, foi interpelado por quatro alemães, a pretexto de lhe entregarem uma correspondência contra o ouvidor Japiáçu, porém, recebeu deles, traiçoeiramente, uma carga de pistola.

A primeira pessoa a socorrê-lo foi o estudante de direito Emiliano Fagundes Varela, pai do futuro poeta Fagundes Varela. Entretanto, no dia seguinte, 21 de novembro de 1930, estava morto.

O principal responsável pelo ataque fora Henrique (ou Simão) Stock, alemão que se escondeu na casa do ouvidor. O povo, que queria justiça sumária, exigia a prisão de ambos. O alemão Stock foi preso; Japiáçu continuou ameaçado e pediu asilo a um coronel. A exaltação do povo continuou e o Conselho de Governo da Província mandou para o Rio de Janeiro, sob a escolta, o ouvidor que fora denunciado. O padre Diogo Antônio Feijó, como membro do Conselho, teve parte ativa nas deliberações e, de sua iniciativa, partiram as principais medidas para a busca de punição aos culpados. O alemão Stock foi condenado pelo assassinato, mas Japiáçu, o “Caligulazinho”, foi inocentado.

Em seu leito de morte o médico e jornalista Líbero Badaró, que contava com apenas 32 anos (!), pronunciou uma frase que se tornou célebre como símbolo da defesa da liberdade de imprensa: “*Morro defendendo a liberdade*”. “*Morre um liberal, mas não morre a liberdade*”.

A contribuição de Líbero Badaró para a defesa da liberdade de expressão vai além da tragédia pessoal. É seu um dos primeiros escritos publicados no Brasil em defesa da liberdade de imprensa, refutando sempre a tese de que os abusos praticados pela imprensa justificariam o cerceamento da liberdade.

Com sua morte, aumentaram o descontentamento e as manifestações de protesto contra o absolutismo de D. Pedro I, que abdicou em 7 de abril de 1831.

Giovanni Battista Líbero Badaró é honrado com a patronímica da cadeira nº 60 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 61 – Patrono

Álvaro Guimarães Filho 1901-1981



Helio Begliomini¹

Álvaro Guimarães Filho nasceu aos 29 de agosto de 1901, na cidade de São Paulo. Era filho do dr. Álvaro Macedo Guimarães e de Maria Prado Guimarães.

Fez seus estudos em São Paulo e no Rio de Janeiro, no Colégio de São Bento e no Ginásio Oswaldo Cruz².

Foi casado com Maria Coelho Guimarães e desse conúbio nasceram cinco filhos: dr. Álvaro Osvaldo; Celso Rubens, engenheiro; José Carlos, engenheiro; dr. Luiz Otavio e Maria Cecília. Teve onze netos.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1925, defendendo tese intitulada **Higiene Mental e sua Importância em Nosso Meio**. Durante o curso médico foi interno da 2ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de São Paulo³, na cátedra de clínica médica dirigida por Rubião Meira⁴, onde trabalhou com Álvaro Lemos Torres.

Durante o 6º ano foi também interno efetivo da Assistência Policial de São Paulo. Foi vice-presidente e presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, e nessa época, chefiando a delegação de universitários paulistas, levou ao 1º Congresso Interestadual de Medicina o trabalho “Estudo Clínico do Carcinoma Primitivo do Esôfago”.

No ano de 1926 viajou para a Europa, estagiando em Paris, na Maternidade Baude-locque e no Hospital Broca, recebendo ensinamento de Couvelaire e Faure. Em Berlim fez cursos de aperfeiçoamento com Strassman, Straus e Kristeller. Em Viena frequentou na universidade a segunda “Frauenklinik”, sob a orientação de Kermauner (Figura 2).

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: Parte dos dados aqui consignados foi gentilmente fornecida pelo sr. Maurílio José Ribeiro, da Secção de Denominação de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 A 2ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo já era um renomado centro de estudos médicos de onde saíam professores da Escola Paulista de Medicina.

4 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.



Figura 2 – Álvaro Guimarães Filho, enquanto jovem médico⁵.

Após meses de permanência nesses centros médicos retornou ao Brasil em 1927, onde foi admitido como assistente voluntário na clínica obstétrica da Faculdade de Medicina de São Paulo, sob a chefia de Raul Carlos Briquet⁶. Ali organizou o serviço de pré-natal e a seção de urologia feminina, assim como o departamento de radiodiagnóstico obstétrico. Em 1933 tornou-se chefe de clínica dessa disciplina.

Suas atividades didáticas, no entanto, se iniciaram em 1931, quando foi nomeado professor de enfermagem cirúrgica na Escola de Obstetrícia e Enfermagem Especializada de São Paulo, anexada à clínica obstétrica da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Em 1932, por ocasião do Movimento Constitucionalista, exerceu função de auxiliar médico da Superintendência dos Serviços Auxiliares de Saúde.

Álvaro Guimarães Filho, em 1933, foi encarregado por Paula Souza⁷ de organizar o serviço de higiene pré-natal no centro de saúde do então Instituto de Higiene de São Paulo, primeira organização desse gênero instalada no Brasil. Nesse mesmo ano foi designado professor catedrático de clínica obstétrica da recém-fundada Escola Paulista de Medicina (EPM).

Participou como sócio fundador da Associação Paulista de Medicina (APM), onde exerceu a presidência do departamento de obstetrícia e ginecologia.

Em 1935 foi laureado pela Academia Nacional de Medicina, conjuntamente com Álvaro Lemos Torres e Jairo Ramos⁸, com o prêmio e medalha de ouro “Madame Duchrocher” pelo trabalho “Coração na Gravidez”, em que posicionaram a conduta aplicada à gestante cardiopata.

Desde o início de sua carreira no magistério, através de atividades didáticas, publicações em revistas especializadas e palestras proferidas nas várias entidades médicas, deu grande realce aos métodos de proteção materno-infantil, preocupando-se

5 Foto obtida no Diário Popular – edição de 20/9/1981.

6 Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

7 Geraldo Horácio de Paula Souza é o patrono da cadeira nº 101 da Academia de Medicina de São Paulo.

8 Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

com o problema da mortalidade e morbidade maternas e perinatais. A semiologia obstétrica, a fisiologia da parturição e a orientação nutricional da gestante encontraram nele fervoroso cultor.

Em 1937, após brilhante concurso, foi o primeiro a galgar o degrau de livre-docência de clínica obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Os problemas éticos e morais na formação de médicos, enfermeiros e parteiras encontraram sempre em Álvaro Guimarães Filho devoto divulgador e defensor.

Com a criação da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo foi empossado professor catedrático de higiene materna, onde permaneceu até a aposentadoria compulsória, ocupando também o cargo de diretor da faculdade. Durante três períodos integrou o Conselho Universitário de São Paulo, afastando-se somente pela aposentadoria compulsória. Nessa faculdade orientou inúmeros médicos, enfermeiros, educadoras sanitárias, assistentes sociais, administradores hospitalares e nutricionistas, transmitindo-lhes com seu saber e dedicação ideias básicas de proteção materna.

Para divulgação dos ensinamentos da especialidade fundou e dirigiu por muitos anos a “Revista de Ginecologia e Obstetrícia de São Paulo”. Também foi perito do tribunal eclesiástico da Arquidiocese de São Paulo e um dos organizadores da Maternidade Pró-Matre Paulista.

Na EPM iniciou o curso regular de clínica obstétrica em 1938, permanecendo até a sua aposentadoria compulsória.

Com pertinácia colaborou intensamente na reativação das obras do Hospital São Paulo, que foi o primeiro hospital de ensino universitário criado no Brasil.

Com o falecimento do professor Lemos Torres, ocorrido em 1942, Álvaro Guimarães Filho foi eleito diretor da EPM. Durante 14 anos teve para si o encargo de consolidar a instituição, dando-lhe o entusiasmo de sua juventude; o equilíbrio de sua maturidade; e a energia do seu caráter. Apesar dos afazeres administrativos, jamais abandonou sua atividade didática e de pesquisa clínica, às quais sempre esteve afeito.

Durante sua gestão na diretoria da EPM, alguns fatos devem ser destacados: a ampliação do prédio da faculdade e a conclusão do Hospital São Paulo, após árduas lutas e reivindicações junto ao Governo Federal para conseguir o resgate da dívida do hospital perante a Caixa Econômica Federal, terminado no ato público e festivo de doação do Hospital São Paulo à EPM. Ainda sob sua orientação foi construído o pavilhão de patologia médica, batizado em homenagem a Lemos Torres. Ao atingir, em 1966, a idade limite, foi jubulado, após tantos esforços, dedicação e luta para conservar bem alto os ideais dos fundadores da EPM.

Por solicitação de Lemos Torres fundou a Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, e com um grupo de benfeitores da sociedade paulista, a Maternidade Amparo Maternal⁹.

Dirigiu a Amparo Maternal por cerca de 37 anos. Impressionado com o desrespeito à vida, colocou todo seu cabedal de conhecimentos e sua forte personalidade em defesa da vida humana. Foi incompreendido e caluniado, aplaudido e amado.

⁹ A Maternidade Amparo Maternal foi criada pela freira Madre Marie Domineuc; pelo arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar; por Álvaro Guimarães Filho e senhoras da sociedade paulistana.

Irmã Anita, sua sucessora na direção da Amparo Maternal, descreve-o como uma pessoa de caráter enérgico e veraz; alegre e de um fino humor. Refere-se que uma de suas frases jocosas, dita de maneira bem popular, era: “*Entrei pelos canos e saí canonizado*”. Irmã Anita ainda salienta: “incontáveis foram as mães e crianças salvas pela sabedoria e zelo do grande obstetra: para isso não media, nem dia, nem hora... Substituiu para tantas o pai que não conheceram! Na hora do seu sepultamento, muitas delas, prestando-lhe a última homenagem, diziam: Perdemos nosso Pai!”.

Como legado de sua luta incansável deve-se ressaltar que a Amparo Maternal mantém-se, para muitas mulheres e famílias, como “um porto seguro para dar à luz”, e tem-se mantido por muitos anos após sua morte como um local privilegiado para a vivência da prática clínica de futuros profissionais da área de saúde, sobretudo, enfermeiras, obstetras e obstetrites.

Álvaro Guimarães Filho faleceu em São Paulo em 12 de setembro de 1981, aos 80 anos. Seu corpo foi velado no anfiteatro Leitão da Cunha da EPM e foi sepultado no Cemitério de São Paulo, também denominado “Necrópole São Paulo”. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 61 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome a uma rua no bairro Vila Império da capital paulista.

Cadeira nº 62 – Patrono Admissão: 1910

Vital Brazil
1865-1950



Helio Begliomini¹

Vital Brazil Mineiro da Campanha nasceu em 28 de abril de 1865, em Campanha. Eis a explicação do seu nome: Vital era o nome do santo do dia; Brazil, em homenagem ao país que, na época, se escrevia com “z”; Mineiro, em homenagem ao seu estado e, Campanha, referente à sua cidade natal, situada ao sul de Minas Gerais.

Sua mãe, Mariana Carolina Pereira de Magalhães, era prima de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Seu pai, José Manoel dos Santos Pereira Júnior, resolveu colocar em cada um dos seus oito filhos um nome diferente, a fim de não dar continuidade ao nome da sua família, com a qual estava brigado.

Vital Brazil passou a infância nas cidades mineiras de Campanha, Itajubá e Caldas, trabalhando desde os 9 anos para ajudar o sustento da casa. Com 15 anos veio para São Paulo com a família, onde passou o resto da sua juventude entre o trabalho e os estudos preparatórios. Seu objetivo era cursar medicina e, na época, só existiam duas faculdades: uma na cidade de Salvador e outra na cidade do Rio de Janeiro.

Assim, com 21 anos ele foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como escrevente de polícia e professor, para se sustentar e custear seus estudos na faculdade. Durante o curso fez concurso e passou a ser o colaborador e preparador das aulas de fisiologia. Graduou-se em 1891, com 26 anos, defendendo a tese de doutoramento intitulada **Funções do Baço**.

Retornou a São Paulo e clinicou em várias cidades do interior, entre as quais Rio Claro, Jaú, Leme e Pirassununga, combatendo epidemias.

Casou-se pela primeira vez em 1892, logo após a sua formatura, com Maria da Conceição Philipina de Magalhães, sua prima em segundo grau, com quem teve 12 filhos, dos quais nove chegaram à idade adulta.

Trabalhou como médico na Força Pública e no Serviço Sanitário em São Paulo e Botucatu. Durante as epidemias de febre amarela, varíola e cólera, chefiou a comissão sanitária em Cachoeira, no vale do Paraíba, e combateu a peste bubônica na cidade de Santos, contraindo a doença durante o trabalho. Foi em Botucatu que ele, impressio-

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

nado com os acidentes causados por serpentes venenosas, resolveu estudar o assunto, abandonando a clínica e indo trabalhar no Instituto Bacteriológico de São Paulo².

A convite do governo estadual, Vital Brazil ingressou em 1897 no Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo, dirigido pelo sábio cientista Adolpho Lutz³. Foi aí que tiveram início suas pesquisas.

Com o apoio do Adolpho Lutz e com o conhecimento dos estudos de Calmette sobre soros antiofídicos, fez os primeiros experimentos com os venenos das serpentes. Nessa época ocorriam quase 3.000 acidentes por ano só no estado de São Paulo.

Vital Brazil criou uma das primeiras escolas do país que alfabetizava crianças de dia e adultos à noite; desenvolveu materiais de informação sobre como se proteger das cobras e outros animais peçonhentos para as pessoas do campo; inventou uma caixa de madeira barata e segura para que os fazendeiros pudessem capturar as cobras; e firmou convênios com as estradas de ferro para transportá-las, pois eram essenciais à fabricação do soro.

Vital Brazil trabalhou também junto com Oswaldo Cruz⁴ e Emílio Ribas⁵ no combate à peste bubônica, ao tifo, à varíola, e à febre amarela.

Seu nome ficou conhecido pela sua dedicação à saúde pública; pelo seu entusiasmo e pelos estudos experimentais que representavam na época o começo das pesquisas no Brasil. Por causa disso, foi chamado pelo Governo do Estado de São Paulo para ajudar a criar um Instituto Soroterápico, que produzisse soros e vacinas que combatessem as epidemias que vinham assolando a população.

Foi então comprada uma fazenda chamada Butantã pelo governo de Rodrigues Alves, que situava-se às margens do Rio Pinheiros. Aí Vital Brazil começou em 1901, em instalações provisórias num estábulo adaptado, as imunizações dos cavalos para fazer a vacina contra a peste e continuou com as pesquisas sobre os venenos das serpentes. Nesse mesmo ano publicou seu primeiro trabalho sobre o envenenamento ofídico e demonstrou que o soro para o tratamento dos acidentes tinha de ser específico. Também produziu as primeiras ampolas de soro contra o veneno de jararaca e cascavel.

Foram aí desenvolvidos trabalhos, sem tréguas, num ambiente desprovido de recursos. Os primeiros tubos de soro antipestoso começaram a ser entregues após quatro meses de trabalho.

Em 1903 surgiu o soro antiofídico (*Piroplasma vitalli*), parasita do sangue dos cães. Após esse tempo outros soros foram desenvolvidos no Instituto Serumtherápico. As vacinas produzidas também serviam ao combate do tifo, varíola, tétano, psitacose, disenteria bacilar e BCG. As sulfas e as penicilinas viriam mais tarde. As picadas de aranhas venenosas, escorpião e lacraias deram origem a novos soros.

Em 1904, como prêmio de sua descoberta sobre a especificidade do soro antiofídico, foi para a França onde frequentou o Instituto Pasteur. Dele, o eminente cien-

2 O instituto Bacteriológico de São Paulo passou a ser chamado de Instituto Adolpho Lutz, em 1940, em homenagem a esse eminente cientista.

3 Adolpho Lutz é o patrono da cadeira nº 81 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

tista Albert Calmette assim se referiu: “A obra científica de Vital Brazil é absolutamente de primeira ordem. Os seus trabalhos sobre venenos e sobre as soroterapias antivenenosas salvaram milhares de existências. Sinto-me particularmente feliz ao associar-me à homenagem que vos propondes lhe prestar, e o Instituto Pasteur de Paris, unanimemente, partilha os sentimentos de alta estima e admiração que me ligam ao nosso ilustre colega e amigo”.

Ficou viúvo em 1913 e casou-se novamente em 1920 com Dinah Carneiro Vianna, com quem teve mais nove filhos. Dezoito filhos chegaram à idade adulta, nove do primeiro e nove do segundo casamento. Seis homens e três mulheres de cada um deles.

Vital Brazil ficou consagrado em congresso científico nos Estados Unidos da América em 1915, e seu trabalho logo despertou o interesse da Europa, onde se encontrava a vanguarda da pesquisa médica da época, e lhe valeu o reconhecimento mundial.

O Instituto Butantã representa um marco na ciência experimental brasileira. Desenvolvendo significativo número de pesquisas de elevado teor científico; educando as populações rurais na adoção do tratamento e na prevenção de acidentes offídicos; e criando aquela que foi, possivelmente, a primeira escola de alfabetização de adultos, esse instituto desempenhou importante papel social na época e tornou-se conhecido e famoso no mundo todo.

O Instituto Serumtherápico passou a se chamar Instituto Butantã e, junto com Vital Brazil, seu diretor, ganhou prestígio e importância graças ao seu trabalho pioneiro e de seus colaboradores.

Em 1915, durante a estadia de Vital Brazil em Nova York, o soro brasileiro salvou da morte um empregado do Jardim Zoológico do Bronx Park, após ter sido picado por uma *Crotalus atrox* e não ter tido sucesso com outros tratamentos já empregados.

Vital Brazil tornou-se membro honorário da Academia Nacional de Medicina em 1917. Em 1919, ele foi convidado pelo governo do estado do Rio de Janeiro a criar um centro de pesquisas biológicas em Niterói, sendo aí fundado o Instituto Vital Brazil.

Vital Brazil Mineiro da Campanha tinha por lema “*Veritas Super Omnia*” (“A Verdade Acima de Tudo”). Era espiritualista e conhecia profundamente a Bíblia. Faleceu em 8 de maio de 1950, no Rio de Janeiro, aos 85 anos, ainda na direção do Instituto Vital Brazil.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 62 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome a escolas em São Paulo (bairro Bela Vista) e em Belo Horizonte (bairro Padre Eustáquio); o bairro onde situa-se a sede do Instituto Vital Brazil em Niterói chama-se Vital Brazil, assim como uma importante avenida nessa cidade; em São Paulo há uma avenida chamada Vital Brazil, uma das mais importantes da zona oeste da cidade.

Um livro biográfico sobre Vital Brazil faz parte da série “Nomes do Brasil”, que homenageia algumas das principais personalidades do nosso país, como Carmem Miranda e a Princesa Isabel.

Vital Brazil dá nome à rodovia BR 267 que liga Juiz de Fora a Poços de Caldas, ambas em Minas Gerais. Com cerca de 200 Km, a estrada foi batizada em 1965 (centenário de nascimento do cientista) pelo presidente da República, Castelo Branco. Nesse mesmo ano foi impresso pelos Correios um selo em sua homenagem (Figura 2).



Figura 2 – Selo impresso pelos Correios em 1965, em homenagem ao centenário de nascimento de Vital Brazil.

A Casa da Moeda do Brasil expediu uma cédula no valor de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) cujo anverso era a efígie do cientista Vital Brazil, tendo à esquerda gravura que representa uma cena clássica da extração do veneno, tarefa básica para a produção de soros. No reverso, há um painel calcográfico mostrando um antigo serpentário, com destaque para a cena de cobra muçurana devorando uma jararaca (Figura 3).



Figura 3 – Cédula de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) em homenagem a Vital Brazil.

Na cidade de Campanha (MG), a casa onde o cientista nasceu abriga hoje o Museu Vital Brazil. Foi construída em 1830, com arquitetura do período colonial, telhas feitas à mão por escravos e paredes de pau-a-pique. Ali estão expostos aos visitantes pesquisas, documentos, certidões, fotografias e livros. A inauguração ocorreu em 1988 e o local funciona como centro divulgador dos trabalhos e da vida do cientista.

Pelo Projeto de Lei 1604/2003 do Congresso Nacional, o nome do cientista Vital Brazil entrou para o Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia, no subsolo da Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Cadeira nº 63 – Patrono

Admissão: 26/3/1976

Agostinho Bettarello
1928-1989

Helio Begliomini¹



Agostinho Bettarello nasceu na cidade de São Paulo, em 7 de outubro de 1928. Era filho de Eugênio Bettarello e de Carmen Bettarello. Graduiu-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1953. Dedicou-se à carreira universitária e trabalhou por muitos anos no Hospital das Clínicas.

Obteve, por concurso, uma bolsa de estudos da *Kellog Foundation*, realizando aprimoramento nos Estados Unidos da América (EUA). Lá trabalhou com Thomas Almy, Morton Grossman e, finalmente, com Cyrus Rubin, em Seattle.

Retornou ao Brasil e paulatinamente sobressaiu-se como médico, sendo um dos mais destacados participantes da Sociedade Brasileira de Gastroenterologia, assim como na sociedade paulistana.

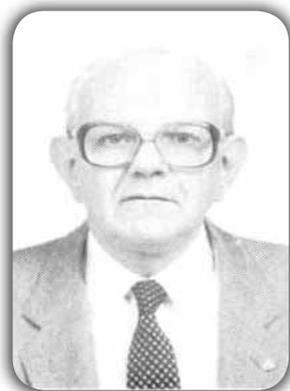
Com a vaga resultante da aposentadoria do professor Luiz Venere Décourt², em 1981, o departamento destinou-a à disciplina de gastroenterologia, concorrendo Agostinho Bettarello como candidato único, em 1982, que, após sua vitória, galgou a condição de professor titular (Figuras 2 e 3).

À época, Agostinho Bettarello chefiava o Serviço de Gastroenterologia da Divisão de Clínica Médica II do Hospital das Clínicas, que passou a constituir uma disciplina, ainda pertencente à mesma Divisão de Clínica Médica II, segundo o organograma do hospital. Em 1986, a disciplina de gastroenterologia associou-se à disciplina de cirurgia do aparelho digestivo, constituindo-se, ambas, no Departamento de Gastroenterologia.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Parte dos dados aqui consignados foi obtida no Museu Histórico “Professor Carlos da Silva Lacaz” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

2 Luiz Venere Décourt foi membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.



Figuras 2 e 3 – À esquerda, Agostinho Bettarello na condição de do professor titular de gastroenterologia da FMUSP e, à direita pouco tempo antes de seu falecimento.

Agostinho Bettarello foi diretor-presidente do Imeg – Instituto Médico de Gastroenterologia e pertenceu ao corpo editorial de diversas revistas nacionais e estrangeiras, tendo sido destacado, em 1978, para a presidência do *Jornal Brasileiro de Medicina*, função que exerceu até o seu falecimento. Foi presidente da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo. No Congresso da Federação Brasileira de Gastroenterologia realizado em Recife, em 1980, foi designado secretário-geral e responsável pela organização do 28º Congresso Brasileiro de Gastroenterologia, efetivado em São Paulo, em 1982. Atuou também como secretário-geral da Associação Interamericana de Gastroenterologia (1984-1988) e presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia (1982-1984). Sua estupenda capacidade organizadora ficou patente quando realizou e presidiu o *VIII World Congress of Gastroenterology*, sediado na cidade de São Paulo, em 1986.

Agostinho Bettarello ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 26 de março de 1976. Publicou 287 artigos científicos; proferiu 591 conferências e foi galardoado com seis prêmios em pesquisas. Publicou quatro livros, estando entre eles **Pancreatites** (1978, em coautoria com Carlos de Barros). Até 1987 havia escrito 49 capítulos em outros livros de gastroenterologia. Era poliglota e falava cinco idiomas, o que muito lhe facilitava quando participava de reuniões e congressos nas diversas sociedades de gastroenterologia a que pertencia.

Agostinho Bettarello foi também exemplo de esposo e pai. Casou-se com Talitha Vieira Bettarello, de cujo matrimônio nasceu seu único filho, Sergio Vieira Bettarello³, psiquiatra, casado com Yeda Campestrin Bettarello, pais de Flavio Campestrin Bettarello.

Tanto na condição de estudante, quanto na de médico e professor, Agostinho Bettarello demonstrou as virtudes da seriedade, retidão e disponibilidade. Não deixou de atuar e interagir com a sociedade em que viveu. Pertenceu ao tradicional Rotary Club de São Paulo, sendo seu presidente no ano rotário 1987/1988, cujo lema do *Rotary International* para essa gestão era “*Rotarianos: Unidos para Servir, Dedicados à Paz*”.

³ Sergio Vieira Bettarello é psiquiatra e psicoterapeuta. Doutor em medicina pela FMUSP. Fundador e ex-diretor do Centro de Reabilitação e Hospital-Dia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP, e diretor do Instituto Agostinho Bettarello, centro de estudos aberto e voltado à difusão do conhecimento. Ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 1992, sendo o primeiro ocupante da cadeira nº 63, cujo patrono é Agostinho Bettarello, seu pai.

Suportou estoicamente a moléstia fatal que o vitimou. Embora já se encontrasse doente e sofrendo, esboçava um sorriso a cada um que encontrava no congresso da especialidade realizado em Roma, em 1988. Após esse evento foi selecionado para receber uma medalha presenteada por Luigi Barbara, por ocasião das comemorações dos 900 anos da Universidade de Bologna. Essa comenda muito lhe alegrou, particularmente por ter sido oferecida pela comunidade médica da terra onde era oriundo seu querido pai.

Agostinho Bettarello faleceu sem uma palavra de amargura, em 13 de março de 1989, aos 60 anos, vítima de câncer pulmonar com metástases cerebral. Foi enterrado no Cemitério da Quarta Parada, no Brás.

Dele assim se expressou seu ex-professor, Carlos da Silva Lacaz⁴: “ De aluno a professor de nossa Faculdade de Medicina, combateu a desastrosa reforma universitária que tirou da ‘Casa de Arnaldo’ suas cadeira básicas. Homem de renome internacional e de vários talentos, dominava várias línguas; dono de irradiante simpatia, foi sempre um eleito do carinho geral. Bettarello sempre praticou sua arte com pureza de santidade, inspirando-a no culto do saber e no amor ao próximo. Nunca ofendeu e nem humilhou a quem quer que fosse nas escaramuças da vida. Foram olhos, também, que nunca nadaram em sangue, vivendo sempre à margem da vulgaridade, emoldurado em qualidades de sapiência e de virtudes; homem de Ciência, de boa-fé e de coração aberto. Pela grandeza de sua alma – ninguém foi mais fiel a seus amigos – tornou-se admirado por todos. Na elevação moral que conduziu sua operosa vida, ele encontrou a fórmula que sua existência nos revelou: da união entre a ciência e a consciência, entre a inteligência que cria e o senso moral a que legitima. Sua consciência se manteve sempre indene em meio às paixões e nunca foi ameaçada nem pelas seduções de interesse material, nem pelas competições da vaidade. Tudo contribuiu para dar ainda fulgor de evidência à pureza de sua vida moral. Tão grande foi dentro do lar, como no exercício do magistério e da prática médica, na conduta cívica e na amplitude de seu porfiado amor patriótico”.

Agostinho Bettarello é honrado com patronímica da cadeira nº 63 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. A disciplina de gastroenterologia da FMUSP tem um Centro de Estudos que leva seu nome e confere uma medalha com seu nome “pela brilhante e elevada contribuição científica à gastroenterologia”. Por sua vez, o Departamento de Gastroenterologia da FMUSP confere um prêmio com o seu nome ao melhor trabalho na especialidade. Da mesma forma, a Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva (Sobed) concede uma medalha de honra endoscópica com seu nome, assim como há um instituto voltado à difusão do conhecimento que leva seu nome. Agostinho Bettarello dá também nome a uma praça na cidade de São Paulo, no bairro do Jaguaré.

4 Carlos da Silva Lacaz presidiu a Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Cadeira nº 64 – Patronesse

**Maria Augusta
Generoso Estrela**
1860 – 1946



Helio Begliomini¹

Maria Augusta Generoso Estrela nasceu aos 10 de abril de 1860, na cidade do Rio de Janeiro. Era filha de portugueses, Maria Luiza e Albino Augusto Generoso Estrela, rico comerciante português. Teve uma educação elementar esmerada no internato do Colégio Brasileiro e, com apenas 13 anos, interrompeu os estudos e viajou a Portugal, onde por seis meses permaneceu no colégio Villa Real, no Funchal, destacando-se por sua inteligência. No mesmo ano retornou ao Brasil, numa acidentada viagem a bordo do vapor *Flamsteed*.

Após três dias de viagem no mar, os passageiros acordaram às seis da manhã com um estrondo motivado pelo abalroamento do *Flamsteed* no couraçado inglês *Blorimphon* por imperícia do capitão. A colisão destruiu os camarotes da família Estrela e do próprio capitão Brown. Por milagre, Maria Augusta nada sofreu, pois, embora o pai havia pedido que permanecesse no aposento, ela, aflita, fora encontrá-lo, evitando a tragédia.

O navio *Flamsteed*, apesar de avariado, continuou a navegar. Por insistência de vários passageiros e, sobretudo de Maria Augusta, o capitão enviou pedido de socorro ao navio *Blorimphon* e todos se salvaram. O fato teve repercussão internacional e Maria Augusta, ao desembarcar no Brasil, foi homenageada pelo heroísmo, não somente por oficiais ingleses do *Blorimphon*, mas também por seus conterrâneos.

Em 1874 voltou a ser interna do Colégio Brasileiro. Aí lia revistas e jornais, principalmente dos Estados Unidos da América (EUA). Chamou-lhe atenção, num desses periódicos, a foto e a biografia de uma jovem que estudava medicina em Nova Iorque.

Mostrou a reportagem ao seu pai e demonstrou seu desejo de se formar em medicina. Como no Brasil as faculdades não permitiam o ingresso de mulheres, ela insistiu para que seu pai lhe permitisse estudar no exterior, a fim de clinicar no Brasil.

Assim, em 1875, partiu do Rio de Janeiro, no navio *South America*, rumo a Nova Iorque. Nos EUA requereu prestar exames na *New York Medical College and Hospital for Women*, situada na *Lexington Avenue*. Porém, o requerimento foi indeferido por-

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

que os estatutos exigiam idade mínima de dezoito anos para o ingresso na faculdade, e ela tinha apenas dezesseis.

Não desanimando, fez nova petição para expor oralmente seus motivos para se matricular. Perante médicos, médicas e alunas da instituição, questionou o indeferimento de sua petição. Sensibilizados com sua argumentação, os membros da congregação marcaram os exames para o mês seguinte. Brilhante, inteligente e preparada, não deixou dúvida aos examinadores e foi aprovada com distinção.

Na semana seguinte, em 17 de outubro de 1876, matriculou-se no *New York Medical College and Hospital for Women*. Neste ínterim, infelizmente, a Companhia Bristol, representada por seu pai no Brasil, quebrou e ele não tinha mais condições de mantê-la em Nova Iorque.

Desde o início seus passos foram acompanhados pela imprensa brasileira, que publicava relatos periódicos de sua vida acadêmica e pessoal no exterior. Porém, ao tomar conhecimento da situação, o imperador D. Pedro II ordenou por decreto, em 1877, a constituição de uma bolsa suficiente para pagar a faculdade (100\$000 réis por mês) e cobrir gastos gerais (300\$000 réis por ano).

Maria Augusta concluiu o curso em 1879, mas não tinha a idade exigida pelos estatutos da faculdade para receber o diploma. Assim, aguardou dois anos para completar a maioridade e receber o grau de doutora em medicina.

Somente em 1879 o Governo Brasileiro abriu as instituições de ensino superior às mulheres, em decorrência da Reforma Leôncio de Carvalho, pelo Decreto nº 7.247, de 19 de abril, embora as jovens que seguiam esse caminho ficassem sujeitas a pressões e à desaprovção social.

Os últimos meses de estudos, em 1879, foram trágicos para Maria Augusta, que, ao realizar uma necropsia, feriu-se outra vez, acidentalmente, com o bisturi. A inflamação desta vez instalou-se de imediato e o tratamento foi penoso e demorado.

Em agosto de 1880, outro duro golpe do destino a atingiu: a morte de seu pai – o amigo, incentivador e admirador de todas as horas.

Durante a espera do diploma, Maria Augusta frequentou cursos e estagiou em vários serviços médicos de Nova Iorque. A ela se juntou uma segunda jovem e colega de faculdade, Josefa Agueda Felisbella Mercedes de Oliveira. As duas fundaram em 1881, em Nova Iorque, um jornal denominado “A Mulher” – destinado aos interesses e direitos da mulher brasileira.

Maria Augusta recebeu o diploma de doutora em medicina do *New York Medical College and Hospital for Women*, na *Association Hall of New York*, em 1881, sendo ela oradora da turma. Foi agraciada com uma medalha de ouro pelo melhor desempenho durante o curso e por sua magnífica tese: **Moléstias da Pele**.

Permaneceu mais um ano nos EUA, autorizada por D. Pedro II. Desembarcou no Rio de Janeiro e, em meio a muitas homenagens, foi recebida em audiência especial pelo Imperador do Brasil, que a aconselhou a se dedicar ao atendimento de senhoras, obtendo seu comprometimento.

Segundo sua biógrafa Yvonne Capuano², “Maria Augusta submeteu-se aos exames na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para validar seu diploma, conforme

2 Yvonne Capuano foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 2009-2010. É a primeira ocupante da cadeira nº 64 sob a patronímica de Maria Augusta Generoso Estrela.

determinava a Reforma de 1832. Não haveria obstáculos, pois estudara e estagiara o suficiente para não temer uma banca examinadora. Dominava quatro idiomas: inglês, francês, espanhol e alemão, e estava preparada para a arguição. Encontrou, nessa ocasião, várias alunas matriculadas no curso de medicina, pois as portas do ensino haviam sido abertas em 1879 às jovens brasileiras. Sentiu-se gratificada pelo sacrifício e luta de anos, distante do Brasil”.

Com o diploma validado, passou a clinicar e servir de exemplo para que outras jovens se matriculassem em cursos superiores.

Foi a primeira mulher do Brasil a receber um diploma de medicina, em Nova Iorque (1881), e seu exemplo contribuiu para a abertura das faculdades às jovens do nosso país.

Em 1884, dois anos depois de seu regresso, conheceu o alagoano Antonio Costa Moraes, de 38 anos, formado em farmácia pela Universidade de Leipzig e proprietário da Farmácia Normal. Apaixonados, casaram-se no mesmo ano. Nessa época, Maria Augusta mantinha um pequeno consultório onde ostentava, na fachada, orgulhosamente, a placa: “*Dr.ª Maria Augusta Estrela*. Seu marido, ciumento, muitas vezes tentou fazê-la largar a profissão. Firme nas decisões, ela continuou clinicando, mas, para tranquilizá-lo, passou a fazê-lo numa das salas da farmácia, onde várias receitas eram formuladas por ela. A clientela era imensa; dedicava-se às mulheres e às crianças, atendia gratuitamente aos que não tinham possibilidade de remunerá-la. Desse conúbio nasceram cinco filhos: Samuel, Matilde, Bárbara, Luciano e Antonio.

Maria Augusta ficou viúva em 1908, obrigando-a a reduzir o atendimento médico para se dedicar mais aos filhos, porém, nunca abandonou completamente os estudos e o contato com clientes. Muitas vezes era chamada para discutir entre colegas um caso de difícil diagnóstico, o que conseguia com brilhantismo e facilidade. Lia assiduamente, sendo esse o seu passatempo predileto. Manteve-se lúcida até a idade propecta, o que se expressava pela vivacidade dos seus olhos azuis.

Maria Augusta Generoso Estrela faleceu subitamente, em 18 de abril de 1946, aos 86 anos, em sua casa no Rio de Janeiro enquanto conversava com a família. Deixou um lugar na história pela luta na defesa de ideais femininos³. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 64 na augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a uma rua na cidade de Poços de Caldas (MG) e a uma rua na cidade de Porto Alegre (RS).

3 Seis anos depois de sua formatura no exterior, Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher brasileira a receber o grau de médica, no Brasil (1887). Essas pioneiras encontraram muitas dificuldades para se afirmar profissionalmente e várias delas estiveram sujeitas ao ridículo.

Cadeira nº 65 – Patrono

Luiz Migliano
1889-1977

Helio Begliomini¹



Luiz Migliano nasceu no bairro do Cambuci, na cidade de São Paulo, em 24 de março de 1889, em pleno regime monárquico, mas seu pai o registrou como nascido aos 30 de dezembro 1889, no regime republicano. Era filho de italianos, ambos da província de Cosenza, na Calábria. Seu pai, Felisberto Migliano², era natural da cidade de Ioggi, e sua mãe, Assumpta Oliverio, da cidade de San Marco Argentano.

Luiz Migliano estudou as primeiras letras no Grupo Escolar Sul da Sé e diplomou-se como professor primário na antiga Escola Normal da Praça da República, posteriormente designada por Instituto de Educação Caetano de Campos. Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1913, ocasião em que defendeu a tese de doutoramento intitulada **Os Toxoplasmas** (Figura 2).

Ainda enquanto acadêmico atuou e galgou a condição de codiretor do laboratório de análises clínicas do Hospital São Joaquin da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência (1909-1912).

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

As fotos assim como parte dos dados aqui consignados foram obtidas na biblioteca da Associação Paulista de Medicina. In: "Dr Luiz Migliano (1889-1977)" de autoria de Mario Ferreira Migliano. Imprensa Metodista – São Bernardo do Campo, 1980, 101 páginas.

A foto em epígrafe foi tirada por ocasião de seu 87º aniversário.

2 Felisberto Migliano chegou ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 1870. Embora tivesse pouquíssimo dinheiro que mal dava para adquirir uma passagem de trem para São Paulo, foi instado por um cambista a comprar um bilhete da loteria federal, tendo a sorte de ganhar o 1º prêmio!

Em São Paulo, Felisberto Migliano casou-se com Assumpta Oliverio, conúbio que lhes deu nove filhos: Luiz, Emílio, César, Ernesto, Theodoro, Maria, José (Maria e José eram gêmeos), Julieta e Roberto. Assumpta era viúva e já possuía um filho chamado Damiro.

Felisberto Migliano era abolicionista e participou ativa e financeiramente da campanha pela abolição da escravidão. Em suas propriedades, no bairro do Cambuci, dava abrigo aos negros que, fugindo de seus patrões, procuravam a capital.



Figura 2 – Luiz Migliano, graduando em medicina.

Após a sua formatura retornou a São Paulo, onde atuou como clínico, mas, particularmente, exerceu a medicina laboratorial – análises clínicas. Fundou, em 1913, o Laboratório de Análises e Pesquisas Clínicas “Dr. Luiz Migliano”. Trabalhou simultaneamente como especialista químico-bacteriologista no Hospital Umberto I (1914-1916) e diretor do laboratório de análises clínicas do Hospital de Caridade do Brás (1918-1920).

Luiz Migliano casou-se em 9 de julho de 1914, na cidade de São Paulo, com Ursulina Martins Ferreira Migliano, matrimônio que perdurou por 53 anos (!) e procriou-lhes quatro filhos: Mario (22 de agosto de 1915); Luiz (30 de novembro de 1916); Carlos (27 de abril de 1919) e Max Ferreira Migliano (15 de julho de 1920).

Idealista, participou como membro do conselho da Universidade Livre de São Paulo³, ombreando com notáveis da época. Este conselho teve como presidente o grande jurista, o barão Brasília Machado; e como membros, dentre outros: Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães, Henrique de Magalhães Gomes, Spencer Vampré, Ulysses de Freitas Paranhos, Luiz Migliano, J. Jesuino Maciel, Adelino Leal, José Machado Filho, Valeriano de Souza e Raul Renato Cardoso de Mello.

Dedicou-se igualmente à vida acadêmica na Faculdade de Medicina da Universidade Livre de São Paulo, sendo professor da cátedra de fisiologia geral (1914-1915) e assistente do professor Ulysses Paranhos na cadeira de propedêutica, clínica e patologias médicas (1914-1917). Nessa condição atendeu gratuitamente inúmeros pacientes nas dependências da Policlínica localizada na Rua José Paulino.

Lecionou também, em 1933, histologia e microbiologia no curso de odontologia da Faculdade Livre de Farmácia e Odontologia do Estado de São Paulo.

Luiz Migliano (Figura 3) tinha gênio inventivo e classificou-se, em 1966, em primeiro lugar, em “Inventos da Atualidade”, no I Concurso Nacional do Invento Brasileiro organizado pelo Sedai – Serviço Estadual de Assistência aos Inventores.

³ A Universidade Livre de São Paulo, instituição particular de ensino, foi primeira no gênero que surgiu no Brasil. Foi fundada pelos médicos Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães (1860-1931), reitor; Luiz Pereira Barreto e Ulysses Paranhos, em 4 de dezembro de 1911. Começou a funcionar em março de 1912, num prédio da Rua Senador Queiroz. A entidade era apoiada por um grupo de advogados, engenheiros e farmacêuticos. Entretanto, a Universidade Livre de São Paulo desmoronou ante a negativa de seu reconhecimento pelo Conselho Nacional de Ensino por partidário político da época, sendo extinta em 1917. Antonio Carlos Pacheco e Silva, José Louzã e Paulo Raia, dentre outros alunos, terminaram o curso médico no Rio de Janeiro ou na Bahia. In: “Médicos Italianos em São Paulo”, de Carlos da Silva Lacaz. Gráfica Editora Aquarela S. A., 1989.

Publicou 30 trabalhos científicos em revistas especializadas. Em 1943 desenvolveu a reação para o diagnóstico precoce da sífilis, que ficou sendo conhecida como “Reação de Migliano”. Essa descoberta e publicação foram motivos de outros 26 trabalhos feitos por diversos autores latino-americanos e europeus, além de inspirar três teses de formatura, sendo duas na Argentina (1954) e uma no México (1959). Ademais, lhe rendeu prêmios, como o *Standard Oil* de Honra ao Mérito, em 1951.

No governo de Abreu Sodré foi agraciado com o Prêmio Governo do Estado, em 1969, fazendo jus à medalha do valor cívico. Dentre outras comendas que recebeu salientam-se: medalha M. M. D. C. da Sociedade Veteranos de 32; medalha Defesa da Constituição, outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo; e medalha Vital Brazil⁴, oficializada pelo Governo do Estado de São Paulo.

Pertenceu também às seguintes entidades: Centro Independência – Sociedade Beneficente e Cultural (sócio honorário, 1944; e sócio benfeitor, 1946); Sociedade Médica São Lucas (sócio efetivo, 1949); Associação Paulista de Medicina (1951); e Sociedade Paulista de História da Farmácia e de Ciências Afins (sócio honorário, 1976).



Figura 3 – Luiz Migliano ao microscópio em seu gabinete de trabalho, em 1975.

Luiz Migliano participou de diversos congressos na qualidade de ouvinte e de conferencista. Era autodidata e dotado de invulgar cultura. Além do idioma pátrio, falava e escrevia em italiano, francês e espanhol. Lia, diariamente, na íntegra, dois jornais paulistanos. Apreciava palavras cruzadas, óperas, teatro e tinha uma discoteca com cantores clássicos italianos como Beniamino Gigli, Enrico Caruso, Tito Schippa, Giovanni Martinelli, Ferruccio Tagliavini e Gabriella Besanzoni Lage, dentre outros.

Por ocasião do cinquentenário de sua formatura pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, comemorado em 21 de dezembro de 1963, recebeu de seus colegas, amigos e familiares um pergaminho com 56 assinaturas contendo os seguintes dizeres: “Ao insigne médico Dr. Luiz Migliano, nosso respeito e admiração por tão sublime vida científica, cuja reputação permite que se diga ser um homem perfeito”.

4 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo..

Luiz Migliano exerceu a medicina por 64 anos (!), num trabalho sem esmorecimento. Atuou sempre com honestidade e dignidade. Faleceu na cidade de São Paulo, em 2 de junho de 1977, aos 88 anos, 15 dias após ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 91 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome a uma avenida no bairro de Vila Andrade (Morumbi), na capital paulista.

Cadeira nº 66 – Patrono Admissão: 1910

Antônio Cândido de Camargo
1864-1947



Helio Begliomini¹

Antônio Cândido de Camargo nasceu em Campinas, aos 6 de agosto de 1864. Ingressou na faculdade de direito, mas desistiu do curso quando estava no terceiro ano, ocasião em que foi para Genebra, graduando-se em ciências físicas e naturais e em ciências médicas em 1887. Doutorou-se em medicina em 2 de novembro de 1891, defendendo tese intitulada **O Enfisema Espontâneo das Submucosas**.

Tornou-se assistente da disciplina de anatomia patológica dirigida pelo professor F. W. Zahn. Posteriormente, ingressou no serviço do professor Jacques Reverdin, um dos grandes nomes da medicina de então, onde desenvolveu a prática cirúrgica.

Regressou ao Brasil e iniciou suas atividades em 1893, na cidade de Limeira (SP), onde foi chefe de cirurgia da Santa Casa de Misericórdia por 15 anos, transformando seu serviço num centro de referência cirúrgica. Aí recebeu a honrosa visita do afamado cirurgião paulista Arnaldo Vieira de Carvalho².

Em 1907 transferiu-se para a cidade de São Paulo e, juntamente com Baeta Neves, fundou o Instituto Paulista. Teve consultório na Avenida Brigadeiro Luís Antônio.

A convite de Arnaldo Vieira de Carvalho tornou-se chefe, em 1916, da 1ª Clínica Cirúrgica de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde desenvolveu intensa atividade cirúrgica, tanto no ensino quanto na pesquisa, até a sua aposentadoria em 1934.

Teve grande influência na formação e no ensino da cirurgia. Exercia suas atividades dentro dos preceitos éticos e hipocráticos e era admirado pela sua personalidade de médico integral. Apesar de sua grande audácia cirúrgica, praticava as suas cirurgias dentro do maior censo ético e jamais sacrificava o doente em favor da técnica.

Com o renomado anatomista Alphonso Bovero, estudou a anatomia e patologia do gânglio de Gasser. Foi pioneiro das alcoolizações nervosas; modificou a operação de Heller e com Walter Seng foi o iniciador da neurocirurgia em São Paulo.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

² Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Antônio Cândido de Camargo orientou diversas teses de doutoramento e trabalhos apresentados em sociedades médicas. Teve a honra de presidir a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1915-1916. Presidiu também a Associação Paulista de Medicina de 1934-1935.

Antônio Cândido de Camargo, Antônio Prudente e Celestino Bourroul³, motivados pelo aumento do número de óbitos por tumores malignos e lutando contra o preconceito e o medo à época de enfrentar essa doença, tiveram a ideia de fundar a Associação Paulista de Combate ao Câncer (APCC) em 1934.

Em 10 de dezembro de 1934, por ocasião do jantar em comemoração ao 70º aniversário de Antônio Cândido de Camargo, ele foi aclamado, pelo professor Antônio Prudente, o presidente da Associação Paulista de Combate ao Câncer. Eis um excerto do discurso que Camargo proferiu nessa efeméride: *“Um estudo acurado e sério vos fará compreender a necessidade imprescindível de pôr sempre em prática estes grandes preceitos – o respeito consciente ao princípio da autoridade, a moralidade intransigente na vida cívica e a honestidade e proficiência na vida profissional. A generalização desta prática, destes princípios é o melhor dissolvente para as doutrinas que nos querem conduzir à inquietação e ao desespero social”*.

Os três eminentes médicos puseram mãos à obra: esclareceram e divulgaram a ideia à população durante três anos, vindo a lume o primeiro estatuto da APCC em 1936. Entretanto, apenas em 1943 obtiveram os primeiros donativos – 100 contos de Réis – e, em 23 de abril de 1953, a entidade começou a atender pacientes no Instituto Central que, posteriormente, em homenagem a Antônio Cândido de Camargo, passaria a se chamar Hospital do Câncer A. C. Camargo.

A APCC transformou-se na Fundação Antônio Prudente em 1974 e, em homenagem à dedicação prestada por Celestino Bourroul, seu nome foi dado à Escola de Cancerologia, entidade que abrange o ensino ministrado no Hospital do Câncer A. C. Camargo. Assim, os três visionários e protagonistas da Associação Paulista de Combate ao Câncer foram honrosamente imortalizados.

Antônio Cândido Camargo foi professor de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina de São Paulo e assim pensava com relação ao aprendizado de seus alunos: *“A leviandade nos estudos, como em todos os atos do homem, é de graves resultados e de consequências imprevisíveis. No dia em que a mocidade estudar, mas, estudando sem a preocupação exclusiva dos títulos profissionais, com o fito essencial de saber, dentro das noções precisas e exatas da verdadeira ciência, eu vos asseguro que a vida se aproximará bem mais da felicidade social”*.

Ainda, indagado sobre seus futuros concorrentes, respondeu: *“Tudo que eu fizer em prol de meus discípulos nada mais é que minha obrigação; além do mais, que maior alegria pode ter um professor do que ver seus alunos progredirem e vencerem na profissão”*.

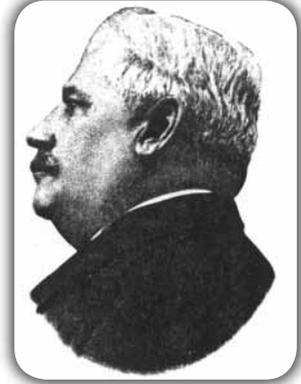
Antônio Cândido de Camargo faleceu na cidade de São Paulo, em 21 de janeiro de 1947, contando com 82 anos de idade.

Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 66 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; numa praça no bairro da Barra Funda da cidade de São Paulo, e numa rua no bairro Jardim Piratininga da cidade de Limeira.

3 Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

Cadeira nº 67 – Patrono

**Affonso Regulo de
Oliveira Fausto**
1866-1930



Helio Begliomini¹

Affonso Regulo de Oliveira Fausto² nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1866. Era filho do conselheiro dr. Manoel de Oliveira Fausto e de Luiza Emília da Costa Fausto.

Fez seus estudos de humanidade no Colégio D. Pedro II em sua cidade natal – então capital federal. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando à cadeira de botânica e zoologia, em 30 de setembro de 1890, tese dedicada ao seu pai e intitulada **Da Evolução Ontogênica do Embrião Humano em suas Relações com a Filogênese** (Figura 2).

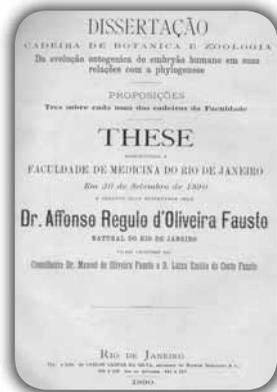


Figura 2 – Capa da tese de formatura de Affonso Regulo de Oliveira Fausto.

Logo após sua formatura fez viagem ao exterior, visando aprimoramento nos conhecimentos. Tempos após seu regresso, radicou-se na cidade de São Paulo, sendo membro do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Seu nome original, apostado na capa de sua tese, era Affonso Regulo d'Oliveira Fausto (Figura 2).

Regulo de Oliveira Fausto publicou vários trabalhos e foi membro de diversas associações científicas, dentre as quais a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, sendo seu presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917.

Foi nomeado cirurgião do Hospital de Juqueri, cargo que deixou em 1916, por ocasião de seu ingresso na congregação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo como professor substituto de clínica cirúrgica. Galgou o cargo de professor catedrático de patologia cirúrgica, exercendo-o de 31/3/1927 a 29/6/1930, sendo nessa data surpreendido em sua brilhante atuação pela morte, poucos dias antes de completar 64 anos.

Affonso Regulo de Oliveira Fausto foi um modelo dentro da faculdade de medicina, que sempre procurou honrar e dignificar. Foi uma figura de relevo dentre seus pares paulistas. Era intransigente quando os assuntos se referiam à ética profissional. Tinha grande cultura médica, filosófica e sociológica.

Em seu enterro, ocorrido no dia seguinte ao seu passamento, proferiam oração fúnebre à beira da sepultura o professor Flamínio Fávero³, em nome da congregação da faculdade; o doutorando J. F. da Silva Braga, pelos sextanistas; e o acadêmico Miguel Scavone, em nome dos demais alunos.

³ Flamínio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse silogeu.

Cadeira nº 68 – Patrono

Osório Thaumaturgo César¹ 1895-1979

Helio Begliomini²



Osório Thaumaturgo César, mais conhecido simplesmente por Osório César, nasceu em João Pessoa (PB), aos 17 de novembro de 1895. Ainda muito jovem, tocava violino e tinha talento para a música. Veio para São Paulo em busca de melhores condições de estudo.

Com 17 anos matriculou-se na Faculdade de Odontologia e formou-se quatro anos depois. Não chegou a exercer a profissão e sustentava-se lecionando aulas de violino.

Iniciou o curso de medicina em 1918, mas teve que se transferir para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, em 1920. Concluiu o curso com 30 anos de idade, em 1925 (Figura 2). Nesse mesmo ano começou a trabalhar no Hospital do Juqueri (SP) e lá permaneceu por 40 anos.

A circulação de sua produção intelectual principia em 1919, quando levou a público um opúsculo intitulado **Doutrinas Biológicas**.

Osório César criou o grupo Cultura Musical e promovia reuniões de artistas onde se ouvia música, desenhava-se e transformavam-se os desenhos em pintura. Um dos participantes desse grupo foi o pintor Aldo Bonadei.



Figura 2 – Osório César, enquanto jovem médico.

1 Retrato de Osório César, 1930. Óleo sobre papelão. Coleção Bertha e Isaac Krasilchik.

2 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

Osório César já era um homem maduro e com experiência em lidar com pacientes e com a arte quando publicou seu primeiro trabalho nas Memórias do Juqueri, em 1925: “A Arte Primitiva nos Alienados: Manifestação Escultórica com Carácter Simbólico Feiticista num Caso de Síndrome Paranoide”. Nos seus primeiros anos como médico psiquiatra do Juqueri, sua produção era eclética, tendo vários trabalhos sobre anatomia patológica e um sobre glândulas (Figura 3).

Osório César consta como um dos 24 membros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 1927, e também da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro em 1928.

Quando, em 1929, publicou sua principal obra **Expressão Artística dos Alienados – Estudos dos Símbolos na Arte**, remeteu um exemplar a Freud, que confirmou o recebimento através de carta em que comentava sua satisfação pelo interesse do estudo da psicanálise no Brasil, documento infelizmente perdido no incêndio dos arquivos do Hospital do Juqueri. Assim, tornou-se amigo dos renomados psiquiatras Sigmund Freud e Carl Gustav Jung.



Figura 3 – Osório César dissecando cadáver no Hospital do Juqueri (SP).

Na década de 1930 fez estudos em Paris, Alemanha, Itália e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em duas viagens, numa das quais participou do XV Congresso Internacional de Fisiologia em Leningrado e Moscou, sob a presidência de Pavlov. Em visita à França conheceu a assistência aos psicopatas do Centro de Psiquiatria e Profilaxia Mental no Hospital Henri Rousselle, instituição onde procurou encontrar o dr. Toulouse.

Em 1932, aos 37 anos, teve uma ligação afetiva com Tarsila do Amaral e com ela viajou para a União Soviética. Mesmo que essa ligação não tenha durado muito, foi intensa enquanto existiu e é reconhecida sua influência na fase social da grande pintora brasileira.

Sua ligação com a arte tornou-o um articulista dos grandes jornais de São Paulo no período de 1940-1960. Estudiosos da obra da pintora relatam a influência que ele exerceu sobre ela, particularmente na esfera social. Um dos seus quadros mais importantes, “Os Operários”, foi produzido depois dessa mudança. Osório César, em seu retorno, produziu alguns textos de exaltação comunista tais como “Onde o Proletariado Dirige” (1933) e “O que é o Estado Proletário” (1933). No ano seguinte publicou “A Proteção da Saúde Pública na União Soviética” no 16º aniversário da Revolução de Outubro.

Na prática clínica eram aplicados os conceitos psiquiátricos da época, entre eles a laborterapia. A terapia pela arte foi desenvolvida por Osório César ainda como estudante interno. Surgiram no seio do Juqueri as primeiras comunicações psicanalíticas, mas não havia a prática psicanalítica, que só foi estruturada mais tarde com a chegada a São Paulo da dra. Adhelaide Koch (1936).

Segundo M. H. Ferraz, em 1938 foi criado no Juqueri um organismo paraestatal, a Instituição de Assistência Social a Psicopatas (Iasp), cujo objetivo era o atendimento mais rápido das necessidades materiais, jurídicas e pessoais dos doentes. Isso incluía as atividades artísticas: desenho, pintura, escultura, música e cerâmica, que ficaram a cargo de Osório César. A Seção de Artes Plásticas deu origem à Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri (Elap), que foi constituída oficialmente em meados de 1949.

Todo material guardado de alienados mentais – pintura e escultura – de diversos locais do Juqueri foi resgatado pela dra. Maria Heloísa de Toledo Ferraz a partir de 1984. O resultado do seu trabalho foi a criação do Museu Osório César nas dependências do Hospital do Juqueri. Nise da Silveira é mais conhecida na área da produção artística dos pacientes psicóticos, no entanto, ela mesma reconhecia o pioneirismo de Osório César nessa área. De qualquer forma, ganha-se com a existência do Museu do Inconsciente no Rio de Janeiro e com o Museu Osório César em São Paulo.

Sua orientação política levou-o diversas vezes à prisão, inclusive uma vez em 1935, quando regressava de um congresso de fisiologia na URSS, sendo preso ainda dentro do navio em que retornava ao Brasil.

Sua opção política não impediu que trabalhasse no Hospital do Juqueri de 1925 até 1965, ocasião em que se aposentou. Como psiquiatra interessou-se pela anatomia patológica das doenças mentais e tem vários artigos nessa área. Como clínico e artista pôde reconhecer habilidades e talento entre os pacientes com quem convivia.

Segundo Dalgarrondo, “tudo indica que, no Brasil, ele foi o primeiro estudioso a dedicar-se de forma sistemática e aprofundada à análise tanto da arte produzida por doentes mentais quanto das manifestações religiosas e culturais da população abandonada nos hospícios. Osório César fez em São Paulo as primeiras junções entre a psiquiatria, arte e psicanálise”.

Osório Thaumaturgo César faleceu na cidade de Franco da Rocha, aos 3 de dezembro de 1979, com 84 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 68 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 69 – Patrono
Admissão: 2/8/1920

Oscar Monteiro de Barros
1894-1978

Helio Begliomini¹



Oscar Monteiro de Barros nasceu em 8 de setembro de 1894, na cidade de São Paulo. Era filho do médico Thomaz de Aquino Monteiro de Barros e de Coleta Horta Monteiro de Barros.

Estudou no Colégio Santo Agostinho e frequentou por quase dois anos o curso de engenharia na Escola Politécnica, pois, nessa época, ainda não havia o curso de medicina em São Paulo, e ele achava muito custoso estudar em outro estado.

Entretanto, ser médico era sua vocação, tanto que se transferiu de curso após a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, graduando-se na segunda turma, em 1919. Trabalhou na 6ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, que era chefiada pelo professor Celestino Bourroul², seu cunhado, amigo e orientador.

Continuou sua vida universitária no Hospital das Clínicas, onde se tornou livre-docente da cadeira e doenças tropicais e infecciosas. Esteve de 1949 a 1950 na França, onde aprimorou seus conhecimentos na Sorbone, recebendo o Prêmio Pietre depois da defesa de tese. Em seguida, esteve também na Inglaterra, Itália e Estados Unidos da América do Norte.

Oscar Monteiro de Barros presidiu a Associação Paulista de Medicina de 1943-1944. Teve também a honra de presidir a Academia de Medicina de São Paulo num mandato anual entre 1956-1957. Juntamente com o professor Emílio Athie foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSC – SP) em 1963.

Nessa casa de ensino tornou-se catedrático da disciplina de moléstias infecciosas e parasitárias e diretor do Departamento de Medicina até a formatura da primeira turma, em 1968. Posteriormente, continuou atuando em seu consultório particular até o final de seus dias.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

Dentre as honrarias que recebeu salientam-se a medalha Anchieta da Câmara Municipal de São Paulo; homenagem especial da Associação Paulista de Medicina e um lauto banquete quando completou 80 anos, organizado por colegas médicos, amigos e pacientes.

Oscar Monteiro de Barros teve três filhos: Oscar Thomas Monteiro de Barros, Lúcia Nair Monteiro de Barros Maciel, viúva de Péricles Maciel, médico; e Renato Rodrigo Monteiro de Barros. Teve sete netos, dois dos quais médicos, como o pai, avô e bisavô: Rui Monteiro de Barros Maciel, que foi professor titular de endocrinologia da Escola Paulista de Medicina; e Flávio Monteiro de Barros Maciel, pós-graduado em reumatologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e professor do Departamento de Medicina da FCMSC – SP.

Oscar Monteiro de Barros além de líder da classe médica era extremamente bondoso para com seus pacientes, exercendo seu mister com muito humanismo.

Carlos da Silva Lacaz³, seu biógrafo, refere que ele era “carinhosamente chamado pelos seus colegas de ‘Oscarzinho’, e que sabia como poucos exercer a sua arte. Tornava-se logo benquisto pelo doente. Era o verdadeiro médico de família, clínico renomado, querido e admirado pelos colegas”.

Oscar Monteiro de Barros faleceu em plena atividade profissional em 29 de março de 1978, com 83 anos, vítima de acidente automobilístico, quando voltava para casa depois de atendimento noturno de um paciente.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 69 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e com uma rua no bairro de Vila Suzana, na cidade de São Paulo.

³ Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Cadeira nº 70 – Patrono

João Vicente Torres Homem 1837-1887



Helio Begliomini¹

João Vicente Torres Homem, ou barão de Torres Homem, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 23 de novembro de 1837. Era um dos sete filhos do médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dr. Joaquim Vicente Torres Homem, e de Bernarda Angélica dos Santos Torres².

Seu pai ingressou em 24 de julho de 1830 na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro; posteriormente Academia Imperial de Medicina e, hoje, Academia Nacional de Medicina, presidindo a instituição no quarto trimestre de 1932.

João Vicente Torres Homem terminou seus estudos secundários em colégios particulares em 1852 e matriculou-se logo no ano seguinte na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde foi aluno de seu pai, Joaquim Vicente Torres Homem, então professor da cadeira de química mineral e mineralogia. Doutorou-se em medicina em 25 de novembro de 1858, pouco antes do falecimento de seu pai, apresentando, nessa ocasião, a tese intitulada **Água, Quais os Corpos que a Tornam Impura e a Maneira de Reconhecer Estes Corpos; Dos Sinais Racionais da Prenhez e seu Valor Relativo; Hemoptises: Suas Causas, Sinais, Diagnóstico, Prognóstico e Tratamento; Raiva ou Hidrofobia.**

Ainda como acadêmico foi discípulo de Manoel de Valladão Pimentel, barão de Petrópolis, amigo de seu pai e eminente professor de clínica médica, com quem viria trabalhar em 1858 na enfermaria de Nossa Senhora da Conceição. Nesse mesmo ano foi interno-residente no Hospital Militar da Guarnição da Corte.

Logo após sua formatura, João Vicente Torres Homem iniciou-se na prática da medicina, clinicando no consultório que seu pai lhe deixara, na Rua do Rosário nº 47 – 2ª andar, sendo um dos mais prestigiados na cidade.

No ano de 1860 concorreu ao lugar de opositor da secção de ciências médicas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo aprovado com a apresentação da **Dissertação sobre a Coqueluche** e nomeado em 4 de julho daquele ano.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Era neto por parte paterna de Vicente de Torres Homem e de Francisca Gomes Moreira, e por parte materna de João Lopes dos Santos e Angélica Teodora dos Santos, e sobrinho de Francisco de Salles Torres Homem (Visconde de Inhomirim), figura destacada no cenário da política no Império brasileiro.

Em 1865 se inscreveu para novo concurso para o lugar de lente da cadeira de higiene e história da medicina, apresentando a tese intitulada **Do Aclimatamento**, porém, o primeiro lugar foi conferido a Antonio Correia de Souza Costa.

João Vicente Torres Homem foi médico adjunto no Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro de 1860 até 1877, quando passou a ser facultativo clínico da secção médica, função exercida até seu falecimento em 1887. Em 1861 tornou-se chefe da clínica interna e, em 1864, foi novamente chefe de clínica.

Em 1862, com Matheus Alves de Andrade, Antonio Correia de Souza Costa e Francisco Pinheiro Guimarães, fundou a Gazeta Médica do Rio de Janeiro, que é considerado o primeiro periódico médico não oficial, ou seja, não vinculado à Academia Imperial de Medicina, conseguindo-se manter de forma regular por um bom período.

João Vicente Torres Homem foi redator e colaborador do periódico, tendo apresentado como artigo de estreia um texto crítico intitulado “O Relatório do Gabinete Estatístico Médico-Cirúrgico do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e das Enfermarias Públicas”.

Ainda escreveu dezenas de artigos em vários outros periódicos médicos, tais como: Revista Médica Fluminense, Annaes Brasilienses de Medicina, Revista do Ate-neu Acadêmico, Archivo de Medicina Brasileira, Progresso Médico, Gazeta dos Hospitais, União Acadêmica, Revista dos Cursos Teóricos e Práticos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Brasil Médico.

Ingressou como membro titular da Academia Imperial de Medicina em 7 de dezembro de 1863, com a apresentação da memória intitulada **Que Papel Representa o Baço na Economia Animal?**, sendo recebido solenemente por Vicente Cândido Figueira de Sabóia e Nicolau Joaquim Moreira. Participou ainda de outras importantes sociedades científicas, nacionais e estrangeiras, como a Real Academia das Ciências de Lisboa e a Sociedade de Higiene de Paris, entre outras”.

Em 1866, candidatou-se à cadeira de clínica interna da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em cujo concurso também participaram Luiz Pientzenauer e José Joaquim da Silva. João Vicente Torres Homem apresentou a dissertação intitulada **Das Sangrias em Geral e em Particular na Pneumonia e na Apoplexia Cerebral; e Três Proposições sobre cada Matéria do Curso Médico**, sendo nomeado catedrático.

Na arte de ensinar, Torres Homem foi professor incomparável. Era no dizer de Armando Valente Júnior “vigoroso e preciso nas suas exposições. Meticuloso no exame dos doentes; possuía senso clínico apurado e pronto raciocínio”.

João Vicente Torres Homem clinicou desde 1863 até seu falecimento na Casa de Saúde de Nossa Senhora da Ajuda, uma das mais conhecidas do Rio de Janeiro no período imperial. Clinicou ainda na Casa de Saúde de São Sebastião e foi também médico consultante da Casa de Saúde de Santa Teresa.

Teve como famosos discípulos – seus alunos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – Francisco de Castro, Francisco de Paula Fajardo, João Carlos Teixeira Brandão e Miguel de Oliveira Couto.

Durante sua carreira destacou-se também na área de higiene pública, sendo reconhecido como higienista. Estudou as febres endêmicas e epidêmicas que assolavam todo o Império, assinalando a existência da esteatose do fígado na febre amarela; a vigência clínica do reumatismo sob a forma visceral; e o enfarte do miocárdio, tratando ainda da morte súbita.

João Vicente Torres Homem tinha grande cultura médica, abordando desde higiene até pediatria. Publicou em 1877 a obra **Estudo Clínico Sobre as Febres do Rio de Janeiro**, adotada amplamente na época, apresentando de forma discriminada e individualizada a febre tifoide e a febre amarela.

Em 1882 publicou o primeiro volume de **Lições de Clínica Médica**, onde descreveu minuciosamente as afecções do aparelho respiratório, tais como pneumonia, asma, enfisema pulmonar, pleuritis, gangrena do pulmão e tuberculose. No segundo volume dessa obra, publicado em 1883, apresentou capítulos referentes ao aparelho circulatório; às doenças orgânicas do coração: pericardite, sínfise do pericárdio, lesões aórticas, nevrose cardíaca e angina do peito. Ele surpreendeu ao tratar da morte súbita na referência à isquemia do coração por obliteração das artérias coronárias. Consignou também assuntos variados de medicina interna, assim como capítulos “Reumatismo Articular” e “Reumatismo Visceral”, onde descreveu de forma pormenorizada as formas de reumatismo, sua sintomatologia e terapêuticas. Demonstrou igualmente nesse volume seu interesse pelo comprometimento musculoesquelético em outras patologias. A publicação do terceiro volume se deu após seu falecimento e por empenho de seu discípulo e assistente, Francisco de Castro, que assim se referiu a essa obra: “Em **Lições de Clínica Médica** se pode auferir a latitude excepcional daquele espírito que ficará como exemplo de um dos mais acabados tipos de adaptação providencial do indivíduo à sua vocação”.

Em 1878 publicou **Lições Sobre as Moléstias do Sistema Nervoso**.

Presidiu, no ano de 1881, uma comissão instituída pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que deu voto contrário à criação de duas cadeiras – clínica e matéria médica homeopáticas – por entender que a homeopatia não era um sistema médico científico.

João Vicente Torres Homem destacou a patologia celular, fundamentando-se nas bases científicas da obra de Rudolf Ludwig Karl Virchow (1821-1902). Para ele, “*com a descoberta da anatomia patológica, a ciência do diagnóstico, com passos de gigantes, fez progressos incalculáveis*”.

Foi agraciado com os títulos de Dignitário da Ordem da Rosa e de Barão de Torres Homem, esse, em 14 de julho de 1887. Foi membro do Conselho do Imperador e Grande do Império.

Torres Homem conservou-se sempre fiel ao princípio hipocrático de que o objetivo maior da medicina é a cura ou o alívio dos sintomas. No dizer do grande clínico e professor paulista, Antonio de Almeida Prado, ele “foi o médico por excelência; o maior médico do Brasil de todos os tempos”.

João Vicente Torres Homem faleceu no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1887, contando com 50 anos. É honrado como patrono da cadeira nº 8 da Seção de Medicina da Academia Nacional de Medicina; patrono da cadeira nº 70 da Academia de Medicina de São Paulo; e patrono da Academia Brasileira de Reumatologia, fundada em 15 de outubro de 1981.

Cadeira nº 71 – Patronesse

Admissão: 1/4/1941

Carlota Pereira de Queiroz
1892-1982



Helio Begliomini¹

Carlota Pereira de Queiroz² nasceu na cidade de São Paulo, em 13 de fevereiro de 1892, sendo seus pais José Pereira de Queiroz e Maria V. de Azevedo Pereira. Era proveniente de uma família abastada de fazendeiros pelo lado paterno e de uma família de políticos pelo lado materno. Entretanto, não se caracterizou pelos seus ascendentes, mas sim, pelo fato de ter sido uma mulher de vanguarda para o seu tempo, não aceitando as limitações infligidas pela sociedade.

Destacou-se como aluna e formou-se professora em 1920, trabalhando desde cedo como inspetora de diversos educandários. Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, mas, no início dos anos de 1920, transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou, em 1926, com a tese **Estudos sobre o Câncer**, monografia galardoada com o Prêmio Miguel Couto.

Dentre os lentes que lhe ensinaram consta a figura proeminente de Miguel Couto. Foi interna da 3ª cadeira de clínica médica e chefe do laboratório de clínica pediátrica, em 1928, como assistente do professor Pinheiro Cintra. Fundou e dirigiu clínicas pediátricas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Em 1929 foi comissionada pelo governo paulista para estudar dietética infantil em centros médicos da Europa. Esteve na Suíça, França e Alemanha fazendo cursos de aperfeiçoamento e trabalhando com médicos célebres como Widal, Abrami, Aubertin, Sergeant, Roussy, Umber, Pende e Artmann, dentre outros.

Respeitadíssima, teve notável atuação durante a Revolução Constitucionalista de 1932, quando o estado de São Paulo rebelou-se contra o governo provisório de Getúlio

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Seu sobrenome “Queiroz” foi encontrado também com “s” (Queirós), optando-se pela grafia com “z” (Queiroz), que se encontra no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), assim como na capa dos dois livros que escreveu.

Vargas³ (Figura 2). Junto com a Cruz Vermelha Paulista organizou um grupo de 700 mulheres no “Departamento de Assistência aos Feridos”, além de dirigir a “Oficina de Costura”, trabalhos que, além de lhe ter despertado para a vida pública, deram-lhe visibilidade e garantias de uma vaga na Assembleia Nacional Constituinte de 1934. Em novembro de 1932 fez parte da comissão que foi ao Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, para buscar os últimos prisioneiros constitucionistas que ainda estavam internados.



Figura 2 – Carlota Pereira de Queiroz posando à frente de um cartaz relativo a Revolução Constitucionalista de 1932.

Carlota Pereira de Queiroz foi a primeira deputada federal da história do Brasil, eleita pelo estado de São Paulo, no sufrágio de 3 de maio em 1933, para uma das 254 cadeiras da Câmara dos Deputados à Assembleia Nacional Constituinte de 1934 (Figuras 3 e 4). Fez a voz e os anseios femininos serem ouvidos no Congresso Nacional, participando da Constituinte que substituiu a Constituição da República Velha⁴.

Eis um excerto de seu histórico discurso pronunciado em 13 de março de 1934 (Figura 5): *“Além de representante feminina, única nesta Assembleia, sou, como todos os que aqui se encontram, uma brasileira, integrada nos destinos do seu país e identificada para sempre com os seus problemas. (...) Acolhe-nos, sempre, um ambiente amigo. Esta é a impressão que me deixa o convívio desta Casa. Nem um só momento me senti na presença de adversários. Porque nós, mulheres, precisamos ter sempre em mente que foi por decisão dos homens que nos foi concedido o direito de voto. E, se assim nos tratam eles hoje, é porque a mulher brasileira já demonstrou o quanto vale e o que é capaz de*

3 Ao assumir o governo, Getúlio Vargas não só desalojou do poder Washington Luiz como dissolveu o Senado, a Câmara Federal e destituiu os governadores estaduais. As elites afastadas do poder passaram então a reivindicar uma Assembleia Constituinte como etapa necessária para o retorno do país à ordem jurídica.

Em fevereiro de 1932, Getúlio Vargas decretou uma Lei Eleitoral que convocava eleições para uma Assembleia Constituinte no ano seguinte. Essa lei instituiu importantes novidades como o voto secreto, a Justiça Eleitoral (com o objetivo de coibir os abusos tão frequentes na República Velha) e a extensão do voto para as mulheres. A Revolução de julho de 1932 – realizada em nome da Constituinte e em parte motivada pela descrença de que a Lei Eleitoral fosse cumprida – interrompeu momentaneamente o processo eleitoral, que acabou sendo marcado para maio de 1933.

4 Até então o Brasil conhecera em sua história duas Assembleias Constituintes. A primeira em 1823 e a segunda em 1890, que deu ao país a Constituição republicana de 1891, estabelecendo as normas legais de funcionamento da República Velha.

fazer pela sua gente. Num momento como este, em que se trata de refazer o arcabouço das nossas leis, era justo, portanto, que ela também fosse chamada a colaborar. (...) Quem observar a evolução da mulher na vida não deixará por certo de compreender esta conquista, resultante da grande evolução industrial que se operou no mundo e que já repercutiu no nosso país. Não há muitos anos, o lar era a unidade produtora da sociedade. Tudo se fabricava ali: o açúcar, o azeite, a farinha, o pão, o tecido. E, como única operária, a mulher nele imperava, empregando todas as suas atividades. Mas, as condições de vida mudaram. As máquinas, a eletricidade, substituindo o trabalho do homem, deram novo aspecto à vida. As condições financeiras da família exigiram da mulher nova adaptação. Através do funcionalismo e da indústria, ela passou a colaborar na esfera econômica. E, o resultado dessa mudança, foi a necessidade que ela sentiu de uma educação mais completa. As moças passaram a estudar nas mesmas escolas que os rapazes, para obter as mesmas oportunidades na vida. E assim foi que ingressaram nas carreiras liberais. Essa nova situação despertou-lhes o interesse pelas questões políticas e administrativas, pelas questões sociais. O lugar que ocupo neste momento nada mais significa, portanto, do que o fruto dessa evolução”.



Figuras 3 e 4 – Carlota Pereira de Queiroz na Câmara dos Deputados durante uma sessão da Assembleia Nacional Constituinte, em 1934.



Figura 5 – Carlota Pereira de Queiroz em 13 de março de 1934, lendo seu discurso no Congresso Nacional, ocasião em que uma voz feminina se fez ouvir pela primeira vez no Parlamento brasileiro.

Como parlamentar e com o seu conhecimento, lutou pela defesa da mulher; pelo fim da miséria e pelos direitos das crianças, sobretudo as abandonadas, trabalhando por melhorias educacionais. Criou o primeiro projeto sobre serviços sociais no Brasil. Na Constituinte, integrou a Comissão de Saúde e Educação, trabalhando pela alfabetização e assistência social. Foi também responsável pela emenda que viabilizou a criação da Casa do Jornaleiro e a criação do laboratório de biologia infantil. Essa iniciativa redundou no primeiro decreto brasileiro que obrigava a destinação de verbas públicas para o atendimento da miséria e de todos os problemas dela derivados. Propôs também a emenda de se institucionalizar o juramento à bandeira para jovens de ambos os sexos. Reivindicou sempre a confiança do país na capacidade da mulher brasileira.

Dinâmica e culta, Carlota Pereira de Queiroz publicou ainda diversos artigos, advogando igualdade social e melhoria no tratamento da mulher brasileira. Após a promulgação da nova Carta Magna, em 1934, elegeu-se novamente para um mandato que exerceu até novembro de 1937, ocasião em que foi instaurado o Estado Novo (1937-1945), em consequência do golpe dado pelo presidente Getúlio Vargas que fechou o Congresso Nacional. Tentou debalde ser reeleita pela União Democrática Nacional⁵ (UDN) nas décadas de 1950 e 1960.

Carlota Pereira de Queiroz sempre exerceu sua profissão. Ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1º de abril de 1941. Pertenceu também à *Association Française pour l'Étude du Cancer*, Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires e se tornou a primeira médica honorária da Academia Nacional de Medicina, ingressando nesse sodalício em 5 de julho de 1942. Em 1950 fundou a Academia Brasileira de Mulheres Médicas, entidade que presidiu durante alguns anos (Figuras 6 e 7).



Figura 6 e 7 – Carlota Pereira de Queiroz em dois momentos diferentes de sua vida: mulher madura à esquerda, e, em idade provecta, à direita.

Destacou-se também como escritora e historiadora publicando as seguintes obras: **Um Fazendeiro Paulista no século XIX** (1965, 205 páginas) e **Vida e Morte de um Capitão-Mor** (1969, 376 páginas).

⁵ A União Democrática Nacional foi um partido político brasileiro fundado em 7 de abril de 1945, frontalmente opoitor às políticas e à figura de Getúlio Vargas e de orientação conservadora.

Carlota Pereira de Queiroz faleceu em sua cidade natal, em 14 de abril de 1982, aos 90 anos. É honrada como patronesse da cadeira nº 71 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. É também homenageada na pauliceia com um monumento na Praça Califórnia (Figura 8), no bairro de Pinheiros, Zona Oeste, além de dar nome a uma avenida no distrito de Socorro, localizado na Zona Sul, e a uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), no distrito Cidade Tiradentes, na Zona Leste. É também honrada com uma rua no bairro Cajuru, na cidade de Curitiba (PR).



Figura 8 – Monumento a Carlota Pereira de Queiroz, médica, professora, historiadora e primeira mulher eleita deputada federal no Brasil.

Cadeira nº 72 – Patrono

Alberto Nupieri
1891-1979



Helio Begliomini¹

Alberto Nupieri nasceu em 8 de setembro de 1891. Era filho de imigrantes italianos vindos da Cabàbria e radicados na capital paulista, no bairro do Brás. De origem humilde, rígido de princípios, lutou muito para se graduar. Para arcar com seus estudos e se manter trabalhava nos Correios. Praticamente não comia e seu almoço era uma média (café com leite). Era tão magro que costumavam chamá-lo de caníço (magrelo). Tinha olhos claros, olhar penetrante e uma densa cabeleira de calabrês.

Nupieri graduou-se na segunda turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, como era denominada na época. Trabalhou na prefeitura dedicando-se à saúde e ao bem-estar da criança. Chegou a idealizar o Grande Conselho da Criança Paulista, aprovado por unanimidade pela Câmara de São Paulo. Fazia parte desse projeto passar o Hospital Menino Jesus à prefeitura para ficar subordinado ao departamento que Nupieri coordenava. Ele criou também um Departamento de Assistência à Infância e Maternidade, que cuidava desde o pré-nupcial, pré-natal, eugenia e puericultura.

Era um visionário e um lutador. Em sua época grassava a sífilis e, em decorrência, defendia a obrigação, por parte da Igreja, de exame pré-nupcial. A ideia não vingou, pois obstaculizava o casamento. Também estudou a legalização do jogo em diversos países. Seu objetivo era fazer com que parte dos prêmios fosse revertida para ações sociais. Também já pensava na criação de creches para as mães trabalhadoras deixarem seus filhos, isso numa época em que não era comum as mulheres trabalharem.

Em 1930 a cidade de São Paulo possuía 1 milhão de habitantes e a classe médica cerca de mil profissionais. Alberto Nupieri vislumbrava uma entidade acessível a todos os médicos que quisessem dela fazer parte. Ele liderou, nesse intento, um grupo formado por Barbosa Corrêa, Potiguar Medeiros, Felipe Figliolini, Oscar Monteiro de Barros², Cesário Mathias, Athayde Pereira, Ernesto Moreira, Belfort

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Oscar Monteiro de Barros presidiu a Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1956-1957, e é o patrono da cadeira nº 69 desse sodalício.

de Matos, Ferraz Alvim e Marcus Lindemberg, dentre outros. Apesar das resistências iniciais, conseguiram apoio de Rubião Meira, prestigiado catedrático de clínica médica da Faculdade de Medicina de São Paulo, e, em dois meses de trabalho, o grupo conseguiu mais de 200 adesões.

Após grande esforço de mobilização da classe médica, em 29 de novembro de 1930, surgiu a Associação Paulista de Medicina, segunda entidade médica do estado de São Paulo, uma vez que o Sindicato dos Médicos de São Paulo, apesar de fundado em 1929, só teve reconhecimento em 29 de maio de 1941. A primeira – Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo –, fundada em 7 de março de 1895 e que, mais tarde, em 1954, se chamaria Academia de Medicina de São Paulo, tinha completado, na época, 35 anos, e albergava apenas 50 médicos que se destacavam na pesquisa científica.

Por tudo o que fez, Alberto Nupieri é reconhecido como o grande protagonista ou o “Pai” da Associação Paulista de Medicina. Na ocasião havia três nomes para a entidade: “Centro Médico de São Paulo”, “Associação Médica e Cirúrgica de São Paulo” e “Associação Paulista de Medicina”, nome esse proposto por Ferraz Alvim e escolhido pelos fundadores.

A primeira gestão da Associação Paulista de Medicina teve como presidente Rubião Meira e como secretário Alberto Nupieri. São suas palavras, anos mais tarde, com relação à entidade que protagonizou: *“A APM foi uma semente lançada numa época de domínio oligárquico da classe. Havia uma única entidade médica que, a despeito dos grandes serviços à classe, conservava a estrutura de sua fundação. Já haviam decorridos mais de 40 anos dessa época e continuava a entidade fechada, pois seus portões só se abriam por ocasião de uma vaga. E havia nepotismo na indicação do novo titular. Foi por isso uma luta ingente a fase inicial da fundação da APM; muita reação, indiferença, combate a toda ideia nova, mas a ideia foi tomando corpo, se consolidando e, sem tardanças, se tornou vitoriosa. A semente de 1930 tornou-se o Jequitibá de agora”.*

Nupieri possuía uma casa na Avenida Nova Cantareira, próximo à Serra, onde reunia colegas e amigos às sextas-feiras. Não era político e não sabia fazer jogo de cintura. Foi idealista e pioneiro da defesa dos direitos do médico. A Ordem dos Médicos do Brasil também foi um sonho dele. O que ele chamava de Ordem era um modelo de fiscalização, de disciplina da profissão, à qual todos os médicos obrigatoriamente deveriam ser inscritos. Na visão dele era uma ferramenta indispensável que criaria um sistema de disciplina da atividade médica. A ideia foi amplamente debatida durante 14 anos. Críticos e admiradores se digladiavam em longos debates nos periódicos A Gazeta, Diário da Noite, entre outros.

Em 1944 foram criados os Conselhos Federal e Estadual de Medicina e Nupieri foi distinguido como conselheiro. Em 28 de outubro de 1946, assim era consignado na Tribuna Médica: *“Alberto Nupieri é um nome que sintetiza uma época, uma luta, um ideal. Luta de reivindicações classistas. Idealismo e abnegação próprios dos grandes lutadores. Em 1930, inicia sua fecunda atividade em benefício da classe, lançando a ideia da fundação da Associação Paulista de Medicina (...)”.*

Alberto Nupieri fez inúmeros discursos, conferências e teve diversos artigos publicados na Revista da APM; nos jornais A Gazeta, Diário da Noite e O Estado de S. Paulo.

Em junho de 1961 recebeu o título de sócio benemérito da Associação Paulista de Medicina; em 1962, por ocasião 134^o aniversário da Academia Nacional de Medicina, recebeu o título de sócio efetivo daquele vetusto sodalício; e, em 9 de maio de 1964, recebeu o título de sócio honorário do Sindicato dos Médicos de São Paulo.

Alberto Nupieri faleceu em 1979. No ano seguinte, ano do cinquentenário da APM, recebeu uma homenagem póstuma.

Cadeira nº 73 – Patrono

Georges Arié
1915-1974



Juarez Moraes de Avelar¹

Georges Marcel Joseph Léon Arié, figura das mais ilustres da cirurgia plástica brasileira e mundial, nasceu em São Paulo, aos 9 de janeiro de 1915. Bacharelou-se em ciências e letras pelo Liceu Franco-Brasileiro em 1932 e graduou-se pela Escola Paulista de Medicina em 1940, onde foi o 1º presidente do Departamento de Cancerologia e secretário do Departamento de Cultura Científica do Centro Acadêmico Pereira Barreto.

Foi assistente da cadeira de técnica operatória e cirurgia experimental da Escola Paulista de Medicina de 1941 a 1944; 1º assistente do serviço cirúrgico do eminente professor Antonio Prudente, de 1940 a 1946, quando então, seguindo as trilhas do grande mestre, tomou o rumo definitivo de também lutar contra o câncer, faceta que norteou seus passos até o fim de sua vida.

Daí para frente foi cirurgião da 1ª Clínica de Tumores da Associação Paulista de Combate ao Câncer e chefe do 3º Serviço Cirúrgico do Instituto Central — Hospital Antônio Cândido de Camargo da mesma associação (serviço de mama) desde sua fundação, em 1953, até o seu falecimento.

Em 1947 foi bolsista estagiário da *Foundation Curie* da Universidade de Paris. Exerceu diferentes cargos de importância na Associação Paulista de Combate ao Câncer, além de presidente do Departamento de Cancerologia da Associação Paulista de Medicina e da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Foi também membro e diretor de diferentes sociedades nacionais e internacionais de cirurgia plástica, cancerologia e mastologia. Ministrou inúmeras aulas e palestras e frequentou muitos congressos médico-cirúrgicos brasileiros e mundiais. Publicou vários trabalhos científicos, versando quase todos sobre doenças mamárias benignas e malignas, havendo apresentado sua técnica original de mastoplastia redutora no Congresso Latino-Americano de Cirurgia Plástica de Havana, em 1956, publicada na Revista Latino-Americana de Cirurgia Plástica de janeiro de 1957 – “Tratamento Cirúrgico da Hipertrofia e da Ptose Mamários”, surpreendentemente bem acolhida no Brasil e no exterior.

Em 1970 foi agraciado com a medalha Anchieta pela Câmara Municipal da Cidade de São Paulo como preito de gratidão pelos seus relevantes serviços à coletividade.

¹ Titular da cadeira nº 73 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Georges Arié.

Arié foi um pai extremoso e excelente marido, ótimo médico, magnífico especialista, amigo sincero e dedicado ao bem comum. Atraía todos os seus inúmeros amigos pelo seu permanente bom humor, revelando-se um invejável contador de alegres histórias que exibiam sempre suave conotação crítica de acontecimentos e de pessoas, sem o menor laivo de amargura, despeito ou censura.

Ninguém melhor que Arié apregoou os princípios éticos da cirurgia plástica, sempre se conduzindo rigidamente dentro de seus preceitos. Ninguém melhor que Arié sabia da importância de um diagnóstico bem elaborado para a decisão do tratamento adequado.

A placa e a foto *post-mortem* introduzidas no Instituto Central da Associação Paulista de Combate ao Câncer e na Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, além das centenas de cartas de condolências recebidas por sua esposa, bem demonstram quem foi Arié, falecido repentinamente em 3 de março de 1974, na cidade de São Paulo.

Um mês após sua morte, a Confederação Internacional de Cirurgia Plástica e Reconstructora introduzia, oficialmente, o Prêmio Georges Arié para o melhor trabalho original sobre a especialidade.

A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica criou o Prêmio Georges Arié, que anualmente é outorgado ao melhor trabalho científico sobre mastoplastia, sendo eleito pela Comissão de Prêmios durante o Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica.

Cadeira nº 74 – Patrono Admissão: 7/3/1895

Alberto Seabra
1872-1934

Helio Begliomini¹



Alberto de Melo Seabra nasceu em Tatuí, no dia 5 de fevereiro de 1872. Era filho do coronel Lúcio José Seabra e Ana Carolina de Melo Franco Seabra. Terminou seus estudos primários e secundários em São Paulo e, de maneira brilhantíssima, com apenas quinze anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Na capital da República esteve apenas dois anos, transferindo-se para a Faculdade de Medicina da Bahia e, nessa terra tradicional da oratória brasileira, Seabra teve a honra insigne de ser publicamente consagrado como o mais eloquente orador da velha faculdade.

Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia com 22 anos, em 1894, defendendo a tese **Memória e a Personalidade**, que versou sobre assuntos de psiquiatria. Essa monografia teve larga aceitação, e outros trabalhos sobre a mesma especialidade revelaram sua pujante e fecunda mentalidade, a ponto de, apesar de muito moço ainda, ser indicado pelo grande Franco da Rocha para ser médico do Hospital Juqueri.

Nesse cargo ele não só cumpriu maravilhosamente a sua missão, como ainda contribuiu poderosamente para a expansão e conhecimento da sua especialidade, publicando trabalhos memoráveis na imprensa médica daquela época. Abordou, sempre com o seu estilo desapassionado, sóbrio, elegante, questões as mais complexas, embrenhando-se com pleno conhecimento de causa pelo terreno da criminologia e da patologia mental, firmando-se no cenário científico brasileiro como uma das glórias das mais legítimas.

Alberto Seabra também trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Tornou-se, em 7 de março de 1895, membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Atuou nesse sodalício como tesoureiro na gestão anual entre 1904-1905 sob a presidência de Diogo de Faria²; 1º secretário durante meio mandato anual entre 1905-1906 sob a presi-

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: Alberto de Melo Seabra foi fundador, em 27 de novembro de 1909, da cadeira nº 12 da Academia Paulista de Letras. Nesse sodalício, seu sobrenome “Melo” encontra-se grafado com um só “l”.

2 Diogo Teixeira de Faria é o patrono da cadeira nº 58 da Academia de Medicina de São Paulo.

dência de Rubião Meira³; e vice-presidente na gestão anual entre 1908-1909 sob a presidência de Sylvio Maia.

Angariando sempre novas energias mentais, iniciou-se no estudo da sociologia, e nesse novo setor de trabalho não se sabia mais o que nele admirar, se a independência científica do orador ou sua concepção filosófica que expendia, ou ainda, a eloquência de um Demóstenes e a profundidade enciclopédica de um Comte, líder do positivismo.

Já na vida acadêmica era conhecido pelos seus dotes oratórios, pela cultura e pela inteligência.

O Instituto Pasteur teve em Seabra um dos seus principais iniciadores, ao lado de Arnaldo Vieira de Carvalho, Inácio Cockrane, Bittencourt Rodrigues e outros.

Foi, igualmente, um dos fundadores da Universidade de São Paulo e da Academia Paulista de Letras.

A conversão de Seabra à homeopatia deveu-se à cura de um filho pela terapêutica hahnemanniana, administrada pelos irmãos Manoel e Antonio Murinho Nobre (1908) – ano luz para a homeopatia em São Paulo. Dessa mudança escreveria **Seara de Hahnemann**.

Seabra, na gripe espanhola de 1918, colaborou com as autoridades sanitárias junto ao governo da época, por intermédio da “gripina”. Esse medicamento, conforme testemunho escrito do secretário de saúde da época, pôde salvar milhares de pacientes da morte.

Alberto Seabra escreveu **Higiene e Tratamento Homeopático das Doenças Domésticas** (1972), com várias edições, estilo escorreito, linguagem leve e agradável.

A capacidade intelectual e criativa de Alberto Seabra era enorme e variadíssima. Fazendo-se partidário de Henry George em economia política, publicou um tratado sobre o assunto intitulado **Problemas Sul-Americanos** (1923).

Esculápio na Balança ou **A Superstição dos Remédios** foi seu verdadeiro libelo acusatório à orientação alopatia da época, como fora o “Organon” (1810), de Samuel Hahnemann.

A **Verdade em Medicina** (1909) foi abertamente criticada por Rubião Meira e respondida por Alberto Seabra de forma delicada e conveniente.

Escreveu em diversos jornais, entre os quais O Estado de S. Paulo, “A Platéia”, além de revistas médicas e literárias. No Brasil, foi um dos primeiros cientistas a estudar a obra de Freud.

Seabra também travou na imprensa, particularmente no jornal Correio Paulistano, um debate aberto com Luiz Pereira Barreto, igualmente membro fundador da Academia Paulista de Letras, seu opositor nas doutrinas homeopáticas.

Escreveu **Fenômenos Psíquicos; Animais que Pensam; A Alma e o Subconsciente e O Problema do Além e do Destino**, assuntos teosóficos, espíritas e na esfera do ocultismo; **Versos Áureos de Pitágoras** foram escritos por um Seabra que, apesar do seu multiforme saber, sentia necessidade de algo, necessidade de preencher o vazio que existia dentro de si, algo que lhe refrigerasse a alma. É também de sua lavra a obra **Ensaio do Pan-Americanismo**, em 1923.

³ Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

Alberto Seabra substituiu com muita propriedade nos Cursos de Sociologia o senador Paulo Egídio, seu mestre nessa disciplina.

Mereceu do grande escritor Medeiros de Albuquerque, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, a seguinte frase: “Como o dr. Alberto Seabra escreve bem, com grande clareza. É um prazer lê-lo”.

A morte colheu-o no momento em que se entregava a exaustivo trabalho sobre **A Bíblia de Jesus**. Restam desse estudo alguns capítulos inéditos.

Alberto Seabra faleceu em 11 de agosto de 1934, aos 62 anos de idade.

Cadeira nº 75 – Patrono

Admissão: 1/2/1929

Jairo Ramos
1900-1972



Nelson Roque Paladino¹

Jairo de Almeida Ramos nasceu no ano de 1900. Formou-se na sexta turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1923.

Manteve-se ligado à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, na época em que as disciplinas de clínica, cirurgia e especialidades da Faculdade de Medicina se utilizavam das dependências e enfermarias desse tradicional hospital.

Formado, Jairo Ramos permaneceu no desempenho da clínica médica frequentando a enfermaria do professor Rubião Meira², do qual se tornou assistente. Manteve-se aí em atividade constante até que a Santa Casa inaugurou o Hospital São Luiz Gonzaga, em Jaçanã, especializado em doenças pulmonares, onde atuou juntamente com outros profissionais, tais como Alípio Corrêa Netto³, Eduardo Etzel e Euryclides de Jesus Zerbini⁴. Tornou-se médico adjunto da Santa Casa e participante das atividades desse hospital, tendo sido posteriormente seu diretor clínico.

Exercia atividade profissional em seu consultório e integrou-se como médico auxiliar no Instituto de Higiene de São Paulo.

Jairo Ramos ingressou na Sociedade de Medicina de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo em 1929, entidade que presidiu entre 1939-1940.

Em 1931, já como assistente de clínica médica da Faculdade de Medicina, nas dependências da recém-inaugurada Associação Paulista de Medicina e sob o patrocínio

1 Titular e emérito da cadeira nº 75 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Jairo de Almeida Ramos.

Nota: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Domingos Rubião Alves Meira presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

3 Alípio Corrêa Netto presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse sodalício.

4 Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

nio do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz⁵ (Caoc), realizou um curso de eletrocardiografia clínica em 10 aulas, que, em 1935, transformou-se em livro editado pela Cia. Ed. Nacional.

Em maio de 1931 assinou com cerca de outros 500 participantes um manifesto a respeito da situação política em São Paulo. Em seguida tornou-se livre-docente de clínica médica da Faculdade de Medicina.

Em 1933 ocorreram em São Paulo várias reuniões de médicos, das quais Jairo Ramos sempre participou face aos problemas que se tornaram frequentes não só entre os médicos, como entre aqueles que pretendiam ingressar no curso médico – o número de vagas limitadas e a impossibilidade de médicos que desejavam ingressar no ensino médico.

Jairo Ramos e outros médicos assistentes ou integrantes das várias disciplinas da Faculdade de Medicina resolveram pela criação de uma segunda Escola Médica em São Paulo, que recebeu o nome de Escola Paulista de Medicina (EPM), de acordo com o Manifesto publicado na imprensa em 6 de junho de 1933.

Dessa época até 1965, Jairo Ramos ocupou inúmeros cargos administrativos na EPM, tendo sido o quarto diretor de 1952 a 1954. Foi professor de propedêutica médica de 1933 a 1965, ocasião em que recebeu o título de professor emérito. Criou, em 1951, o Departamento de Clínica Médica, que modificou o ensino e a prática médica para aqueles que já a integravam ou para os que se formavam.

Com todas essas atividades, em 1930, através da ideia do dr. Alberto Nupieri⁶ e por proposta da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina, fundou-se uma Associação Médica: a Associação Paulista de Medicina. Nessa entidade associativa Jairo Ramos também participou ativamente, tendo sido presidente de 1945 a 1952 e de 1955 a 1956.

Em sua gestão, o dr. Fernando Costa, interventor em São Paulo, através de pedido de seu médico particular, dr. Oscar Monteiro de Barros, doou um terreno na Avenida Brigadeiro Luis Antonio. Através de doações particulares de seus associados e empréstimo bancário foi possível construir o prédio que é, hoje, a sua sede própria, inaugurada em 1950.

Em 1948 Jairo Ramos foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Cardiologia, sendo seu presidente de 1955 a 1956. Foi também editor fundador dos Arquivos Brasileiros de Cardiologia de 1948 a 1953. Em 1951 participou da criação da Associação Médica Brasileira e da Revista Brasileira de Medicina e, em 1956, do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Foi também sócio fundador da Associação Brasileira de Escolas Médicas. Em 1957 lançou o livro de **Atualização Terapêutica** com os professores Felício Cintra do Prado⁷ e José Ribeiro do Valle, que já atingiu 198 edições.

Pode-se concluir pelas suas características constantes e jamais modificáveis que o professor Jairo de Almeida Ramos era ríspido, enérgico, autoritário e disciplinador. Faleceu em 1972.

5 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Alberto Nupieri é o patrono da cadeira nº 72 da Academia de Medicina de São Paulo.

7 Felício Cintra do Prado presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1953-1954, e é o patrono da cadeira nº 41 desse sodalício.

Cadeira nº 76 – Patrono Admissão: 15/7/1935

Arnaldo Amado Ferreira
1896-1975



Helio Begliomini¹

Arnaldo Amado Ferreira nasceu na cidade de Teófilo Otoni (MG), em 20 de abril de 1896. Era filho de Júlio Amado Ferreira e de Elisa Claudia Marrey Ferreira. Iniciou o curso primário em sua cidade natal, concluindo-o em São Paulo. Em 1911, aprovado no exame de admissão, ingressou no Ginásio do Estado na capital paulista, bacharelando-se em ciências e letras em 1916, como um dos primeiros alunos de sua turma, e, no mesmo ano, presidiu o Centro Acadêmico 16 de Setembro dessa escola.

Ingressou, em 1917, na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Durante o curso acadêmico foi interno do Laboratório Central da Santa Casa de São Paulo; da 2ª Clínica Cirúrgica; da Assistência Pública de São Paulo; e, por concurso, interno da Clínica Obstétrica e da Clínica Ginecológica. Graduou-se na quinta turma, em 1922, e, em 14 de março de 1923, defendeu sua tese de doutoramento intitulada **Contribuição para o Estudo da Drenagem em Ginecologia**, sendo aprovado com distinção.

Dedicou-se à carreira universitária e, no ano seguinte à sua formatura, precisamente em 11 de junho de 1923, foi nomeado assistente interino da cadeira de terapêutica clínica e arte de formular. Em 20 de dezembro desse mesmo ano passou a ser assistente efetivo da cadeira de medicina legal, sendo pouco tempo depois, por merecimento, nomeado 1º assistente e chefe de laboratório dessa disciplina. Aí galgou diversas posições, obtendo a livre-docência em 1926 e ministrando o curso teórico para os alunos do sexto ano, juntamente com o professor titular, além de chefiar as Seções de Técnica de Laboratório, Imunologia, Identificação Judiciária, Endocrinologia e Clínica da cadeira de medicina legal.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: a foto e a maior parte dos dados aqui consignados foram gentilmente fornecidas pelo dr. Arnaldo Amado Ferreira Filho. Informações complementares foram obtidas no livro “Vultos da Medicina Brasileira”, de Carlos da Silva Lacaz – Volume 4, página 43, 1963, e no jornal O Estado de S. Paulo – edição de 27 de junho de 1975 (sexta-feira), página 21.

Com Flaminio Fávero² realizou e publicou, em 1927, a primeira perícia de investigação de paternidade por tipo sanguíneo A-B-O no continente sul-americano. Prosseguindo suas pesquisas no campo da hematologia forense, foi o introdutor no meio médico-legal e jurídico brasileiro da técnica da investigação da paternidade pelos tipos sanguíneos, utilizando os sistemas M-N, rH-Hr, Lutheran, Keel-Celano, Duffly e Lewis.

Em 1951, juntamente com os professores Zeferino Vaz³ e Jaime Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, integrou a comissão organizadora nomeada pelo Conselho Universitário da USP para a criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP.

Em 1955 prestou concurso para professor adjunto de medicina legal, tendo sido aprovado com distinção e voto de louvor pela comissão julgadora. Regeu, por nove vezes, a cadeira de medicina legal durante os impedimentos do titular, professor Flaminio Fávero, que, após a sua aposentadoria, foi designado pela congregação da FMUSP para ser o professor titular interino da cátedra. Afastou-se definitivamente em maio de 1956, por aposentadoria, após ter dedicado 34 anos de sua vida a essa instituição de ensino. Ademais foi representante dos livre-docentes junto ao Conselho Universitário da FMUSP de 1941 a 1956.

Arnaldo Amado Ferreira dedicou-se intensamente ao ensino da deontologia médica, tendo publicado inúmeros trabalhos dos quais se destacam: “A Importância do Estudo da Deontologia Médica” e “Aspectos Interessantes da Responsabilidade Legal e Moral do Médico”.

Foi orientador e/ou mentor de diversas teses de doutorado e de livre-docência. Outrossim, participou de inúmeras bancas examinadoras⁴ em concursos de cátedra, livre-docência e doutorado, bem como ministrou cursos de extensão universitária em São Paulo e em outros estados.

Durante sua longa vida profissional foi autor de mais de 5.000 exames, perícias, laudos e pareceres, versando todos os campos da sua especialidade que se encontram reunidos, em ordem cronológica, num total de 30 volumes, na biblioteca do Instituto Oscar Freire da FMUSP.

Em 1957 foi convidado pela Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, sediada em São José dos Campos, para organizar a disciplina de medicina legal, ocupando o cargo de professor titular. Ademais, nessa instituição de ensino foi, por três vezes sucessivas, eleito diretor, como também se tornou simultaneamente, no último mandato, presidente da Fundação Vale-Paraibana de Ensino, entidade que congregava 3.500 alunos de cinco estabelecimentos de ensino superior.

Arnaldo Amado Ferreira, em 1967, atendendo ao pedido da Fundação Lusíada, organizou a Faculdade de Ciências Médicas de Santos (SP), sendo o primeiro diretor e professor de deontologia médica e medicina legal.

2 Flaminio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

3 Zeferino Vaz é o patrono da cadeira nº 84 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 De 1938 a 1964 foi membro de bancas examinadoras de biologia e de língua portuguesa nos exames vestibulares para ingresso na FMUSP.

Foi igualmente um dos fundadores da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (SP) e autor do estudo inicial para a instalação da Faculdade de Medicina do ABC nessa cidade.

Dentre outras das funções exercidas ressaltam-se: diretor do Instituto Oscar Freire⁵ da FMUSP; membro do Conselho Universitário da USP e de sua Comissão de Ensino e Regimento; membro do Conselho de Higiene e Segurança do Trabalho do Estado de São Paulo; secretário geral da 2ª Conferência Latino-Americana de Medicina Legal, Psiquiatria e Neurologia (São Paulo e Rio de Janeiro, 1931); representante da USP, da FMUSP e da Sociedade Paulista de História da Medicina no 1º Congresso Brasileiro de História da Medicina (Rio de Janeiro, 1951); presidente de honra do 1º Congresso do Nordeste Mineiro em comemoração à fundação de Teófilo Otoni (1953); organizador e secretário-geral do 1º Congresso Brasileiro de Medicina Legal comemorativo ao 4º Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo (1954); membro da comissão organizadora das comemorações do 4º Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo; membro da comissão de fundos universitários para pesquisa da USP; presidente do Conselho de Medalhas Pirajá da Silva, Rocha Lima e Vital Brazil⁶; secretário do Conselho de Medalhas Nina Rodrigues e Oscar Freire; presidente da comissão organizadora das comemorações do Centenário de Nascimento de Vital Brazil; representante da USP na abertura do sarcófago do padre Diogo Antônio Feijó para estudos antropológicos⁷; membro, juntamente com os professores Antonio Ferreira de Almeida Júnior⁸ e Joaquim Vieira Filho, da comissão de deontologia da Associação Paulista de Medicina (APM) para a elaboração do projeto do Código de Ética Médica; membro do conselho deliberativo do Departamento de Previdência da APM; membro e relator oficial do Congresso de Higiene Mental de Otawa (Canadá, 1952); Conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo; redator dos Arquivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo; e correspondente da *Excepta Médica* de Amsterdan, Holanda.

Arnaldo Amado Ferreira ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 15 de julho de 1935. Galgou a condição de membro emérito, permanecendo nesse sodalício por 40 anos!

Dentre as entidades de que participou salientam-se: Sociedade Paulista de História da Medicina (presidente); Sociedade de Medicina Legal Brasileira (secretário, presidente e sócio honorário); Academia Brasileira de Medicina Militar (honorário); Academia Nacional de Medicina (correspondente); *International Society of Hematology* (titular, EUA); Sociedade de Biotipologia e Eugenia da Argentina (honorário); Círculo dos Médicos Legistas de Rosário (honorário, Argentina); Instituto da Universidade de Coimbra (Portugal); Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (titular e emérito);

5 Oscar Freire de Carvalho é o patrono da cadeira nº 93 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

7 Os resultados foram publicados pelo dr. Ricardo G. Daunt, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

8 Antonio Ferreira de Almeida Júnior é o patrono da cadeira nº 35 da Academia de Medicina de São Paulo.

Instituto Brasileiro de História da Medicina (correspondente); Sociedade de História da Farmácia e Química do Brasil (honorário); Sociedade Geográfica Brasileira; *The National Geographic Society of Washington* (correspondente, EUA); Centro de Ciências e Letras de Campinas (correspondente); Academia de Letras Mackenzie (SP); Associação dos Médicos Legistas do Estado de São Paulo (honorário); e Associação dos Médicos Legistas do Brasil.

Recebeu os títulos honoríficos universitários de professor emérito da Faculdade de Direito do Vale do Paraíba e da Faculdade de Ciências Médicas de Santos.

Arnaldo Amado Ferreira conquistou pelos seus trabalhos o Prêmio “Oscar Freire de Medicina Legal e Criminologia” – diploma e medalha de ouro – outorgado pela Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, nos anos de 1940⁹, 1946¹⁰, 1950¹¹ e 1955¹²; e o Prêmio “Arnaldo Vieira de Carvalho”¹³ outorgado pela FMUSP, em 1949, pelo seu livro **A Perícia Técnica em Medicina Legal e Criminologia** (1946).

Participou de diversos congressos nacionais e internacionais, tendo escrito cinco livros e 150 trabalhos de investigação científica na sua especialidade em revistas do Brasil e do exterior. Muitas de suas técnicas originais de grande valor na investigação criminal fazem parte do 1º volume do seu livro **Da Técnica Médico-Legal na Investigação Forense** (1962 – dois volumes). Foram utilizadas, com sucesso, em outros países, tendo sido citadas inúmeras vezes por autores estrangeiros como John Glaister da Universidade de Glasgow, Escócia, em várias edições de seu “Compêndio de Medicina Legal”, e por Leopoldo Gomes da Universidade de Valencia, Espanha, no seu livro “Técnica Médico-Legal”.

Além de sua intensa atividade profissional foi um incansável cultor da história, tendo publicado vários trabalhos, tais como: “O Toque Real – A Imposição das Mãos”; “Salerno – Civitas Hipocrática”; “Montpellier e sua Escola de Medicina”; “Claudio Galeno – Médico do 2º Século da Era Cristã”; “O Barão Jean Dominique Larrey – Cirurgião de Napoleão Bonaparte”; “Um Fato Histórico Esclarecido – Considerações Acerca da Morte do Marechal Francisco Solano Lopes”; e “A Morte do Inconfidente Cláudio Manoel da Costa – Morte ou Suicídio” (publicação póstuma).

De acordo com Carlos da Silva Lacaz¹⁴, seu biógrafo, Arnaldo Amado Ferreira foi um dos mais eminentes médicos legistas brasileiros, tendo sido galardoado com o título de professor *honoris causa* de medicina pelo *National College of Toronto-Ontario*

9 Em 1940 foi em decorrência do seu livro **A Investigação Médico-Legal da Paternidade (Legislação, Doutrina e Perícia** (1940).

10 Em 1946 foi em decorrência do seu livro **A Perícia de Sangue e Armas de Fogo** (1946).

11 Em 1950 foi em decorrência do seu livro **Estudos de Técnica Médico-Legal** (1950).

12 Em 1955 foi em decorrência do trabalho original “Reação de Flamínio Fávero para o Diagnóstico Precoce da Prenhez”.

13 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

14 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1962-1963 e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

do Canadá. Dentre outras honrarias recebidas, salientam-se as seguintes condecorações: grande oficial e posteriormente grã-cruz da Ordem do Mérito Médico do Brasil; cavaleiro das Palmas Acadêmicas da França; grã-cruz da Ordem de São Francisco pela Faculdade de Direito da USP; comendador da Ordem Infante D. Henrique; comendador da Ordem São Paulo Apóstolo; grande colar Marechal Rondon da Sociedade Geográfica Brasileira; grande colar do Instituto de Coimbra; colar D. Pedro I do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; colar da Academia Nacional de Medicina, da Sociedade Paulista de História da Medicina e da Academia de História de Farmácia e Química do Brasil; e medalhas Imperatriz Leopoldina, Pirajá da Silva, Marechal Rondon, General Couto Magalhães, Nina Rodrigues, Gaspar Vianna, Vital Brazil, Patriarca da Independência, Oswaldo Cruz¹⁵, Padre Anchieta, Padre Manoel da Nóbrega, José Bonifácio, Alexandre de Gusmão, Pedro Álvares Cabral, MMDC¹⁶ e Combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932; e Arnaldo Vieira de Carvalho outorgada pela FMSUP por serviços prestados à medicina paulista e brasileira.

Arnaldo Amado Ferreira casou-se com Margarida Monteiro de Barros Ferreira e desse conúbio nasceram três filhos: Lygia Ferreira Gonçalves, casada com o dr. Pedro Silveira Gonçalves; Marina Eunice Ferreira Gandra, casada com o dr. Ygar Ribeiro Gandra; e Arnaldo Amado Ferreira Filho, casado com Vera Áurea Bohn Amado Ferreira.

Arnaldo Amado Ferreira faleceu em 26 de junho de 1975, aos 79 anos. Seu corpo foi velado no edifício central da FMUSP e sepultado no Cemitério Gethsemani. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 76 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a duas ruas, respectivamente no bairro de Areia Branca, no município de Santos, e no bairro Vila Sônia, na capital paulista. Ademais, o governo do Estado de São Paulo, através do Projeto de Lei nº 651 de 1979, denominou a Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté de “Doutor Arnaldo Amado Ferreira”. Essa instituição constitui-se num dos mais importantes presídios do estado de São Paulo, destinado principalmente à reclusão e tratamento de criminosos com desvios mentais.

15 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

16 MMDC é o acrônimo pelo qual se tornou conhecido o levante revolucionário paulista, em virtude das iniciais dos nomes dos manifestantes paulistas mortos: Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo.

Cadeira nº 77 – Patrono

José Martins Fontes 1884-1937



Helio Begliomini¹

José Martins Fontes, mais conhecido simplesmente por Martins Fontes, nasceu em Santos, aos 23 de junho de 1884. Era filho do dr. Silvério Martins Fontes e Isabel Martins Fontes.

Os primeiros estudos foram ministrados pelo seu progenitor. Frequentou os principais colégios de seu tempo, entre eles o Colégio Nogueira da Gama, em Jacareí. Mais tarde foi para o Rio de Janeiro, onde estudou no Colégio Alfredo Gomes.

Conhecido carinhosamente pela população santista como “Zezinho Fontes”, começou escrever muito cedo. Aos oito anos de idade, Martins Fontes publicou seus primeiros versos num jornalzinho denominado “A Metralha”, dando os primeiros sinais do grande poeta que iria ser durante sua vida, do qual foram publicados nove números, aos domingos, e cujo cabeçalho, em três cores, era feito por seu avô, o coronel Francisco Martins dos Santos.

Em 1^a de maio de 1892, estreou o moço poeta, recitando um hino a Castro Alves no Centro Socialista, organização marxista-leninista criada por seu pai. Com 16 anos, ele lê uma ode de sua autoria na inauguração do monumento comemorativo ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, levantado próximo à biquinha em São Vicente.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, época em que morava na Pensão da Conceição, no Catete. Após brilhantíssimo curso, formou-se com distinção. Sua tese, **Da Imitação em Síntese**, defendida em 20 de dezembro de 1907, foi um sucesso, tal o número de amigos e colegas que afluíram ao local de arguição. Tornou-se médico sanitaria.

Boêmio, irrequieto, marcava sua presença por onde passava. Poeta primoroso, foi amigo de Olavo Bilac, Coelho Neto, Emílio de Menezes, Goulart de Andrade, Oscar Lopes, Leal de Souza, dentre outros.

Durante o tempo de estudante trabalhou na “Gazeta de Notícias”, em “O País” e em outros órgãos da imprensa carioca. Enquanto aluno de medicina foi interno da Santa Casa do Rio de Janeiro e auxiliar de Oswaldo Cruz na campanha de saneamento do Rio de Janeiro (1910).

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

Simple e afável nas maneiras, tratava a todos com a jovialidade e fidalguia que o tornaram popular. Possuidor de uma delicada sensibilidade e de uma esmerada educação, sabia fazer de cada criatura que encontrasse um admirador exaltado de suas qualidades de poeta, médico e ser humano.

Depois de formado foi médico da comissão das obras do Alto Acre. Voltou, em 1911, para sua terra natal que ele tanto amava. Aí trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de Santos como fisiologista; na Beneficência Portuguesa da mesma cidade; como inspetor sanitário do Estado; delegado de saúde e diretor do Serviço Sanitário.

De simpatia irradiante, era sempre cercado pelos seus colegas, pois a prosa do poeta era sempre disputada. Paulo Fraletti em “Vocação Hipocrática” (1966) conta-nos que, certa feita, surpreenderam-no no pátio da Santa Casa de Santos, cercado de mulheres magras e doentias, apertando no peito seus filhos maltrapilhos e famintos. Mulheres que iam buscar leite pago com a exibição da miséria em que viviam seus rebentos. Leite que, pouco, não chegava para todos. E Martins Fontes nervoso, colérico, apoplético, de braços abertos para o céu, exclamava: *Deus! Ó Deus! Se existis, porque ao me fazeres médico e poeta, duas inutilidades absolutas, não me fizestes uma vaca holandesa e de úberes fartos?*

Martins Fontes também foi médico das seguintes entidades: Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio; Companhia de Segurança Industrial; Companhia Brasil e Casa de Saúde de Santos.

Em 1914, mudou-se para Paris e lá fundou, com Olavo Bilac, uma Agência Americana para serviços de propaganda dos produtos brasileiros, na Europa e em outros países.

Durante a epidemia de gripe de 1918, tornou-se um dos beneméritos da cidade de Santos, desdobrando-se para socorrer os bairros do Macuco e Campo Grande e estendendo sua ação à localidade de Iguape.

Notabilizou-se como conferencista. Destacado humanista, lutou junto com Oswaldo Cruz² na defesa sanitária de sua cidade. Dois dias por semana dedicava-se por completo ao atendimento, em seu consultório, de pessoas sem poder aquisitivo.

A partir de 1924 tornou-se correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Quando Júlio Prestes, presidente do Estado e candidato à presidência da República, seguiu para a Europa e Estados Unidos, Martins Fontes foi convidado para acompanhá-lo como médico da caravana paulista, fazendo parte da comitiva oficial.

Muito viajado, conheceu o Brasil de norte a sul; a Argentina, Uruguai, Estados Unidos, França, Inglaterra, Espanha, Itália e Portugal.

Foi titular da Academia das Ciências de Lisboa e, ao longo de sua vida, recebeu os títulos de comendador da Ordem de São Tiago da Espada; Ordem de Cavalheiro da Espanha; Par da Inglaterra e Grã-Cruz da Ordem de São Tiago da Espada, conferido pelo presidente da República de Portugal.

Escreveu durante toda sua vida, trabalhando para os jornais: “A Gazeta” e “Diário Popular”, em São Paulo, e para o “Diário de Santos” e o “Cidade de Santos”. Sua obra, bastante volumosa, soma mais de setenta títulos publicados em poesia e prosa, além de algumas de caráter científico.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

Dentre suas publicações destacam-se: **Granada** (poemas, 1899); **Da Imitação em Síntese** (1907), tese de doutoramento; **O Acre**, estudos de higiene rural (1908); **Verão** (versos, 1917 e 1921); **A Dança** (1919); **A Gripe em Iguape** (1920); **A Transformação das Classes Parasitárias em Classes Produtivas** (estudo social, 1920); **Boêmia Galante** (versos, 1920); **Arlequinada** (fantasia funambulesca, 1922); **As Cidades Eternas** (versos, 1923); **Marabá** (versos, 1923); **Prometeu**, também traduzido para o francês (versos, 1924); **Santos** (conferência, 1925); **Pastoral** (versos, 1925); **Partida Para Citera** (teatro, 1925); **Volúpia** (versos, 1925); **Decameron** (contos, 1925); **Vulcão** (1926); **O Céu Verde** (versos, 1926); **Rosicler – Cancioneiro** (versos, 1927); **A Fada Bombom** (versos, 1927); **O Colar Partido** (prosa, 1927); **Poesias** (1928); **Escarlate** (versos, 1928); **Scheherazade** (1929); **A Flauta Encantada** (poesias, 1931); **Terras da Fantasia** (prosa, 1933); **Sombra, Silêncio e Sonho** (1933); **Paulistânia** (poesias épicas, 1934); **Guanabara** (1936); **IFioretti** (1936); “A Meningite Cérebro-Espinhal em Vila Bela”; **A Laranjeira em Flor**; **Contos**; **Segredos Profissionais**; **A Cigarra e a Formiga**; **O Mar**; **A Terra**; **O Céu**; **A Alegria**; **A Cavalaria**; **No Templo e na Oficina**; **Sevilha**; **No Rosal das Estrelas**; **Nós, As Abelhas**; **Fantástica**; **Teatro**; **Sol das Almas**; **Canções do Meu Vergel** e **Tataoca** (cerâmica brasileira).

Suas obras póstumas são: **Indaiá** (poesias, 1937); **A Canção de Ariel** (poesias, 1938); **Nos Jardins de Augusto Comte** (poesias, 1938) e **Calendário Positivista** (poesias, 1938).

Martins Fontes faleceu em Santos, aos 25 de junho de 1937, com 53 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério de Paquetá, na mesma cidade.

O jornal “A Tribuna” de Santos, quando de sua morte, publicou, entre outras, estas palavras de homenagem: “A cidade de Santos vestiu-se de luto, porque acaba de desaparecer aquele que, na verdade, era o Sol da nossa terra” – Archimedes Bava. “Neste momento, só posso render ao meu queridíssimo Fontes a homenagem do silêncio” – Galeão Coutinho.

Devido à importância de sua obra, foi escolhido *post-mortem* para ser o patrono da cadeira nº 26 da Academia Paulista de Letras e para patrono da cadeira nº 77 da Academia de Medicina de São Paulo.

Na cidade de São Paulo seu nome é também honrado numa rua e na Escola Municipal de Educação Infantil Martins Fontes (primeiro e segundo grau); e, na cidade de Santos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martins Fontes.

Cadeira nº 78 – Patrono

Duílio Crispim Farina 1921-2003



Helio Begliomini¹

Duílio Crispim Farina nasceu na Ladeira Porto Geral, no centro da cidade de São Paulo, em 9 de dezembro de 1921. Veio ao mundo na casa de sua tia dona Maria Piza de Azevedo, entre as proximidades da antiga Casa de Tibiriçá e o Pátio do Colégio. Estudou no Externato Avenida Angélica. Foi admitido em 6º lugar, mediante concurso, no ginásio do Estado de São Paulo (1935-1939), onde se formou em 2º lugar. Prestou concurso no Colégio Universitário, em 1940, onde estudou por dois anos. Em 1942 foi aprovado para ingresso na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), concluindo o curso médico em 1947.

Foi 1º secretário e presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, respectivamente em 1944 e 1946. Representou os alunos da Faculdade de Medicina da USP e da Faculdade de Higiene e Saúde Pública junto à União dos Estudantes do Brasil.

Foi redator-chefe do jornal universitário “O Bisturi” (1942-1946); orador “cincoentenário”, representando os ex-presidentes do centro Acadêmico Oswaldo Cruz (1963); acadêmico por concurso (1º lugar) em obstetrícia e ginecologia da Casa Maternal e da Infância da Legião Brasileira de Assistência (LBA), em 1946. Igualmente, como doutorando, obteve o 1º lugar e o prêmio LBA (medalha de ouro e diploma), em 1947. Foi médico interno por concurso (1º lugar) da LBA onde residiu em 1948. Desempenhou nessa instituição os seguintes cargos: assistente concursado (1949); 1º assistente do serviço (1949-1975) e chefe do plantão substituto (1949-1956 e 1969-1975).

Atuou como obstetra e ginecologista em vários hospitais, destacando-se: Pró-Matre (1948-1956); Maternidade São Paulo (1948-1971); Maternidade Matarazzo (1950-1963); Maternidade do Hospital Samaritano (1967-1971); Maternidade do Hospital Albert Einstein (1970-1976); Hospital São Camilo (1967-1969) e Maternidade do Serviço Paulista de Pronto-Socorro (1948-1964). Nessa instituição foi plantonista, interno, residente, chefe de plantão e diretor, englobando serviços de emergência, cirurgia, ginecologia e obstetrícia.

Foi membro das equipes dos professores Waldemar Souza Rudge (1947-1953); Antonio Rodrigues Bahia (1947-1964) e João Sampaio Góes Júnior (1967-1973).

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Fez cursos de extensão universitária em obstetrícia e ginecologia na Faculdade de Medicina da USP, na Faculdade de Medicina da Santa Casa, na Legião Brasileira de Assistência (LBA) de São Paulo e na Academia de Medicina de São Paulo.

Realizou cerca de 25 cursos de aperfeiçoamento médico em Portugal, França, Itália, Inglaterra e Suíça; três cursos culturais na USP, curso de Psicologia Médica e o curso da Escola Superior de Guerra (1970).

Estagiou nas seguintes universidades: São Tiago de Compostela, Oviedo, Madrid, Alcalá de Herrerres e Sorbone (Paris).

Atuou como ginecologista e obstetra ativamente durante 45 anos, tendo feito mais de dez mil partos e cinco mil cirurgias ginecológicas!

É autor de vários trabalhos sobre obstetrícia publicados em revistas especializadas.

Duílio Crispim Farina ocupou muitos cargos e diversas funções, destacando-se as seguintes: presidente da Comissão de Oncologia do Estado de São Paulo (1970-1980); diretor do serviço de Prevenção do Câncer do Hospital São Camilo (1969-1972), diretor vice-presidente (1969-1973) e presidente (1974) do Instituto Brasileiro de Pesquisas de Obstetrícia e Ginecologia; diretor social da Associação Paulista de Medicina - APM (1975-1977); presidente do departamento cultural da APM (1975-1982); vice-presidente da Sociedade Amigos da Arte - Sociarte (1967); orador da Sociedade Paulista de História da Medicina; vogal da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos - Sbem - Regional de São Paulo (1976); ex-presidente da Sbem Nacional (1978 - março de 1979); diretor do jornal (quinzenal) da Associação Paulista de Medicina (APM); responsável pelos "Destques Culturais" do Jornal da APM; responsável pela secção "Cultura Geral Médica" da revista da Maternidade e Infância da LBA; criador e diretor do Suplemento Cultural da Revista da APM.

Duílio Crispim Farina foi idealizador e grande batalhador pelo acervo da biblioteca da APM, que desde 1984 leva o seu nome em homenagem ao seu profícuo trabalho. Nela reúnem-se milhares de volumes incluindo teses, monografias, vetustos livros e raras coleções.

Foi também presidente da Academia Cristã de Letras (1984-1985); idealizador, organizador e presidente da Academia Hispânico-Brasileira de Ciências, Artes e Letras; delegado da Faculdade de Medicina da USP junto à Fundação Goulbenkian, em Lisboa; membro da comissão de Instalação do Museu da Faculdade de Medicina da USP; orador do clube dos 21 Irmãos Amigos (1980-1982 e 1982-1984) e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; presidente da Academia Paulista de História e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Ministrou diversas aulas, palestras e conferências em vários hospitais de ensino, instituições médicas e culturais, Rotary Clube São Paulo, regionais interioranas da APM e universidades, incluindo a da USP, a de Coimbra e Lisboa. Fez diversos discursos homenageando mais de 13 personalidades recipiendárias de entidades a que pertence, tais como: Academia Cristã de Letras, Clube dos 21 Irmãos Amigos e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Pertenceu a diversas associações, entre elas: Associação Paulista de Medicina; Associação Médica Brasileira; Colégio Internacional de Cirurgiões; Sociedade Brasileira de Mastologia; Sociedade Paulista de História da Medicina; Sociedade Brasileira de Es-

critores Médicos; Sociedade Internacional de História da Medicina (Paris); Pen Club de São Paulo; Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, tendo como patrono Diogo de Toledo Lara Ordonhes; Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; Academia Cristã de Letras, tendo como patrono São Lucas e como seu predecessor Eurico Branco Ribeiro; Sociedade Franco-Brasileira de Medicina; Instituto Genealógico Brasileiro; Academia Paulista de História, cadeira número 11, tendo como patrono frei Gaspar da Madre de Deus e como seu predecessor Luiz Arrobas Martins; Clube dos 21 Irmãos Amigos; Instituto Luso-Brasileiro de História da Medicina; Academia Mineira de Letras; Academia Paranaense de Letras; Academia Lusíada e Academia Paulista de Letras.

Recebeu as seguintes condecorações: “Imperatriz Leopoldina” do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; “Oswaldo Cruz” do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP; “Rondon” da Sociedade Geográfica Brasileira; “Mérito Médico do Paraná”; “Colar Dom Pedro I”; medalha “Dom Pedro II”; medalha do “Instituto Paranaense de História da Medicina”; medalha “Picanço” do Instituto Brasileiro de História da Medicina; condecoração “Nosmina Gratitudinis” do Laboratório de Medicina Nuclear da USP; colar “Pedro Taques” e medalha “Silva Leme” do Instituto Genealógico Brasileiro.

Duílio Crispim Farina era possuidor das seguintes coleções: Louça Brasonada – Brasil e Portugal; Louça Histórica do Brasil e Portugal; Cristais Históricos de Brasil e Portugal; Medalhas Imperiais (1º e 2º Império); Imagens Religiosas do Brasil Colonial, Numismática e Filatelia; Pintura Acadêmica Histórica sobre São Paulo, Brasil e Portugal (200 quadros) e peças e livros relativos à Faculdade de Medicina de São Paulo.

Sua coleção de louças e cristais históricos foi mostrada dezenas de vezes em Exposições Nacionais, Estaduais, no IV Centenário de São Paulo (Instituto Histórico), com relação de peças no Catálogo das Comemorações de José Bonifácio, o Moço, Velho Brasil, Barroco no Brasil etc.

Ademais, sua farta biblioteca reunia livros referentes aos seguintes segmentos culturais: Brasileira – 7000 volumes sobre o Brasil; Portugalia – 2000 volumes sobre Portugal; Ibérica – 1000 volumes sobre a Espanha; e História da Medicina – 500 volumes.

Duílio Crispim Farina foi inquebrantável pesquisador e indefesso escritor. Publicou mais de 500 artigos no Brasil e no exterior, sobretudo na modalidade de ensaio onde harmoniza sincronicamente sua tenacidade investigativa com a nimiedade de sua cultura, erudição e prolífica atuação literária.

Seus livros enfocam sobremaneira a cultura, a história e a história da medicina. Publicou as seguintes obras: **História da Medicina em São Paulo – Medicina na Vila de Piratininga**; **História da Medicina em Portugal**; **História da Faculdade de Medicina de São Paulo**; **Ensaio Portugueses (Dinastia de Borgonha)**; **História de Uma Família Goda de 500 a 1970**; **Medicina e Doença na História de Portugal**; **Médicos Portugueses Além-Fronteiras**; **Físicos, Cirurgiões-Mores, Boticas e Misericórdias na História de São Paulo**; **Memórias e Tradições na Casa de Arnaldo**; **Esculápios Portugueses das Sete Partidas (1979)**; **Medicina, Doença e Morte na Casa de Bragança (Ramo do Brasil)**; **Medicina no Planalto de Piratininga (1981)**; **Piratininga em Tempos Idos (1990)**; **Candido Fontoura: O Homem e sua Obra (1985)**; **Presença da França na Terra Brasilica (1993)**; **Medicina e Doença na História de Portugal**; **Franceses em Chãos do Brasil (1995)**.

Duílio Crispim Farina recebeu as seguintes láureas: prêmio “Arnaldo Vieira de Carvalho” (1973) da Sociedade Paulista de História da Medicina pelo livro **Memórias e tradições na Casa de Arnaldo**; prêmio “José de Almeida Camargo” (1973) da Associação Paulista de Medicina (APM) com o livro **Físicos, Cirurgiões-Mores, Boticas e Misericórdias na História de São Paulo**; prêmio “José Almeida Camargo” (1975) da APM com o livro **Medicina, Doença e Morte na Casa de Bragança (Ramo do Brasil)**; prêmio da associação “Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da USP” (1976) com o livro **Esculápios Portugueses das Sete Partidas**; prêmio “Ulysses Paranhos” (1974) da Sociedade Paulista de História da Medicina com o livro **Medicina e Doença na História de Portugal**; Láurea “Arnaldo Vieira de Carvalho” da Congregação da Faculdade de Medicina da USP (1974) com o livro **Memórias e Tradições na Casa de Arnaldo**; prêmio “José de Almeida Camargo” (1976) da Associação Paulista de Medicina com o livro **Médicos Portugueses Além-Fronteiras**; troféu “Hipócrates” recebido no Congresso Internacional de Escritores Médicos realizado em San Remo (Itália) pela melhor participação com monografias sobre **Alfonso Bovero e Líbero Badaró** (1977).

No dizer de Guido Arturo Palomba, atual diretor do departamento Cultural da APM, Duílio Crispim Farina “tem estilo de escritor castiço e fluente que maneja a língua pátria com a destreza de que só os verdadeiros beletristas sabem os segredos, como consequência natural, acabou galgando a imortalidade”.

Paulo Bonfim, um dos maiores poetas contemporâneos, ao receber Duílio Crispim Farina na Academia Paulista de Letras, assim se expressou: “Curiosa predestinação desta cadeira, a de abrigar quatro ocupantes indômitos e fascinados por nossa gleba! – José Bonifácio de Andrada e Silva, José Feliciano de Oliveira, Menotti Del Picchia e Duílio Crispim Farina”.

“Um fio verde e amarelo urde a tapeçaria desses quatro peregrinos da brasilidade. Nos quatro pugnadores permanece vivo o espírito rebelde dos vinte anos! Cada um procurando a seu modo mudar a fisionomia do mundo com o qual não concordam”.

“Duílio, homem de ação e de sonho, Vossa Excelência coloca o tempero dos cidadãos a serviço das grandes causas. Das lutas estudantis aos dias de hoje, perdura nos gestos de Vossa Excelência o dom de trazer ao mundo destinos e ideias (...). Da Medicina à Literatura, da Literatura à História, da História à Psicologia, da Psicologia ao memoriar, a rosa dos ventos exala o perfume de muitas procuras (...). Herdou dos seus maiores o amor ao combate, filho de cruzado e de navegador, de sertanista e de guerreiro do cotidiano.”

Por fim, Nelson Guimarães Proença, quando presidente da APM, em 1984, ao finalizar uma homenagem a Duílio Crispim Farina, lembrou uma frase de Duílio: *Somos peregrinos da mesma peregrinação*; e alinhavou: “A peregrinação ainda não terminou. Que Deus lhe dê alento para que, peregrino, possa continuar em sua peregrinação”.

Duílio Crispim Farina faleceu na cidade de São Paulo, em 25 de janeiro de 2003, aos 82 anos.

Cadeira nº 79 – Patrono

Joaquim José de Carvalho
1850-1918



Helio Begliomini¹

Joaquim José de Carvalho nasceu no Rio de Janeiro, aos 23 de março de 1850. Era filho de Joaquim José de Carvalho e Francisca de Araujo Leitão Carvalho. Concluiu com brilho o curso completo de humanidades, em Friburgo, e, na cidade do Rio de Janeiro, foi aluno do Barão de H. Von Tautphoeus. Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1866, e terminou o curso em 1872, após defesa da tese intitulada **Questão Médica da Consanguinidade no Matrimônio**.

Ele foi um estudante muito ativo. Apresentou em congresso uma curiosa memória redigida em francês: “*Mes Demieres Études au Paint de l’Asthme*”. Ainda como estudante de medicina, foi redator da “Revista Acadêmica”, colaborador da revista “Aurora” e redator literário do “Diário do Rio de Janeiro”.

Foi interno dos hospitais da corte e durante alguns anos exerceu o cargo de médico-legista do Corpo Militar da Polícia do Rio de Janeiro, antes de entrar em cena, no ensino e na prática, o grande Nina Rodrigues com sua escola. Prestou serviços na epidemia de febre amarela de 1870, contratado pelo consulado italiano. Em 1872, logo após a formatura, trabalhou em Buenos Aires, onde reinava a febre amarela, como auxiliar da Comissão Médica Brasileira.

Raimundo de Menezes, em seu excepcional “Dicionário Literário Brasileiro”, manancial inesgotável de preciosos informes, refere ter ele clinicado em Minas Gerais de 1872 a 1874. Dedicou-se ao magistério, lecionando nos colégios Menezes Vieira, Aquino, Pujol e Amorim Carvalho, sendo seu fundador e o diretor, e Abílio (este do grande Abílio Cesar Borges, Barão de Macaúbas).

Foi redator principal de “A Escola”, revista pedagógica do Rio de Janeiro; elaborou vocabulário extenso de Cosmografia e traduziu as fábulas de Fedro, em verso. Nessa época redigiu os seguintes títulos: “Manual de Filosofia”; “Método de Gramática Analítica” e “Noções Elementares de Geografia do Brasil”. Em 1894, ainda no Rio de Janeiro, redigiu os seguintes artigos: “Primeiras Linhas da História da República no Brasil” e “Oração Fúnebre nas Exéquias Solenes de Floriano Peixoto”.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Por volta de 1895, ele se encontrava em Curitiba, onde prestou concurso para lente catedrático de francês e da história pátria no Ginásio Paranaense e na Escola Normal. Com a tese “Morfologia do Adjetivo”, habilitou-se também para reger a cadeira de Português nesse estabelecimento de ensino. Nessa época foi nomeado professor do Liceu de Artes e Ofícios da capital do Paraná.

Joaquim José de Carvalho, médico devotado e capaz, de um labor incomensurável, em andanças por esses Brasis – Minas, Paraná, antiga Corte, São Paulo, capital e seu interior –, era católico autêntico, místico e romântico, mas objetivo, pleno de êxito em cirurgias de prognóstico reservado para o tempo; idealizador e construtor; intelectual no mais alto senso; figura marcante em seus dias, em sua época. Teve uma vida digna de ser vivida.

Exerceu a medicina vários anos em Avaré (SP). Transferiu residência para a capital paulista onde clinicou, tornando-se extremamente conhecido, principalmente nos meios intelectuais.

Lycurgo de Castro Santos Filho em “Recordação de Joaquim José de Carvalho” (nº 100 da “Revista da Academia Paulista de Letras”, maio de 1982) elucidou aspectos pouco conhecidos da vida e obra de Joaquim José de Carvalho: o verdadeiro ano da formatura, 1871; a tese que defendeu, **Das Alianças Consanguíneas e de sua Influência Sobre o Físico, o Moral e o Intelectual do Homem**; os nomes que adotara: Amorim de Carvalho e Joaquim José de Carvalho Filho (segundo Inocêncio Francisco da Silva, no seu “Dicionário Bibliográfico Português”); a existência de dois opúsculos, **O Sono**, estudo fisiopatológico, conferência em 6 de maio de 1911, e **O Catolicismo na República**, rápido estudo histórico-filosófico, com prefácio datado de Avaré, junho de 1906, impresso em Uberaba, na Tipografia da Livraria Século XX, de Aredio de Souza, editor, ambos existentes na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Rubião Meira, em “Médicos de Outrora”, definiu-o: “de um amálgama de letras, ciência e artes é egregiamente temperado o nosso arquitato. De índole combativa, vive na liça; há sempre alguém se digladiando com ele! Com gesto enfático, anunciou um dia o advento da Academia Paulista de Letras, da qual é pai putativo e secretário perpétuo. Ao influxo de suas ideias a gente sente-se rejuvenescer, embora anoso, conserva-se frescal de corpo e de espírito”.

Joaquim José de Carvalho publicou, em 1909, na “Revista de Ginecologia e Obstetrícia”, “*Ructus Vaginalis*” (sobre flatos vaginais).

Lycurgo denominou Joaquim José de Carvalho, de forma pertinente, como homem de polimorfa cultura, individualidade indomável, persistente e invencível, a quem deve a Academia a sua existência. Antonio Carlos Pacheco e Silva, ao enaltecer o trabalho de Lycurgo, lembrou que Joaquim José de Carvalho iniciou a sua profissão como clínico geral, dedicando-se particularmente às doenças do aparelho respiratório. “Enveredou depois pela medicina legal, figurando entre os pioneiros do Brasil (...). Realizou perícias e emitiu pareceres de maior valia acatados pela nossa Justiça, que o tornaram conhecido em todo o país, numa época em que muito poucos se consagravam ao estudo e à prática da medicina forense”.

José Joaquim de Carvalho, por aonde andou, teve clínica e não pouca. Embora residente em São Paulo ia a Santos semanalmente para dar consultas. Valdomiro Sil-

veira, portador de crise asmática e residente em Santos, assim o descreveu. “Era ele um velho muito alegre, gordo, rosado, de conversa brilhante, ótima criatura”.

Raimundo de Menezes assim descreveu a ideia da fundação da Academia Paulista de Letras: “Numa tarde de julho de 1909, Ulisses Paranhos foi procurado pelo dr. Joaquim José de Carvalho, que sem mais preâmbulos o convidou para auxiliá-lo na tentativa de fundação da Academia Paulista de Letras, que assegurava vitoriosa, porque confiava na sua energia criadora já manifestada na organização do Instituto Pasteur”.

Aureliano Leite foi testemunha ocular dos primeiros passos para a fundação da Academia Paulista de Letras, inaugurada em 5 de outubro de 1909. Descreveu José Joaquim de Carvalho como médico morador da rua Santo Amaro, especialista de hemorroidas ou parteiro, inteligente, amante de polêmicas, grandão, a usar sobrecasaca cinza, e com suíças grisalhas. “Na salinha privativa de jantar do colégio, deram-se algumas reuniões preparatórias a que compareciam Joaquim José de Carvalho, Amadeu Amaral, Ulisses Paranhos, Cláudio de Sousa, Basílio de Magalhães Alberto Faria, Freitas Guimarães etc.” Sem dúvida alguma, recordou: “aos esforços inexecedíveis daquele médico fanfarrão se deve o nascimento da casa que alguns querem que se chame Brasília Machado”.

Carlos Alberto Nunes, médico e homem de letras, humanista na mais alta acepção do termo, elaborou a “Pequena História da Academia Paulista de Letras”, 1909 a 1955, na verdade, minudente ensaio sobre a casa de Joaquim José de Carvalho. Nas páginas a ele dedicadas encontramos um roteiro da vida e da obra do idealizador do cenáculo de Piratininga.

José Joaquim de Carvalho comentou em latim os trabalhos filosóficos do seminarista Lindolfo Esteves: *Dissertatio Circa Animae Naturam* (1906). O erudito Carlos Alberto Nunes enunciou que “praticamente, toda a obra literária do dr. Joaquim José de Carvalho desapareceu da face da terra, apesar do valor desses trabalhos e dos testemunhos irrecusáveis de sua publicação; teses de concurso, memórias para congresso, polêmicas pelos jornais e republicadas sob a forma de livros; compêndios escolares das mais variadas disciplinas: nada disso continuou vivo na memória dos pósteros, nem se conservou nas prateleiras de nossos bibliófilos, é como se não tivessem sido escritos”.

Ainda o sábio mestre Nunes refere também que “na estante acadêmica da Academia Paulista só se encontra um trabalho assinado pelo dr. Carvalho, e isso mesmo na secção de outra cadeira, não a de nº 4, por ele fundada, sob a égide de Miranda de Azevedo, uma introdução de 37 páginas ao livro de versos de Freitas Guimarães, “Fuga das Horas”.

Joaquim José de Carvalho foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Recebeu medalha de 1ª classe dos Beneméritos da Saúde Pública pelo governo italiano; da Promotora da Instrução do Rio; e foi autor de várias obras didáticas e científicas.

Na “Prévia Advertência ao Leitor”, Joaquim José de Carvalho enumerava títulos de suas atividades passadas: *Com Carlos de Laet, com Fausto Barreto, com Lameira e Pacheco, com Alfredo Gomes, com todos esses e alguns outros, que são hoje envelhecidos (menos velhos do que eu) e reputadíssimos mestres, de notória e indiscutível autoridade, fui também pedagogo; li em várias cadeiras dos mais importantes estabelecimentos de*

ensino; fui, em longas séries e por muitos anos, examinador de quase todas as mesas de preparatórios e juiz em concursos entre candidatos ao magistério; fundei colégio meu, redigi revistas pedagógicas e escrevi livros de gramática; fui, por concurso, professor de escolas normais e de institutos secundários; enfim, por prazer e por profissão, ocupei-me acuradamente em estudos filológicos.

Das perorações emanavam dados úteis para o levantar de suas atividades médicas: prática de operações, em 1894, no Paraná, nos dias nefastos da Revolta, quando se achava a serviço do Exército; “enxertos cirúrgicos, pelos quais e com a maior segurança prévia de feliz resultado, soldam-se ossos caninos e outros com ossos humanos” (sic). Vira-as em Niterói, repetira-as no Paraná.

Em outubro de 1905, em Barboza, no Paraná, realizara delicado ato cirúrgico para o tempo: *eu enfrentei um caso clínico em que foi mister amputar o útero, o que fiz com brilhante resultado operatório! É a histerectomia.*

Lembrou o caso em sua clínica, ocorrido em Avaré, fazenda do sr. tenente-coronel A. P. do A. com o italiano M., “*que teve o crânio aberto em duas metades no diâmetro ântero-posterior ou linha fronto-ocipital, colhido acidentalmente por uma serra circular, que movia-se por alto vapor na atividade do engenho. Foi isto em 1905*”. Ao concluir a narração dizia: “*esse homem aí está vivo e curado; e no meu pequeno museu patológico e cirúrgico conservam-se e mostram-se as porções encefálicas que ele perdeu*”.

Ao consultar apontamentos, recordou também um caso de figura grada da imprensa carioca, ferido gravemente, com o ventre retalhado por facadas, em uma festa noturna que, por S. Pedro, aos 29 de junho, faziam os pescadores da Gamboa e Saco de Alferes. Tomou parte ativa no ato cirúrgico, que acarretou a perda de longos segmentos do tubo intestinal. Sabia-o ainda a desfrutar a placidez da idade madura, com vigorosa saúde que lhe dava a regularidade das funções orgânicas.

Católico e crente em Deus, atribuiu que a vida é essencialmente um perpétuo mistério. Demonstrava ser profundo conhecedor de Lamarck e Darwin e do pensamento de Félix Le Dantec, discípulo de Pasteur, e por este enviado para estruturar o Instituto Bacteriológico da Pauliceia.

Conhecedor também dos trabalhos de Pellat, na sala da Sociedade de Geografia, com os tubos de Geissler e Cooker, demonstradores “de que o hidrogênio ainda encerra dois mil elétrons”. Acompanhava, com “o amigo doutíssimo Estevão Leão Bourroul”, as experiências de Burke com o rádio e as possíveis decorrências dos novos tempos do conhecimento científico.

Espiritualista, era conhecedor de Platão e Galeno, Santo Hilário, Santo Irineu e Santo Agostinho, Descartes, Aristóteles, Pitágoras, Tales de Mileto, Joubert, Voltaire, Malebranche, Paul Janet, Maeterlinck e Leibnitz.

Foi fundador da Academia Paulista de Letras, embora nunca tenha sido seu presidente; médico, escritor, grande orador e benemérito católico.

Entre seus escritos, salientaram-se:

1) **Primeiras Linhas da História da República dos Estados Unidos do Brazil** (1889).

2) **O Catolicismo na República** (rápido estudo histórico filosófico). Este escrito foi pela primeira vez publicado, em 1906.

3) **Discurso** de recepção na Academia Paulista de Letras, em resposta à oração do acadêmico Spencer Vampré, na sessão de 15 de agosto de 1910.

4) **Saudação Episcopal**, nas portas do Seminário perante cerca de 25 mil pessoas, estando presente o cardeal Joaquim Arcoverde, em 2 de outubro de 1910. Acompanha-a rara fotografia com o dr. Joaquim José de Carvalho na tribuna, orando entre o cardeal, arcebispos (inclusos Duarte Leopoldo e Silva e D. Silvério Gomes Pimenta, de Mariana) e bispos.

5) **A Litania de Satan**. Escrito sobre Baudelaire, inserto na 1ª página do extinto “Diário São Paulo”, nº 1.735, de 2ª feira, 17 de outubro de 1910.

6) **S. Lucas, 18 de Outubro – À classe Médica. Evocação do Patrono dos Médicos** (1877).

7) **Mortuos Plango!** No “Comércio de São Paulo” em dia de finados (2 de novembro) de 1910.

8) **A Ciência e a Fé no Modernismo**. Conferência proferida em Campinas, a pedido de D. Barreto, Bispo de Pelotas. Nessa conferência aprecia-se a clava do lidador, do polemista habitual, combativo, sempre a defender os postulados que o animam e impulsionam.

9) **“O Médico e a Fé”**. Conferência proferida no Iº Congresso Católico Diocesano de Campinas, em 27 de abril de 1911, na qualidade de secretário perpétuo da Academia Paulista de Letras.

Profliga Renan e Lefèvre e aqueles que entendem “estar o valor dum civilização na razão inversa do fervor religioso”. Proclama as consequências do materialismo científico e das doutrinas de Comte, Darwin, Spencer e Haegel; afirma ter certeza da perenidade do “Sermão da Montanha”. Paladino do consórcio entre a Religião e a Ciência, abomina “o ódio dos homens contra a verdade”, de que nos fala Bossuet. A relembrar Cícero, nas “Tusculanas” que disse ser a medicina “uma criação imediata dos deuses”, Joaquim José de Carvalho entende a medicina um dom da Providência, uma arte digna de Deus.

Inscreveu-se para sempre Joaquim José de Carvalho como insigne esculápio a integrar a missão apostolar do médico com a crença no Deus único: *“eu sou médico, eu estudo e não encontro explicação fora da fé, para esses casos de milagre”*. Assim concluía ao narrar a cura milagrosa de preto, crioulo, moço ainda, de Avaré, que, desenganado pela ciência dos médicos, readquiriu a visão após romaria ao Santuário de Aparecida, onde recebia a divina e prodigiosa graça. Disse: *Bendita religião que arranca os prantos, prantos que dissipam as cegueiras que a ciência declara incuráveis!*

Relatou o seu caso pessoal: um abscesso do rim direito, em Avaré, 1906, em curso insidioso, com ausência de colega operador. Página antológica: *a moléstia fez seu curso danoso, e a morte era a minha perspectiva, entre dores inatáveis, febre consumidora e autointoxicação. Eu estava confessado; minha residência cheia de caridosos amigos que aguardavam o desenlace fatal; e na antecâmara o Vigário Elizário Bueno que espreitava o momento de dar-me a extrema unção. Eu agonizava; e minha mulher, em desesperado transe, ajoelhou-se à beira do meu leito e exalçou um voto!... Oh! divina graça!... O tumor explodiu: eu, que não emitia líquidos, vi sair pus copioso; a agonia dissipou-se em minutos; a vida voltou por milagre; e... aqui me tendes ante vós, com os meus dois rins e sãos!...*

Disse: *“Bendita Religião, em que se ouvem os votos de uma mulher aflita, a Deus o implorando por um marido!...”*

Ao terminar a insuperável palestra, continuou em paráfrases plenas de beleza e alto misticismo: *então se revela esplendorosa a vantagem da diferença entre o médico descrente e o crente: é que todos levamos ao doente o trabalho e o esforço na dedicação profissional, todos levamos o estudo da ciência, e a lição das experiências; mas o crente leva ainda o mais poderoso adminículo da ciência, uma sublime fortaleza interna, um sopro místico da verdade! E pergunto: isto se combate?... isto prejudica o doente, o médico, a sociedade, a civilização, quem quer que seja?...*

Catolicismo, bela, sublime, única Religião verdadeira, amparai-me sempre na virtude da crença, porque só em vosso prestígio tenho encontrado a explicação clara do que por aí nem chego a compreender! Amparai-me, edificante Religião, porque sou Médico e tenho Fé!...

10) **O Médico e a Fé** (sonetos). *Em dois casos de doentes, vê-se claramente/ a postura má do clínico descrente/ e quanto vale ser um médico com Fé.* Quatro sonetos foram recitados no fecho de uma conferência perante o Congresso de Campinas, na noite de 28 de março de 1911.

11) Na manhã de 29 de março de 1911, em Campinas, escreveu soneto dedicado “Aos Eminentes Prelados no Congresso de Campinas”: *Colinas desse Templo, ó Bispos venerados/ sois vós que concentrais augustos predicados/ levitas do Senhor, com divinal unção.*

12) **Monsenhor Dr. Francisco de Paula Rodrigues**, em 3 de julho de 1912, aos 72 anos do Santo Arceidiago de São Paulo, o sublime Padre Chico.

O trabalho publicado parceladamente em três números da “Revista Médica de São Paulo”, meses de agosto (15 e 31) e setembro de 1906, tem sua dissertação contida em 18 páginas.

Registrou o dr. José Joaquim de Carvalho: *no fim de contas, sou, presentemente e realmente um velho esculápio de aldeia, sem ter com quem ao menos de oitava aprender, grande vantagem dos centros cultos e de boa convivência médica, onde a inveja morre aos pés da generosidade; onde não há interesses mesquinhos, que abastardam o caráter, porque todos absorvem-se no interesse comum da ciência; onde a emulação para saber é uma nobre verdade e uma verdade nobre, porque simultaneamente existe, é praticada com dignidade, e por isso estreita e exalta os que praticam-na. Na roça?! Eu sou, pois, um médico da roça, e, por isso testemunho dizendo: Scripsi quod scio; dicant meliora sapientes.*

Raimundo de Menezes assim descreveu seus dias finais: “O dr. Joaquim José começava a fraquejar, pouco saía de casa e a doença não lhe dava tréguas. Alguns meses depois, Ulisses, chamado pela família, foi vê-lo quase agonizando. Não parecia o mesmo. Estendido, magro, lívido, com a frente cercada de cabelos brancos, autêntico cavaleiro de Cervantes, sobre o leito de sofrimento, aguardava a morte. Apertou a mão do amigo e balbuciou palavras de queixa e desalento. Na antemanhã seguinte, entregava a alma ao criador”.

Joaquim José de Carvalho faleceu na capital de São Paulo aos 67 anos, em 28 de janeiro de 1918.

Cadeira nº 80 – Patrono

José Pereira Gomes
1882-1968



Helio Begliomini¹

José Pereira Gomes, também conhecido simplesmente por Pereira Gomes, nasceu em Itapetininga, em 21 de agosto de 1882. Aí estudou na Escola Normal e demonstrou pendor para a poesia. Foi orador de sua turma de jovens professores e exerceu o magistério primário na cidade de São Paulo, entre 1899 e 1903.

Em 1899 fundou “A Jacy”, um jornal literário que posteriormente tornou-se uma revista, onde tinha a colaboração de diversos colegas, destacando-se Amadeu Mendes.

Ingressou na Faculdade Nacional de Medicina na cidade do Rio de Janeiro em 1904, interessando-se pela oftalmologia ainda na condição de acadêmico, tendo sido interno dos professores Abreu Fialho e Rêgo Lopes.

Pereira Gomes era talentoso desenhista, referiu seu biógrafo e também oftalmologista Sylvio de Almeida Toledo. Fez, sob o pseudônimo de “Pego”, numerosas *charges* na revista “Fon-Fon”. Da mesma forma, sob suas mãos foram caricaturados renomados lentes de sua época na Faculdade Nacional de Medicina, tais como Silva Santos, Feijó Júnior, Marcos Cavalcanti, Simões Corrêa, Almeida Magalhães, Miguel Couto, José Martins Teixeira, Paes Leme, Leitão da Cunha, Azevedo Sodré, Abreu Fialho e Pedro Severiano de Magalhães, alcunhado de “Flexão”.

Pereira Gomes manteve contato com diversos escritores, poetas e jornalistas de seu tempo que, aliás, era de grande efervescência intelectual e literária. Tornou-se amigo do médico e afamado poeta paulista Martins Fontes², o qual, posteriormente, diria que ele tinha “alma perfeita de artista”.

Pereira Gomes teve, em 1908, sob a coordenação de Nelson Líbero, o privilégio de participar da embaixada acadêmica que representou o Brasil no I Congresso Latino-Americano de Estudantes em Montevideú, no Uruguai. Em 1909 foi indicado pelo barão do Rio Branco para integrar a delegação de estudantes brasileiros que representaram o país nas comemorações do acordo concernente ao Tratado do “Condomínio da Lagoa Mirim”, lagoa transfronteiriça entre o Brasil e o Uruguai.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 José Martins Fontes é o patrono da cadeira nº 77 da Academia de Medicina de São Paulo.

José Pereira Gomes diplomou-se em medicina em 1909, defendendo a tese de doutoramento intitulada **Estudo Clínico do Reumatismo Tuberculoso Articular**, sendo aprovado com distinção.

Após a sua formatura retornou a Itapetininga, onde lecionou francês na Escola Normal entre 1910 e 1912, ocasião em que era diretor desse estabelecimento o renomado educador Pedro Voss.

Em 1912 transferiu-se para a capital paulista, passando a trabalhar na 1ª Clínica de Olhos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sob a chefia de Euzébio de Queiroz Mattoso. Em 1914 viajou à Europa, tendo como objetivo aprimorar seus conhecimentos oftalmológicos.

Após seu regresso ao Brasil tornou-se assistente da disciplina de oftalmologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1916-1936), instalada em 14 de fevereiro de 1916 e tendo como primeiro professor catedrático João Paulo da Cruz Britto³. Em 1920 tornou-se chefe da 1ª Clínica de Olhos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Em decorrência de suas excepcionais habilidades como cirurgião, seu serviço começou a atrair grande número de estudiosos de sua especialidade.

Novamente seu biógrafo, Sylvio de Almeida Toledo, que lhe dedicou um belo ensaio, refere que “a todos Pereira Gomes paternalmente orientava, fornecendo um tema para estudo ou tese, e colocando à disposição dos interessados sua biblioteca particular, rica em obras de medicina, literatura nacional e alienígena, onde apreciava receber os amigos em ambiente acolhedor. (...). Tinha grande cultura humanística; era autêntico líder a quem foi dado realizar um profícuo trabalho construtivo para o bem da ciência e da cultura”.

Pereira Gomes foi um dos fundadores da escola oftalmológica paulista e mestre invulgar. Juntamente com João Paulo da Cruz Britto e João Penido Burnier, elevou a reputação da oftalmologia paulista, formando numerosos seguidores. Trabalhou ativamente na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo até 1956, lugar que ele considerava o prolongamento de seu próprio lar.

José Pereira Gomes foi membro da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício por dois mandatos anuais não consecutivos, entre 1927-1928 e 1950-1951.

Pereira Gomes também contribuiu ativamente na fundação do “Instituto Padre Chico”, obra de benemerência e auxílio aos cegos paulistas. Em sua primeira gestão à frente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, organizou, em 7 de setembro de 1927, a Semana Oftalmo-Neurológica, ocasião em que pediu recursos para auxílio aos portadores de cegueira, que eram em número cada vez mais crescente e estavam completamente desamparados. Sensibilizaram-se com essa ideia autoridades estaduais, municipais e eclesiásticas, sendo designada pelo então arcebispo de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938), uma comissão de senhoras para a concretização dessa obra, que recebeu doação de terreno em 18 de fevereiro de 1928 e se chamou “Instituto Padre Chico”, em homenagem ao venerando monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, figura eminente do clero paulista, falecido em 21 de junho de 1915.

3 João Paulo da Cruz Britto é o patrono da cadeira nº 27 da Academia de Medicina de São Paulo.

Carlos da Silva Lacaz⁴, seu outro biógrafo que também o sucedeu na presidência da Academia de Medicina de São Paulo (1962-1963), refere que Pereira Gomes era um “médico de probidade impecável, cidadão exemplar, notável oftalmologista e hábil cirurgião especializado. Até 1955 havia operado cerca de 5.000 cataratas durante o período em que exerceu a chefia da 1ª Clínica de Olhos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. (...). Foi, indiscutivelmente, uma das mais expressivas figuras da oftalmologia brasileira”.

José Pereira Gomes faleceu em São Paulo, aos 14 de setembro de 1968, contando com 86 anos de idade. É honrado com a patronímica da cadeira nº 80 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua no bairro Jardim Melinnas, na capital paulista.

4 Carlos da Silva Lacaz presidiu a Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Cadeira nº 81 – Patrono

Adolpho Lutz
1855-1940

Helio Begliomini¹



Adolpho Lutz nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 18 de dezembro de 1855. Era filho de Gustav Lutz e Matilde Oberteuffer.

Os Lutz eram dentre as famílias mais ilustres de Berna, na Suíça. Frederich Bernad Jacob Lutz, avô de Adolpho Lutz, foi médico cirurgião e trabalhou nas campanhas napoleônicas. Tornou-se médico-chefe das tropas em Berna, mantendo-se à frente do Serviço Médico do Exército. Em 1859 foi eleito membro do Conselho de Berna, condição de prestígio na época.

Em 1857, os Lutz voltaram para a Suíça, decisão provavelmente tomada devido à insalubridade do Rio de Janeiro, pois além da febre amarela, que retornava todos os verões, a cidade enfrentou, em 1855, uma grave epidemia de cólera. Contudo, retornaram ao Brasil em 1864, deixando na Suíça os três filhos maiores, a fim de cursarem a escola. Adolpho Lutz, que tinha nessa época nove anos, estava entre eles.

Adolpho Lutz iniciou seus estudos superiores no ano de 1874, tendo obtido o diploma de médico em 1879 e, no ano seguinte, o de doutor em medicina. Frequentou também nesse período outras universidades: esteve em Leipzig (1877-1878), em busca de ensino biológico; estudou em Estrasburgo (1878) e, depois, fez estágio em ginecologia e obstetrícia em Praga. Aos 25 anos doutorou-se com tese sobre **Os Efeitos Terapêuticos do Quebracho**. Enquanto aguardava a defesa da tese trabalhou como assistente interno em um hospital e publicou, nesse período, num periódico de Berna, seu primeiro artigo de medicina, sobre a “Bronquite Fibrinosa”.

Estudou em outras cidades europeias: Viena (1880); em Londres e em Paris (1881) e, nesse mesmo ano, voltou para Berna e, depois, para o Brasil.

Em 1882 tentou se estabelecer em Petrópolis, como clínico, mas acabou optando por Limeira, interior de São Paulo, para onde se mudara a irmã Helena. Conquistou grande reputação e passou a ser chamado a lugares distantes, assim como a ser consultado por pacientes de cidades vizinhas. Durante esse período fez investigações importantes nas áreas de biologia e medicina.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Permaneceu em Limeira até março de 1885 quando foi para Hamburgo, para trabalhar em uma clínica fundada por Paul Gerson Unna, onde ficou por um ano. Sob orientação desse renomado dermatologista fez estudos sobre a morfologia de germes relacionados a doenças dermatológicas, principalmente a lepra.

Regressou ao Brasil em 1886 e retomou a clínica; desta vez na capital paulista e, em 1887, dando continuidade aos seus estudos sobre a lepra, passou uma curta temporada no Hospital de Lázarus na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Neste mesmo ano foi indicado por Unna para ir à Ilha de Molokai, ao leprosário recém-instalado, e aplicar sua terapêutica. Nessa ilha conheceu Amy Marie Gertrude Fowler, enfermeira inglesa voluntária, destacada particularmente pelo destemor com que entrava em contato com os leprosos. Casou-se com Amy Marie Gertrude Fowler em 11 de abril de 1891, numa cerimônia simples, realizada pelo pastor da Igreja da União Central de Honolulu.

Depois disso, Lutz trabalhou por um período na Califórnia (EUA), antes de retornar para o Brasil, em 1892.

Em 18 de março de 1893, a convite do governador do estado, foi nomeado subdiretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo, que, posteriormente, em sua homenagem, viria a ser chamado Instituto Adolfo Lutz².

No Instituto Bacteriológico, a pequena equipe (diretor, subdiretor, três ajudantes e dois serventes) teria de dar conta das várias tarefas: estudo da microscopia e bacteriologia em geral, especialmente com relação à etiologia das epidemias, endemias e epizootias mais comuns no estado; preparo e condicionamento dos produtos necessários à vacinação preventiva e aplicações terapêuticas que se faziam indicadas; e exames microscópicos necessários à elucidação do diagnóstico clínico.

Na verdade, Adolpho Lutz foi a alma, o cérebro e a força de trabalho principal do Instituto Bacteriológico de São Paulo. Nomeado diretor interino em outubro de 1893 e efetivado no cargo somente em 18 de setembro de 1895, exerceu-o por 15 anos.

A cidade de Santos sofreu uma severa epidemia de peste bubônica e Lutz foi trabalhar com outros dois jovens médicos brasileiros, Emílio Ribas³ e Vital Brazil⁴. Lutz e Brazil tornaram-se amigos, sendo que Lutz deu suporte às pesquisas pioneiras de Vital Brazil sobre antídotos de picadas de cobra, contribuindo decisivamente para a criação de outro instituto (Instituto Butantã) em São Paulo, totalmente devotado a essa linha de pesquisa.

Apoiou e incentivou Vital Brazil nas pesquisas sobre ofidismo, inclusive, sendo o idealizador do laço para captura de serpentes, assim como na criação do “Instituto Serumtherápico no Butantã”, onde seriam fabricadas as vacinas e soros contra a peste bubônica e os antiofídicos.

2 Adolpho Lutz, seu prenome oficial (com “ph”) foi mudado para Adolfo (com “f”), em 1940, na inauguração do Instituto Adolfo Lutz, que deu nome ao antigo Instituto Bacteriológico.

3 Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em janeiro de 1893, Adolpho Lutz voltou ao Brasil junto com sua esposa. Decidiram se instalar em São Paulo, onde nasceram seus dois filhos: Bertha Maria Júlia, em 2 de agosto de 1894; e Gualter Adolpho, em 3 de maio de 1903.

Essa vinda para São Paulo deu início a outra fase na trajetória de Lutz, talvez a mais dramática; a de maior sofrimento; a de maior projeção; e a de maior importância para o Brasil.

Ingressou como membro honorário da vetusta Academia Nacional de Medicina em 13 de novembro de 1899.

Em 1902 confirmou as experiências de Walter Reed em relação à febre amarela e sua transmissão pelo mosquito, agente depositário do vírus.

Os surtos de cólera, febre tifoide, disenterias, febre amarela e outras doenças desse período revelaram a importância que a bacteriologia adquiria na saúde pública. Os diagnósticos de Adolpho Lutz e de alguns jovens profissionais que começavam a se destacar estavam caçados em provas laboratoriais inacessíveis à maioria dos médicos. Esses anos estavam repletos de conflitos envolvendo a identificação e, em consequência, a profilaxia e tratamento das doenças nos núcleos urbanos e zona rural.

Lutz era o mais qualificado entre os bacteriologistas brasileiros; com maior experiência; trabalhos publicados e relações com a comunidade científica internacional. Entre os episódios vivenciados por ele, dois foram particularmente rumorosos: o da cólera e o da febre tifoide.

Em 1908, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro no Instituto de Mangueiras, chefiado por Oswaldo Cruz⁵, onde continuou pesquisando até 1940, quando faleceu no dia 6 de outubro, aos 54 anos.

Adolpho Lutz foi o primeiro cientista latino-americano a estudar e confirmar os mecanismos de transmissão da febre amarela pelo *Aedes aegypti*, uma espécie de mosquito que é um reservatório natural e o vetor dessa doença. Lutz também foi o responsável pela identificação da blastomicose sul-americana.

Sua dedicação à saúde pública fez com que participasse de várias expedições pela região do rio São Francisco, Nordeste e Sul do país, a fim de pesquisar doenças e epidemias como a cólera, peste bubônica, febre tifoide, malária, ancilostomíase, esquistossomose, hanseníase e leishmaniose.

Outras de suas maiores realizações foram seu pioneirismo sobre a entomologia médica e as propriedades terapêuticas das plantas brasileiras. Como zoologista, ele descreveu várias espécies de anfíbios e insetos, como o *Anopheles lutzii*, uma espécie de mosquito. Deixou publicados diversos trabalhos sobre sua área de atuação.

Por ocasião do centenário de seu nascimento (1955) foi impresso pelos Correios um selo em sua homenagem (Figura 2).

5 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 2 – Selo impresso em 1955 pelos Correios por ocasião do centenário de nascimento de Adolpho Lutz.

Seu nome também é honrado com a patronímica da cadeira nº 81 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome a três avenidas nas cidades de Santos, Campinas e São José do Rio Preto, e a uma rua na cidade de Santo André.

Cadeira nº 82 – Patrono Admissão: 16/1/1931

Eurico da Silva Bastos
1901-1991

Helio Begliomini¹



Eurico da Silva Bastos nasceu no ano de 1901 e era natural da cidade de Recife (PE). Anos mais tarde diria lembrando suas raízes: *“A influência dominante na minha formação vem do ambiente doméstico onde nasci, todo ele impregnado das figuras queridas dos meus pais. Aí a crença católica e a cultura intelectual ocuparam, juntamente com a intransigência de caráter e o amor ao trabalho, o primeiro plano”*.

Graduou-se em 1924 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando defendeu a tese intitulada **Alterações Hematológicas das Hemorragias Obstétricas**, aprovada com distinção e premiada com a medalha de ouro “Visconde de Saboya”, anualmente conferida ao melhor trabalho sobre ginecologia ou obstetrícia.

Logo em seguida transferiu-se para a cidade de São Paulo, onde iniciou sua atividade profissional como interno do Sanatório Santa Catarina e, posteriormente, no serviço de cirurgia da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Light.

Eurico Bastos era dinâmico, estudioso e organizado, conseguindo em pouco tempo se dedicar de forma brilhante na solução cirúrgica de problemas causados pela tuberculose pulmonar, assim como nas enfermidades do estômago, duodeno, vias biliares, sistema nervoso, além dos relacionados à traumatologia e à endocrinologia. Em sua época destacou-se como um estudioso do pâncreas, publicando diversos estudos que culminaram na monografia **Cirurgia do Pâncreas**, onde reunia os conhecimentos cirúrgicos da literatura médica, até então esparsos.

Em 1936 fez viagem aos Estados Unidos da América, onde visitou os maiores centros de cirurgia daquela nação.

Em 1940, após disputado concurso de provas e títulos, foi nomeado professor catedrático de técnica cirúrgica e cirurgia experimental na Escola de Medicina do Recife (PE), ocasião em que já era livre-docente da mesma disciplina na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Muito provavelmente inscreveu-se no concurso de Recife pelos liames afetivos que tinha com sua terra natal, como uma espécie de homenagem e gratidão. Contudo,

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

havia se identificado profissional, social e culturalmente com São Paulo, cidade que adotara em que se radicara, e onde desenvolvia brilhante carreira universitária.

Com sua tese sobre **Cardiomentopexia de O'Shaughnessy e Enfarte Experimental no Cão** foi aprovado em 21 de dezembro de 1944, no concurso para professor catedrático da disciplina de técnica cirúrgica e cirurgia experimental, tendo como comissão examinadora os professores Benedicto Montenegro² (presidente), Renato Locchi³, Antônio Inácio de Menezes, Rivadavia Versiani Murta de Gusmão e Dante Romanó.

Eurico da Silva Bastos foi paraninfo dos graduandos de 1947 da FMUSP, a primeira turma que o teve como professor da disciplina de técnica cirúrgica e cirurgia experimental. Assim, ele demonstrava que desde os primeiros dias de ensino conquistara seus alunos.

Foi também chefe da 3ª Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas; diretor da FMUSP e presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas (1959-1963). Destacou-se em cursos de extensão universitária; participou de várias bancas examinadoras em concursos de livre-docência e de cátedra em diversas escolas médicas do país; publicou 50 trabalhos científicos e pronunciou muitas conferências. Já foi também considerado por alguns como pioneiro da cirurgia de cabeça e pescoço em nosso meio.

Segundo Duílio Crispim Farina⁴ ele era “autêntico, puro, sincero; senhor de alto poder de comunicação; em suas exposições, conciso e preciso; a tudo se impunha sua personalidade marcante e despreziosa. (...) São Paulo o nidou e o incorporou para sempre em sua História de trabalho, de bondade e de alta medicina...”.

Eurico da Silva Bastos tinha espírito associativo e foi membro da Associação Paulista de Medicina; Sociedade Paulista de História da Medicina; Sociedade de Medicina e Cirurgia de Pernambuco (correspondente); *American College of Surgeons (fellow)*; Academia de Medicina de São Paulo, tendo a honra de presidi-la num mandato anual entre 1959-1960. Da mesma forma foi membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e o primeiro médico de São Paulo a ocupar a presidência dessa renomada entidade (1967-1969).

Alípio Corrêa Netto⁵, que o precedeu 12 anos na presidência da Academia de Medicina de São Paulo (1947-1948) e era seu companheiro de congregação na FMUSP, assim sublinhou a seu respeito: “o esforço, a probidade intelectual, tendo a seu serviço inteligência de escol, abriram-lhe os caminhos do sucesso no exercício da mais fascinante das profissões”.

Eurico da Silva Bastos recebeu, em 1985, do Colégio Brasileiro de Cirurgiões – Capítulo de São Paulo, o prêmio Benedicto Montenegro, destinado àquele que tenha contribuído de maneira inequívoca para o desenvolvimento da cirurgia brasileira.

2 Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

3 Renato Locchi é o patrono da cadeira nº 42 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Duílio Crispim Farina é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Alípio Corrêa Netto é o patrono da cadeira nº 12 da Academia de Medicina de São Paulo.

Para Ernesto Lima Gonçalves⁶, assistente e colaborador de Eurico da Silva Bastos, com quem durante muitos anos privou de permanente convívio, ele era “modesto como só sabem e podem ser os que são verdadeiramente grandes; caráter íntegro e reto associado a uma afabilidade de trato ímpar; inteligência lúcida que lhe permitia abarcar as grandes linhas de problemas, mas também espírito curioso e indagador, sempre em busca dos pormenores; tenaz dedicação ao trabalho e ao estudo, a ele se poderia aplicar a frase com que Rui Barbosa definia seu horário de pesquisa intelectual: ‘nunca o sol nascente ou nado me encontrou adormecido’”. Para aqueles que conviavam com o professor Eurico da Silva Bastos, o aspecto que mais impressionava a sua personalidade era o “espírito profundamente humanitário e cristão com que ele se dedicava a seus doentes, sem consideração de cor, classe social ou de nível econômico”.

Eurico da Silva Bastos após longa e produtiva carreira tornou-se professor emérito da FMUSP. Faleceu em 1991, nonagenário.

Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 82 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e numa escola estadual no município de Itapeverica da Serra (SP) que leva o seu nome.

6 Ernesto Lima Gonçalves foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato bienal entre 1971-1972, e é membro honorário desse sodalício.

Cadeira nº 83 – Patrono

Admissão: 1910

Ovídio Pires de Campos
1884-1950



Helio Begliomini¹

Ovídio Pires de Campos nasceu em Tatuí (SP), em 8 de maio de 1884.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e aí fez os quatro primeiros anos, transferindo-se, posteriormente, para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde graduou-se em 1905. Foi companheiro de estudos, em Salvador, de Celestino Bourroul², Zephirino do Amaral, Enjolras Vampré³, Abílio Martins Castro, João Florêncio Gomes e tantos outros que mais tarde se tornaram expressões ilustres da medicina brasileira.

Iniciou sua carreira em Sorocaba (SP) e aí permaneceu 4 anos. Em 1910 e 1911 residiu na Europa. Em fevereiro de 1914 foi nomeado professor substituto da cadeira de fisiologia da Faculdade de Medicina de São Paulo e, em 1915, professor catedrático. Em 1917 transferiu-se para a cátedra de clínica médica.

Ovídio Pires de Campos, disse Aloysio de Castro, “se deu a conhecer pelas suas obras, na perfeição moral de seu exercício; fiel aos princípios intransgressíveis e imutáveis da medicina”.

Fez escola na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Foram seus discípulos, entre outros, Ernesto de Souza Campos⁴, José de Toledo Mello, Floriano de Almeida, Flamínio Fávero⁵, Franklin de Moura Campos⁶, os irmãos Urbano e Tácito Silveira,

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Celestino Bourroul foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1917-1918 e 1938-1939, e é o patrono da cadeira nº 38 desse sodalício.

3 Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

4 Ernesto de Souza Campos é o patrono da cadeira nº 118 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Flamínio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

6 Franklin de Moura Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1941-1942.

Menotti Sainatti, Armando Valente Júnior, José Silveira Araújo, Reynaldo Chiaverini e tantos outros.

Plínio Barreto, saudoso jornalista, retratando a vida de Ovídio como homem público, referiu ter sido o grande professor “um colaborador constante de todos os movimentos cívicos em que São Paulo se envolveu. Médico de larga clientela, sem necessidades de ordem material, professor numa escola de medicina da qual viria a ser diretor, nunca se fechou, como tantos outros, dentro do seu egoísmo, para se afastar da vida pública que, não sendo tempestuosa, é sempre desagradável. O prestígio de seu nome, nunca recusou a todas as campanhas de feição cívica e patriótica”.

Sucedeu a Arnaldo Vieira de Carvalho⁷, por ocasião de sua morte, na direção da Faculdade de Medicina de São Paulo, contribuindo com o seu devotamento para o progresso dessa grande casa de ensino e de pesquisa. Em todos os cargos que exerceu, sempre o fez com a rigorosa noção do dever.

Trabalhador de uma honestidade intransigente, de invulgar probidade científica, altruísta, Ovídio Pires de Campos foi, no dizer do amigo Zephirino do Amaral, uma “autêntica expressão do verdadeiro sacerdócio médico”.

A Faculdade de Medicina de São Paulo muito lhe deve, principalmente durante o período de formação e de consolidação dessa casa de ensino.

Seu aluno, Carlos da Silva Lacaz⁸, assim se referiu dele: “Na 3ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde o conheci, Ovídio Pires de Campos prestou assinalados serviços. Era sempre pontual em sua chegada, às 8 horas, não tolerando descuidos e delongas prejudiciais ao doente e à marcha de trabalho em seu serviço”.

“Escravo do dever, chegava sempre antes de seus auxiliares, dando elevada prova de assiduidade e devoção ao trabalho”.

“Aluno que fui de Ovídio Pires de Campos, sempre o admirei como professor e como homem, cômico de seus deveres para com a pátria. Em longos anos de professorado, ele serviu e honrou a Faculdade de Medicina de São Paulo”.

Ovídio Pires de Campos foi uma das personalidades médicas de maior relevo. Professor de clínica, apreciava os temas de neurologia e de endocrinologia. Versado na medicina clássica e na medicina moderna, seu nome ficará entre os mais elevados nos anais da medicina paulista.

Em 14 de maio de 1949, Ovídio Pires de Campos foi alvo de grandes manifestações de simpatia da classe médica e da sociedade paulistana por ocasião de seu jubileu professoral.

Galgou os mais altos postos de sua classe, sendo eleito, por dois mandatos anuais não sucessivos, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo (1918-1919 e 1935-1936). Dirigiu, igualmente, a Cruz Vermelha de São Paulo, onde deixou traços marcantes de sua passagem.

7 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

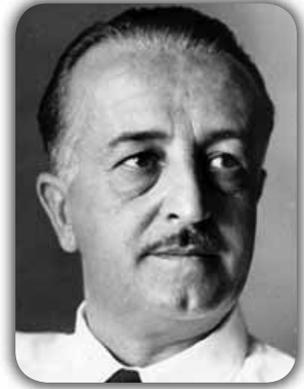
8 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

A vida de Ovídio Pires de Campos, disse com razão Hernani de Campos Seabra, “foi lição e exemplo, padrão de dignidade, sentimento do dever, a que não faltou traço superior do humano. Outra coisa ela não haveria de inspirar, senão respeito, louvor, honra e consideração. Sua escola foi a ciência de ética e de humanismo”.

Ovídio Pires de Campos faleceu em São Paulo, em 3 de julho de 1950, com 66 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 83 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 84 – Patrono

Zeferino Vaz
1908-1981



Helio Begliomini¹

Zeferino Vaz nasceu na cidade de São Paulo, aos 27 de maio de 1908. Cursou o primário e o secundário no Liceu Salesiano Coração de Jesus e no Ginásio Oswaldo Cruz². Gradudou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1932. Especializou-se em parasitologia e doenças parasitárias, biologia, genética e zoologia geral.

Zeferino foi nomeado por concurso para o cargo de professor catedrático de zoologia médica e parasitologia na Faculdade de Medicina Veterinária da USP, onde exerceu o cargo de diretor (1936-1947). Foi também diretor-fundador da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (1951-1964); secretário de Estado da Saúde Pública e Assistência Social (1963); primeiro presidente do Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo (1964-1965); e reitor da Universidade de Brasília (1964-1965). Em 1965 foi designado, pelo governador Ademar Pereira de Barros, presidente da Comissão Organizadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo assumido em 21 de dezembro de 1966 sua reitoria. Conduziu a construção do *campus* da universidade, que hoje leva seu nome, e que teve seu primeiro prédio inaugurado em 1968, posto no qual permaneceu até 1978, quando se aposentou compulsoriamente aos 70 anos. Continuou, entretanto, na presidência da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp) até 1981, quando morreu vítima de problemas coronarianos.

O período de 12 anos em que esteve à frente da universidade foi considerado como o de sua instalação. Seguindo a sua ideologia de que “*para funcionar uma universidade precisava primeiro de homens, segundo de homens, terceiro de homens, depois bibliotecas, depois equipamento e, finalmente, edifícios*”, o professor Zeferino preocupou-se primeiramente com a contratação de pessoas capazes intelectualmente e com impulso de transmitirem conhecimento. Convidou cientistas brasileiros que atuavam nos Estados Unidos da América e na Europa, e trouxe também professores estrangeiros.

Zeferino Vaz contribuiu com denodo para tornar a Unicamp uma das mais produtivas e respeitadas instituições de pesquisa da América Latina.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

Não descuidou, porém, de outros itens, pois se dedicou a construir o *campus* universitário em meio ao canavial que constituía o terreno a ele dedicado e, em 1968, inaugurou nele o primeiro edifício.

Ao final de sua gestão a Unicamp contava com sete institutos, seis faculdades, dois colégios técnicos e dez unidades de serviço; cursos de graduação, de pós-graduação, de especialização e aperfeiçoamento e de extensão.

Na vida acadêmica participou de vários congressos científicos, destacando-se como convidado da IV Conferência Internacional de Educação em Washington. Publicou 65 trabalhos de investigação científica no campo da parasitologia (helminologia) em revistas americanas, inglesas, francesas e brasileiras.

A Unicamp concede, anualmente, o Prêmio de Reconhecimento Zeferino Vaz a docentes ativos que atuam em regime de dedicação exclusiva e que tenham se destacado nas suas funções de docência e pesquisa, visando premiar o desempenho acadêmico excepcional.

Zeferino Vaz faleceu em São Paulo aos 19 de fevereiro de 1981, com 72 anos. Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 84 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; com uma rua no bairro Vila Arapuã da cidade de São Paulo; uma avenida na cidade de Ribeirão Preto (SP) e uma rodovia – a SP 332 – também conhecida por rodovia Campinas-Paulínia, na região metropolitana de Campinas (SP).

Cadeira nº 85 – Patrono

Paulino Watt Longo 1903-1967



Helio Begliomini¹

Paulino Watt Longo, mais conhecido como Paulino Longo, nasceu na cidade de São Paulo, em 7 de junho de 1903. Era filho de José Watt Longo e Rosa Gioso Longo.

Graduou-se, em 1925, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Com a prematura morte do catedrático Enjolras Vampré², em 1938, seus assistentes Adherbal Tolosa³, Paulino Watt Longo e Oswaldo Lange⁴ lutaram para que a escola permanecesse coesa. Juntos permaneceram e juntos decidiram. Adherbal Tolosa conquistou, por concurso, a cátedra de neurologia da FMUSP. Paulino Longo, também por concurso, conquistou em 1938 a cátedra de neurologia da Escola Paulista de Medicina, (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que iniciava seus passos e que, prematuramente, também perdera nesse mesmo ano seu primeiro professor de neurologia, Fausto Guerner.

Paulino Longo foi aprovado com distinção e se dedicou inteiramente à formação de uma escola de especialistas, de onde saíram nomes ilustres que pontificaram no ensino e na prática da neurologia. Por sua iniciativa foi criado o “Instituto de Neurologia e de Neurocirurgia” na Escola Paulista de Medicina.

Da mesma forma, o trio de sucessores de Enjolras Vampré decidiu criar um periódico – Arquivos de Neuropsiquiatria – para “divulgar os frutos do labor científico oriundos da bifurcação que resultou da vitalidade da árvore plantada por Enjolras Vampré”, como escreveram Adherbal Tolosa e Paulino Longo na qualidade de professores catedráticos de neurologia, apresentando o primeiro número da revista.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

3 Adherbal Pinheiro Machado Tolosa foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1960-1961, e é o patrono da cadeira nº 25 desse sodalício.

4 Oswaldo Lange é o patrono da cadeira nº 119 da Academia de Medicina de São Paulo.

Nesse texto escreveram ainda que determinaram unir seus esforços para prestigiar em todos os sentidos a nova publicação, que surgiu sob a direção de Oswaldo Lange, “a cujos esforços e perseverança se deve a transposição de inumeráveis obstáculos iniciais que dificultam, quando não impossibilitam, entre nós, uma realização desta natureza. Foi, sem dúvida, à sua tenacidade, alimentada pela certeza de servir a um elevado ideal, que se deve sua publicação”. Assim, eles vaticinaram o futuro do periódico levando em conta os traços da personalidade do colega dentre eles escolhido e por eles integralmente apoiado para levar avante tão grande empenho.

Como editor, Oswaldo Lange reservou o espaço da revista para contribuições de cunho científico e técnico. Só raramente inseriu matéria de sua autoria. Seus dois companheiros, Longo e Tolosa, são o motivo de dois desses textos. Em 1967 apareceu uma homenagem à memória de Paulino Longo e, em 1969, uma homenagem a Adherbal Tolosa, quando de sua aposentadoria compulsória.

Paulino Longo publicou mais de 250 trabalhos e atuou como relator em diversos eventos neurológicos internacionais, destacando-se o Congresso Internacional de Psicocirurgia em Lisboa, em 1948; o Congresso Internacional de Bruxelas, em 1953, e o Congresso Pan-americano de Neurologia, realizado em Lima, em 1964.

Foi sócio honorário e correspondente de inúmeras sociedades médicas e europeias, além de ter colaborado em diversas revistas da especialidade.

Ao aposentar-se, em fevereiro de 1967, após anos de magistério, recebeu da congregação da Escola Paulista de Medicina o título de professor emérito. Conquistou por essa ocasião honroso prêmio, o de ver seu nome incluído na “Ordem do Mérito Médico”, na classe de Grande Oficial, por decreto do presidente da República.

Paulino Watt Longo faleceu em 16 de setembro de 1967, aos 64 anos, no mesmo ano em que se aposentou.

Em 5 de fevereiro de 1968, o Departamento de Neurologia da EPM prestou ao professor Paulino Longo justas homenagens, tendo o professor Fernando de Oliveira Bastos enaltecido em palavras repassadas de saudade a vida e a obra de seu dileto mestre e amigo. Bastos foi, na realidade, um desses privilegiados que o conheceram de perto, desfrutando de sua companhia por muitos anos desde quando, em 1932, terminava o seu curso médico e já o encontrara como assistente da clínica neurológica e psiquiátrica da FMUSP; depois num contato diuturno de quase 20 anos (1938-1956), quando ele foi diretor da Seção de Moléstias Nervosas e Mentais do velho Instituto Paulista.

Paulino Longo – registra com razão Fernando de Oliveira Bastos – “foi um homem sábio, bom e exemplar, na admiração de que se fez credor, na imensa recordação que nos deixou. Foi também o companheiro certo das horas boas e das horas más. Ele foi, sem nenhuma dúvida e acima de tudo, um grande clínico, e lhe sobravam os requisitos para que o fosse dos melhores, não só pelo lastro de seus conhecimentos, mas por seu espírito humanitário, pela sua natural sociabilidade e pela sua marcante personalidade. Chefe exemplar, se comprazia com o progresso e incentivava seus discípulos, sentindo-se feliz ao vê-los galgar posições ou receber o prêmio de seus esforços. Modestamente se esquivava de aceitar o merecido quinhão que lhe cabia, por ter sido o verdadeiro artífice desses méritos”.

Carlos da Silva Lacaz⁵, seu biógrafo, refere-se que ele foi sempre “uma das mais respeitadas figuras na especialidade da qual era cultor apaixonado desde os bancos acadêmicos. Viveu estudando, ensinando e socorrendo sempre, com a mesma dedicação, a ricos e humildes”.

Paulino Watt Longo é honrado como patrono da cadeira nº 85 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, além de dar nome a um anfiteatro na Faculdade de Medicina da Unifesp.

⁵ Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Cadeira nº 86 – Patrono

Nicolau Pereira de Campos Vergueiro 1851-1924

Helio Begliomini¹

Nicolau Pereira de Campos Vergueiro², mais conhecido por Nicolau Vergueiro, nasceu em 24 de março de 1851, na fazenda Pirituba, na localidade de Faxina, hoje Itapeva (SP). Era filho de Luiz Pereira de Campos Vergueiro e de Balbina Alexandrina da Silva Machado. Seus avôs paternos foram Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e Maria Angélica de Andrade e Vasconcelos. Seus avôs maternos foram o barão João da Silva Machado e Ana Ubaldina do Paraíso Guimarães.

Nicolau Vergueiro seguiu em companhia de dois irmãos para a Alemanha, quando contava com 10 anos. Lá fez estudos primários e secundários, graduando-se em medicina pela Universidade de Berlim (*Universität zu Berlin*), em 1874, onde também realizou cursos de aperfeiçoamento em cirurgia e ginecologia. Colaborou em diversas revistas médicas e jornais da Alemanha, exprimindo-se no idioma germânico com mais facilidade do que em português, aliás, sotaque que não perdeu no seu regresso. Assim foi testemunhado por José Ayres Netto³, em monografia editada em 1951 na Revista de Medicina e Cirurgia de São Paulo⁴ por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de Nicolau Vergueiro: “Saudou-me com simpatia um senhor trajando fraque preto, tez morena, bastos bigodes, cabelos brancos ondedos e sotaque germânico”.

Em seu diploma constavam as assinaturas do príncipe Guilherme, imperador germânico, e de Teodoro Mommsen, o magnífico reitor da Universidade de Berlim.

Regressou ao Brasil aos 26 anos e logo partiu para o Rio de Janeiro, a fim de revalidar seu diploma, feito conseguido com a apresentação da tese **Das Operações dos Pólipos Laringeanos**, trabalho bem acolhido e impresso na Tipografia Acadêmica em 1876.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Teve ascendente homônimo que ficou ligado à história do Brasil durante o 1º Reinado, sendo senador por dez legislaturas consecutivas; integrante da Regência Trina Provisória e assumindo as pastas do Império, Fazenda e Justiça.

3 José Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse sodalício.

4 Volume XI, nº 5.

Nicolau Vergueiro estabeleceu-se em São Paulo e aí se casou com a sorocabana Messias Lopes de Sousa Freire (1861-1949), em 24 de março de 1881, matrimônio que lhes deu 10 filhos⁵. Após seu casamento empreendeu nova viagem à Europa, permanecendo em Viena por aproximadamente dois anos.

Retornou a São Paulo em 1883, ocasião em que um de seus filhos encontrava-se persistentemente adoentado. Indo a Sorocaba e apreciando o clima daquela cidade, teve a ideia de instalar uma casa de saúde destinada a convalescentes. Concretizou seu sonho na chácara São Bento, constituindo-se a primeira instituição no gênero do interior da então província de São Paulo. Este empreendimento deu grande prestígio ao local e atraiu membros de tradicionais famílias da sociedade paulistana, tais como os Silva Prado, Souza Queiróz, Paes de Barros, Silva Rudge, Ribeiro dos Santos, Gama Cerqueira e os Almeida Prado, dentre outros.

Ao lado de Carlos José Botelho⁶, seguidor da escola francesa, Nicolau Vergueiro passou a figurar como um dos cirurgiões mais reconhecidos do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, juntamente com Arnaldo Vieira de Carvalho⁷ e Luiz Pereira Barreto⁸.

À época, na Santa Casa de Misericórdia havia um único pavilhão destinado à cirurgia de homens que a administração dividiu em duas alas: à esquerda era destinado a Carlos José Botelho e, à direita, a Nicolau Vergueiro. Ambos ainda estavam impregnados das ideias e métodos não somente de suas respectivas escolas, mas também das influências da Guerra Franco-Prussiana⁹. Assim, havia uma acirrada disputa entre ambos: Botelho, filho intelectual da França, era ousado e hábil cirurgião. Ope-

5 Os seus filhos foram: Luiz Pereira de Campos Vergueiro (1882-1953); Lúcia Pereira de Campos Vergueiro (1885-?); Alice Pereira de Campos Vergueiro (1886-1969); Olga Pereira de Campos Vergueiro (1887-?); Roberto Pereira de Campos Vergueiro (1892-1937); Nicolau Pereira de Campos Vergueiro Júnior (1899-1950); Affonso Pereira de Campos Vergueiro (?-1939); Inêz Pereira de Campos Vergueiro (?); Horácio Pereira de Campos Vergueiro (1900-1963) e Geraldo Pereira de Campos Vergueiro (1901-?).

6 Carlos José Botelho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu segundo presidente num mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

7 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício. Na verdade, Arnaldo Vieira de Carvalho era bem mais moço que Carlos Botelho e Nicolau Vergueiro, tornando-se discípulo e admirador de ambos, além de ser o aparador de arestas profissionais que existiam entre eles.

8 Luiz Pereira Barreto foi membro fundador e o primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1895-1896, e é o patrono da cadeira nº 1 desse sodalício.

9 A Guerra Franco-Prussiana ou Guerra Franco-Germânica estendeu-se de 19 de julho de 1870 a 10 de maio de 1871. Foi um conflito ocorrido entre a França e o Reino da Prússia no final do século XIX. Durante o conflito, a Prússia recebeu apoio da Confederação da Alemanha do Norte, da qual fazia parte, e dos estados do Baden, Württemberg e Baviera. A vitória incontestável dos alemães marcou o último capítulo da unificação alemã sob o comando de Guilherme I da Prússia. Também marcou a queda de Napoleão III e do sistema monárquico na França com o fim do Segundo Império e sua substituição pela Terceira República Francesa. Igualmente, como resultado da guerra, ocorreu a anexação da maior parte do território da Alsácia-Lorena pela Prússia, território que ficou em união com o Império Alemão até o fim da Primeira Guerra Mundial.

rava um bócio com desembaraço, elegância e agilidade; Vergueiro, filho intelectual da Alemanha, era bem preparado, metucioso e cauteloso. Cultuava a arte e era de outra índole, não admitindo experiências com os doentes, pois, para ele, não os considerava “materiais”. Conhecia bem a literatura médica germânica e utilizava técnicas que aprendera com renomados mestres, tais como Billroth, Bergman e Michulitz dentre outros. Chegou a frequentar diversas vezes a enfermaria do professor Rubião Meira¹⁰. Gostava de experimentar remédios. À sua época surgiu o “electrargol”, que tinha ação em algumas infecções pulmonares, mas que era aplicado por ele em várias moléstias.

Nicolau Vergueiro tornou-se afamado em sua clínica privada. Citam um caso em que realizou uma craniotomia em um colega e outro quando salvou a vida de um oficial do Exército ferido no ventre, fazendo com que o projétil, que se alojara no interior do estômago, fosse expelido sem o uso de terapêutica agressiva.

Foi ele também o precursor da teoria da infecção bucal, aconselhando o cuidado dos dentes para curar diversas moléstias.

Nicolau Vergueiro foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Provavelmente por ser retraído, frequentava pouco as reuniões desse sodalício. São de sua autoria os seguintes trabalhos: “*Ueber die Aktive Ausbreitung Prophylaxie des Pest*”; “A Febre Amarela”; “Considerações sobre o Relatório da Comissão Francesa presidida pelo Professor Marchaux¹¹”; e “Considerações sobre a Memória Apresentada pelo Dr. Emílio Ribas¹² ao Quinto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia Ocorrido no Rio de Janeiro, em 1903”.

Nicolau Vergueiro granjeou grande fama, sem, contudo, saber mantê-la pela inquietude de seu caráter. Tinha momentos em que se via só, dominando a clínica, e depois desaparecia. Foi diversas vezes para o interior, procurando fora da profissão meios para prover sua grande família.

Quando fechou sua casa de saúde, em Sorocaba, começou a se dedicar ao plantio de uva em sua chácara com a finalidade de desenvolver a indústria vinícola nessa cidade. Era aficionado pela viticultura. Importou dos Estados Unidos da América várias espécies de uvas adaptáveis ao solo brasileiro e, da Alemanha, o maquinário e vasilhames apropriados. Chegou a plantar 40 mil pés de videiras que produziram os famosos vinhos “Sangue Paulista” e “Caboclo”, os quais tiveram grande aceitação, pois, além de figurarem nos cardápios dos principais restaurantes, encontravam-se presentes no Hotel de França e na Bodega Paulista. Nesse particular escreveu a obra **Os Estabelecimentos de Viticultura**. Passou anos nessa atividade e longe da clínica que, quando a ela retornou, tornou-se esquecido de seus antigos clientes.

Segundo seu biógrafo Rubião Meira, Nicolau Vergueiro “era de família respeitável; tinha fisionomia respeitosa; era alto, moreno e usava bigodes pretos. Era inteligente, de caráter independente, falava com facilidade e sempre se vestia de forma elegante, com sobriedade. Usava longa sobrecasaca preta”.

10 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

11 Essa Comissão Francesa foi instalada na capital da República para estudar a febre amarela.

12 Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

Nicolau Vergueiro atuou como cirurgião, clínico, obstetra e até como otorrinolaringologista. Após ter conquistado renome em função de suas qualidades profissionais, voltou a residir em Sorocaba, onde atuou em saúde pública, chefiando o posto antitracomatoso. Posteriormente retornou à capital onde chefiou o posto antitracomatoso do Brás, situado à rua Monsenhor Anacleto, além de ter trabalhado como inspetor sanitário no final de sua vida.

Com relação ao tracoma fazia escritos e cartazes, além de outros meios de propaganda, a fim de divulgar à população os perigos do contágio da nefasta oftalmia tracomatosa. Nessa moléstia gostava de utilizar o “protargol”, além de fórmula por ele inventada, que era distribuída a baixos preços aos doentes que procuravam o almo-xarifado do Serviço Sanitário. Quando essa distribuição não foi mais possível, assim se expressou Nicolau Vergueiro: *“Não querendo privar os tracomatosos das grandes vantagens do nosso colírio, pedi ao professor Hottinger que, pela fábrica ‘Salus’, se encarregasse do mesmo e da sua venda. (...) Fui atendido, ficando a fórmula registrada como propriedade da firma, tendo eu, como única recompensa, a promessa do colírio ser exposto à venda por preço módico, ficando assim ao alcance dos tracomatosos, quase todos pobres”*. Essas palavras bem expressam a magnanimidade de seu coração e a sua preocupação com os menos favorecidos.

Nicolau Pereira de Campos Vergueiro foi médico que soube honrar sua profissão, sobretudo pela beleza moral de seu caráter. Chegou a ter grande fortuna, que não se manteve por ocasião de seu falecimento, ocorrido na capital paulista, em 19 de novembro de 1924, aos 73 anos.

Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 86 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; numa sala nas dependências da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e numa rua no centro da cidade de Sorocaba.

Cadeira nº 87 – Patrono

Aníbal Cipriano da Silveira Santos 1902-1979



Helio Begliomini¹

Aníbal Cipriano da Silveira Santos, também conhecido simplesmente por Aníbal Santos, nasceu em São Roque (SP), aos 17 de março de 1902. Era filho de Joaquim da Silveira Santos e de Amélia da Silveira Santos. Seu pai foi um dos fundadores do Centro Positivista de São Paulo em 1924 e era um ativo divulgador das ideias do filósofo Auguste Comte.

Iniciou seus estudos em sua cidade natal, mudando-se posteriormente para Piracicaba, onde cursou a Escola Normal Oficial de 1918 a 1921. Em 1924 recebeu o diploma de bacharel em Ciências e Letras no Ginásio do Estado de São Paulo, na capital.

Em 1925 matriculou-se na Faculdade de Medicina de São Paulo, hoje, integrada na Universidade de São Paulo (FMUSP). Durante o curso publicou vários trabalhos sobre higiene mental, eugenia e um livro sobre **Educação Física**. No último ano do curso, em 1930, ingressou como interno-acadêmico do Hospital do Juqueri. Formou-se em 28 de janeiro de 1931, defendendo tese intitulada **Da Clínica Psiquiátrica e do Ambulatório de Higiene Mental**, sendo aprovado com a nota 9,5.

Em março de 1931 foi nomeado médico anatomopatologista em tempo integral, em substituição ao titular do cargo. Essa melhora na situação econômica permitiu-lhe que se casasse em 17 de março de 1932. Sua esposa, Thais Pinto, era de Piracicaba e naquela cidade aconteceu o enlace. Tiveram três filhos: Hume Aníbal, Marina Amélia e Cid Vinio.

Aníbal Silveira atuou como anatomopatologista do Hospital de Juqueri até o retorno do titular, passando depois a exercer o cargo de alienista. A partir de 1932 trabalhou sempre como psiquiatra na Assistência aos Psicopatas, com variação da denominação dos cargos: médico alienista (1933); médico interno-residente em tempo integral (1935); e médico psiquiatra em tempo parcial (1938), sendo, nesse período, responsável por vários pavilhões do Hospital de Juqueri.

Em 1941 obteve o título de docente-livre da cadeira de clínica psiquiátrica da FMUSP, defendendo a tese **O Método de Meduna em Esquizofrênicos Crônicos**.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Aníbal Santos era ligado a Durval B. Marcondes², pioneiro da psicanálise em São Paulo, que, em 1934, perdeu a disputa da cátedra de psiquiatria da FMUSP para Antônio Carlos Pacheco e Silva³, o qual afastou a incipiente psicanálise dos meios universitários paulistas. Assim, mesmo sendo livre-docente, Aníbal Silveira jamais teve espaço na FMUSP. Como consequência trilhou novos caminhos com luz própria, sem maior envolvimento com a psicanálise e sem estar ligado à psiquiatria tradicional que era desenvolvida na USP. Graças ao seu trabalho, desenvolveu uma sólida carreira em nível nacional e intensa participação internacional, fato incomum para a época.

Através de bolsa de estudos viajou para os Estados Unidos da América (EUA), permanecendo fora do país de outubro de 1941 a 4 de março de 1943. Lá foi *fellow* em fisiologia do córtex cerebral da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* e assistente de pesquisas psiquiátricas da Universidade de Chicago, em Illinois, junto a McCulloch, Fulton, Von Bonin e Alexander, renomados psiquiatras de então. Aliás, foi o primeiro brasileiro que aí estagiou, produzindo notáveis trabalhos científicos na década de 1940, publicados nas mais conceituadas revistas científicas americanas e europeias da época.

No período de 1934 a 1941 publicou 15 artigos sobre anatomopatologia cerebral; três trabalhos sobre eletroencefalografia e alguns sobre a prática psiquiátrica. Estudou os automatismos de Clérambault sob vários enfoques. O próprio Aníbal Silveira dividia suas publicações por assuntos: 1. **Psicologia e Provas Psicológicas** (152 páginas); 2. **Higiene Mental e Genética Humana** (164 páginas); 3. **Esquizofrenia** (168 páginas); 4. **Psiquiatria Clínica Geral** (170 páginas); 5. **Fisiologia Cerebral** (172 páginas); e 6. **Psiquiatria e Dinamismos Psicopatológicos** (180 páginas).

Começou, em 1935, a utilizar sistematicamente a prova de Rorschach em suas pesquisas e nos exames de pacientes. Publicou a sua primeira sistematização pessoal do psicodiagnóstico em 1943.

Leccionou psicopatologia na Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da USP (1954-1964). Em 1964 apresentou sua contribuição definitiva do **Psicodiagnóstico**, com uma tese de livre-docência defendida na Escola Paulista de Medicina, cuja primeira edição foi rapidamente esgotada. Poucos meses antes de sua morte, Aníbal Silveira dedicou-se mais intensamente à revisão e ampliação do texto de sua livre-docência, sendo publicada somente em 1985, seis anos após a sua morte. As inovações teóricas relacionadas aos dados empíricos introduzidos nesse trabalho e a sua extensa gama de aplicações abrangem os diversos campos de estudo do comportamento humano normal e patológico.

Na década de 70, após organizar diversos serviços de psiquiatria no interior do estado de São Paulo, nas cidades de Botucatu, Itapira, Campinas e Jundiaí, Aníbal Silveira retomou o ensino no Hospital do Juqueri, vinculando-o à Faculdade de Medicina de Jundiaí.

Assim, foi chefe do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (1970-1973) e organizador e coordenador do De-

2 Durval Bellegarde Marcondes é o patrono da cadeira nº 92 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Antônio Carlos Pacheco e Silva foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1933-1934, e é o patrono da cadeira nº 127 desse sodalício.

partamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Jundiaí, tornando-se diretor dessa escola (1977-1979).

Aníbal Santos teve uma permanente busca por conhecimento através de autodidatismo. Durante sua vida ministrou 37 cursos para especialistas, além das aulas regulares que dava no Instituto de Psicologia. Entre suas aulas encontram-se palestras e conferências sobre o positivismo, doutrina do filósofo August Comte (1788-1857). Era assíduo participante de congressos psiquiátricos na América Latina, nos EUA e na Europa.

Publicou 53 artigos em 23 revistas, sendo 15 nacionais e oito estrangeiras, tornando-se o autor brasileiro que mais publicou no exterior em sua época. Foi citado em 38 livros, 21 dos quais publicados no exterior: um em português; três em alemão; nove em espanhol; um em francês e sete em inglês. Assim como outros cientistas brasileiros, foi muito mais reconhecido no exterior do que no seu próprio país.

Aníbal Silveira foi um dos grandes estudiosos do teste de Rorschach, renovando vários conceitos e significados. Doutrinariamente era organodinamista, procurando associar o dinamismo psicológico às áreas cerebrais e chegando a construir valiosa teoria associacionista, a qual se baseava nas ideias de Karl Klaist, tendo sido chamada Escola de Klaist-Silveira pelo psiquiatra e filósofo Átila Ferreira Vaz.

Tive a felicidade nos anos de 1975 e 1976 de ter sido aluno de Aníbal Cipriano da Silveira Santos, nas disciplinas de psicologia médica e psiquiatria na saudosa Faculdade de Medicina de Jundiaí. Ele estava em idade propecta, poucos anos antes de seu falecimento. Por trás de uma compleição frágil se escondia a grandeza de um gigante do saber psiquiátrico com conhecimento enciclopédico. Magro, baixo, com óculos de grossas lentes, apresentava-se sempre de terno e gravata, ainda que o calor fosse tórrido. Era simpático, simples, humilde, calmo, sereno, atencioso, finamente educado e falava bem baixinho. Em tempos passados, quando ia diariamente ao Hospital do Juqueri, pegava o trem na Estação da Luz e se dirigia sempre ao terceiro vagão, a contar de trás para frente, segundo alguns de seus estagiários. Tinha grande afeição pelos familiares, amigos, alunos e pacientes.

Para o psiquiatra Walmor J. Piccinini, professor da Fundação Universitária Mário Martins e pesquisador da história da psiquiatria brasileira, a biografia de Aníbal Santos poderia ser sintetizada com essas palavras iniciadas com seis “pês”: “Paulista, Positivista, Psiquiatra, Pesquisador, Professor e Pai intelectual de um grande número de jovens psiquiatras. Sua vida esteve na maior parte centrada no seu trabalho no Hospital de Juqueri, no Departamento de Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina, na Sociedade Rorschach de São Paulo e no Instituto de Psicologia da USP”.

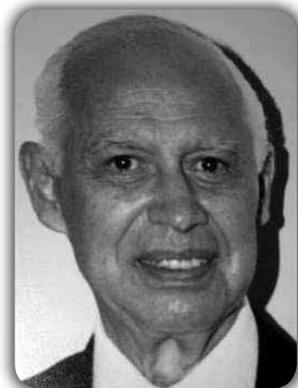
Aníbal Cipriano da Silveira Santos faleceu na cidade de São Paulo de ataque cardíaco, em 16 de agosto de 1979, aos 77 anos, deixando não somente uma extensa obra, mas uma escola de psiquiatria.

O psiquiatra Spartaco Vizzotto tem reunido em livros a obra de Aníbal Silveira sob o nome de “Cadernos Aníbal Silveira”. Até o momento já foram lançados dois volumes: **Prova de Rorschach** (2004) e **Sistema Nervoso** (2007).

Aníbal Cipriano da Silveira Santos é honrado com a patronímica da cadeira nº 87 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e com a patronímica da cadeira nº 14 da Academia Paulista de Psicologia.

Cadeira nº 88 – Patrono Admissão: 5/10/1955

Anísio Costa Toledo
1914-2000



Helio Begliomini¹

Anísio Costa Toledo nasceu na cidade de Botucatu (SP), em 12 de setembro de 1914, na família que também gerou a rainha Sylvia da Suécia, sua prima. Era filho de Mucio F. Toledo e de Zilda C. Toledo.

Iniciou sua educação intelectual no seio de sua família. Estudou em escolas públicas de Botucatu e, transferindo-se para a capital paulista, estudou no Ginásio São Bento. Ainda muito jovem fez parte das tropas da Revolução Constitucionalista de 1932.

Anísio Costa Toledo ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), graduando-se em 1940. Aí, depois de formado, dedicou-se à carreira universitária.

Como professor ele ensinou a alunos de medicina e enfermagem, assim como a jovens cirurgiões. No início, desenvolveu suas atividades na disciplina de técnica cirúrgica e, subsequencialmente, nas enfermarias de clínica cirúrgica, galgando todas as etapas: professor assistente, professor adjunto e o primeiro professor titular da disciplina de cabeça e pescoço. Finalmente, após sua aposentadoria, foi honrado com o título de professor emérito pelo Conselho de Administração da FMUSP².

Suas excelentes habilidades como cirurgião permitiram-no realizar pesquisas em diversos campos. Durante um teste que fez parte de sua preparação para a carreira universitária, ele demonstrou rara proficiência na cirurgia que lhe tinha sido designada: seccionamento da raiz sensitiva do nervo trigêmeo. Entretanto, seu campo de estudo foi muito maior. Na preparação para se tornar professor titular, ele preparou uma tese sobre **Anatomia Cirúrgica do Fígado**.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: A foto inicial foi uma contribuição da Sra. Andréa De Martino, analista administrativa da Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço (SBCCP).

2 Em 1985, o professor Alberto Ferraz tomou posse, após concurso público, como titular da disciplina de cirurgia de cabeça e pescoço da FMUSP, sucedendo o professor Anísio Costa Toledo.

Indubitavelmente Anísio Toledo foi um esmerado cirurgião geral, mas, particularmente, no delicado e difícil campo da cirurgia cervicofacial, demonstrou por muitos anos sua notável maestria.

Após um estágio de aperfeiçoamento em renomados serviços dos Estados Unidos da América, ele iniciou e dirigiu o primeiro serviço universitário de cirurgia de cabeça e pescoço no Brasil, dentro do Hospital das Clínicas, tornando-se um dos pioneiros dessa especialidade no Brasil. Juntamente com os colegas paulistas Jorge Fairbanks Barbosa e Josias de Andrade, e com os colegas Jorge Marsillac, Ataliba Belizzi e Victor Araújo Lima do Rio de Janeiro, impulsionou a normatização da especialidade, fundando, com outros médicos mais jovens a Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço (SBCCP). Essa entidade congrega e qualifica especialistas no País, através de exames a cada dois anos desde 1967. Anísio Toledo foi eleito presidente da SBCCP, em 1977.

A primeira unidade de Cirurgia de Cabeça e Pescoço no mundo foi inaugurada por Hayes Martin, em 1950, no *New York Memorial Hospital*. A introdução, no Brasil, dessa nova especialidade médica ocorreu em 1957 e requereu muito esforço, refinada habilidade e diplomacia em aparar arestas de colegas de outras áreas, tarefa que Anísio Toledo desempenhou com esmero. Em 1976 ele criou no Hospital das Clínicas da FMUSP a residência de cirurgia de cabeça e pescoço, a qual, até o ano 2000, havia contribuído para a formação de cerca de 70 especialistas, além de ter colaborado na formação de inúmeros cirurgiões gerais.

A contribuição de Anísio Toledo (Figura 2) no ensino da cirurgia, contudo, não se restringiu à criação da disciplina ou a meros aspectos técnicos profissionais, mas também se estendeu a outras áreas: proporcionou a seus estudantes ferramentas para administrar as difíceis inter-relações humanas. Ele costumava ensinar através do seu exemplo pessoal.



Figura 2 – Anísio Costa Toledo.

Dentre os artigos que escreveu têm-se como exemplos: “*Autonomous Thyroid Nodules. A Clinical Classification and the Use of a Diagnostic Index*”³; “O Papel da Parotidectomia Superficial em Casos Seleccionados de Tumores Malignos de Pele na

3 Ferraz A, Medeiros-Neto GA, Toledo AC e Kieffer J. *Journal of Nuclear Medicine* 13 (10): 733-737, 1972.

Região da Cabeça e do Pescoço⁴”; e “Tratamentos Complementares em Cânceres de Cabeça e Pescoço⁵”.

Além disso, em virtude de ser um renomado cirurgião e professor, Anísio Toledo foi eleito representante de seus pares em diversas instituições, tais como: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, *American College of Surgeons*, Colégio Brasileiro de Cirurgiões (membro titular) e Associação Paulista de Medicina, onde atuou como presidente do Departamento de Cirurgia.

Anísio Costa Toledo ingressou como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, em 5 de outubro de 1955, permanecendo nesse sodalício por 44 anos!

Seus discípulos, Anoi Castro Cordeiro e Alberto R. Ferraz, que lhe dedicaram um necrológi⁶, referem que Anísio Costa Toledo foi “sempre atencioso e dedicado, sendo admirado por seus pacientes, não somente por sua competência, mas também por sua natural postura empática. Cirurgião talentoso, era possuidor de habilidade manual esmerada e rigorosa precisão nos gestos cirúrgicos. Sua destacada cortesia, amável civilidade e graça cativante caracterizavam o tratamento que ele dispensava não somente aos seus pacientes, mas a cada um que se achegasse a ele – superiores, colegas, subordinados, quem quer fosse – sem distinção. Foi um educador e um modelo de conduta, não somente para seus alunos, mas também para seus pares. Cavalheiro e humanista, ele plantou as sementes do ideal médico, onde muitos dos seus discípulos seguiram o caminho indicado”.

Em virtude de Anísio Toledo ser um dos introdutores da cirurgia de cabeça e pescoço no Brasil, a SBCCP, através de Assembleia Geral Ordinária realizada durante seu XII congresso, em setembro de 1989, na cidade de Fortaleza (CE), decidiu instituir um prêmio bienal em seus congressos nacionais. Esse prêmio, que tem por finalidade estimular a criatividade e o espírito científico dentre os médicos residentes de todo o País, recebeu o nome de “Prêmio Anísio Costa Toledo”, homenagem que seu patrono recebeu em vida! Foi concedido pela primeira vez durante o XIII Congresso Brasileiro de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, em 1991.

Anísio Costa Toledo faleceu em 4 de março de 2000, contando com 85 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 88 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome a um Centro de Estudos no Serviço de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Hospital das Clínicas da FMUSP.

4 Cernea CR, Santos LRM, Tavares MR, Brandão LG, Coriolano MRA, Ferraz AR, Toledo AC. Revista Paulista de Medicina 103 (6): 303-306, 1985.

5 Ferraz AR, Toledo AC, Brandão LG, Santos LRM, Cordeiro AC, Cernea CR, Coriolano MRA, Sugano LK. Revista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 40 (5): 205-209, 1985.

6 Cordeiro AC, Ferraz AR. Anísio Costa Toledo. Revista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo 55 (2): 45-46, 2000.

Cadeira nº 89 – Patrono

Adolpho Schmidt Sarmiento 1883-1939



Helio Begliomini¹

Adolpho Schmidt Sarmiento, mais conhecido simplesmente por Schmidt Sarmiento, nasceu em 1883 e graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1906.

Segundo seu colega de turma, Mario Ottoni de Rezende², Schmidt Sarmiento cursou a faculdade com dificuldades financeiras, tendo, para se manter, de trabalhar durante o curso muitas vezes noites a fio.

Após a formatura partiu para o sertão do estado de São Paulo, na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo. Aí, sem ajuda, teve seu primeiro contato com pessoas simples do agreste, onde campeava infrene o curandeirismo boçal. Esse trabalho permitiu-lhe amear dinheiro, fazendo com que fosse aprimorar-se na Europa, realizando estágio em otorrinolaringologia em Viena, Áustria, e em Berlim, na Alemanha.

Em Viena a especialidade era entusiasticamente ensinada pelos luminares: Politzer, Urbantschitach, Chiari, Gruber, Juraez, Schrotter, dentre outros. Nessa cidade também encontrou Henrique Lindenberg, de quem se fez amigo e, com pequena diferença de meses, ambos vieram fixar residência em São Paulo, tornando-se pioneiros da cirurgia otorrinolaringológica na capital.

Schmidt Sarmiento ingressou, em 1912, como adjunto de otorrinolaringologia do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, nosocômio a que dedicou 27 anos de sua vida. Foi o segundo chefe do serviço de otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Sucedeu ao professor Henrique Lindenberg (1913-1928), que tinha também especialização na Áustria e na Alemanha. Ambos foram convidados por Arnaldo Vieira de Carvalho³ para integrar a cadeira

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Mario Ottoni de Rezende por ocasião de sua graduação, também em 1906, defendeu tese intitulada **Balneoterapia nas Infecções Agudas**. Foi presidente da Sociedade de Medicina de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1936-1937, e é o patrono da cadeira nº 126 desse sodalício.

3 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse silogeu.

de otorrinolaringologia, sendo Lindenberg designado o primeiro professor dessa especialidade da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, permanecendo no cargo até o seu falecimento.

Além de Schmidt Sarmento eram assistentes de Henrique Lindenberg e, na ocasião, também assistentes da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: Mário Ottoni de Rezende, Francisco Hartung, Silvestre Passy, Paula Santos, Ângelo Mazza, Roberto Oliva, Silvio Ognibene, Antônio Vicente de Azevedo e Ernesto Moreira.

Deve-se ressaltar que a primeira tonsilectomia realizada no Brasil foi feita, em 1920, por Schmidt Sarmento. Ele utilizou o instrumento de Ballanger-Sluder, retirando-lhe o corte da lâmina e fazendo dele uma pinça fórceps de apreensão em que o dedo indicador fazia a dissecação extracapsular das amígdalas.

Schmidt Sarmento tornou-se assistente e livre-docente da Faculdade de Medicina de São Paulo, assumindo, interinamente, a direção da cadeira em 1923, quando Lindenberg viajou à Europa, e, numa segunda vez, em 1926, num período que precedeu a morte desse catedrático.

Em ambas as oportunidades ficaram patenteados sua capacidade, dedicação e amor ao magistério, transmitindo a seus discípulos, com carinho, tudo de moderno que conhecia sobre a especialidade e orientando-os tanto na prática quanto na teoria nessa disciplina da qual era expoente.

Após a morte de Lindenberg, Paula Santos⁴ assumiu a cadeira de otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 14 de março de 1929, que passou a funcionar no Instituto Radium, inaugurado em 1921 e anexo ao Hospital Geral. Na ocasião, o regulamento da Faculdade de Medicina de São Paulo, num dos seus artigos, previa a possibilidade de transferência entre as chamadas cátedras afins, e, nessa situação, encontrava-se Paula Santos, então titular da cadeira de patologia geral desde 1920, mas que praticava a otorrinolaringologia em seu consultório.

Por sua vez, o Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo passou a ser chefiado por Schmidt Sarmento, que tinha como assistentes: Mario Ottoni de Rezende, Ernesto Moreira, Francisco Hartung, Rebelo Neto, José Eugênio de Paula Assis, Plínio de Mattos Barretto⁵, Jorge Fairbanks Barbosa, Silvestre Passy, Paulo Saes, Roberto Oliva, Vicente de Azevedo, Arnaldo Barreia e Ângelo Mazza (Figura 2).

4 Antônio de Paula Santos é o patrono da cadeira nº 59 Academia de Medicina de São Paulo.

5 Plínio Freire de Mattos Barretto é o patrono da cadeira nº 91 Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 2 – Em pé, da esquerda para a direita: Silvestre Passy, Antonio Vicente de Azevedo, Paulo Saez, José Eugenio de Paula Assis, José Rebelo Neto, Arnaldo Barrella e Sílvio Ognibene. Sentados, da esquerda para a direita: Roberto Oliva, Ernesto Moreira, Schmidt Sarmento, Mario Otoni de Rezende e Francisco Hartung.

Foto tirada provavelmente em 1929 e cedida gentilmente pelo dr. Lídio Granato da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Na ocasião fora feito um acordo: os pacientes que procurassem o setor de otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia seriam divididos alternativamente, sendo dois dias da semana para a clínica do professor Paula Santos e dois outros para o serviço do dr. Schmidt Sarmento.

Adolpho Schmidt Sarmento casou-se com Laura Beatriz de Moura Ribeiro Schmidt Sarmento. Sua filha, Lucia Beatriz Schmidt Sarmento, nascida em 1º de setembro de 1923, casou-se com o administrador de empresas Caio Lacerda de Arruda Botelho, em 28 de dezembro de 1944.

Schmidt Sarmento foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, sodalício que teve a honra de presidir por um mandato anual entre 1929-1930. Em sua gestão organizou a memorável “Semana de Conferências”, que reuniu médicos de todos os rincões do país, divulgando e elevando o nome do silogeu.

Em 1932, seu nome se impôs como o primeiro presidente da Seção de Otorrinolaringologia da Associação Paulista de Medicina, entidade fundada em 1930. Aí impulsionou o desenvolvimento da especialidade e estimulou, tanto os jovens quanto os mais velhos, a fazerem da medicina verdadeira ciência e da clínica um sacerdócio.

Adolpho Schmidt Sarmento chefiou o Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo até o seu falecimento, aos 56 anos, ocorrido 26 de novembro de 1939, após longa enfermidade (Figura 3). Era cavalheiro no seu agir, extremamente bondoso, amigo leal e chefe estimadíssimo pelos seus subordinados. Gozou de ilimitado apreço dos que o cercavam no mourejar do trabalho diuturno.

Em decorrência de sua enfermidade, licenciou-se, deixando como chefe interino o professor Mário Ottoni de Rezende, que veio assumir o cargo definitivamente após a morte do amigo, de quem era também colega de turma. Mário Ottoni de Rezende atuou como chefe do serviço de 1933 a 1955 e criou setores de cirurgia bucomaxilo-facial, cirurgia plástica e endoscopia peroral.



Figura 3 – Em pé, da esquerda para a direita: Ângelo Mazza, Bueno Galvão, Vicente de Azevedo, Paulo Saez e Sílvio Ognibene. Sentados, da esquerda para a direita: Silvestre Passy, Mário Ottoni, Schmith Sarmiento, Roberto Oliva e José Rebello Neto.

Foto de 1933, cedida gentilmente pelo dr. Lídio Granato da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Adolpho Schmidt Sarmiento é honrado com a patronímica da cadeira nº 89 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. A Revista Brasileira de Otorrinolaringologia consignou a ele, grande vulto da medicina paulista, um editorial e uma merecida homenagem em 1939⁶, reunindo discursos de expoentes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, proferidos por ocasião de seu falecimento.

6 Nota: Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, hoje, *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*, volume 7 (fascículo 6 – novembro/dezembro): 551-651, 1939.

Cadeira nº 90 – Patrono

Mário Fittipaldi 1910-1981



Reginaldo Antonio Lotumolo¹

Mário Fittipaldi nasceu em Rio Claro (SP), em 12 de janeiro de 1910. Formou-se em 1935 pela Faculdade Nacional de Medicina (Praia Vermelha), no Rio de Janeiro.

Iniciou suas atividades em Rio Claro, onde, além de médico clínico geral e cirurgião, especializou-se em “rins e vias urinárias”, hoje, urologia.

Foi fundador, junto com o dr. Godofredo Pignataro, do Hospital e Maternidade Santana, que, posteriormente, passou a ser o Hospital Evangélico, hoje, Unimed 2, em Rio Claro.

Foi o primeiro radiologista da Santa Casa de Misericórdia, onde atuou durante mais de 30 anos. Hoje o serviço de radiologia daquela Santa Casa leva o seu nome.

Trabalhou como médico da Caixa da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, quando atendia os ferroviários e familiares na própria residência. Era solicitado a qualquer hora do dia ou da noite. Esse serviço se estendia aos ramais da ferrovia até Analândia, passando por Ajapi, Ferraz e Corumbataí. Por outro lado, Batovi, Camaquã, Ubá, Graúna até Itirapina, onde fazia atendimentos.

Com a unificação dos institutos passou a ser médico do INPS², depois Inamps³, onde trabalhou como médico atendente no ambulatório da avenida 2 (hoje Fundação Municipal de Saúde) e também na perícia médica.

Durante muitos anos lecionou a matéria de higiene no Senai⁴, em Rio Claro.

De hábitos simples e de enorme dedicação aos seus clientes, Mário Fittipaldi tornou-se amigo dos ferroviários, aposentados e também da população mais humilde da cidade.

1 Titular e emérito da cadeira nº 90 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Mário Fittipaldi.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como a explicitação das siglas abaixo, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 INPS: Instituto Nacional da Previdência Social.

3 Inamps: Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social.

4 Senai: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

Foi homenageado pela Câmara Municipal de Rio Claro, onde, em 1980, recebeu o título de Cidadão Emérito.

Após uma vida dedicada inteiramente à medicina e à população de sua cidade, faleceu em 30 de agosto de 1981, aos 71 anos de idade.

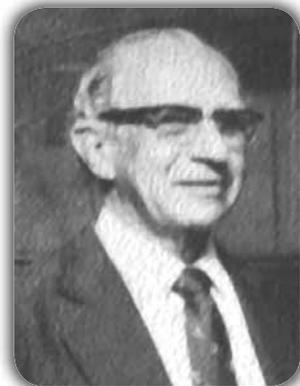
Recebeu ainda, como homenagem, o seu nome dado à Unidade Básica de Saúde do Jardim das Paineiras (Posto do Wenzel).

Cadeira nº 91 – Patrono

Plínio de Mattos Barretto

1910-2002

Helio Begliomini¹



Plínio Freire de Mattos Barretto, mais conhecido por Plínio de Mattos Barretto ou ainda Plínio Barretto, nasceu em 15 de setembro de 1910, na cidade de Mococa (SP). Era filho de Augusto F. Mattos Barretto e Mariana Lima Mattos Barretto.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1934, especializando-se em otorrinolaringologia.

Logo após sua formatura buscou aprimoramento no exterior, sendo um dos primeiros brasileiros que fizeram estágio em endoscopia. Esteve durante três anos no *Temple University Hospital*, na Filadélfia, nos Estados Unidos da América, com Chevalier Jackson².

Retornou ao Brasil em 1936, sendo convidado a organizar o Serviço de Endoscopia nas duas clínicas de otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo que, à época, era o hospital-escola da FMUSP. Assim, estabeleceu, em 1937, o Serviço de Endoscopia na clínica chefiada pelo professor Antonio de Paula Santos³, ligada à FMUSP, e, em 1938, na clínica chefiada pelo dr. Mario Ottoni de Rezende⁴. Nesse nosocômio foi iniciada a moderna endoscopia que logo se firmaria como uma especialidade autônoma.

Nessa época, o Serviço de Endoscopia realizava procedimentos com instrumental rígido na laringe, traqueia, brônquios e esôfago, como também as cirurgias de pescoço, principalmente de laringe, tanto as microcirurgias endoscópicas como as cirurgias abertas.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

As fotos (inicial e final) foram uma gentileza do dr. Lidio Granato da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

2 Chevalier Jackson foi precursor da endoscopia em 1904, na Filadélfia (EUA), estabelecendo as bases de uma nova especialidade que a chamou de “broncoesofagologia”. Padronizou o arsenal endoscópico e criou o primeiro centro de treinamento na área.

3 Antônio de Paula Santos é o patrono da cadeira nº 59 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Mário Ottoni de Rezende foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1936-1937, e é o patrono da cadeira nº 126 desse sodalício.

Plínio de Mattos Barretto (Figura 2) teve igualmente grande importância na história do tratamento cirúrgico do câncer de laringe no Brasil. Em 1941 publicou juntamente com Edmundo Vasconcelos⁵ 15 casos de laringectomia total com 0% de mortalidade operatória. De acordo com o cirurgião Antônio de Pádua Bertelli, “este trabalho, pelo seu pioneirismo em nosso meio, representa um marco na técnica cirúrgica asséptica e no desenvolvimento do tratamento cirúrgico do câncer laríngeo⁶”.

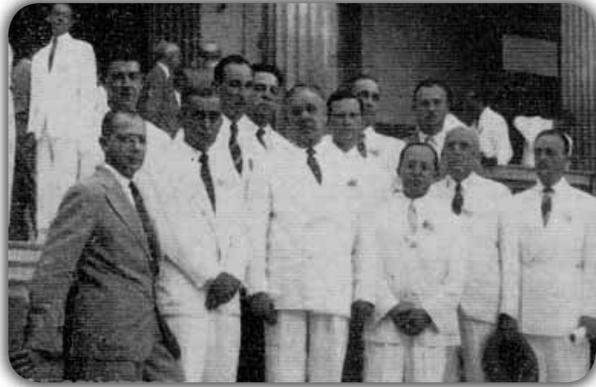


Figura 2 – Professor Carlos de Moraes ladeado por um grupo de paulistas: Plínio de Mattos Barretto (de terno escuro à esquerda, na primeira fila), professor Mangabeira Albernaz, José Mattos Barretto, professor João Marinho, Rafael da Nova, Mauro C. Souza Dias, Rezende Barbosa, Silvio Ognibene, Rebelo Neto, Santos Dias e Jorge Hirschmann.

Foto do II Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia realizado de 20 a 24 de janeiro de 1948, na cidade de Salvador (BA). In: Revista Brasileira de Otorrinolaringologia. Volume 16 (janeiro-abril) de 1948.

Ademais, Plínio de Mattos Barretto foi nomeado, em 1950, por ocasião do 11^o Congresso Pan-Americano de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia realizado em Montevideu e Mar del Plata, membro permanente para o estudo do câncer de laringe, cuja contribuição na área foi considerada muito engenhosa.

Em 1944, Plínio Barretto publicou a maior estatística nacional de atendimento de casos de corpos estranhos das vias aéreas e digestivas, mostrando como tinha resolvido satisfatoriamente 98% dos 600 casos consecutivos por ele tratados, incluindo também aqueles que lhe foram enviados de regiões muito distantes.

Em 1945, com o início do funcionamento do Hospital das Clínicas, Plínio de Mattos Barretto para lá se transferiu, deixando em seu lugar, na Santa Casa de Misericórdia, Homero do Amaral, recém-chegado de um estágio na clínica de Chevalier Jackson.

Plínio Barretto dedicou-se também ao ensino e à carreira universitária na FMUSP, sendo assistente do professor Antônio de Paula Santos, catedrático da clínica otorrinolaringológica. Nessa instituição de ensino implantou o Serviço de Endoscopia Peroral na segunda metade da década de 1940, que, inicialmente, restrito a adultos, logo se expandiu aos pacientes pediátricos, tornando-se importante ferramenta – e ainda insubstituível – no diagnóstico e tratamento de diferentes doenças digestivas. Ao seu

5 Edmundo Vasconcelos é o patrono da cadeira nº 47 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Bertelli A P. História do Câncer da Laringe e seu Tratamento. Revista Brasileira de Otorrinolaringologia 44 (1): 88-92, 1978.

lado trabalharam, nessa época, Maria Ivonette Dias de Abreu e Robledo Naves, além de receber estagiários de outras partes do País.

Em 1950, Renato Locchi⁷, então diretor da FMUSP, estimulou a que o Serviço de Endoscopia se constituísse numa nova disciplina. Entretanto, Antônio de Paula Santos e seu sucessor eram contrários à proposta, uma vez que poderia abranger também a laringologia e a broncoesofagologia. Assim, a disciplina de endoscopia peroral só foi criada 15 anos depois, em 1965. Esse período foi difícil para os endoscopistas que recorreram a Benedicto Montenegro⁸, que os havia convidado para integrar o Departamento de Cirurgia, ainda em formação, e que se tornariam a sétima disciplina juntamente com: 1. Gastroenterologia. 2. Glândulas Endócrinas e Baço. 3. Cirurgia Torácica. 4. Moléstias Vasculares Periféricas e Simpático. 5. Cirurgia Plástica e Queimaduras. 6. Neurologia. 7. Endoscopia Peroral e 8. Anestesia. Assim, aos poucos o Serviço de Endoscopia foi se desligando da otorrinolaringologia e tornando-se disciplina autônoma. Plínio Barreto foi posto à disposição da diretoria da faculdade e nomeado diretor de serviço somente em 22 de maio de 1970, com as mesmas vantagens de assistente efetivo da faculdade. Entretanto, permaneceu nesse cargo por menos de quatro meses, precisamente até 10 de setembro desse mesmo ano, em virtude de aposentadoria compulsória.

Nesses 25 anos de atividades (1945-1970) o Serviço de Endoscopia do Hospital das Clínicas da FMUSP, fundado e dirigido por Plínio de Mattos Barreto, fez mais de 337.395 atendimentos. Por méritos também de seu chefe detinha a maior estatística nacional de atendimento de casos de corpos estranhos das vias aéreas e digestivas. Em 1969, o Serviço de Endoscopia reunia 14 médicos contratados que formavam a maior equipe no gênero na América Latina; tinha sob seus cuidados 15 estagiários, totalizando, nesses 25 anos, o ensino de 134 estagiários.

Plínio de Mattos Barretto era sempre convidado a participar de mesas-redondas ou como conferencista. No *Second South American Congress of Otorhinolaryngology* que ocorreu em Montevidéu (Uruguai) discorreu sobre o tema "*Bronchoscopy in Diagnosis and Treatment*". Atuou ao lado de José de Rezende Barbosa como secretário do *Second Latin American Congress of Otorhinolaryngology and Bronchoesophagology* que aconteceu em São Paulo, em julho de 1951. Devido ao grande número de casos de papiloma da laringe e da traqueia foi convidado para apresentar sua experiência como relator no *VI International Congress of Otorhinolaryngology* realizado em Washington (EUA), em 1957. Dentre outros temas de suas palestras em eventos nacionais citam-se "Dispneias" e "Sistematização do Tratamento das Laringotraqueobronquites Agudas na Infância".

Escreveu diversos artigos tanto em revistas nacionais quanto do exterior, salientando-se dentre eles: "A Laringectomia sem Abertura da Faringe"⁹; "*Total Laryngectomy: Simplified Technics with the Use of a Special Clamp which Makes Possible the Re-*

7 Renato Locchi é o patrono da cadeira nº 42 da Academia de Medicina de São Paulo.

8 Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

9 Revista Brasileira de Otorrinolaringologia 11 (6), 1943.

*moval of the Larynx and Preepiglottic Space without Opening the Pharynx*¹⁰ (em coautoria com Edmundo Vasconcelos); e “Diagnóstico e Tratamento dos Corpos Estranhos das Vias Aéreas e Digestivas Superiores e das Complicações por eles Provocadas”¹¹.

Seus ensinamentos tornaram-se referência na literatura, tendo como exemplo o artigo escrito em espanhol de J. C. Barani: “*El Tratamiento de Personas que Ingieren Cáusticos: Orientaciones Adoptadas por el Dr. Plinio Mattos Barretto*”¹².

Além de sua dedicação universitária, Plínio de Mattos Barretto foi chefe do Serviço de Endoscopia Peroral do Sanatório Esperança¹³, em São Paulo.

Recebeu diversos títulos honoríficos das mais renomadas associações de otorrinolaringologia, de cirurgia de cabeça e pescoço e de broncoesofagologia. Foi membro do *Collegium Oto-Rhino-Laryngologicum Amicitiae Sacrum*.

São de sua lavra as obras: **Quemicetina Succinato** (2ª edição 1967, 250 páginas); **Atualização em Endoscopia Peroral** (s/d, 317 páginas) e **História da Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia no Brasil. Nossa Participação** (1988, em coautoria com José Arthur de Carvalho Kós, Figura 3).



Figura 3 – Plínio de Mattos Barreto (SP), à esquerda, e José Arthur de Carvalho Kós (RJ), à direita. Foto gentilmente cedida por dr. Lidio Granato da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Plínio Freire de Mattos Barretto faleceu em 17 de outubro de 2002¹⁴, aos 92 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 91 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

10 Arch Otolaryngol 40 (4): 275-281, 1944.

11 Revista Brasileira de Otorrinolaringologia 12 (4), 1944.

12 Arch Pediatr Urug 27 (11): 778-780, 1956.

13 O antigo Sanatório Esperança é o atual Hospital Infantil Menino Jesus, localizado na Rua dos Ingleses, no bairro da Bela Vista.

14 Informação obtida no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Cadeira nº 92 – Patrono

Durval Bellegarde Marcondes 1899-1981



Noedir Antônio Groppo Stolf¹

Durval Bellegarde Marcondes nasceu no dia 27 de novembro de 1899. Em 1924, formou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

O início de suas atividades ocorreu ainda em 1924, quando foi contratado para se dedicar à prática médica na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Em paralelo a seus afazeres médicos nessa secretaria estadual de educação, Durval Marcondes continuou seus estudos na própria Faculdade de Medicina. Tornou-se psiquiatra no final de 1925 e logo se dedicou ao estudo das ideias psicanalíticas de Sigmund Freud, não somente aplicando-as em suas atividades clínicas particulares, mas também as difundindo em São Paulo.

Em 1926, já mergulhado em seus estudos da psicanálise, tornou-se um seguidor dedicado de Freud, o que o levou a enviar-lhe uma carta comunicando-lhe o início das atividades psicanalíticas na psiquiatria brasileira. A resposta de Freud trouxe-lhe não só o agradecimento pessoal por sua dedicação à psicanálise, mas, principalmente, o incentivo para que levasse adiante suas pretensões, pois Freud assim lhe escreveu:

“.... Agradeço-lhe sinceramente pelo seu esforço esperando que tenha sucesso. Posso garantir que vale a pena aprofundar-se no assunto e que encontrará nele muitos esclarecimentos. Freud 18-XI-1926”.

Durval Marcondes (Figura 2), antes mesmo de ter recebido esse incentivo pessoal de Freud, já caminhava a passos largos. Em 24 de outubro desse mesmo ano, junto com Francisco Franco da Rocha – o primeiro professor a assumir a cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo –, havia criado a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Na primeira diretoria

¹ Titular e emérito da cadeira nº 92 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Durval Bellegarde Marcondes.

Nótula: As fotos; pequenas adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as informações aditadas no rodapé ao final do texto, foram, contribuições do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

presidida por Franco da Rocha, Durval Marcondes foi o secretário-geral e, anos depois, por três vezes, de 1944 a 1949; de 1955 a 1956, e de 1967 a 1969, o próprio presidente.



Figura 2 – Durval Bellegarde Marcondes no final da década de 1930.

Graças a seu empenho e ao empenho de seus colegas psicanalistas da segunda metade da década de 1940, quando a cultura europeia, emergindo do pós-guerra, retomava seu vigor, e a psicanálise brasileira começava a restabelecer seus antigos intercâmbios médico-culturais com os psicanalistas sul-americanos e europeus, ocorreu o que todos eles pretendiam: a admissão da Sociedade Brasileira de Psicanálise como filiada da *International Psychoanalytical Association*, durante seu congresso realizado em Amsterdã, em 1951.

Todos esses seus afazeres de cunho profissional e cultural fizeram com que Durval Marcondes fosse considerado “O Fundador do Movimento Psicanalítico Brasileiro”.

No âmbito acadêmico, fundamentalmente na Universidade de São Paulo (USP), Durval Marcondes construiu toda uma brilhante carreira didática. Além de ter contribuído ativamente para a sua fundação, ocupou, em seu Instituto de Higiene, hoje, Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, os cargos de professor assistente das disciplinas de psicologia social (1934-1938) e de higiene mental e psicanálise (1934-1937), e, finalmente, o cargo de professor titular das cátedras dessas disciplinas.

Na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo tornou-se professor livre-docente da disciplina de psiquiatria em setembro de 1936 e, na Faculdade de Filosofia, também dessa universidade, organizou, em 1954, o primeiro Curso de Especialização em Psicologia Clínica.

Além de psiquiatra, psicanalista e psicólogo dedicado à saúde mental infantil, Durval Marcondes foi poeta e crítico literário e ainda, em sua juventude, marcou presença no movimento artístico-cultural mais importante de sua época e de sua cidade natal, a “Semana da Arte Modernista de 1922”.

No âmbito da poesia e da literatura publicou em 1928 e em 1927 o poema denominado “Symphonia em Preto e Branco” e os artigos com que ingressou na

crítica literária fundamentada na psicanálise, denominados “Symbolismo Esthetico na Literatura” e “Sonho e Exame”, em cujos conteúdos abordou o simbolismo sob a óptica da psicanálise, esse último, referente ao texto “Casa de Pensão” de Aluísio de Azevedo.

Durval Bellegarde Marcondes faleceu com 81 anos, no dia 27 de setembro de 1981, na cidade de São Paulo².

2 Aditamento: Durval Bellegarde Marcondes fundou, em 1927, o Serviço de Higiene Mental nas instituições escolares. Organizou um grupo de “educadoras sanitárias”, que trabalhavam com atendimento clínico infantil e, de forma inovadora, em moldes interdisciplinares. Nos anos seguintes se empenhou na formação da Universidade de São Paulo como universidade modelo, onde foram criadas as primeiras cátedras brasileiras de psicologia, psicanálise e higiene mental.

O lançamento da Revista Brasileira de Psychanalyse, em 1928, marcou o início das atividades da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a primeira instituição psicanalítica da América Latina. Freud chegou a receber um exemplar da publicação e a responder por carta, incentivando sua continuidade. Em 1951 constituiu-se oficialmente a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e, em 1967, a revista foi relançada por Marcondes, Virgínia Bicudo, Luiz Almeida Prado Galvão, Laertes Ferrão e Armando Ferrari. Desde então vem sendo publicada trimestralmente.

Durval Bellegarde Marcondes foi o primeiro ocupante da cadeira nº 1, sob a patronímica de Francisco Franco da Rocha, da Academia Paulista de Psicologia, silogeu fundado em 31 de dezembro de 1979; seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 92 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 93 – Patrono

Oscar Freire de Carvalho 1882-1923



Helio Begliomini¹

Oscar Freire de Carvalho nasceu aos 3 de outubro de 1882, em Salvador, na Bahia. Era filho do advogado Manuel Freire de Carvalho e Isaura Freire de Carvalho. Foi precoce nas habilidades intelectuais, razão pelo qual diplomou-se médico aos 18 anos (!) pela Faculdade de Medicina da Bahia. Nessa vetusta instituição de ensino foi discípulo de Nina Rodrigues, grande mestre da medicina legal brasileira.

Depois de breve período em cirurgia, passou a dedicar-se ao campo da medicina legal, em cuja área tornou-se especialista de renome.

Desenvolveu essa disciplina na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia e, posteriormente, na Faculdade de Medicina de São Paulo.

Com a estruturação do curso de medicina da recém-criada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, atual Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), em 1913, foi convidado pelo professor Arnaldo Vieira de Carvalho² para reger a cátedra de medicina legal, que começou a funcionar em abril de 1918. Foi um dos fundadores do Instituto Médico-Legal de São Paulo.

Com o lançamento da pedra fundamental do prédio próprio da faculdade, primeira edificação do projeto previsto de sete prédios, a construção do prédio situado à Rua Teodoro Sampaio, projeto de Ramos de Azevedo, abrigou, inicialmente, a cátedra de anatomia, regida pelo professor Alfonso Bovero, e, após o falecimento precoce de Oscar Freire, passou a abrigar a cadeira de medicina legal, recebendo, em sua homenagem, seu nome.

Oscar Freire propugnava pelo valor da ciência na prática médica. Destacou-se por grande oratória, cujas palavras chegavam a ser transcritas por ilustres autores, tais como Almeida Jr., Flaminio Fávero³ e, mais recentemente, por Marco Segre. Também

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

3 Flaminio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

foi grande empreendedor, provam-no o empenho em construir o prédio para a medicina legal; a organização dos seus programas de ação; e a fundação da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia, como forma de reunir especialistas com o propósito de alcançar maiores progressos nesse campo.

Era conhecido não somente no Brasil como internacionalmente. Tais razões justificaram o título que lhe foi concedido de membro honorário do *Instituto de Medicina Legal de la Universidad de Madrid*. Pertencia a várias associações internacionais e estabelecia intercâmbio com especialistas de outros países. Foi considerado precursor da fundação da Universidade de São Paulo, da qual fazia constantemente alusões em seus discursos. Infelizmente, não conseguiu ver sua tão sonhada realidade, traído pela morte prematura.

Apesar de sua curta existência, deixou numerosos trabalhos no ensino da perícia.

Além de cientista, notável professor e empreendedor, era um médico humanista, incentivador de bons princípios, idealista e amigo fiel, dedicado à família, encontrando sempre tempo para estar com a esposa e seus filhos.

Para a psicóloga Marilda Emmanuel Novaes Lipp, titular da cadeira nº 7 da Academia Paulista de Psicologia, cujo patrono é o ilustre Oscar Freire, ele "*representa a grandeza de um cientista preocupado, acima de tudo, com o bem-estar da humanidade*".

Oscar Freire de Carvalho faleceu na cidade de São Paulo, em 11 de janeiro de 1923, aos 40 anos. Seu nome é também honrado com a patronímica da cadeira nº 93 augusta Academia de Medicina de São Paulo e numa rua na cidade de São Paulo, nos Jardins, já classificada como a 8ª rua mais luxuosa do mundo!

Cadeira nº 94 – Patrono

Admissão: 1/8/1941

Humberto Cerruti
1905-1985



Helio Begliomini¹

Humberto Cerruti nasceu na cidade de Buenos Aires, Argentina, em 6 de fevereiro de 1905. Era filho de Rómulo Cerruti e Itália Diamanti Cerruti. Emigrou para a cidade de São Paulo, onde fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar de São João. Bacharelou-se em 1922, em Ciências e Letras num ginásio estadual.

Matriculou-se em 10 de fevereiro de 1923 no Curso Preliminar da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, independentemente de exames vestibulares, devido às prerrogativas de que gozavam, nessa época, os bacharelados de ginásios estaduais.

Durante o curso médico trabalhou, desde 1923 como auxiliar acadêmico do laboratório central da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (SCMSP). Em 1927 foi nomeado adjunto e, no ano seguinte, chefe dos postos da Liga de Combate à Sífilis, criada e mantida pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz².

Enquanto quartoanista apresentou à cadeira de higiene um relatório descritivo sobre o laboratório central da SCMSP com as estatísticas das sororreações de Wassermann até o ano de 1926.

Ainda, na condição de acadêmico, auxiliou a feitura de teses de doutoramento de João Augusto de Siqueira Ferreira e de José Moacyr Alcântara Madeira. Com este último publicou na Revista de Medicina do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz o trabalho “O Valor Diagnóstico da Reação de Brahmachari na Leishmaniose Tegumentar Americana”.

Após ter cursado seis anos de faculdade, defendeu tese em 31 de maio de 1929, sendo aprovado com “grande distinção, grau 10 e louvor”, colando grau em 17 de junho de 1929, sendo diretor da escola o professor doutor Pedro Dias da Silva. Sua tese intitulava-se **Sobre um Novo Tipo de Mieloma Múltiplo**. Foi apresentada à

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

Parte do material aqui consignado foi obtida na Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

comissão examinadora formada pelos professores Ovídio Pires de Campos³, Ludgero da Cunha Motta e Domingos Rubião Alves Meira⁴. Esse trabalho mereceu o Prêmio Sérgio Meira⁵ de 1928, destinado à melhor tese apresentada à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sendo outorgado pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Humberto Cerruti ingressou em 11 de abril de 1929 como adjunto interino da clínica dermatológica do Asilo Colônia de Santo Ângelo da Irmandade da SCMSP. Aí exerceu as funções de dermatologista até 7 de agosto de 1933, por ocasião da passagem administrativa desse estabelecimento aos cuidados da Inspetoria de Profilaxia da Lepra de São Paulo.

Em 1^a de junho de 1929 foi nomeado adjunto voluntário e, em 21 de junho de 1930, chefe da seção do laboratório central de anatomia patológica e análises químicas do Hospital Central da Irmandade da SCMSP, onde exerceu as funções de anatomopatologista até 9 de maio de 1945, ocasião em que se tornou chefe da clínica dermatológica e sifiligráfica, adida à 4^a Clínica Médica de Homens.

Humberto Cerruti matriculou-se na Escola Nacional de Veterinária do Rio de Janeiro em 1935, naturalizando-se cidadão brasileiro em 25 de novembro desse mesmo ano. Transferiu-se para o 3^o ano da Escola de Medicina Veterinária de São Paulo, colando grau em 18 de novembro de 1937, sendo diretor-superintendente dessa instituição de ensino Paulo de Lima Corrêa.

Humberto Cerruti foi 3^o assistente da cadeira de clínica dermatológica e sifiligráfica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) de 1931 a 1936, ocasião em que solicitou sua demissão na condição de livre-docente por concurso (1936). Dentre outros cargos e funções exercidas salientam-se: preparador (1932-1935); assistente interino (1935-1953) e livre-docente (1950) da cadeira de histologia e embriologia da Faculdade de Medicina Veterinária da USP; participante do Movimento Constitucionalista de 1932, no laboratório de análises clínicas do Hospital de Sangue montado no Hospital Central da SCMSP; anatomopatologista da Inspetoria de Profilaxia da Lepra de São Paulo (1934-1937); dermatologista da 3^a Clínica Médica de Mulheres do Hospital Central da SCMSP (1934-1935); chefe de clínica dermatológica e sifiligráfica da Policlínica de São Paulo (1939); diretor do laboratório de análises clínicas e anatomopatologia do Hospital Humberto I, depois denominado Hospital Nossa Senhora Aparecida e Casas de Saúde Matarazzo (1942-1943; 1944-1945; 1946-1947; 1948-1949; 1950-1951 e 1952-1953); membro do Conselho Consultivo do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswal-

3 Ovídio Pires de Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos anuais entre 1918-1919 e 1935-1936, e é o patrono da cadeira nº 83 desse sodalício.

4 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

5 Sérgio Florentino de Paiva Meira foi membro fundador juntamente com Mathias de Vilhena Valladão, e foram os paladinos e estruturadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1895, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, sodalício que presidiu por dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

do Cruz (1942; e sócio benemérito em 1945); irmão remido (1949) e irmão benfeitor (1951) da Irmandade da SCMSP (1949); membro da Comissão de Luta contra a Leishmaniose (1950); e médico do Departamento de Profilaxia da Lepra do Estado de São Paulo (1950-1954).

Humberto Cerruti passou a ser colaborador efetivo (1937); membro da redação (1939) e um dos redatores chefes (1944) dos Arquivos de Dermatologia e Sifilografia de São Paulo. Em junho de 1937 recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Alexander Von Humbolt de Berlim. Tornou-se membro do conselho de redação de histologia e embriologia dos Arquivos de Cirurgia Clínica e Experimental (1940); colaborador da Gazeta Clínica (1944); um dos redatores dos Anais Brasileiros de Dermatologia e Sifilografia (1944); membro da comissão de redação da Revista do Hospital Nossa Senhora Aparecida (1948) e colaborador da Revista Brasileira de Leprologia (1949).

Tornou-se membro das seguintes entidades: Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho⁶ (1925, fundador e efetivo); Associação Paulista de Medicina (APM – 1931, fundador e efetivo; 1934, 1º secretário da secção de biologia; 1936, diretor da sede; 1937, 2º secretário da secção de dermatologia; 1940, 1º secretário da secção de dermatologia); Sociedade Paulista de Leprologia (1933, fundador e efetivo; 1940, secretário-geral; 1941, presidente); Sociedade de Biologia de São Paulo (1934, efetivo); Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia (1940, sócio correspondente; 1945, sócio efetivo); Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1941, sócio titular da secção de medicina especializada e presidente dessa secção em 1946; secretário da diretoria, 1947); Sociedade Paulista de Medicina Veterinária (1943, sócio efetivo); Academia Nacional de Medicina (1943, membro correspondente); *Asociación Argentina de Dermatología e Sifilología* (1947, sócio correspondente); *Academia Española de Dermatología y Sifilografía* (honorário); Colégio Íbero-Latino-Americano de Dermatologia (1948, fundador); *Sociedad Cubana de Dermatología y Sifilografía* (1948, membro correspondente); e *Société Française de Dermatologie et Syphiligraphie*.

Humberto Cerruti recebeu no concurso promovido pelo Serviço Nacional de Lepra (1942) o 2º lugar com a monografia “Diagnóstico Clínico, Biológico e Laboratorial da Lepra”, em coautoria com Luiz Marino Bechelli, Oswaldo de Freitas Julião e Armando Berti; o Prêmio João Abílio Gomes da Sociedade Paulista de Leprologia (1943) com o trabalho “Contribuição ao Estudo da Lepra Nasal”, em coautoria com Luiz Marino Bechelli, Moacyr de Souza Lima e Armando Berti; o Prêmio Raul Margarido da Sociedade Paulista de Leprologia (1944) com o trabalho “Considerações Histopatológicas sobre a Lepra da Mucosa Nasal”; Prêmio Adolpho Carlos Lindenberg⁷ da Associação Paulista de Medicina (1949) pelo trabalho “Blastomicose Sul-Americana. Estudo do seu Tratamento e Alguns Aspectos mais Interessantes”, em colaboração de Vinício de Arruda Zamith.

6 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

7 Adolpho Carlos Lindenberg foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, por um mandato anual entre 1922-1923, e é o patrono da cadeira nº 22 desse sodalício.

Humberto Cerruti obteve o título de especialista em dermatologia pela Associação Paulista de Medicina em 1951. Casou-se com Maria Justino Cerruti, de cuja união nasceu seu único filho, Humberto Cerruti Filho.

Dedicou-se à atividade clínica e ao ensino universitário, doando grande parte de sua vida à Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e à Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Publicou mais de cem trabalhos referentes às áreas afins de dermatologia e sifilografia, e de histologia e embriologia.

Após sua formatura, atuou por muitos anos na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Em 1945, por ocasião da transferência da clínica dermatológica para o Hospital das Clínicas, o Serviço de Dermatologia da Santa Casa ficou a cargo de Humberto Cerruti, que, em 1963, em decorrência da fundação da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, tornou-se professor pleno da disciplina de dermatologia (Figura 2).

Foi também chefe do laboratório de Análises do Hospital Humberto Primo⁸.



Figura 2 - Humberto Cerruti com avental branco, ao centro, no anfiteatro do 4º andar da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 1º de abril de 1978.

Na Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba ingressou no Departamento de Morfologia e Patologia em 10 de março de 1951, como professor da cadeira de histologia. Em 1º de maio de 1956 tornou-se professor da cadeira de dermatologia e sifilografia, ligada ao Departamento de Medicina, e, em 15 de março de 1964, passou também a acumular o cargo de professor da cadeira de histologia e embriologia geral (Figura 3).

⁸ Informação concedida pelo acadêmico Affonso Renato Meira, primeiro ocupante da cadeira nº 5, cujo patrono é Alfonso Splendore.



Figura 3 – Humberto Cerruti enquanto professor catedrático da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Nessa instituição de ensino foi também nomeado vice-diretor, em 25 de novembro de 1967, e enquadrado na denominação de professor titular, em 30 de setembro de 1974. Aí trabalhou até o final de seus dias. Atuou também como professor de histologia e embriologia geral da Faculdade de Ciências Médicas de Santos da Fundação Lusíadas.

Humberto Cerruti tornou-se, com o avançar da idade, portador de insuficiência cardíaca congestiva, insuficiência coronariana e arritmia ventricular, vindo a falecer em 24 de agosto de 1985, quando contava com 80 anos. Foi sepultado no Cemitério do Araçá, na cidade de São Paulo.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 94 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a um prêmio de melhor tema livre da Sumep – Sociedade Universitária Médica de Estímulo à Pesquisa –, entidade ligada à Faculdade de Medicina de Sorocaba da PUC-SP, e também dá nome a uma AMA – Assistência Médica Ambulatorial – na Vila Cisper, em Ermelino Matarazzo, na cidade de São Paulo.

Cadeira nº 95 – Patrono

Antônio Caetano de Campos 1844-1891



Helio Begliomini¹

Antônio Caetano de Campos, médico e educador, nasceu em 17 de maio de 1844, na cidade de São João da Barra, Estado do Rio de Janeiro. De família pobre, seus primeiros anos foram de lutas e privações.

Formou-se pela Escola de Medicina da antiga Corte, em 1867, participando como cirurgião da armada na Guerra do Paraguai.

Em 1870, transferiu-se para São Paulo, conseguindo logo grande clientela. Ainda encontrava tempo para lecionar. Rangel Pestana, reconhecendo as altas qualidades de Caetano de Campos como educador, sugeriu a Prudente de Moraes, então presidente do estado de São Paulo, sua nomeação para o cargo de diretor da Escola Normal.

O médico Caetano de Campos, diretor da Escola Normal de São Paulo, entre 1889 e 1891, lançou a pedra fundamental do prédio que levaria seu nome, onde o curso normal iniciava a mulher para o mercado de trabalho, fornecendo-lhe alguma cultura geral sem dispensar os trabalhos manuais.

Lecionando na cadeira de biologia e administrando a modelar escola, deu nova orientação ao ensino.

Foi graças à orientação e influência de Caetano de Campos que surgiu a lei nº 27 de 12 de março de 1890, reformando a Escola Normal e convertendo em escolas modelos as escolas preliminares anexas.

Essas escolas foram criadas pelo próprio Caetano de Campos e eram dirigidas por duas notáveis professoras: Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, que havia permanecido quatro anos nos Estados Unidos, estudando métodos de ensino, e Márcia Brown, educadora norte-americana.

Foi também médico da Beneficência Portuguesa e diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia.

Educador por vocação, conhecedor das deficiências do aparelho educacional da monarquia e politicamente convencido dos benefícios da instrução, que só o regime republicano poderia proporcionar, sacrificou seus interesses pessoais para se dedicar ao magistério.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Caldeira Filho, um de seus biógrafos, assinala que a dignidade da profissão foi por ele projetada em merecido relevo e imposta, então, ao respeito público.

Quando o renomado mestre faleceu, em São Paulo, o jornal O Estado de S. Paulo notificou sua morte, acentuando em sua grande figura as linhas dominantes: “médico desvelado pelos seus doentes, cidadão exemplar, patriota modelo, republicano convicto” e, por último, “fanático da instrução pública”.

Pelágio Lobo registrou que Caetano de Campos teve em sua vida dois fanatismos que se igualaram em intensidade e eram resultantes de uma formação moral de imensa afatalidade: o fanatismo da assistência médica para os doentes e o fanatismo da assistência escolar para os analfabetos. A ambas essas classes de moléstias consagrou sua curta existência.

O trabalho de Caetano de Campos foi o de fomentar os governantes de São Paulo pela causa da instrução, que ele sabia ser a semente da nossa grandeza futura. Com isto, soube valorizar o mestre-escola, geralmente tão esquecido.

Sud Mennucci referiu, certa vez, que, na vida assombrosa de Caetano de Campos, o que mais lhe impressionara foi o seu remate. Doente, aceitou árduas incumbências, realizando obra magnífica, morrendo na ativa, enfrentando o destino, sacrificando-se pelo próprio ideal, mas realizando o grande milagre de concretizar um sonho.

Caetano de Campos faleceu prematuramente aos 47 anos, em 12 de setembro de 1891, dando o melhor de sua vida à educação da mocidade e abrindo novos horizontes para a instrução pública em nosso meio.

Em 1894, no dia 2 de agosto, a Escola Normal Caetano de Campos instalava-se condignamente no magnífico prédio da Praça da República, na cidade de São Paulo. E, assim, o nome abençoado do renomado médico seria perpetuado e apontado à mocidade brasileira como grande “fanático da instrução popular”.

Reformas posteriores alteraram-lhe a denominação, chegando-se a tirar o nome de Caetano de Campos dado à Escola Modelo e também ao majestoso aspecto arquitetônico do edifício.

Finalmente, em homenagem a Caetano de Campos, o governo do estado, por decreto de dezembro de 1939, devolveu seu nome à Escola Normal da Praça da República, na cidade de São Paulo.

Antônio Caetano de Campos foi honrado *post-mortem* como patrono da cadeira nº 28 da Academia Paulista de Letras, fundada em 27 de novembro de 1909.

Cadeira nº 96 – Patrono

Ignácio Emílio Achiles Betholdi 1810-1886



Helio Begliomini¹

Ignácio Emílio Achiles Betholdi², mais conhecido por Ignácio Achiles Betholdi, ou simplesmente Ignácio Betholdi, nasceu em Milão, Itália, em 1810, tendo por pais o casal Luiz e Carolina Betholdi.

Fez seus primeiros estudos em medicina na cidade de Bolonha – maior cidade da região da Emília-Romana – graduando-se, entretanto, pela Universidade Imperial e Real de Pávia.

Emigrou, juntamente com os seus pais, para o Brasil, aproximadamente em 1831, em consequência da insurreição contra o governo pontifício naqueles tempos conturbados. Residiu inicialmente no estado de Santa Catarina; subseqüentemente no Rio de Janeiro, em São Paulo e na cidade de Campinas (SP), onde clinicou durante muitos anos.

Em Campinas há evidências de que esteve a partir de 1853, residindo até aproximadamente 1859, à Rua de Baixo (Rua Lusitana). Foi companheiro do médico português André Brás Chalreu e, mais tarde, por motivos ignorados, tornou-se inimigo do dr. Bernardino José de Campos, pai do futuro presidente do estado de São Paulo.

Ignácio Betholdi foi um carbonário³ e um dos introdutores da Maçonaria no Brasil. Sonhou e lutou pela democracia, assim como trabalhou pela campanha antiescravagista. Era um livre pensador, manifestando-se em numerosos escritos, muitos deles reunidos em folhetos paginados que exprimiam suas polêmicas de índole filosófica. Foi colaborador do semanário “Aurora Campineira”, periódico lançado em 4 de abril de 1858, pelos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira. Conservou até a morte sua brilhante inteligência e invejável força física. Mesmo septuagenário era um lutador intrépido, com muita vivacidade.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Há citações do nome “Ignácio” sem o “g” (Inácio) e do sobrenome “Betholdi” sem o “h” (Betoldi).

3 Carbonária era uma sociedade secreta de ideias liberais, derivada da franco-maçonaria, e que surgiu na Itália em princípios do século XIX e à qual pertenciam os carbonários.

Duílio Crispim Farina⁴, seu biógrafo, refere que o visconde de Taunay em sua obra “Estrangeiros Ilustres e Prestimosos no Brasil”, registrou ser Ignácio Aquiles Betholdi “um homem de grande inteligência, mas de ideias e teorias violentas; clínico em Campinas e depois em São Paulo, onde se notabilizou pela campanha em prol da hospitalização dos leprosos. Liberal convicto, extremado, combativo, polemista, tomava posições e as sustentava com o arroubo de suas ações num proselitismo audaz, com gestos muitas vezes extremados, barricadas cívicas por melhores tempos, dias de esperança e certeza pela lei e o direito”.

O ilustre intelectual carioca Salvador de Mendonça⁵ referia que Ignácio Betholdi era uma segunda edição correta e aumentada de Líbero Badaró⁶.

Franco Cenni, autor da obra “Italianos no Brasil”, refere que foi durante uma comemoração da morte de Vitório Emanuel II que nasceu a ideia de se fundar uma associação beneficente, cujo fim seria a construção e a manutenção de um hospital. Reunidos em assembleia, aos 20 de janeiro de 1878, consignou que “surgia no crepúsculo do Império uma das mais vigorosas sociedades fundadas pela coletividade italiana no Brasil, a *Società Italiana di Beneficenza in San Paolo*, tendo como primeiro presidente o dr. Ignácio Betholdi”.

Ignácio Betholdi, numa correspondência datada em 14 de dezembro de 1878, ao seu amigo médico, Carlos Engler, responsável por um hospital de recolhimento de leprosos, assim consignou: “*Amigo dr. Engler. Vi o seu doente, o Sr. Luis Guerra. Dou-lhe os parabéns pela cura. Existe um pouco de palidez que ainda indica que o mesmo estivesse morféptico; como desejo muito que a cura se sustente, aconselho-o para que dê seu remédio ainda por muito tempo, em dose gradualmente menor. O amigo sabe que as moléstias crônicas sempre tendem a voltar, porque sente-se restando no organismo uma discrasia que só com o largo tempo se desfaz. Até outra. Seu velho amigo, Betholdi*”.

Ainda a propósito de outro caso, assim escreveu Ignácio Betholdi a Carlos Engler: “*Vi o seu doente, o Sr. J. T., e antes que me apresentasse a carta, reconheci o lázaro e regozijei-me por saber que, enfim, esta moléstia cedera aos esforços da terapêutica que há, que atuam sobre ela com incontestável proveito. Me perguntará o colega: ‘Como o reconheceu depois da cura?’ A pele do rosto era clara, macia e fina; as cartilagens das orelhas desligadas e quem não tem esse olhar perscrutador do físico humano que dá a experiência de muitos anos, não reconhecia a moléstia como se fora. A que sinais se conhece ela? Quase que direi simplesmente: uma sensação indefinível que se experimenta em observar o doente. Procurando-se ver se as sobrancelhas são novas, delgadas e de pelos finos; as orelhas ainda têm um longe de amarelado antigo, o rubor da face não é bem uniforme de ambos os lados. No corpo restam ainda algumas nódoas de cicatrizes. A moléstia sempre deixa sinais, mas os sinais não são moléstia*”.

4 Duílio Crispim Farina é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Salvador de Menezes Drummond Furtado de Medonça (1841-1913), fluminense, foi um advogado, jornalista, diplomata e destacado escritor brasileiro; um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos idealizadores do Movimento Republicano no País.

6 Giovanni Battista Líbero Badaró (1798-1830) é o patrono da cadeira nº 60 da Academia de Medicina de São Paulo.

Ignácio Betholdi faleceu em 20 de março de 1886, na cidade de São Paulo, onde clinicava desde janeiro de 1864. Teve um consultório na Rua do Bom Retiro, local distante para a época. De acordo com seu outro biógrafo, Jolumá Brito, Miranda Azevedo⁷, seu ilustre colega de profissão, fez uma oração junto à sua sepultura, “exaltando seu vasto saber e o sentimento humanitário que sempre o distinguiram”. Por sua vez, em seu necrológio publicado na imprensa, o dr. Américo de Campos assim se expressou: “Era um Voltaire encadernado de Golias”.

Em seu testamento legou todos os seus livros ao seu sobrinho, o dr. Luiz Ricardo Betholdi, com a condição de “caso não ter esse destino, esse acervo seria dado à Biblioteca Independência da Loja Maçônica de Campinas”.

Ignácio Emílio Achiles Betholdi é honrado como patrono da cadeira nº 96 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua bairro de Vila Dutra, na cidade de Campinas.

⁷ Augusto Cesar de Miranda Azevedo foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ter sido seu terceiro presidente num mandato anual entre 1897-1898.

Cadeira nº 97 – Patrono Admissão: 7/3/1895

Luiz Gonzaga de Amarante Cruz

Helio Begliomini¹



Luiz Gonzaga de Amarante Cruz, mais conhecido por Amarante Cruz, nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Logo após a sua graduação em medicina, veio exercer a profissão na cidade de São Paulo, onde se radicou. Tornou-se conhecido por todo São Paulo. Lia e conhecia muito sobre a Europa e tinha grande noção do território desse continente através do estudo de mapas, embora jamais tivesse viajado para lá. Também apreciava música.

De acordo com seu biógrafo Rubião Alves Meira², Amarante Cruz era “magro, tinha bigodinho preto e retorcido nas pontas; usava *pince-nez*, apresentava fisionomia inteligente, tinha olhar vivo, andava sempre apressadíssimo e era muito estimado por todos. Muito conversador, tinha largo círculo de amigos que o cercavam de muita afeição. Era bom e incapaz de praticar o mal. Não tinha inimigos. Seu feitio e sua franqueza não lhe granjearam adversários. Conservou até o fim de seus dias o tipo jovem; ninguém dizia ao certo a sua idade”.

Dedicou-se à cirurgia e tornou-se um excelente operador, pois realizava rapidamente os atos cirúrgicos, aliás, como tudo o que fazia. Destacou-se também como cirurgião entre os indígenas.

Amarante Cruz chegava cedo à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo onde chefiava seu serviço cirúrgico (Figura 2), sendo, nessa instituição, contemporâneo de trabalho de Affonso Regulo de Oliveira Fausto³, Arthur Mendonça⁴, Euzébio de

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

As fotos foram uma contribuição do acadêmico Manoel Ignacio Rollemberg dos Santos, fundador da cadeira nº 97 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Luiz Gonzaga de Amarante Cruz, e de Maria Nazarete de Barros Andrade, coordenadora do Museu Augusto Carlos Ferreira Velloso da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

2 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

3 Affonso Regulo de Oliveira Fausto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e é o patrono da cadeira nº 67 desse sodalício.

4 Arthur Mendonça foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1903-1904.

Queiroz e Rubião Alves Meira, dentre outros. Entretanto, pouco frequentava as sociedades médicas, onde poderia apresentar os resultados de suas observações e de sua grande experiência.

Era inteligente e chegou a fazer fortuna, mas, muito econômico, nunca a desfrutou.

Amarante Cruz foi também médico da Força Pública de São Paulo, onde se tornou chefe do serviço clínico no posto de tenente-coronel. Não faltava aos seus compromissos e era muito dedicado no cumprimento do dever.

Foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Nessa entidade, Amarante Cruz, juntamente com Erasmo do Amaral⁵, Ignácio Marcondes de Rezende⁶, Mathias de Vilhena Valladão⁷ e Sérgio Florentino de Paiva Meira⁸, formaram uma comissão encarregada de redigir o primeiro estatuto, que foi apresentado na Assembleia Extraordinária em 18 de fevereiro de 1895. Nessa ocasião foi definida a data de 7 de março desse mesmo ano como a de fundação do sodalício.

Esse estatuto apresentava como finalidade da instituição: o estudo de assuntos relativos às ciências médicas e naturais; a defesa dos interesses da classe médica; a elaboração de pareceres sobre questões de interesse da classe médica; a publicação de boletins com os trabalhos dos sócios e de outros de interesse para a instituição; a promoção e o auxílio para a criação de instituições instrutivas e beneficentes relacionadas à profissão médica; a criação de uma biblioteca e de um museu relacionados ao estudo médico.

Amarante Cruz também participou na diretoria da Sociedade de Medicina de São Paulo ao lado de Arnaldo Vieira de Carvalho e Felice Buscaglia⁹ na Comissão de Cirurgia; e, ao lado de Randolpho Margarido da Silva e José Luiz de Aragão Faria Rocha, na Comissão de Sindicância.

5 Erasmo do Amaral foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

6 Ignácio Marcondes de Rezende foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

7 Mathias de Vilhena Valladão foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu presidente por um mandato anual entre 1898-1899, e é o patrono da cadeira nº 13 desse sodalício.

8 Sérgio Florentino de Paiva Meira foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ter sido seu presidente por dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

9 Felice Buscaglia foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 2 – Médicos do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 26 de novembro de 1903. Identificação dos nomes da esquerda para a direita.

Na primeira fila, sentados: João Sodine, Delfim Cintra, Affonso Regulo de Oliveira Fausto, Arnaldo Vieira de Carvalho¹⁰, comendador Nuno de Andrade, Luiz Gonzaga de Amarante Cruz, João Alves de Lina¹¹ e José Pires Neto.

Na segunda fila: Alcino Braga, Marino Freire, José Egídio de Carvalho, Arthur Mendonça, comendador Alberto de Souza, mordomo do Hospital Central; Macedo de Castro, Aristides Seabra, Francisco Queiroz Matoso e João Fairbanks.

Na terceira fila: Luiz do Rego; médico visitante italiano, Azurem Furtado, Roberto Gomes Caldas, Euzébio de Queiroz Matoso, Olegário de Moura¹², Arthur Fajado, Corte Real, Diogo de Faria¹³ e Valmor de Souza.

Luiz Gonzaga de Amarante Cruz morreu de doença consumptiva, muito emagrecido e em estado depressivo num sanatório da cidade de São José dos Campos (SP). A ele foi dedicada uma placa na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, inaugurada em 24 de julho de 1910, com os seguintes dizeres: “Dr. Amarante Cruz – Homenagem à Constância e ao Mérito”. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 97 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

10 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

11 João Alves de Lima presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

12 José Olegário de Almeida Moura presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1914-1915.

13 Diogo Teixeira de Faria presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1904-1905, e é o patrono da cadeira nº 58 desse sodalício.

Cadeira nº 98 – Patrono
Admissão: 3/11/1937

Walter Edgard Maffei
1905-1991



Helio Begliomini¹

Walter Edgard Maffei, mais conhecido simplesmente por Maffei, nasceu aos 15 de janeiro de 1905, na cidade de Salto de Itu (SP). Graduou-se em 1930 pela Faculdade de Medicina de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Aí se dedicou à carreira acadêmica, galgando a condição de professor livre-docente de anatomia patológica.

Fez estágio de aperfeiçoamento por aproximadamente dois anos no Hospital La Salpêtrière, em Paris, onde se destacou pelos seus conhecimentos, particularmente de neuropatologia. Regressou ao Brasil em consequência da II Guerra Mundial.

Permaneceu na FMUSP até 1945, uma vez que fora colocado em disponibilidade pelo então catedrático de anatomia patológica, professor Ludgero da Cunha Motta. Egresso, passou a exercer o cargo de patologista no Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha, onde ficou conhecido. Tornaram-se famosas as reuniões anatomoclínicas que organizava, aos sábados, para a discussão de óbitos dos psicopatas, aonde afluíam muitos médicos da capital para participar.

Walter Maffei dedicou-se também à estruturação dos departamentos de patologia da Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Aqui, fundou, em 2 de janeiro de 1952, o Serviço de Anatomia Patológica, auxiliado pelos jovens patologistas José Donato de Próspero e Carlos Marigo.

Segundo José Donato de Próspero, que com ele conviveu muitos anos, Maffei era portador de “notório saber e tinha fama de cientista polêmico; era enérgico, competente e grande didata”. Por outro lado, alguns “alegavam dificuldade de relacionamento com ele, em virtude de sua forte personalidade, além de atitudes polêmicas, principalmente pelas opiniões divergentes sobre diversos aspectos da medicina, muitas vezes discordantes dos conhecimentos de então”.

Walter Maffei era antes de tudo um patologista geral, porém interessou-se particularmente pela neuropatologia, cujo entusiasmo e conhecimentos ultrapassaram os limites do país.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Trabalhava de forma *sui generis*; não dava trégua e não perdoava erros devidos à inexperiência de seus assistentes. Por sua vez constituiu grupos de estudos e não se importava de reunir-se semanalmente com seus alunos em horários extracurriculares. Certa feita surgiu-lhe uma indagação de seus assistentes, a fim de que ele orientasse quais livros indicaria para estudar anatomia patológica. Ao que ele rapidamente respondeu: “*Anotem aí, moços – os melhores livros que eu conheço, e são os únicos que existem, são a aula de autópsias e o microscópio. Depois de anos com esse ‘livros’, complementem o estudo com qualquer outro*”.

Maffei criou também na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo memoráveis reuniões anatomoclínicas que lotavam o antigo anfiteatro da biblioteca, delas participando profissionais de nomeada, como Aldo Bruno Definis, Oscar Monteiro de Barros² e Edwin Castelo, dentre outros. Eram sessões concorridas e muitos médicos de dentro e de fora da instituição se faziam presentes, motivados pela excelente qualidade científica que elas encerravam. Essas reuniões foram um motivo a mais para que, mais tarde, surgisse a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Nessa época Maffei teve a ideia, rapidamente assimilada pelos seus assistentes, de se criar uma revista científica, a fim de incentivar a produção e a publicação de trabalhos não somente da anatomia patológica, mas também de outros departamentos. Assim, em 1955, sob a inspiração de Maffei, tendo Carlos Marigo, seu assistente, como diretor, surgiram os “Arquivos Médicos da Santa Casa de São Paulo”. Editada trimestralmente, perdurou por várias décadas, sendo continuada após um período de inativação de aproximadamente três anos por questões econômicas, por “*Santa Casa Medical Journal*”.

Walter Maffei foi também um dos grandes protagonistas para que surgisse nas dependências da Santa Casa uma faculdade de medicina. Sempre dizia: “*Um hospital desse tamanho e com essa importância e tradição não sobreviverá sem estudantes. Precisamos pensar numa futura faculdade para incentivar o ensino e a pesquisa, além de desenvolver a assistência médica*”. Esse sonho foi robustecido em 1962, com a criação da Associação dos Médicos da Santa Casa de São Paulo, presidida por Emílio Athie, outro grande entusiasta da ideia. Em maio de 1963 foi inaugurada a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, tendo em seu primeiro Conselho Departamental os ilustres professores Walter Edgard Maffei, Eduardo da Costa Manso e Oscar Monteiro de Barros.

Segundo sua aluna e biógrafa Carmen Lúcia Penteado Lancellotti, Maffei era “carismático, irônico e considerado por todos irreverente. Possuidor de conceitos absolutamente não convencionais, ninguém conseguia ficar indiferente à sua personalidade: ou o amavam ou não o levavam muito a sério. Era um livre pensador e não se interessava em provar nada. Outro aspecto de sua personalidade que me fascinava era sua didática. Quem pode esquecer-se do início de seu Curso de Neuropatologia, quando ele comparava os lobos cerebrais com os sete anões da Branca de Neve. As suas aulas eram uma mistura de conhecimentos científicos, de dados históricos e de fábulas. Logo no início de minha residência em patologia, disse a ele que tencionava fazer neuropatologia e que gostaria muito de sua orientação. Ao que ele me respondeu: *‘Muito*

2 Oscar Monteiro de Barros foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1956-1957, e é patrono da cadeira nº 69 desse sodalício.

bem, pois de hoje em diante, você vai ser a responsável por todas as atividades relacionadas com a neuropatologia – anatomoclínicas com os neurologistas e neurocirurgiões; estudos necroscópicos dos encéfalos e estudos histopatológicos das peças’. E eu então rebati: Mas dr. Maffei, eu não sei nada. E ele: *‘Minha filha, é assim que se aprende’.* Quero enfatizar esse seu espírito aberto, não competitivo e, para mim, extremamente estimulante, que me abriu todas as portas físicas e do conhecimento para a neuropatologia. A partir desse momento posso dizer que fui uma das raríssimas pessoas que puderam desfrutar o privilégio de sua companhia diária durante cerca de 20 anos”.

Maffei enfatizava nos seus ensinamentos que *“a herança genética referia-se sempre à penetrância dos genes, e aos caracteres fenotípicos, nem sempre iguais aos genotípicos”.* Seu raciocínio clínico era baseado no binômio *“alergia versus anergia”;* quando a imunologia era ainda incipiente, ele já tinha teorias que, posteriormente, se confirmaram. Dava muita importância aos biótipos humanos; em suas aulas, no necrotério, ignorando os dados clínicos, discorria sobre as doenças somente pela análise do biótipo do cadáver e, quase sempre, acertava os diagnósticos envolvidos com a *causa mortis.* Tinha reserva quanto à indústria farmacêutica; dizia que os alunos eram propagandistas de laboratório, pois não se preocupavam em entender como aconteciam as doenças. Aliás, a lista de medicamentos que prescrevia era muito enxuta, constando, entre eles, o ácido clorídrico a 50%; levedo de cerveja; cloreto de cálcio; emplastos cutâneos para deslocar o órgão choque para a pele, dentre outros incomuns na prática clínica de seu tempo. Gostava de observar os fatos chegando às raízes do fatalismo, pois achava que, na melhor das hipóteses, não se podia interferir muito no rumo dos acontecimentos, talvez apenas minimizá-los. Entretanto, não desestimulava seus discípulos por novas informações, mesmo quando se confrontavam diretamente com suas ideias. Era extremamente desprezado de dinheiro; quando seus alunos encaminhavam-lhe pacientes, geralmente crônicos e que já tinham passado por diversos tratamentos sem sucesso, atendia-os sem qualquer remuneração. Dizia que *“a única vez que cobrou uma consulta foi roubado quando ia para casa de ônibus, e esse foi um aviso de que não deveria ter cobrado”.*

Maffei era uma pessoa acessível e de larga cultura, conhecendo desde a obra de Agatha Christie até os clássicos da literatura; apreciava música lírica e clássica. A propósito, confienciara diversas vezes à sua aluna Carmen Lancellotti que não tinha conseguido realizar um dos seus maiores sonhos – tocar violino – apesar das horas intermináveis que se dedicou ao estudo desse instrumento. Por fim, convencera-se de que não possuía essa habilidade que, como todas as outras, tem cunho genético.

Dentre outros de seus aforismos têm-se: *“Não existe sentido em guardar o seu conhecimento só para si. Ele sempre precisará ser repassado a outros, senão, não terá qualquer valor”,* e *“O médico existe porque existem doentes”.*

Walter Maffei foi também catedrático de patologia geral e de anatomia patológica da Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), de 1955 até o seu falecimento, em 1991. Ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 3 de novembro de 1937. Foi membro de honra da Sociedade Francesa de Neurologia e patrono, em 1984, da 29ª turma da Faculdade de Medicina de Sorocaba da PUC-SP. Es-

creveu os livros: **As Bases Anatomopatológicas da Neuriatria e Psiquiatria** (1951, em dois volumes: volume 1 com 781 páginas e volume 2 com 1.112 páginas); **Os Fundamentos da Medicina** (1968); e **Human Topography for Oncology – Oncotop a Proposal** (1992, *post-mortem* em coautoria com Rodolfo Brumini, 345 páginas).

Walter Edgard Maffei faleceu em 10 de setembro de 1991, contando com 86 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 98 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo dá nome a um prêmio do Departamento Científico do Diretório Acadêmico Manoel de Abreu³ e à Liga de Neurociências; dá também nome a uma avenida no bairro residencial Santa Madre Paulina, na cidade de Salto (SP).

3 Manoel Dias de Abreu é patrono da cadeira nº 37 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 99 – Patrono

Oswaldo Gonçalves Cruz 1872-1917



Roberto Godoy¹

Médico sanitaria brasileiro, fundador da medicina experimental brasileira e que obteve reconhecimento mundial como sanitaria pelo fato de ter conseguido erradicar as febres amarela e bubônica e a varíola na então capital federal, Rio de Janeiro, durante o governo de Rodrigues Alves.

Nasceu em São Luís de Paraitinga (SP) em 5 de agosto de 1872, e faleceu aos 44 anos, em Petrópolis (RJ), em 11 de fevereiro de 1917. Era o único filho homem do médico dr. Bento Gonçalves Cruz, casado com a prima-irmã, Amélia Taborda Bulhões Cruz.

Com apenas 14 anos de idade ingressou no curso de medicina pela Universidade do Rio de Janeiro, onde se doutorou (1892), defendendo a tese **Da Veiculação Microbiana pelas Águas**, passando a clinicar no Rio de Janeiro.

Foi para Paris (1896), onde se aperfeiçoou em microbiologia no Instituto Pasteur. Na Europa trabalhou no Serviço de Vias Urinárias do professor Félix Guyon, no Laboratório de Toxicologia e no Instituto Pasteur, dirigido então por Émile Roux, e fez estágio na Alemanha.

Voltou ao Rio (1899) e em outubro do mesmo ano esteve em Santos (SP) para estudar a epidemia da peste bubônica que surgiu naquela cidade, e sobre a qual escreveu um relatório detalhado. Com Vital Brasil e Adolfo Lutz ele confirmou clínica e bacteriologicamente que se tratava da peste bubônica. Diante da grave situação, as autoridades criaram o Instituto Butantã em São Paulo, dirigido por Vital Brasil, e o Instituto Soroterápico Municipal no Rio de Janeiro, que se instalou numa fazenda em Manguinhos e que depois se transformou no Instituto Oswaldo Cruz. Participou da fundação do Instituto Soroterápico de Manguinhos (1900), destinado, sobretudo, à pesquisa e desenvolvimento de vacinas.

Indicado para chefiar a parte técnica, a instituição firmou-se como centro técnico e experimental de grande renome, de depois (1908) passou a se chamar Instituto Oswaldo Cruz.

Em março de 1903 assumiu a direção do serviço da Saúde Pública do Rio de Janeiro, a convite do presidente Rodrigues Alves. Teve de enfrentar terríveis resistências

¹ Roberto Godoy (1946-2012) foi membro titular e emérito da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Oswaldo Gonçalves Cruz.

e obstáculos de toda sorte para que a missão fosse coroada de êxito ao fim de três anos. Conseguiu que o governo tornasse obrigatória a vacina contra a varíola. Seu nome tornou-se conhecido no mundo inteiro. Iniciou rigoroso programa de combate à moléstia, com o isolamento dos doentes, vacinação obrigatória e campanhas para eliminar os focos do mosquito.

A campanha sofreu cerrada oposição da parte dos positivistas, políticos e de vários jornais cariocas, principalmente do Correio da Manhã. Todos os dias os jornais publicavam editoriais que atacavam e ridicularizavam em caricaturas a figura do sanitarista com sua brigada de “mata-mosquitos”.

Em 14 de novembro (1904), finalmente eclodiu uma rebelião da Escola Militar com repercussão popular. O movimento, denominado “quebra-lâmpião”, quase depôs o governo de Rodrigues Alves. A revolta foi subjugada pelo comandante da guarnição federal, general Hermes da Fonseca, futuro presidente da república.

O notável sanitarista não cedeu em nenhum momento e, graças às medidas que tomou, registraram-se apenas 39 casos de febre amarela no Rio de Janeiro (1906), quatro casos (1907) e nenhum caso (1908).

As medidas profiláticas acabaram também com as epidemias de peste bubônica e varíola.

Paralelamente executou uma profunda reforma no código sanitário e ao mesmo tempo remodelou todos os órgãos de saúde, com grandes benefícios para a higiene e a economia do país, pois na época das epidemias os navios evitavam aportar no Rio de Janeiro.

Sofrendo de insuficiência renal, enfermidade que o levaria à morte, deixou a direção da Saúde Pública em 19 de agosto (1909), mas participou ainda de várias outras campanhas sanitárias por todo o Brasil. No ano seguinte aceitou convite da empresa que construía a estrada de ferro Madeira-Mamoré, na região amazônica, e fez um estudo do saneamento da região. Graças à adoção de seu esquema, a construção da ferrovia pôde prosseguir até a inauguração, em 1^a de agosto (1912). O resultado dessa viagem está contido no trabalho Madeira-Mamoré Railway Company.

Também elaborou um plano de saneamento do vale do Amazonas, dando execução a um compromisso que assumira com o Ministério da Agricultura, e saneou a cidade de Belém, de acordo com contrato firmado com o governo do Pará.

Representou o Brasil em congressos sanitários realizados em Dresden, Alemanha, na Cidade do México e em Montevidéu. Em 1907 representou o Brasil no XIV Congresso de Higiene e Demografia, em Berlim, onde teve imenso sucesso. Aí, concorrendo com outros 123 expositores, ganhou o primeiro prêmio com a exposição de seu trabalho no Rio. Mereceu a medalha de ouro oferecida pela imperatriz da Alemanha. Foi eleito, no mesmo ano, para a Academia Nacional de Medicina.

Em 1908 reformou o Instituto Manguinhos, aparelhando-o com o que havia de mais moderno. Em 1912 procedeu ao saneamento do vale amazônico, ao lado do seu discípulo Carlos Chagas, já então cientista de renome.

Sua bibliografia científica abrange 43 trabalhos de teses, observações, pesquisas médicas e relatórios científicos, além de memórias e do discurso de posse na Acade-

mia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito (1912), passando a ocupar a cadeira deixada vaga pelo poeta Raimundo Correia.

Mais uma vitória pessoal, pois, na disputa, enfrentou a candidatura do poeta Emílio de Meneses, provocando grande polêmica naquela casa. Alguns achavam que, devido à sua denominação, a Academia somente devia abrigar literatos. Venceu a tese de que vultos consagrados, de qualquer arte ou ciência, podiam ter um lugar na instituição.

Já muito doente, foi nomeado prefeito de Petrópolis (RJ, 1916). Assumiu o cargo em 18 de agosto, mas renunciou em janeiro do ano seguinte e morreu naquela cidade em 11 de fevereiro (1917).

Cadeira nº 100 – Patrono
Admissão: 7/3/1895

**Américo Brasiliense de
Almeida Mello Filho**
1864-1942



Helio Begliomini¹

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho nasceu na cidade de São Paulo, em 24 de março de 1864. Era oriundo de tradicional e ilustre família paulista, tendo por pai Américo Brasiliense de Almeida Mello² e, por mãe, Marcellina Lopes Chaves de Mello³. Teve sete irmãos: Alice, Eponina, Zuleika, Rute, Francisco, Perciano e Lourival.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1889, e exerceu atividade clínica por algum tempo na então capital federal. Regressou, em 1892, à cidade de São Paulo, tendo se distinguido como um dos mais conceituados clínicos.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho se destacou por suas elevadas qualidades morais e intelectuais. Filho de um dos mais notáveis chefes republicanos da

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótuła: As fotos e parte dos dados aqui consignados foram gentilmente fornecidas pelo sr. Maurílio José Ribeiro, da Seção de Denominação de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo.

A foto em epígrafe foi publicada no jornal A Gazeta, em 8 de abril de 1942.

2 Américo Brasiliense de Almeida Mello nasceu em Sorocaba (SP), em 8 de agosto de 1833. Graduou-se pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1855, onde também foi lente. Destacou-se como político, jurisconsulto, abolicionista, republicano e escritor brasileiro. Foi um dos fundadores da Loja América, organização similar à Maçonaria. Ocupou diversos cargos públicos no País, sendo presidente das províncias da Paraíba e do Rio de Janeiro. Em São Paulo foi vereador (1881-1882) e deputado provincial (1868-1889). Foi nomeado o terceiro governador de São Paulo e o primeiro a ser eleito pelo voto popular, exercendo o cargo de 7 de março a 11 de junho de 1891. Continuou no poder como primeiro presidente do estado em decorrência da Constituição de 1891, que estabeleceu o título de presidente para o chefe do Executivo, presidindo-o de 11 a 13 de junho e de 16 de junho a 15 de dezembro de 1891, sendo substituído nas datas intermediárias por Cerqueira César. Enfrentou um período de grandes conturbações em São Paulo e deixou o cargo antes de completar o mandato.

Coube a Américo Brasiliense de Almeida Mello promulgar a primeira Constituição do estado, além de elaborar o primeiro projeto da Constituição federal, em 1891. Faleceu na cidade Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 25 de março de 1896, quando ocupava o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal. É homenageado no município de Américo Brasiliense (SP), além de dar nome a uma escola estadual na cidade de Santo André (SP) e a ruas nos municípios de São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Campinas, São Bernardo do Campo e Maringá (PR).

3 Marcellina Lopes Chaves de Mello era irmã de Francisco Lopes Chaves, segundo barão de Santa Branca; de Licínio Lopes Chaves, segundo barão de Jacarehy; do dr. Joaquim Lopes Chaves, senador federal; e filha do primeiro barão de Santa Branca.

antiga província de São Paulo, manteve-se coerente com suas convicções políticas, pois foi sempre monarquista intransigente, jamais tendo renunciado a sua crença nas antigas instituições do País. Serviu fielmente ao Partido Conservador, ocupando cargos de confiança no tempo do Império. Após a proclamação da República, afastou-se inteiramente de qualquer atividade política, dedicando-se exclusivamente ao exercício de sua profissão.

Foi um dos fundadores, em 12 de outubro de 1898, da Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo, da qual foi por mais de trinta anos professor catedrático de matéria médica e terapêutica, ombreando-se com outros ilustres lentes dessa instituição de ensino. Aí, de forma interina, lecionou outras matérias e tornou-se vice-diretor por dez anos, tendo recusado a diretoria, embora a tivesse exercido por mais de uma vez, também em caráter interino.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho (Figura 2) prestou relevantes trabalhos ao Serviço Sanitário do Estado como inspetor em comissão, tendo sido auxiliar de confiança do notável higienista Emílio Ribas⁴, de quem foi secretário médico. Outrossim, exerceu cargos temporários de assistente do Instituto Bacteriológico e do Hospital de Isolamento. Por sua vez, recusou o cargo de assistente do Instituto Butantã, adrede criado para ele, o qual visava aproveitar sua capacidade.



Figura 2 – Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho. Foto publicada no Jornal do Commercio (RJ), em 9 de abril de 1942.

A partir de 1903 desempenhou a chefia de clínica do Asilo de Inválidos, desde quando estava instalado na Rua da Glória até a transferência para a Chácara Jaçanã. Prestou, por mais de trinta anos, excelentes serviços à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, galgando, nos últimos tempos, a condição de membro da Mesa Administrativa, função que exerceu até 1941. Em retribuição aos seus préstimos foi-lhe conferido o título de “Irmão Protetor”, a mais alta dignidade dessa instituição.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, desde a sua fundação, em 7 de março de 1895. Nesse sodalício atuou em diversos cargos da diretoria, assim como teve participação na comissão organizadora do I Congres-

4 Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

so Médico Paulista⁵, presidida por Arnaldo Vieira de Carvalho⁶, tendo como demais membros: Affonso Regulo de Oliveira Fausto⁷, Francisco Franco da Rocha, Sylvio Azambuja de Oliva Maia⁸, Vital Brazil⁹, José Ayres Netto¹⁰, Alsino Braga e Xavier da Silveira. Ademais, num período de lutas internas, seu nome foi indicado como candidato de conciliação para comandar os destinos da entidade. Foi aceito por ambas as facções, o que lhe resultou no título de “Pacificador da Classe Médica”. Teve a honra de ser o 26º presidente do sodalício, exercendo seu mandato anual entre 1924-1925¹¹. Desempenhou sua difícil missão com esmerada diplomacia.

Dentre outras entidades de que participou em suas respectivas diretorias salientam-se o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a Sociedade de Medicina Legal e Criminologia, da qual foi por muito tempo vice-presidente. Durante mais de 30 anos, ao lado de Clemente Ferreira¹², serviu à Liga Paulista Contra a Tuberculose, onde ocupou diversos cargos na diretoria, inclusive o de vice-presidente, que o levou a dirigir longamente essa instituição. Prestou também serviços durante cerca de 50 anos à Real e Benemérita Sociedade de Beneficência Portuguesa, galgando a condição de diretor clínico e presidente na Sociedade dos Médicos. Nesse nosocômio recebeu o título de “Diretor Clínico Honorário” e sócio Cruz de Honra, a mais alta distinção honorífica. Durante a pandemia de gripe espanhola de 1918, enquanto chefe de clínica médica do Hospital São Joaquim dessa instituição, pôde prestar grandes socorros aos doentes que se apinhavam nas dependências do hospital, uma vez que só ele, dos médicos da casa, não adoecera.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi uma das figuras mais conhecidas da classe médica paulista, destacando-se pela nobreza de seu caráter e pela austeridade de sua vida. Tinha inteligência lúcida; aprimorada cultura médica e geral e era pos-

5 O I Congresso Médico Paulista foi realizado na cidade de São Paulo, de 4 a 9 de dezembro de 1916. Apresentou como temas oficiais as principais endemias e epidemias presentes em terras paulistas: tuberculose, lepra, disenteria, febre tifoide e ancilostomose. Os temas da cirurgia e os diversos aspectos da higiene urbana também estiveram presentes. O I Congresso Médico Paulista contou com a participação de médicos, veterinários, dentistas, parteiras, farmacêuticos e engenheiros oriundos de várias regiões do País. Junto ao evento foi realizada uma Exposição de Higiene, na qual foram apresentados produtos farmacêuticos, químicos e alimentícios.

6 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

7 Affonso Regulo de Oliveira Fausto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e é o patrono da cadeira nº 67 desse sodalício.

8 Sylvio Azambuja de Oliva Maia foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1908-1909.

9 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

10 José Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1919-1920 e 1934-1935, e é o patrono da cadeira nº 105 desse sodalício.

11 Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante 47 anos!

12 Clemente Miguel da Cunha Ferreira é o patrono da cadeira nº 24 da Academia de Medicina de São Paulo.

suidor de grande prática hospitalar. Foi protagonista de acendrada ética profissional; portador de cativante bondade e extrema simpatia, qualidades que o tornaram não somente um dos mais eminentes e acatados médicos de São Paulo, mas também um dos mais ilustres cidadãos de seu tempo.

Foi, durante muitos anos, colaborador da Gazeta Clínica, o mais antigo e prestigioso periódico médico de São Paulo.

Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho foi casado com Francisca de Souza Rezende, filha do barão de Rezende. Faleceu na cidade de São Paulo, em 8 de abril de 1942, às vésperas de completar 78 anos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério da Ordem Terceira do Carmo. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 100 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome a uma rua no bairro de Santo Amaro, na capital paulista.

Cadeira nº 101 – Patrono

**Geraldo Horácio de
Paula Souza
1889-1951**



Helio Begliomini¹

Geraldo Horácio de Paula Souza nasceu aos 5 de julho de 1889, na cidade de Itu (SP). Sentindo a influência intelectual do seu pai, Antonio Francisco de Paula Souza – fundador da Escola Politécnica de São Paulo –, e das grandes transformações políticas, econômicas e intelectuais ocorridas no país, na primeira metade do século XX, bem cedo ingressou nos estudos universitários, graduando-se aos 19 anos pela Escola de Farmácia de São Paulo.

Presume-se que seu interesse pelos problemas relacionados à saúde já se fazia sentir, razão pela qual se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Antes de graduar-se, passou um período na Europa, onde realizou estudos e estágios nos laboratórios de química e nos institutos médicos de Berlim, Zurique, Genebra e Paris. Após obter o diploma de médico, em 1915, trabalhou alguns anos no Laboratório de Química da Santa Casa em São Paulo e, em 1918, dado o seu nascente interesse por questões de higiene e saúde pública, foi indicado para o cargo de professor assistente de higiene da Faculdade de Medicina, instituição em que fora aluno.

Em seguida, realizou estudos nos Estados Unidos da América (EUA), onde, na Escola de Higiene da *John Hopkins University*, em Baltimore, após dois anos de intensas pesquisas (1919-1920), recebeu diploma de doutor em higiene e saúde pública. Trabalhou em Boston no *Nutrition Laboratory*, época em que teve a oportunidade de visitar institutos e obras de caráter sanitário em várias regiões dos EUA. Desse modo foi enriquecendo sua experiência e conhecimentos dirigidos no campo da saúde, constituindo, assim, as bases fundamentais para o seu trabalho no Brasil.

De volta ao país, em 1914, iniciou a carreira de docente na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, primeiramente como assistente de química médica e, posteriormente (1922), assumindo o cargo de professor catedrático. A partir de então, encarregou-se do Serviço de Saúde Pública do Estado, período em que, entre muitos melhoramentos, introduziu a prática da cloração das águas de abastecimento pela primeira vez no Brasil, que resultou na diminuição notável da mortalidade pela febre tifoide na capital.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

Entretanto, fundou em nosso país uma rede de centros de saúde, trazendo com isso inestimáveis benefícios à população, principalmente de baixa renda. Um Centro de Saúde Modelo que, atualmente, leva o seu nome, anexo à Faculdade de Saúde Pública, também foi por ele criado nos últimos anos de sua atuação.

Prosseguindo em constante atualização foi contemplado com uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, trazendo para o Brasil, entre outras inovações, uma concepção mais abrangente da saúde pública, implantando-a nos serviços sanitários de São Paulo; no Instituto de Higiene e na Sociedade Brasileira de Higiene. Também divulgou tal concepção nas diversas conferências nacionais e internacionais, sobretudo nas que representou o Brasil.

Nos anos 20 do século XX, época em que se instalou o Serviço Sanitário de São Paulo (1922 a 1927), Paula Souza conseguiu oficializá-lo, sendo, posteriormente, nomeado diretor e permanecendo à frente dessa instituição por cinco anos. Com atribuições mais amplas, organizou serviços especializados de alimentação, de fiscalização do exercício da medicina e da inspetoria da lepra. Somente 20 anos depois, como diretor do Instituto de Higiene, anexo à cadeira de higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo, com muita luta, chegou à etapa auge de seus esforços para a criação de uma escola de formação de pessoal e realizações de pesquisas na área, pela transformação daquele centro em Faculdade de Higiene e Saúde Pública e, posteriormente, apenas Faculdade de Saúde Pública integrada à Universidade de São Paulo (USP). Nessa instituição, como diretor, continuou sua brilhante trajetória de professor e administrador durante um período de 10 anos, interrompido pelo seu falecimento.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que a criação da Faculdade Higiene e Saúde Pública de São Paulo trouxe grandes benefícios para o país, obra de Paula Souza. Por suas atividades de ensino, pesquisa e extensão a serviços comunitários, essa instituição de ensino tem-se projetado em todo o Brasil e também no exterior. É requisitada com frequência para colaborar com órgãos nacionais e internacionais em projetos que buscam soluções para os problemas de saúde pública. Dentre os cursos de pós-graduação, assinalam-se o de saúde mental e de serviços de saúde pública e, entre os de especialização, o curso interdisciplinar de saúde pública. São todos, como esses, abertos também a psicólogos, facilitando-os no aprofundamento no campo da saúde.

Não menos importante foi a contribuição de Paula Souza à Sociedade Brasileira de Higiene, que tem reunido diversos profissionais ligados à especialidade para discutirem conceitos e propostas, apontando os principais caminhos a serem tomados pelas autoridades na solução de problemas urbanos e rurais. Paula Souza participou da entidade desde o início do seu funcionamento (1923) e, depois, como presidente (1947-1951), defendendo a criação de novos cursos para profissionais da higiene e saúde pública.

Quanto à produção científica, sempre foi o porta-voz de suas atuações no campo, principalmente a desenvolvida no Instituto de Higiene. Na realidade, Paula Souza publicou um grande número de trabalhos, não somente sobre saúde pública como de temas correlatos. Constituem assuntos dessas contribuições a profilaxia das doenças endêmicas; os serviços de saneamento ambiental; os centros de saúde e a formação de pessoal para chegar a conteúdos de maior abrangência como as políticas públicas sobre saúde, muitos deles também apresentados em congressos.

Conforme a conclusão a que chegou Candeias no seu trabalho “Memória da História da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo” (1918-1945), publicado em 1984, foi a produção científica de seus pesquisadores e principalmente a de Paula Souza o principal fator de reconhecimento público dessa instituição, já nos anos 30 do século XX, época de sua fundação. Esse trabalho, fundamentado na análise de documentos escritos e imagéticos de Paula Souza, é de significativo valor para a história dessa instituição.

Para a elaboração do artigo, Candeias centralizou-se no tema educação sanitária, desde sua origem como disciplina de ensino, em 1925, até sua transformação na atual disciplina de educação em saúde pública a partir de 1967. Ao analisar esse tema, verifica-se a importância da atuação de Paula Souza na mudança de paradigmas da política sanitária, colocando em relevo a educação populacional, mediante formação de especialistas no gênero. Utilizar-se-ia do pessoal dos Centros de Saúde como mediadores nos contatos com os lares, escolas, hospitais, empresas, entre outros. Assim poderia se chegar à promoção da saúde junto a toda comunidade.

Geraldo Horácio de Paula Souza foi para o Instituto de Higiene de São Paulo o que Arnaldo Vieira de Carvalho² foi para a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e Oswaldo Cruz³ para o Instituto de Manguinhos. Faleceu em 2 de maio de 1951, com 62 anos incompletos.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 101 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e com a patronímica da cadeira nº 30 da Academia Paulista de Psicologia.

2 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

3 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 102 – Patrono

Antônio de Almeida Prado 1889-1965



Helio Begliomini¹

Antônio de Almeida Prado nasceu na cidade de Itu (SP), em 13 de junho de 1889. Era filho de Francisco de Almeida Prado e de Isabel de Almeida Prado.

Graduou-se em 1912 pela Faculdade Nacional de Medicina, defendendo tese intitulada **Das Variações Volumétricas do Baço nas Cirroses Hepáticas**.

Após sua formatura transferiu-se para São Joaquim da Barra (SP), onde fixou residência com a família e passou a clinicar. A convite de Arnaldo Vieira de Carvalho² mudou-se para a capital, a fim de integrar o corpo docente da recém-criada Faculdade de Medicina de São Paulo, exercendo nessa instituição de ensino o cargo de professor de clínica médica.

Tinha por Miguel Pereira, seu antigo mestre, de quem fora interno, particular afeição. Na obra “Vultos e Temas Médicos” (São Paulo, Saraiva, 1952) prestou ao grande clínico, logo nas primeiras páginas, homenagem das mais sinceras.

Almeida Prado foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), onde exerceu o magistério por mais de 30 anos, tornando-se professor emérito. Ensinou a várias gerações de médicos. Publicou diversos livros de clínica médica, alguns redigidos em francês.

Exerceu numerosos cargos, deixando em todos eles traços profundos e marcantes de sua inteligência e operosidade. Além de ter sido diretor da Faculdade de Medicina³, foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; reitor da Universidade de São Paulo (1946-1947); secretário da Educação e presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1930-1931).

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

3 Nótula: Sua filha, Beatriz de Almeida Prado (1914-2006), casou-se com seu ex-aluno Paulo de Almeida Toledo (1909-1990), que viria a se tornar catedrático de radiologia e diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Como secretário de Educação, na interventoria de Laudo de Camargo, nomeou a primeira comissão constituída pelos professores Alcântara Machado, Lúcio Martins Rodrigues, Raul Briquet⁴, Fernando de Azevedo e dr. Júlio de Mesquita Filho, para estudar as bases da Universidade Paulista. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras redigiu o regulamento dessa instituição com a notável colaboração do professor Aguiar Pupo.

Almeida Prado era cultor da literatura, da história e do teatro, demonstrando nessas e noutras ciências e artes a exuberante riqueza de seu espírito e de sua personalidade.

Tinha grande cultura humanística e foi um mestre também na filosofia da arte médica. Dentre seus livros escreveu **As Doenças Através dos Séculos** – que é uma obra de ciência, de arte e de benemerência.

Abordou em seus escritos uma grande diversidade de assuntos: medicina e médicos na literatura atual; rumos novos da medicina; à margem da medicina psicossomática; Brasil, paraíso das drogas; congressos médicos; cultura médica e pletera profissional; cultura e formação médica profissional; ensino oficial e docência-livre; eficiência do ensino e limitação de matrícula, dentre vários outros.

Em 1941, por ocasião das festas jubilares de sua atividade como professor de medicina, proferiu magnífico discurso de agradecimento, referindo que sempre recebera em sua vida, no que tocava a posições e honrarias, tudo quanto dela poderia esperar, mesmo dentro das raias da mais desenfreada ambição.

Para o grande professor e historiador da medicina Carlos da Silva Lacaz⁵, Almeida Prado foi “o mestre inesquecível, um esteio, uma trave mestra que nos orientou em muitos passos da nossa vida. Dele sempre recebemos as provas mais eloquentes de uma alentadora e dignificante amizade. Por isto, haveremos sempre de celebrar-lhe a memória com os hinos de nosso afeto, recordando sempre, com imperecível fidelidade, sua magnífica obra de educador, para que os pósteros o tenham como exemplo de humanidade superior e exemplo de grandeza moral. Ele foi, na realidade, o verdadeiro padrão para os meios médicos de todo o país”.

Antônio Prado faleceu na cidade de São Paulo, em 7 de junho de 1965, uma semana antes de completar 76 anos. O jornal O Estado de S. Paulo assim registrou a sua morte: “Com o falecimento do professor Antônio de Almeida Prado, São Paulo perde, na verdade, um dos mais vigorosos representantes dessa personalidade tipicamente paulista, que se manifesta pela inteligência sólida e cultivada e aberta a todos os aspectos da vida cultural moderna. Tendo obtido as maiores láureas nos estudos, nas pesquisas e nas atividades médicas, não se limitou, entretanto, o professor Almeida Prado ao campo exclusivamente científico, no qual deixou uma obra que perdurará para sempre”.

4 Raul Carlos Briquet é o patrono da cadeira nº 52 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse sodalício.

Cadeira nº 103 – Patrono

André Teixeira Lima
1902-1987



Helio Begliomini¹

André Teixeira Lima, mais conhecido por Teixeira Lima, nasceu no município de Conchas (SP), em 7 de maio de 1902. Era filho de Cantidiano Alves Lima e Gertrudes Teixeira Lima.

Graduou-se em 1926 pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Foi um renomado psiquiatra brasileiro do século XX e um dos precursores na psiquiatria forense do Estado de São Paulo.

Casou-se com Piccola Vanda Brasilina, em 18 de abril de 1929.

Antonio Carlos Pacheco e Silva², então diretor do Hospital do Juqueri, solicitou-lhe que cuidasse dos psicopatas que haviam cometido crimes e que estavam internados na colônia agrícola desse nosocômio, uma vez que, à época, não existia o Manicômio Judiciário de São Paulo, fundado somente em 31 de dezembro de 1933 com a transferência de 104 doentes mentais dessa colônia.

Pacheco e Silva, por ocasião da inauguração do Manicômio Judiciário de São Paulo, nomeou Teixeira Lima para ser seu primeiro diretor, em virtude de sua grande experiência acumulada com esse tipo de doentes mentais e criminosos. André Teixeira Lima permaneceu como diretor dessa instituição por 30 anos, quando se aposentou.

Teixeira Lima fez também carreira universitária na disciplina de clínica psiquiátrica e psicologia médica do Departamento de Medicina da Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Nessa casa de ensino ingressou como professor substituto em 1º de agosto de 1956. Tornou-se professor associado em 29 de outubro de 1976 e professor titular em 10 de dezembro de 1981, permanecendo no cargo até 25 de novembro de 1985. Embora residisse no município de Franco da Rocha, chegou a ser diretor dessa casa de ensino e nela lecionou durante 29 anos! Ademais, em consideração à sua atuação, foi reconhecido e escolhido para ser também paraninfo da 20ª turma, solenidade que aconteceu em 19 de dezembro de 1975, no Cine Teatro São José, em Sorocaba.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

2 Antônio Carlos Pacheco e Silva foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1933-1934, e é o patrono da cadeira nº 127 desse sodalício.

Dominava o idioma alemão e era aficionado por leitura. Pertenceu também, juntamente com outros expoentes, ao Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo (Figura 2).



Figura 2 – Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo. Sentados da direita para a esquerda: Goffredo, Noé Azevedo, Flamínio Fávero³, Almeida Júnior, Basileu Garcia, Aureliano Duarte, Pinto Ferreira, Boaventura Nogueira, João Carlos da Silva Telles, André Teixeira Lima (em pé, terceiro da direita para a esquerda) e Otto Cyrillo Lehman.

André Teixeira Lima faleceu em 17 de novembro de 1987, aos 85 anos. Seu nome é honrado *post-mortem* como patrono da cadeira nº 103 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, e o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, localizado no município de Franco da Rocha – também conhecido como hospital-presídio Franco da Rocha I –, passou a se chamar por determinação do governo do estado de São Paulo de Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Professor André Teixeira Lima. Também, no município de Sorocaba, existe o Instituto Psiquiátrico Professor André Teixeira Lima.

³ Flamínio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

Cadeira nº 104 – Patrono

Otto Bier
1906-1985



Helio Begliomini¹

Otto Guilherme Bier, mais conhecido por Otto Bier, nasceu em 26 de março de 1906, na cidade do Rio de Janeiro, onde cursou o célebre Colégio Pedro II. Ingressou em 1922 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em 1928. Para manter-se durante o curso, tocava violino juntamente com seu irmão que tocava piano, acompanhando os filmes mudos nos Cine-Theatros da então Avenida Central, hoje, Avenida Rio Branco, na Cinelândia, na Tijuca ou em Copacabana. Como ele mesmo dizia, esse trabalho lhe rendia uns 2\$000 réis por mês, importância que lhe garantia sustento.

Nesse ambiente conviveu com músicos e compositores que se tornariam famosos, como Alfredo da Rocha Vianna, o “Pixinguinha”; seu irmão Otávio Vianna, o “China”; Benedito Lacerda, Cândido Pereira da Silva, o “Candinho”; Anacleto de Medeiros; Catulo da Paixão Cearense; Joaquim Antônio Calado e Ernesto Nazareth, que também tocava em filmes mudos.

Otto Bier disse anos mais tarde ao professor Osvaldo Augusto Sant’Anna, pesquisador do Instituto Butantã, que *“considerava ‘Pixinguinha’ um gênio e o choro representava o sentimento brasileiro”*. Assim, Otto Bier em sua juventude mesclava conhecimentos, boemia e arte, mas tinha o estudo em primeiro lugar, como frisava.

Ainda estudante, em 1925, fez o curso de aperfeiçoamento em bacteriologia e imunologia no Instituto Oswaldo Cruz² com Antônio Cardoso Fontes, ocasião em que conviveu com outros grandes cientistas brasileiros, tais como Carlos Chagas³, Henrique Aragão, Thales Martins e Evandro Chagas. Recebeu também grande influência de Henrique da Rocha Lima⁴, que, em 1928, viria de Manguinhos para São Paulo dirigir

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro. Parte dos dados aqui consignados foi obtida no Instituto Butantã e no Instituto Biológico.

2 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Carlos Justiniano Ribeiro Chagas é o patrono da cadeira nº da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Nota: O professor Rocha Lima saiu do Instituto Oswaldo Cruz para se aperfeiçoar em anatomia patológica na Alemanha. Ficou lá por 25 anos depois da notável descoberta que fez sobre o agente etiológico do tifo exantemático – a *Rickettsia prowazekii*, nome dado por ele em homenagem a dois pesquisadores que morreram contaminados pela *Rickettsia*.

a Divisão de Biologia Animal do Instituto Biológico, estabelecido em 27 de dezembro de 1927 e ligado à Secretaria da Agricultura, que se tornaria o centro da biomedicina brasileira entre as décadas de 1930 e 1950.

À época o diretor-geral do Instituto biológico era o professor Arthur Neiva, antigo entomologista do Instituto Oswaldo Cruz, que estava radicado há alguns anos em São Paulo, onde fora diretor do Serviço Sanitário. Os candidatos às vagas do Instituto Biológico eram escolhidos pelo próprio Arthur Neiva, dentre os melhores recrutados do país, medida endossada por Rocha Lima. O preenchimento das vagas de bacteriologista e imunologista era feito através de consulta ao Instituto Oswaldo Cruz.

Otto Bier veio trabalhar juntamente com Adolfo Martins Penha, Celso Rodrigues e José Reis no Instituto Biológico de São Paulo a convite Genésio Pacheco, seu ex-professor, que aí organizou a Secção de Bacteriologia. Em 1934 Bier passou a dirigir o Serviço de Sorologia, transformando-se mais tarde na Secção de Imunologia.

Em 1933, Otto Bier fez parte do grupo que fundou a Escola Paulista de Medicina (EPM), atual Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), tornando-se professor catedrático de microbiologia e imunologia até o ano de 1968. Aí exerceu também importantes atividades administrativas, sendo honrado em paraninfar os formandos de 1955.

Em 1936, por sugestão de Rocha Lima, estagiou cerca de três meses em diferentes laboratórios da Alemanha e da Suíça alemã. Posteriormente, recebeu bolsas de estudos da Fundação Guggenheim e estagiou na Universidade de Columbia (1941-1942 e 1946-1947)⁵, em Nova Iorque, no laboratório de imunologia do professor Michael Heidelberger, onde um renomado grupo de cientistas desenvolvia a imunoquímica. Aí desenvolveu estudos sobre o “complemento” e aspectos quantitativos da fixação desse sistema.

Otto Bier trabalhou como imunologista do Instituto Biológico de 1929 a 1955, ano em que se aposentou desse renomado centro de pesquisas.

Otto Bier (Figura 2) foi também um dos membros fundadores, em 8 de novembro de 1948, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), constando como um de seus conselheiros já na primeira gestão, que teve Jorge Americano como presidente e Maurício Rocha e Silva como vice-presidente. A SBPC nasceu da liderança de cientistas paulistas e tinha como finalidade proteger as instituições de pesquisas da intervenção estatal.

Graças à sua competência e dinamismo manteve relacionamento com renomados imunologistas do exterior. Em 1951 esteve com o professor Pierre Grabar no Instituto Pasteur de Paris. Além dos estudos sobre o “complemento”, destacou-se nos estudos sobre anafilaxia cutânea passiva. Nesse mesmo ano tornou-se um dos conselheiros do recém-criado CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico .

Em 10 de agosto de 1957, Otto Bier tornou-se, juntamente com outros expoentes das ciências básicas, membro fundador da Sociedade Brasileira de Fisiologia. Foi autor de importantes contribuições em reações antígeno-anticorpo, particularmente em fixação do complemento como método de diagnóstico de doenças infecciosas. Perspicaz, percebeu nos anos de 1960 a importância que conhecimentos de imunologia teriam entre as ciências biomédicas.

5 Nota: Essa bolsa foi interrompida em 1942 em decorrência da II Guerra Mundial, sendo renovada para ser completada com outros trabalhos de 1946 a 1947.



Figura 2 – Vital Brazil⁶, à esquerda, e Otto Bier, à direita, no Instituto Butantã em 1945.

Juntamente com Ivan Mota, contribuiu para a formação das primeiras gerações de imunologistas brasileiros. Criaram e organizaram o centro de formação de imunologistas onde orientaram projetos e teses de estudantes que participavam dos cursos ministrados em temas de sua especialidade. Selecionaram estudantes que se destacavam para cursos mais avançados e estágios em laboratórios no exterior.

Com recursos obtidos pelo Programa Combinado da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e da Fundação Ford, desenvolveu o primeiro curso de treinamento em imunologia no Departamento de Microbiologia e Imunologia da EPM, cujos objetivos eram preparar seis novos imunologistas por ano e realizar pesquisas básicas em imunologia.

Esse grupo foi o núcleo para o estabelecimento do Centro de Imunologia da Organização Mundial da Saúde sediado na EPM. O “*WHO Immunology Research and Training Centre*” foi estabelecido em 1965 e, com a integração da PAHO, em 1967, passou a ser chamado de “*Pan American Health Organization (PAHO) / World Health Organization (WHO) Immunology Research and Training Centre in Brazil*”.

Após a aposentadoria de Otto Bier (Figura 3) na Escola Paulista de Medicina em 1969, esse curso foi transferido para o Instituto Butantã, onde foi instalado no prédio Lemos Monteiro até o encerramento de suas atividades em 1983.

Dentre outras importantes funções que Otto Bier desempenhou salientam-se: diretor do Instituto Butantã da Secretaria de Estado da Saúde; diretor do Instituto Biológico da Secretaria de Agricultura; e coordenador dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Saúde do estado de São Paulo.

Em 1972, durante o XXIV Congresso Anual da SBPC, Otto Bier foi, juntamente com Ivan Mota, Wilmar Dias da Silva, Nelson Monteiro Vaz e outros 16 imunologistas, o fundador da Sociedade Brasileira de Imunologia (SBI). A efeméride ocorreu em 7 de julho de 1972, nas dependências da Faculdade de Urbanismo e Arquitetura da Universidade de São Paulo. Otto Bier teve a honra de presidir a SBI nos dois primeiros mandatos: 1972-1977 e 1978-1980.

Otto Bier publicou cerca de 140 artigos originais em revistas nacionais e internacionais com renomados pesquisadores brasileiros, tais como Maria Siqueira, Maurício

⁶ Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

Rocha e Silva, Genésio Pacheco, Hércio Passos, Adenir Perini, Olga Ibañez, Nelson Planet, Maria Brasil Esteves, Reynaldo Furlanetto e Ewaldo Trapp; e estrangeiros do jaez de Michael Heidelberger, Manfred Mayer, Zoltan Ovary, Abraham Osler, Guido Biozzi e Anne Marie Staub.



Figura 3 – Centro de Pesquisa e Treinamento em Imunologia do Instituto Butantã, em 1970, dirigido pelo professor Otto Bier.

Em 1978, já aposentado, mas ainda trabalhando no Instituto Butantã, Otto Bier tomou posse na Academia de Ciências do Vaticano, apresentando como tese o artigo ***Immunological and Epidemiological Speculations on Leprosy***, trabalho em coautoria com Osvaldo Augusto Sant’Anna e baseado no controle de imunorreceptores.

No dizer de Osvaldo Augusto Sant’Anna, Otto Bier “era extremamente culto e, quanto à imunologia, manteve-se sempre atualizado. Muito crítico e assertivo, não escondia suas opiniões sobre fatos e pessoas, por vezes mordazes”.

Dentre sua extensa contribuição à ciência e ao ensino, são de sua lavra as seguintes obras: **Bacteriologia e Imunologia – Em Suas Aplicações à Medicina e à Higiene** (1941) – livro didático destinado a estudantes, apresentando noções teóricas que é exemplos práticos de imunologia –, que teve 19 edições, todas revisadas por ele; **Noções Básicas de Imunoterapia e Quimioterapia** (1944); **Imunologia Básica e Aplicada** (1963, 1977, 1980 e outras edições, em colaboração com Ivan Mota, Wilmar Dias da Silva e Nelson Monteiro Vaz). Em 1979 esse livro foi também editado em inglês e em alemão; e, *post-mortem*, **Microbiologia e Imunologia** (1990 e outras edições).

Otto Guilherme Bier faleceu em 22 de novembro de 1985, com 79 anos. Seu nome é homenageado no Laboratório de Análises Clínicas Otto Bier, na cidade do Rio de Janeiro; perenizado a partir de 2008, na Biblioteca Virtual Otto Bier da Sociedade Brasileira de Imunologia, num portal contendo diversos acessos de interesse à comunidade imunológica; e é também honrado com a patronímica da cadeira nº 104 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 105 – Patrono
Admissão: 15/3/1902

José Ayres Netto
1878-1969



Nadim Farid Safatle¹

José Ayres Netto, ilustre cirurgião brasileiro, nasceu a 8 de julho de 1878, na cidade do Rio de Janeiro. Fez o curso secundário em São Paulo, como aluno interno do Colégio Ivaí, na antiga Ladeira Porto Geral.

Aos 11 anos, testemunhou a transformação do regime político do Brasil, em 15 de novembro de 1889, presenciando a queda, em São Paulo, do presidente general Couto de Magalhães.

Em 1896 partia para o Rio de Janeiro, a fim de matricular-se na Faculdade de Medicina. Ali viveu como estudante pobre, tomando refeições em casa de parentes, alojando-se em pensões modestas, em companhia de colegas, no mesmo quarto, dividindo as despesas. Alcides Ferreira Alves, primeiramente, e depois Olegário de Moura, foram seus constantes companheiros. Ao deixar as aulas do 2º ano foi nomeado interno no desempenho de várias atividades. Trabalhou, mais tarde, no serviço de cirurgia abdominal e de obstetrícia e ginecologia. Colou grau, com distinção, em 16 de dezembro de 1901, jamais abandonando a clínica ginecológica, mas socorrendo-se dela para preparar sua tese de doutoramento. Pela mesma Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro já se havia diplomado em farmácia, em 6 de fevereiro de 1899.

Vindo para São Paulo, procurou Arnaldo Vieira de Carvalho², na velha Santa Casa de Misericórdia, onde foi seu assistente durante longos anos.

Durante toda sua vida, Ayres Netto dedicou-se de corpo e alma à Santa Casa de Misericórdia, onde um serviço especializado lhe consagrara o nome. É ele conhecido pelos inúmeros trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras e

1 Titular e emérito da cadeira nº 105 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de José Ayres Netto.

Nótula do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro: José Ayres Netto teve a honra de presidir a insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo por dois mandatos anuais não consecutivos: 1919-1920 e 1934-1935.

2 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

pelas magníficas instalações obtidas à custa de donativos de almas caridosas que respondiam generosamente às “cartas de amor” do chefe inesquecível, nome pelo qual, na enfermaria, se apelidaram as “facadas epistolares”. De fato, assinalou Altino Antunes, Ayres Netto pedia para seu serviço como mendigo, obtendo sempre o apoio irrestrito de todos.

O encontro de Ayres Netto com Arnaldo Vieira de Carvalho datou de 1902. Em 1952 comemorou-se o cinquentenário de sua constante colaboração à Santa Casa de Misericórdia. Em 1962 renderam-lhe ali homenagem por 60 anos de grandes serviços. E ele já contava então com 84 anos. Saudou-o o provedor dessa instituição, o dr. Christiano Altenfelder Silva. Em um dos trechos de sua formosa oração referiu: “Devo curvar-me diante da pessoa de José Ayres Netto, como reverência e homenagem pelos 60 anos, nos quais sua ciência e sua mão abençoada vêm fazendo tanto pelos doentes pobres de todo o país”.

Assistente de Arnaldo Vieira de Carvalho, ao se criar a Faculdade de Medicina de São Paulo e ao se instalar, em 1918, a cadeira de ginecologia, Ayres Netto foi nomeado assistente e, com a morte de Arnaldo, assumiu a regência da cátedra, até que esta teve provimento efetivo.

Certa feita, Oswaldo Portugal³, saudando-o no Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho, não fez mais que interpretar com estas palavras os sentimentos de um sem-número de clientes do eminente e autêntico médico: “Certa vez já o comparei a São Francisco de Assis pela grandeza de alma, amor ao próximo, pela humildade e pela candura”. Ao vê-lo agora partir para sempre, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo perde um pedaço de si mesma. Outros virão substituí-lo, mas a lembrança do seu nome jamais se apagará dentro das velhas paredes daquela benemérita instituição.

De grande nobreza de sentimentos, coração sempre aberto a todos os desígnios elevados, Ayres Netto deixou de sua presença uma lembrança impagável que o tempo não fará senão avultar.

Ayres Netto foi membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e o 2^a mestre da história do Capítulo de São Paulo, de 1943 a 1945.

Seu filho, dr. Pedro Ayres Netto⁴, foi médico ginecologista da Santa Casa durante muitos anos, tendo sido o 2^a vice-provedor no triênio 1984-1987.

Faleceu o eminente cirurgião José Ayres Netto, na cidade de São Paulo, no dia 6 de novembro de 1969, contando com 91 anos.

3 Oswaldo Pimentel Portugal foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1931-1932.

4 Pedro Ayres Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1948-1949.

Cadeira nº 106 – Patrono

José de Almeida Camargo 1903-1937



Helio Begliomini¹

José de Almeida Camargo nasceu em 1^o de outubro de 1903, na cidade de Amparo (SP). Era filho de Laudo Ferreira de Camargo² (1881-1963) e de Noêmia Marques de Almeida Camargo (1881-1957). Teve mais seis irmãos: Adelaide, Maria Aparecida, Francisca, Moriza, Laudo e Áureo.

Fez seus primeiros estudos no Ginásio do Estado na cidade de Ribeirão Preto (SP), tendo sido presidente do Centro Ginásial desse município. Graduou-se, em 1926, pela Faculdade de Medicina de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), defendendo nesse ano a tese **Introdução ao Estudo das Síndromes Extrapiramidais**.

José de Almeida Camargo foi também um líder acadêmico, presidindo o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz³. Já formado, foi um dos idealizadores e fundadores da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (AAAFMUSP), efeméride ocorrida em 5 de junho de 1930. Auxiliou a primeira diretoria num mandato bienal, tendo como primeiro presidente Ernesto de Souza Campos⁴.

Iniciou sua vida profissional como clínico da Sociedade de Beneficência Portuguesa e na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. A partir de 1929 tornou-se assistente da Faculdade de Medicina de São Paulo e nesses anos publicou o artigo “Freud e a Psicanálise”.

Em 1931 tornou-se secretário de seu pai que, na ocasião, era interventor federal em São Paulo.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

A foto inicial e parte do material aqui consignado foram obtidas pelo primeiro ocupante da cadeira nº 106, acadêmico Francisco Domenici Neto, com a historiadora e sobrinha de José de Almeida Camargo, a professora doutora Ana Maria de Almeida Camargo, segunda ocupante da cadeira nº 24 da Academia Paulista de História, cujo patrono é Simão de Vasconcelos.

2 Laudo Ferreira de Camargo foi advogado, magistrado, juriconsulto, interventor federal em São Paulo, em 1931; ministro (1932-1951) e presidente do Supremo Tribunal Federal (STF).

3 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Ernesto de Souza Campos é o patrono da cadeira nº 118 da Academia de Medicina de São Paulo.

José de Almeida Camargo foi um dos líderes da Revolução Constitucionalista de 1932. Participou das primeiras reuniões preparatórias, dentre elas a de 24 de fevereiro de 1932⁵, no salão do jornal “A Razão”⁶, à Rua José Bonifácio, na pauliceia, aonde ocorreram diversos intelectuais motivados em criar uma organização política em face dos percalços da Revolução de 1930, que depôs o presidente Washington Luís. Essa reunião ocorreu sob a liderança de Plínio Salgado⁷ e serviu para organizar a Sociedade de Estudos Políticos⁸ (SEP), sendo o estopim da Revolução Constitucionalista de 1932, o maior movimento popular do Brasil republicano.

José de Almeida Camargo também esteve presente, com mais de uma centena de participantes, na assembleia da fundação da SEP, ocorrida no Salão de Armas do Clube Português, à Avenida São João, na capital paulista, em 12 de março de 1932. Aí foram apresentados nove princípios básicos da SEP elaborados por Plínio Salgado⁹. José de Almeida Camargo, além de ter participado da coordenação da SEP, atuou no Setor de Higiene e Medicina Social.

Lutou como soldado na Revolução Constitucionalista de 1932, especificamente no Batalhão 14 de Julho, comandado pelo major Leite Penteado, sob as ordens do coronel Brasília Taborda, que atuou na Zona Sul do estado de São Paulo.

José de Almeida Camargo foi um dos fundadores e presidente, em 1934, da coligação política Federação dos Voluntários de São Paulo, organização que se destacara durante a Revolução de 1932. Seu nome foi um dos indicados dessa entidade para concorrer, em maio de 1933, à Assembleia Nacional Constituinte na legenda da “Chapa Única

5 Nessa mesma data uma enorme multidão comprimida na Praça da Sé, no Centro de São Paulo, participava do comício promovido pela Liga Paulista Pró-Constituinte para celebrar o 41º aniversário da Constituição de 1891, suspensa pelo presidente Getúlio Vargas desde a sua ascensão ao poder, em novembro de 1930.

6 O jornal “A Razão” foi fundado por Sousa Aranha, na capital paulista, e teve Plínio Salgado como redator a partir de junho de 1931, pouco tempo após a sua fundação. Nele, Plínio Salgado desenvolveu intensa campanha contra a constitucionalização do Brasil. Como resultado atraiu o ódio de ativistas contrários a ditadura, os quais, em 23 de maio de 1932, atearam fogo à sede do jornal pouco antes da eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932.

7 Plínio Salgado (1895-1975) foi jornalista, escritor, teólogo e político paulista. Fundou a Ação Integralista Brasileira (AIB), partido de extrema-direita, inspirado nos princípios do movimento fascista italiano. O fascismo italiano caracterizou-se como um movimento político e filosófico estabelecido por Benito Mussolini, em 1922, que fazia prevalecer os conceitos de nação e de raça sobre os valores individuais, sendo representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador. Plínio Salgado pertenceu à Academia Paulista de Letras.

8 A Sociedade de Estudos Políticos (SEP) tinha como objetivo ser uma organização que, partindo do estudo da realidade e dos problemas brasileiros, bem como dos ensinamentos de grandes pensadores nacionais e estrangeiros, visava estabelecer um novo rumo para o País; salvá-lo da sanguinolenta balbúrdia que nele imperava desde o fim do Império e reconduzi-lo à sua vocação histórica.

9 Plínio Salgado propôs, em 6 de maio de 1932, a criação de uma seção cujo fim seria o de difundir em todas as classes sociais o programa político regenerador da SEP. Tal seção chamar-se-ia Ação Integralista Brasileira e suas diretrizes foram reunidas num documento chamado “O Manifesto”, aprovado numa outra reunião realizada em junho. Contudo, esse documento só foi impresso e distribuído em 7 de outubro de 1932, após o término da Revolução Constitucionalista, que terminou com a derrota militar das forças constitucionalistas, em 2 de outubro daquele ano, com a assinatura do armistício na cidade vale-paraibana de Cruzeiro (SP). O documento ficou conhecido como “Manifesto de Outubro”, apesar de ter sido redigido em maio e aprovado em junho. José de Almeida Camargo foi um dos membros da SEP encarregados de distribuir o “Manifesto de Outubro” na cidade de São Paulo.

por São Paulo Unido”. Elegeu-se como suplente, assumindo as funções de constituinte em novembro de 1933, em virtude da desistência de Valdomiro Silveira, que não chegou a tomar posse.

Assim, tornou-se deputado constituinte (Figura 2) na cidade do Rio de Janeiro. Em seu mandato defendeu o direito de voto para os maiores de 18 e menores de 21 anos, desde que tivessem o curso secundário completo. Outrossim, toda a sua banca pregou incessantemente a anistia para todos os perseguidos políticos, com alusão específica aos prejudicados em 1930 e 1932.



Figura 2 – A deputada paulista Carlota Pereira de Queiroz¹⁰, a primeira e única mulher eleita deputada constituinte em 1933, em conversa entre os deputados Raul Fernandes, à esquerda, e José de Almeida Camargo, à direita, na sala de café do Palácio Tiradentes. Foto do jornal Correio do Povo de 17 de novembro de 1933; página 1, colunas 7-9.

Certa feita recebeu um telegrama de Benedicto Veiga França, um ex-combatente, que assim lhe dirigia: “Deputado Almeida Camargo – Rua Christovam Colombo, 3 – São Paulo. Como oficial civil, combatente do Batalhão ‘Fernão Dias Paes Leme’ na guerra de 32, hipoteca inteira e irrestrita solidariedade à Federação dos Voluntários de São Paulo – partido político – único à altura da dignidade e ideais ‘mocidade trincheiras’ São Paulo”.

Com a promulgação da nova Carta Magna, em 16 de julho de 1934¹¹, teve seu mandato estendido até 1935.

José de Almeida Camargo colaborou com artigos em diversos jornais e revistas de São Paulo, além de ser de sua lavra a obra **A Doutrina de Freud** (1926).

De acordo com Guido Arturo Palomba¹², que lhe dedicou um artigo, José de Almeida Camargo “foi um semeador de grandezas. Amante da literatura, dominava línguas estrangeiras, entre elas, o inglês. Assim lhe foi possível traduzir a obra de

10 Carlota Pereira de Queiroz é a patronesse da cadeira nº 71 da Academia de Medicina de São Paulo.

11 A Assembleia Nacional Constituinte foi instalada em 15 de novembro de 1933, ficando reunida até maio de 1935, mesmo após a nova Carta Magna ter sido promulgada em 16 de julho de 1934, e Getúlio Vargas ter sido eleito presidente da República.

12 Guido Arturo Palomba presidiu a Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos bienais entre 2003-2004 e 2007-2008, e é membro titular e emérito da cadeira nº 1 desse sodalício, cujo patrono é Luiz Pereira Barreto.

rara abrangência, que se tornou um dos livros campeões de venda, o famoso 'Conhece-te pela Psicanálise' (*How to Psycho-Analyse Yourself*), de Josef Ralph (1932)¹³. Foi também um dos criadores, em 1930, da Associação Paulista de Medicina e seu primeiro diretor cultural”.

José de Almeida Camargo foi um dos mais ilustres médicos dos primeiros decênios do século XX. A renomada pintora Anita Malfatti (1889-1964) o homenageou num retrato, no ano de 1936. Ele não se casou e tampouco deixou descendentes.

Faleceu precocemente, em 11 de abril de 1937, com apenas 33 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 106 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome a um Prêmio de Cultura Geral do Departamento Científico da Associação Paulista de Medicina, assim como a uma rua na cidade de São Paulo, no bairro de Vila Madalena.

13 Essa obra encontrava-se, em 1949, na 7ª edição.

Cadeira nº 107 – Patrono Admissão: 7/3/1895

Evaristo da Veiga

Helio Begliomini¹

Evaristo Ferreira da Veiga, mais conhecido simplesmente por Evaristo da Veiga², era de origem mineira, mas foi educado no Rio de Janeiro.

Teve infância pobre. Trabalhou para estudar, conseguindo-se graduar com dificuldade. Tinha, desde jovem, atitudes independentes que impressionavam e davam mostras de seu caráter, manifestando sempre uma atitude altiva.

Clinicou na cidade de São Paulo com enorme sucesso, sendo contemporâneo de outros ilustres médicos, tais como Carlos Botelho³, Guilherme Ellis⁴, Pedro de Resende⁵, Ignácio Marcondes de Resende⁶, Mathias Valladão⁷, Pereira da Rocha, Arnaldo Vieira de Carvalho⁸, dentre outros.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 O médico Evaristo da Veiga em questão não deve ser confundido com Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, conhecidíssimo simplesmente por Evaristo da Veiga (1799-1837), que foi poeta, jornalista, político e livreiro brasileiro; autor do Hino da Independência e patrono da cadeira nº 10 da Academia Brasileira de Letras por escolha de seu fundador Rui Barbosa; nem com o homônimo Evaristo Ferreira da Veiga (1832-1889), advogado, jornalista e o 35º presidente da Província de Sergipe; tampouco com o tenente-coronel, igualmente homônimo, dr. Evaristo Ferreira da Veiga, nascido em 21 de dezembro de 1863.

3 Carlos José Botelho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu segundo presidente num mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

4 Guilherme Ellis foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu quinto presidente num mandato anual entre 1899-1900, e é o patrono da cadeira nº 108 desse sodalício.

5 Pedro de Resende foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

6 Ignácio Marcondes de Resende foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

7 Mathias de Vilhena Valladão foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu quarto presidente num mandato anual entre 1898-1899, e é o patrono da cadeira nº 13 desse sodalício.

8 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

De forma insinuante, gentil e muito cavalheiresca, Evaristo da Veiga conquistou grande clientela e amealhou boa fortuna.

Foi também médico da Inspetoria Sanitária antes da organização desse serviço, onde prestou grandes benefícios à população com os módicos recursos de que dispunha a então Repartição de Higiene.

Evaristo da Veiga, um dos expoentes da classe médica paulista do final do século XIX, foi um dos fundadores, em 7 de março de 1895, da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Nessa entidade participou ao lado de Cândido Espinheira⁹ e Marcos de Oliveira Arruda¹⁰ da Comissão de Higiene.

Bem inteligente e com fina educação cumpria com brilho suas atribuições. Era enérgico, mas não se dava a querelas. Foi um elemento de destaque no meio social e frequentava assiduamente o Automóvel Club, onde a aristocracia intelectual e monetária da cidade de São Paulo se reunia à época. Sua grande cultura permitia que manifestasse suas opiniões com originalidade de ideias e numa fala elegante.

Foi comissionado aos Estados Unidos da América para estudar os problemas que afetavam a plantação do café, prestando grandes serviços à lavoura do Estado de São Paulo. Viajou várias vezes à Europa e descrevia suas impressões com acurado espírito observador.

Rubião Meira¹¹, não somente seu biógrafo, mas quem o assistiu na doença que o vitimou, assim registrou sobre Evaristo da Veiga: “Era alto, simpático e conservou sempre a mesma figura moça. Quando faleceu, raros eram os cabelos brancos que possuía, embora tivesse mais de 70 anos. Era jovial também no espírito. (...) Mais de uma vez o vi falar com acrimônia de fatos que se passaram em sua existência e, logo em seguida, um levantar de ombros, um sorriso e era como se nada tivesse acontecido. Não guardava rancores. Sua alma, bem formada, não permitia esses pequeninos males que marcam os indivíduos de temperamento rude. Ele o tinha bom – e durante sua vida – sempre deu provas de grande bondade. (...) Quando acamou da moléstia que o levou ao túmulo, passei muitas horas a ouvi-lo, lamentando que aquele amigo tivesse pouco tempo de vida sobre a terra. Teve morte serena como sói ser a dos espíritos justos. (...) Olhou a morte de frente e entregou-se em seus braços com serenidade, sem desespero, como um fato natural da evolução do homem. Em todo o caso apagou-se uma bela inteligência e um caráter”.

Evaristo da Veiga teve dois filhos, dr. Arthur e Heloisa Munhoz, casada com o dr. Marcio Munhoz.

Pelo decreto nº 1.533, de 30 de novembro de 1907, foi adotado no estado de São Paulo o sistema Dactiloscópico Vucetich, devido ao interesse do dr. Evaristo da Veiga, ocasião em que era presidente do estado de São Paulo o dr. Jorge Tibiriçá e, secretário da Justiça e Segurança Pública, o dr. Washington Luiz Pereira de Souza.

Evaristo da Veiga é honrado com a patronímica da cadeira nº 107 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

9 Cândido Espinheira foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo e é o patrono da cadeira nº 129 desse sodalício.

10 Marcos de Oliveira Arruda foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

11 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

Cadeira nº 108 – Patrono Admissão: 7/3/1895

Guilherme Ellis

Helio Begliomini¹

Guilherme Ellis (filho) teve como pais Maria do Carmo Cunha e William Ellis – também conhecido por Guilherme Ellis²-, médico e cirurgião que veio da Grã-Bretanha para o Brasil, em 1832, no navio a vela “Perseverança”. Radicou-se na cidade de São Paulo, onde devotou 40 anos aos seus pacientes.

Guilherme Ellis era irmão de Alfredo Ellis³, também médico. Após a sua graduação, Guilherme Ellis aprimorou seus estudos profissionais no exterior, tornando-se o que se chamava à época de “médico da moda”, ou seja, aquele que todos buscavam na ânsia de serem beneficiados pela sua ciência.

Segundo seu biógrafo Rubião Alves Meira⁴, Guilherme Ellis “era alto, elegante, bem vestido, com atitudes cavalheirescas; muito fino, muito bem educado, respirando distinção sua figura. (...) Tinha o dom de encantar, excelente ‘causeur’, muito viajado e insinuante; atraía a atenção e criava simpatias”.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 William Ellis ou Guilherme Ellis (pai), além de ter um grande tirocínio clínico, tinha espírito caridoso, que lhe rendeu o epíteto de “médico dos pobres”. Ao falecer, em 1872, suas últimas palavras aos filhos médicos – Guilherme e Alfredo – foram um verdadeiro testamento moral: “Do pouco que deixo em bens materiais, nem um só ceutil foi adquirido à custa de uma lágrima de algum pobre. Deixo esta vida sem precisar me arrepender de qualquer ato; nunca, conscientemente, pratiquei um mal contra qualquer pessoa”. Por esse depoimento se pode muito bem aquilatar o lastro ético e humanitário em que foram lapidados seus diletos filhos.

3 Alfredo Ellis (1850-1925) formou-se pela Faculdade de Medicina da Filadélfia, nos Estados Unidos da América. Seguiu viagem de estudos por países da Europa. Fixou residência na cidade de São Paulo onde exerceu a medicina por vários anos, tornando-se muito respeitado. Em 1882 mudou-se para Rio Claro (SP) onde continuou atuando como médico. Acabou entrando na vida pública por causa de sua luta pela extinção da escravatura, sendo um dos primeiros fazendeiros a libertar incondicionalmente seus escravos.

Em 1891 assinou o mandato de deputado federal no primeiro Congresso Constituinte da República e, em 1903, foi eleito senador, exercendo o cargo até 1908. São de sua lavra os livros: “Discursos Pronunciados no Senado Federal” (1910) e “Raça de Gigantes” (1926, editado postumamente). Faleceu em 30 de junho de 1925, na cidade do Rio de Janeiro. Seu nome é honrado com uma rua no bairro da Bela Vista, na cidade de São Paulo.

4 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

Guilherme Ellis foi médico de grade renome, muito respeitado e de vastíssima clientela. Numa época em que a varíola grassava em São Paulo, quando não existia nem vacinação e nem hospital de isolamento, ele era o mais procurado de todos os clínicos da capital paulista.

Era carinhoso com os pacientes, embora tivesse modos bruscos de mandão, pois era muito autoritário e imprimia energia em suas palavras. Não admita que se opusessem às suas opiniões. Entretanto, era bondoso e tratava a todos com afabilidade.

Guilherme Ellis, assim com seu pai, William Ellis, foi um dos expoentes da classe médica paulista no final do século XIX, tendo o privilégio de ser um dos fundadores, em 7 de março de 1895, da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

Dedicou-se com grande entusiasmo a esse neossodalício ao lado de Sérgio Meira⁵, Carlos José Botelho⁶, Arnaldo Vieira de Carvalho⁷, Bernardo de Magalhães⁸, Miranda Azevedo⁹ e Mathias Valladão¹⁰, que representavam o expoente da medicina de São Paulo. Teve também a honra de presidi-lo num mandato anual no crepúsculo do século XIX, precisamente entre 1899-1900, sendo o 5º presidente desse silogeu.

Ainda as palavras de Rubião Meira com relação a Guilherme Ellis: “Quando o conheci já não clinicava, senão de raro em raro, mas conservava sempre aquela verve brilhante que prendia os que o procuravam. A primeira vez que o vi foi em conferência com o professor Alves de Lima¹¹, que devia bem se recordar do fato, chamado que fui para medicá-lo. Estava com formidável epistaxe e, de pé, conservando a mesma elegância que nunca o abandonou, a deitar sangue pelo nariz, sangue que vinha aos borbotões. E ele não se assustava, mas pedia-me que fizesse parar aquela torneira rubra. Dei-lhe, lembro-me bem, trinitrina e tudo cedeu. Era um fenômeno de hipertensão aquela epistaxe. Depois de longe em longe o via, mas nunca tive maiores contatos com sua figura atraente”.

5 Sérgio Florentino de Paiva Meira foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu oitavo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

6 Carlos José Botelho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu segundo presidente num mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

7 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sétimo presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

8 Bernardo de Magalhães foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu sexto presidente num mandato anual entre 1900-1901.

9 Augusto César de Miranda Azevedo foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu terceiro presidente, num mandato anual entre 1897-1898.

10 Mathias de Vilhena Valladão foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu quarto presidente num mandato anual entre 1898-1899, e é o patrono da cadeira nº 13 desse sodalício.

11 João Alves de Lima foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1907-1908 e 1913-1914.

Guilherme Ellis foi o primeiro diretor da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Dedicou-se com amor a esse nosocômio, então incipiente, e, por ocasião de seu 25º aniversário, discursou, ressaltando o valor dessa entidade e demonstrando o que havia à época em que assumiu sua direção.

Atuou também como chefe de clínica na Beneficência Portuguesa, notável instituição que já prestava inúmeros serviços à população, sem distinção de classe ou nacionalidade.

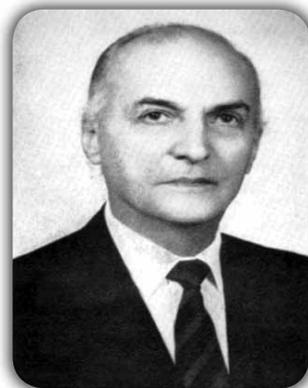
Asseverou ainda Rubião Alves Meira que Guilherme Ellis “gozou de imenso prestígio que manteve até o fim de seus dias, sempre cercado por uma auréola de admiradores à sua íntegra personalidade. Por muitos anos foi recordado como um homem que fez o bem; soube fazê-lo e se manteve ereto no pedestal a que foi, em vida, guindado pelos contemporâneos”.

Guilherme Ellis é também honrado com a patronímica da cadeira nº 108 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 109 – Patrono **Admissão: 1/3/1935**

Antônio Bernardes de Oliveira
1901-1981

Helio Begliomini¹



Antônio Bernardes de Oliveira nasceu no dia 3 de fevereiro de 1901, na capital paulista. Era filho de José Bernardes de Oliveira e de América Bernardes de Oliveira.

Graduou-se, em 1925, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Dedicou-se à cirurgia e à carreira universitária, tornando-se professor livre-docente de clínica cirúrgica da FMUSP. Concernente a essa tradicional instituição de ensino, escreveu um belo artigo sobre seu brasão, idealizado pelo professor Guilherme Bastos Milward (1878-1932).

Ingressou como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1ª de março de 1935, permanecendo nesse sodalício por 46 anos!

Antonio Bernardes de Oliveira² era grande didata, empreendedor e humanista, tendo atuado no Sanatório Esperança³ de 1928 a 1951. Em 1952, transferiu-se para a Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde, juntamente com os catedráticos Alípio Corrêa Netto⁴ e José Maria de Freitas, fundaram, em 1953, o Departamento de Cirurgia, que agrupou as seguintes disciplinas: cirurgia vascular, cirurgia torácica, gastroenterologia cirúrgica, técnica operatória, neurocirurgia e ortopedia.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Foi identificado nessa pesquisa que houve um Antônio Bernardes de Oliveira que foi presidente do Sindicato dos Médicos de Campinas, em 1932, e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas de 1934-1935. Tentativas de contatos com essas instituições mostraram-se infrutíferas. Não foi possível apurar se é a mesma pessoa ou se são homônimos, o que, naquela época, seria menos provável.

3 O Sanatório Esperança, atual Hospital Infantil Menino Jesus, localizado na Rua dos Ingleses, no bairro da Bela Vista, na capital paulista, começou sua história no início da década de 1930, com um grupo liderado por Antônio Bernardes de Oliveira. O prédio – tombado pelo Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo –, à época, podia ser visto de longe. Após sérias dificuldades financeiras o hospital foi municipalizado nos anos de 1950, passando a atender crianças de até 12 anos. Em 1956 passou a se chamar Hospital Infantil Esperança e, em 1960, seu nome mudou para Hospital Infantil Menino Jesus.

4 Alípio Corrêa Netto foi presidente da Sociedade de Medicina, e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse sodalício.

Antônio Bernardes de Oliveira foi o responsável pela criação da disciplina de gastroenterologia cirúrgica, em 1953, da qual foi o primeiro chefe. Entre seus primeiros assistentes destacaram-se: Plínio Monteiro Garcia, Edson de Oliveira, Álvaro de Oliveira Penna, David Rosemberg e Romeu Santoro.

Publicou 89 trabalhos científicos em revistas especializadas, dos quais três em forma de livro, além de 47 artigos de cultura geral em jornais e revistas de outra natureza.

Antônio Bernardes de Oliveira gostava de se vestir bem e era dotado de grande cultura. Possuía uma invejável biblioteca que era importante fonte de consultas para pesquisas da época. Era cultor da técnica cirúrgica esmerada e elegante, recomendando que esse mister fosse exercido como arte e não como ofício. Tornou-se ilustre cirurgião paulista e o quarto chefe do Departamento de Cirurgia da EPM, exercendo seu mandato de 1964 a 1967 (Figura 2).



Figura 2 – Antônio Bernardes de Oliveira enquanto professor da EPM.

Antônio Bernardes de Oliveira foi casado com Stella de Oliveira. Além de médico tornou-se um grande intelectual, destacando-se como escritor e historiador. Falava e escrevia no seu vernáculo de forma irretocável. Pertenceu à Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem), tornando-se o quarto presidente (1978-1979) da extinta regional paulista⁵.

5 A Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem) foi fundada em 23 de abril de 1965 por Eurico Branco Ribeiro (1902-1978), na cidade de São Paulo, precisamente nas dependências da Associação Paulista de Medicina. Eurico Branco Ribeiro era natural de Guarapuava (PR), mas radicado na cidade de São Paulo, onde se graduou, em 1927, pela Faculdade de Medicina de São Paulo. Exímio cirurgião ambidestro; grande intelectual e escritor, presidiu dentre outras entidades a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1954-1955, sendo também honrado como patrono da cadeira nº 114 desse sodalício.

Nos anos de 1970, a Sbem, que já estava representada em diversos estados (Bahia, Guanabara, Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Paraíba, Maranhão, Alagoas e Piauí), começou a cogitar a mudança do nome da entidade, uma vez que a maioria de seus membros entendia que era prioritariamente médica e não escritora. Através de Assembleia Extraordinária adrede convocada e realizada em 27 de setembro de 1979, na cidade de Belo Horizonte (MG), o nome da entidade foi mudado para Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, consagrando-se, em novembro de 1981, com a sigla Sobrames. Os membros da regional paulista da Sbem, que fora fundada em 28 de dezembro de 1971, não acataram e não respeitaram a decisão democrática de seus confrades de outros estados, segregando-se das demais regionais. A Sbem de São Paulo caminhou sozinha por pouco tempo e, não fazendo questão de ter quaisquer vínculos com a Sobrames – legítima continuadora da Sbem –, estiolou-se e desapareceu. Nove anos após a histórica Assembleia Extraordinária de 1979, precisamente em 16 de setembro de 1988, por atuação de confrades cariocas, foi fundada a regional paulista da Sobrames, constando dentre seus membros fundadores: Helio Begliomini, Flerts Nebó e Luiz Jorge Ferreira.

É de sua lavra a obra **A Evolução da Medicina até o Início do Século XX** (1981, 434 páginas). Esse livro foi publicado em convênio com a Secretaria de Estado da Cultura e se divide em seis partes: 1. Antiguidade. 2. Idade Média. 3. Século XVI. 4. Século XVII. 5. Século XVIII e 6. Final do Século XVIII ao Início do Século XX.

A finalidade desse livro foi assim expressa pelo autor em sua apresentação: “*despertar o gosto pela medicina entre os estudantes e médicos e trazer uma modesta contribuição para a cultura geral*”. João de Scantimburgo, jornalista e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras, assim consignou em seu prefácio: “é obra definitiva, obra que ganharia o prazer da leitura, a honra da consulta e a perenidade das estantes, por fixar em páginas indeléveis a imensa e bela aventura humana da luta contra a dor e a morte, essas duas companheiras que nos seguem, através do tempo, como duas inseparáveis e perpétuas sombras”.

Antônio Bernardes de Oliveira faleceu em 16 de junho de 1981⁶, aos 80 anos. É honrado como patrono da cadeira nº 109 da augusta Academia de Medicina de São Paulo. Na capital paulista dá nome à Unidade Básica de Saúde II da Vila Prel – Distrito de Jardim São Luís; a uma rua no bairro Jardim Nambá e a uma escola estadual no bairro Jardim São Joaquim.

⁶ Data obtida no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Cadeira nº 110 – Patrono

Rolando Ângelo Tenuto 1915-1973



Helio Begliomini¹

Rolando Ângelo Tenuto, mais conhecido por Rolando Tenuto, ou simplesmente Tenuto, nasceu em 8 de fevereiro de 1915, na cidade de São Paulo. Era filho de João Tenuto e de Marieta Buangermino Tenuto.

Graduou-se, em 8 de dezembro de 1938, na primeira turma da Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Dedicou-se à carreira universitária, ingressando, em janeiro de 1939, como assistente voluntário da clínica neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Aprendeu muito com Adherbal Pinheiro Machado Tolosa², que havia substituído o catedrático Enjolras Vampré³, falecido durante uma aula que proferia, três semanas antes de completar 53 anos, em 17 de maio de 1938.

À época, o hospital-escola da FMUSP era a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Nessa instituição de ensino dedicou-se à neurocirurgia sob a orientação de Carlos Gama⁴, substituindo-o temporariamente na chefia da seção de neurocirurgia, quando Carlos Gama se encontrava na Bahia.

Em janeiro de 1945, com a transferência da FMUSP para o recém-criado Hospital das Clínicas (HC), Rolando Tenuto não somente fez parte da primeira equipe de emergência de neurocirurgia, como também foi nomeado assistente extranumerário

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Nótula: Parte dos dados aqui consignados foi gentilmente fornecida pelo sr. Maurílio José Ribeiro da Seção de Denominação de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo, e pela sra. Celeste Maria B. Leme de Calais, supervisora de Recursos Humanos da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (FCMS-PUC).

2 Adherbal Pinheiro Machado Tolosa foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1960-1961, e é o patrono da cadeira nº 25 desse sodalício.

3 Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

4 Antonio Carlos da Gama Rodrigues foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1944-1945.

e chefe da secção de neurocirurgia desse hospital-escola. O serviço, ainda em estado embrionário, reunia apenas um médico recém-formado e um estudante do 6º ano. Em 24 de fevereiro desse ano ocorreu a primeira intervenção neurocirúrgica no HC, que se constituiu numa exérese de tumor extradural lombar.

Até 1953 a seção de neurocirurgia não possuía instalações fixas. Seus leitos eram localizados parte na clínica neurológica e parte na 3ª ou 1ª clínica cirúrgica. Contudo, devido à expressiva atuação de Rolando Tenuto, o serviço cresceu e se desenvolveu, galgando reconhecimento dentro do hospital.

Em setembro de 1952, o Conselho de Administração do HC decidiu que a traumatologia cranioencefálica passasse à alçada do setor de neurocirurgia que, nessa época, já contava com nove membros.

Em fevereiro de 1953 foram inauguradas sala cirúrgica e sala de recuperação pós-operatória, destinadas exclusivamente ao setor de neurocirurgia. Com os leitos para pacientes neurocirúrgicos concentrados na clínica neurológica, o setor de neurocirurgia passou também a ter unidade do ponto de vista físico. Além das instalações já mencionadas, a neurocirurgia contava com uma unidade de neurorradiologia e outra de eletroencefalografia, integradas física e funcionalmente à clínica neurológica. Com tais recursos, nesse mesmo ano, foi iniciado o programa de residência médica em neurocirurgia.

Rolando Tenuto (Figura 2) esteve, em 1951, três meses na Europa, estagiando nos serviços do professor Olivecrona, na Suíça; professor Petit-Duttaillis, na França; e professor Dogliotti, na Itália.



Figura 2 – Rolando Ângelo Tenuto⁵.

Galgou a condição de doutor, em 1954, defendendo tese intitulada **Iodoventriculografia: Aplicações ao Diagnóstico das Afecções Cirúrgicas da Região do Terceiro Ventrículo e da Fossa Craniana Posterior**. Em 1958, através de concurso de provas e títulos, conquistou a livre-docência em neurologia.

Tenuto foi autor ou coautor na realização de mais de 50 trabalhos científicos e participou de 57 congressos nacionais e internacionais da especialidade. Fez parte de

⁵ Foto da ficha microfilmada obtida gentilmente no acervo do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp).

11 bancas examinadoras de concursos. Conquistou o prêmio Austregésilo⁶ da Academia Nacional de Medicina, em 1951; prêmio Enjolras Vampré, Pravaz-Recordatti; e prêmio Legião Brasileira de Assistência, em 1966.

Rolando Tenuto tornou-se, em 1^a de março de 1956, chefe do setor de neurocirurgia e catedrático de clínica neurocirúrgica da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (FCMS-PUC). Foi também 1^o secretário do Departamento de Neuropsiquiatria da Associação Paulista de Medicina (APM) e membro titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, presidindo essa entidade no biênio 1964-1966.

Rolando Ângelo Tenuto foi um dos pioneiros da neurocirurgia no Brasil e neurocirurgião de rara habilidade. Faleceu na cidade de São Paulo, em 14 de junho 1973, aos 58 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira n^o 110 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como através do Decreto n^o 11.783, de 21 de fevereiro de 1975, passou a dar nome a uma rua no bairro de Santo Amaro da capital paulista.

6 Antonio Austregésilo Rodrigues Lima foi membro titular da Academia Nacional de Medicina e presidiu essa entidade em três ocasiões entre 1934-1937; 1945-1947; e 1949-1951. Seu nome é honrado num prêmio oferecido por esse silogeu ao melhor trabalho de pesquisa original, sob pseudônimo e inédito, acerca de clínica, patologia e experimentação neurológica ou neuroendocrinológica.

Cadeira nº 111 – Patrono

Sergio de Paiva Meira Filho 1888-1940

Helio Begliomini¹



Sergio de Paiva Meira Filho nasceu em 1888. Era filho de Sergio de Paiva Meira que, juntamente com Mathias de Vilhena Valadão², foram os paladinos e os estruturadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, fundada em 1895, hoje, denominada Academia de Medicina de São Paulo. Aliás, seu pai, Sergio de Paiva Meira, foi presidente desse sodalício por duas gestões: 1902-1903 e 1909-1910, enquanto que Mathias de Vilhena Valadão a presidiu em 1898-1899.

Sergio de Paiva Meira estudou medicina em Genebra, Suíça, e logo se encantou com os estudos anatômicos. Aí, tornou-se assistente de anatomia do professor Laskouski e, de cirurgia, do professor Girard. Juntamente com Arnaldo Vieira de Carvalho³, foi um dos mais dedicados colaboradores na organização da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Estudou também anatomia comparada, dedicando-se particularmente aos psita-cídeos, em que contribuiu com grandioso conhecimento na área.

Desde os albores da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, como era então denominada até 1916, foi professor da então chamada “anatomia topográfica, operações e aparelhos”, disciplina que objetivada estudar as relações anátomo-cirúrgicas necessárias à técnica operatória. Foi ele quem proferiu a aula inaugural do curso dessa disciplina na instituição.

Em 1930 passou a professor de técnica operatória. Assim, Sergio Meira ensinou a técnica como cirurgião anatomista, dando brilho invulgar à cadeira de técnica cirúrgica e anatomia topográfica. Investigador e inovador nessas disciplinas; conciliador dos fundamentos teóricos aos aspectos práticos, formou um grande número de discípulos.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Mathias de Vilhena Valladão é o patrono da cadeira nº 13 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de ser seu 7^a presidente, exercendo dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

Como cirurgião esteve interessado nos problemas relacionados às hérnias inguinais; varizes das veias safenas, enxertos ósseos, cirurgia das vias biliares, das artérias; e os problemas da cicatrização, dentre outros.

Sucedeu a Arnaldo Vieira de Carvalho – o fundador – no cargo de diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, de dezembro de 1930 a junho de 1932, sendo o prédio atual dessa instituição de ensino inaugurado durante sua gestão.

Da mesma forma, a inauguração do edifício dos laboratórios da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo aconteceu em 15 de março de 1931, também sob sua direção.

Sergio de Paiva Meira Filho era um cultor dos ideais da universidade, antes mesmo de ela existir. Era dotado de privilegiada inteligência e foi um grande humanista. Faleceu em 9 de setembro de 1940, na cidade do Rio de Janeiro, longe de sua faculdade de medicina, a quem muito se dedicou.

Cadeira nº 112 – Patronesse
Admissão: 1/6/1928

Carmen Escobar Pires
1897-1984



Helio Begliomini¹

Carmen Escobar Pires nasceu aos 9 de setembro de 1898, na cidade de Santa Rita do Passa Quatro (SP). Era filha de Manoel Bueno Barbosa Pires e de Teresa Escobar Pires.

Formou-se como professora normalista em 1914 e graduou-se, em 1920, na terceira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, ocasião em que defendeu a tese **Semiótica dos Pleurises** (Figura 2).

Foi a terceira mulher a se formar em medicina do estado de São Paulo, sendo precedida por Délia Ferraz e Odette N. de Azevedo Antunes, graduadas em 1918, na primeira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Interessada por maiores conhecimentos empreendeu viagem de estudos à Europa, aprimorando-se em Paris. Especializou-se em cirurgia obstétrica.

Retornando ao Brasil dedicou-se também à carreira universitária, sendo professora de medicina ao longo de sua carreira profissional. Teve grande atuação científica (Figura 3). Não se encontravam textos de mulheres médicas na revista *Gazeta Médica da Bahia* até 1927, quando Carmen Escobar Pires publicou o artigo intitulado “Sobre um Caso de Síncope Anestésica – Injeção Intracardíaca de Adrenalina – Cura”².

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

As fotos foram uma gentileza do dr. Rubens Escobar Pires Lodi, médico e sobrinho-neto de Carmen Escobar Pires.

2 *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador. Volume XVII, números 7-8 (janeiro-fevereiro), 1927.



Figura 2 – Carmen Escobar Pires, a única mulher que se graduou na 3ª turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1920, e a 3ª mulher que se formou em medicina no estado de São Paulo.



Figura 3 – Carmen Escobar Pires com um grupo de médicos: a segunda da esquerda para a direita, na primeira fila.

Outrossim, são de sua lavra as monografias: **Contribuição ao Tratamento dos Acidentes da Gravidez Tubária** (1928, 31 páginas); **Corioepitelioma Primitivo da Trompa** (1938, 16 páginas) e **Tumor Hipernefroide do Ovário** (1951, 16 páginas em coautoria com Altino Antunes e Carlos Ribeiro Macedo); assim como os artigos “Arrenoblastoma do Ovário” (1938); “Arrenoblastoma: Evolução de um Caso Durante 12 Anos: Refeminização e Posteriormente Gravidez e Parto Normais” (1944); e “Estroma do Ovário” (1945).

Carmen Escobar Pires (Figura 4) era membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Ingressou, com apenas oito anos de exercício profissional, como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, em 1º de junho de 1928, permanecendo nesse sodalício por 55 anos (!). Teve a honra de ser a primeira mulher presidente, sendo precedida nessa função por 48 ex-ponentes da medicina paulista³. Exerceu seu mandato durante um período anual entre

3 Carmen Escobar Pires não foi a primeira mulher a ingressar na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. De acordo com o pesquisador Luiz Antonio Teixeira, ao que tudo indica, a primeira mulher que praticou a medicina de forma contínua na cidade de São Paulo e a primeira que pertenceu, à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi Marie Rennotte. Nascida na Bélgica em 1852, veio para o Brasil e atuou inicialmente como pedagoga no interior do estado de São Paulo. Posteriormente, graduou-se em medicina na Filadélfia (EUA), em 1892, aos 40 anos de idade. Teve importante atuação na defesa de uma maior participação das mulheres na vida social. In: Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913), de Luiz Antonio Teixeira. Editora Unesp – São Paulo, 2007, 294 páginas.

1951-1952. O mandato presidencial de um ano foi estabelecido desde a fundação da entidade, em 7 de março de 1895, persistindo durante 72 (!) anos até 1967, quando passou a ser bienal.



Figura 4 – Carmen Escobar Pires. Tela de autoria de Oscar P. da Silva⁴ (1924).

Em agosto de 1965, Carmen Escobar Pires (Figuras 5 e 6) ocupou o cargo de assistente-adjunto do então criado Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Associação Evangélica Beneficente. Nessa entidade prestou serviços médicos por mais de 30 anos! Era presbiteriana e participou intensamente da vida de sua igreja, tendo sido diaconisa da 1ª Igreja Presbiteriana Independente em São Paulo.



Figuras 5 e 6 – Carmen Escobar Pires na vida adulta. Primeira mulher que se tornou presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

Carmen Escobar Pires não se casou, tampouco deixou descendentes. Faleceu em 10 de fevereiro de 1984, aos 85 anos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério dos Protestantes, fundado em 1858 e localizado à Rua Sergipe nº 177, no bairro de Higienópolis. Seu nome é honrado como patronesse da cadeira nº 112 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

⁴ Oscar Pereira da Silva nasceu em São Fidélis (RJ), em 29 de agosto de 1865 (ou 1867), e faleceu na cidade de São Paulo, em 17 de janeiro de 1939. Foi pintor, desenhista, decorador e professor.

Cadeira nº 113 – Patrono

Mario Rodrigues Louzã
1897-1976



Maria do Céu Coutinho Louzã¹

Mario Rodrigues Louzã nasceu no dia 8 de maio de 1897, na cidade de Itatiba (SP). Era filho de Isabel do Carmo Louzã, natural de Itatiba (SP), e José Rodrigues Louzã, nascido em Portugal.

Desde muito jovem sempre quis ser médico e, aos 14 anos, veio estudar em São Paulo com o objetivo de se formar. Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade Livre de São Paulo, mas essa instituição funcionou somente entre 1911 e 1917. Mario Rodrigues Louzã teve então de ir estudar na Faculdade de Medicina da Bahia, onde concluiu o curso em 1918² e apresentou a tese **A Therapeutica Moderna da Coqueluche**, que foi plenamente aprovada, para obter o grau de doutor em medicina.

A medicina foi sempre o seu sonho e exerceu-a com uma verdadeira paixão e competência. Clinicou e realizou cirurgias sempre no Hospital São José do Brás³, em São Paulo, e foi médico de várias associações beneficentes⁴.

1 Bacharel em relações públicas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo; membro titular da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores do Estado de São Paulo (Sobrames-SP), tem atuado nessa entidade em diversas diretorias. É nora do dr. Mario Rodrigues Louzã e casada com o dr. José Rodrigues Louzã.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram feitas pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Por ocasião de sua formatura em medicina contava com apenas 21 anos!

3 Foi diretor administrativo do Hospital São José do Brás. De acordo com o cronista Arthur Botelho que lhe dedicou um necrológico no jornal A Voz do Bairro, Mario Rodrigues Louzã “tinha seu consultório no Hospital São José do Brás. Ali, a partir das 7 horas da manhã, diariamente praticava cirurgias e, no período da tarde, dava consultas. Quer como operador quer como clínico o seu nome ganhou fama. Dos pobres não cobrava nem pelas consultas nem pelas intervenções cirúrgicas. Quanto a essas, de modo generalizado, só as praticava quando não havia outra alternativa para restituir a saúde aos pacientes. Aos pobres ainda oferecia amostras dos medicamentos que lhes receitava. Quando, porém, faltavam em sua estante, dava-lhes dinheiro para comprá-los em farmácias. A sua vasta clientela não se constituía somente de enfermos do bairro – o Belém. Da periferia e do interior do Estado muitos compareciam para consultá-lo. A sua generosidade não tinha limites. Sobremaneira dedicado aos deveres impostos pela profissão, cumpriu neste mundo missão das mais habilitantes. Simbolizou o altruísmo, a perseverança, o mérito, a serenidade espiritual e, máxime, a modéstia”.

4 Prestou serviços profissionais na Sociedade Beneficente São Pedro do Pari e na Sociedade Beneficente Nossa Senhora do Rosário.

Durante a Segunda Guerra Mundial foi convidado pelo Exército Brasileiro para organizar cursos para enfermeiras socorristas, tendo recebido a patente de capitão.

Mario Rodrigues Louzã era de uma simplicidade e modéstia sem par. Respeitado e muito querido por sua dedicação, recebeu, em vida, muitas homenagens⁵, o que nem por isso mudou seu jeito de ser humilde e de um coração magnânimo. Atendia chamados a qualquer hora do dia ou da noite e operava qualquer pessoa que pudesse ou não pagar.

Muito estudioso⁶, também possuía uma grande facilidade em diagnósticos, num tempo em que não havia na medicina os recursos e a tecnologia de hoje. Era também um praticante do amor ao próximo, virtudes que fizeram dele um médico muito respeitado e querido ao longo de sua vida.

Foi casado com Jessie Toledo Piza Macuco⁷, com quem teve os filhos: José Rodrigues Louzã⁸ e Maria Helena Louzã Prado⁹.

Mario Rodrigues Louzã faleceu em São Paulo, no dia 5 de setembro de 1976, aos 79 anos¹⁰. Seu nome é honrado como patrono cadeira nº 113 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome a duas ruas: uma na cidade de Itatiba e outra na cidade de São Paulo, no bairro Jardim São José.

5 Exerceu a profissão por mais de meio século. Foi agraciado pelo Rei Vitório Emauel III como “Cavaleiro da Coroa da Itália”.

6 Publicou trabalhos científicos de alto alcance social e humano.

7 Contraiu núpcias em 15 de setembro de 1927.

8 Casado com Maria do Céu Coutinho Louzã, bacharel em relações públicas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

9 Casada com o dr. Fernando de Albuquerque Prado, juiz do Tribunal de Alçada.

10 Quem deu o atestado de óbito foi o dr. Nelson Roque Paladino, que é membro titular, emérito e o primeiro ocupante da cadeira nº 75 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Jairo de Almeida Ramos. A *causa mortis* foi “arteriosclerose generalizada e miocardioesclerose”.

Cadeira nº 114 – Patrono
Admissão: 1/10/1934

Eurico Branco Ribeiro
1902-1978



Helio Begliomini¹

Eurico Branco Ribeiro nasceu na casa do Largo da Matriz, na cidade de Guarapuava, oeste do Paraná, em 29 de março de 1902. Era filho do paulista Arlindo Martins Ribeiro e da paranaense Hermínia Saldanha Branco, falecida dois anos depois. Arlindo teve mais nove filhos, dessa vez, em segundo casamento realizado com sua cunhada, Maria das Dores.

Aos dez anos, Eurico Branco Ribeiro já escrevia para o jornal semanal “A Nação” de sua terra natal. Aos 12 anos, colaborava no “A Comarca de Guarapuava”. Mudando-se para São Paulo, aos 13 anos, tornou-se redator da edição vespertina “O Estadinho” do jornal O Estado de S. Paulo, tendo participado também do primeiro grupo de redatores da empresa “Folha da Noite”, como repórter policial, advindo talvez daí sua enorme facilidade em descrever situações as mais inusitadas. Desde cedo, além das matérias triviais, começou a estudar francês, alemão e inglês com sua querida avó Alzira Saldanha Branco. Aliás, o hábito de falar inglês foi mantido por oito anos seguidos quando adulto, em reuniões semanais com amigos que apreciavam a mesma língua.

Enquanto se dedicava às atividades jornalísticas, pois, além de transmitir conhecimentos, precisava reforçar sua mesada, estudou no famoso Ginásio do Carmo (1916-1917) e, depois, no Ginásio do Estado (1918-1921). Após ter contraído a gripe espanhola, assistiu a uma conferência de Ruy Barbosa, em 1919, no Teatro Municipal de São Paulo, que muito o sensibilizou.

Seguiu, posteriormente, o curso médico, formando-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1927, tendo sido plantonista do serviço sanitário como acadêmico, com tese de graduação aprovada com Grande Distinção (grau dez) versando sobre **As Águas Medicamentosas Naturais**, tendo pesquisado cinco fontes do município de Guarapuava. Mas foi a partir de 1926 que começou sua dedicação à cirurgia geral.

Tornou-se assistente do renomado professor Benedicto Montenegro, que foi considerado sempre como “seu mestre”. Foi também cirurgião da Beneficência Portuguesa até 1946; do Hospital da Pedreira; do Sanatório Santa Catarina a partir de 1930; da Casa de Saúde Liberdade; da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários do Estado de São Paulo (Capfesp) e da Sociedade dos Choferes do Estado de São Paulo.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Desde sua fundação, em 31 de janeiro de 1939, foi diretor do Sanatório São Lucas, à rua Pirapitingui, nº 80, no bairro da Liberdade, onde trabalhou até o final de sua vida, prédio adaptado da antiga residência de Alfredo Pujol e que possuía belíssima biblioteca, onde, com o tempo, se alojaram, entre outras, cerca de 200 coleções de revistas médicas nacionais e estrangeiras, além de milhares de livros. Posteriormente, uma ala do novo edifício foi inaugurada aos 18 de outubro de 1945, dia de São Lucas.

Nesse Sanatório estagiaram muitos médicos do Brasil e de vários países do mundo, mormente sul-americanos. Em verdade, esse nosocômio foi um verdadeiro hospital universitário, e Eurico, um catedrático sem cátedra, demonstrando que a excelência da medicina não se encontra apenas nas universidades.

Com sua enorme atividade galgou os cargos de presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e presidente do departamento de cirurgia da Associação Paulista de Medicina. Quando fora presidente da tradicionalíssima Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1954-1955), o nome da entidade foi alterado para Academia de Medicina de São Paulo.

Foi também membro das seguintes entidades: Colégio Internacional de Cirurgias; Colégio Americano de Cirurgias; Colégio Brasileiro de Cirurgias, Sociedade Médica São Lucas; Sociedade dos Médicos da Beneficência Portuguesa (fundador, secretário e presidente); Sociedade Paulista da História da Medicina; Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo; da Sociedade de Leprologia de São Paulo; Associação Argentina de Cirurgia; Sociedade dos Cirurgiões de Santiago do Chile (sócio honorário); Academia Brasileira de Medicina Militar; Sociedade de Cirurgia de Madrid; Sociedade de Gastroenterologia do Uruguai; Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba; sócio correspondente de mais de dez outras sociedades científicas; Colégio Brasileiro de Cirurgias (mestre do Capítulo de São Paulo), além de diretor e redator por 45 anos dos “Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia”, anteriormente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, posteriormente editada pela “Fundação para o Progresso da Cirurgia” e, atualmente, pela Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Paulo; e do “Boletim do Sanatório São Lucas”. Foi um dos mentores da Legião Médica São Lucas, fundada na Argentina e que tinha sede no Brasil, também no Sanatório São Lucas.

Eurico Branco Ribeiro publicou mais de 200 trabalhos científicos em anais de congressos, de sociedades e em outras revistas médicas, condensando quase todos eles em seus **Estudos Cirúrgicos**, em seis volumes (1934-1952), versando sobre extensa temática técnico-clínico-cirúrgica absorvida durante sua vida, além de “A Cirurgia no Sanatório São Lucas”, com colaboradores nos volumes, 1939 a 1954 e 1955 a 1967.

Nesse assunto, destacamos o primeiro trabalho de Eurico que foi um relato sobre a saúde e condições no clima em Campos de Jordão, em 1924, publicado no “Diário de Medicina”. Em 1926, apresentou tese sobre “Higiene da Imprensa” no 3º Congresso Brasileiro de Higiene. Posteriormente, publicou “A Propósito de um Dente Heterotópico”; “Os Anúncios e a Saúde Pública”; “Sobre Mama Supranumerária” (1931); “Aspectos Cirúrgicos de Caseose dos Nervos na Lepra”; “*Cirurgía Del Nervio Frénico en Afecciones Tuberculosas*”; “Neurofibromatose ou Primeira Moléstia de Recklinghausen (1935)”; “Pesquisa da Alça Jejunal em Cirurgia Gástrica” (1940); “A Hérnia

Inguinal em Infortunística” (1940); “Hipertrofia em Anel da Musculatura do Antropilórico”; “Litíase do Apêndice” (1943); “Os Problemas do Tétano”; “Úlceras Múltiplas do Estômago”; “A Moléstia da Raquicentese”; “Quisto Epidermoide da Falangeta”; “Varicocele” (1946); “A Penicilina por Via Arterial nas Ostemielites” (1947); “Acidente de Trabalho e Hérnia Inguinal”; “*Gastric Ressetion of the Ulcer and Cancer*”; “*Duodenal Diverticulum*” e “Um Grande Mestre da Cirurgia no Brasil: Professor Emérito Benedito Montenegro” (1971), dentre outros.

Escrevia de tudo, por tudo e acima de tudo, era um mestre na comunicação escrita e falada, não deixando de apresentar nada daquilo que via e sentia em seus olhos e em suas mãos de artista. Realizou nada menos do que 31.500 cirurgias em sua vida profissional, tendo sido considerado um dos maiores cirurgiões de gastrectomia do mundo(!), pois, sendo ambidestro, a realizava de “parede a parede”, no prazo máximo de 60 minutos, sempre com admirável destreza e precisão.

Participou de inúmeros congressos médicos nacionais e internacionais em todos os cantos do mundo, ocasiões em que aproveitava para realizar não só um aprofundado “tour” científico e técnico, mas também um festival de acontecimentos artísticos e de conagração. Aliás esse era o seu lazer.

Sua dedicação à cultura geral e à médica, em particular, além de sua característica inata à escrita, fizeram com que adentrasse francamente pelos estudos históricos, descobrindo, por exemplo, nos arquivos públicos de São Paulo, a data da fundação da cidade de Guarapuava, que passou a ser festejada, escrevendo sobre a **História de Guarapuava**, em 1922, e o **Esboço da História no Oeste Paranaense**, ambos publicados pelo Instituto Nacional de Geografia, além de **A Sombra dos Pinheiros** (1925); **Higiene da Imprensa** (1926); **Gralha Azul** (1927); **O Coração do Paraná** (1929); **Viagem às Sete Quedas** (1939); **O Primeiro Bandeirante** (1946); **Breviário dos Vinte Anos** (1952); **O Casamento Ideal** (1956); **Museus Municipais** (1957); **O Primeiro Casamento** (1969); **A Água da Esperança** (1969), além de outras publicações mais simples. O produto da venda de suas obras, cerca de 30, doou a instituições de caridade.

Planejou, durante 30 anos, escrever a vida de São Lucas, autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, particular amigo de São Paulo e patrono dos médicos, que seria realizada em dez volumes, mas a morte o levou após o quarto volume. Essa obra imortal levou o título de **Médico, Pintor e Santo** e é subdividida em quatro volumes: I. **Antes e Depois do Dia Fatal** (1969); II. **Argumentos para uma Tese** (1970); III. **De Autor a Personagem** (1971) e IV. **Simbologia e Evocação** (1974).

Na obra “**Médico, Pintor e Santo**”, Eurico Branco Ribeiro refere que, já em 1463, a Universidade de Pádua iniciava o ano letivo em 18 de outubro, em homenagem a São Lucas, proclamado patrono do “Colégio dos Filósofos e dos Médicos”.

A escolha de São Lucas como “patrono dos médicos” e do dia 18 de outubro como “dia dos médicos” é comum em muitos países, dentre os quais Portugal, França, Espanha, Itália, Bélgica, Polônia, Inglaterra, Argentina, Canadá e Estados Unidos da América.

Infelizmente, pouquíssimos médicos sabem que o dia 18 de outubro, dia de São Lucas, comemorado no Brasil como o “dia do médico”, foi uma conquista árdua graças ao empenho impávido, a inflexível tenacidade e a liderança de Eurico Branco Ribeiro.

Sobre o santo ainda publicou **O Livro que Lucas não Escreveu** (1969), **Lucas, o Médico Escravo** (1974). Tais estudos sobre o evangelista fizeram com que Eurico fosse considerado o maior entendido de Lucas no mundo, pois escreveu a verdadeira vida e não o romance do patrono dos médicos.

Ainda escreveu **Fui um dos Setenta** – novela dos tempos bíblicos (1977) – na qual encontram-se descrições da fase final da vida de Maria Magdalena. Escreveu ainda um condensado *in memoriam* dedicado ao professor Itapura de Miranda e um estudo sobre o taumaturgo padre jesuíta Ruiz de Montoya, em 1973. Nesse mesmo ano, Eurico redigiu o esboço biográfico de seu pai, Arlindo.

Foi, porém, no Rotary Club de São Paulo – Centro, onde tomou posse como sócio em 1935, que Eurico assumiu inúmeros cargos, inclusive o de presidente (1945-1946), demonstrando grande capacidade de prestação de serviços à comunidade. Viajou pelo Brasil e pelo exterior, relacionando-se com muitas personalidades de diferentes etnias.

No Rotary publicou onze livros, tais como **Rotary para mim é...** (1942); **Um Lema para Rotary** (1942); **Rotary, o Legado de Paul Harris** (1948); **Assim é o Rotary** (1952); **A Evolução do Objetivo do Rotary** (1952); **O Rotary em Evolução** (1954); **O Rotary aos 50 Anos** (1956); **25 Anos de Rotary** (1960); **Pelas Avenidas do Rotary** (1961); **O Rotary Sexagenário** (1965); **Atividades Internacionais do Rotary** (1965), e outros estudos menores, além de inúmeros relatórios.

Sob sua responsabilidade direta, vinha periodicamente a público a revista “Vida Rotária”, cujo nº 278 – ano XXX – edição especial – foi dedicado à sua memória, tendo colaborado também com a revista “Brasil Rotário” e com o boletim “Servir”.

Participou ativamente da criação da Fundação dos Rotarianos de São Paulo quando, então, foi adquirido o colégio Rio Branco e também formada a Associação de Famílias de Rotarianos de São Paulo, época em que foi construído o edifício Rotary, à Avenida Higienópolis.

Para coroar sua vasta caminhada rotária, Eurico foi galardoado com a famosa medalha “Sócio Paul Harris”, em 1975, alta comenda do *Rotary International*.

Foi também ativo participante e presidente do clube dos 21 Irmãos Amigos, entidade física que congrega um representante de cada estado do país, tendo reativado o clube da cidade de Londrina.

Além de fazer uma magnífica conferência na Academia Paulista de Letras sobre o “Homem que Marcou o Dia de Natal” (1972), tomou posse solenemente nesse sodalício, na cadeira nº 6, em 15 de setembro de 1974, cujo patrono é Couto Magalhães, sendo João Vampré o primeiro ocupante, e o segundo, antecessor de Eurico, o genial Plínio Salgado, autor da portentosa obra “Vida de Jesus”, entre outras. Tomou posse também na cadeira nº 27, em 27 de novembro de 1975, na Academia Cristã de Letras, cujo patrono é São Lucas. Eurico foi ainda membro de diretoria da União Cultural Brasil – Estados Unidos; secretário do Pen Club de São Paulo, membro da União Brasileira de Escritores e fundador, tesoureiro e secretário da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem), atual Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames), filiada à *Union Mondiale des Écrivains Médecins* (Umem). Foi indicado patrono *post-mortem* da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina.

Sua atividade cívica foi multifária, cabendo-lhe também o título de fundador do Partido da Mocidade, uma das bases do futuro Partido Democrático, elaborando sua plataforma de lançamento.

Eurico Branco Ribeiro promoveu a criação do Museu Visconde de Guarapuava e da Biblioteca Ruiz de Montoya, também em Guarapuava, em 1956.

À 16ª Conferência Distrital dos Rotary Clubs do Brasil, realizada em Belo Horizonte, em 1954, apresentou proposta relativa à criação de Museus Municipais para a preservação da memória de nossos municípios.

Publicou ainda um alentado estudo sobre “Um Museu Adequado para São Paulo” (Museu da Indústria), em 1962. Estimulou a criação de um museu de anatomia patológica no serviço do mesmo nome, que foi dirigido pelo professor Carmo Lordy, ex-catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e um Museu de São Lucas, inaugurado em 27 de fevereiro de 1962, ambos em seu sanatório, contendo coleção de quadros, imagens e livros sobre o patrono dos médicos. Dizia com razão Silvio Romero: “Povo sem tradições é árvore sem raízes, que qualquer vento derruba”.

O espírito caritativo fez com que Eurico Branco Ribeiro exercesse a presidência da Casa dos Velinhos de Ondina Lobo por 27 anos consecutivos.

Eurico Branco Ribeiro recebeu diversas comendas e títulos honorários, destacando-se a comenda da ordem do Mérito Médico do Governo Brasileiro; cidadão honorário de Curitiba; prefeito honorário de San Antonio, Texas (EUA); membro honorário da Umem; membro da associação dos Cavalheiros de São Paulo; sendo ainda detentor de muitas outras medalhas de entidades culturais.

Além de cirurgião de rara habilidade foi administrador de arguta competência e escritor de grande sensibilidade que soube interagir proficuamente nas múltiplas entidades de que participou. Marcou presença em sua família, sendo pai e esposo, além de mestre, esteta e homem caridoso.

Pois, “esse incrível Eurico”, no dizer de Oscar Pereira Machado, sempre foi estudioso, escritor e médico disciplinado. Foi também “o pai, a ação, o mestre, o esteta, o bisturi armado em coração, o presidente, o homem bom”, no dizer de Durval Rosa Borges.

Eurico foi adoecendo e nem acreditando que seu fim chegaria, fato que ocorreu em 1º de março de 1978, pouco antes de completar 76 anos, deixando sua esposa Maria Emília e suas filhas Sônia, Dulce, Gláucia e Alda. Dos irmãos pelo lado paterno, Eurico contou com a colaboração valiosa, em seu sanatório, de Luiz, também médico; Alzira, auxiliar geral, além de Sônia, sua filha, como administradora.

Com a morte de Eurico perdeu-se o homem simples, o médico, o diretor de hospital, o escritor, o filantropo, o civilista, o cavalheiro, o amigo, a máquina organizada para o trabalho e para o conhecimento. A Sbem, hoje a Sobrames, perdeu sua viga-mestra, mas que ficará guardada eternamente em sua memória.

Sua figura ímpar caracterizou uma época durante os anos em que viveu, a tal ponto que seus feitos resistem ao tempo e transcendem sua existência terrena. Ele vive na Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, da qual é seu Patrono oficialmente desde 1994.

Eurico Branco Ribeiro escolheu como lema de vida e *ex-libris* de seus livros a célebre frase de Hipócrates que, aliás, estava estampada no vitral de sua janela: “*Conservarei puras a minha vida e a minha arte*”. E ele dignamente assim o fez.

Cadeira nº 115 – Patrono

Luiz Manuel de Rezende Puech 1884-1939



Helio Begliomini¹

Luiz Manuel de Rezende Puech, mais conhecido por Luiz Rezende Puech, nasceu na cidade de São Paulo, em 28 de maio de 1884. Fez o curso de humanidades em Petrópolis (RJ) e graduou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1906, na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira no Hospital Juqueri.

Aprimorou-se como cirurgião infantil e ortopedista, obtendo renome internacional. Tornou-se catedrático da antiga cadeira de clínica ortopédica e cirurgia infantil da Faculdade de Medicina de São Paulo, posteriormente integrada à Universidade de São Paulo (FMUSP), instituição de ensino na qual desempenhou também o cargo de vice-diretor.

Fez muitos discípulos e impulsionou a especialidade ortopédica, então incipiente em São Paulo. Era dotado de excepcional cultura e de profundo conhecimento científico. Pertenceu à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, entidade que teve a honra de presidir num mandato anual entre 1920-1921.

Em 25 de outubro de 1934 foi eleito membro honorário da vetusta Academia Nacional de Medicina.

Idealizada nas dependências do Pavilhão “Fernandinho Simonsen” da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo – considerado o berço da ortopedia brasileira –, Luiz Manuel de Rezende Puech, juntamente com Luiz Ignácio Barros Lima e Achilles Ribeiro de Araújo, foram os fundadores da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, tendo Rezende Puech a honra de ter sido seu primeiro presidente (1935-1936, Figura 2).

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.



Figura 2 – Participantes do I Congresso da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia em 1936. Na primeira fila da esquerda para a direita: José Londres, Vittorio Putti, Luiz Rezende Puech, Roberto Freire, Domingos Define e L. I. Barros Lima.

Luiz Rezende Puech deixou vários trabalhos científicos, convindo destacar dentre eles “O Problema da Luxação Congênita do Quadril no Brasil”, que foi apresentado como tema oficial no II Congresso da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1937.

Cantídio de Moura Campos² assim referiu de Rezende Puech: “Tão alto elevou o nome da especialidade, que era muito justamente considerado o maior dos ortopedistas nacionais, para ele convergindo clientela de vários pontos do país, atraída pela fama de sua arte”.

Rezende Puech estudou também problemas relacionados à construção e à administração de hospitais. Juntamente com Ernesto de Souza Campos³ – engenheiro, médico e professor universitário –, dedicou-se à construção dos edifícios da FMUSP e do Hospital das Clínicas.

Devido à sua autoridade nesse mister, eram-lhe submetidos numerosos projetos e plantas de hospitais para serem construídos no estado de São Paulo e em outros estados da federação brasileira. Dentre eles, cita-se, particularmente, sua colaboração na construção do pavilhão “Fernandinho Simonsen” da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde chefiou a clínica ortopédica e de cirurgia infantil. Em decorrência de seus relevantes serviços prestados nesse hospital, teve a honra de ter seu retrato na galeria da Irmandade com o título de “Irmão Protetor”.

Rezende Puech foi indicado por Armando Salles de Oliveira – governador do estado de São Paulo (1935-1936) e protagonista da criação da Universidade de São Paulo em 1934 – presidente da Comissão de Assistência Hospitalar do Estado de São Paulo. Nessa comissão, Puech fez um amplo levantamento da condição hospitalar paulista, que resultou em dois trabalhos: **Censo Hospitalar do Estado de São Paulo** e **O Problema Hospitalar do Estado de São Paulo**.

2 Cantídio de Moura Campos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1928-1929, e é o patrono da cadeira nº 128 desse sodalício.

3 Ernesto de Souza Campos é o patrono da cadeira nº 118 da Academia de Medicina de São Paulo.

Luiz Manuel de Rezende Puech faleceu na cidade de São Paulo, em 4 de janeiro de 1939, contando com 54 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 115 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 116 – Patrono Admissão: 1899

Synésio Rangel Pestana
1874-1962



Helio Begliomini¹

Synésio Rangel Pestana, embora descendesse de tradicionais famílias paulistas, nasceu no Rio de Janeiro em 30 de abril de 1874. Aí fez seus primeiros estudos, graduando-se na Faculdade Nacional de Medicina em 1897, ocasião em que defendeu tese intitulada **Patogenia da Apendicite**, primeiro trabalho brasileiro sobre o assunto.

Quando se encontrava em férias, vinha a São Paulo e frequentava a Santa Casa de Misericórdia, onde aprendeu não somente as lições iniciais da arte de examinar pacientes, como também manteve contato com renomados médicos de seu tempo, tais como Luís de Paula Monteiro Vianna, que lhe deu as primeiras lições de pequenas cirurgias; assim como Vital Brazil² e Arnaldo Vieira de Carvalho³.

Após a formatura radicou-se na cidade de São Paulo com sua família. Logo no início de 1898 começou a frequentar a Santa Casa de Misericórdia, sendo recebido por Arnaldo Vieira de Carvalho. Em 1900 foi nomeado médico interno desse nosocômio e a ele se dedicou por mais de cinquenta anos de trabalho!

Em 1903, por ocasião da epidemia de peste bubônica, Synésio Rangel Pestana ingressou no Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, onde atuou como inspetor sanitário.

Na condição de médico adjunto da Santa Casa participou de diversos serviços, sendo nomeado em 1907, pelo próprio Arnaldo Vieira de Carvalho, à mercê de suas qualidades, chefe da 1ª Clínica Médica de Mulheres, cargo que ocupou até 1910. Nesse ano tornou-se chefe do Asilo de Expostos, prestando relevantes serviços até 1927. Em decorrência do falecimento de seu grande amigo Diogo Teixeira de Faria⁴, foi designado para substituí-lo no cargo de diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia, em fevereiro de 1927.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Vital Brazil Mineiro da Campanha é o patrono da cadeira nº 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante dois mandatos anuais entre 1901-1902 e 1906-1907, e é o patrono da cadeira nº 11 desse sodalício.

4 Diogo Teixeira de Faria foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1904-1905, e é o patrono da cadeira nº 58 desse sodalício.

Nessa função ampliou e melhorou todos os serviços da instituição, transformando-a num dos maiores hospitais do gênero da América do Sul. A fim de conseguir recursos financeiros promoveu de 31 de março a 7 de abril de 1929 a “Semana da Santa Casa”, durante a qual, pessoalmente, pediu cooperação aos seus amigos. Em poucos dias conseguiu reunir a apreciável quantia de 2.400 contos, montante suficiente para realizar as reformas e a construção de um hospital para tuberculosos.

Outra dentre suas principais realizações foi a construção do Pavilhão “Fernandinho Simonsen”, inaugurado em 1931. Nesse mesmo ano inaugurou o bloco cirúrgico “Arnaldo Vieira de Carvalho” a secção feminina “Dr. Diogo de Faria” e o Pavilhão da Enfermaria do Asilo dos Expostos.

Synésio Rangel Pestana foi também médico do Seminário das Educandas; instalou e dirigiu vários hospitais de sangue e serviços de assistência durante os infaustos dias da Revolução de 1932. Ainda nesse ano, inaugurou o Hospital para Tuberculosos “São Luiz Gonzaga” no bairro de Jaçanã.

Em 1934 criou, do bloco cirúrgico “Arnaldo Vieira de Carvalho” no Hospital Central da Santa Casa, a secção masculina “Oscar Pinto de Araújo Cintra”. Em 1937 inaugurou a secção “Teotônio de Lara Campos”, o bloco da oftalmologia masculina e o belo ambulatório “Conde Lara”, para aonde afluíam, diariamente, milhares de pacientes carentes em suas diversas especialidades.

Em 1938 Synésio Pestana completou 40 anos de ingresso e de atividades ininterruptas na Santa Casa de Misericórdia. A mesa administrativa prestou-lhe significativas homenagens pela efeméride, oportunidade em que lhe foram pronunciados diversos discursos, salientando não somente seus préstimos à instituição, mas também a personalidade do ilustre cidadão paulista.

Dentre seus pacientes teve o ilustre inventor Alberto Santos-Dumont que, encontrando-se adoentado num momento de sua vida, recebia visita quase que diária de seu médico Synésio Pestana, sendo recomendado por ele a passar uma temporada no Guarujá, a fim de tratar de sua delicada saúde.

Synésio Rangel Pestana ingressou em 1899 na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, atuando nessa instituição como: 2º secretário (1904-1905); bibliotecário (1906-1907); vice-presidente (1909-1910); e presidente (1910-1911), em cuja gestão recebeu os professores Erdarelli, Bovvi e Castelino. Foi o segundo a receber o título de sócio-benemérito em 1905, sendo precedido apenas por Carlos José Botelho⁵. Atuou também na Associação Médico-Beneficente de São Paulo, tendo sido seu tesoureiro (1905-1907) e presidente (1909-1911).

Escreveu artigos na Revista Médica de São Paulo, então respeitado periódico da classe médica, assim como na Gazeta Clínica, e em O Estado de S. Paulo, dentre outros jornais, onde publicou temas relativos à medicina.

Dentre outras atividades de que participou salientam-se: médico durante 35 anos do Grêmio dos Empregados de O Estado de S. Paulo, desde a sua fundação até a sua dissolução; médico do Grêmio dos Empregados do Comércio e, durante 11 anos, da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos. Ingressou como membro da mesa administrativa

⁵ Carlos José Botelho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1896-1897, e é o patrono da cadeira nº 55 desse sodalício.

da Santa Casa de Misericórdia em 1930, sendo reeleito até 1948. Nessa Irmandade foi eleito e atuou como tesoureiro (1939-1946); diretor clínico por 20 anos (1927-1947), quando recebeu os títulos de “Diretor Clínico Emérito” e de “Irmão Protetor”.

Ainda na Santa Casa fundou a biblioteca e deu a ela o nome de “Augusto Meireles Reis”, seu amigo e antigo mordomo do Hospital Central. Não somente conseguiu a cooperação de seus amigos, mas doou seus próprios livros médicos a essa biblioteca, dedicando-lhe seus derradeiros anos de vida na condição de diretor, quando comparecia diariamente, não somente classificando o fichário, mas fazendo assinaturas das mais modernas revistas científicas da época.

Por relevantes serviços prestados a diversas colônias de estrangeiros radicadas em São Paulo, recebeu as seguintes comendas: grande oficial da Ordem do Grão-Duque Gedimina (Lituânia); comendador da Ordem das Três Estrelas (Letônia); comendador da Ordem da Cruz Vermelha (Estônia, Portugal e Alemanha); comendador da Ordem da Coroa e cavaleiro da Ordem de São Maurício e São Lázaro (Itália).

Synésio Rangel Pestana faleceu em 1962, nas dependências da Santa Casa de Misericórdia, hospital ao qual se dedicou por mais de meio século de existência.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 116 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; perenizado com um busto em bronze (Figura 2) feito pelo escultor Galilleu Emendabili, que se encontra no *hall* dos Provedores do Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (ISCMSP); e dá nome a uma rua no bairro de Vila Prudente, na capital paulista.



Figura 2 – Busto em bronze de Synésio Rangel Pestana feito pelo escultor Galilleu Emendabili, que se encontra no *hall* dos Provedores do Museu da ISCMSP.

Cadeira nº 117 – Patrono Admissão: 26/3/1976

Gilberto Menezes de Góes
1932-1985



Milton Borrelli¹

Gilberto Menezes de Góes nasceu em Tietê (SP), aos 25 de abril de 1932. Graduiu-se em medicina pela Universidade de São Paulo. Ainda como estudante mostrou sua vocação para urologia, ligando-se à disciplina chefiada na época pelo professor Jerônimo Geraldo Campos Freire, de quem foi grande amigo e dedicado aluno.

Concluída sua graduação, associou-se à disciplina de urologia onde se destacou de forma significativa, contribuindo para seu desenvolvimento e ensino da especialidade.

Em 1972 Gilberto Menezes de Góes publicou duas teses sobre **Derivação Urinária: Contribuição para o Estudo da Neobexiga Retal e Estudo de Anastomose Ureteroileocutânea**.

Com o falecimento do professor Campos Freire, em 1975, assumiu a regência da disciplina urológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), para, no ano seguinte, 1976, consagrar-se, após concurso de títulos, o professor titular mais jovem da época.

Dedicou-se ao desenvolvimento da cirurgia renovascular, cirurgia de adrenal, derivações urinárias, hipertensão renovascular e ao transplante renal.

Deu grande impulso na área da residência médica em urologia, formando diversos especialistas, alguns atualmente professores titulares em escolas médicas. A qualidade da residência médica tornou-a a mais concorrida dentre as especialidades cirúrgicas no Hospital das Clínicas da FMUSP.

Assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Urologia – seccional São Paulo – no biênio 1974-1975.

Teve destacado nome na história do transplante renal, sendo pioneiro na área e desenvolvendo um centro especializado de referência nacional, o que permitiu difundir essa técnica em vários estados brasileiros e em países latino-americanos.

Juntamente com sua esposa Yolanda, conferiu à urologia uma característica familiar ímpar.

Faleceu ainda jovem, em 1985, deixando um grande legado à urologia brasileira.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 117 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Gilberto Menezes de Góes.

Nota: A foto foi conseguida pelo acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Cadeira nº 118 – Patrono Admissão: 15/5/1920

Ernesto de Souza Campos
1882-1970



Helio Begliomini¹

Ernesto de Souza Campos nasceu em Campinas, aos 21 de setembro de 1882. Herdou de seus progenitores, doutor Antonio de Souza Campos e dona Cândida Bitencourt de Souza Campos, as virtudes da renúncia, ciência, cultura e civismo, predicados essenciais de lidador imbatível sempre a unir, congregar, sonhar, programar, executar, erigir.

Deixou, ainda em tenra idade, a cidade natal, transferindo-se com os pais para o Rio de Janeiro. Aí iniciou os estudos no Colégio Americano, dando demonstração de ser aplicado e estudioso. Classificou-se em primeiro lugar durante o curso.

Estudou engenharia na Escola Politécnica, onde lhe calaram fundo as perorações de Cesário Mota Jr. Formou-se na turma de 1906.

Como partícipe da fundação do Grêmio Politécnico, em 1906, levou a centelha de um ideal, mais tarde, ao fundar e estruturar o centro acadêmico Osvaldo Cruz, em 1913, na então Faculdade de Medicina e Cirurgia, sediada no casarão do Brigadeiro Tobias e nos solares de Almeida Lima e Paes de Barros.

Construiu, no interior do estado, várias obras, cuja execução aprimorada lhe valeu as mais elogiosas referências. Seguiu anos depois para a Europa, desejoso de aperfeiçoar os conhecimentos e ampliar a cultura. De regresso do velho mundo, dedicou-se novamente à profissão de engenheiro, além de lecionar, embora com isso não se sentisse realizado. Capacitara-se de que a sua verdadeira e legítima vocação o impelia para a biologia.

Alexandre D'Alessandro, nas memórias da Politécnica, histórias de sua história, anotou a turma de 1906 e os colegas de Ernesto: Achiles Nacarato, Alaor Prata Soares, Marcílio Malta Cardoso, Ranulpho da Mata Pinheiro Lima, Oscar Porto, João Fagundes Vasques, Moisés Marx, Maurílio Porto, Luís Delphino Ribeiro, Álvaro Rocha e Mário Cunha, 8ª turma, 12 componentes, romeiros da mesma peregrinação.

Ernesto Campos esposou Celestina Brito de Souza Campos, em 24 de junho de 1908, companheira diletta, com quem teve comunhão amorosa, integração, solidariedade, calor e afeto.

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Embora homem feito, já com a família constituída, com não poucos encargos, não hesitou em imprimir novos rumos à carreira

A passagem pela Casa de Paula Souza foi marcante e influenciou seus passos, sua obra imensa de planejamento e construção de edifícios, hoje cimélios da arquitetura, peças essenciais da memória histórica, tais como o prédio majestoso de Faculdade de Medicina de São Paulo, na colina do Araçá, o projeto do Hospital das Clínicas, a praça de esportes do centro acadêmico Oswaldo Cruz e a Cidade Universitária.

O sábio professor Bernardo Houssay, prêmio Nobel da Medicina, ao falar ser Ernesto de Souza Campos homem mais versado nas questões referentes ao moderno ensino médico, enalteceu: “precisaríamos de várias vidas para realizar o que fez em apenas uma”.

Polivalente, polifacetado, no desejo jamais sopitado de mais saber, evoluir, abarcar todos os ramos possíveis do conhecimento, vai sentir-se magnetizado, outra vez, quando da criação da Faculdade de Medicina, em 1913. Aluno da 1ª turma de 1918, desde os primeiros instantes terá o respeito de seus colegas e mestres, verdadeiro elo entre os lentes e os alunos, fundador do centro acadêmico e seu 1º presidente, com reeleições por vários mandatos.

Ernesto, desde a aula inaugural da futura Casa de Arnaldo, na manhã de 2 de abril de 1913, tomou parte precípua em todos os magnos acontecimentos da vida do grande estabelecimento de ensino. Presidiu o centro acadêmico em sessões memoráveis, onde se fizeram ouvir o professor Emile Brumpt, de Paris, Fernando de Magalhães, Etheocles Alcantara Gomes, Rubião Meira, Alphonso Bovero e Olavo Brás dos Guimarães Bilac. Da mesma forma recebeu Oswaldo Cruz, patrono da agremiação dos moços, e presidiu o adeus à missão que foi à França na 1ª Guerra Mundial e, com ela, partiram Benedito Montenegro, Raul Vieira de Carvalho, Luciano Gualberto, este para o fronte itálico, e tantos outros.

Em suas **Reminiscências**, Souza Campos desfilou discípulos e professores, eventos, estudantes de antigos entusiasmos, assim como reviveu em crônicas perfeitas episódios com a nitidez de cenas gravadas para sempre na memória: *“Arnaldo, fino, reservado e distinto, com fisionomia de nobres linhas; Edmundo Xavier, de austera catadura, rigoroso nos exames; Milward, espírito de sábio e coração de santo, ensinando química e glorificando Pizarro e Domingos Freire, lembrado a cada triquete; Bourroul, na parasitologia, a seguir magnificamente o roteiro de Brumpt que logo retornou à França; Ascendino Reis, cultura sólida e entusiasmo forte, que viera da Escola Normal para a cátedra de farmacologia; Cantídio de Moura Campos, mais tarde secretário da educação, substituindo na fisiologia a Ovídio Pires de Campos, já na clínica médica; Oliveira Fausto, nutrido de cultura gaulesa, jovial e expansivo; Alves Lima, cirurgião elegantíssimo, rápido em tudo, no dizer, na ação, perfeito homem de sociedade; Franco da Rocha, psiquiatra de reputação nacional, vasta cultura humanística e filosófica, escritor conceituoso e original, introduz no nosso meio o gosto pela ciência germânica. Sílvio Maia, grande obstetra que instalou a cadeira na Maternidade, reconcentrado de ar vago e distante, passa como uma sombra; da Bahia chega Oscar Freire, professor, escritor e orador de primeira água que aqui morreria tão prematuramente e, da*

Itália, Alfonso Bovero, figura primacial desde os primeiros dias da Faculdade, tão grande pelo lado moral quanto pelo científico a imprimir normas indelévels ao ensino das cadeiras básicas, metodologia científica, vértice e ápices de uma escola eterna. E mais Alexandrino Pedroso, franco e combativo, leal e desprendido, revivescência atávica dos velhos paulistas de outrora, até na fala cadenciada”.

Ernesto de Souza Campos esteve ao lado de Arnaldo Vieira de Carvalho, verdadeiro governador da cidade na pandemia gripal que assolou a cidade de São Paulo, e participou também dos funerais do vencedor do flagelo da febre amarela.

Esteve presente na criação da Revista de Medicina e dos primeiros jogos desportivos estudantis. Já formado, foi o obreiro maior do estádio dos moços, no Araçá, do conjunto de piscinas e quadras de tênis. Operoso, infatigável foi acompanhar dia a dia, junto a todas as gerações que pela Casa de Arnaldo vibraram e estudaram, as ações do seu amado centro acadêmico “Oswaldo Cruz”, em vida inteiramente dedicada à consecução dos ideais da mocidade, que se tornou merecedor do título de “presidente honorário”, prebenda só compartilhada por Arnaldo Vieira de Carvalho. Aliás, Souza Campos o definia como “*um homem integral no sentido técnico, científico e cívico*”.

Ernesto de Souza Campos, cedo, em 1925, tornou-se catedrático. Teve carreira meteórica, tendo sido assistente de Walter Haberfeld, Ovídio Pires de Campos e Alphonso Bovero, atingiu as culminâncias na cadeira de histologia e, logo, em permuta com o erudito Carmo Lordy, foi mestre de microbiologia e imunologia, até sua jubilação.

Reto, pleno das doutrinas de metodologia científica aqui trazidas por Bovero, atingiu a cátedra jovem, mas já sedimentado com as diretrizes científicas da Universidade de John’s Hopkins, Baltimore, no serviço do professor Mac Callum (1920-1922), como assistente-instrutor de anatomia patológica. E se isso tudo não bastasse, passou 3 anos no Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos.

De seu tempo de estudos nos Estados Unidos da América do Norte trouxe, pelo respeito granjeado, apoio da Fundação Rockefeller, subsídio importante para a estruturação da Casa de Arnaldo.

Ernesto Campos em seus artigos demonstrava as dimensões do escriba eskorreito, de memória prodigiosa, perquiridor incansável de nosso antanho tempo em que se evidenciam as qualidades de escritor e historiador. Com elas adentrou os umbrais da Academia Brasileira de Ciências; do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sendo presidente no período 1950-1956; e da Academia Paulista de Letras, sendo recebido pelo egrégio Ernesto Leme, na cadeira que tem como patrono Pedro Taques, e em que foram antecessores Basílio de Magalhães e Fernando Nobre.

Em meio século de trabalho obteve diversos títulos e galgou maturidade nas atividades no magistério, na pesquisa científica, em missões culturais, na vida pública e na historiografia.

Sua obra foi maiúscula reunindo doze volumes, onze opúsculos, dezenas de ensaios científicos e temas de educação; centenas de artigos na imprensa; 56 trabalhos sobre temas históricos; 23 biografias; 46 com temática ampla e variegada; teses e 49 publicações científicas.

Foi beletrista, cronista, humanista, membro de uma seleta elite intelectual e ho-

mem integral. Foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Galgou o posto de ministro de estado dos Negócios da Educação e Saúde, em 1946, e, nesse mesmo ano, também atuou como ministro interino da Justiça.

Como ministro da Educação teve sob seu comando a organização das universidades autônomas do Paraná, Bahia, Pernambuco, assim como as universidades católicas de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

Foi embaixador especial do Brasil na Colômbia, além de realizar visitas oficiais na Venezuela, Peru, Equador, Chile, Argentina e Uruguai.

Se Arnaldo Vieira de Carvalho foi príncipe da cirurgia, condestável da medicina paulista, Ernesto de Souza Campos foi humanista nas sendas dos homens de Florença.

Faleceu em 1970, aos 88 anos, após uma profícua existência.

Escreveu centenas de artigos e ensaios, muitos deles coligidos em volumes, dentre os quais destacam-se: **Temas Educacionais** (1947-1950, 180 artigos); **História da Universidade de São Paulo** (1946); “As Três Universidades da Cidade de São Paulo” (1954); **Temas Universitários** (1952): “O Novo Prédio dos Laboratórios da Faculdade de Medicina”; “O Problema da Centralização dos Cursos Propedêuticos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”; “Um Ano de Administração na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP” (1938); “Universidades”; “Cidades Universitárias” (1946); “Universidade do Recife” (1948); “Educação Superior no Brasil” (1940); **Temas Literários e Históricos; Para Minha Esposa e Meus Filhos** (1957); **Leonor de Lencastre** (1958); **Universidade Luso-Brasileira** (1958); **O Apostolado de Aviz** (1960); **Páginas Andinas** (1963); **No Limiar da Academia Paulista de Letras** (1964); **As Sete Noivas da Montanha** (1965); **O Tostão de Ouro e a Ordem da Rosa** (1965); **Diversos**, em coletânea de artigos em dois tomos; **A Torre e o Sino** (1966); **A Torre de Coimbra** (1966); **O Sorriso da Virgem** (1966) e **Santa Casa de Misericórdia**, um volume com 14 brochuras.

Cadeira nº 119 – Patrono Admissão: 1/6/1934

Oswaldo Lange
1903-1986



Helio Begliomini¹

Oswaldo Lange nasceu na cidade de São Paulo, em 28 de agosto de 1903. Sua mãe, a farmacêutica Fany Lange, plasmou a sua personalidade.

Decidido a ser médico, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), onde graduou-se em 1927. Enquanto acadêmico, passou a frequentar a clínica neurológica em 1925. Ficou encantado com seu mestre Enjolras Vampré², catedrático de neurologia, a quem deveu seu desempenho profissional e a orientação na especialidade.

Do somatório dessas influências resultou sua figura séria, ativa e forte, continuada e disciplinadamente voltada ao trabalho e a construir, com carinho, sempre um mestre.

Após a formatura, Oswaldo Lange passou a integrar o grupo dos colaboradores diretos de Enjolras Vampré que já contava com Adherbal Tolosa³ e Paulino Watt Longo⁴. A partir de então desenvolveu a prática e a pesquisa da aplicação clínica do exame do líquido cefalorraquidiano (LCR) alicerçadas na neurologia. Seu desempenho profissional conquistou o respeito e a admiração da comunidade médica, assim como a amizade de seus pares.

Assim, conseguiu estabelecer o estudo do LCR como uma das especialidades da neurologia e, em 1929, iniciou as atividades no seu próprio laboratório especializado em exames de líquido. Cientificamente, essa fase se abriu com sua tese de doutoramento sobre **Basedowismo Frustrado** e a publicação sobre a espondilite rizomélica, estudo com Vampré, com quem igualmente publicou os resultados de seus primeiros estudos sobre o LCR.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

2 Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

3 Adherbal Pinheiro Machado Tolosa foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1960-1961, e é o patrono da cadeira nº 25 desse sodalício.

4 Paulino Watt Longo é o patrono da cadeira nº 85 da Academia de Medicina de São Paulo.

Seguem-se outras publicações resultantes de suas investigações, coroadas com o primeiro livro brasileiro sobre o tema **O Líquido Céfalo-Raquidiano em Clínica** (1938).

O principal tema de suas pesquisas nessa fase é o estudo conjugado do LCR e das moléstias infecciosas do sistema nervoso central e seus envoltórios, com destaque à neurosífilis e à neurocisticercose. Caracterizou a síndrome liquórica da cisticercose encefalomeníngea (1936). Detalhou o comportamento do LCR na neurosífilis pré-clínica, assunto que deu origem à sua tese de livre-docência, concurso que prestou em 1938 na FMUSP. Nela, tornou-se o primeiro livre-docente de neurologia por concurso de títulos e provas.

Após a morte prematura de Enjolras Vampré em 1938, Adherbal Tolosa, Paulino Watt Longo e Oswaldo Lange lutaram para que a escola do mestre permanecesse una. Tolosa conquistou, por concurso, a cátedra de neurologia da FMUSP. Longo, por igual concurso, conquistou a cátedra de neurologia da Escola Paulista de Medicina, que iniciava seus passos e que prematuramente também perdera, nesse mesmo ano, Fausto Guerner, seu primeiro professor de neurologia. Lange, o mais jovem dos três, permaneceu na clínica neurológica da FMUSP como chefe de clínica.

Oswaldo Lange sempre considerou o desempenho do médico frente a seus colegas como parte integrante da atividade profissional. Sua atuação na Associação Paulista de Medicina (APM) e na Academia Brasileira de Neurologia (ABN) dá a medida do seu ângulo de visão a propósito desse desempenho.

De 1947 a 1955, alinou-se com seu companheiro e amigo Jairo Ramos, para com outros colegas lutar pelo objetivo de fazer da APM uma sociedade realmente voltada à medicina e que tivesse projeção estadual e não apenas local, na cidade de São Paulo. O sucesso alcançado levou a que naturalmente se ampliassem as fronteiras da APM para todo o estado de São Paulo e, depois, fortalecesse a ideia de constituir uma sociedade que reunisse os médicos brasileiros, levada a cabo por Jairo Ramos⁵ e tantos outros, que resultou na criação da Associação Médica Brasileira (AMB), em 1951. Na APM, Jairo Ramos e ele capitanearam a remodelação dos Departamentos Científicos, dando-lhes vida e desígnio. Promoveram congressos e jornadas que encontraram seu apogeu em 1954, por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo, quando a APM patrocinou 14 congressos. Entre eles destacou-se o XIX Congresso Internacional de Otoneuro-oftalmologia, que contou com figuras de renome mundial, muitas delas da neurologia, comparecendo graças, particularmente, ao prestígio internacional que Oswaldo Lange a essa época já granjeara. Dentro dos mesmos propósitos de construir com seriedade, Lange assumiu o periódico da APM – a “Revista Paulista de Medicina” –, para o qual estabeleceu rumos verdadeiramente científicos e trabalhou arduamente como seu editor (1947-1955).

No início dos anos 60, a ideia de se criar uma sociedade neurológica de âmbito nacional se fortalecera, graças aos esforços que levaram à criação da *World Federation of Neurology* (WFN) em Bruxelas, em 1957, sob a presidência de Ludo van Bogaert e tendo Macdonald Critchley como vice-presidente. Longo e Lange abraçaram a ideia com tantos outros, propugnando para que Deolindo Couto encabeçasse

5 Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

os esforços. E assim, em 1962, instalou-se a Academia Brasileira de Neurologia (ABN). Paulo Pinto Pupo e Lange redigiram o primeiro estatuto da ABN, e a entidade foi filiada à WFN, assim como à AMB, posteriormente (1971).

Em 1966, Lange foi eleito delegado da ABN junto à WFN, mandato que a Assembleia Geral da ABN quadrienalmente renovou até 1978, quando ele não mais aceitou a reindicação. Por 12 anos consecutivos promoveu a neurologia brasileira.

Graças aos seus esforços, a ABN recebeu e realizou na cidade de São Paulo o III Congresso Pan-Americano de Neurologia, em 1971. Oswaldo Lange participou de todas as reuniões do Conselho de Delegados da WFN, bienalmente realizadas durante seu mandato, em New York, Barcelona e Amsterdam. Igualmente, participou das reuniões bienais dos congressos pan-americanos em San Juan (Porto Rico), São Paulo e na Cidade do México. Valendo-se do prestígio do cargo, sempre estimulou a ABN ao cumprimento de seus compromissos para com a WFN e, desta, conseguiu o reconhecimento das neurociências brasileiras. Um dos mais preciosos resultados desse esforço, em plano internacional, foi a escolha de colegas brasileiros como relatores de temas oficiais nos congressos da WFN, tanto nos pan-americanos (São Paulo, México e Caracas) como nos mundiais (Barcelona e Amsterdam). Adicionalmente, compilou as atas da ABN que bienalmente publicou, a partir de 1962, como “Apêndice” dos “Arquivos de Neuropsiquiatria” e que contêm um resumo da vida dessa sociedade neurológica. Até o final de sua vida, com dedicação e com autoridade, fez-se um verdadeiro conselheiro de membros da agremiação, de seus dirigentes e de seu sucessor como delegado da ABN junto à WFN.

Recebeu em 1976 o título de Patrono da ABN. É igualmente o patrono do Grupo de Trabalho de LCR da ABN.

Tantos feitos enaltecem as lições de vida de Oswaldo Lange. No entanto, eles são um preâmbulo a emoldurar seu grande amor à medicina e à comunicação médico-científica, que desabrocharam em sua maior realização – o periódico “Arquivos de Neuropsiquiatria”.

Oswaldo Lange faleceu na cidade de São Paulo, aos 29 de agosto de 1986, contando com 83 anos. Seu nome também é honrado como patrono da cadeira nº 119 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 120 – Patrono **Admissão: 1/8/1958**

Reynaldo Kuntz Busch
1898-1974



Lygia Busch Iversson¹

Reynaldo Kuntz Busch nasceu em Limeira (SP), em 17 de novembro de 1898. Filho de dona Carolina Kuntz Busch e de Carlos Reynaldo Busch, comerciante e agricultor, descendentes dos primeiros colonos vindos da Alemanha para o estado de São Paulo, foi educado com os quatro irmãos: Gustavo, João, Carlos e Emílio.

Foi casado com a professora Leontina Silva Busch e teve quatro filhos: Lélia, Lygia, Carlos Reynaldo e Paulo Marcelo (falecido); cinco netos e oito bisnetos.

Sua vida repartiu-se no desempenho de atividades do magistério, o exercício da medicina, a pesquisa, os estudos históricos e a participação em diversas entidades de classe, culturais e religiosas.

Reynaldo Kuntz Busch formou-se em 1920 pela antiga Escola Normal da Praça da República, em São Paulo². A partir de 1921 exerceu o magistério primário em escolas públicas de Limeira e Iracemápolis até 1928, quando foi nomeado professor de psicologia e pedagogia, por concurso, nas Escolas Normais do Colégio Assunção, de Piracicaba, e do Colégio Progresso Campineiro, de Campinas. Em Campinas, em 1932, foi diretor do Curso de Aperfeiçoamento Psicológico e Pedagógico do Centro de Cultura Intelectual de Campinas. Em 1933 assumiu a diretoria da Escola Normal de Pirassununga. Em 1934 transferiu-se para São Paulo, como professor adjunto de metodologia do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (USP), onde lecionou até 1937. Nesse ano foi nomeado professor de biologia educacional da Escola Normal “Padre Anchieta”, de São Paulo, onde lecionou até 1942. Nessa oportunidade, com alunos dessa escola, fundou o Centro de Estudos Biológicos como motivação para atividades extracurriculares. O Centro de Estudos Biológicos publicou, ininterruptamente, durante os anos de 1937 a 1942, a revista “Biologia Educacional” com colaborações de alunos e professores.

¹ Titular da cadeira nº 120 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Reynaldo Kuntz Busch, seu pai.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como a segunda foto e as notas de rodapé foram contribuições do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Essa escola é também conhecida como Instituto de Educação Estadual Caetano de Campos. Antônio Caetano de Campos é o patrono da cadeira nº 95 da Academia de Medicina de São Paulo.

Foi também professor de história natural e biologia nos Colégios Brasileiro-Alemão, hoje Visconde de Porto Seguro; Mackenzie, Oswaldo Cruz³ e Piratininga, e no Instituto de Educação Estadual Anhanguera.

Reynaldo Kuntz Busch formou-se pela Faculdade Fluminense de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, em 1935. Especializou-se em cardiologia, em 1939, pela Faculdade de Medicina da USP, e em medicina aplicada à educação física e esportes, em 1942, na Escola Superior de Educação Física da USP. Frequentou diversos cursos de aperfeiçoamento nessas especialidades, nas quais desenvolveu suas atividades de trabalho.

Médico clínico voluntário da 3ª Enfermaria de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo desde 1936, passou a médico efetivo da mesma enfermaria e, a seguir, da 2ª Enfermaria de Medicina de Mulheres, até 1953. Tornou-se então médico assistente do Serviço de Eletrocardiografia até 1958 e assistente adjunto do Departamento de Moléstias Cardiovasculares, onde alcançou o cargo de chefe de clínica do Departamento de Clínica Médica em 1967 e médico consultor em 1969.

Em 1964 e 1965 lecionou psicologia geral para alunos do curso médico como integrante do Departamento de Psiquiatria e Psicologia da Faculdade Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, entidade que, em 1969, outorgou-lhe o título de Médico Emérito em atenção aos serviços prestados durante 34 anos ininterruptos.

Em 1943, Reynaldo Kuntz Busch passou a integrar o Departamento Médico do estado de São Paulo como chefe do Serviço de Biometria Médica da Divisão de Seleção do Estado. Trabalhou como médico clínico no Departamento Médico do Serviço Civil do Estado até 1955. A seguir, por concurso de títulos, foi nomeado médico cardiologista do mesmo Departamento Médico do Serviço Civil do Estado, em 1956. Nesse ano foi promovido a diretor da Divisão de Exames e Inspeção de Saúde do mesmo departamento.

Exerceu o cargo de diretor-geral substituto do Departamento Médico do Serviço Civil do Estado de 1955 até 1959. Em 1963 aposentou-se após 41 anos de ininterrupto trabalho prestado ao estado de São Paulo, tendo sido homenageado pelo governo estadual com o título de Servidor Emérito do Estado pelos relevantes serviços prestados.

Reynaldo Kuntz Busch teve clínica particular durante muitos anos, com consultório à Rua Marconi, em São Paulo, e depois em sua residência, dedicando-se principalmente a jovens escolares, a esportistas e a pacientes cardíacos. Foi médico assistente de educação física de inúmeros colégios de São Paulo, entre os quais Colégio Brasileiro-Alemão, hoje Colégio Visconde de Porto Seguro; Colégio Piratininga, Colégio Rainha da Paz, Colégio Santa Marcelina, Colégio Santa Catarina de Sena, Colégio Frederico Ozanan, Colégio Santa Clara; I.E.E. Antonio Firmino de Proença, Instituto Espírita de Educação, além do Ginásio Independência de Santos e Colégio São José, de Limeira.

Foi médico cardiologista do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo durante vários anos, tendo sido agraciado com o diploma de Sócio Benemérito dessa entidade de classe, em 1949. Também exerceu funções de médico assistente da Associação Atlética de São Paulo, em 1947, e fez parte da comissão organizadora da Federação Brasileira de Medicina Esportiva.

Reynaldo Kuntz Busch foi sócio efetivo da Associação Paulista de Medicina, desde 1936, e recebeu o título de cardiologista em 1954. Foi sócio da Sociedade Brasileira

3 Oswaldo Gonçalves Cruz é o patrono da cadeira nº 99 da Academia de Medicina de São Paulo.

de Cardiologia e da Sociedade Pan-Americana de Cardiologia; membro honorário da Confederação Sul-Americana de Médicos Del Desporto; sócio fundador e 1º presidente da Sociedade de Medicina Aplicada à Educação Física de São Paulo, em 1942, tendo exercido a presidência em oito mandatos, até 1973; membro fundador da Associação Médico Espírita do Estado de São Paulo e seu secretário-geral até 1973⁴.

Tornou-se membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, na Seção de Medicina Social, em 1958. Em 1995, quando a Academia de Medicina de São Paulo consultou os membros titulares para escolha de seus patronos, seu nome foi apresentado e aceito.

Foi também sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Instituto Brasileiro de Genealogia; Instituto Hans Staden; União Brasileira dos Escritores; Associação Paulista de Imprensa; Academia Paulista de Educação, sendo um dos fundadores, ocupou a cadeira nº 22, cujo patrono é o Padre Manoel da Nóbrega. Exerceu ainda as funções de 1º secretário dessa academia. Foi sócio titular da Sociedade dos Cavaleiros de São Paulo, Instituto Geográfico Brasileiro, Ateneu Paulista de História e Ordem Nacional de Bandeirantes. Atuou também como 1º vice-presidente do Grupo Espírita “Batuíra” e membro conselheiro do Instituto Espírita de Educação.

Reynaldo Kuntz Busch (Figura 2) participou do 1º Congresso Mundial de Cardiologia em Paris (França, 1950), tendo apresentado o trabalho “*Tension Arterielle Normale Selon le Biotype, le Sexe et l’Âge*”; participou do 2º Congresso Mundial de Cardiologia em Washington (EUA, 1954), tendo apresentado o trabalho “*The Eletrocardiogram Before and After the Physical Effort*”. Participou do 3º Congresso Mundial de Cardiologia, em Bruxelas (Bélgica, 1958), apresentando o trabalho “*Fréquence de Miocardite Chagasique dans la Santa Casa de São Paulo, Investiguée par des Eletrocardiograms et Confirmées par des Registres Clinics*”, em 1958; e do IV Congresso Mundial de Cardiologia no México (1962).



Figura 2 – Reynaldo Kuntz Busch. Pintura de autor não identificado.

Participou do 1º Congresso Nacional de Saúde Escolar, em 1941, com o trabalho “*As Cardiopatias nos meios Escolares e sua Profilaxia*”; 1º Congresso de Medicina Social, em 1945, São Paulo, com o trabalho “*Regulamentação do Trabalho Médico nos*

4 Participou também da fundação da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte, em 18 de novembro de 1962, juntamente com Mario Carvalho Pini e Waldemar Areno.

Educandários e nas Associações Esportivas”; dos Congressos Brasileiros de Cardiologia de 1944 – São Paulo; 1945 – Rio de Janeiro; 1947 – Salvador; 1948 – Porto Alegre; 1959 – Recife; 1953 – Belo Horizonte; 1957 – Rio de Janeiro, além de outros em Curitiba e Belém do Pará. Participou também do 1º Congresso de Medicina Militar, em 1954, em São Paulo, e presidiu o IV Congresso Sul-Americano de Medicina Esportiva, em 1954, em São Paulo. Participou do Congresso Brasileiro de História da Independência, no Rio de Janeiro, Palácio do Itamaraty, apresentando o trabalho “Porque a Independência do Brasil foi proclamada em São Paulo”.

Jornalista desde muito jovem, Reynaldo Kuntz Busch colaborou em jornais de Limeira, Campinas, Piracicaba e outras cidades do interior do Estado; além de jornais de São Paulo, especialmente A Gazeta de São Paulo, Gazeta Esportiva, Folha de S. Paulo, Diário Popular e outros, escrevendo sobre os mais variados assuntos de educação, medicina, história e doutrina espírita.

É autor do livro **O Ensino Normal em São Paulo**, monografia publicada em 1935; **A História de Limeira**, 1º volume, em 1967, patrocinada pela Prefeitura Municipal dessa cidade; preparava o 2º volume dessa obra, no final de sua existência. Fez publicar o Arquivo-Boletim da Sociedade de Medicina Aplicada à Educação Física, em 1954 e 1973 e o Relatório da Associação Médico Espírita do Estado de São Paulo, triênio 1971-1973. Participou do livro sobre o Padre Manoel da Nóbrega, no IV centenário de sua morte, publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1970, e do livro que o mesmo Instituto Histórico e Geográfico publicou sobre a personalidade de Washington Luiz, por ocasião do centenário de seu nascimento, em 1969. Publicou um esboço biográfico de **Antonio José da Silva Gordo**, vulto de importância na história da região de Limeira-Piracicaba, em 1970. Apresentou um trabalho sobre Oswaldo Cruz no Instituto Histórico e Geográfico, em 1972, 1º centenário de seu nascimento.

Publicou também dezenas de artigos sobre educação, medicina, esporte e história, em jornais e revistas (Idort⁵, Educação, SPES entre muitas outras). Foi colaborador da Revista Genealógica Latina, tendo levantado a árvore genealógica das famílias Kuntz e Busch, abrangendo o período de 1828-1969; da Revista Internacional de Espiritismo, da Revista Unificador e de jornais espíritas como O Despertador.

Limeirense apaixonado, desde a juventude esteve à frente de iniciativas de divulgação de sua terra natal, tendo colaborado nos jornais locais: O Imparcial, O Limeirense, A Gazeta de Limeira, O Diário de Limeira, e outros, com trabalhos dos mais diversos assuntos. No final de sua vida, escreveu a biografia do Dr. Antônio Cândido de Camargo⁶ (sua vida como médico e político em Limeira, no começo do século XX) e a biografia do Dr. Waldemar Mercadante (médico radicado em Limeira durante mais de 40 anos).

Recebeu muitas medalhas e comendas em razão de seu trabalho como historiador: Pela Sociedade Geográfica Brasileira, medalha Marechal Cândido Mariano Rondon; do Instituto Histórico e Geográfico, medalha do Infante D. Henrique; medalha Brigadeiro Tobias; Cruz de Don Juan Lindo – *Civilización y Cultura* do Instituto Brasil-

5 Idort: Instituto de Organização Racional do Trabalho.

6 Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse sodalício.

-Honduras; medalha Imperatriz Leopoldina; medalha da Revolução Constitucionalista MMDC⁷ 1932; medalha comemorativa do IV Centenário da Morte do Padre Manoel da Nóbrega; Colar de D. Pedro I do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Troféu Fumagalli de Limeira, em 1962, como historiador da cidade de Limeira; Troféu Fumagalli, 1968, seção histórica; Troféu Fumagalli, 1970, seção cultura; Troféu Fumagalli, 1972, como intelectual.

Reynaldo Kuntz Busch faleceu em 30 de outubro de 1974⁸, na cidade de São Paulo.

7 MMDC: é o acrônimo pelo qual se tornou conhecido o levante revolucionário paulista, em virtude das iniciais dos nomes dos manifestantes paulistas mortos: Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo.

8 Reynaldo Kuntz Busch faleceu com 76 anos incompletos. Além de ser honrado como patrono da cadeira nº 120 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, dá nome a uma rua no bairro Jardim Florença, em Limeira (SP), e a uma escola estadual no município de Praia Grande (SP).

Cadeira nº 121 – Patrono Admissão: 1/12/1927

**Francisco Elias de
Godoy Moreira**
1899-1987



Miguel Luiz Antonio Modolin¹

Francisco Elias de Godoy Moreira nasceu na cidade de Itatiba, no estado de São Paulo, em 11 de novembro de 1899. Fez seus estudos primários nessa região. Fato curioso que retrata o estudante disciplinado e aguerrido é que tinha de caminhar sozinho, vários quilômetros, praticamente no meio do mato, até chegar à escola. Concluída essa etapa, cursou o ginásio no Colégio Arquidiocesano de São Paulo e, em 1917, ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo completando o curso em 1922.

De 1921 a 1922 frequentou, como acadêmico interno de clínica médica, o Serviço do professor A. C. Camargo² e, em março de 1923, obteve o grau de doutor com a tese **Contribuição ao Estudo das Perfurações Intestinais no Decurso da Febre Tifoide**, considerado um tema de grande relevância para a época.

Teve o seu currículo estudantil abrilhantado pela obtenção do primeiro lugar num concurso patrocinado pelo Instituto de Higiene da faculdade, sob a direção do professor Geraldo de Paula Souza³. Esse prêmio seria o vaticínio de uma carreira notável, como de fato se concretizou.

Uma vez concluídos seus estudos, seguiu viagem para a Europa em direção a conceituados centros de ensino de ortopedia, obedecendo suas tendências vocacionais. Na Alemanha teve um proveitoso estágio com o professor Paulo Glaessner e na Clínica Oskar-Helene-Heim, dirigida pelo professor Konrad Biesalski. Prosseguiu seus estudos como assistente interno no Instituto Ortopédico de Bolonha, Itália, sob orientação do professor Vittorio Putti, um dos mais famosos e importantes ortopedistas da época.

1 Titular da cadeira nº 121 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Francisco Elias de Godoy Moreira.

Nótula: Pequenas inserções e adaptações do texto ao perfil desta secção, assim como as notas de rodapé, foram contribuições do acadêmico Helio Begliomini, titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Antônio Cândido de Camargo foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1915-1916, e é o patrono da cadeira nº 66 desse sodalício.

3 Geraldo Horácio de Paula Souza é o patrono da cadeira nº 101 da Academia de Medicina de São Paulo.

De volta a São Paulo, a partir de 1926, começou a trabalhar na Santa Casa de São Paulo como assistente da 29ª cadeira da clínica ortopédica e cirurgia infantil da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, serviço do professor Luiz Manuel Rezende Puech⁴. Em 1938, após concurso de título e provas, obteve o título de livre-docente na mesma cadeira. Com o falecimento súbito, em 1939, do professor Rezende Puech, em memorável concurso, Godoy Moreira tornou-se o novo catedrático da disciplina de ortopedia e cirurgia infantil. Nessa ocasião a banca examinadora era composta pelos professores Benedito Montenegro⁵, Edmundo Vasconcelos⁶, Alfredo Alberto Pereira Monteiro, Francisco Castro Araújo e Achilles Ribeiro. A tese defendida por Godoy Moreira tinha o título **Indicações dos Transplantes Ósseos em Ortopedia**.

Nesta ocasião a 29ª cadeira funcionava no Pavilhão Fernandinho da Santa Casa de São Paulo, conforme convênio celebrado com o governo do estado de São Paulo, e era chefiada pelo professor Domingos Define. Evitando conflitos, a direção da Faculdade de Medicina ofereceu ao professor Godoy Moreira o serviço do professor Soares Hungria com 15 leitos numa enfermaria de homens.

Com a construção da sede da Faculdade de Medicina pela Missão Rockefeller e por força do acordo firmado, o governo de São Paulo obrigava-se a construir o Hospital das Clínicas, cujo início foi em 1938, durante a interventoria de Adhemar de Barros. Assim que terminou a construção do Hospital das Clínicas, na interventoria de Fernando Costa, em 1944, o professor Godoy Moreira foi indicado diretor clínico. De imediato, como há muito aguardava, o professor transferiu-se da Santa Casa e instalou seu serviço para atender os casos de acidentados, contando para isso com 80 leitos no novo hospital.

Desde o início de sua gestão, o professor Godoy Moreira insistia junto à Congregação da Faculdade de Medicina que o nome de sua cadeira passasse a ser denominada Clínica Ortopédica e Traumatológica (COT) que, uma vez aceita, foi adotada por todos os serviços universitários do país.

Em 1946, num largo gesto de pioneirismo, fundou a revista do Hospital das Clínicas sob moldes atualizados e com proibição de propaganda inserida no corpo da revista. A partir de 2005 a Revista do Hospital das Clínicas teve seu nome modificado para *Clinics*, sendo editada no idioma inglês, o que aumentou sua abrangência e teve alto impacto científico, representando o lastro da tradicional instituição e clarividência do criador.

A edificação do Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT) deu-se sobre infausto acontecimento. A morte do filho do presidente Getúlio Vargas, por conta de quadro de paralisia infantil do tipo ascendente, serviu de motivo para que o presidente, estimulado pelo professor Godoy Moreira, erguesse um hospital que contasse com

4 Luiz Manuel de Rezende Puech foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1920-1921 e é o patrono da cadeira nº 115 desse sodalício.

5 Benedito Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1952-1953, e é o patrono da cadeira nº 21 desse sodalício.

6 Edmundo Vasconcelos é o patrono da cadeira nº 47 da Academia de Medicina de São Paulo.

recursos para atendimento de pacientes com poliomielite, sobretudo com pulmão de aço, imprescindível naquela ocasião no tratamento e que tanta falta fez para assistência ao filho de Getúlio. O IOT foi inaugurado em 1953, contando então com 300 leitos, equiparando-se aos principais centros de ortopedia, tornando-se um marco de excelência e referência do ensino, pesquisa e assistência. Aí, a partir de 1954, o ilustre professor criou grupos especializados dentro da própria ortopedia, o que concorreu para a formação de uma constelação de brilhantes livre-docentes, culminando, em 1970, com o estabelecimento de cursos de pós-graduação de altíssimo nível. Por tudo isso e com amparo do decreto-lei estadual 32.122, a partir de agosto de 1990, o Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo passou a se chamar Instituto de Ortopedia e Traumatologia “Professor F. E. Godoy Moreira”. Justa homenagem àquele que é considerado o fundador da especialidade de ortopedia e traumatologia em nosso país e em termos atuais.

Godoy Moreira aposentou-se aos 67 anos, portanto, antes de sua aposentadoria compulsória, abrindo assim espaço para ascensão de outros à cátedra da ortopedia e traumatologia. Faleceu no dia 6 de janeiro de 1987, aos 87 anos, deixando o esboço de um monumento científico que vem sendo completado, pedra após pedra, por seus assistentes e discípulos.

Cadeira nº 122 – Patrono **Admissão: 1/6/1935**

Hilário Veiga de Carvalho
1906-1978

Helio Begliomini¹



Hilário Veiga de Carvalho nasceu em 1906. Graduou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo em 1929. Foi professor catedrático da disciplina de medicina legal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) de 1956 a 1970, sucedendo, no cargo, o renomado professor Flaminio Fávero².

Trabalhou muitos anos no Instituto Oscar Freire³ e foi articulista de periódicos, tais como o jornal A Folha de S. Paulo, interessando-se também por temas de educação.

Em 23 de novembro de 1970 participou da homenagem que seus amigos lhe prestaram, que consistiu da inauguração de uma placa de bronze, com sua efígie (Figura 2), no ensejo do I Colóquio de Criminologia. Essa placa, elaborada pelo renomado artista Luiz Morrone, foi descerrada por sua esposa e colocada no vestibulo do Instituto Oscar Freire. Na ocasião proferiram discursos os professores Oswaldo Portugal, em nome de seus amigos e como companheiro inseparável que foi de Oscar Freire; João Carvalhal Ribas, em nome dos colegas da FMSUP; e dr. João Ayush Morad Amar, em nome do corpo docente, técnico e administrativo do Instituto Oscar Freire. Compareceram à efeméride ilustres personalidades do meio médico, jurídico e social.

Após sua aposentadoria como docente, recebeu o título de professor emérito da FMUSP.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Flaminio Fávero foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1937-1938, e é o patrono da cadeira nº 10 desse sodalício.

3 Oscar Freire de Carvalho é o patrono da cadeira nº 93 da Academia de Medicina de São Paulo.



Figura 2 – Placa em homenagem a Hilário Veiga de Carvalho, colocada no vestíbulo do Instituto Oscar Freire.

Pertencendo a uma orquestra de amadores, enquanto livre-docente, Hilário Veiga de Carvalho promoveu em 1945 a formação de uma corporação musical constituída somente por universitários, originando a Orquestra Universitária de Concertos. Nessa corporação foi designado seu diretor executivo.

Hilário Veiga de Carvalho foi delegado nacional da Associação Internacional de Medicina dos Acidentes do Tráfego (IAATM). A Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet) instituiu o prêmio Hilário Veiga de Carvalho como forma de reconhecimento aos profissionais que se destacaram na área de segurança e prevenção de acidentes no trânsito e que por intermédio do saber científico não medem esforços e dedicação em prol do desenvolvimento e da melhoria da qualidade de vida do cidadão no sistema de trânsito.

Hilário Veiga de Carvalho escreveu diversos artigos e pareceres. Traduziu a obra “A Crise nas Prisões” (1953), de Mariano Ruiz Funes. Dentre os livros que escreveu encontram-se: **Medicina Social e do Trabalho** (1964, em coautoria com Antônio Miguel Leão Bruno e Marcos Segre); **Lições de Medicina Legal** (1965, em coautoria com Antônio Miguel Leão Bruno e Marcos Segre); **Criminalidade: Tentativa de Interpretação** (s/d); **Compêndio de Criminologia** (1973); **A Nova Lei Antitóxica – Comentários** (1973); **Discurso sobre o Sexo** (1975); **Paulo Eiró e os Direitos Humanos** (1978); **Tóxicos: Comentários à Recente Lei nº 6.368/76** (1978) e **Compêndio de Medicina Legal** (1987, *post-mortem*).

O livro **Medicina Social e do Trabalho**, dedicado à memória de Raimundo Nina Rodrigues, espírito original da medicina legal brasileira, cujo centenário de nascimento ocorreu em 1962, foi um marco histórico. Segundo Hilário de Carvalho e seus colaboradores, “*a medicina social tem por finalidade a aplicação dos conhecimentos médicos na solução ou atenuação dos problemas sociais em si mesmos considerados, e a aplicação dos conhecimentos sociológicos, a doutrina e a prática da medicina. Ela nasceu e cresceu vinda da medicina legal, estudando as vítimas decorrentes de acidentes do trabalho, criando certo número de ‘diminuídos’ – quanto à sua aptidão de enfrentar os problemas sociais da sua existência. Conjugando medicina com as ciências sociais, o médico recebe a informação sociológica, sem a qual não poderá integrar o seu papel no seio dos diferentes agregados humanos*”.

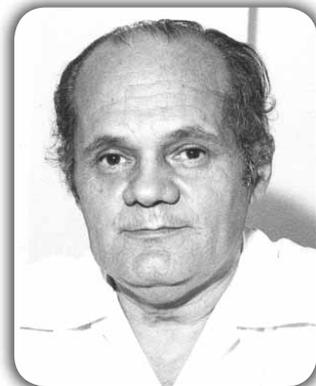
Entre os vários e interessantes capítulos desse livro salienta-se o referente à “Patologia Social”, que engloba a marginalidade e os comportamentos antissociais; a prostituição, vícios em geral, desajustados, criminosos, egressos de hospitais e de presídios; e até a patologia política e dos políticos. Nesse particular, já se afirmou que “a doença secreta de um político pode ser tão perigosa, tão transcendental, tão funesta para o país como a sua diplomacia secreta. E que há neuroses coletivas dos governados que podem ser consequência de neuroses pessoais dos governantes e vice-versa”.

Hilário Veiga de Carvalho faleceu em 1978. Seu nome é também honrado numa rua no bairro do Morumbi da cidade de São Paulo e como patrono da cadeira nº 122 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 123 – Patrono
Admissão: 21/3/1973

Rubens Monteiro de Arruda
1922-1984

Helio Begliomini¹



Rubens Monteiro de Arruda nasceu em 15 de janeiro de 1922, na cidade de Barretos (SP). Era filho de Wladimir Rodrigues de Arruda e de Nisia M. de Carvalho e Silva de Arruda.

Destacou-se nos estudos desde cedo, recebendo, como consequência, diversos prêmios. No Grupo Escolar de Barretos graduou-se em primeiro lugar, fazendo jus ao Prêmio Maria Parassu Borges. Formou-se, em 1939, no Colégio do Estado de São Paulo. Ingressou, em seguida, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), instituição em que se graduou em 1946.

Ainda enquanto acadêmico, em 1944, começou a trabalhar como estudante-estagiário na 1ª Clínica Cirúrgica, sob a orientação dos professores Alípio Corrêa Netto² e Euryclides de Jesus Zerbini³. Além desses, também devotou grande gratidão ao seu professor de anatomia, Renato Locchi⁴. Essa experiência faria com que dedicasse sua carreira à atividade cirúrgica e a esse serviço. Aí conquistou todos os postos por trabalho e mérito, atingindo o cargo de chefe do Grupo de Pulmão e Mediastino, em 1978.

Atuou no Serviço de Cirurgia Torácica do Hospital São Luiz Gonzaga, localizado no bairro de Jaçanã (1947-1972), à época de seu ingresso dirigido pelo professor Euryclides de Jesus Zerbini. O trabalho de Rubens Monteiro de Arruda foi fundamental para o progresso e projeção desse grupo, especializado em cirurgia da tuberculose.

Rubens Monteiro de Arruda era muito dedicado ao paciente, determinado no trabalho, persistente, sério e de prazeroso relacionamento com seus companheiros médicos e paramédicos.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

A fotografia foi uma cortesia do acadêmico Paulo Kassab, titular da cadeira nº 7 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Mathias Octávio Roxo Nobre.

2 Alípio Corrêa Netto foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1947-1948, e é o patrono da cadeira nº 12 desse sodalício.

3 Euryclides de Jesus Zerbini é o patrono da cadeira nº 29 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Renato Locchi é o patrono da cadeira nº 42 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1952 defendeu sua tese de doutoramento na cadeira de anatomia da FMUSP, chefiada pelo professor Renato Locchi, intitulada **Observações Anatômicas sobre a Distribuição Bronquial nos Lobos Inferiores no Homem**, recebendo aprovação com distinção, grau 10.

Sua dedicação à carreira universitária o faria submeter-se, em 1958, ao concurso de docência-livre, ocasião em que defendeu a tese **Lobectomia, Toracoplastia e Ressecção Segmentar no Tratamento das Lesões Tuberculosas do Lobo Superior**.

Rubens Monteiro de Arruda era dotado de sólida formação familiar; tinha grande preocupação social e era muito sensível aos problemas comunitários. Em 1962, trabalhando na Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro, ocorreu-lhe pela primeira vez a ideia de ali criar uma escola de medicina. Aceitou esse desafio e não hesitou nesse desiderato, embora estivesse vivendo fortes conquistas em sua carreira universitária. Assim, planejou e executou não somente a base do ensino médico dessa nova instituição de ensino, como também sua estrutura financeira.

Em 28 de janeiro de 1970 surgia a Faculdade de Medicina de Santo Amaro (FMSA), com aprovação do Ministério da Educação e Cultura, concretizando com fé e muita dedicação um grande desafio. Rubens Monteiro de Arruda tornou-se o primeiro diretor dessa novel instituição de ensino e o paraninfo da primeira turma, graduada em 1976, assim se expressando em seu discurso: *“Esta Faculdade nasceu pobre, numa casinha, hoje folclórica e romântica”*.

Rubens Monteiro de Arruda, professor livre-docente de cirurgia torácica da FMUSP e da FMSA, promoveu salutar intercâmbio entre essas duas escolas de medicina. Cinco anos depois da graduação da primeira turma, em 1981, o conjunto da Faculdade de Medicina de Santo Amaro alcançou o número de 6.000 alunos, prova de que os objetivos estavam sendo atingidos.

Participou, organizou e ministrou diversas aulas em congressos médicos. Ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 21 de março de 1973. Dentre outras funções que exerceu salientam-se: 2º tesoureiro do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1961-1963); atuação destacada na Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, integrando o Departamento de Cirurgia Torácica. Como dirigente desse departamento presidiu o Congresso de Cirurgia Torácica efetivado em outubro de 1981, em São Paulo. Fez parte também da Comissão Científica do XXI Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tisiologia realizado em novembro de 1982, em São Paulo. Foi vice-presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia no biênio 1981-1982.

Apesar de sua fama e destaque entre seus pares, Rubens Monteiro de Arruda viveu sua vida de maneira simples e autêntica, com a humildade cândida dos vitoriosos. Nunca deixou de praticar a autocrítica e a autoanálise de seus atos. Exigia o máximo de si mesmo e dessa forma se sentia bem. Era de fácil relacionamento com seus colegas de trabalho.

Sua conduta era exemplo no ambiente universitário, pois tinha preceitos éticos inatacáveis. Em sua família foi um esposo dedicado e amoroso, sempre se referindo à sua esposa, filhos e netos com admiração e carinho sinceros.

Foi o primeiro a perceber a moléstia que o vitimaria. Entretanto, enfrentou-a com altivez, estoicismo e nobreza de caráter. Faleceu em 21 de janeiro de 1984⁵, aos 62 anos. Deixou magníficas lições de conduta no ambiente universitário, postura profissional, enfim, de vida.

Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 123 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome ao Centro Acadêmico e a um Prêmio do melhor trabalho acadêmico-cirúrgico apresentado no Congresso Médico-Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro; e a um Centro de Saúde na cidade de São Paulo.

5 Informação obtida no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Cadeira nº 124 – Patrono

Armando Bozzini
1917-1985

Helio Begliomini¹

Armando Bozzini nasceu na cidade de Amparo (SP), em 2 de abril de 1917. Era filho de Humberto Bozzini e Itália Bozzini.

Estudou no Colégio Coração de Jesus desde o primário até a conclusão do colegial (científico). Ingressou, em 1935, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), formando-se em 1941 (Figura 2).



Figura 2 – Armando Bozzini, graduando em medicina, em 1941.

Desde o início do curso – já nas cadeiras básicas – demonstrava propensão para a ginecologia e obstetrícia. Sua vocação recebeu também influência de sua mãe, uma vez que fora obstetra. No entanto, dedicou-se ao curso com interesse nas demais disciplinas, pois tinha como lema: *“Não existe o verdadeiro médico sem uma cultura geral das demais cadeiras”*.

Armando Bozzini especializou-se em ginecologia e obstetrícia no Hospital das Clínicas da FMUSP. Dedicou-se também à carreira universitária nessa instituição de

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo, cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

As duas primeiras fotos, assim como algumas das informações aqui consignadas, foram gentilmente fornecidas pelo dr. Nilo Bozzini, filho do homenageado e membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

ensino, atuando como professor assistente da clínica ginecológica, regida, nessa ocasião, pelo professor José Bonifácio Medina², de quem se tornaria um grande amigo, trabalhando juntos na mesma clínica privada.

Armando Bozzini foi contemporâneo nesse serviço de José Gallucci, René Mendes de Oliveira, Paulo Gorga, Franz Muller, Mario Nóbrega, Cosme Guarnieri Neto, Álvaro da Cunha Bastos, José Roberto Azevedo e Hans Halbe, que, juntamente com ele, se tornariam afamados ginecologistas.

Foi um excelente cirurgião do trato reprodutivo feminino. Desenvolvia com muita habilidade a cirurgia que tinha planejado, o que era de grande valia para seus alunos.

Não satisfeito apenas com os desenhos elaborados para fins didáticos, começou a montar uma “Slidoteca” das fotografias que obtinha durante o ato operatório, o que proporcionava uma ilustração mais real das patologias tratadas. Ainda, nos dias atuais, a clínica ginecológica se vale desta obra.

Arnaldo Bozzini (Figura 3) defendeu tese versando sobre o **Tratamento Conservador do Leiomioma Uterino**. Publicou diversos trabalhos entre os quais se salientam: “Fístulas Urogenitais: Estudo de 265 Casos” (1983, em coautoria com Salvatore CA³, Czeresnia CE e Ribeiro RM); “Neovaginoplastia: Modificações à Técnica de Abbe, McIndoe” (1983, em coautoria com Sucena RC e Corbo LV); e “Modificações na Técnica de Neovaginoplastia a McIndoe: Experiência de 20 Casos” (1985, em coautoria com Lodovici O, Horibe K, e Salvatore CA).



Figura 3 – Armando Bozzini – Fotografia microfilmada gentilmente fornecida pelo Cremesp⁴.

Armando Bozzini foi um excelente esposo; um atencioso e carinhoso pai. Teve dois filhos, Inês e Nilo Bozzini⁵. Nilo, que também seguiu os caminhos do pai na pro-

2 José Medina é o patrono da cadeira nº 19 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Carlos Alberto Salvatore é membro titular e emérito da cadeira nº 19 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é José Medina.

4 Cremesp: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

5 Nilo Bozzini graduou-se pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos, em 1972. Fez residência médica em ginecologia e obstetrícia no Hospital das Clínicas da FMUSP, dedicando-se também à carreira universitária nessa instituição de ensino. É membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo.

fissão, refere que, na adolescência sua e de sua irmã, seu pai era muito amigo de seus amigos. Dizia: *“De velho basta eu”*.

Armando Bozzini faleceu em 3 de maio de 1985, contando com 68 anos. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 124 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 125 – Patrono

José Ória
1905-1948



Helio Begliomini¹

José Ória nasceu em 22 de fevereiro de 1905, na cidade São Paulo. Ingressou, em 1923, na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, transferindo-se no ano seguinte para a Faculdade de Medicina de São Paulo, onde se graduou em 1928.

Destacou-se como acadêmico, sendo monitor de histologia e embriologia até 1928, período em que se dedicou ao estudo do sangue e do tecido nervoso. Nessa época defendeu sua tese de doutoramento intitulada **Sobre os Elementos Figurados do Sangue Circulante na Preguiça, Tatu e Tamanduá**, aprovada com grande distinção. Esse foi o primeiro trabalho sobre hematologia comparada realizado em nosso meio, sob a orientação do grande mestre, professor Alphonso Bovero. Dessa época em diante procurou sistematizar os estudos de hematologia normal e aplicada à clínica, e iniciou os primeiros cursos de férias.

A partir de 1929 tornou-se assistente efetivo, em regime de tempo integral, do Departamento de Histologia e Embriologia, iniciando, propriamente, as primeiras observações sobre a hematologia comparada e humana.

José Ória orientou várias teses sobre assuntos hematológicos, destacando-se as de Eduardo Etzel (“Estudos Morfológicos do Sangue dos Cavídeos Silvestres”, 1930) e de Luiz Baptista (“Hematologia da Linfogranulomatose Inguinal”, 1930).

Seus estudos sobre morfologia sanguínea permitiram que reunisse um arquivo de algumas milhares de lâminas, do qual se beneficiaram numerosos frequentadores do laboratório que passou a comandar.

Galgou a condição de livre-docente em 1936, e dessa época em diante foram muitos os estagiários que passaram pelo seu laboratório, interessados nos cursos sobre temas hematológicos.

José Ória teve papel decisivo na organização da Secção de Hematologia do Laboratório Central do Hospital das Clínicas para o qual foi designado chefe seu discípulo Michel Jamra².

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

² Michel Abu-Jamra foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato bienal entre 1969-1970.

Foi colaborador e redator de várias revistas médicas nacionais e estrangeiras, dentre elas destacam-se: Arquivos de Cirurgia, Clínica e Experimentação; Revista de Neurologia e Psiquiatria; Revista de Ginecologia e Obstetrícia de São Paulo; *Blood*; *Anatomical Record* e *Acta Anatômica*.

Publicou trabalhos sobre hematologia comparativa em aves, peixes e mamíferos. No homem, procurou frisar o conceito de anemia perniciosa, bem como demonstrar os plasmócitos do sangue, estabelecendo, também, o quadro diferencial das mieloses leucêmicas e leucemoides.

Em 1937, em colaboração com Jairo Ramos³, deu o primeiro curso oficial de aperfeiçoamento sobre hematologia, recebendo voto de louvor do Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Medicina Universidade de São Paulo.

Apaixonado pelos estudos hematológicos, foi um dos primeiros a praticar o mielograma em São Paulo, tendo publicado com Jairo Ramos e Bernardino Tranchesi, em 1938, valioso trabalho sobre o assunto. Preocupou-se também com os aspectos estruturais da medula óssea em vários animais, principalmente a preguiça (*Bradpus tridactylus*). Descreveu com o professor Paulo Toledo Artigas um novo sarcocistis parasita do Tamanduá (*Tamanduá tetradactyla*).

Em 1940 colaborou com o professor Carmo Lordy e João Thomaz de Aquino na publicação da obra **Embriologia Humana e Comparada**.

José Ória foi membro da Associação Paulista de Medicina (APM), Sociedade de Biologia de São Paulo, *The York Academy of Sciences*, dentre outras associações médicas nacionais e estrangeiras.

Além de ser o cientista de escol, José Oria foi também grande humanista. Amante da música erudita e das artes, foi uma personalidade polivalente, conforme descreveu Duílio Crispim Farina⁴ (Medicina no Planalto de Piratininga, 1981). Figura invulgar de homem, esteta, pesquisador, cientista e médico, José Oria foi formador de escola e fez emanar de sua personalidade brilhante e ímpar uma atmosfera emocional e cultural que influenciou várias gerações.

Eram célebres e concorridas as noitadas musicais que organizava no teatro da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), com apresentações de discos de Beethoven, Wagner, Chopin, Vivaldi, Schubert, Liszt, Bach e muitos outros clássicos. A programação desses encontros musicais era realizada com especial carinho e bom gosto, o que pode ser observado ainda hoje através dos seus libretos, nos quais José Ória comentava detalhadamente cada peça a ser ouvida. Seus comentários demonstram sua vasta e erudita cultura⁵.

3 Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse silogeu.

4 Duílio Crispim Farina é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Comentários de José Ória referentes à apresentação do disco de Mozart – Concerto em Ré Menor: Mozart, considerado hoje um dos maiores criadores de todos os gêneros musicais: ópera, sinfonia, sonata, concerto etc., se tivesse vivido mais 15 ou 20 anos, teria ofuscado Beethoven. Como veremos, no seu concerto que hoje será executado, atinge a grandeza se não ultrapassa a do gênio de Bonn. Mozart nasceu em 1756 em Salzburgo (Áustria) e teve uma infância prodigiosa com seus passeios pelas cortes da Europa, exibindo-se como virtuose precoce. Compunha já em tenra idade, e basta dizer que aos 14 anos sua ópera “Mitridates” foi um sucesso. A sua mocidade, porém, não teve os encantos da infância. Entrechoques do destino, morte dos pais, casamento com Constância Weber que mal entendia o gênio; doenças, adversidades de toda a sorte o aniquilam em fins de 1791. É enterrado na fossa comum aos 35 anos de idade, depois de mais de 20 anos de luta, que na grandeza tranquila de sua obra imortal mal se percebe. Foi o gênio da serenidade criadora, e o primeiro que deu sentido humano e de “humanidade livre na música” (Paul Bekker).

José Ória destacou-se também como desenhista e fez diversas caricaturas que se tornaram célebres na história da FMUSP (Figuras 2 e 3).



Figura 2 – Caricatura de José Ória, feita por ele mesmo em 1937.



Figura 3 – Caricatura feita por José Ória referente ao Departamento de Histologia e Embriologia no ano 1933. Da esquerda para a direita (setas): André Dreyfus, Carmo Lordy e José Ória.

Teve uma produção científica vasta e lhe permitiu a obtenção de prêmios importantes, tais como: Prêmio Diogo de Faria⁶, em colaboração com Jairo Ramos, com o trabalho “Clínica e Histopatologia do Coração em Portadores de Megaesôfago e Megacolo” (APM, 1939); Prêmio Diogo de Faria, em colaboração com Paulo Carvalhaes, com o trabalho “Citologia do Sedimento Biliar” (APM, 1944); e o Prêmio Alvarenga da Academia Nacional de Medicina (1941) sobre “Hematologia Infantil”.

De acordo com seu biógrafo Carlos da Silva Lacaz⁷, José Ória era “autodidata e introduziu em nosso meio todos os conhecimentos já estabelecidos pelos clássicos da hematologia. Ensinou ativamente e soube dar um impulso sério e fecundo a uma especialidade desenvolvida fora de nosso país e que era estranhamente ignorada. Realizou

6 Diogo Teixeira de Faria presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1904-1905, e é o patrono da cadeira nº 58 desse sodalício.

7 Carlos da Silva Lacaz foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1962-1963, e é o patrono da cadeira nº 53 desse silogeu.

verdadeiro milagre criando a escola hematológica de nossa Faculdade. Estabeleceu critérios de classificação, julgamento e interpretação em hematologia. Sistematizou o modo de pesquisar dos jovens. Colaborou pacientemente com todos os que o procuravam. Perdia horas e horas com os jovens, ensinando-lhes as noções fundamentais da histologia e da embriologia.”

“No laboratório, sempre foi grande investigador, de acuidade intelectual exaltada, revelando as menores minúcias e dando, por fim, a chave do problema. Ao mesmo tempo em que fazia ver, ensinava a interpretar.”

Michel Abu-Jamra, seu amigo e discípulo, refere que “tanto no lar quanto na sociedade, Ória era sempre o homem probo e carinhoso; culto e seguro de si mesmo, constituindo-se na integração mais completa a que pode almejar o homem. Realizou o ideal de perfeição, vivendo sempre como o homem humano. Ória viveu intensa e belamente a sua vida, no aconchego da família, dos amigos e da música; no laboratório de pesquisa e no anfiteatro das aulas”.

“Espírito ágil e saltitante”, assinala Michel Abu-Jamra, “tinha sempre um comentário sutil a apresentar sobre qualquer trabalho; comentário às vezes irônico, de leve sabor amargo. No julgamento dos homens e das coisas, adotava sempre um certo ceticismo voltaireano, como que pressagiando o quão pouco poderia esperar da vida que lhe deu o mínimo em troca de tantos esforços.”

Com grande cultura humanística, amante da música que tanto o deleitava, investigador curioso e paciente, de uma grande vivacidade intelectual, José Ória foi, indiscutivelmente, uma personalidade invulgar no meio médico paulista. Faleceu muito jovem, em 1948, com apenas 43 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 125 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 126 – Patrono

Mario Ottoni de Rezende 1883-1969

Helio Begliomini¹



Mario Ottoni de Rezende nasceu em Leopoldina (MG) no dia 1^a de julho de 1883. Fez o curso primário com os jesuítas no Colégio São Luiz, na cidade de Itu (SP), e o curso secundário no Colégio Nogueira da Gama, na cidade de Jacareí (SP).

Partiu para o Rio de Janeiro onde se graduou pela Faculdade Nacional de Medicina em 1906, versando sua tese sobre **Balneoterapia nas Infecções Agudas**.

Iniciou sua vida profissional em Sales de Oliveira, município perto de Ribeirão Preto (SP), onde permaneceu durante cinco anos. Em 1910 realizou sua primeira viagem à Europa, aprimorando-se em cirurgia e urologia.

Em 1912 resolveu radicar-se na cidade de São Paulo, onde trabalhou como médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo ao lado de Benedicto Montenegro², Sergio Meira Filho³ e Francisco Salles Gomes Júnior.

Em 1916 decidiu se dedicar à otorrinolaringologia, passando a trabalhar com o professor Henrique Lindemberg, aprendendo com ele os fundamentos da especialidade. Em 1921 realizou nova viagem à Europa, agora, para se aperfeiçoar nessa especialidade, tornando-se um renomado profissional. Assim, esteve no Hospital Charité com Seiffert, primeiro assistente do afamado professor Killian, que tinha há pouco tempo falecido. Frequentou ainda cursos com os professores Passow, Beyer e Brühl, aprimorando seus conhecimentos otológicos. Com o professor Weingartner aprendeu a manejar o broncoscópio de Brünnings para intervenções na árvore respiratória e digestiva e, por fim, esteve com Halle, renomado rinologista, com quem aprendeu sua técnica de abordagens endonasais.

Após produtivo estágio em Berlim seguiu para Viena, onde conheceu os grandes mestres da otologia. Aí frequentou a célebre clínica do professor Neumann.

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

3 Sergio de Paiva Meira Filho é o patrono da cadeira nº 111 da Academia de Medicina de São Paulo.

Em 1922 voltou a São Paulo, retornando ao Serviço de Otorrinolaringologia chefiado pelo professor Lindemberg. Henrique Lindemberg, primeiro chefe do Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1913-1928), foi substituído pelo professor Schmidt Sarmiento⁴ (1928-1933) e, com sua morte, assumiu a chefia Mario Ottoni de Rezende (1933-1955), que formou numerosos discípulos. Possuía uma das mais ricas bibliotecas da especialidade.

Otoni de Rezende com Homero Cordeiro fundaram, em 1933, a Revista de Otorrinolaringologia de São Paulo, que futuramente viria a ser chamada Revista Brasileira de Otorrinolaringologia. Era seu editor e redator responsável. Inúmeros foram os trabalhos de sua autoria.

Em 1922 publicou o livro **Fisiopatologia do Aparelho Vestibular**, no qual expôs de modo compreensível os estudos e experiências de Barany sobre o nistagmo e canais semicirculares, temas candentes à época.

Mario Ottoni de Rezende teve a honra de presidir a Sociedade de Medicina de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo durante um mandato anual entre 1936-1937, sendo também honrado com a patronímica da cadeira nº 126 desse sodalício.

Em 5 de janeiro de 1946 pediu demissão da chefia do ambulatório de otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, alegando que essa função *“deveria ter caráter rotativo para que os jovens pudessem mostrar suas qualidades de dirigentes e incutir nos serviços o espírito moço e sadio, necessário ao progresso da ciência médica”*. Apesar de sua convincente argumentação, seu pedido não fora aceito na época. Finalmente, em 21 de março de 1953, contando com quase 70 anos, apresentou seu segundo pedido de demissão, sendo dessa vez aceito. Foi sucedido pelo professor J. Eugênio Rezende Barbosa (1955-1969).

No dizer de José Soares Hungria Filho, Mário Ottoni de Rezende *“foi um grande professor sem cátedra, de elevada estatura moral e científica; franco e sincero, ensinando com prazer, mas exigindo frequência e pontualidade dos seus auxiliares no horário”*.

Na efeméride de seu 70º aniversário, seus colegas e amigos prestaram-lhe significativas homenagens na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Sílvio Marone sintetizou a têmpera de Ottoni de Rezende, grande vulto da otorrinolaringologia brasileira, em duas palavras: *“estudo e trabalho”*, virtudes que lhe garantiram seu êxito.

Da mesma forma, por ocasião de seu 70º aniversário, a Revista Brasileira de Otorrinolaringologia (janeiro-fevereiro, 1954) dedicou-lhe um número especial, uma justa e merecida homenagem pela sua brilhante atuação no domínio da especialidade desde 1916.

José Soares Hungria Filho uma vez mais disse de Mário Ottoni de Rezende: *“Ele foi um homem de grande envergadura moral, de infatigável capacidade de trabalho e de lúcida inteligência, procurando sempre, através de seus ensinamentos e rígida linha de conduta, dar aos que dele se cercavam alta consciência profissional e moral”*.

Mário Ottoni de Rezende faleceu na cidade de São Paulo em 1969. O Centro de Estudos de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo leva seu nome, assim como uma rua no bairro de Capivari do município de Campos do Jordão (SP).

4 Adolpho Schmidt Sarmiento foi presidente da Sociedade de Medicina, e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1929-1930, e é o patrono da cadeira nº 89 desse sodalício.

Cadeira nº 127 – Patrono
Admissão: 16/6/1928

Antônio Carlos Pacheco e Silva
1898-1988



Helio Begliomini¹

Antônio Carlos Pacheco e Silva nasceu na cidade de São Paulo aos 29 de maio de 1898. Era filho do coronel Pérsio Pacheco e Silva e de Escolástica de Lacerda Pacheco e Silva. Foi casado em primeiras núpcias com Lavínia Souza Queiroz Pacheco e Silva e, em seguida, com Dirce Rudge Pacheco e Silva.

Realizou os seus estudos primários na Escola Americana e cursou, a seguir, o Ginásio Nogueira da Gama e o Mackenzie College. Diplomou-se, em 1920, na cidade do Rio de Janeiro, pela Faculdade Nacional de Medicina, e, logo após, fez vários cursos de aperfeiçoamento em neurologia e psiquiatria em várias clínicas europeias.

Assim, empreendeu viagem à Europa, matriculando-se na Faculdade de Medicina de Paris. Frequentou a Clínica Charcot, na Salpêtrière – Serviço do professor Pierre Marie, onde se tornou assistente voluntário, em 1921. Acompanhou também as consultas do professor Babinsky e seguiu os cursos dos professores Dumas, Dupré, Sicard, Pierre Janet e Claude.

Retornando a São Paulo, em maio de 1921, foi nomeado médico anatomopatologista do Hospital do Juqueri, do qual, antes mesmo de haver completado 25 anos, se tornou diretor em março de 1923, por indicação do professor Franco da Rocha, que acabava de deixar a direção daquele estabelecimento por ter se aposentado.

Franco da Rocha em carta endereçada a Antônio Carlos já traçava um esboço de sua têmpera e capacidade: *“procurei um homem moço, correto, de moral irrepreensível e grande estudioso, cientista por temperamento e capaz de se sacrificar por amor à ciência. É você quem vai tomar aos ombros esta pesada tarefa, que aos outros, menos conscientes, parecerá coisa simples e lucrativa. Aceite você esta carga em benefício do Estado, pelo qual nós todos devemos nos sacrificar”*.

A previsão se realizou. Concluiu o novo pavilhão para mulheres, aparelhou o laboratório de biologia e anatomia patológica. Iniciou a publicação das “Memórias do Hospital Juqueri” e instalou a seção de radiologia. Criou, em 1930, a Assistência Geral dos Psicopatas do Estado de São Paulo, à qual se subordinavam o departamento

¹ Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

de psicopatologia da faculdade de medicina, a clínica psiquiátrica e o ambulatório de higiene mental, sendo o seu primeiro diretor. Em 1933, inaugurou o manicômio judiciário, deixando esse cargo em 1938, por imposição constitucional, para optar pela cátedra da faculdade de medicina.

Amigo dos estudantes, foi paraninfo da turma de 1938. Impregnado da cultura gaulesa, desde cedo em Paris, recebeu o influxo desse maravilhoso país, glória da latinidade.

Em 1926, comissionado pelo governo do estado de São Paulo, percorreu os Estados Unidos da América e vários países da Europa, com a finalidade de estudar a organização dos diversos departamentos de assistência aos alienados e menores anormais, penitenciárias e manicômios judiciários.

Reunidos em relatório os resultados dessa viagem, o trabalho recebeu um voto de louvor da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental.

Pacheco e Silva realizou várias pesquisas sobre moléstias do sistema nervoso, tendo seus trabalhos largamente sido citados em revistas e tratados da especialidade.

Em 1932 foi convidado pela diretoria da faculdade de direito para reger, por contrato, a cadeira de psiquiatria clínica e forense do curso de doutorado, cargo que exerceu nos anos de 1932 e 1933.

Em 1935, em virtude da reforma do ensino médico, a então denominada cadeira de clínica psiquiátrica e neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) foi desdobrada em duas: a de clínica neurológica, ocupada após concurso pelo professor Enjolras Vampré², e a de clínica psiquiátrica. Esta, de início, foi regida, mediante contrato, por Pacheco e Silva, o qual, em março de 1936, após memorável concurso conquistou a cátedra de clínica psiquiátrica da USP, ocupando-a até 1967.

Foi também catedrático de clínica psiquiátrica e fundador da Escola Paulista de Medicina.

A ideia da fundação de uma nova escola de medicina em São Paulo surgiu em 1933 diante da necessidade de se ampliar o ensino médico. E São Paulo, generoso, ouviu os clamores do grupo de idealistas que transformaram em realidade estas justas aspirações. Dentro desse grupo, dois tinham seus consultórios médicos no mesmo prédio – o Prédio Glória –, na Praça Ramos de Azevedo. Eram eles, Octávio de Carvalho³ e Antônio Carlos Pacheco e Silva. E ali naqueles consultórios nasceu a semente que iria frutificar, e a união dos demais idealistas permitiu que, a 15 de julho de 1933, à Rua Oscar Porto, fosse proferida a aula inaugural que marcava das atividades da Escola Paulista de Medicina. Proferiu-a Antônio Carlos Pacheco e Silva. Disse ele na ocasião: *“Não seria sincero se procurasse esconder a convicção em que estou de que esta solenidade se reveste de excepcional relevo, como marco inicial que é de uma série indefinida de lições, que irão anos afora, através de gerações, honrando a cultura e as tradições da medicina paulista. Eu creio firmemente no êxito deste empreendimento, porque ele nasce em São Paulo, esta amada terra nossa, onde tudo cresce, vive e prospera”*.

E aí está, para comprovar suas proféticas palavras, a pujança conquistada pela Escola Paulista de Medicina.

2 Enjolras Vampré foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1921-1922, e é o patrono da cadeira nº 54 desse sodalício.

3 Octávio de Carvalho é o patrono da cadeira nº 2 da Academia de Medicina de São Paulo.

Desde 1933 até 1960, Pacheco e Silva exerceu o cargo de professor catedrático de psiquiatria na Escola Paulista de Medicina, tendo passado por suas mãos centenas de jovens que se tornaram médicos, alguns dos quais seguiram a mesma especialidade e são hoje profissionais de renome, que honram quem os preparou.

Homem dotado de energia fora do comum, suas atividades não cessaram quando deixou a cátedra em mãos mais jovens. Pelo contrário, Pacheco e Silva continuava em plena atividade, elevando cada vez mais o prestígio da psiquiatria brasileira com sua participação pessoal, inteiramente às próprias expensas, participando ativamente de quase todos os congressos, simpósios e reuniões nacionais e internacionais que se realizaram, tendo a mais destacada atuação em todos eles.

As dificuldades de se manter a Escola Paulista de Medicina foram, com o correr dos anos, se agravando. Chegou-se a uma época em que a Escola não poderia ser mantida sem regular auxílio oficial.

A ideia da federalização da Escola dividiu a opinião dos catedráticos. Pacheco e Silva foi, desde logo, decisivamente favorável a ela, e, a seu pedido, no dia 7 de dezembro de 1950, na Câmara dos Deputados foi apresentado o projeto número 1.024/1950 de autoria do deputado federal Luiz Toledo Piza Sobrinho, cuja justificação contou também com a assinatura do deputado federal Aureliano Leite, pelo qual, se transformando em lei, a Escola Paulista de Medicina seria federalizada.

A falta de unanimidade dos catedráticos em torno da federalização, aliada a outros fatores de natureza diversa, fizeram que os anos se passassem sem que o projeto 1.024/1950 fosse convertido em lei.

Em 1955, a situação havia se agravado muito. Achava-se na direção da Escola, nessa fase crucial de sua existência, José Maria de Freitas, a quem foi confiada a incumbência de prosseguir nos trabalhos que visavam a federalização. O então diretor da Escola amparada pela colaboração dos professores, entre os quais Otto Bier⁴ e Pacheco e Silva, conseguiu levar a bom termo a incumbência recebida. A Escola Paulista de Medicina foi federalizada, sem quebra de seus princípios, sem alienação dos propósitos de seus fundadores, respeitados todos os direitos do corpo docente, discente e dos funcionários, em plano elevado que muito honrou a todos os que se empenharam na sua consecução.

Tomando parte ativa em todos esses momentos de lutas e vitórias, Pacheco e Silva foi convidado para proferir o discurso de 4 de maio de 1957 de comemoração da federalização. Disse na ocasião: *“Estamos hoje aqui reunidos, em cordial convívio, para comemorar festivamente a concretização de uma velha aspiração da maioria dos professores da Escola Paulista de Medicina, que almejavam vê-la federalizada, capacitados dessa necessidade imperiosa, para que pudesse ela prosseguir sem impasses ou tropeços, na realização dos propósitos que levaram os seus fundadores, ao lado de Octávio de Carvalho, do pranteado Lemos Torres, de Álvaro Guimarães Filho⁵, de Jairo Ramos⁶ e de José Maria de Freitas, todos, sem exceção, prestaram a ela inolvidáveis serviços e se tornaram credores de nosso maior reconhecimento”*.

4 Otto Guilherme Bier é o patrono da cadeira nº 104 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Álvaro Guimarães Filho é o patrono da cadeira nº 61 da Academia de Medicina de São Paulo.

6 Jairo de Almeida Ramos foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1939-1940, e é o patrono da cadeira nº 75 desse sodalício.

Além desses, Pacheco e Silva ocupou outros destacados cargos militares, científicos e políticos. Foi soldado da epopeia constitucionalista de 1932, deputado à Assembleia Nacional Constituinte de 1934 e deputado à Assembleia Constituinte e Legislativa de São Paulo, em 1935, cabendo-lhe a honra de apor sua assinatura na Constituição Federal de 16 de julho de 1934 e na Constituição Estadual de 9 de julho de 1935.

Foi presidente da *World Federation for Mental Health*, presidente do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo, professor da cadeira de serviços sociais da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, deputado à Assembleia Estadual do Estado de São Paulo, membro do Conselho de Peritos em Saúde Mental da Organização Mundial da saúde (ONU), membro da Academia Paulista de Letras (cadeira número 34), presidente da Aliança Francesa (São Paulo), presidente-fundador da União Cultural Brasil-Estados Unidos (São Paulo), presidente do comitê France-Amérique (São Paulo), presidente da Associação Psiquiátrica Brasileira, presidente da Liga Paulista de Higiene Mental, presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1933-1934), presidente do departamento de psiquiatria da Associação Paulista de Medicina, presidente do departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, presidente no centro Cultural Brasil-Suécia, presidente do “Idort”, presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo (1951-1952), presidente da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (1974-1976), presidente do “Fórum Roberto Simonsen” da Federação das Indústrias de São Paulo, vice-presidente da fundação Moinho Santista, diretor do Hospital do Juqueri, membro do conselho técnico de economia, sociologia e política da Federação do Comércio, presidente da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina de São Paulo, presidente da comissão de relações públicas do Hospital das Clínicas, presidente do conselho científico da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego, membro do conselho de administração do Hospital das Clínicas, membro do conselho executivo da Assistência Mundial de Psiquiatria, membro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, membro honorário da Academia Nacional de Medicina, membro da Associação Paulista de Medicina, presidente do “Genepsi” – Centro de Neuropsicocirurgia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Representou o Brasil em diversos congressos de psiquiatria, neurologia, higiene mental, criminologia e histopatologia, realizados na Argentina, México, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Suíça, tendo sido presidente, vice-presidente e relator oficial em vários desses eventos.

Duílio Crispim Farina⁷ define Pacheco e Silva como *“humanista, acadêmico, escritor, cultor do vernáculo, sempre haurido em límpidas fontes dos mestres clássicos; embaixador permanente da ciência e da cultura e homem de erudição polimorfa e polifacetada. O lar familiar, as tradições de sua gente, a roda de seres afins, a cultura gaulesa, sua alma generosa e altaneira, depreendida e exuberante de civismo fizeram-se desde a mocidade um verdadeiro democrata. Esta é a feição inconfundível de sua personalidade”*.

Entre suas condecorações merecem ser assinaladas: Ordem Nacional do Mérito (Grande Oficial), Ordem do Mérito Médico (Grã-Cruz), Ordem do Mérito Militar (Comendador), Legião de Honra da França (Oficial), medalha Mérito Tamandaré,

7 Duílio Crispim Farina é o patrono da cadeira nº 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

medalha Ordem Nacional do Mérito Educativo, Ordem da Saúde Pública da França (comendador) e a medalha *Ordre Nationale du Mérite* – França (comendador), medalha MMDC, medalha Nina Rodrigues, medalha da Constituição (São Paulo), medalha Merecimento União Cultural Brasil-Estados Unidos, medalha de Prata da Cidade de Paris, medalha “Visitante Distinguido” do México e medalha da Sociedade dos Dinamarqueses amigos do Brasil.

Antônio Carlos Pacheco e Silva permaneceu sempre em grande atividade, procurando elevar cada vez mais o nome da psiquiatria brasileira, participando de congressos nacionais e internacionais.

Foi membro de várias sociedades nacionais e estrangeiras. Publicou os seguintes livros: **Direito a Saúde**, prefácio de Miguel Couto (1934); **O Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo** (1935); **Problemas de Higiene Mental** (1936); **Serviços Sociais** (1937); **Misticismo e Loucura** (1939); **Curso de Aperfeiçoamento de Psiquiatria de Guerra** (1943); **A Assistência a Psicopatas no Estado de São Paulo** (1945); **A Psiquiatria e a Vida Moderna** (1948); **Medicina Psicossomática em Ginecologia** (1950); **Psiquiatria Clínica e Forense**, obra premiada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2ª edição, 1951); **Psiquiatria Infantil – conferências** (1952); **Serviços Medicossociais na Suécia** (1953); **Um Brasileiro na Dinamarca** (1957); **Armando de Salles Oliveira**, biografia do estruturador e construtor da Universidade de São Paulo (2ª edição, 1966); **Compêndio da Medicina Psicossomática** (2ª edição, 1976); **Aspectos da Psiquiatria Social; Cuidados aos Psicopatas; Neurosífilis; Palavras de Psiquiatria; Assistência aos Psicopatas nos Estados Unidos e na Europa; Ações Psicológicas na Guerra Moderna; Desajustes Psicossociais; Crises Convulsivas e Equivalentes; e Envelhecer sem Esmorecer**.

Publicou cerca de 1.200 trabalhos (artigos, conferências, monografias etc.) de caráter científico e cultural, em várias revistas estrangeiras e nacionais, sempre demonstrando uma linguagem apurada e uma beleza ímpar de estilo.

Conquistou o Prêmio do Concurso Monografia sobre o tema “A Violência e a Segurança Nacional”, promovido pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – Adesg, em 1980. Recebeu os prêmios “Sérgio Meira”, “Casa de Arnaldo” e “Oscar Freire”.

Participou ativamente da revolução de 1932. Foi um dos fundadores do M.M.D.C. e membro do Estado Maior dessa organização, durante todo o movimento revolucionário. A sigla evoca Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, martírio e glória da trincheira que não se rendeu.

Fez parte da comissão encarregada de angariar fundos para a construção do Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932.

Dentre tantas atividades relevantes, cumpre salientar o grande esforço empreendido por Pacheco e Silva para transferir a cadeira de clínica psiquiátrica para o campus do Hospital das Clínicas. Esta era, desde 1915, lecionada em parte no Hospital do Juqueri, em parte no antigo Recolhimento das Perdizes, e também no laboratório anatomopatológico da Santa Casa. A partir de 1936, passou a funcionar no antigo casarão do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo, à Av. Brigadeiro Luiz Antônio.

Para obter isso, atuou juntamente com o professor Benedicto Montenegro⁸ (então diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) e o professor Jorge Americano (então reitor da Universidade de São Paulo), conseguindo do governo do estado (gestão do doutor Fernando Costa), através do decreto-lei número 14.456 de 11/1/1945, que fosse construído o atual Instituto de Psiquiatria.

Concluído o edifício em abril de 1952, deu-se a inauguração do ambulatório e, em outubro de 1953, iniciaram-se as atividades da primeira enfermaria do instituto.

A construção de uma clínica universitária psiquiátrica no campus do Hospital das Clínicas representou para São Paulo um acontecimento de excepcional relevo imprimindo novos rumos à assistência, ao ensino e à pesquisa.

Atendimentos ambulatoriais e nas enfermarias, utilização de valioso material para as aulas práticas, estudos minuciosos de casos enriquecidos com a disponibilidade de preciosos recursos subsidiários criaram, desde logo, condições objetivas para realização de pesquisas e publicação de trabalhos, monografias e teses que foram aparecendo naturalmente nos anos que se seguiram.

Além de construir o prédio da clínica psiquiátrica, imprimir orientação técnico-científica e iniciar a composição do quadro de valores humanos do Instituto, Pacheco e Silva estruturou a residência médica e, ao aposentar-se, deixou a primitiva cátedra de psiquiatria desdobrada em três disciplinas: psicologia médica, medicina psicossomática e psiquiatria clínica, lecionadas, sucessivamente, nas três últimas séries do curso médico.

Antônio Carlos Pacheco e Silva, professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, faleceu em sua terra natal, aos 89 anos de idade, no dia 27 de maio de 1988. Seu nome é honrado como patrono da cadeira nº 127 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

8 Benedicto Augusto de Freitas Montenegro foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1952-1953.

Cadeira nº 128 – Patrono Admissão: 16/12/1918

Cantídio de Moura Campos 1889-1972



Helio Begliomini¹

Cantídio de Moura Campos nasceu em Botucatu (SP), aos 21 de outubro de 1889. Realizou seus primeiros estudos em São Manuel e em Jacareí, completando o curso ginásial no Ginásio do Estado.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1912, radicando-se em São Paulo, onde passou a exercer as funções de docente na Faculdade de Medicina. Nessa escola foi preparador, professor substituto e catedrático de fisiologia até 1929, quando passou para a cátedra de terapêutica clínica.

Foi chefe de clínica do Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia, galgando a condição de professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

Dentre outros cargos que ocupou, destacaram-se os de diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP, 1932-1935); secretário da Educação de São Paulo (1935-1937); diretor clínico do Hospital das Clínicas da FMUSP (1946-1961); vice-reitor e reitor em exercício da Universidade de São Paulo; e membro da Academia de Medicina de São Paulo e da Academia Nacional de Medicina.

Teve a honra de presidir a Academia de Medicina de São Paulo num mandato anual entre 1928-1929; a Sociedade Franco-Brasileira de Medicina de São Paulo e a Escola de Odontologia e Farmácia.

Sua ligação com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) originou-se na USP, onde estava envolvido. O governo do Estado de São Paulo nomeou o professor Cantídio de Moura Campos para instalar a Faculdade de Medicina de Campinas, em 1958, designando-o seu diretor *pro tempore*. Entretanto, nesse período não foram providos os recursos necessários para tal instalação.

Em 1961, Cantídio de Moura Campos integrou o grupo de trabalho constituído pelo reitor da USP, Antonio Barros de Ulhôa Cintra², para estudar e propor um núcleo universitário em Campinas. O projeto, elaborado pelo grupo, resultou na lei 7.655 de

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Antonio Barros de Ulhôa Cintra é o patrono da cadeira nº 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

1962, que criou a Unicamp e abrangeu a Faculdade de Medicina de Campinas, que ainda não havia sido instalada.

Em 13 de janeiro de 1963, Cantídio de Moura Campos assumiu o cargo de reitor da Unicamp, exercendo-o por apenas oito meses, com a responsabilidade principal de promover a sua instalação. Em fevereiro foi contratado o primeiro docente, professor Walter August Hadler, para a cadeira de histologia e embriologia. Também em fevereiro foi nomeado o diretor da faculdade de medicina, o médico oftalmologista Antonio Augusto de Almeida. Em abril foi realizado o primeiro vestibular, para o qual se inscreveram 1.592 candidatos para as 50 vagas existentes. No mês de maio foi instalada a faculdade de medicina, com aula inaugural realizada em 20 de maio pelo reitor da USP, professor Antônio Barros de Ulhôa Cintra. No mesmo mês foi instalado o Conselho de Curadores da Universidade, sendo sua primeira reunião em 8 de maio. Em agosto, o governo paulista nomeou para a função de reitor o professor Mário Degni, que tomou posse em outubro. Sua gestão foi até setembro de 1965.

Cantídio de Moura Campos assim, durante o curto período em que permaneceu como reitor, tomou as primeiras medidas para a instalação da Unicamp e de sua primeira unidade, a Faculdade de Medicina de Campinas, constituindo os quadros de docentes, funcionários e realizando o primeiro concurso vestibular.

Cantídio de Moura Campos faleceu no dia 29 de abril de 1972, na cidade de São Paulo, aos 82 anos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 128 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

Cadeira nº 129 – Patrono **Admissão: 7/3/1895**

Cândido Espinheira

Helio Begliomini¹

Cândido Espinheira não exerceu a clínica em larga escala. Era muito próximo de Emílio Ribas², que era o chefe geral do Serviço Sanitário.

Foi diretor do Hospital de Isolamento, que, posteriormente, em 1932, passou a chamar-se Hospital Emílio Ribas.

Desempenhou seu cargo com grande dedicação e rigor. Proporcionou o desenvolvimento e a ampliação dessa instituição de saúde, dando-lhe as normas científicas. Era grande administrador e velava com abnegação pelos interesses desse nosocômio, como se fora a sua própria casa.

Foi sob suas vistas que Emílio Ribas fez as experiências probatórias de que o tifo amarílico não se transmite pelo vômito, confirmando os achados de Havana, em Cuba, quando o *estegomia fasciata* representou ser o agente transmissor da doença.

Nada deixou escrito sobre medicina. Entretanto, era frequentemente chamado para conferências quando se tratava de moléstias infecciosas, pois era considerado uma autoridade em doenças de notificação compulsória.

Cândido Espinheira, um dos expoentes da classe médica paulista do final do século XIX, foi um dos fundadores, em 7 de março de 1895, da insigne Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Nessa entidade participou ao lado de Marcos de Oliveira Arruda³ e Evaristo da Veiga⁴ da Comissão de Higiene.

Rubião Meira⁵, seu biógrafo e contemporâneo, assim se refere sobre Cândido Espinheira: “Era bonachão, bondoso, incapaz de articular uma palavra contra quem

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Emílio Marcondes Ribas é o patrono da cadeira nº 56 da Academia de Medicina de São Paulo.

3 Marcos de Oliveira Arruda foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo.

4 Evaristo da Veiga foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, e é o patrono da cadeira nº 107 desse sodalício.

5 Domingos Rubião Alves Meira foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e é o patrono da cadeira nº 51 desse sodalício.

quer que fosse; tinha gestos brandos onde se lia a grande tolerância de seu espírito. Já o conheci na idade bem madura e tive com ele relações senão de intimidade, pelo menos de grande cordialidade. Inteligente e bom foram os dois predicados que o destacaram em São Paulo, onde pôs sua vida ao serviço e tratamento das moléstias epidêmicas. Prestou serviços inestimáveis na campanha contra a febre amarela e a febre tifoide. (...) Cuidava de seus doentes com especial carinho, sempre constante e cuidadoso. (...) Em duas palavras pode-se traçar sua vida: a bondade e o devotamento. Foi um devotado à sua profissão e nada mais, não procurando nela os interesses materiais, mas só olhando pelo lado afetivo e de sacrifício que apresenta. (...) Foi, portanto, digno da benquerença popular”.

Cândido Espinheira nunca se imiscuiu em ações mercantilistas. Viveu como um idealista e, com o passar dos anos, foi vendo seus ganhos se desvanecerem. Foi um benemérito da cidade de São Paulo e seu nome era credor de gratidão e de respeito da população. Foi justo e deu a melhor parte de sua vida pelo bem dos cidadãos paulistanos, pugnando pelo saneamento e pela luta contra as doenças infecciosas.

Cândido Espinheira é honrado com a patronímica da cadeira nº 129 da augusta Academia de Medicina de São Paulo e dá nome a uma rua na cidade de São Paulo, no bairro de Perdizes.

Cadeira nº 130 – Patrono

Armando de Aguiar Pupo 1934-1990

Helio Begliomini¹



Armando de Aguiar Pupo nasceu em 7 de dezembro de 1934, na cidade de São Paulo. Era filho de José de Aguiar Pupo e de Jenny de Aguiar Pupo.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1958 (Figuras 2 e 3). Dedicou-se à carreira universitária nessa mesma instituição de ensino, na área de endocrinologia, destacando-se no ensino tanto na área de graduação, quanto na de pós-graduação por sua grande contribuição científica, capacidade administrativa e atuação associativista. Participou de muitos congressos e publicou diversos trabalhos em revistas nacionais e internacionais, projetando a endocrinologia brasileira.

Foi diretor do Laboratório de Investigação Médica, também denominado de Laboratório de Carboidratos e Radioimunoensaios, tendo como auxiliares Mileni Ursich e Dalva Marreiro Rocha. Esse fecundo laboratório tornou-se o pioneiro, na década de 1970, na implantação de testes de radioimunoensaios de hormônios, bem como na purificação do hormônio do crescimento extraído de hipófises coletadas *post-mortem*, além de atuar na pesquisa básica em diabetes *mellitus*.

Armando de Aguiar Pupo foi o sétimo editor da revista “Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia” (ABE&M, 1978-1982), hoje, denominada por *Brazilian Archives of Endocrinology and Metabolism*, órgão científico oficial da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Sua notável atuação reativou esse importante veículo brasileiro de fomento e de divulgação científica na especialidade, uma vez que, à época em que assumiu sua direção, estava há seis anos sem ser produzido².

1 Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo cujo patrono é Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

2 Os “Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia” foram lançados em 1951 pela iniciativa pioneira de Waldemar Berardinelli (RJ) e Thales Martins (RJ), que encabeçavam um grupo de notáveis personalidades científicas da época. Atuaram como editores de 1951 a 1955, seguindo-se outros expoentes da endocrinologia nacional: Clementino Fraga Filho (RJ, 1956-1963); Luiz Carlos Lobo (RJ, 1964-1966); Pedro Collett-Solberg (RJ, 1966-1968) e João Gabriel H. Cordeiro (RJ, 1969-1972). Nessa época, por diversas razões, houve interrupção durante seis anos consecutivos da circulação da revista, até que Armando de Aguiar Pupo tornou-se editor, assumindo o compromisso de resgatá-la e relançá-la. Em sua gestão (RJ, 1978-1982) foram publicados os volumes 22 a 25, contendo um número ainda pequeno de trabalhos. Entretanto, o reinício desse periódico, na ocasião, foi um marco de muitas esperanças a um futuro promissor, apesar das grandes dificuldades enfrentadas nesse desiderato pelo seu editor, Armando de Aguiar Pupo. A ele se seguiram outros editores que deram aprimoramento constante ao periódico: Antônio Roberto Chacra (SP, 1983-1990); Rui M. de Barros Maciel (SP, 1991-1994); Cláudio Elias Kater (SP, 1995-2006); e Edna T. Kimura (SP, 2007-2010).



Figuras 2 e 3 – Armando de Aguiar Pupo, formando pela FMUSP, em 1958, à esquerda, e, à direita, enquanto um jovem médico.

Armando de Aguiar Pupo foi também professor titular de endocrinologia nos anos iniciais (1969-1974) da Faculdade de Medicina de Jundiaí; presidiu a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia – Regional de São Paulo (1974-1976); e foi um dos fundadores, na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 1970, da Sociedade Brasileira de Diabetes, tendo tido a honra de presidir essa instituição no biênio 1988-1989.

De acordo com Walter Bloise, que com ele conviveu muitos anos, refere que Armando Pupo foi “humano, pujante e afável”. Entretanto, a característica de sua personalidade que mais o definiria, segundo Bloise, foi, sem dúvida, sua “sinceridade”. “Sinceridade de se revelar romântico no apego à Faculdade e às suas tradições, numa época de desprezo aos valores subjetivos, de amor à escola, aos mestres, aos amigos e a tantos outros bens abstratos que enriquecem as mentes privilegiadas. Sinceridade de ser simples tanto nos seus artigos como no diálogo do dia a dia, independentemente da categoria do interlocutor. Sinceridade de não se omitir ao abordar temas polêmicos ou de discordar da corporação dirigente ou da opinião mais em moda. Sinceridade na sua afeição aos amigos, ao seu time de futebol predileto, o seu querido São Paulo. Sinceridade na sua dedicação às tarefas a que se propôs, entregando-se a elas de corpo e alma e da qual temos um exemplo, apenas para citar um, qual seja, a recuperação, ou melhor, a ressuscitação dos ‘Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia’. Prefiro e quero guardar a imagem do Pupo amigo, humano, solidário, confiável, lutador, que, apesar de todos os seus infortúnios, conseguiu até o fim irradiar amor e otimismo em todas as áreas em que passou e onde deixou a sua marca indelével”.

Armando de Aguiar Pupo faleceu em 6 de abril de 1990³, aos 55 anos de idade. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira nº 130 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, assim como dá nome ao Ambulatório de Especialidades da Prefeitura Municipal de São Paulo, situado no bairro do Tucuruvi.

3 Informação obtida no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Dados do Autor



“Ut in omnibus glorificetur Deus.”

Para que em tudo Deus seja glorificado.

Regra de São Bento, 480-543.

Helio Begliomini nasceu em 21 de março de 1955, na cidade de São Paulo. É filho de Alfio Begliomini e Olga Begliomini. Tem dois irmãos mais novos, Pedro e Silvana. É casado com Aida Lúcia Pullin Dal Sasso Begliomini e tem três filhos: Enrico, administrador; Bruno, médico; e Giovanna, publicitária; e um neto (Lorenzo).

Cursou o primeiro e segundo grau, respectivamente, no Ginásio Santa Gema (Irmãs Passionistas) e no Instituto Estadual Albino César. Gradou-se médico, em 1978, na Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP), e exerce sua profissão, desde essa época, na cidade de São Paulo.

Como aluno participou de Projeto Rondon médico-assistencial na cidade de Itu (SP) e foi monitor das seguintes disciplinas: fisiologia (março 1975 a junho 1977); clínica médica (março 1976 a julho 1977) e urologia (março a junho de 1978). Ainda na condição de acadêmico, foi um dos dois fundadores da revista científica **Perspectivas Médicas**, órgão oficial daquela instituição de ensino até hoje em circulação. Em 1976, ocupou o cargo de vice-diretor (editor-associado) e, no ano seguinte, de diretor (editor) respectivamente, como quarto e quintoanista.

De 1979 a 1982, especializou-se em Urologia no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo – Francisco Morato de Oliveira (HSPE-FMO), cumprindo um ano em cirurgia geral e dois em urologia. Após a conclusão, serviu como oficial o Exército Brasileiro, designado para o Hospital Geral de São Paulo e obtendo a patente de 1º tenente médico.

Realizou programa de pós-graduação durante 2,5 anos no Serviço de Urologia do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), apresentando a tese **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo**, que lhe conferiu o título de “mestre em urologia”, no ano de 1984.

No início de 1986, cumpriu estágio profissional e cultural na Austrália, obtido por concurso através de bolsa de estudos da *Rotary Foundation*. Foi o único médico dos cinco profissionais brasileiros selecionados que integrou o *Group Study Exange* naquela ocasião.

Conquistou o 1º lugar no concurso para assistente do Serviço de Urologia do HSPE-FMO, em 1986, sendo médico dessa renomada instituição de ensino desde então,

e onde também exerce a chefia do departamento de litíase urinária e endourologia desde 1990.

Helio Begliomini é membro de 48 entidades, das quais se destacam: Sociedade Brasileira de Urologia, Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Associação Paulista de Medicina, Associação Médica Brasileira, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Nacional de Medicina, *International College of Surgeons*, *International Society of Urologic Endoscopy*, *Confederación Americana de Urología*, *International Society for Impotence Research*, Associação Brasileira para o Estudo da Inadequação Sexual, *Société Internationale D'Urologie*, Sindicato dos Médicos de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina (sócio fundador), União Brasileira Contra as Doenças Venéreas, Associação Brasileira de Educação Médica, Associação Médica do Instituto de Assistência do Hospital do Servidor Público Estadual, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, Associação Brasileira dos Docentes de Ética Médica, Sociedade Médica Ítalo-Brasileira, Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, Sociedade Brasileira de Educação e Integração, Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina de Jundiaí (sócio fundador), Centro de Estudos de Urologia do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo (membro fundador), Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas e Rotary Club de São Paulo – Tremembé.

Ingressou, em 1986, com apenas 31 anos, como membro titular da Academia de Medicina de São Paulo, e, desde 2002, é membro emérito dessa insigne e secular instituição paulista.

Foi condecorado 49 vezes pelas seguintes entidades: Colégio Brasileiro de Cirurgiões (1986), Academia de Medicina de São Paulo (1986 e 1995), Academia Brasileira de Médicos Escritores (1989, 1997, 2001, 2003, três vezes em 2005; duas vezes em 2006; uma em 2008; três vezes em 2009 e duas em 2010), Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas (1992 e 1996), Sociedade Brasileira de Educação e Integração (1992), Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Nacional (duas vezes em 1994; uma em 2001, 2002, 2003 e 2004; duas vezes em 2010 e uma em 2012), Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de São Paulo (três vezes em 1995 e uma em 1996), Associação Paulista de Medicina (duas vezes em 1998), Academia Cristã de Letras (2000), Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de Minas Gerais (2006), Ordem Nacional dos Escritores (2006); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (duas vezes em 2007); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2008; duas vezes em 2009; uma em 2010, 2011 e 2012); *Rotary International* (EUA, *Paul Harris Fellow*, 2010) e Academia Brasileira de Medalhística Militar (2012).

Como profissional, Helio Begliomini recebeu 10 prêmios: Jornal Brasileiro de Medicina – 1º lugar, em 1986, com o trabalho **Avaliação do Material Promocional Farmacêutico Fornecido à Classe Médica**; Academia de Medicina de São Paulo – Menções Honrosas em 1988 e 1995; Associação Paulista de Medicina – Prêmio Felipe Baeta Neves (Urologia) em 1994, com o trabalho **Avaliação Metabólica de 190 Pacientes com Litíase Urinária**; Associação Paulista de Medicina – Prêmio José Almeida Camargo (Cultura Geral) em 1995, 1996, 1998 e 2003, respectivamente, com

os seguintes trabalhos: **Contribuição à História da Endoscopia Urológica** (1995); **Tributo ao Saber Urológico. Origem e Trajetória** (1996); **Contribuição à História da Sociedade Brasileira de Urologia** (1998) e **Juscelino Kubitschek de Oliveira: Médico, Literato e Presidente da República. O Urologista-Cidadão Mais Famoso do Mundo!** (2003); Associação Paulista de Medicina – Honra ao Mérito pela contribuição prestada ao engrandecimento da urologia paulista, em 1997; Prêmio Nacional de Casos Clínicos Omnic da Eurofarma, em 2000, recebendo duas estadias em Buenos Aires – Argentina, com o trabalho **Carcinoma *In Situ* Multifocal do Pênis**.

De 1982 a 1988, prestou serviços de assessor médico a três indústrias farmacêuticas multinacionais, contribuindo para o estudo de 75 produtos novos ao mercado brasileiro. Nesse período foi coeditor do Boletim Científico da Associação Brasileira de Médicos Assessores da Indústria Farmacêutica (Abmaif, 1984-1986) e membro do Conselho Assessor Científico do Jornal de Medicina Diagnóstica (agosto 1986 a março 1987).

Helio Begliomini é urologista e diretor clínico do Instituto de Medicina Humanae Vitae (Imuvi) desde a sua fundação, em 1988. Entre os vários hospitais em que já atuou ou tem atuado mais amiúde, encontram-se: Hospital 9 de Julho, Hospital Santa Catarina, Hospital São Camilo – Santana (Dom Silvério Gomes Pimenta), Hospital Nossa Senhora de Lourdes, Hospital San Paolo (Hospital e Maternidade Voluntários), Hospital e Maternidade São José, Hospital Bandeirantes, Hospital Santa Paula e Hospital Presidente. Colaborou, voluntariamente, como médico com o Abrigo de Velhinhos Frederico Ozanan (1987-1995) e tem colaborado, desde 2000, com a Fundação Gol de Letra, ambas instituições beneficentes localizadas na Zona Norte da cidade de São Paulo.

Desde acadêmico, tem se atualizado em mais de 560 encontros profissionais distribuídos entre cursos, jornadas, fóruns, simpósios e congressos.

Helio Begliomini publicou 201 trabalhos científicos em revistas especializadas de circulação nacional e internacional; 193 capítulos em livros, assim como 577 artigos literários em diversos periódicos relacionados à medicina e mesmo fora dela. Elaborou 88 comentários editoriais concernentes a artigos científicos. Historiógrafo e memorialista, escreveu 322 biografias, resgatando e divulgando a vida e a obra de ilustres personalidades, em sua maioria de descendentes de Hipócrates. Apresentou 201 trabalhos em congressos nas modalidades de temas livres, pôsteres e vídeos, e atuou em 125 mesas-redondas ou como conferencista. Teve seu nome como referência em mais de 1.300 citações médico-científicas e litero-culturais.

Ao longo de sua vida tem exercido 120 cargos e funções, sendo a imensa maioria de forma graciosa e desprendida. Destacam-se dentre eles: membro do corpo editorial do Jornal Brasileiro de Urologia (JBU, 1990-1997); urologista-perito convocado pelo Saúde Bradesco (1992); urologista-perito convocado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) por indicação da SBU – SP (1992 e 1999); membro do comitê editorial do Boletim da Urologia – órgão oficial da SBU nacional (1992-1993 e 1998-1999); membro da Câmara Técnica de Urologia do Cremesp (1994-1996 e 1999-2003); revisor de artigos urológicos para a revista da Associação Médica Brasileira (1995); editor-associado da revista Urologia Contemporânea (1999); membro do corpo de revisores de artigos do JBU (1995-1998); editor do Boletim de Informações Urológicas – órgão oficial da SBU – SP (1996-1997); membro

do conselho editorial da revista *Próstata News* (1996-1998); membro do corpo editorial do *Jornal Brasileiro de Urovideo* (1998-1999); presidente da Comissão de Ética Médica e Defesa Profissional da SBU (1997-1999; 2003-2005); membro do *consulting editors* do *Brazilian Journal of Urology* (2000-2002); editor-associado do *Boletim da Urologia* (2001-2005); membro do conselho científico da revista eletrônica *Urologia Virtual – Urovirt* da Unicamp (2002-2010); membro do conselho de economia da SBU Nacional (2006-2007); coeditor do *Boletim da Abrames* (2010-2011 e 2012-2013) e editor do *Boletim Doctor Line* do Imuvi (desde 2010).

Devido à sua ponderação e imparcialidade foi escolhido pelos seus pares para ser o presidente da comissão eleitoral dos acirrados pleitos de 2005 da SBU Nacional e de 2008 da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) – sede nacional. Presidiu também o Rotary Club de São Paulo – Tremembé durante o ano rotário 2011/2012.

* * *

Do ponto de vista literário, seu nome artístico se confunde com seu nome próprio. Tem publicado artigos em diversos periódicos nacionais, interessando-se mais pelo gênero prosa; nas modalidades crônicas, ensaios, memórias, biografias, historiografias e cartas.

Helio Begliomini é sócio fundador da Sobrames – SP (1988), tendo exercido vários cargos, dos quais se destacam: vice-presidente (1988-1990 e 1990-1992) e presidente (1992-1994; 2007-2008 e 2009-2010). Foi secretário-geral da Sobrames Nacional (1994-1996) e presidente (1998-2000). Foi o mais jovem a ocupar a presidência na história da Sobrames – SP (37 anos) e na história da Sobrames Nacional (43 anos).

Participou como escritor da 18ª (2004), 19ª (2006) e 20ª (2008) Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Em 2005, foi agraciado com a publicação de seu nome na renomada enciclopédia *“Who’s Who in the World”* e recebeu título honorífico do Distrito 4430 do *Rotary International*.

Helio Begliomini pertence também às seguintes entidades lítero-culturais: Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames – titular-fundador desde 1989 da cadeira nº 33, sob a patronímica de Edgar Roquette-Pinto. Na ocasião, tinha apenas 34 anos e constituiu-se, até hoje, no mais jovem beneficiário desse sodalício); União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (Umeal – sócio fundador, em 1993); Liga Sul-Americana de Médicos Escritores (Lisame – sócio fundador, em 1998); Academia Cristã de Letras (desde 2000 – cadeira nº 10, sob a patronímica de Marie Barbe Antoinette Rutgeerts Van Langendonck, onde vem exercendo o cargo de 1º tesoureiro nos biênios 2002-2003; 2004-2005; 2006-2007; 2008-2009; 2010-2011 e 2012-2013); União Brasileira de Escritores (UBE, desde 2005); Ordem Nacional dos Escritores (ONE, desde 2005); Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS – sócio efetivo desde 2007, sob a patronímica de Carlos da Silva Lacaz); Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL – membro efetivo desde 2009, sob a patronímica de Luciano Gualberto); Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (membro titular efetivo da cadeira nº 38 desde 2009, sob a patronímica de João Peregrino Júnior); e

Academia Brasileira de Medalhística Militar (Abrammil – comendador, membro titular e fundador desde 2012 da cadeira nº 50 sob a patronímica de Monteiro Lobato).

Helio Begliomini foi presidente de honra do XVIII Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores realizado em Gramado (RS), de 28 a 31 de maio de 2000. Por ocasião desse evento recebeu dois significativos títulos: “Grande Amigo da Literatura e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Rio Grande do Sul” e “Reconhecimento pelos Relevantes Serviços Prestados à Sobrames Nacional – Biênio 1998-2000”.

Em 18 de junho de 2001, por ocasião da inauguração da Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional no Recife – PE, recebeu o título de Membro Honorário da Sobrames Nacional.

Helio Begliomini tem desempenhado funções de editor, editor-associado, membro de conselho editorial, de conselho de revisores e congêneres de revistas científicas e lítero-culturais.

Recebeu 83 prêmios em concursos literários, destacando-se entre eles o prêmio Clio de História da Academia Paulistana da História (2004, 2006, 2007 e 2008); prêmio Manoel Antônio de Almeida, maior comenda da Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames) pelo conjunto de sua obra (2007); prêmio Aldo Miletto pelo melhor desempenho do ano na Sobrames do estado de São Paulo (2007, 2008, 2009, 2011 e 2012); prêmio Rodolpho Civile de assiduidade na Sobrames – SP (2009) e prêmio Euclides da Cunha da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (2009).

Participou em mais de 280 tertúlias; possui trabalhos publicados em 18 Antologias e teve a honra de prefaciá-los 18 livros, constando, entre eles, um tratado de medicina da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Professa a fé católica e desde tenra idade tem participado de movimentos relacionados à sua comunidade religiosa, destacando-se: Congregação Mariana, Legião de Maria, Pastoral da Juventude, Curso Preparatório para o Matrimônio e Pastoral da Saúde, sendo médico responsável pelo ambulatório da Paróquia Nossa Senhora de Fátima do Jardim Tremembé (SP) desde 1979.

Helio Begliomini publicou os seguintes livros: 1. **Contribuição ao Estudo dos Tumores do Testículo** (1984); 2. **Pelo Averso** (1998); 3. **Ementário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores** (1999); 4. **Tributo à Sobrames – 1965-2000** (dezembro/1999); 5. **Ultrapassando com Humildade os Umbrais da Academia Cristã de Letras** (2000); 6. **Galeria Fotográfica dos Presidentes da Sobrames Nacional** (2001) em coautoria com Luiz Alberto Fernandes Soares; 7. **A Sobrames Nacional e Seus Presidentes** (2001); 8. **Contraponto** (2002) – Prêmio Clio de História – 27ª edição (2004); 9. **Alvíssaras** (2003); 10. **Mistura Fina** (2004); 11. **Juscelino Kubitschek de Oliveira – Patrono da Sociedade Brasileira de Urologia** (2005) – Prêmio Clio de História – 29ª edição (2006); 12. **Urologia, Vida e Ética** (2006); 13. **Sonhar é Preciso** (2007); 14. **Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 30ª edição (2007); 15. **Alçando Novos Ares** (2007); 16. **Academia Brasileira de Médicos Escritores – Vinte Anos de História** (2007) – Prêmio Clio de História – 31ª edição (2008) e selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2008, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria

medalha de ouro; 17. **Dissecando a Vida** (2008); 18. **Sobrames Paulista – Compêndio dos seus Vinte Anos de História – 1988-2008** (2008) em coautoria com Marcos Gimenes Salun; 19. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2007-2008) – Volume I** (2009); 20. **Asclepiades da Academia Paulista de Letras** (2009) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2009, pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 21. **Entressafrá** (2010) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2010 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 22. **Imortais da Abrames** (2010); 23. **Sobrames do Estado de São Paulo – Editoriais Presidenciais (Biênio 2009-2010) – Volume II** (2011); 24. **Rotarismo: Fundamentos Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária** (2011) – selecionado dentre os “Livros do Ano” de 2011 pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias – categoria medalha de ouro; 25. **7 de Março** (2012) em coautoria com Affonso Renato Meira e Guido Arturo Palomba; 26. **Esculápios da Casa de Machado de Assis** (2012) e 27. **Prógonos da Academia de Medicina do São Paulo** (2014).

Seus livros encontram-se disponibilizados em acervos de diversas escolas, bibliotecas e entidades. Dentre elas têm-se em **São Paulo**: bibliotecas Mario de Andrade, Mário Schenberg, Narbal Fontes, Prestes Maia e Pedro Nava; Colégio Santa Gema, Associação Paulista de Medicina, Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de Letras, Academia de Medicina de São Paulo, Faculdade de Medicina de Jundiaí, Faculdade Cásper Líbero, Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Banco de Dados Bibliográficos da USP, Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, Hospital São Camilo – Pompeia, Universidade Federal de São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, Sociedade Brasileira de Urologia – Seccional de São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Medicina e Sindicato dos Médicos de São Paulo. No **Rio de Janeiro**: Biblioteca Nacional, Academia Nacional de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Academia Brasileira de Médicos Escritores, Sociedade Brasileira de Urologia e Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Em **Minas Gerais**: Academia Mineira de Medicina. Em **Brasília**: biblioteca do Congresso Nacional e Conselho Federal de Medicina. No **Paraná**: Biblioteca Pública do Paraná. Em **Pernambuco**: Sociedade Brasileira de Médicos. Escritores – Regional de Pernambuco. Em **Sergipe**: Academia Sergipana de Medicina. Nos **Estados Unidos da América**: *Library of Congress*.

Índice Remissivo

A

1.	Adherbal Pinheiro Machado Tolosa, <i>presidente entre 1960-1961 e patrono da cadeira nº 25</i>	89
2.	Adolpho Carlos Lindenberg, <i>presidente entre 1922-1923 e patrono da cadeira nº 22</i>	82
3.	Adolpho Lutz, <i>patrono da cadeira nº 81</i>	268
4.	Adolpho Schmidt Sarmento, <i>presidente entre 1929-1930 e patrono da cadeira nº 89</i>	293
5.	Affonso Regulo de Oliveira Fausto, <i>presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1916-1917, e patrono da cadeira nº 67</i>	222
6.	Agostinho Bettarello, <i>patrono da cadeira nº 63</i>	210
7.	Alberto Nupieri, <i>patrono da cadeira nº 72</i>	237
8.	Alberto Seabra, <i>patrono da cadeira nº 74</i>	242
9.	Alfonso Splendore, <i>patrono da cadeira nº 5</i>	38
10.	Alípio Corrêa Netto, <i>presidente entre 1947-1948 e patrono da cadeira nº 12</i>	56
11.	Álvaro Dino de Almeida, <i>patrono da cadeira nº 18</i>	73
12.	Álvaro Guimarães Filho, <i>patrono da cadeira nº 61</i>	202
13.	Américo Brasiliense de Almeida Mello Filho, <i>presidente entre 1924-1925 e patrono da cadeira nº 100</i>	328
14.	André Teixeira Lima, <i>patrono da cadeira nº 103</i>	337
15.	Aníbal Cipriano da Silveira Santos, <i>patrono da cadeira nº 87</i>	287
16.	Anísio Costa Toledo, <i>patrono da cadeira nº 88</i>	290
17.	Antonio Barros de Ulhôa Cintra, <i>patrono da cadeira nº 33</i>	111
18.	Antônio Bernardes de Oliveira, <i>patrono da cadeira nº 109</i>	354
19.	Antônio Caetano de Campos, <i>patrono da cadeira nº 95</i>	313
20.	Antonio Cândido de Camargo, <i>presidente entre 1915-1916 e patrono da cadeira nº 66</i>	220
21.	Antônio Carlos Pacheco e Silva, <i>presidente entre 1933-1934 e patrono da cadeira nº 127</i>	409
22.	Antônio de Almeida Prado, <i>presidente entre 1930-1931 e patrono da cadeira nº 102</i>	335
23.	Antonio de Paula Santos, <i>patrono da cadeira nº 59</i>	198
24.	Antonio Ferreira de Almeida Júnior, <i>patrono da cadeira nº 35</i>	116
25.	Antonio Frederico Branco Lefèvre, <i>patrono da cadeira nº 30</i>	103
26.	Armando Bozzini, <i>patrono da cadeira nº 124</i>	400
27.	Armando de Aguiar Pupo, <i>patrono da cadeira nº 130</i>	419
28.	Arnaldo Amado Ferreira, <i>patrono da cadeira nº 76</i>	247
29.	Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho, <i>presidente entre 1901-1902 e 1906-1907, e patrono da cadeira nº 11</i>	53

B

30. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro, *presidente entre 1952-1953 e patrono da cadeira nº 21*..... 80

C

31. Cândido Espinheira, *patrono da cadeira nº 129*..... 417
32. Cantídio de Moura Campos, *presidente entre 1928-1929 e patrono da cadeira nº 128*..... 415
33. Carlos Chagas, *patrono da cadeira nº 46*..... 152
34. Carlos da Silva Lacaz, *presidente entre 1962-1963 e patrono da cadeira nº 53*..... 178
35. Carlos José Botelho, *presidente entre 1896-1897 e patrono da cadeira nº 55*..... 185
36. Carlota Pereira de Queiroz, *patronesse da cadeira nº 71*..... 232
37. Carmen Escobar Pires, *presidente entre 1951-1952 e patronesse da cadeira nº 112*..... 362
38. Celestino Bourroul, *presidente entre 1917-1918 e 1938-1939, e patrono da cadeira nº 38*..... 127
39. Cesário Motta Júnior, *patrono da cadeira nº 45*..... 149
40. Clemente Miguel da Cunha Ferreira, *patrono da cadeira nº 24*..... 86
41. Costabile Gallucci, *patrono da cadeira nº 44*..... 146

D

42. Dante Pazzanese, *patrono da cadeira nº 48*..... 162
43. Diogo Teixeira de Faria, *presidente entre 1904-1905 e patrono da cadeira nº 58*..... 195
44. Domingos Delascio, *patrono da cadeira nº 57*..... 191
45. Domingos Rubião Alves Meira, *presidente durante meio mandato anual entre 1905-1906 e um mandato anual entre 1911-1912, e patrono da cadeira nº 51*..... 171
46. Duílio Crispim Farina, *patrono da cadeira nº 78*..... 255
47. Durval Bellegarde Marcondes, *patrono da cadeira nº 92*..... 303
48. Durval Sarmiento da Rosa Borges, *presidente entre 1966-1967 e patrono da cadeira nº 8*..... 46

E

49. Edmundo Vasconcelos, *patrono da cadeira nº 47*..... 158
50. Emílio Marcondes Ribas, *patrono da cadeira nº 56*..... 188
51. Enjolras Vampré, *presidente entre 1921-1922 e patrono da cadeira nº 54*..... 182
52. Ennio Cosimo Damião Barbato, *patrono da cadeira nº 26*..... 92
53. Ernesto de Souza Campos, *patrono da cadeira nº 118*..... 379
54. Eurico Branco Ribeiro, *presidente entre 1954-1955 e patrono da cadeira nº 114*..... 367
55. Eurico da Silva Bastos, *presidente entre 1959-1960 e patrono da cadeira nº 82*..... 272
56. Euryclides de Jesus Zerbini, *patrono da cadeira nº 29*..... 100
57. Evaristo da Veiga, *patrono da cadeira nº 107*..... 349

F

58. Felício Cintra do Prado, *presidente entre 1953-1954 e patrono da cadeira nº 41*..... 137
59. Flamínio Fávero, *presidente 1937-1938 e patrono da cadeira nº 10*..... 51
60. Francisco Borges Vieira, *patrono da cadeira nº 39*..... 131
61. Francisco Elias de Godoy Moreira, *patrono da cadeira nº 121* 391

G

62. Georges Arié, *patrono da cadeira nº 73*..... 240
63. Geraldo Horácio de Paula Souza, *patrono da cadeira nº 101*..... 332
64. Gil Soares Bairão, *patrono da cadeira nº 23*..... 84
65. Gilberto Menezes de Góes, *patrono da cadeira nº 117*..... 378
66. Giovanni Battista Líbero Badaró, *patrono da cadeira nº 60*..... 200
67. Guilherme Ellis, *patrono da cadeira nº 108*..... 351

H

68. Hilário Veiga de Carvalho, *patrono da cadeira nº 122*..... 394
69. Humberto Cerruti, *patrono da cadeira nº 94*..... 308

I

70. Ignácio Emílio Achilles Betholdi, *patrono da cadeira nº 96*..... 315
71. Ignácio Proença de Gouvêa, *patrono da cadeira nº 36*..... 119

J

72. Jacob Renato Woiski, *patrono da cadeira nº 20*..... 76
73. Jairo de Almeida Ramos, *presidente entre 1939-1940 e patrono da cadeira nº 75*..... 245
74. João Alves Meira, *presidente entre 1949-1950 e patrono da cadeira nº 32* 109
75. João Paulo da Cruz Britto, *patrono da cadeira nº 27*..... 94
76. João Vicente Torres Homem, *patrono da cadeira nº 70* 229
77. José Ayres Netto, *presidente entre 1919-1920 e 1934-1935, e patrono da cadeira nº 105*..... 343
78. Jose Barros Magaldi, *patrono da cadeira nº 50*..... 168
79. José de Almeida Camargo, *patrono da cadeira nº 106*..... 345
80. José Joaquim de Carvalho, *patrono da cadeira nº 79*..... 259
81. José Martins Fontes, *patrono da cadeira nº 77*..... 252
82. José Medina, *patrono da cadeira nº 19*..... 75
83. José Ória, *patrono da cadeira nº 125*..... 403
84. José Pereira Gomes, *presidente entre 1927-1928 e 1950-1951, e patrono da cadeira nº 80* 265
85. Julio Cesar Kieffer, *presidente entre 1973-1974 e patrono da cadeira nº 31*..... 107
86. Justiniano de Melo Franco, *patrono da cadeira nº 43*..... 143

L

87. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz, *patrono da cadeira nº 97* 318
88. Luiz Manuel de Rezende Puech, *presidente entre 1920-1921 e patrono da cadeira nº 115* 372
89. Luiz Migliano, *patrono da cadeira nº 65* 216
90. Luiz Pereira Barreto, *presidente entre 1895-1896 e patrono da cadeira nº 1* 25

M

91. Manoel Dias de Abreu, *patrono da cadeira nº 37* 123
92. Marcelo Pio da Silva, *patrono da cadeira nº 9* 49
93. Maria Augusta Generoso Estrela, *patronesse da cadeira nº 64* 213
94. Mário Fittipaldi, *patrono da cadeira nº 90* 297
95. Mario Ottoni de Rezende, *presidente entre 1936-1937 e patrono da cadeira nº 126* 407
96. Mario Rodrigues Louzã, *patrono da cadeira nº 113* 365
97. Mário Rubens Guimarães Montenegro, *patrono da cadeira nº 4* 35
98. Mário Yahn, *patrono da cadeira nº 15* 64
99. Mathias de Vilhena Valladão, *presidente entre 1898-1899 e patrono da cadeira nº 13* 60
100. Mathias Octavio Roxo Nobre, *patrono da cadeira nº 7* 44

N

101. Nagib Faris Michalany, *patrono da cadeira nº 6* 41
102. Nemésio Bailão, *patrono da cadeira nº 28* 97
103. Nicolau de Moraes Barros, *presidente entre 1912-1913 e patrono da cadeira nº 17* 71
104. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, *patrono da cadeira nº 86* 283

O

105. Octávio de Carvalho, *patrono da cadeira nº 2* 31
106. Oscar Freire de Carvalho, *patrono da cadeira nº 93* 306
107. Oscar Monteiro de Barros, *presidente entre 1956-1957 e patrono da cadeira nº 69* 227
108. Osório Thaumaturgo César, *patrono da cadeira nº 68* 224
109. Oswaldo Freitas Julião, *patrono da cadeira nº 16* 68
110. Oswaldo Gonçalves Cruz, *patrono da cadeira nº 99* 325
111. Oswaldo Lange, *patrono da cadeira nº 119* 383
112. Otto Guilherme Bier, *patrono da cadeira nº 104* 339
113. Ovídio Pires de Campos, *presidente entre 1918-1919 e 1935-1936, e patrono da cadeira nº 83* 275

P

114. Paulino Watt Longo, *patrono da cadeira nº 85* 280
115. Plínio de Mattos Barretto, *patrono da cadeira nº 91* 299

R

116. Raphael Penteadado de Barros, <i>patrono da cadeira nº 49</i>	164
117. Raul Carlos Briquet, <i>patrono da cadeira nº 52</i>	174
118. Renato Locchi, <i>patrono da cadeira nº 42</i>	140
119. Reynaldo Kuntz Busch, <i>patrono da cadeira nº 120</i>	386
120. Rodolpho de Freitas, <i>patrono da cadeira nº 3</i>	33
121. Rolando Ângelo Tenuto, <i>patrono da cadeira nº 110</i>	357
122. Rubens Monteiro de Arruda, <i>patrono da cadeira nº 123</i>	397

S

123. Sergio de Paiva Meira Filho, <i>patrono da cadeira nº 111</i>	360
124. Sylvio Soares de Almeida, <i>patrono da cadeira nº 34</i>	113
125. Synésio Rangel Pestana, <i>presidente entre 1910-1911 e patrono da cadeira nº 116</i>	375

V

126. Victor Spina, <i>patrono da cadeira nº 14</i>	62
127. Virgílio Alves de Carvalho Pinto, <i>presidente entre 1967-1968 e patrono da cadeira nº 40</i>	134
128. Vital Brazil, <i>patrono da cadeira nº 62</i>	206

W

129. Walter Edgard Maffei, <i>patrono da cadeira nº 98</i>	321
--	-----

Z

130. Zeferino Vaz, <i>patrono da cadeira nº 84</i>	278
131. Dados do autor	421

impressão e acabamento:



Fones: (11) 3951-5240 / 3951-5188
E-Mail: expressaoarte@terra.com.br
www.expressaoarteeditora.com.br